

1894





SERMOENS

VARIOS

DO

PADRE SIMAM DA GAMA;
da Companhia de JESVS.

QUINTA PARTE,

OFFERECIDA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOM ANTONIO
LUIS DE SOUSA,

CONDE DO PRADO. E MARQUES DAS MINAS, DOS CONSELHOS
de Estado, & Guerra: Escribeyro Mór da Rainha Nossa Senhora: Presidête da Junta do tabaco:
Commendador da Ordem de Christo das Comendas de Santa Martha de Azevo, de Pena-
verde, de Santa Martha de Viãna, de São Pedro de Torres, de Santo Adriaõ de Penha
fel, & da Comenda de Cines da Ordem de Santiago, Alcaide Mór da Cidade
de Beja: Senhor das Villas de Beringel, do Prado, dos Contos de Manbente,
Freyris, & Azevedo: na parte do Sul das Villas de Nossa Senhora de
Jugari, & Escava. Actualmente Governador dos Exercitos
do Serenissimo Rey de Portugal Dom João o V. &c.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor
do Santo Officio, & da Serenissima Casa
de Bragança.

M. DCCXII.

Com todas as licenças necessarias.



1712

1712

SERMONES

VARIOS

DO

PADRE SIMAM DA GAMAR

da Companhia de Jesus

QUINTA PARTE

OPRECIDO

AO EXCELLENSSIMO SENHOR

DOM ANTONIO

LUIS DE SOUSA

CONDE DE BRAGA...
Luis de Sousa...
Antonio de Sousa...
João de Sousa...
Pedro de Sousa...
Francisco de Sousa...
Antônio de Sousa...
João de Sousa...
Pedro de Sousa...
Francisco de Sousa...
Antônio de Sousa...



LISBOA

Por ordem de MICHEL MANUEL, Impressor

de São Ovídio da rua da Mouraria

de Lisboa

de 1712

Companhia de Imprensa



EXCELLENTISSIMO SENHOR.

E o descobrimento das minas, que os metaes do ouro, da prata, & do bronze mais preciosos em seus seys occultão reconditamente escondidos, huma muy ardua empresa, a que a industria humana com os mais anciosos desvelos se applica, & em conseguir sua opulencia, seguindo por varias partes as veas da terra, & entrando com dobradas luzes por aquellas cavernas profundas, com artificiozo engenho, & com o mais incansavel estudo se empenha; mas no riquissimo mineral das pedras singularissimas, de que a natureza enriqueceu a grandiosa pessoa de Vossa Excellencia, em que o ouro de sua preclarissima nobresa mais puro tanto resplandece, em que a finissima prata de sua sabedoria, & prudencia tanto brilha, em que o bröze mais forte de sua valentia generosa tanto avulta, não se representou a menor difficuldade em descobrir seus thesouros ao meu cuydado, porque estão estes ao conhecimento de todos tão manifestos, que se se interpor da minha parte a mais minima diligencia, para lograr seus beneficos influxos, bastou, que com huma humilde supplica insinuasse o muyto que anhelava o meu desejo, de que esta quinta parte dos meus Sermöes, que consagro a Vossa Excellencia, se visse com a sua soberana protecção não menos authorizada, que enriquecida, para que logo Vossa Excellencia lhe deferisse, & toda a minha ancia com o ultimo desempenho do que pretendia, ficasse cabalmente satisfeyta.

DEDICATORIA.

2 Bem sey que na eleyção, que regularmente fallando, se custuma fazer de esclarecidos Heroes, a cujo patrocinio os volumes, que se dão ao prelo, são offertados, discordão, não poucas vezes os animos, & se achão os gostos muyto diversos; porque alguns contentão-se com buscarem a hum patrono da mais illustre esfera, com cujo realce a sua obra, depois de estampada, se ennobreça; outros acõmodão-se com escolherem por seu Mecenas a hum sogeyto na sabedoria o mais inclityto, com o lustre da qual a eloquência, & energia de seus escritos na universal estimação dos que os lerem, se acredite, os mais satisfasem-se em descobrir em a hum Varão, que por magnanimo, & valeroso seja de todos reconhecido, com cujo valor a empresa que lhe dedicaõ, & pretendem dar à estampa, dos golpes de sinistras censuras se defenda, & sem os desmayos, que padece o seu estylo, fique mais alentada; & como em Vossa Excellencia se divisão recopilados todos aquelles attributos de grandesa, que para engrandecer a outros, se achão entre si divididos, não se cansou mais com fazer eleyção de outro patrono o meu desvelo, porque nos excellentes predicados de Vossa Excellencia contempley, que para apparecer lustrosa, & cabalmente perfeyta a limitada obra, que lhe offereço, não havia mais que desejar, nem o seu busfimento, para que ficasse de todo completo, podia mais appetecer.

3 E se a nobresa, como bem advertio Claudiano, he a que melhor inculca de todos os elogios, com que hum sogeyto se abona, o exordio: Nobilitas cunctis exordia pandit laudibus, atque omnes redeunt in femina causæ, sendo a primeyra, & estudiosa diligencia por onde começão a obrar os descobridores das minas, o seguirem as suas veas, as de Vossa Excellencia descubro tam abundantes de regio sangue, que nas do Serenissimo Rey de Portugal Dom Affonso III. & II. neto do nosso primeyro, & felicissimo Rey D. Affonso Henriques teve o Oriente, em que appareceo com o Sol entre as estrellas a ascendencia augusta de Vossa Excellencia, pois

DEDICATORIA.

do Senhor Dom Martin Affonso Chichorro, filho do ditto
 Senhor Dom Affonso III, o qual casou cõ a Senhora Dona
 Ighes Lourenço de Sousa, filha dos Senhores Lourenço Soa-
 res de Valladares, & Dona Maria Mendes de Sousa, he que
 procede a estrellada familia dos Souzas, donde vem a esclaa-
 recida Casa dos Condes do Prado, & Marquezes das
 Minas, de que Vossa Excellencia he actualmente o herdey-
 ro, & legitimo successor, conservando-se atégora sempre por
 linha direyta, & por varonia continuada, sem diminuição
 de grandesa com o primitivo resplandor de sua excellentissi-
 ma prosapia, & original fidalguia. Desta tam pura, & ele-
 vada fonte tras Vossa Excellencia a sua muy alta, & lufida
 Origem, Origem digo, que com todo o direyto era merecedora
 do lograr as prerogativas de soberana, como o publicão as
 sinco quinas, que tem o Reyno de Portugal por escudo, no me-
 yo de cuja real esfera ao lado esquerdo sobresaem as armas
 da antiquissima familia de Vossa Excellencia gloriosamen-
 te insculpidas. Origem (torno a dizer) que se ha aparentado
 com os mais sublimes, & authorizados titulos deste Reyno, de
 que dão veridico testemunho os illustrissimos casamētos, com
 que o subido, & glorioso tronco de Vossa Excellencia com
 muy estreyta liança de consanguinidade se está vendo ma-
 gestosamente crecido em o superior throno de seu lufimento.

4. Origem finalmente, na qual em todos os tempos, como
 testemunhão sem alguma hyperbole os annaes da fama, se con-
 tão Varões eminentes, que no militar, no politico, & no Ec-
 clesiastico hão occupado os primeyros empregos, & com a fe-
 licidade de suas memoraveis façanhas hão dadolarga mate-
 ria a dilatadas volumes, & a fama os ha insculpido em bron-
 zes eternos, que precisos hão sido tantos, & tão insignes o-
 bradores de heroycos serviços, & generosos merecimentos,
 tantas ascendentes linhas de reaes sceptros, para tirarem
 successivamente à luz do Mundo hum famoso, & lufido
 treslado das relevantes prendas de Vossa Excellencia, que

DEDICATORIA.

Horat por ser de ste meu livro o Mecenas, bem pôde ouvir sem algũ
 I. r. receyo de lisonja o que là cãtou o Poeta Lyrico: Mecœnas a-
 Carm. tavis edite regibus, O & præsidium, & dulce decus meũ.

Od. 1. *Donde temeraria imprudencia fora a minha, se me apostas-
 se a correr as cortinas de tantos seculos passados, em cujos
 respeytos forãõ os heroycos progenitores de Vossa Excellen-
 cia os primeyros, & não serãõ os ultimos, porque sem desdise-
 rem de seus brios, & imitando o singular exemplo de Vossa
 Excellencia, sabem seus preclarissimos descendentes muyto
 bem adiantar, quanto seus antecessores souberãõ bem mere-
 cer, tendo por certo, que a nobresa com proesas adquirida he a
 que multiplica os foros, & redobra os resplã dores à fidalguia
 herdada, & ninguem poderã negar que o sangue mais ferve,
 & pulla nas veas, quando estãõ cheas de reaes façanhas,
 que de regias linhas.*

5 *Deyxo aqui de proposito de fazer mais notorios os
 progressos, que nestes annos antecedentes tem havido na Ge-
 rosa, & nobilissima Casa de Vossa Excellencia, aparentan-
 do-se com a nobresa mais sobre levada, & escolhida das fa-
 milias de França, não sãõ por não parecer que passa agenealo-
 gico panegyrico huma Dedicatoria, à qual alarga narraçãõ
 de Coronista se não concede, & unicamente nella com breve
 estylo a materia dos encomios, com que o objecto, a quem se
 consagra, he elogiado, se permite, mas, porque me estãõ con-
 vidando a curiosidade de descobrir na mina da mais fina prata,
 em que a sabedoria se symboliza, a muy cabal, & discreta pru-
 dencia de Vossa Excellencia. Muyto he o que venerarãõ as
 Provincias de Portugal, os seus estados, & dominios as prẽ-
 das, & dotes naturaes, que a Vossa Excellencia grandemen-
 te o adornaõ, & admirarãõ, vellas com o realce da descriçãõ,
 em a dureza de juiso, com que se forãõ polindo, superiores, por-
 que a profunda capacidade de sua prudencia, com serem tãõ
 grandes, as fes parecer ainda mayores. Em quem sobe à emi-
 nencia dos postos, & lugares mais sublimes a prudencia ha de
 ser*

DEDICATORIA.

fer aguia, & o norte de suas acções: a noticia das historias, & successos passados ha de dar luz a seus designios: a destreza do engenho ha de esquadrinhar as occasiões, em que aquelles se executem, o agrado pessoal ha de attrahir a si os meyo, cõ que se facilitem, & a inteyresa do animo ha de assegurar as cautelas, com que melhor se conservem. Tudo isto se acha junto, & recopilado na prudente discrição de Vossa Excellencia que he o mesmo que acharse nella huma bem acordada harmonia das melhores sciencias. Para destas sabirem particularmẽte os militares, & politicos, mais praticos, podem ir tomar lição na escola de Vossa Excellencia, como de mestre o mais perito, porque a todos pòde dar a prudente sabedoria de Vossa Excellencia acertados documentos, & servir-lhe de perfeitissimo modelo. Tam longe està este meu dizer da lisonja, como da necessidade della, que he o que lã dizia o Panegyrista ao seu Trajano: Tantum abest ab adulatione oratio mea, quantum abest a necessitate; pois tenho por certo, que em lugar de as adulações lhe conciliarem a Vossa Excellencia agrados, lhe motivão desabrimentos, & não sem muy acordado fundamento, porque em hum sogeyto perfeitto, & consumado, do qual mal se podem explicar os elogios decorosos, que lhe são devidos, não pòde caber a adulação com os seus encarecimentos. Quem ouvindo sõ discorrer a Vossa Excellencia em qualquer materia, de que pòde resultar à Monarquia Portuguesa alguma utilidade, não forma das suas discretissimas ideas hum conceyto muy relevante? Quẽ ao acerto de seus dictames, & à subtileza de seus arbitrios o seu parecer lhe não rende?

6 Com esta admiravel prudencia, & com a capacidade de seu entendimento tam ampla mereceo Vossa Excellencia com toda a justiça, q̃ a Magestade Serenissima do nosso Rey Dom Pedro II. de immortal, & gloriosa memoria o elegeuse, para ir governar a Cidade da Bahia, de cuja acertada eleyção resultou à Monarquia de Portugal não pequena gloria.

DEDICATORIA.

ria, & se seguiu a todo aquelle Estado do Brasil a mayor v^etura; porque em Vossa Excellencia se admirarãd naquelle governo todas as peregrinas qualidades, que em hum per-
 feyto, & dignissimo Governador deseja o dictame dos mais bem entendidos. Oh se à medida do meu desejo me podesse
 neste ponto a qui bem explicar! Assim soube ser Vossa Ex-
 cellencia hum Governador tam cabal, para o ser vico do seu
 Rey tam zeloso, para a integresa da justiça tam recto, para
 a remuneraçã dos benemeritos tam solcito, para o castiga
 dos criminosos tam brando, para o socorro dos empobrecidos
 tam grandioso, para os discretos tam jucundo, para os mili-
 tares tam grato, para os nobres tam politico, para os humildes
 tam urbano, & para com todos tam hermanado, que sem que
 se viciassem cõ a visinhança os extremos, que entre si pare cõ
 oppostos, em V. Excellencia se divisava sèpre a autoridade
 cõ o agrado, agrã de sa cõ a piedade, o poder cõ a beneficencia,
 o respeyto cõ a modestia, a boa graça com a cortesia, & com a
 dignidade a brandura. Daqui vinha o ser Vossa Excellen-
 cia de todos muy presado, & o verse de seus subditos muy
 querido; porque ninguem houve, que, senão lhe preciso o re-
 correr a Vossa Excellencia por força do seu negocio, lhe des-
 cobrisse nunca o semblante de sabriado, nem a severidade o es-
 condesse retirado, nem o fizesse inacessivel o magestoso; cõ
 a affabilidade do seu genio assim ha Vossa Excellencia concili-
 liado naquelle seu governo as vontades, assim ha grangeado
 respeytos, assim ha merecido acclamações, que se ás vozes
 do povo por vozes de Deos, se deve dar credito, por acor do
 da vòz commua, melhor lhe quadrava a Vossa Excellencia
 de Pay que de Governador o appellido; & assim publicavaõ
 todos, que ao seu benevolo modo, & paternal affeçõto, com que
 mandava, & dispunha o que para a boa administraçã de
 todo aquelle Estado mais cõvinha se devia attribuir sem au-
 vida a paz, a quietaçã, & o universal gofio, que nelle se lo-
 grava, & com que então nelle se vivia, no qual ainda hoje
 existem

DEDICATORIA:

existem muy vivas as memorias do prudente, & discretissimo governo de Vossa Excellencia. Isto digo eu que he governar com prudencia, porque se São Gregorio Nazianzeno asenta que saber governar a homems he a arte das artes: Mihi videtur esse ars artium hominem regere, quem como Vossa Excellencia governando a homems de hum novo Mũdo esta arte com mayor sciencia, & prudẽcia cortesam a soube melhor praticar?

7 *Do governo da Bahia, aonde foi Vossa Excellencia tambem aceito, tambem quisto, & aonde deixou cõ a sua subtilissima politica, & sabia prudẽcia aos daquelle Estado não menos obrigados, que saudosos, o restituhru a Majestade de Dom Pedro II. que Deos haja em gloria, a esta Corte, & pelo grande conceito, que tinha formado com larga experiencia da sua verdade, & do seu desapego de todo o interesse, lhe encarregou a presidencia da Junta do tabaco, por ser esta occupaçaõ a que só fiava de hum sogeyto muy vigilante, de cujo zelo, & cuydadofo desvelo se promettia o ditto Senhor, que havia de resultar para todo seu Reyno o mais crecido emolumento; & por isso ainda estando Vossa Excellencia por largo tempo da Corte ausente, nunca consentiu, que da ditta presidencia demittisse de si a propriedade, como quẽ sabia o muito que interessa o augmento daquella Junta a ter a Vossa Excellencia por seu benemerito, & vigilantissimo Presidente. Pouco tempo teve Vossa Excellencia de descanso na Corte depois de vir da Bahia, sem q̃ se lhe offercesse o governo das armas na Provincia da Beyra, quando a guerra com Hespanha se começava já aver naquella Provincia mais ateada. Parece que não admite descanso o grande talento, de que Deos foy servido dotar a Vossa Excellencia: para todas as mayores occupaões, que dependem de sogeytos idoneos, intelligentes, & amantes dos augmentos, & das felicidades do Reyno, o està inculcando cabalissimo o seu prestimo, & deve ser a cabal rasãõ, por desejar em todos*

DEDICATORIA.

que Vossa Excellencia como superior as tenha a seu mando, & à sua prudencia, para as saber, como he bem, governar, as dirija, & tenha por emprego. Bem sei que a hums sogeitos se lhe encarregão os governos ult. amarinos, a outros o governo dos exercitos, a estes as embayxadas, a aquellas as presidencias, porèm, como discretamente notou Cassiodoro, tu o a hũ sô convem, quando esse hum o he para tudo, & como Vossa Excellencia, equivalle a todos: Denique huic uni omnia, & aulicæ famæ insignia reponantur, unde per totum Mundum opinio vulgata laudetur.

Caf.
fiod.
D.
Vari-
ar. 14

8 Com o governo das armas da Provincia da Beyra esteve Vossa Excellencia por alguns annos occupado, sem nelles admittir o menor socego: todo seu cuidado se empregava em q̄ nas praças não faltassem os presidios, em que nelas ouvesse mantimentos em q̄ os soldados fossem, bẽ pagos, & andasẽ satisfeitos: sobre tudo era cõtinue, & muy cuidadoza a vigilancia, que punha Vossa Excellencia em atalhar os crimes, & desordens, de que se podia seguir algum escandalo, & sem faltar à justiça com o castigo, quando era necessario, em todas as occasiões mostrava, que era pay muy amante dos militares, & assim os trasia a todos tam contentes, & alegres, que para lhe obedecerem pontualmente a todas as suas ordens, parece lhe adivinhavão os pensamentos. E que em tempos tam calamitosos, & arriscados, assim soubesse Vossa Excellencia governar com tanto acerto, sem que houvesse queyxosos, nem os povos a quem governava, se mostrassem sentidos: prudencia he esta digna verdadeiramente de ser louvada, & com os mayores ganegyricos engrandecida.

9 Não satisfeyto ainda o nosso Serenissimo Rey Don Pedro com que Vossa Excellencia governasse as armas da Provincia da Beyra, determinou, que para Governador das armas da Provincia do Alentejo fosse finalmete promovido, & conservando o titulo de Conselheyro de Guerra, se lhe deu
então

DEDICATORIA.

então a honra de Conselheyro de estado, para que ao lado de sua pessoa o tivesse sempre o ditto Senhor, o qual resolvendo-se na Campanha daquella Primavera a ir em companhia da Augustissima Magestade de Carlos III. com hum dos mais numerosos, & lusidos exercitos, que em Portugal nos annos passados se ha visto, quis, que Vossa Excellencia como General, & com alto dominio sobre todas as disposições da guerra o fosse acompanhando; porque as experiencias bem fundadas doque do valor de Vossa Excellencia, havia esperado, lhe asseguravão em qualquer acção, que se obrasse na empresa que tinha entre mãos os acertos, & lhe promettião com toda a certeza os triunfos. E estamos já entrando, sem se sentir na mina do bronze, que he o emprego ultimo deste pagnegrico, & o mayor desvelo que tem o meu desempenho.

IO Descuberto já o purissimo ouro, verdadeyro gerglyphico da mais illustre, & calificada fidalguia, com que a nobilissima Pessoa de Vossa Excellencia tanto se illustra, & patente a mais fina prata, em que se symboliza a singular prudencia, com que a sua sabedoria tanto brilha; tempo he já de descobrir na opulenta mina do bronze, o valor mais crecido, de que resultou a Vossa Excellencia o mayor credito, & com que o heroico de suas prodiosas façanhas, & admiraveis proesas tanto ha campeado. Parece que do berço nacera com Vossa Excellencia o valor, porque logo nos primeyros annos de sua mocidade se viu revestido de espiritos guerreyros, para o exercicio da guerra propendia sempre o seu genio, & o inclinava o seu brio, como verdadeyro presagio, & manifesto indicio das acções gloriosas, que havia de obrar o valor de Vossa Excellencia no tempo futuro. Daqui veyo, que a primeyra vez que Vossa Excellencia apertou os punhos à espada, a soube menear com applauso, & jogar della com bisarria. Não se sabe, que em occasião alguma chegasse Vossa Excellencia nunca a temer, sempre o seu alentado animo o incitou a peleyjar; & que na idade juvenil, em que pela mayor

DEDICATORIA.

parte contaõ muitos não poucos dias de soldados bisonhos, contaſſe Voſſa Excellencia logo então muitos annos de Cabo muy veterano! heroyco valor! maravilloſo eſforço! Mas para cortar o paſſo a alguma ſoſpeita mal fundada, que pôde haver, de que a encarecer tanto eſte valor tam alê- tado de Voſſa Excellencia me incita algum impulſo de corteſia, & não o acerto de huma narraçãõ verdadeyra, quiſera eu que a noſſa lembrança refrescaſſe aqui as memorias daquellas tam celebradas, & victorioſas Campanhas, que tiveram as armas dos Portugueſes nas guerras paſſadas, em as quaes ſerviũ Voſſa Excellencia todos os lugares da militia, até occupar os poſtos de Mestre de Campo, & de Sargẽto Mór de batalha, & dellas nos conſtarã, que Voſſa Excellencia era o primeyro, que ſe expunha intrepidamente aos mais arrisca- dos conflitos, & que nos Conſelhos dos Generaes a que era chamado para ſe votar o que ſobre o governo militar nelles ſe havia de propor, & ſe havia finalmente de reſolver, nunca o voto de Voſſa Excellencia fora, que o noſſo exercito do do inimigo ſe retiraffe, mas fechando os olhos às mayores difficuldaades, ſempre fora de parecer que ſe acometteſſe, & iſto meſmo praticou nas guerras preſentes, logrando nellas todas as partes de hum General tam conſumado, que ninguem ſe atreverã a dizer que o valor de Voſſa Excellencia fizeſſe pè atrás, ſempre fes roſto ao inimigo. Fideliffimas teſtemunhas ſejaõ deſta verdade as muſtas, & honradas feridas que Voſſa Excellencia por vezes em Campo bellico recebeu nas fronteyras em alguns recontros, em que ſe deu por obrigado a deſafiar ao inimigo, alentando diante de todos aos ſoldados, a que à viſta de ſeu ſangue glorioſamente derramado o ſeguiffe, & o ſeu generoſo exêplo imitaſſem. Oh que brios, & animoſos alentos não influbia Voſſa Excellencia, quando montado brioſamente a cavallo, & com a ſua eſpada na mão deſembainhada a todos precedia na Campanha! Hum rayo de guerra parecia Voſſa Excellencia quan- do

DEDICATORIA.

do em desafio com o inimigo brigava: a hum Alexandre , a hum Pompeo, & a hum Annibal se podia dizer que iguallava na valentia: Muitos por hum Julio Cesar o avaliavão: Cesar na destreza com que meneava a espada , & com ella aos inimigos soberbos vencia: Julio na liberalidade com que abria a mão , para dispender favores, & perdoar aos que se lhe sujeitavão rendidos. Em fim os mayores Cabos estrangeyros, que militavão debayxo das bandeyras Portuguezas, & a Vossa Excellencia como a seu Generalissimo obedeciã, todos a huma voz a pregoavão que em toda a Heuropa não havia outro General, que no valor , & sciencia da milicia a Vossa Excellencia excede-se.

II Mas porque já estou presentindo que serà excessivo o desejo , com que estarão alguns de lerem neste elogio o plausivel modo, com q̃ V. Excellencia foy marchando com o seu muy poderoso exercito até entrar em Madrid ; por ser este o glorioso remate, que ao seu valor poz a coroa , & levantou os mayores trofeos à sua fama , eu pedindo a Vossa Excellencia a venia, me dou por obrigado, não com estylo de historiador, mas de panegyrista succintamente a descrevelo; com que não referinda [por não ser diffuso] a grande variedade de successos, que houve nesta venturosa marcha, verdadeyramente merecedores de serem sabidos, só bastará que a entrada solemniissima de Vossa Excellencia em Madrid para que leve de todos o agrado, tenha o compendio da minha descripção por objecto ; porque a magestosa entrada, q̃ por Hespanha fes Vossa Excellencia victorioso , & o triunfo nuncia wisto, nã ouvindo, cõ q̃ de todos os Grãdes de Madrid foi recebido , foi o q̃ causou mayores admiragões, & não pequenas enveja a aquellos dous tam affamaados, & invictissimos Generaes, o Principe Eugenio, & o Principe , & Duque de Malborgbuo. Crivel he, que quãdo esses dous Cabos tam valentes della forã sabedores , romperiaõ nas mesmas generosas vozes, em que rompia Alexandre, não muito alegre, em presença

DEDICATORIA.

sença de alguns Vassallos , que lhe assistião seus contemporaneos , todas as vezes , que lhe chegava à noticia , que Philippe seu Pay, & Rey de Macedonia a algum nobre povo rendera , & alguma victoria em celebre desafio alcançara : Quoties a Philippo aut nobile quoddam oppidum captum , aut memorabili prælio parta victoria nuntiabatur, haud magnopere lætabaaur: assim se vay fazendo, dizia elle, algum tanto sentido , meu animoso , & augustissimo Pay , de todo o Mundo venturoso possuidor, que já me não resta façanha grande, & insigne, em

Curt. que me empregue , & com que possa o meu valor daqui por
l. 1. diante mais ostentar : Cæterùm ad suos aiebat æquales:

Omnia ò pueri genitor occupabit , ita ut ne vobiscum grande ullum, aut insigne facinus ostentare mihi sit reliquum. Isto he o que lá então discretamente Alexandre proferia, & isto mesmo considero eu que poderião justissimamente dizer agora aquelles dous Principes generosissimos , ouvindo a felicidade, com que Vossa Excellencia depois de deyxar cõquistada, & de todo sogeyta cõ o seu poderoso exercito huma grande parte de Hespanha , tomou venturosamente posse de Madrid: à vista de acção tam heroyca, não tem mais que adspirar a nossa bisarra valentia, porque a todas as victorias, que nestes annos antecedentes , temos conseguido mais celebradas, leva esta sem nenhuma controversia a palma. Successo he este tam galhardo , que todos os mais , que atégora forão venturosos effeytos do nosso valor , & tem dado por toda a parte hum tam grande estampido, escurece, nenhũ outro cõ elle chega a fazer igual par allelo: por q̃ successo semelhante, em q̃ Vossa Excellencia chegou a conquistar a cabeça , & coração de toda Hespanha , isto he a sua Corte, que era Madrid, não se le em nenhuma das hysto. ias, nem o hão conhecido as antigas idades

12 De David, que foy do Reyno Israelitico o Capitaõ mais valeroso, refere o Texto Sagrado que alcançara glorioza.

DEDICATORIA.

riosamente muitas victorias de seus inimigos, sete para oytto se contaõ só no Cap 8. do segundo livro dos Reis; porèm de nenhuma nos consta que sabisse mais affamado, & universalmente engrandecido, que quando em galbar do desafio deixou degollado ao Gigante mais formidavel, entã as festas, entã as acclamações, entã os applausos; porque vendo que estava a sua cabeça (que era o Golias) já de todo vencida, logo todos os Filistheos, ficarã vencidos, & se deraõ por conquistados. Rendidos se hiã confessando já os Hespanhoes, quando advertiraõ, que tinha Vossa Excellencia conquistado à Coroa de Carlos III. muitas praças, & grande numero de povos de Castella; mas restava ainda a principal conquista, que era a da cabeça daquella Monarquia, & esta conquistou o valor de Vossa Excellencia, & por isso he merecedor dos immortaes elogios, & dos mais encarecidos applausos.

13 Mas passando do que referem as letras sagradas para o que se conta nas Coronicas humanas, muy applaudida me lembra que tambem fora por toda Europa a entrada, que fes Alexandre Farnesio, depois de conquistar o paiz de Flandes, em Antuerpia; mas já me persuado, que nada tem Estra que conferir com a magnifica, & triumphal pompa com que da de Vossa Excellencia depois de deixar conquistadas, & por bello força das armas do seu exercito de todo rendidas as fortissi- Belgi- mas praças de Alcantara, & Ciudad de Rodrigo, sogey- co. tando de caminho ao Imperio de Carlos III. as Cidades de Coria, de Placencia, de Avila, & de Salamanca, em que Pallas Deosa da sabedoria, se sogeitou a Vossa Excellencia como a Marte Deos da guerra; não fallando, em outras muitas villas, & lugares sem numero, que lhe ficarã rendidos, até chegar ao Grande Escorial, o qual abatidos já os fumos da sua grandesa, não pode a tanta força de armas resistir, entrou enriquecido de despois, coroado de trofeos, & exaltado com encomios por Madrid. A Alexandre Farnesio he verda-

DEDICATORIA.

verdade q̄ lhe offereceraõ em Antuerpia a chave dourada da Cidade ; porẽm a Vossa Excellencia nõ sô forãõ as chaves da Corte de Madrid com todo o decoro offercidas, mas atẽ as do real palacio na sua mãõ lhe forãõ entregues. A Farnesio se lhe fiserãõ notaveis honras, & honorificos obsequios na mesma forma que se tinhãõ feito a seu avo Carlos V. sendo recebido de todos com exteriores sinaes de regosijo , & applausos; mas tudo de sapparece à vista das festas, aos vivas, & dos jubilos de alegria inexplicaveis , com que a solemniissima entrada de Vossa Excellencia naquella imperial Curia universalmente foi festejada. A mayor eloquencial, por mais que se remonte, naõ poderã referillo, nem a Rhetorica mais sobida , ainda que revestida de todas as suas figuras, appareça. poderã dignamente explicallo. As danças bem formadas, & luscadamente vestidas , que por toda a Corte andavaõ exultando , o digaõ: as lustrosas luminarias acompanhadas de alegres repiques , & de artificiosos fogos, que pelas praças publicas se lançavaõ , o apregoem : as coplas bem compostas , que em louvor de Vossa Excellencia entoavaõ as vozes femininas ao som de bem temperados, & harmonicos discantes, o affirmem; as plausiveis, & discretissimas Comedias, que entãõ se representaraõ, o acclamẽ ; emfim a tanto excesso chegarãõ os applausos , que aos eccos de triunfo com tanta solemniidade applaudido se abalaraõ os povos da Corte muito distantes , concorrendo innumeravel multidaõ de gente aver com seus olhos , o que para se lhe dar integro credito, naõ podiaõ perceber facilmente os ouvintes. Toaos o viaõ , & toaos por humana vidaõ muito rara, & estranha o admiravaõ. E o que geralmente motiva ainda mayores assombros, & chegou a suspender com pasmos, & admirações os juisos mais entendidos, vinha a ser, que assim avassallasse Vossa Excellencia os corações daquelles cortesãos com seus primorosos , & cortesaniissimos termos, que assim soubesse com a sua affavel brandura renderlhe as vontades,

DEDICATORIA.

tades, que a sy chegasse com a sua subtilissima politica ganharlhe os animos, que a sy lhe cativasse com seus liberaes, & beneficos lanços os alvedrios; que ninguem curve, não só dos mais populares, mas até dos Grandes, & mais illustres da Corte, de quem Vossa Excellencia se não visse pontualmente obedecido, & ao seu imperioso dominio senão prostrasse so-
geito.

14. Vossa Excellencia era o que dispunha com dispotico poder, & absoluto imperio tudo o que para o bom governo politico, & civil era preciso, sem que se passasse nos tribunales decreto algum, que não fosse por approvação de Vossa Excellencia confirmado, nem se resolvesse materia às razões de estado pertencentes, a que não precedesse primeiro o seu beneplacito. Daqui veyo, que bastou mandasse Vossa Excellencia intimar por alguns Cabos mayores do seu exercito aos Governadores das Cidades de Segovia, Toledo, & Alcalá de Anares, que acclamassem por seu legitimo Rey a Carlos III., que sem replica, nem violencia alguma se ver logo o ditto Senhor delles acclamado, & de todos com voluntario, & ultimo rendimento por verdadeiro Monarca das Hespanhas reconhecido. Tanto com isto pode effectuar Vossa Excellencia com a sua igualmente generosa, que affavel cortesia, porque sem que os povos sentissem as vexações, & hostilidades da guerra, com huma branda, & comedida insinuação à sua obediencia os rendia, & a executarem as resoluções da sua vontade, sem a menor demora os pensionava. Verdaderamente Excellentissimo Senhor, que eu não sei (& assim o julgo quando no que passou neste successo medito) que mayor veneração, & respeito se podia guardar à mesma soberana pessoa de Carlos III., se entrasse vencedor em Madrid, do que foi, a com que ahí se respeitou, & engrandeceu a excelsa pessoa de Vossa Excellencia? Com a chegada victoriosa de Vossa Excellencia a Madrid, se deu o Duque de Anjú a sabir daquella Corte por obrigado, como lá com a chegada
de

DEDICATORIA.

de Alexandre Farnesio , se vio El Rey Carlos de França a
 Apud *fair de Paris constrangido. E como me negar à Vossa Ex-*
 Estr. *cellencia a licença , para lhe chamar sem nenhum encareci-*
 de *mento hum novo Hercules Portuguez; pois vejo , que pon-*
 Bello *do o termo das suas balizas na Corte de Madrid , pode pen-*
 Belg. *durar nellas com toda a justiça, em lugar do Non plus ul-*
tra empresa de Hercules , outra mais ajustada letra, em que
diga: Satis est postrasse Leonem ; porque triunfou melhor
Vossa Excellencia do Leão Hespanhol , do que do Leão Ne-
meo iriunfou Hercules fabuloso.

15 *A porfia do famoso Hercules (como sonhava Gre-*
cia) contra o Gerião monstruoso, separando com o mar Me-
diterraneo o monte Abyla do monte Calpe , & dividindo
nesta separação Heuropa de Africa , em cada hum daquel-
les montes levantou huma columna animada com esta le-
tra: Non plus ultra, & quer diser: Além não se passa. Mas
oh quanto mais adiante passou ainda nesta occasião o valor
de Vossa Excellencia : porque apostando-se a dividir à for-
ça da mais cruenta peleija a Monarquia Hespanhola da de
França , com a qual estava tam estreitamente ligada, pa-
raque se unisse com a de Alemanha , fes que o Leão Hesp-
anhol, quando mais rompente , & assanhado, se prostrasse aos
imperios soberanos da Aguia rendido , que se então andasse
nos voos mais accelerada, muito ha que já estivera dos Rey-
nos, & dominios das Hespanhas pacificamente possuidora,
mas o que se dilata, não se tira: Quod differtur, nõ aufertur,
& ao que por meyo do valor de Vossa Excellencia com tam
bem afortunado, & maravilhofo successo tem precedido , ef-
peramos que o hão de ver os nossos olhos dentro de breve tẽ-
po com toda a segurança gloriosamente effectuado. Mas pa-
raque não percamos de vista aquella tam vistosa , & ap-
plaudida entrada de Madrid , vã Vossa Excellencia neste
breve intervallo triunfando do Non plusultra de Hercu-
les com a empresa do Satis est p'ostrasse Leonem, que em
melho-

DEDICATORIA.

melhores ; & mais animadas columnas se gravou a sua generosa valentia. Em Hercules val mais a fabula , que a historia, & em Vossa Excellencia val mais a verdade , que a hyperbole, & baste a verdade, para dizer mais da valentia de Vossa Excellência, do que sabe fingir a lisonja: & que ha de referir a verdade? Confesse esta , que o invencivel valor com que Vossa Excellencia nesta occasião se portara , he digno de que fique gravado com letras de bronze , em que se eternize no templo da melhor fama , a quem a pesar dos annos guarde reverente respeito a lembrança , que não he justo fique entregue ao esquecimento huma empresa de valor tam heroyco , em cujos eccos pôde Vossa Excellencia lavar à gloria , & celebridade de seu egregio nome eternidades de applauso.

16 Divulgada , que foi por todas as nações Estrangeiras a fama de tam solenne , & apparatuso triumpho com que os Cortesãos de Madrid receberam a benemerita, & dignissima pessoa de Vossa Excellencia, o mesmo foi chegar à noticia da mui poderosa Rainha da Gram Bretanha a alegre nova de caso tam façanhoso, que mandar logo a Serenissima Senhora, que na sua augustissima Curia de Londres se festejasse , & applaudisse com as mayores demonstrações de alegria, que possivel fosse , & para significar com authenticos testemunho o quanto estimara ouvir nova tam estrondosa, & para o seu gosto de tanto agrado , se dignou de congratular a Vossa Excellencia com huma joya de grande preço, que lhe offereceu do seu opulento thesouro. Mas o menos he que de huma Rainha da Corda de Portugal tam amante, & q os bons successos pelo valor das armas dos Portugueses seguidos, os sabe estimar como proprios, fosse esta gloriosa entrada de Vossa Excellencia em Madrid tam applaudida ; o que he ainda mais para admirar , que empresa tam maravilhosa, & com tanto pasmo de todos effectuada , como foi a que neste tempo obrou Vossa Excellencia , chegasse a deixar

DEDICATORIA.

assombrados aos mesmos Principes infieis. El Rey de Maquines, quis que hum Embaixador seu que tinha enviado a Inglaterra, viesse a esta Corte de Lisboa a obsequiar ao nosso Serenissimo Rey Dom Pedro, ao qual por carta sua gratulatoria, & cheia de encarecidos louvores lhe dava o parabem de tam feliz successo, que teve a valentia do braço Portugues, significandolhe nella o gosto excessivo que recebera da grande opiniao, que com elle tinha grangeado o nome de Vossa Excellencia, & o de seus soldados em toda aquella sua Monarquia, & offerecendo-se a ajudar com cavallaria armada, & com tudo o mais, que servisse de utilidade, para o prospero, & desejado progresso das nossas Campanhas.

17 Tam respeitada, & applaudida como isto foi assim em todos os Reynos dos Aliados, como nos que em huma pacifica neutralidade se forão atègora conservando, a nova de tam pasmosa facção do valor de Vossa Excellencia. E que abvoroço tam desmedido não causaria esta jucundissima nova, quando foy ouvida na nossa augustissima Corte de Lisboa? Muytos se persuadirão, que seria sonhada, mas logo se desenganarão, que o que parecia sonho, passára a realidade, & a sy dando-se todos entre si os parabens, exultavão de prafser, & engrandecião com affectuosos elogios o animoso valor de Vossa Excellencia, pois a elle se deviaõ os creditos, que resultavaõ de tam estupenda façanha à Monarquia Portuguesa. Todos estes jubilos de superior gosto, & extraordinario contentamento com que se alegravão as pessoas da mais sobida nobresa, & as da mais humilde esfera, se referião ao Serenissimo Monarca Dom Pedro, o qual algum tanto achacoso se achava nessa occasião assistente na sua quinta de Alcantara, & como se o ditto Senhor se esquecera totalmente de toda a queixa que padecia, revestindo-se de novo alento, se resolveo a vir em pessoa publica, & solemnemente em acção de graças à S^{ta} Cathedral, aonde assistiu ao

DEDICATORIA.

Te Deum laudamus, que cantaraõ com muy compassada harmonia os musicos da sua Real Capella, vendo-se ao mesmo tempo na ditta Igreja da Sè, como tambem na do nosso Illustrissimo Portugues Santo Antonio, penduradas grande numero de bandeiras, que Vossa Excellencia tomara em Alcantara, quando foi pelo seu valor conquistada.

18 Ora glorie-se Vossa Excellencia de que se pòde reputar com toda a rasião nas empresas das armas ainda por mais glorioso, & bem afortunado, que seu mesmo excellentissimo Pay, por mais que este lograsse toaas as partes de General consummado, & fosse (como foi) na arte militar por Mestre mais sabio dos soldados Portugueses reconhecido; porque se elle aos soldados Portugueses deu scientificas regras, & perfectas instrucções, como se aviaõ de defender das invasões de Castella; Vossa Excellencia ensinou na praxe o modo mais seguro, com que se avia de conquistar a Hespanha; elle pode gravar no lufido escudo de suas armas o illustre titulo de defensor do Reyno, porém Vossa Excellencia sobindo mais de ponto accrecentou com toda a verdade o de Conquistador de Reynos Estranhos; porque a ampla esfera de seu valor invictissimo era tal, que parece senão podia estrear dentro dos limitados termos de Portugal, porque a mais dilatadas balisas se estendia a generosa capacidade de seu alentado, & intrepido animo, podendo sem duvida ouvir da boca de seu proprio Pay, o que de Philippe Rey de Macedonia ouviu seu filho o Grande Alexandre: Oh fili, tibi par
 quære regnum, quando te jam Macedonia non ca-
 pit.

19 Estas proesas do valor de Vossa Excellencia, que forão a toda a Heuropa bem notorias, se fiserão tambem com toda a minuesa mui patentes à Serenissima Rainha, & Senhora Nossa pouco depois de aver chegado de Alemanha a esta Corte de Lisboa, & a sy lbe ncherão as medidas do seu altissimo conceito, que logo se dignen de que fosse com geral

Supl.
in
Quint
Curt-
Lit.

DEDICATORIA.

aceitação de todos para seu Eſtribeyro Mór Voſſa Excellencia eſcolhido , fazendo ſempre dahi por diante de Voſſa Excellencia toda aquella devida eſtimação, & intima confiança, de que a peſſoa de hum vaſſallo tam benemerito, tam illuſtre, tam prudente, & tam valeroſo, he merecedora.

20 Aqui paro Senhor Excellentiffimo com o compendioſo panegyrico dos Elogios de Voſſa Excellencia , que não ſabirão encarecimentos de Rhetorica affectada, porque foram argumentos de verdade mui liza , & ſincera. Muito mais me deſejava eſprayar em deſcrever as excellencias peregrinas, & as prerogativas tam ſingulares , que no mui rico , & precioſo mineral das prendas de Voſſa Excellencia deſcobrio com particular goſto, & não com menor eſtudo , o meu deſvelo , paraque o ouro da ſua geração nobiliſſima mais realçaſſe ; paraque a prata da ſua prudente ſabedoria mais ſobrefabiſſe; paraque o bronze da ſua valeroſa generoſidade melhor ſe conheceſſe; mas entendi , que me era forçoſo por muitos reſpeitos callar algumas circumſtancias, que erão com mais particularidade do valor de Voſſa Excellencia abonadoras, & remetellas ao ſilêcio, o qual ainda mais guarda, doque ha referido a minha eloquencia. Não quis tambem, que podeſſe parecer mais materia de huma historia larga, que de huma carta breve, a que nesta honorifica prefação das excellentes perfeições de Voſſa Excellencia aqui eſcrevo, & a ſy darei agora por eſcuſa do meu ſilencio , aquella meſma, que em ſemelhante caſo là deu Sidonio : Ego non
 Sid. 1. 1. E. 2. *historiam, ſed epiſtolam efficere curavi. Tempo vir à em piſt. 2* que com mais bem aparadas pennas de mui ſcientes, & elegantes Coroniſtas ſe deſcreva, & a peſar de envejeſos emulos ao Mundo todo ſe manifeſte, o quanto tem Voſſa Excellencia augmentado de glorias à nação Portugueſa com as ſuas admiraveis proeſas. Agora me perdoarà Voſſa Excellencia, de que por ſair deſte brever aſgo , doque ha admirado o meu reſpeito , a ſua peſſoa menos luſtuſa, ſe de eſta
 al-

DEDICATORIA.

algum tanto por offendida; mas quem poderá com razão arguir a Cosmographia, de que agrava ao Mundo, quando intentando delinearlo em hum pequena taboa, nella com artificiosa arte o abrevia? Não fora tanta a sua grandesa, & logo o grandioso de sua roda não parecera que ficara em tão pouco espaço a circumferencia pelo engenhoso artificio da Comographia diminuido. O que eu lhe posso assegurar a Vossa Excellencia, & cuido que sem algum encarecimento, he, que de outros se poderia ver elogiado com mais sobido, & avantejado estillo, mas de nenhum com igual affecto: que a elegancia dos demais panegyristas de Vossa Excellencia a rudeza de minha penna não iguala, eu o confesso; mas que a propensão affectuosa com que nesta Dedicatoria me dediquei a manifestar o sobrelevado de suas grãdesas se diga, que pode aver outra que a exceda, não o consinto. Aos outros panegyristas ditos he o que escrevem daquelles a quem elogião, a sua eloquencia; amim, tudo o que atégora disse em abono de Vossa Excellencia a minha cortesia me ha suggerido o recorde, como despertador, que he o mais eloquente, daquella singular, & antiga benevolencia, que em Vossa Excellencia para comigo tenho sempre experimentado, & actualmente reconheço. Mas não sou eu só o que das beneficinas influencias da benevolencia de Vossa Excellencia participo; toda a minha Sagrada Religião a Companhia de Jesus, & particularmente esta Casa Professa de São Roque, em que resido, de aquellas lhe abrangerem, podem dar o mais authenticó testemunho; & por isso a honra com que Vossa Excellencia a Companhia acredita, ao amor com que apresa, & ao cuidado com que em toda a occasião, que se offerce, a defende, eternos respeitos esta minima Companhia lhe tributa; & a Casa de S. Roque pelos lanços generosos de charidade, eom que continuamente a favorece, como hum seu benefeitor mais insigne, lhe deverá sempre a gratidão mais renida; gratidão, que tanto mais apura o recorde da memoria, quanto mais o discurso do tempo

DEDICATORIA.

tempo se vai alimentando das liberaes, & grandiosas esmolas, que Vossa Excellencia com os Padres de São Roque está dispendendo. Todas as vivezas da nossa lèbrança, todas as mayorias do nosso cuidado, todos os manifestos do nosso agradecimento, que empregarmos na mui authorizada, & liberalissima pessoa de Vossa Excellencia, & nos grandiosos donativos, que da sua larga mão recebemos, sempre os empregos ficarão escasos testemunhos do agradecimento, de que a Vossa Excellencia nos confessaremos perpetuamente devedores, & eu em particular pela aceitaçãõ, que Vossa Excellencia fes desta minha humilde obra, para que ficasse com a benefica, & favoravel sombra do seu patrocínio amparada, & com o lustre, que lhe resulta de ter a Vossa Excellencia por seu amante, & benevolo Protector mais lufida, me publicarei sempre obrigado, como seu minimo Capellão, a rogar a Deos em meus quotidianos sacrificios, lhe augmente a Vossa Excellencia os annos, lhe prospere a saude, lhe conserve o valor, lhe afervore o zelo, & lhe alente o brio, como o bom governo deste nosso Reyno o implora, & sobre tudo como o meu desejo cõ toda a ancia o anheia, para esplendor de sua illustriissima Casa, & successiva descẽdência; para immortal gloria da Portuguesa Monarquia; para perfeito modelo aos que lhe hão de succeder nas presidencias, & imitar de futuro seu animoso exemplo nos mayores postos da milicia; emfim para asombro de todos os nossos contrarios, para credito dos proprios, & gloriosa emulaçãõ dos estranhos. Lisboa desta Casa Professa da Companhia de J. E. S. V. S.

Excellentissimo Senhor,

B. A. M. de Vossa Excellencia

Seu mais humilde, & obrigadissimo Capellão

Simaõ da Gama.



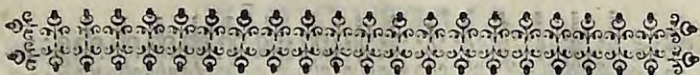
LICENCAS DA ORDÊM.



FRANCISCO Tavares da Companhia de JESV V. Preposito Provincial na Provincia de Portugal, dou licença para que se imprima o Quinto Tomo de Sermons varios, que compos o Padre Simão da Gama da mesma Companhia de JESV, porque foi examinado, & approvado por pessoas graves, & douts della; em testemunho do que lhe dey esta por mim assignada, & sellada com o Sello do meu officio. Lisboa 25 de Junho 1710.

Francisco Tavarès.

LICEN-



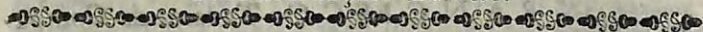
L I C E N C A S

Do Santo Officio.

O Padre Mestre Frey Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo Officio, veja a Quinta Parte dos Sermões, de que trata esta Petição, & informe com seu parecer. Lisboa 8. de Julho de 1710.

Moniz. Haste. Monteyro. Ribeyro. Rocha.

Fr. Encarnação. Barreto.



CENSURA DO MUYTO REVERENDO

*Padre Mestre Frey Alvaro Pimentel, Qualificador
do Santo Officio.*

ILLUSTRISSIMO,

& Reverendissimo Senhor.

Revi a Quinta Parte de Sermões varios, que compos o Reverendo Padre Mestre Simão da Gama da Companhia de JESVS, & acho que tudo que nelles dis he doutrina Catholica, a interptração dos lugares da Sagrada Escrittura, com que se organiza, subtil, & conforme as leis dos seus quatro sentidos, as authoridades dos Santos Padres, & Doutores da Igreja, com que a cõprova bem entendidas, & ajustadas sem violencia, nos discursos argue com delgadesa, roga com brandura, reprehende com efficacia, & não só concilia para si a approvação dos mais Sabios, mas tambem para Deos as vótades mais rebeldes, & endurecidas; offerecendo neste livro novo motivos, razões, & argumentos com que persuade

de a desterrar os vicios, & seguir a virtude, temer a eternidade do castigo, & a desejar o premio da eterna felicidade, trata como novo a antiga doutrina dos Santos Padres, & como antigo o novo, Sabio Pay de familias: *Qui profert de thesauro suo nova & vetera*; o novo com admiração, & o antigo cõ sua novidade. Com que justamente pòde Vossa Illustrissima concederlhe a licença, que pede. Lisboa no Cõvento de Nossa Senhora da Graça 2. de Novembro de 1710.

Frey Alvaro Pimentel.

Padre Mestre Frey Miguel da Resurreyção, Qualificador do Santo Officio, veja os Sermões, de que trata esta Petição, & informe com seu parecer. Lisboa 4 de Novembro de 1710.

Moniz. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha.

Fr. Encarnaçõ. Barreto.

CENSURA DO MUYTO REVERENDO

Padre Mestre Frey Miguel da Resurreyção, Qualificador do Santo Officio.

ILLUSTRISSIMO,

& Reverendissimo Senhor.

Por ordem de Vossa Illustrissima revi, & ly a Quinta Parte dos Sermões varios que compos o Reveredo Padre Mestre Simão da Gama da Sagrada Companhia de J E S V S, & não achey nelles cousa, que contradiga a verdade de nossa Santa Fe, nem que encontre a pureza dos bons costumes, antes me persuado que são estes Sermões pela sua cõformidade, & doutrina dignos de todo o louvor, & fama; nelles se acha a Rhetorica cõ os naturaes primores, & a doutrina com crecidos realces, germanando o claro com o subtil, as allegações com clareza, as fi-

guras com arte, os Tropos com energia, os periodos com concisaõ, & as clausulas com propriedade: tudo contém estes Sermões, doutrina sem affectação, & proveytosa, verdade sem rodeyos, & livre, muyta força nas razões paconvencer, & muyto peso nas Escritturas para persuadir; ensinaõ com gosto, & reprehendem com espirito, & por tudo me parece seu Author digno da licença, que pede. Vossa Illustrissima mandarà o que for servido. Santa Clara de Lisboa 10. de Dezembro de 1710.

Frey Miguel da Resurreyçaõ.

Vistas as informações, pòde-se imprimir a Quinta Parte de Sermões, de que trata esta Petição, & impressa tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 12. de Dezembro de 1710.

Moniz. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha.

Fr. Encarnaçãõ. Barreto.

L I C E N C A S

do Ordinario.

Pode-se imprimir a quinta Parte de Sermões, de que trata esta Petição, & impressos tornem para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 15. de Dezembro de 1710.

M. Bispo de Tagaste.

L I C E N C A S

do Paço.

O Padre Frey Joseph de Santa Teresa da Terceyra Ordem da Penitencia veja este livro, & pondo nella seu parecer, o remetta a esta Meza para se lhe deferir. Lisboa 19. de Dezembro de 1710.

Oliveyra. Lacerda. Botelho.

CEN-



CENSURA DO MUITO REVERENDO

Padre Mestre Frey Joseph de Santa Teresa da Terceira Ordem da Penitência.

S E N H O R.

Por mandado de Vossa Magestade vi a Quinta Parte dos Sermões do Padre Mestre Simão da Gama da sempre illustre Companhia de J E S V S, já impressos pelo mesmo Autor em os animos de todos os que ouvimos em os mais acreditados pulpitos desta nobilissima Corte, & muytos delles em a mesma Cappella Real de Vossa Magestade, tam parecidos estes com todos os outros de todos os quatro tomos, que não achará a mais advertida attenção menos energia em o dizer, menos elevação em os conceytos, nem menos superioridade em os assumptos, verificando-se o que escrevia Arnobio: *Verborum dignitas rerum maiestati respondet, & sibi invicem, quasi concentu quodam res, & verba concurrunt*, & acreditando-o assim a mesma obra, em que em grao eminente se achaõ todas as circunstancias, que podem concorrer em a mais applaudida, & venerada universalidade, pois sendo muytas, & varias as linhas, com que manifesta em estes Sermões a dilatada esfera de sua comprehensão, todas porèm se reduzem com arte maravilhosa ao aproveitamento espirital da alma, unido com o politico o util, & como economico o doutrinal, sendo tal a clareza, que publica, dis quanto sente, & o seu fervor segura, que sente quanto dis, que he a summa do saber em hum elevado Orador, como disse o Seneca: *Hæc sit propositi nostri Epist. summa, quod sentimus loquamur, quod loquimur sentiamus.* 34.

Referuntur in Conc. Turon

Fa-

Fazendo-se assim digno de que Vossa Magestade lhe conceda a licença, que pede: porque se (como dis Plinio) a origem he a que dà credito aos metaes , & por isso a prata do Potosi não ha mister mais exames, que o ser daquellas ferranias , que mais exame o ouro destas orações, que ser da fecunda mina deste grande talento? & se, como disse o Pictaviense, o tinnir sobido he prova da prata, para que mais pareceres destes Sermões , que o commum applauso, com que soaraõ em a boca de seu Author em esta Corte. Este he o meu parecer. Vossa Magestade mandarà o que for mais do seu Real serviço Convento de Nossa Senhora de Jesus em Lisboa 5. de Janeyro de 1711 annos.

Frey Joseph de Santa Teresa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Meza para se taxar, & conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 2. de Janeyro de 1711.

*Oliveyra. Carneyro. Costa. Andrade. Botelho.
Lacerda.*

TAxaõ este livro em sette tostões em papel. Lisboa 10. de Junho de 1712.

Andrade.


Pereyra.

Baracho.



SERMOENS,

Que contêm esta Quinta Parte.

I.	 Sermaõ da Primeyra Tarde da Quaresma.	Pag. 1.
II.	Sermaõ da Segunda Tarde.	Pag. 31.
III.	Sermaõ da Terceyra Tarde.	Pag. 75.
IV.	Sermaõ da Quarta Tarde.	Pag. 112.
V.	Sermaõ da Quinta Tarde.	Pag. 145.
VI.	Sermaõ da Circuncisaõ.	Pag. 179.
VII.	Sermaõ do Patriarca Saõ Joseph.	Pag. 209.
VIII.	Sermaõ da Primeyra Sesta feyra da Quaresma.	Pag. 233.
IX.	Sermaõ do Espirito Santo.	Pag. 258.
X.	Sermaõ de Santa Catherina. V. & M.	Pag. 284.
XI.	Sermaõ da Terceyra Quarta feyra da Quaresma.	Pag. 312.
XII.	Sermaõ da Ultima Quarta feyra.	Pag. 334.
XIII.	Sermaõ de Santa Clara.	Pag. 364.
XIV.	Sermaõ da Solemnidade dos Reis.	Pag. 386.
XV.	Sermaõ do Jubileu das Quarenta horas.	Pag. 419.
XVI.	Sermaõ do Juiso.	Pag. 447.
XVII.	Sermaõ da Gloriosa Santa Anna.	Pag. 480.
XVIII.	Sermaõ da Segunda Dominga do Advento.	Pag. 505.



Erratas.

Emmendas.

P Ag. 9. col. 1. Reg. 9. armas lege as armas. Pag. 25. 1. 9. douta. l. dourada. Pag. 28. 1. 19. cobiça l. a sua cobiça. Pag. 43. 1. 32. apatorias. l. apatoras. P. 46. 2. 24. ao menos. l. ao menos por duas razões de fidelidade. P. 140. 2. 4. defembainhadas. l. embainhadas. P. 152. 2. 1. amifades. l. inimifades. P. 153. 1. 29. a qual dos amigos. l. a qual dos inimigos. P. 156. 1. 28. de. l. da. P. 252. 1. 9. Que. l. quem. P. 268. 1. 19. faturatus. l. furatus. P. 271. 1. 3. pera ao Ceo. l. para o Ceo. P. 287. 1. 16. tam. l. tem. P. 291. 1. 23. Esposo. l. seu esposo. P. 313. 1. 21. nelles. l. nellas. P. 348. 1. 32. precisa. l. precioso. Pag. 352. 2. 15. in omnibus. l. in montibus. P. 365. 1. 12. canhados l. acanhados. P. 370. 1. 33. arbitrior. l. arbitrio. P. 374. 1. 34. toca. l. troca. P. 376. 1. 20. da morte, do mundo. l. da morte do mundo, a primavera, &c. P. 378. 1. 18. fo sem. l. sò tem. P. 383. 2. 8. Anjos os. l. Anjos. lbi. 21. este. l. esteve. P. 389. 1. 19. Adoraverunt te. l. adoraverunt enm. P. 395. 2. 5. fogeita. l. fogeitar. P. 399. 1. 17. & sorte. l. de sorte. P. 400. 2. 31. ha faser. l. he faser. P. 403. 2. 19. fechada. l. achada. P. 404. 1. 21. tem obrigação de furtificar. l. no tempo de florecer, tem obrigação de fortificar. P. 424. 1. 31. foçoso. l. forçoso. P. 446. 1. 13. de commungarem. l. depois de comungarem. P. 457. 2. 9. o saber. l. o saber. P. 58. 2. 6. sobre ella vara. l. sobre elle a vara. P. 474. 1. 26. com hum benefico. l. com hum beneficio. P. 488. glorifa. l. gloriosa.



CINCO TARDES

D A

QUARESMA

PRE'GADAS EM LISBOA,

na Igreja da Casa Professa da

Companhia de JESVS,

Anno de 1681.

PRIMEIRA TARDE.

Tenebat ... Saul lanceam: David tollebat citharam.

i. Reg. 18. vers. 11. cap. 16. vers. 23.

§. I.

Quem na ef-
tácia mais
florida da
Primavera,
na manhã
mais prateada de hum
Tom. V.

dia, não viu romper da
ultima linha do Emisfe-
rio, ou da extrema appa-
rencia do Oceano, aquel-
le globo de ouro, aquelle
que he unicamente fiel
em jugar a dous cabos, por
ter alma circular de dous
A polos,

pòlos; quero dizer, ao Sol, o qual como ao parecer rõe das ondas, assim traz equivocadas as madexas com as perolas, que facudindo ayrosamête o dourado pelo, de cada rayo despede hum aljofar, & de cada aljofar encrespa hũ rayo. Lifongeadada, ou galãteada a natureza de tão gẽtil Monarca, renovãdo-lhe habituaes cortesias os quatro elementos: o fogo lhe lança rodas de luzes, o ar lhe dà musica de aves, o mar lhe fõrma danças de peyxes, a terra lhe tece capellas de flores: desplicando-se a capella de flores com a capella das aves, tam alternada emulação pleitea entre o musico, & entre o florido, que neutral a palma, & irrefoluta a victoria, não se sabe quem vence, se na terra o Abril de flores, se no ar o Abril de plumas: do ar requebra o Rouxinol, da terra rasga-se o cravo; do ar contrapon-tea a Filomena, da terra defembuça-se a rosa; do

ar encanta o Canario, da terra inclina-se o lirio, do ar gargantea o solitario, da terra varia em furtaflores, ou em furta-estrelas o pavimento; do ar todas as aves, ou se compa-faõ de harmonicãs, ou se organizaõ de Solistas; da terra todas as flores, ou pullaõ de alegres, ou de reverentes desmayaõ. Pas-sando as competências do ar, & terra ao elemento da agoa, não ha fonte, que de murmurar se não acredite, nem levada, que de se despenhar não se preze: hum cristal com outro tropeça, hum alabastro com outro batalha, & quebrados com successiva porfia nos concavos do valle, parecem orgãos de agoa no soïdo, & repartidos com rico desperdiço nos canteyros do jardim, parecem minas do potosi no dispendio. O mar donde manaõ as fontes, se fõrma espelho diafano do Sol, no qual a beneficio de dourados reflexos, cada onda se es-

malta de estrellas, & cada escuma se refende em sãfira.

2 Mas ay Sol! ay Sol! tão applaudido das creaturas sem alma, & das creaturas com alma tam encontrado! porque os homens covardes de olhos, & de alentos covardes, por não poderem examinar tantas luzes, a olhos fechados contradizem os rayos benignos. Ay Sol! applaudido de Aguias que voaõ, & encontrado de toupeiras que cegaõ! mas alento Sol, cegais de escuro, cegais de luminoso, & Augusto Cesar mais se lifongeava, de quem rendido lhe abatia as vistas, que de quem confiado lhe levantava as capellas; fechar os olhos a rayos sobidos, não he por achaque de quem muyto fobe, he por doença de quem muito dece: o Sol he para todos, mas ha olhos, que não são para tudo; subaõ pois as vistas de alento, que rayos não decem de ponto. Por

vizinha de covardiãs humanas, aprendis de ingratas fraquezas a Lua, se oppoem por vezes, ferindo de ponto a ponto ao Sol no Zodiaco, & feridos por diametro os dous Monarcas, do dia hum, & o outro da noyte, não cuida a Lua que se pôde conservar em enchente, senaõ vir ao Sol em eclipse, mas como se engana a Lua, & como se gloria o Sol! porque mais olhos convida o Sol no eclipse, que a Lua na enchente, porque a Lua se hoje enche, à manhãa mingoa, & o Sol se hoje se retrahê, nunca decrece; o Sol terã voluntario poente, mas nunca terã defairoso mingoante. Que he isto Orador Evangelico? Aonde te remõta a arte da rhetorica? Onde te arrebatã a luz da eloquencia? A que allude este Sol? A quem toca esta Lua? Nesta Lua mingoa El-Rey Saul, neste Sol aclara El-Rey David: Saul defazido bem se pinta na Lua: *Stultus*

Ec-
cles.
27. v.
12.

sicut Luna: David justo bem se pinta no Sol: *Iusti sicut Sol*: Saul defasizado com mau espirito pega na lança: *Tenebat Saul lanceam*: David justo com bom espirito discanta na cithara: *Tollebat David citharam*. Mas quem o cuidara? q̄ à cithara de David pagasse Saul com hũa lança! E quem se não admira que da lança de Saul forme David penna com que toca a cithara? seja pois esta ingrata antipatia da lança com a cithara; seja pois esta generosa sympathia da cithara cõ a lança, materia destas cinco tardes da Quaresma, tempo em que a paixão de Lucifer mais afia a lança, tempo em que a paixão de Christo desdo horto atè o Calvario mais afina a cithara; & para que o consoante da cithara sobrefaya à prova do dissoante da lança, cada tarde brandirà Saul huma lança, cada tarde pontearà David hũa corda. A primeira lança des-

ta primeira tarde, he a lança da Enveja soberba: *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David*: a primeira corda da primeira tarde, he a corda da opiniaõ applaudida: *David acceptus erat in oculis universi populi*. A segunda lança da segunda tarde he a lança da treyção politica: *Saul cogitabat tradere David in manus Philistinorum*: a segunda corda da segunda tarde he a corda da prudencia reportada: *Prudenter se gerebat David*. A terceyra lança da terceyra tarde he a lança da calumnia afrontosa: *Quare sic illulisti mihi, & dimisisti inimicum meum?* A terceyra corda he a corda da modestia agradecida: *Quis sum ego... ut fiam gener Regis?* A quarta lança da quarta tarde he a lança da vingança iracunda: *Nisus est Saul cõfigere David lanceã in pariete*: a quarta corda he a corda da clemencia generosa: *Declinavit David à facie Ihi. Saul*. A quinta lança da quinta

1. Reg.
18.

v. 9.

v. 5.

v. 25.

v. 29.

Cap.

19 v.

17.

Cap.

18. v.

18.

Cap.

19. v.

10.

11.

dem.

Cap.
18. v.
30.

quinta tarde he a lança da inimizade perpetua: *Factus... est Saul inimicus David cunctis diebus*: a quinta corda he a corda da amizade intacta: *Quid feci? Quae est iniquitas mea, & quod peccatum meum in patre tuo?* A materia cõtem hũa doutrina mui seria, & de todos perceptivel, que não servirá menos de levar a todos o agrado, que à utilidade de hũ auditorio tão catholico, como entendido, para que se melhorem os animos, & se reformem os costumes. Mas porque entrẽ os que são aulicos diz a matar huma academia de Sabios, em cada huma destas tardes, em quanto David requinta as cordas da sua cithara, levantaremos huma catholica Academia, dedicada à paixão de Christo, na qual se ventilarão em huma grata, & gostosa conferencia, mui plausiveis, & curiosas questões, não em verso, como se pratica nas Academias mais comicas, mas em prosa, como sã o

Tom. V.

admitte a gravidade do pulpito; suprirá porẽm a falta do florido, & elegante do verso, a eloquencia da prosa. Finalmente depois de ouvirmos aos academicos disputar, por ultimo remate se coroará o acto de cada huma destas tardes com hum passo da paixão de Christo, que se nos mostrará em cinco luctuosas pinturas. Ora corráo-se as lanças, & corráo-se as cordas, & em tudo protesto, que sem ficar o decoro de alguẽm offendido, (& Deos me seja testemunha, que não he esse o meu intento) de correr às lançadas aos vicios, para puxar pelas cordas às virtudes. Porẽm como não ha empreza, que não seja difficultosa sem os auxilios da divina graça, escolhamos por Secretario destas nossas Academias ao Espirito Santo, que como he a fonte de toda a graça, elle no la communicará abundante, concorrendo o patrocínio de Maria Serenissima, & Se-

A iij nho.

nhora nossa izenta de toda a macula. Ave Maria:

Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David.

§. II.

3 **D**Egolado em singular contenda aquelle terror fantastico do povo de Deos o Gigante Goliath, successo onde David com hũa pedra celebrou a mais victoriosa campanha, que se relata em humas, & outras historias: divulgada logo a victoria por todo o Reyno de Israel, assim levava os vivas em todo o Reyno a valentia de David, como em Europa os levou Cesar, em Asia Pompeo; Anibal em Africa; donde partindo David da Campanha com a cabeça do Goliath na mão para a Corte, quantas Cidades se cõtavão desde a fronteira de Azeca atè a Corte de Jerusalem, saltando em danças, & exultando em bayles, applaudião ao seu Redemptor David com este

mote: *Percussit Saul mille, David decem millia*: Saul matou mil, & David dez mil. Foraõ as primeiras inventoras deste mote as vozes femininas, (diz a Escritura) às quaes a universal alegria de caso tão façanhoso, lhes concedia justissimamête a largar por esta vez o recolhido exercicio da rosa, & discantar hum rojão entretido de alguma bem temperada guitarra; & como em Cortes sempre valêraõ muitos por mexericos, & mexericos valêraõ a muitos, denüciou-se a El Rey Saul que na copla, que se entoava, David era preferido, & Saul posposto: Saul matou mil, & David dez mil, & como a soberba não permite segundo, nem a enveja concede igual: falta a Saul por hum dos olhos a soberba: *Iratus est autem Saul nimis*, saltalhe por outro a enveja: *Dederunt David decem millia, & mihi mille dederunt*. E trocando a Enveja soberba a Saul os olhos, tira Saul

1. Reg.
18. v.

7.

v. 8.

Saul a David huma lançada de olhos esquerdos: *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David*; porèm porque os olhos de Saul são pequenos theatros para nelles representarem ao claro a soberba, & a enveja, he bem que nas copias descriptivas lhes demos theatros mayores. Descrevamos a soberba.

4. A soberba não tem pès, nem tem mãos, nem tem cabeça. Não tem pès? Assim o fétio o Real Profeta, o qual no Psalmo trinta, & cinco fez a Deos esta supplica: *Non veniat mihi pes superbiae*: Deos me livre do pè da soberba: & pois de hum sò pè da soberba se teme tanto David? E porque não se arrecea de ambos os pès? Eu o digo: porque a soberba não tem mais que hum pè, & pè quebrado: tem hum pè em terra, & outro pè no ar, & como sempre traz no ar o pè para a todos pizar, não se pode ter de manca em hum pè, & por isso tantas vezes cahe,

por isso tantas vezes tropeça, até que por se não poder ter, de todo finalmente se precipita. Diga-o Lucifer, quando lá no Ceo temerariamente atrevido, & atrevidamente soberbo, querendo-se medir hombro por hombro com o Altissimo, affectou a se assentar no mais alto monte do testamento, nos lados, ou em as azas do vento norte: *Sedebo in monte testamenti, in lateribus Aquilonis*. Eu não reparo, em que Lucifer não coubesse em si de soberbo, porque hum soberbo em nenhuma parte cabe, & por isso não cabe em nenhuma parte, porque não tem assento em si; o que me dà mayor reparo he, em que Lucifer se deseje tanto assentar: *Sedebo*: pois vem cá espirito arrogante, & altivo, vem cá o espirito ambicioso, que pretendes fazer na eminencia do lugar que aspiras? Por ventura queres collocarte no folio da Divindade? Tão cansado te té já a tua

ambiciosa presumpção, que intentas sobir ao trono de Deos soberano, para nelle ficar assentado? Diante de Deos, à vista de cujo divino acatamento tremem cheas de reverencia as columnas mais immoveis do firmamento? O caso he, diz S. Bernardo, que Lucifer por isso se quiz assentar, porque não podia estar em pé: *Ideo sedere voluit, quia stare non valuit.* Sobre a resposta do Doutor Mellifluo, faço eu agora segunda pergunta: E que razão teria Lucifer tão forçosa, para que não pudesse estar em pé? Eu a digo: notem; porque como Lucifer quiz ter hum pé no ar: *In lateribus Aquilonis*, para pizar os astros do mesmo Deos: *Super astra Dei exaltabo solium meum*, quem quer ter hum pé no ar, não se pôde ter em pé: *Sedebo*, fica manco, & como tal cahe, tropeça, & finalmente se precipita, como cahio, & se precipitou do Ceo Lucifer: *Cecidisti de Celo Lucifer*.

fere: sobre as nuvens mais erguidas quiz Lucifer fundar singularmente o seu trono, para dahi com o pé atropellar aos mais: *Ascendam super altitudinem nubium*; porém como o norte dissipa as nuvens, aonde meditava a exaltação, veyo a encontrar com a sua ruina. Ah quantos precipicios destes vemos no mundo, porque no mundo apparecem tantos destes Luciferinos soberbos, que põem seu capricho em huma vanissima inchação nacida de huma louca fantasia, revestida de ignorancia, cõ que affectão huma enfadonha gravidade em tudo, & com todos, que parece que honrão de olhar, & que fallão de mercè! Não se contenta hum soberbo com sobir ao lugar mais alto, a que o remontou a sua altiveza, senão que da soberba toma pé, para de là sopear, & meter a todos debayxo dos pés, sem advertir, que como no pé, que no ar levanta para a todos

São
Bernard.
Serm.
2. de
verbis
Isaia
14. v.
13. &
14.

a todos pizar, lhe dà o ar no pè, com o tumor da soberba fica manco de hum pè, sem ter em que se poder firmar, & por isso em pè se não pòde ter: *Ideo sedere voluit, quia stare non valuit.*

5 Não tem a soberba pès, & tambem não tem mãos. Naquelle celebre conflicto, que teve David com o Golias, vejo que morre o Golias, & que morre com a espada embainhada na cinta: arrancalhe David da bainha a espada para com ella lhe cortar a cabeça: *Tulit gladium ejus, & eduxit de vagina sua.* Generosa acção da parte de David; mas que grande fraqueza, ou que necia confiança da parte do Golias! Valhame Deos! não via muyto bem o Golias, que David sahia a campo com elle a desafio? Não sabia que lhe era necessario o ter preparadas armas para se defender de David mais seguro? Não lhe constava, que era David tão valente, que

escalava Urfos, que despedaçava Leons? Pois se levava cingida a espada na cinta, porque vendo a David na sua presença, não mete a mão à espada? O Grande Abulense he de parecer, que o Golias não puxou da espada, porque só pelejou com a lança; porèm eu com licença de tão douto Padre não leyo, nem que arremeçasse a lança, nem que levasse da espada; & isso porque? Eu o direi: adverti, porque o Golias entrou no duello com David, desprezando a David com soberba: *Despexit eum, erat enim adolescens;* & como Golias 1. Reg. 17. por desprezo da soberba fez espada da lingoa, não teve mãos para levar da espada: morreo como covarde com lança feyta, & com a espada embainhada: *Tulit gladium ejus, &* v. 51. *eduxit eum de vagina.*

6 Mas já me eu contentàra com que a soberba não tivera pès, nem mãos; mas que tambem não tenha cabeça? Não tem a sober-

soberba cabeça, porque paga os altos de vazio. Com fabricar tantas torres de vento no ar de sua presumpção hū soberbo, sō se serve dos bayxos como necio, & deyxá desoccupados os altos como louco. A primeira pedra que despedio a valentia do braço de David com a sua funda, para com ella derrubar aquelle tão horrivel, & formidavel Gigante, que intimava pavor a todo hum exercito, diz o Texto sagrado, que fora disparada com tam bem afortunado impulso, que se engastou na cabeça do Gigante mais altivo:

Infixus est lapis in fronte ejus. Pergunto: E porque mais no casco da cabeça, que em qualquer outra parte do corpo? Naõ falará quem responde, que a pedra fora dar na cabeça do Golias muyto acafo, & que no emprego do tiro ser na cabeça, não ouvera mysterio; porẽm não me parece que he razão esta cabal para admittida, por-

1 Reg
17.

que he fazer à valerosa bizzarria de hū tão destro tirador como era David, não pequena injuria; com que de crer he, que muyto de proposito lhe fez à cabeça o tiro, & segundo o parecer de Santo Agostinho, não foy sem grande mysterio: *Quia omnis superbia habet impudentiam frontis*; Porque toda a soberba, diz a delicadeza da Aguia Africana, tem na cabeça do que he presumido a vaidade, & locura; & como tem locura, he oca, ou vazia, & tanto que a pedra teve lugar para se pregar em testa de cabeça oca, ou vazia, qual era a do Golias, não buscou outro lugar para fazer o emprego: *Infixus est lapis in fronte ejus*; por isso buscou o alto da cabeça do Gigante desvanecido, porque de vazio pagava o Gigante os altos como louco: *Quia omnis superbia habet impudentiam frontis.*

S. August.
tom.
10.
Homil.
31.

* * *

§. III.

7 **S** Altou a Saul por hum dos olhos a soberba; por outro lhe faltou a enveja. A enveja he baixa no berço, mas he nobre no tiro: he baixa no berço, porque enveja o que não tem; suppoem pobreza na posse, & baixaza na condiçã, & antes se quer ver abatida, que avantejada, porque mais a martyrizão os bês alheyos, do que lhe doem seus proprios males: *Dolor est de aliena excellentia*. Sonhou Joseph, aquelle que ao depois veyo a ser Viffo-Rey do Egypto, que o Sol, a Lua, & as Estrellas, como esquecendo-se da sua fidalguia, abatião do Ceo à terra a magestade luminosa de seus resplandores, & humildemente postrados a seus pès o adoravão; & porque a innocencia he muy singela, sem que recee o perigo, porque vive alhea do engano, nem se presinta das

ruinas, porque não aspira às melhoras, dà conta Joseph do sonho a seus pays diante de seus irmãos, & se os contara como presumido, não era muyto que cahisse como indiscreto, porém referindo-o como quem cabalmente lhe não dava credito, parece se escapava ao delicto; mas como não ha mayor culpa para a enveja, que a gloria do envejado; como se atè sonhar Joseph luzimentos fosse crime, o mesmo foy sair Joseph bem visto, & luzido do sonho, que sahirem seus irmãos envejosos: *Invidiant ei igitur fratres sui* a felicidade era sonhada, & a enveja era verdadeira: Joseph não tinha mais que huma sombra de augmento, & pelo que não gozava, padecia já os tiros da enveja; & porque a enveja he de parede-meyas com o odio, malignando a enveja em odio, o odio malignou em intentos de homicidio, empenhão todo o resto, & resolvem-se já

Genes.
37.
v. 11.

já a matar , já a vender a Joseph : *Vendiderunt eum Ismaelitis*. Ha intêto mais barbaro ? Ha resoluçãõ mais mal entendida ? E que culpas, ou que crimes cõmetteu Joseph para ser vendido? Nenhuns aponta o texto , mas logo declara a razaõ: *Ecce somniator venit*: querem saber o porque vendêraõ a Joseph seus irmãos? Por ter cuidados de Sol, & sonhos de estrellas. Oh acçãõ a mais deshumana! & pois ainda que Joseph fosse o avançado luzindo como Sol, seus Irmãos não ficavãõ luzindo como estrellas? Sim ficavãõ; mas foy tal o engano do seu odio , tal a cegueira da sua enveja, que não quizeraõ luzir, sô porque Joseph os não chegasse a exceder, quizerãõ lhe impedir as ventagãs, & não fizeraõ caso de seu luzimêto; antes quizerãõ ser irmãos de hum cativo , que irmãos de hum astrologo; antes quizerãõ ser irmãos de hum cativo, que arrojasse hum gri-

lhão, que irmãos de hum illustrado , que sonhasse com hum Sol. Põde aver mayor bayxeza ? Põde aver cõdição mais abatida? Mas ah enveja como te enganas ! não advertes que te chegas a castigar com ultrajes , na mesma acção em que pertendes eclipsar os augmentos? Pergunta Santo Agostinho , porque avendo de ser vendido Joseph, assentãõ cõsigo seus irmãos, que a vêda fosse feyta aos Ismaelitas; & dà a mesma Aguia Africana a resposta: *Quia Ismaelita ab Ismael, Ismael ab Agar Abrahæ ancilla*: Porque os Ismaelitas erãõ descendentes de Ismael, filho de Agar, escrava de Abraham, de sorte que por isso foy Joseph aos Ismaelitas vendido , para que o mundo todo o visse mais deslustrado, porque como Joseph ficava cativo dos mesmos cativos , não podia deixar de se ver no decoro de sua pessoa mais abatido ; mas quando a enve-

enveja o procurou mais desfodourar, & deslustrar com abatimentos, & ultrajes, nessa mesma acção em que seus Irmãos lhe pertendèraõ eclipsar os augmentos, se virão elles castigados, porque ficarão sendo irmãos de hum cativo dos mesmos cativos; porèm tanto mais lhe dohiaõ de Joseph os lustres, que de seu proprio credito os defares, que escolhèrão antes o ficar abatidos, sò por não verem a Joseph levantado: *Ecce somniator venit: vendiderunt eum Ismaelitis.* Tal he como isto a cegueira de hum enveioso, que melhor lhe estãõ os descreditos proprios, que os applausos alheyos; antes padecerã em si o abatimento, do que verã a outro fogeito applaudido.

8 Verdade he, que diz São Gregorio Nazianzeno, que não ha vicio de mayor justiça, nem mais desentereffado que a enveja: he o vicio da mayor justiça, porque a enveja

come a seu dono: *Domini nos suos exest, & conficit.* se a enveja de perseguir aos outros se alimentara, ainda podiamos dizer, que nifto vinha a ganhar algũa conveniencia, mas a enveja não come de envejar, de envejar se come a si. Significa Christo na ultima cea aos discipulos, que hum delles atrevidamente sacrilego o ha de entregar nas violentas mãos de seus inimigos; & deseioso São Pedro de saber quem era o traydor, insinuou a São João o perguntasse a Christo, em cujo peyto então descançava a titulo de mimoso: torna S. João a reclinar a cabeça sobre o peyto de Christo, & com confiança de amado lhe pedio que lhe dissesse que era: *Itaque cum recubisset, dixit ei: Domine quis est?* E respondeo o Senhor estas palavras: *Ille est, cui ego intinctum panem porrexero: & cum intinxisset panem, dedit Judæ Simonis Iscariotæ.* Aquelle, diz Christo, a quem eu der o pão

São
Greg.
Nazianzeno,
Orat.
27. p.
689.

130
101
101

Joan.
13.
p. 25.
p. 26.

pão tinto, esse he: & logo deu Christo a Judas o pão. E que mysterio averia, pergunto eu agora, para Christo dar o pão tinto a Judas? Venturofamente S. João Chrysoftomo: *Per panis tinctionem illius significat fictionem*: O pão tinto, diz a boca de ouro, he Judas pintado, he Judas fingido: do mesmo parecer he Nicolao de Lyra: *Panis intinctio, significat fictionem Judæ, qui factus amicus venit ad cœnam*. Ah-sim? pois como Judas estava da parte da enveja: *Per invidiam tradidissent*, quando Judas está da parte da enveja, por enveja come-se Judas pintado por fóra, porque se come Judas verdadeiro por dentro: não comeo Judas de envejar, de envejar se comeu a si proprio, que esse he o fruto, que colhe hum enveioso da sua enveja, comerse, & roer-se interiormente a si mesmo, quando pertende comer, & roer aos outros: *Per panis tinctionem illius*

significat fictionem. E daqui tiro eu a cabalissima razão para dizer, que a enveja he muy desinteressada, porque não sabe ser interessada, ainda quando se mostra mais deshumana, despreza o proprio commodo, sò por atalhar o proveito alheyo. Prometteu Herodes à filha de Herodias ametade de seu Reyno, quando se contentou de a ver dançar no paço em a solemnidade de seu nascimento; porèm a Mãe levada daquella incósiderada offerta, persuadio à filha pedisse antes se cortasse a cabeça do Bautista, homê do mais grave porte pelo preço do mais leve bayle: *Volo ut protinus des mibi in disco caput Joannis Baptiste*. Ha caso mais raro? E pois que he isto? Antes quer esta moher a cabeça do Bautista, que ametade de hũ Imperio? Antes escolhe ser cruel homicida, que Rainha Soberana? Sim, que o ser Rainha; era felicidade propria, o ser homicida tyranna

São
Chry-
soft.
Ibi.

Lyra
hic.

Marc
6. v.
25.

São
Ful-
gene.
Seum.
de
Nata-
li A-
postol.

tyranna, era desgraça alhea, & a enveja mais appeteece desgraças alheas, q̃ felicidades proprias. O' *nequitia feminae* ! exclama neste passo S. Fulgencio: *elegit contemnere honorem, ut lucrifaceret sanguinem.* O' iniquidade achada só na mayor vileza! que escolha a enveja desprezar a honra offerecida, & que só com o sangue tirado violentamente das veas a hum innocente, o seu appetite se satisfaza? Não pôde chegar a mayor extremo de bayxeza a enveja que he refinada.

§. IV.

9 **M**As se a Enveja he tão baixa no berço; não se pôde negar, que só no tiro he nobre. O tiro da Enveja he à cabeça, & he ao pê: mais se afronta a Enveja da sombra de huma boa cabeça, que da fereza de hũ mão coração. Tornemos a ponderar a reso-

lucão que tomou Herodias em mandar à filha, que pedisse a cabeça do Bautista a El-Rey Herodes, porque sobre tyranna, me parece que teve muyto de notavel. He possível, q̃ à cabeça do Bautista lhe faz o odio desta mulher leviana o tiro? E porque não antes ao coração? se sendo o odio do que se diz, que nos comerá o coração, o odio de Herodias porque lhe não pede o coração para satisfazer ao odio, mas a cabeça? A razão he; porque mais odio tem o mundo a hũa boa cabeça, que a hum mão coração. Era o Bautista na opi-
 nião de São Jeronymo ^{eron.} *in Ca-*
 huma sombra da cabeça de ^{ten.}
 Christo: *Caput legis, quod est Christus, de corpore ab-*
scinditur; & mais se afrontava a enveja nacida do odio de Herodias da cabeça do Bautista, só por ser huma sombra da cabeça de Christo, que da fereza que considerava em o seu coração; & isso porque? Eu o digo: porque o
 coração;

coração , ainda quando mais fero, tem cegueyra, a cabeça tem razão, & a enveja bem sofre a cegueyra , mas não se pôde dar com a razão. He muy desarrezoada a Enveja, & por isso mesmo he desarrezoada , porque he cega: não tem a Enveja olhos direytos para ver o bem, fò os tem de verde negro para ver o q̄ julga por falta: não vê as cousas às direitas, senão às avessas , & por isso tira ao pê, porque sempre anda buscando o pê de pavão, para desdourar a aza da Aguia. Por mais prendas , que reconheça nos outros hum envejofo, là lhes ha de ir descobrir hum defeyto , là lhes ha de ir tropeçar em hum màs , là lhes ha de ir buscar hum senão , para que fiquem desdourados, & vivão menos luzidos: o màs, o senão he achaque, que se pegou aos homens do menos; se eu não fora menos, de mim não dissereis vòs mas, mas a enveja he tão maligna, que sem-

pre descobre o menos atè naquelles , em quem sempre se acha o mais Perfeito Principe , dirà hum envejofo , mas sem governo: illustre Prelado , senão fora tão pouco esmoler: bizarro lente , mas que pouco intelligente! Fulano he doutissimo letrado, senão fora tão mal intencionado: que soldado tão valente , mas que fino ladrão! Que recto ministro de Justiça , senão fora tão arremecado, & severo: aquelle Religioso he hum São, mas he muy simplez: que excellente engenho! mas sem juizo , não tem finderesi: que erudito medico, senão tivera mais de interesseiro , que de afortunado : que engraçado musico! mas he pouco destro : que grave matrona! mas he huma bivora : que viuva tão pia , senão fora tão falsa : que gentil donzella , senão fora tão necia. He possivel que todos hão de tropeçar em feu mas , & que raro, ou nenhum seja o que escape deste

deste senão da enveja? Mas não ha que admirar, como em si não sente partes hum envejoso, contenta-se com desluzir aos outros: para vos avilitar a nobreza do fangue, là vos ha de ir buscar na arvore da vossa geração hum ramo que seja infecto, ou humilde: para vos escurecer a sabedoria, là vos ha de ir descobrir falsamente hum dezar, que diz vos succedera, quando novato começaveis a cursar as escolas: para vos acovardar o valor com que vos portastes na milicia, là vos ha de ir achar huma retirada, que affirma fizestes com pouca prudencia, da campanha, sendo ainda soldado bisonho. Não sei verdadeiramente, que mais bem retratada se possa ver a enveja, que naquella pedra, que là arruinou a estatua, que em sonhos fabricou com louca fantezia a altiveza presüptuosa del-Rey Nabuco: ora vede se concorda bem com o original a pintura.

Tom. V.

10 Riquissima, robusta, & soberba estava em pé a estatua de Nabuco, promettêdo-se duração eterna na riqueza, na fermosura, & na dureza dos metaes de que era composta: a cabeça era de ouro, o peyto, & braços de prata, o restante de cobre, do ventre atè os pés de ferro, & de barro; arranca-se do monte huma pequena pedra sem mãos, tocalhe nos pés, & no mesmo ponto cae por terra a estatua, desaparecem os metaes, & ficarão tam desvanecidas todas as suas douradas grandezas, que della, & delles não apparecerão mais que o lugar, & as cinzas. Notavel caso! mas mais notavel o tiro. Sei eu que a pedra que David despedio da sua funda, foy direita à cabeça inimiga do Gigante: *Infixus est lapis in fronte ejus*; pois se a pedra do Gigante tirou à cabeça, a da estatua porque tira ao pé? Por duas razões, seja a primeira: Tiroulhe ao pé,

B por-

Dani-
el. 2.
v. 34.

porque não tinha mãos: *Abscissus est lapis de monte sine manibus.* E pois o não ter mãos he causa bastante para tirar ao pé? Sim; porque se a pedra tivera mãos de arte, prezara o ouro da cabeça, & com o ouro da cabeça cobrira, & desculpara o ferro, & o barro dos pés; mas como a enveja não trata de encobrir, senão sempre de descourar, por isso lhe tirou ao pé, para que com o barro do pé ficasse sepultado o ouro da cabeça, & a prata do peyto: pois vem cá pedrinha envejosa, & humilde, já q̄ te não sabes accõmodar cõ a tua bayxeza, & queres sobir ao mõte da mayor altura, não tinha a estatua tantos, & tão ricos metaes? Sim tinha; pois porque fõ no pé de barro empregas o tiro? O esta he a condiçaõ da enveja, descobrir o menor defeyto, para encobrir, & sepultar o mayor luzimẽto; ainda que tenhais o ouro da nobreza, ainda que resplandeça em vòs a

prata da fabledoria, ainda que se veja em vòs o bronze da generosidade, & valor, se tendes pè de pavão, se tendes pè de barro, là vos ha de ir fazer o tiro a enveja, para que tudo fique encuberto com o barro, & vendo todos o pò, & as cinzas do barro, né appareça o ouro, nem possaõ voar lustrosas as azas da Aguia. O' que escandalosa razaõ! Mas que praticada no mundo! Ouvistes dizer, que a hum sogeito benemerito lhe hão dado hum posto dos mais authorizados da Republica, ou da milicia, entra cõ vosco a enveja, & rompeis logo nesta pergunta: *Quis est hic?* Quem he este? Não he este filho de fulano? como la perguntou Saul a David, quando fingindo que o não conhecia, levando da enveja, como diz Theodoreto: *Ignorabat eum per invidiam,* advertio ^{Theo-} que todos o engrandeciã ^{dor.} com encomios, & applausos: *De qua progeme es tu* ^{hic.} ^{1 Reg.} ^{v. 58.} *ô adolescens?* Não he este ^{17.} hum

hum humilde pastorinho, filho de outro pobre pastor chamado Ifay? Pois a este he que louvais? A este he que engrandeceis, & rendeis adorações? O' como dais com a lingua nos pès de barro donde procede a estatua! Vedes a outro mais rico, mais bom trajado, & luzido, começais a reparar de donde lhe viriaõ as riquezas que logra, & com que grangearia aquellas galas com que passa tam acaado, & defenterradolhe os ossos de seus antepassados, logo entra a vossa pergunta: *Quis est hic?* Valhame Deos! já este tam rico? hum filho de hum tal, & hum qual, ha dous dias que estava servindo a nossos avòs, & já o vemos nestas alturas? Naõ sabemos nõs muyto bem atè dõde chegaõ as suas rēdas? Naõ nos consta aonde abrangem os seus cabaedae? Pois dize-me malevolo envejaoso, & porque te não recordas, que esse tal a quem desconheces por

mais luzido, com o fangue que derramou nos presidios das fronteiras, & nas viagens que fez para ir servir nas Conquistas, he que mereceo a tença, & a cõmenda com que se alimenta a si, & a toda a sua familia? Naõ te lembrará que esse tal a quem ignoras por mais alteado, gastou o aço da idade mais juvenil, & robusta nas cadeiras das Univeridades, queimando as pestanas sobre os livros, & que a granacha que veste, & o posto mais alto, & superior que occupa, foy devida remuneraçãõ de suas letras? Sõ o defeyto de que já não ha memoria, te ha de andar a ti tão presente na lembrança? Imaginas, que o unico remedio que te resta, para suprir os dotes, & partes de q̃ te destituhio a natureza, he empenharte em que a fama dos que se vem cõ ella engrandecidos fique totalmente desfeyta, & que do demerito alheyo poderàs fazer merecimẽ-

to proprio? Assim o entendido. Todo o tino dos envejofos he desfazer nos outros, para se fazerem a si, persuadindo-se, que mais hão de voar nas azas que cortão, que nas azas com que voão; daqui vem que todo o cuidado de hum valido he desfazer ao emulo, para se assegurar no governo: não cuida o ignorante, que ha de entrar a ser avaliado por discreto, senão desfazendo ao sabio: não se persuade o covarde, que ha de igualar ao mais animoso, senão achacando fraquezas à valentia: não julga o que nasceo das ervas, que ha de levantar cabeça, senão pertendendo com defeytos, que publica, secar aos que são, & tem arvores de esclarecida nobreza, cavandolhe bem ao pè, para que nas raizes se enxerguem alguns dezares com que fique menoscabada, & algum tanto diminuida: oh que todos estes são pedras envejofas sem mãos, que logo tiraõ

como a da estatua ao pè: *Abscissus est lapis de monte Dani- sine manibus, & percussit el-sup; statuam in pedibus.*

II A segunda razão porque tirou ao pè da estatua a pedra da montanha, vem a ser, porque o barro era o melhor da estatua desvanecida para o defengano: o ouro desfeganava-se no barro; pois tiremos, diz a enveja, ao pè de barro, para q se despeñhe enganado o ouro. He toda a ancía de hum envejoso o ver despenhado o mayor luzimento a que aborrece, & daqui nace que sempre contra os melhores se arma: os luzimentos da gloria alheya são os mayores incentivos da enveja. Sim, mas não sabermos, ò envejoso mal intencionado, que mal te fez o Cidadão em ser ayroso, o fidalgo em ser discreto, o Ecclesiastico em ser modesto, o Ministro em ser urbano, o Letrado em ser pratico, o Medico em ser prudente, o Soldado em ser intrepido, o Religioso em

em fer fante, & o Prègador em fer applaudido? Não me diràs que dano recebes de que correspondão a seus suores os frutos, a suas diligencias os logros, a seu valor as victorias, à sua virtude a fama, & a seus merecimentos o premio? Basta que porque Abel sahio do seu sacrificio bem visto, por isso se ha de armar em Caim a enveja a lhe tirar a vida com hum homicidio tam tyranno? Basta que porquã Joseph lhe revelou o Ceo altissimas felicidades no extasi de hum doce sonho, por isso o ha de condenar a enveja de seus irmãos, a que seja morto, ou vendido? Basta quã por sahir David de hum tam celebre como arriscado conflicto victorioso, por isso se ha de ver da enveja de Saul lanceado? Pòde aver fereza mais barbara, que aver quem aborreça ao Sol porque brilha? Pòde-se excogitar genio mais avesso, que o que despreza ao diamãte por-

Tom. V.

que naceo precioso; ou ao Rouxinol defestime, porque com a melodia de seus finissimos quebros a todos suspende? Pòde por ventura, envejofo maligno, fazerte venturofo o infortunio do teu emulo, nem o ser este empobrecido, tornarte mais opulento? E que lhe importara à Curuja, para que voasse trespassando as nuvens, que não remonasse atè o Ceo seus ligeiros voos a Aguia? Ou de que lhe servira ao Morcego, que o Lince fora cego, para que elle se achasse então com mayor agudeza de vista? O' misera condiçã a da enveja! que sò então creyo que respirara com algum alento, quando aos que vivem com bonanças ditosos divisara mais afflictos, & faltos de todo o remedio; sò então julgou que se avivara o seu defabrido palato, quando aos quã lograõ alivios, os fizera desgraçados, & os privara de todo o gosto. Que de nada goste o que enve-

B iij

ja

ja , senão de contemplar
alheas misérias ? Que sò
com ver desgraças se ale-
gre? Que sò as amarguras
dos outros lhe sefão sua-
ves ? Que da universal ac-
ceitação cõ que David de
todo Israel se vè applau-
dido, se lhe origine à en-
veja de Saul feu tormêto?
Depravado gosto , & o
mais abominavel genio!

12 Mas se toda a an-
cia de hum envejoso he
ver affligido , & despeda-
çado aquelle a quem a-
borrece ; que ao contrario
lhe succedem sempre seus
malignos intentos ! que
baldadas ficaõ suas diligên-
cias, & que illusos seus de-
signios! Porque por mais
golpes que tire a sua in-
tenção depravada para se-
fultar aos que lhe prece-
dem na graça , ou nas ex-
cellencias da natureza, ou
nos excessos da fortuna,
ou nos extremos da esti-
mação , ou nos applausos
da fama , he cançar debal-
de , porque effes mesmos
golpes o maltritaõ, quan-
do aos envejados mais en-

grandecem, & manifestam
melhor os seus resplando-
res. Aos repetidos golpes,
que là deu Gedeão em
humas jarras de barro, diz
o Sagrado texto , que no
mesmo ponto sahiraõ lo-
go a responderlhe humas
luzes: *Cumque & hydrias*
confregissent, tenuerunt si-
nistris manibus lampades:
oculto arderia do luzi-
mento o lustre , se ao feu
resplendor não divulgara
o golpe. Quem não disse-
ra que quebrar huma jarra
de barro era maltratalla? &
na verdade foy luzilla ,
porque foy abrir porta,
para que respirasse mais
brilhante a chama. O' fa-
bedoria suprema, que dos
golpes da enveja accen-
des lustrasas luminarias à
fama , para que fique mais
applaudida! Consolem-se
os que como David por
luzidos se vè de outros, a
Saul semelhantes, mais en-
vejados, que por mais que
se empenhe aos deslustrar,
& escurecer a enveja,
por mais que a enveja per-
tenda cortarlhe as azas à
fama

Judic.
7.

fama, para lhe diminuir o applauso, a pezar da enveja, se ha de ver então em mayor auge o seu luzimento: a mesma Lua que eclipsa ao Sol, lhe illustra mais os rayos; & com as mesmas perseguições fabrica hum envejoso a coroa ao que he envejado. Poz Saul de sitio a David no deserto de Maon, para alli lhe tirar a vida; & notem os termos de que uzou o Texto Sagrado para explicar este cerco: *Saul, & viri ejus in modum coronæ cingebant David*: Saul, & o seu exercito tinham cercado a David a modo de coroa: o texto Hebreo lê assim: *Saul, & viri ejus coronabāt David*; que val o mesmo que dizer, que quando mais apertadamente perseguia a enveja de Saul a David, então lhe coroava melhor os seus merecimentos; então apregoava mais suas glorias, & engrandecia mais suas prendas; cõ que enganado sobre necio se portou Saul, quando

envejoso quiz impedir com o tiro da lança, *Tenebat Saul lanceam*, as estimaçoens, que David gregeara com as cordas da sua cithara: *Tollebat David citharam*; porque estas mesmas cordas, que eraõ cordeis, que a Saul davão tratos, eraõ tambem estampidos, que a David davão gloria.

§. V.

13

NAõ chega a David a lâça da Enveja Soberba que lhe tira Saul: *Non rectis ergo oculis Saul aspicebat David*. Que soberbo, & que envejoso brande esta primeira lança Saul! Mas que acordado, que cortezaõ pega na cithara David: *Tollebat David citharam*. Pega David na sua cithara, & tam acordadas fantezias ponteia na primeira corda, que a todos leva as cordas d'alma, ou a alma de todos sem corda. He pois a primei-

ra corda allegorica , que toca David na cithara , a opiniaõ applaudida: *David acceptus erat in oculis universi populi* : Era David bem aceito , respeitado, & bem visto dos olhos de todos, a pezar das femrazoens de Saul ; por mais que Saul lhe quiz escurecer o nome , por mais que pertendeo diminuir lhe a fama , entaõ ficou mais celebre o nome de David , entaõ se vio mais afamado , & applaudido de todos: *Celebre factum est nomen ejus nimis, idest fama*, comêta o Douro A Lapid. Naõ ha lança , que a boa opiniaõ não tire, & não ha lança que a boa opiniaõ não quebre: donde eu infiro quão grãde he a importancia da fama, pois a vejo feyta alvo de tãtos tiros, & quam necessario he o cõservar o bõ nome, pois o vemos ordinariamente a tantos golpes exposto; mas para que a importancia de hum bõ nome, de huma boa fama, & de huma boa opiniaõ

1. Reg

18. v.

30.

(q̃ todos entre si se equivocão) melhor se conheça, cheguem os que saõ da fama , & do credito mais amantes , levantem hoje a primeira Academia Catholica, & nella ventilem , & disputem sobre a fama algumas questoes , que a todas presidirã o mesmo David com a sua cithara; & porque em as Academias custuma aver Cefores, & eu estou vendo, que algum critico , ou Zoilo menos affeicoado, & levado tal vez de hum indifcreto zelo , & menos considerado escrupulo, poderã estranhar algumas descriçoes exornativas, & eloquentes , que determino fazer nestas Tardes , aproveitando-me de algumas allegorias , ou geroglificos , a que allude a materia que tomei por assunto; para cortar o passo a toda a censura , avemos de suppor , & sirva a supposiçãõ , para as nossas Academias , de glorioso preludio.

14. Que a Eloquẽcia,
ou

ou seja sagrada, ou seja humana, he hũa arte de orar cõ invêto, huma fôrma de dizer cõ proposito, hũa regra de fallar com cõcerto, hũa theorica de represêtar com alma, huma pratica de pronunciar com vida: se a consideramos sagrada, em hum Tertulliano he muy profunda, em hum Santo Agostinho he muy delicada, em hum São Jeronymo he muy erudita, em Santo Ambrosio he muy fecunda, em Saõ Gregorio he muy copiosa, em hum Saõ Chrysofotomo he muy douta, em hum São Chrysologo he muy polida, em hum São Leaõ he muy collocada: se a consideramos humana; quem não admira o pezo com que nos arrezoados profundamente se emprega? Quem não louva o numero com que aos periodos com toda a madureza remata? Quem não venera o conceito com que as sentenças discretamente authoriza? Quem não preza o compasso com que as

clausulas acertadamente ajusta? Quem não engrandece a intelligencia com que nas metaphoras propriamente soccorre? Quem não respeyta a fidalguia de que nas allegorias nobremente se veste? Quem se não enleva do mysterio com que nas reticencias gratamente emmudece? Quem se não cativa do espaçoso campo com que nas hyperboles, sem que a ninguem enfade, dilatadamente se estende? Quem se não arrebatada avultada pompa com que em toda a figura com agrado de todos se adorna? Deu a Eloquencia humana ca-deas a Hercules para prêder homens, deu laços a Orptheo para encantar feras, deu cordas a Amphion para enredar penhas, deu redes a Arion para enlaçar agoas, mas porque na verdade tem degenerado na verdura de alguns Prêgadores a Eloquencia em loquela, a facundia em fantezia, & a rhetorica em fabula com tam pouco

co fruto de ouvintes Catholicos, por isso procurei que nestas Tardes a fabula, a fantezia, & rhetorica se cõvertessem em moral, & em materias pertencentes ao espirito, que he o que està pedindo para todos o proveitoso do tempo, & a reformação de custumes, que espero se veja em tam sezudo, & cortezão auditorio.

15 Isto supposto, em quanto David ponteia a sua cithara, a primeira questão, que ao toque de tam doce cõsonancia propoem, para se ventilar, os Academicos, vem a ser: Qual he a melhor fama: a ganhada por conceito, ou a ganhada por amor? Ha-se de ganhar a boa opinião por amizade, ou por conceito? Eu dissera, que por amor, se no mundo o ouvera legitimo, mas como todo o amor humano tenha mais de bastardo que de verdadeiro, eu me resolvo, que por conceito se ha de ganhar a fama, porque fo do conceyto, &

naõ do amor he que depende a fama, que no mundo deve ser de todos mais pertendida. Com huma prova não menõs que das Pessoas Divinas, hey de illustrar, para mayor abono seu, este meu pensamento. Duas Pessoas Divinas mãdou o Padre Supremo ao mundo: a primeira, a pessoa do Verbo, a segunda, a pessoa do Espirito Santo: o Espirito Santo he amor, o Verbo he conceito; & porque mandã o Eterno Pay primeiro ao conceito, & depois ao amor? Serã, porque o amor, se he bem ordenado, como he o do Espirito Santo, he cortezanissimo, & por isso deu o primeiro lugar à Sabe-doria, que he o Verbo? Não deixa de me quadrar a razão, mas outro cuido, senão me engano, que foy, para q̃ assim se dispozesse, o motivo, & vem a ser, que mandã o Padre Eterno primeiro o cõceito, & depois ao amor, porque não quiz ganhar por amor ao conceito, quiz

ganhar por conceito ao amor: fama que por amor, ou amizade se adquire, & nos merecimentos se não funda, não he a fama que no mundo deve ser mais prezada, he fama sospetosa, não he fama verdadeira. A fama he huma voz cómmua, que se funda no conceito, com que hum fogeito por suas virtudes he de todos bem opinado, & sempre a fama depende muyto dos ecos desta voz, & sempre esta voz originou no mundo grande conceito. Esta he a razão mais cabal, porque quando là os cortezaons de Jerufalem mãdàrão perguntar ao Bautista que lhes dissesse a pessoa que era: *Tu quis es?* declarou o Bautista que era pelo que soava: *Ego vox:* & por isso o mesmo Christo à embaixada, que lhe mandou do carcere o Bautista, respondeo, explicando quem era pelo que se ouvia: *Renuntiate Joanni que audistis.* Esta he a fama desinteressada,

& com esta fama, pelo bõ conceito, que se avia formado no Reyno de Israel de sua grande generosidade, & de seus sobrelevados merecimentos adquirida, se vio David, a pezar da soberba, & enveja de Saul, de todos muy applaudido, & o seu nome em todo o mundo o mais celebrado: *Celebre factum est nomē ejus nimis; David acceptus erat in oculis universi populi.*

16 Segunda questão: Qual he mais preciosa, a melhor opinião, ou a melhor vida? Dirão alguns que com o preço da vida nenhum cutro preço pôde competir igualdades, nem admittir competencias; porém eu fundado em outros mais solidos principios sou de parecer, que mais preciosa he sem nenhuma duvida a melhor fama; & a razão do meu fundamento he esta, porque se o preço da mayor estima o costumamos avaliar pelo que mais custa, não se pôde negar, que

Jean.

I.

p. 19.

Mat.

th 11.

p. 4.

a melhor vida custa menos, & que a melhor opinião custa mais. No que succedeo aos Ministros da crueldade, quando tratãrão de prender a Christo no horto, & depois da morte do mesmo Redemptor do mundo no Calvario, temos a cabalissima prova desta verdade. Com ancioso empenho procurãrão os Principes dos Sacerdotes prender no horto a Christo bem nosso, & pacteando com Judas discipulo alevoso, para que lhes vendesse seu Mestre, não lemos que lhe offerecessem toda aquella quantidade de dinheiro, que desejava a cobiça; antes de São Lucas nos consta, que com elle estiverãrão regateando muyto no preço: *Pacti sunt pecuniam illi dare*; & por fim de contas diz São Mattheus, que assentãrão a lhe dar sòmente huns trinta reaes: *Constituerunt ei triginta argenteos*. Passemos agora do horto ao Calvario. Publicão os sol-

dados, q̃ no Calvario assiftiraõ de guarda ao Sepulchro de Christo, que rompèra o Senhor as prizões da Sepultura, tirando dos mesmos horrores do tumulo nova pompa de luzes, & dos menoscabos da morte eternidades de alentos, & advertindo seus inimigos, que estava malogrado seu intento, & que se desvanecèra totalmente seu destino, tratãrão de sobornar com grande copia de dinheiro aos Guardas: *Pecuniam copiosam dederunt militibus*, para que callassem o que na manhã gloriosa da Resurreyção aviãrão visto, & publicassem, que os Discipulos aviãrão roubado da Sepultura o Sagrado cadaver de Christo, quando elles se achavãrão mais entrados do sono, & com este embuste ficasse o povo persuadido, que o Senhor não avia resuscitado: *Dicite, quia Discipuli ejus nocte venerunt, & furati sunt eum*. Sobre a differença destes dous pre-

Mat.
th. 28.
p. 12.

Luc.

22.

p. 5.

Mat-

th. 26.

p. 15.

gos, se desperta logo naturalmête assim o reparo. He possível, que para a venda de Judas pôem aquelles homens tantos reparos na compra; & para que os soldados lhes vendão huma mentira tam manifesta, que elles desejavão ver publicada, no preço se não descomponhão, antes todo o dinheiro que quizerem, sem limite lhe offereção? Mais estimão os Fariseos o corpo de Christo morto, que o corpo de Christo vivo? Christo vèdido ha de valer menos, & Christo roubado ha de valer mais? Sim, & notem: A Judas comprãõ os de Jerusaleem a melhor vida de homem, aos soldados comprãõ a melhor fama de resuscitado, que na Resurreição que elles pertedião encobrir, he que resplandecia a mayor gloria, & a principal honra de Christo, porque sô hum homem Deos podia com virtude propria resuscitar, & julgãõ os mesmos inimigos de Christo, que va-

lia tanto mais a melhor fama, que a melhor vida, que pela melhor vida deraõ o mais limitado preço: *Constituerunt ei triginta argêteos*, & pela melhor fama deraõ o preço mais leuâtado, & sobido: *Pecuniã copiosam dederūt militibus*. E se tão preciosa he a melhor opiniaõ, & a melhor fama, que excede no valor à melhor vida; pertender Saul diminuir o preço da fama de David cõ a lança da Enveja soberba, ò q̃ terrível lançada: mas que bê rebatida com a corda da opiniaõ applaudida: *Celebre factum est nomen ejus: David acceptus erat in oculis uniuersi populi*.

17 Terceira Questão: Qual he o melhor prato, o do guizado, ou o do credito? Vòs direis que o do guizado; mas eu digo que o do credito, & a hum banquete hei de ir buscar a prova, para que com ella melhor nos lisonjee o gosto. Grandiosamente banqueteceu Jacob a seu Pay o Patriarca Isaac,

Isaac, quando pertendia receber delle a benção, & nella o morgado, que por mayor pertencia a seu irmão Esau; & quando eu cuidava, que depois do dar das graças, desse Isaac os louvores a Jacob das iguarias que lhe offerecêra, não leyo q̄ lhe louvasse o guizado dos pratos, fenaõ fô o cheyro dos vestidos: *Ut sensit vestimento- rum illius fragrantiam, benedicens illi ait: Ecce odor filij mei, sicut odor agri pleni*: Este cheyro dos vestidos de meu filho, diz Isaac, he muy semelhante à fragrancia de hum campo cheyro de flores. Não duvido, que o louvor do cheyro dos vestidos em acto tam politico, & urbano, podêra parecer que fora à primeira vista despropósito; porque não estava pedindo a cortezania, que primeiro lhe louvasse Isaac o aprimorado das iguarias, & que o louvor do cheyro, que recendia nos vestidos, o reservasse para outro tẽpo mais op-

portuno? Assim parece, porẽ assim parecerã em quãto se não conhecer o mysterio. Notem: Na capa de Jacob quer São Gregorio, que recendessem as flores das virtudes: na suavidade do cheyro, he sentimento cõmun, que se symboliza o credito: & como Isaac contẽplou que Jacob vivia acreditado com virtudes, por isso lhe não roubou tanto a afeição a excellência dos guizados, quanto o credito, que ganhava cõ o cheyro virtuoso das flores: mais lhe recreou o sentido do olfato a Isaac a fragrancia do credito, do que lhe lisongeou o sentido do gosto a variedade dos pratos; o credito de Jacob foy para Isaac o melhor guizado.

18 Não sei, Senhores, verdadeiramente não sei, a que recendem estas vossas capas, estes vossos vestidos. De muytos sei eu que andão bem cheirosos exteriormente, tomãra eu, que a alma recendêra por dentro, & logo a fragran-

São
Greg.
Homil
6. su-
per
Eze-
chiel,

grancia da alma redundaria no exterior dos vestidos; se a vossa alma he hum campo cheyo todo de flores de virtudes, logo nos vestidos recenderà a mortificação da violeta, a pureza da açucena, a candura do jasmim, a pudicicia da rosa, a honestidade do cravo, a firmeza da perpetua, a constancia do girafol, a liberalidade da mosqueta, & a humildade do jacintho; porèm se a vossa alma he hum campo cheyo de abrolhos dos vicios, onde sò reyna o amor profano da sensualidade, onde habita a soberba, onde tem seu assento a ambição, onde domina a cobiça, onde arde a enveja, a que quereis que cheirem os vossos vestidos? Cuidais que o ambar, & almifcar que lhe lançaes por fòra, são defensivos para encobrires, & disfarçardes o cheyro pestilencial, que sae do mais interior de vossa alma? O que engano! não vos recordais do que là disse

Marcial discretamente a hum seu amigo: *Hoc mihi suspectum est, quod bene olet Posthume semper: Posthume non bene olet, qui bene semper olet?* Que aproveita a fragancia do ambar, se a delmente a hediondez dos custumes? Bem podeis embalsamar o corpo, porèm não immortalizar a alma. Não ha cheyro mais suave, que o do credito, nem fragancia mais peregrina como a da boa fama, q̄ de muy longe se percebe, deixando vestigios de applauso pelo theatro do mūdo, que durarà por eternidades de seculos. Imaginais, que com os polvilhos que lançaes nas madexas, occultais as locuras de vossa cabeça oca, & vazia, os enredos de vosso entendimento pouco apurado? O que cegueira! Bemdito seja Deos, que està a Corte de Lisboa tam edificativa, que vemos as cinzas na cabeça, ainda que seja dia de Pascoa; que parece fazem as cabelleiras (em q̄ trazem

trazem muytos como em
 espessos bosques embren-
 nhadas as caras) sua peni-
 tencia, do muyto dinheiro
 q̄ nos roubão. Que mais fi-
 zeraõ os Ninivitas ate-
 morizados com a prega-
 ção de Jonas? Fazer gala-
 das cinzas, he o mais a que
 se pôde adelgaçar a fine-
 za. Mas se os pòs que a
 Igreja nos manda lâçar na
 cabeça todos os annos, he
 para q̄ nos defenganemos
 do que somos, estas cabel-
 leiras pulverizadas com
 tantos pòs, de que outra
 cousa fervem mais, senão
 de trazerem enganados a
 tantos? Antigamente fei
 eu, que tingião muytos
 velhos a prata de seus ca-
 bellos, disfarçando annos,
 & brios juvenis, & enga-
 nando as memorias de sua
 mortalha, para represen-
 tarem o papel de mais
 moços: hoje vivem os mo-
 ços tam illusos, que enco-
 brem com os polvilhos o
 louro, & dourado de seus
 cabellos, para parecerem
 mais velhos: se fora por
 desprezo do mundo, dig-

na era a acção de ser lou-
 vada; mas como sò he para
 mayor ostentaçãõ da vai-
 dade, sò he de toda a cen-
 sura merecedora. Mas oh
 que gloriosamente se li-
 vrou de ser césurada a fa-
 ma de David, pois em to-
 das suas acçoens se portou
 com tâta aceitaçãõ, & ap-
 plauso de todos, que a to-
 dos levava os olhos a sua
 boa opiniãõ, & o seu cre-
 dito! *David acceptus erat
 in oculis universi populi.*

19. Ultima Questão:
 E como se ha de conservar
 a fama: desprezando o
 que os homens dizem, &
 poderãõ dizer, ou fazen-
 do muyto caso do que di-
 rãõ? Não he facil o ponto
 de decidir, porque já pre-
 medito, que me dizem os
 mais dos que me accredi-
 tãõ neste gravissimo audi-
 torio; que do que dirãõ se
 não deve fazer nenhum
 caso; porque se a fama estã
 justamente adquirida, vo-
 zes populares, assim como
 a não podem augmentar,
 menos a podem diminuir;
 eu com tudo pedindo o
 bene-

beneplacito, de tam bem entendidos Academicos, que julgo estarão todos do mesmo acordo, me resolvo a dizer, que para se cõservar a fama sem diminuição de seu lustre, se ha de fazer muyto caso do que dirão. Adverti: A fama chamou o Poeta mal: *Fama malum*, & tem de mal a difficuldade com que se ganha, & a facilidade com que se perde; & se a fama se fundar nas vozes do que dirão, poderse ha por ventura de algum modo perder? De nenhum modo; porque quando a Enveja for tam poderosa, que a pertenda extinguir, a pesar de toda a enveja se ha de conservar com a mayor segurança. Deos em cuja honra, & fama, nem por sombras, pòde aver a menor macula, se mostrou sempre da boa reputação do seu nome tam amante, que antes chegará a permittir, fique offendido o ser da sua divindade, do que soffrerá hum que dirão com descredito da

Tom. V.

sua honra, & com menoscabo do seu nome. Resoluto pinta a Deos Senhor nosso o texto Sagrado em destruir, & de todo acabar ao seu ingrato povo pelo peccado da idolatria, que cõmettèra, adorando no ouro de suas joyas a bruta imagem de hum bezerro:

Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos, & deleam eos; Exod. 32. v 18.

& a razão mais forçosa, & efficaz, que lhe propoz Moyses, para que o Senhor dissimulasse por então o castigo, & perdoasse hum crime tam abominavel, & de tão escândalo, foy esta: *Ne, quæso, dicant Aegyptij, callide eduxit eos, ut interficeret in montibus; & deleteret e terra:* Olhai Senhor meu para a censura pouca ayrosa, que podem pòr os Egypcios em vosso ser, reparai bem no que com atrevida temeridade dirão. Dirão com grande descredito do vosso nome, que à falsa fè, & com engano os aveis tirado do Egypto, para os matar na-

C quelle

quelle deserto. Não advertem como Moyses varão tam discreto, tam familiar, & intimo a Deos, & que da sua condição tinha muy largo conhecimento, lhe propoem por razão principal o que dirão? É que resultou desta proposta? Resultou que della se deu o Senhor por tão convêcido, q̄ no mesmo ponto revogou a sentença: *Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat, adversus populum suum*: Bẽ vejo (diz Deos,) q̄ de ficar este peccado da idolatria perdoado, se ha de seguir, o verse o ser da minha divindade sem satisfação alguma offendido; mas tambem por outra parte confidero, que de castigar por este peccado ao meu povo, se ha de originar o que com descredito da boa reputação do meu nome dirão os Egypcios; & he tanto o que prezo o conservar-se o credito de meu nome de toda a censura illeso, & entre os homens

bem opinado, que antes confinto fique a offensa, que se fez à minha divindade, com huma tam escandalosa idolatria, sem ser castigada, do que ficar a reputação da minha fama por força de hum que dirão menos decoroso, & da minha honra, & bom nome offensivo, desacreditada, & de algum modo diminuida. O' que documento este tam verdadeiro! com o qual nos quiz Deos ensinar, que trazendo sempre o que dirão de nós diante dos olhos, conservaremos sempre a boa opiniaõ da nossa fama muyto segura. Ora dê-me todos a devida atençaõ.

§. VI.

20. **S**E o Rey, & Monarca supremo trouxera diante dos olhos este que dirão: Que dirão de hum Monarca como eu, se os vassallos virem, que devendo eu ser o espelho em que se com-

compoem todo o mundo, fou o escandalo que descompoem a minha monarchia? Que a authoridade que Deos me deu, & a humilde reverencia, que os homens me tem, com acçoens indignas tam infamemente a aniquillo? O' como se conservaria a sua opiniaõ applaudida! Se o Titular, o Grande, & Poderoso trouxera diãte dos olhos este q̄ dirão: Que dirão de mim, se se vir q̄ não cumpro com as minhas obrigaçoens sendo tantas? Que torcendo o caminho da virtude me vou despeñhando em ociosidades, vaidades, & divertimentos profanos? Que não cõtinuo os gloriosos passos de meus antecessores illustres, que me deixãraõ em proezas heroicas tam empenhado, & eu em acçoens baixas, & viciosas com grande infamia da minha nobreza me avilito? O' como se conservaria a sua fidalguia bem reputada! Se o Ministro da justiça, & da Republica trou-

xera diante dos olhos este que dirão? Que dirão de mim, se se vir que atropello a justiça com sobornos, devendo eu de a amparar como recto: Que não considero no pezo, que carrega sobre minha conciencia? Que não attento nas obrigaçoens que pede o cuidado do meu officio? Que não evito os danos publicos? Que não atalho as ruinas da Republica? Que não uso da justiça com a devida inteyreza? O' como se conservaria a sua reputaçãõ com bom credito! Se o Ecclesiastico, o Prelado, & o que està em seu lugar, trouxera diante dos olhos este que dirão: Que dirão de mim, se se vir, que faltando eu com as esmolas à pobreza mais necessitada, todo o cuidado emprego em que com o patrimonio, que Christo deu à sua Igreja, se chegue a ver toda a minha parentela mais enriquecida? Que não ponho os olhos na alteza da dignidade que tenho? Que vivo

nos costumes como o secular na vida mais destragado? Que os privilegios que gozo, me servem de motivo, para que todas as minhas acções sejam mais insolentes? O' como se conservaria o credito do feu nome bem opinado! Se o Advogado trouxera sempre diante dos olhos este que dirão: Que dirão de mim, se se vir, que de alumno que sou de Minerva, me faço vil escravo de Venus? Que saindo do meu escritorio para me ir defenadar na casa do jogo, salto de assistir com o cuidado, que se requiere, às partes, com tanto prejuizo da sua fazenda? Que não acabo de lhe dar a estas o defengano da pouca justiça com que armaraõ o pleito, só por temer, que me ficarà diminuido o ganho? O' como se conservaria a opiniaõ das suas letras sem nota! Se o Medico, q se jacta de perito, trouxera diante dos olhos este que dirão: Que dirão de mim, se se vir, que sem

a sciencia dos livros, nem a experiencia dos achaques me atrevo a entrar na cura dos enfermos? Que para ser reputado por douto na estimacão de alguns Senhores de quem sou chamado, lhe lisongeo o gosto, approvando-lhe o uzo de alguns acipipes, que provocão mais ao appetite, do que conduzem à faude? Que nas muytas, & graves enfermidades, que padeço em minha alma, me acho incuravel, porque lhe não applico os remedios, applicando tantos às do corpo? O' como se conservaria a fama da sua medicina com lustre! Se a casada trouxera sempre diante dos olhos este q dirão: Que dirão de mim, se se vir, q sendo eu avaliada nesta Corte por huma matrona de bons procedimentos, honesta, & fezuda, me esqueço das obrigaçoens do estado que tenho, & figo illicitas afeiçãos cõ injuria do primeiro thalamo? O' como se conservaria a

sua

fua honra livre de todo o perigo ! Se a Donzella, que vive no jardim de feu retiro , trouxera diante dos olhos , este que dirão: Que dirão de mim , se se vir , que sendo eu hũa flor tam fragrante, por falta de recato cheguei a dar hum tam mau fruto ? Que de rosa tam pudica que era, ganhei com o desconcerto de tanto concerto profano o vir a ser riso, & desprezo do mundo? Que os guardapès com que ostentava , quando punha o pè na rua , me occasionaram na fama grandes ruias? Que essas galas com que trajava, me fizeraõ Gallo na fama ; & tantas primaveras com que bizarramente adornada apparecia, foraõ para mim estios da virtude ? O' como se conservaria illesa , & sem mácha a joya da sua pureza! Se a Viuva trouxera diante dos olhos este que dirão : Que dirão de mim, se se vir , que a meu marido morto, logo se seguiu o amigo vindo ? Que do re-

go, que abriu a caudalosa corrente de meus prantos, brotou o viçoso verde de meus gostos ? Que com tanta celeridade me aprestei a trocar os responso-rios em prazeres , & o funeral mais triste em o trato mais alegre ? O' como se conservaria a sua opiniaõ com todo o decoro! Finalmentè se nõs todos trouxeramos diante dos olhos este que dirão : Que dirão de nõs, se se vir, que professando a verdadeira ley de Catholicos , naõ procuramos com todo o empenho, de que todas as nossas obras, & acçoens se-
wh. 2
Aug
solum
-ol ni
113

jão mais ajustadas, & conformes com a observancia dos divinos preceitos? Que em lugar de seguirmos o caminho mais seguro por onde se vai para a gloria, tomamos o caminho errado, que vai para a perdição, & nos guia para o inferno? O' como se conservaria o nosso nome de todo o descredito eximido! E porque David trazia tanto diante dos olhos este

te que dirão, por isso a pe-
far da enveja de Saul, con-
firmou o seu bom nome
com lustre, a sua opiniaõ
com bom credito, & a
sua opiniaõ com aceita-
çaõ, & applauso de todos:
*Celebre factum est nomen
ejus, David acceptus erat
in oculis universi populi.*

S. Au-
gust.
multis
in lo-
cis.

21 Foy David, como
diz São Agostinho, hum
natural retrato de Christo
desdo horto atè o Calva-
rio. Foy Saul huma figu-
ra expressa do povo He-
breo capital inimigo de
Christo: *Saul, ut diximus,
populus Judæorum erat,
David Christus erat;* com
que as mesmas lanças, que
brandio tyrannamete Saul
contra David, arremeçou
tambem contra Christo a
crueldade de seus inimi-
gos. Com a lança da En-
veja soberba fizeraõ tiro a
Christo seus inimigos no
horto: *Per invidiam tra-
didisset,* & foy este tiro tão
forçoso, que antes de a En-
veja brandir a lança, sen-
tio o Clementissimo Jesu
o penetrante golpe na al-

ma, em tal fôrma, que re-
bentando violentamente
o sangue, banhou seu sa-
grado corpo, & começou
com impetuosos raudaes
a regar a terra: *Factus est* Luc.
sudor ejus, sicut guttæ san- 22.
*guinis decurrentis in ter-
ram.* Assim se achava a-
quella Pomba purissima
em hum diluvió de san-
gue, sem achar aonde to-
mar pè seu alento: o cora-
çaõ o tinha apertado com
temores, o tedio de nossos
peccados o affligia com
tristezas, o lugar que era
sombrio o tinha cheyo de
hum sagrado horror, o E-
terno Pay o não ouvia, os
discipulos huns dormião,
outros o tinhão defempa-
rado: Judas que estava da
parte da enveja, lhe tinha
traçado por hum mais vil,
& limitado preço a venda:
os do seu amado povo o
buscavão armados com
soberba para o prende-
rem, & lhe tirare tyranna-
mente a vida: a imagina-
çaõ lhe representava os
excessivos tormentos que
avia de padecer atè o Cal-
vario vario

vario por hunos mais vis, & ingratos homens, que no mesmo caliz em que elle lhes dava por seu amor a melhor vida, lhe apparelhavão elles a morte mais cruel por seu odio; que muyto pois, que assaltada de tam tristes pensamentos, abertos os pòros de todo seu corpo, chorasse lagrimas de sangue, como diz São Bernardo: *Totius corporis lacrymis flevit?* As tristezas, as agonias, & as ancias, que avião de ser de nòs peccadores, & de seus inimigos mais envejofos, tomou Christo sobre si; porque como Christo estimava tanto os creditos que lhe resultavaõ do nome de Salvador que era dos homens, claro està, que a pesar da enveja, & soberba humana avia de tomar sobre si todas aquellas penas, que lhe motivavaõ as nossas culpas, & que rebatendo com a suavissima consonancia da voz de seu sangue, que era o preço da nossa li-

berdade, os tiros de que o fazia alvo a enveja mais refinada, com elle avia de effectuar nossa redempção, cortando pelo preço de sua vida, sò para que com seu sangue precioso se visse mais acreditado, & applaudido o attributo de sua misericordia.

22 Ah Clementissimo Jesu, que affligido, que ancioso, & necessitado de conforto vos vejo com a triste representação de minhas culpas, pois vos chegão a custar estas, gottas de sangue! O' se à vista desses pòros abertos se convertessem todos os do meu corpo em olhos para chorar os meus erros, & se abrissem em bocas para publicar os extremos de vossa fineza! Ah almas catholicas chegaivos a este sangue concritas, que nelle achareis igualmente fogo, que lavatorio: fogo para aquentar a vossa tibieza, lavatorio em que laveis vossas manchas; affoguem-se hoje neste mar de sangue

todas as nossas envejas, & presumpções vaidosas, soberbas, & desvanecidas; & se atègora temos sido huma penha por alma, & hum diamante pela dureza; com o sangue deste Cordeyro Innocente se abrandem hoje nossos co-

raçoens; & com elles partidos de dor, & sentimento peçamos a este Senhor o perdaõ de nossas culpas, & a plenissima indulgencia de sua misericordia: misericordia, meu Deos, misericordia.




SEGUN-



SEGUNDA TARDE
 DAS DOMINGAS
 DA
 QUARESMA.
 AVE MARIA.

Tenebat ... Saul lanceam: Tollebat David citharam.

1. Reg. 17.

I  Espedia (se-
 não pinta a
 fabula) do
 mar Siciliano hum baxel
 à vela. Baxel imperioso
 corte das ondas , poyante
 senhorio das agoas, no le-
 me certo, no casco solido,
 no bojo amplo , nos mas-
 tros robusto, na popa tor-
 re, na proa pyramide , nas
 peças bronze , no convez
 guarnecido, nos pavezes

culto, nos galhardetes en-
 feytado , nas velas sober-
 bo, nos ventos prospero,
 na gente reforçado ; &
 com tanta galhardia pisá-
 va soberano dos mares o
 rolo, com quanta ambição
 bebia velozmente dos a-
 res o rumo. Boa viagem
 lhe repetião os observan-
 tes da terra ; boa viagem
 lhe retornavão os mare-
 antes da nao. Quando en-
 vejo-

vejosa , ou do vento em popa, ou da marè de rosas hũa Serea, Serea venenosamente musica , & falsissimamente afinada , sentada em hũa pedra , pedra filosofal de enganos, pedra de toque de feitiços ; indutriendo pois a Serea a voz de argucias , & ervando a lyra de fallacias , tocando a lyra por pontos , alienava o gosto aos marinheiros, & refinando a garganta em passos, transmudava a liberdade aos sentidos. Enfeitiçado todo o baxel, o Capitão deixava a camera, o Piloto perdia a agulha, o Mestre do apyto a cadea , & attrahidos todos do vocal encanto das musicas , alijavão as drogas ao mar , & a nadar lançavão as almas , & todos com astro de Leandro reputavão pelo sacrificio mais doce o naufragio mais triste.

2 Eisque o baxel sem governo de leme, sem advertencia em vela , sem certeza em corda, sem cuidado em jornada , esqua-

ceava ao querer das agoas, obedecia ao câtar das Sereas , & ao convidarse do canto , encalhouse o baxel tempestuosamente em hum bayxo. Treydoras consonancias, à primeira vista lisonjas, à ultima experiencia tormentas! Encalhado o baxel , o casco estala, a vela rompe, a corda trinca, a quilha racha, o costado geme, & ao escarceo furioso das ondas , & ao balanço reciproco das peças , toda a embarcação lamentavel naufraga; sendo o baxel mais alteroso, ficou desprezível ludibrio de hum encanto, & esquivado repudio de hum penhasco. Ah Saul quanto tens de Serea treydora! Ah David quanto soffres de baxel encantado! *Saul cogitabat tradere David in manus Philisthinorum.* Vento em popa procedia David na Corte del-Rey Saul pelo rumor constante da opinião applaudida: fiado na corda da opinião popular navegava felice , & campeava celebre;

bre ; porque quem vive com a opiniaõ fundada na consciencia, seguro no leme, zomba da tempestade. Porẽm vendo Saul, que o não podia contrastar cara a cara com a lança da Enveja soberba , tratou de o consumir costa abaixo cõ a lança da treyçaõ politica: exime-o de privado: *Amovit eũ Saul à se, & para lhe dar as vanguardas do mayor perigo , falo cabo magistral de mil soldados: Fecit eum tribunum super mille viros: ut eum hostibus occidendum objiceret*, cõmentou o Padre A Lapid. O' como me affombro das honras do mundo , o qual quando vos faz cabo de honra, vos chega ao cabo mais certo da vida! hoje estais como Amam favorecido à mesa real de Affuero , & à manhã appareceis preso infame de hũa força : emfim todas as honras do mundo não são outra cousa mais que hũas aparatorias tramoyas da fortuna , que na roda de sua inconstancia, se levan-

ta hoje, he para despenhar à manhã ; hoje vedesvos honrado, à manhã achaisvos o mais abatido; hoje a hõra vos entrõniza, à manhã a mesma honra vos pertende lançar na sepultura ; & senão, perguntemos nõs à Saul o que pretendia com fazer Cabo a David. Dã Saul a David hum posto de vanguarda com tençaõ maligna de lhe tirar a vida; com figura politica de lhe procurar honra: *Saul cogitabat tradere David in manus Philistinorum: & ha lança de treyçaõ mais politica? Ha lança de treyçaõ mais palliada ? Mas supposto que a treyçaõ de Saul tem mascara no semblante da honra, tiremos á treyçaõ o rebuço, & faya a treyçaõ a theatro.*

§. I.

3 **H**E a treyçaõ hũ vicio , que como ouvi dizer a muitos, reyna nesta Corte , & verdadeiramente que em povo tão cortesaõ he def-graça,

graça, que reyne hum vicio tão descortès. Ora dissuadamos hoje deste vicio pelo contrario. Treyção he hum coração dobrado; lealdade he hum coração singello; dissuadamos pois do coração dobrado pela excellência do coração singelo, & logo persuadiremos a excellência do coração singelo pela deformidade do coração dobrado. Hum coração singelo, & para todos aberto, he da fê o mayor argumêto. Notavel he a diversidade com que Christo se manifestou a São Thomè, & aos demais Apostolos depois de resuscitado: aos mais Apostolos, ainda quando estavam incredulos, mostroulhes as chagas das mãos, & as chagas dos pès; assim o diz S. Lucas: *Ostendit eis manus, & pedes*; & São João acrescenta, que lhe mostrara as mãos, & o lado: *Ostendit eis manus, & latus*. *Gavisi sunt ergo Discipuli viso Domino*; porèm a Thomè não se contentou Christo com que vis-

Joan.
20.
20.

se as chagas gloriosas das mãos, & dos pès, senão que lhe intimou metesse a mão no lado aberto: *Infer digitum tuum huc, & vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum, & noli esse incredulus, sed fidelis*. E pois como assim? Para os demais Apostolos crerem que o Senhor estava já glorioso, basta que vejam as chagas das mãos, & dos pès; basta que vejam o lado; & para Thomè crer, obriga-o Christo ao credito da fê com a chaga do lado aberto? Os outros sò hão de ver, & quando muyto tocar: *Palpate, & videte*; & Thomè ha de passar adiante, não sò ha de ver as chagas de fôra, mas he necessario que examine devagar o q̃ là passa dentro do peyto: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*? Sim, que da incredulidade de Thomè, como notou Santo Agostinho, avia de resultar o deixar Christo a nossa fé confirmada, & em todos estabelecida.

S. August. De tempera Serm. 5. in Dom. Off. Pascha.

belecida: *Ut omnem suspicionem incredulitatis excluderet*, não só queria Christo, que Thomé creffe, mas que em fazer crer aos mais cõ todo o cuidado se empenhasse, & julgou que se com a vista das chagas das mãos, & dos pês podia ainda aver incredulidades: *Adhuc illis non creditibus*; para que Thomé creffe, & ficasse a sua fè em todos corroborada, não podia aver meyo mais seguro, nem mayor argumẽto, como era o lado de par em par aberto, & o coração de todo manifesto, & patente: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum*: coração aberto, & ainda duvidas na fè em algum, não pôde fer: *Noli esse incredulus, sed fidelis*.

4 Ah que menos foraõ os crentes da fè que chamamos humana, se ouvera mais corações patentes, & para todos abertos! Que menos lisonjas, que menos refohos, que menos fingimentos, que

menos tréçoens averia no mundo, se huns aos outros nos manifestaramos abertos os corações; & se podesse cada hum de nõs examinar là por dentro, se corresponde o animo cõ as vozes, que cã nos obrigaõ que creamos por fõra! porque he certo, que nem a tudo do que no mundo se diz, se pôde dar credito, quando tanto do que se diz he mentiroso. Huma das regras mais necessarias que deixou o Glorioso Padre Santo Agostinho a todos seus filhos, & ainda hoje se observa entre os Conegos Regrantes, he o terem todos na porta da Cella huma vidraça a modo de espelho, pela qual podessem ver os Superiores da banda de fõra todas as acçoens em que se occupaõ os seus subditos da banda de dentro; serve esta regra de atalhar algũas defordens, que podem acontecer entre os que vivem em clausura, & muito mais para se evitarem algumas escusas fingidas, que

que por vezes dão os subditos, quando cõmettem faltas contra a observancia das regras, & leys que professaõ. O' quantas vezes tenho desejado, que este espelho, que tem os Conegos Regrantes nas portas das suas Cellas por regra, no lo pozera nos coraçõens o Author da natureza; para que vendo-se cada hum no espelho do outro, ouvesse menos enganofos, & fossẽm mais no mundo os defenganados! Alli veria cada hum de nõs, que aquelle mesmo que mete com-nosco a mão no prato, nos deseja comer a bocados; alli veriamos, que aquelle mesmo que affirma nos traz nas meninas dos olhos, nos não pôde ver dos olhos, nem ainda, como dizem, pintado em huma parede; alli veriamos, que aquelle q̃ nos vende maiores finezas, esse nõs roubam ais vezes a fama: mas já q̃ a Providencia Divina por seus muy altos, & occultos juizos não permit-

tio, que a natureza nos concedesse a nõssos coraçõens este espelho aberto, levemos ao menos esta fidelidade, & singeleza que devemos guardar huns cõ os outros, para que pela excellẽcia do coraçãõ fingelo nos disuadamos do coraçãõ dobrado: a primeira por razão catholica; a segũda por razão politica.

5 A fẽ he huma: logo quem professa legitimamente a fẽ, não ha de ser homem palliado, homem dobrado, mas hum sõ homem; porque fẽ, & treyção não dizem. De Moyfes falla o Apostolo São Paulo, & diz assim: *Fide Moy-*^{Ep.}
ses grandis factus negavit^{ad}
se esse filium Pharaonis: *Hebr.*
Moyfes depois que se vio ^{11.}
com a fẽ mais crecido, & ^{v. 24.}
de mayores annos negou ser filho da Princeza do Egypto, para fazer as partes do seu povo: & pois sõ nesta acção se mostrou a grandeza de Moyfes mais avultada? Não libertou Moyfes ao povo Israelitico de hum cativeiro de Faraõ

Faraò tão tyranno ? Não obrou aquelles estupendos prodigios, q̄ cõfundirão o Egypto, & affombrarão o mûdo? Tudo isto he de fê, porq̄ tudo consta do Texto sagrado: porq̄ logo avincula S. Paulo a grãdeza da fê de Moyses sô ao negarse de filho da Princeza do Egypto: *Fide Moyses grandis factus* ? Direy: Moyses no palacio de Faraò era hũ, e parecia outro; era em verdade filho de Levi, & reputava-se por neto de Faraò, illustra-o Deos (dizê os Padres) com a fê futura da Encarnação, & tanto que Moyses se vio na illustraçã Catholico, achou que era obrigação não viver palliado. A fê he huma, & a mesma verdade, a verdade pinta se sem vestido, a fê sem refo-lho, & tanto que Moyses se conheceo com o resplã-dor da fê, & com a luz da verdade, nem quiz ser privado fingido, nem Principe palliado, & nisto se manifestou a sua mayor grãdeza, nisto se vio, q̄ era

grãde cõ eminencia a sua fê: *Fide Moyses grandis factus*: hũa fê, & duas caras; hũa fê, & duas profissoens não concordão, implicão.

6 Vamos à razão politica. Hum homem de coração lizo val por quatro, & hum homem de peyto dobrado não val por hum. Quando là David se resolveo com intrepido animo a desafiar em campo bellico aquelle horrivel Gigante, que sendo hum sô homem punha pavor a todo hum exercito, & por sua arrogancia, & altiveza era a mayor afronta de todo o povo Israelitico, diz o Texto sagrado, que depondo o dobrado das Reaes armas cõ que Saul o armàra de poto em branco, escolhêra por armas mais seguras para dar naquella campanha a El-Rey Saul, & a todo o Reyno de Israel a mais gloriosa victoria, o seu baculo pastoril, & cinco pedras lizas da torrente, que metêra huma na funda, & a despedira com tam bem afor-

afortunado successo, que
 lha pregara na testa, &
 derrubara o Gigante: *Tu-
 lit baculum suum, & elegit
 sibi quinq; limpidissimos la-
 pides de torrente, & immi-
 sit unum.* Ha resoluçao
 mais estranha? De forte,
 que para derrubar a vai-
 dade insoléte de hum Gi-
 gante tão soberbo, & alti-
 vo, mais seguro entra Da-
 vid na Campanha levâdo
 comsigo o baculo na mão,
 & as cinco pedras na fun-
 da, do que levando a espa-
 da, & o peyto de aço del-
 Rey Saul? Sim, diz Santo
 Agostinho: mais valente,
 & seguro fahio David a
 este desafio com o baculo,
 & com as cinco pedras: &
 donde estava aqui a ma-
 yor valentia, & a mayor
 segurança? Em que no ba-
 culo, & nas cinco pedras
 sahe David à Campanha
 com o mysterio da Cruz:

*Sanct. Aug. Serm. 197. de tē-
 pore.* *Cum crucis mysterio,* temos
 logo que o baculo he a
 Cruz, & as cinco pedras
 as cinco chagas: agora o
 meu reparo: pois se as cin-
 co pedras erão as cinco

chagas, porque não faz
 David com as cinco cha-
 gas cinco tiros? Por-
 que deixa quatro pe-
 dras na bolsa, & tira sò
 com hum hum pedrada:
Immisit unum? A razão
 he; porque das cinco cha-
 gas, diz a Aguia Afri-
 cana, escolheo David a
 mais liza, & a mais liza
 das cinco chagas, a mais
 liza das cinco chagas, he a
 chaga do coração lizo he
 a chaga do peyto aberto;
 & quando o peyto dobrado
 de Saul não chegou a va-
 ler a hum David, o coração
 lizo de Christo chegou na
 Campanha a valer por
 quatro: *Elegit quinque la-
 pides ... immisit unum.* Ho-
 mem dobrado chamamos
 ao homem falso, & o ho-
 mem falso não he homẽ,
 assim como o real falso
 não he real: ser homem
 dobrado, não he ser dobra-
 do homem, senão não va-
 ler por hum sò homem.
 Daqui vem, que valendo
 em todas as cousas o do-
 brado duas vezes mais em
 seu genero, no homem o
 fer

*1. Reg
 17.*

fer dobrado , não he fer como dous , senão ainda menos que hum: o metal dobrado val por dous, o tafetã dobre val por dous singelos:& o homem dobrado , nem por hum singelo val;& isso porque? Porque o homem com dobrêz desfaz o mesmo que faz , & com o animo defmente o mesmo que diz: & assim como cunhar moeda falsa bem se sabe que he falta de cabedal, assim de ser pouco homẽ nasce o ser dobrado . No nosso romance Portuguez he antifrasis , ou ironia chamar ao falso dobrado, de muytas caras ao desca- rado , como no idioma latino, de perdoar se diriva o nome de Parca , que a nada perdoa: *Parca à parcendo, quia nemini parcit.*

§. II.

7 **T**emos dissua- dido da trey- ção pela excellencia catholica , & politica do co- ração aberto, & do coração
Tom. V.

lizo ; dissuadamos agora da treyção pela monstuo- sidade de hũ coração trey- dor , de hum coração do- brado, qual era o de Saul para com David : *Saul cogitabat tradere David in manus Philisthinorum.* A treyção he hũa monstuo- sidade tão grande, que faz de hum homem dous: hum homem treydor , não he hum sò homem , he dous homens que não valem por hum; em hum homem treydor achais hum ami- go por fõra , & hum ini- migo por dentro : tem hũ treydor duas caras , ou he mascarado hum treydor: com huma cara vos mos- tra alegria , com outra ca- ra vos apedreja : com hũa cara vos vende hum gran- de affecto , com outra fomenta o veneno do o- dio : com huma cara quer parecer arminho no fembrante, com outra tra- jando como raposa de muitas pelles, veste no co- ração a de Adão delinquẽ- te: cõ hũa cara se faz voffo panegyrista dãdovos lou-

vores, encomios, & parabens de hyperbolicos euges, de non plus ultra, de leva a palma; & com outra está desmêtindo estas bellasmentes, que são com o bellamente que mente: cõ huma cara vos acredita, & engrandece, com outra vos diffama, & vos escurece o credito, & a honra; ha mayor môstruosidade? De homem passa hum treydor para monstro. Monstro foy Judas, mas se como monstro vendeo, como monstro acabou; sobre seu corpo pendente de hum laço entendeo cõ mão aspera a Divina Justiça, quando o fez estalar em duas metades, disse São Pedro: *Suspensus crepuit medius*; & Santo Ambrosio acha o castigo tam justo, quam proprio: *Pari pœne parile processit exemplum*; & quer dizer: a pena exemplar deste castigo respondeo em Judas à culpa monstruosa de hũ homem falso; a falsidade tornou a Judas de hum sô homem em homem du-

plicado; porque por homem falso, & treydor era hum, & parecia outro, morreo logo Judas como viveo: como monstro viveo quando duplicado, por isso morreo duplicado em duas partes como monstro: correspondeo a sua morte à sua vida, a huma tam atreyçoada vida se seguiu hũa tão môstruosa morte: *Suspensus crepuit medius. Pari pœne parile, &c.*

8. Grande he a monstruosidade da treyção, & fundase esta monstruosidade em que a treyção he peyor que a morte. No *Ecclesiastes* ^{cap. 7.} publica Salamão, que pondo-se a discorrer com seu subtilissimo entendimento sobre a variedade de creaturas que produzio a Divina Omnipotencia em todo este Universo, achàra a hũ corpo, que he a molher, peyor que a morte: *Lustravi universa animo meo, & inveni amariorem morte mulierem.* Ha mais estranho sentir? assim difficulto:

Act.
Apost.
1. v.
18.
Sã. 7.
Am-
bro.
de si-
de l.
1. co
9.

*Eccle-
si. 7.
p. 26.*

ficulto: A morte não he o mais rigoroso tributo que paga a nossa mortalidade? Quê averá q̄ o negue? Como logo pôde ser a molher peyor, & mais cruel q̄ o mais defabrido effeyto? Ouçamos o fundamento que teve para assim o dizer Salamão ; & que discreto , & que verdadeyro! *Quia laqueus venatorum est, & sagena cor illius.* Alcançou Salamão , que a molher era hum corpo peyor que a morte , porque descobrio nesse corpo hum laço de caça, & hum coração de rede : na caça, & na rede tudo são treyçoens, & enganos; a morte a ninguem engana, antes todos se achão defengandados na morte: eis-ahi a razão , porque a molher he môstruosidade mais amargosa que a morte, porque tem coração dobrado, coração treydor, semelhãte a hũ laço de caça, semelhãte a hũa rede de pesca, em que se achão mais tramoyas, & enredos, do que estrellas sustenta o Ceo, &

do que peyxes cria o mar. Ah a quantos engana esta rede ! Quantas consciencias traz enlaçadas o coração dobrado de hũa molher! O que eu sei he, que quando hum homem emprende huma cousa tam ardua , que a não fia das suas forças, a confia da fragacidade de hũa molher.

9 Com destemperada inclinação propêdeo Samsão para Dalila , & como Samsão era o terror dos Filisteos, o grito da fama, & o rayo da guerra, os Filisteos de quem era flagello desejavaõ a seu mayor emulo consumido : & de que traças vos parece a vòs que usaria a sua industria para se vir a conseguir o effeyto que pretendião? Afiraõ por ventura mais as espadas, acrescentaraõ as lanças, augmentaraõ o numero dos soldados? Nada disto fizeram : corrompem com ricas promessas a Dalila, para que examine onde Samsão tem o segredo de tanta força : examina Da-

lila primeira vez a Samsão cõ astucia, & ficou a astucia zõbada; examina segũda vez cõ fallacia, & ficou a fallacia illusa; examina terceira vez cõ brãdura, & ficou a brãdura victoriosa: obrou Dalila corrompida cõ dinheiro, quebra a lealdade a Samsão, (q̃ molheres por dinheiro cõmetterão defatinos) descobre Samsão rendido às batarias, ou às brãdas vozes de tão atreçoada Serea; o segredo de suas forças, que estava rebuçado no pelo Nazareno de sua cabeça, ao qual em quanto por observancia da ley Nazarena não chegava o ferro, conservava inseparavelmente o esforço; revelado o segredo, adormece Samsão no regaço de Dalila em profundo sono, chegaõ os Filisteos numa mão com dinheiro, noutra mão com o ferro; com a prata satisfazem a Dalila, com o ferro cortaõ a Samsão os cabellos, tirão-lhe os olhos, expoem-no entre duas columnas aos

maiores ludibrios, & finalmente aonde se não atreue o mayor esforço varonil, chegou a falsidade atrevida, & a brandura enganosa de huma molher. Que vos parece? Fiaivos agora lá da atreçoada brandura das molheres, & logo vereis adonde vos vem a parar seus enganos.

10 He tambem a treyção monstruosidade, porque a treyção he tão boa como Lucifer: Lucifer não se atreve com hũ homem hum, atreve-se com hum homem dous; não se atreve com hum homem singelo, atreve-se cõ hum homem dobrado. Diz São Joaõ, que depois de Judas cõmungar no Cenaculo o corpo de Christo, então tomara o Demõnio posse de seu coração: *Post bu-joan. cellam introivit in eum 13. Satanas*; & porque não p. 27. antes de cõmungar? pergunta Santo Agostinho. O mesmo Santo Doutor dà a resposta, & q̃ ajustadamente responde: Porque depois

depois que Judas recebeu a Christo nõ Sacramento, se declarou por treydor, por homem dobrado: *Ex-pressus est traditor*, & tanto que o Demonio conheceo a Judas por homem treydor, por homem de coração dobrado, por homem de dous coraçãoes, logo se atreveo a entrar no coração de Judas, para ser d'elle o possuidor: *In-troivit in eum Satanas*. Ora supposto, que a treyção he monstruosidade peyor que a morte, & tam boa como Lucifer, faibamos qual he a mayor, & a peyor casta da treyção: a que se faz por tyrannia, ou a que se faz por lisonja? A peyor casta da treyção humana he a que se faz por lisonja: ser atrevido por lisongeiro, he ferida inoportavel.

11 Todos quantos tormentos padeceo Christo no conflicto de sua payxão, todos quantos aggravos lhe fizeraõ então os ministros da crueldade, le-

Tom. V.

vou bem com summa paciencia, & heroico sofrimêto, de nenhum se queixou, senão da bofetada que lhe deraõ em casa de Anàs: *Quid me cædis?* Homem porque me feres? Assim difficulto: Não lhe deraõ a Christo outras muitas em casa de Pilatos: *Dabant ei alapas?* Não lhe deraõ açoutes, não lhe fizeram injurias, não lhe atravessarão a cabeça com huma coroa de fetenta, & duas espinhas, não o pregãraõ em huma Cruz com tres cravos? Dos quatro Evangelistas assim consta: qual seria pois a razão, porque o Senhor de nenhum destes aggravos se mostrou queixoso, & só daquelle se queixou: *Si male locutus sum, testimonium perhibe de malo; si autem bene, cur me cædis?* Homem atrevido, se fallei bem, porque me feres? De sorte que fere o ministro com a mão, & não ferem os cravos? Sente-se Christo da ferida da mão, & de todas as mais feridas da

D iij pay-

payxão não se fente? Sim, porque Malco foy a lanterna de furta-fogo que lifongeava ao Pontifice:

v. ibi-
dem.

Sic respondes Pontifici? foy atrevido por lifongeiro, & fazer atrevimentos por lifonja, he a mais inoportavel ferida; effa treyção lifógeira foy para Christo a Cruz mais pedada, as espinhas mais penetrantes, a lança mais rigorosa, os cravos mais crueis. Em quanto Christo vio que lhe fazião aggravos, que parecião aggravos, fofreo, não se queixou; porém como conheceo que a offensa vinha capeada com lifonja do Pótifice: *Sic respondes Pótifici?* não a pode dissimular, queixou-se: *Quid me caedis?* Porque aver quem com capa de fazer a outro lifonja, vos chegue a afrótar, & se arremece atrevido a vos offender, he a mayor crueldade, he a mayor tyrannia.

12 Mas não se dà o treydor por fatisfeyto de que com capa de lifonja,

para causar ao voffo inimigo algum agrado, vos chegue a offéder, da mesma lifonja se val, disfarçando-se com fofistico fingimento muyto voffo amigo, para vos occasionar o mayor dano, & affegurar melhor seu maligno intéto: bem se vio isto em Saul, o qual, para que com mayor suavidade, & menores custos se vieffe a cõseguir com effeyto a morte que a David pertendia, manda por alguns pagês que tinha mais confidentes, que fossem occultamente lifongear a David; para que na doçura da lifonja, como na pederneira o fogo, se dissimulasse a chama do odio, que contra David ardia em feupeyto: *Loquimini ad David clam me, dicentes: Ecce places Regi, & omnes servi ejus diligent te. Hoc dixit, comenta Lyra, ut David magis crederet Saulem honorem ejus querere, & non mortem.* Sobornados os falsos aduladores chegão à presença de David, &

1 Reg
18.
v. 22.
Lyra
hic.

forç

formando no ar da lisonja as palavras, lhe fallarãõ com ironia desta sorte: São tam singulares as prendas, que em vòs, ò famoso David, reconhece, & venera Saul, que em seguimento dellas se parte hoje a sua affeyção, & apòs da affeyção a liança da amizade que deseja se dè entre ambos; não tendes já que temer a Saul, vivei seguro, que por meyo desta liança, & uniaõ de amor, he certo q̃ agradareis muito ao Rey, & todos seus vassallos vos hão de ter por unico alvo de sua amizade. O' que forte lançada a da lisonja! O' que terrivel bateria a de huma adulaçãõ! que a não ser o peyto de David tam provado na humildade, qualquer outro ambicioso de honras, pertendente de applausos podera nesta occasiãõ fraquear. Ora já que da treyção he monstruoso parto a lisonja, justo he que appareça neste theatro a sua figura, para que sendo de todos nõs bem conheci-

da, della nos não deixemos viver daqui por diante enganados.

§. III.

13 **L**isonja he hũa fera a mais brava na intençãõ, & branda caricia na apparencia: no sembrante traz as diversas cores de q̃ se veste, para em tudo se accõmodar com o humor dos sogeytos a quẽ engana; nos olhos se lhe vè o agrado cõ q̃ rouba como treydora os affectos; no peyto tem a peçonha refinada com que alimenta a vingança; no riso o feitiço com que rende a nossa fraqueza; na cabeça o delirio com que adormece a amizade mais fina; na mão o grilhão dourado com que deixa os alvedrios prisioneiros; na boca o frenesi suave com que encanta os engenhos vagos como Circes nas palavras tem a melodia com que enleva os juizos ociosos como Serea. As
D iij pro-

promessas que a lisonja faz, são enganoso; as esperanças que dá, são ficções; os elogios com que engrandece, são vituperios; as finezas com que rende, são quimeras; as honras a que levanta, são precipicios: não guarda fè com ninguém, & todos lhe dão credito; não gratifica seriamente os beneficios, & todos lhe tributão os coraçõens; não engrandece de veras os merecimẽtos, & todos confiaõ no seu patrocínio; em presença vende por perfeiçoens os defeitos, em ausencia abomina por falta a mayor Santidade. Ah lisonja infernal, agora que te vejo sem mascara mais de perto, me acabo de persuadir, q̃ tu es o odio mais cruel, & o mais tyranno inimigo. He a saliva de hum lisongeiro pirola dourada, & a quinta essencia do mais refinado veneno; he peçonha que não tem cura, porque a nenhuma triaga se rende, & por isso mais nociva, que a dos

Basiliscos mais venenosos. Là dizia o outro discreto, que antes quizera que o picasse hum escorpião, & o mordesse huma vibora, do q̃ o lisongeasse hum treydor disfarçado com fingimento em amigo; porque na doçura de huma lisonja se bebe misturada a amargura mais perigosa. Enfermidade grande, & sem dor he a lisonja, que sem se sentir, lança a perder de todo huma alma. A enfermidade mais perigosa (diz Galeno) he aquella que se não sente: *Periculosiores sunt morbi, qui suo sensu carent, qualis lethargus*. Profundo lethargo he a adulação, que para de todo vos matar adormece: aquella payxão paliada com que cõra hum lisongeiro toda a maldade; aquelle affecto fraudulento com que dissimula toda a torpeza; aquella dobreza refalsada, & revestida de cortesia cõ que enfeita toda a trapaça; aquelle riso adulteri-

no, & sardonico, com que applaude todo o defeito; aquella brandura de palavras com que facilita toda a foltura; aquelle subdolo comprimento bautizado com nome de primorosa correspondencia, com que se veste das vossas cores, com que se faz ao voffo humor, com que se accõmoda com a vossa vontade, a que outro fim se ordena, senão a dar com vosco enfermo no estado abominavel da culpa, & na sepultura da vossa ruina? O' Deos nos livre de semelhantes amigos, que estes são os mais perniciosos inimigos; não descança hum lisongeiro atè não dar cõ-vosco no inferno, com capa de amizade, & benevolencia vos ameaça o mayor precipicio.

14. No feyo de Abraham descançado, & favorecido vio a Lazaro o Rico Avarento, & envejoso de tanta gloria, ou atormentado de sua pena pedio a Abraham, que mandasse là do seu feyo a La-

zaro a que lhe acodisse cõ huma gota de agoa à sua lingoa, porq̃ se abrazava nas mais vivas chamaz: *Pater Abraham mitte Lazara, ut intingat extremũ digiti sui in aquam, & refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma.* Não se lhe deferindo porèm ao seu pctulado, torna outra vez a instar o Avarento: *Rogo ergo te Pater, ut mittas eum in domum patris mei*: Peçovos ao menos, que mandeis a Lazaro a casa de meu pay, para alivio de meus irmãos. Quê ouvindo hũas vozes de tanta caricia, hũas rogos de tãta ternura, não julgaria, que já o Avarento estava na amizade com Lazaro reconciliado, & que era o desejo de se ver na sua companhia, como na do amigo mais prezado, excessivo? Notem, que chama o desgraçado Avarento amigo àquelle de quem fogira como de capital inimigo; porèm entre esta suavidade, & brandura de palavras desco-

Lut.
16.
p. 14.

brio São Pedro Chryfologo o malicioso engano de sua amizade. Adverti, diz o S. Doutor, que não he este Avarento amigo verdadeiro, mas fingido, & com capa de huma piadosa lisonja, para lhe occasionar a Lazaro o mayor dano, lhe brinda cõ o mais nocivo veneno: *Sub specie pietatis ad pristina vulnera, ad præteritos gemitus Lazarũ vult redire, quem prima petitione ad suos devocare non potuit cruciatus.* Por dous caminhos pertendeo aquelle rico, que Lazaro não vivesse entre tantas glorias ditoso, & em ambos dissimulou o veneno do odio com a apparencia de sua amizade fingida: pede primeiramente a Abraham, que lhe envie a Lazaro, não tanto, para lhe mitigar os ardores da lingua, quanto para que deixando Lazaro o Ceo, se viesse affligir com os mesmos tormentos, que elle padecia no inferno; deseja tambem que o mãde a seus irmãos, para que

S. Pe.
tr.
Chry.
sol.
Serm.
123.
de Di-
vite,
& La-
zaro.

lastimado Lazaro com os infortunios passados, repita os antigos gemidos, & em ambas effas supplicas disfarçou com mentirosa adulação o intento maligno, & o artificioso fingimento da sua amizade, para que de dous golpes irreparaveis acabasse de todo com a dita, que Lazaro venturosamete logra: *Sub specie pietatis ad pristina vulnera, ad præteritos gemitus Lazarũ vult redire.* Eis aqui o bem que vos querem, estes que falsamente vos lisongeão: fiaivos agora là de seus exteriores obsequios, deixai vos enganar de seus maliciosos arbitrios, & no cabo encontrareis com a vossa perdição sem remedio, dõde vos promettião o logro das vossas pertencõens mais seguro, no cabo vos vireis a desenganar, que o que parecia o affecto mais fino, era o odio mais refinado; & se não, dizeime: Quando qualquer dos que aqui me assistem, insinua o de-
sejo

sejo desordenado, & profano em que arde, de ir a tal casa illicita, aonde lhe não convem entrar, nem fazer a mais breve assistencia, & lhe aconselha o que se preza de muy familiar seu amigo, que bem pòde ir, sem que se lhe faça a face vermelha; porque quando a acção he de muytos admittida, de ninguem pòde ser estranhada. A isto por ventura appellidais vòs amor? He engano. Quando o que se sente aggravado, se pretende vingar de què o té offendido, & lhe persuade o q̄ blasona de ser amante seu o mais intimo, que he timbre, & justissimo capricho da sua hõra, & nobreza, q̄ o faça cõ tempo, para não perder a reputação, & o credito; a isto por vêtura avaliais vòs por conselho nascido de hum coração lizo, & sincero? He fingimento. Quando o que té casa, & familia, appetee o ir desenfadar-se com tafularia à casa do jogo, onde pela mayor parte se perde

a fazenda, & a honra, & tal vez se arrisca a consciencia, & se chega a perder a vida, & a propria alma, & lhe diz o que sempre lhe anda ao lado, que lhe parece muy bem, vá tomar esse alivio tam decente, & conforme ao estado de sua pessoa; por ventura a isto intitulaes vòs fina affectão? Ah que isto he adulação aleivosa, & fraudulenta, que sò pòde senhorear o coração de hum necio, porque quem tem como David mais acertos de discreto, & prudente, despreza, & exclue de si esta traça por aborrecivel.

15 Sabeis qual he a mais prompta medicina para farar de lisongeiros? He desprezallos; porque como estes não faõ trazidos de amor, senão sò levados do impulso do interesse, ordinariamente fogem de terem cõmercio com quem a sua treyção, & falsidade defestima. Sahirão das mãos de Deos os Elementos, & fazendo da formação de todos lar-
ga

ga menção o Texto sagrado, fô a do ar leyo q̄ passasse em silencio . E pois como assim ? Que menos mereceo o ar, que a terra, a agoa, o fogo, & as demais creaturas, para que a criação de todas se publique, & a do ar fômente se calle? Ha de ficar sem nome o ar, sendo hum elemento tam nobre, & tam necessario para a conservação dos viventes? Sim, responde delicadamente São Pedro Damião . Advirta-se bem para as propriedades do ar, & logo alcançaremos a razão, porque se lhe calla o nome : *Ideo prætermittitur : quia cum nec calorem proprium, nec figuram habeat, ad omnium rerum, quas suscipit, motus se accommodat.* He o ar hum elemento tam prompto aos imperios do nosso appetite, tam brando aos arbitrios do gosto, que em tudo se faz com o humor do tempo que corre, não tendo cor propria o ar, se veste das cores daquelle a quem com mais proximi-

dade participa: furta à luz seus agrados, & às sombras suas malencolias. Toda esta condição parecera docil obediência, se por sua facilidade se não roçara mais por lisonja, porque venerando ao Sol por Monarca da luz, se põem tanto do seu sembrante, que se ao nacer se alegra, tambem ao pôr se entristece. Não fôra grave delicto este obsequio, se o não executara o ar igualmente com o Sol, que com a noyte; porque de dia se acha da parte da luz muy risonho, de noyte se muda para a parte das sombras muy malencolico: isto he accômodar os sembrantes, não ao que estima, senão a quem reyna; porque como a luz de dia governa, por isso da sua cor he que se veste; como as trevas de noyte tyrannizaõ, por esse respeyto com as suas tyrannias se accômoda, sem que haja variedade algũa no tempo, para que o ar não esteja disposto; & de hum elemento tão temporal-

S. Pe-
tr.

Dam.

Op. 2. 1

Cap. 1

ral não podia Deos fazer caso algum; seja embora o ar elemento creado pela Omnipotencia Divina, & no mundo tam valido da ignorancia humana, que para com Deos, como aborrece lisonjas, não he justo, que entre as obras de sua Omnipotencia, se faça menção de tal obra: *Ideo præmittitur, quia ad omnium rerum, &c.* Verdadeiro geroglifico he o ar (diz São Basilio) dos aduladores, que em tudo se accõmodão com o humor daquelles a quem pertendem deslumbrar cõ o artificio, & embuste de

D. Ba- suas mêtirofas caricias: A-
filus nimo varius ostenditur a-
Hom. dulator, nunc, quod justum
de le- est, apud eos, qui justî ratio-
gend. nem habent, laudat, apud
1. Gen. iniquos vituperat, more po-
latius lypodij, qui colorem terra,
Hom. quam attigerit, reddit; de
in forte que se estais triste,
Pf. 61. elles tambem se mostraõ
 tristinhos, se alegre, logo lhes nada a alegria no rosto; se colerico, elles se enojão; se pacifico, elles se fe-

renão, & não só nas palavras, mas atè nas accõens procura hũ atreyçoado li-fõgeiro de se vos mostrar o mais parecido; como procurou Saul de se mostrar com os artificios de sua adulação, & treyção politica parecido a David, no mesmo tẽpo em que pertendia entregallo aos Filisteos, para que morresse à violencia de suas mãos: *Saul cogitabat tradere David in manus Philistinorum.*

§. IV.

16 **A**H Saul adu-
 lador atrey-
 çoado, que deshumanamente feres a David com essa lançada que lhe tiras da treyção politica! Cuidas que lhe fazes lisonja em o constituir Cabo de vanguarda com pretexto honorifico; & não advertes, que David conhece muyto bem a tenção maligna, com que pertendes tirarlhe a treyçoadamente a vida.

a vida. Mas suspende, suspende Saul atreçoado, & aleivoso, suspêde já a liça dessa politica treyção ao toque da corda da prudência reportada: *David prudēter se gerebat*. A'vista de Saul treydor, ò como realça David prudente! do atreçoado como prudente se recata, mas da treyção como valente não desconfia: qual Cavalleiro Africano, que com valerosa bizarria ao Ginete Andaluz fenhorea, o qual em raso conflicto, em campo bellico ao desafiar dos clarins, ao quebrar das caixas, ao cerrar das tropas, ao fulminar das espadas, ao fular das pistolas, ao meter das mangas, ao zunir das balas, ao retalhar das feridas, sem mudar de cara, sem virar da fileira, gostosa questão se levanta: se mata como morte, se briga como Marte? Ah Marte Sagrado! Ah Marte Catholico! Ah valeroso Cavalleiro David! E que mayor valentia, que rebater cara a cara a lança da treyção

politica com a corda da prudência reportada? *David prudēter se gerebat*. He certo, que hũa sò palavra não disse David a Saul, vêdo-se delle tam aleivosamente offendido: notavel caso, que combatendo tão esta politica treyção de Saul o coração de David, a ninguem David a communicasse! Que não tivesse David boca para fallar, tendo tãtos motivos para se sentir! O' que prudencia a de David! Mas que muyto, se o acompanhava por pagé o silencio, que o persuadia a callar, & por criada a paciencia, que o exhortava a sofrer? Formemos hoje dos tres a nossa Catholica Academia, para que fique a corda da prudencia de David na sua cithara mais requintada; & para que nos não interpretem cõ entendimento maligno as palavras os que são aduladores atreçoados, despida-molos do teatro com cortesia, & sò os singelos, & lizos poderãõ ventilar, & dispu-

disputar qual seja o modo prudente com que se hão de portar nas occasioens que tiverem de mayor sentimento. Seja a primeyra disputa que se ventila.

17 O prudente para mostrar que o he , ainda quando se acha justamente sentido, ha de ter o coração na boca , ou a boca no coração ? Resolve a prudencia dos Academicos mais discreta , que a boca no coração. O necio , diz Salamão no cap. 16. do Ecclesiastico , tem o coração na boca ; o prudente tem a boca no coração: *In ore fatuorum cor illorum : os sapientum in corde ipsorum* : O prudente tem a boca no coração, porque sò ao coração diz, o que he bem que sò o coração faiba : o necio tem o coração na boca, porque fia da boca, quanto lhe diz o coração. Quando là Esau ameaçou de morte a seu irmão Jacob , por lhe levar a benção , & nella o morgado , que a elle por mais velho pertencia , af-

firma o Texto sagrado, que estas ameaças as formàra Esau dentro de seu coração : *Dixit in corde suo: Venient dies luctus patris mei, & occidam Jacob fratrem meum*; & que logo dellas não faltou quem a Rebecca fizesse sabedora: *Nuntiata sunt hæc Rebecca*. Aqui vem logo bem nacido o reparo : porque se Esau disse estas ameaças em seu coração , & o que diz o coração, sò à perspicacia do entendimento divino he patente , quem ouve que o ouviu a Esau? E se ninguem o podia ouvir, quem o foy a Rebecca dizer? Bem sei, que Santo Agostinho quer que fora revelação do Ceo; mas eu julgo, que he escusado recorrer a milagres, quando todos sabemos, que he tão natural nos necios o ter o coração na boca. Ninguê ha, que não tenha por necio a Esau , & se Esau era necio, o que disse no coração , pode se-lhe ouvir na boca: grande coração deve ter hum necio, pois lhe

nãO

não cabe no peyto : no peyto poz a natureza ao prudente , & ao necio o coração ; mas a mim me parecia, que avendo de se quebrar esta ley da natureza, muyto melhor lugar era a boca para o coração de hum Sabio : que hum Sabio nos pensamentos agudo , nas sentenças ameno, nos discursos alto , nos juizos discreto tivesse a boca no coração , bellissima cousa fora, não nos dera tanto que entender o entendello; mas que hum necio insulso, & indiscreto tenha na boca a officina de tam grosseiras rusticidades? Que o Tejo, que cõ as suas areas doura os prados, & com a prata successiva de suas ondas lifongea as flores do campo, se acredite de correr com menos estrondo , ainda quando corre mais profundo: & que hum regato engeitado dos rios , & sem nome , se atreva a nos atroar os ouvidos, murmurando , ou porque se despenha, ou despenhando-se

porque murmura ? Que não baste a hum necio dar tantas vezes com a lingoa nos dentes , senão que atè nos dentes ha de dar com o coração: *In ore fatuorum cor illorum ?* Pois porque se ha de conceder este privilegio tam pouco merecido ao necio, & se ha de negar ao Sabio? E que vèturolosamente deu a razão Hugo Cardeal: *Quia verba improborum prius sunt ad linguam , quam ad libram; iusti autem , & sapientes viri prius cogitant, & deliberant quæ loquuntur.* O coração do necio (diz o Eminentissimo Cardeal) està na lingoa, & a lingoa do Sabio no coração; porque o necio como incon siderado , quando se acha sentido, & quer defafogar sua pena , não cuida o que diz ; antes de limar com o silencio a lingoa, lhe saem as palavras pela boca, porque sò trata de que defabafe a sua magoa: porèm o Sabio , & prudente tem a boca no coração ; porque ainda quando se sente ma-

Hugo
Card.
libic.

goado,

goado, se mostra emmu-
decido; porq̃ não quer di-
zer palavra q̃ não seja cõ-
siderada; primeiro faz re-
flexão no que ha de fal-
lar, & primeiro consulta
ao coração, o que a lin-
goa depois de bẽ limada
ha de dizer: *Prius cogitāt,*
& *deliberant quæ loquun-
tur*; & se o ter o coração
na boca, he argumento de
prudencia, & sabedoria, õ
que requintada ficou a
corda da prudencia com
que vos portastes, valero-
so David, à vista de huma
lança de treyção tam po-
litica de Saul, pois não sò
da boca, mas dos sentidos
todos entregastes a chave
ao coração! Grilhoens lhe
lançou vossa prudencia, cõ
que nenhum teve liberda-
de, para sair fõra a mani-
festar seu sentimento: *Da-
vid prudenter se gerebat.*

18 Segunda disputa:
O prudente neste mundo
em occasioens de sentimẽ-
to ha de fallar muyto, ou
ha de fallar pouco? Res-
ponde o silencio, que he o
segundo Academico: O

Tom. V.

prudente para provar de
sofrido ha de fallar tam
pouco, que nas mayores
ocasioens de sentir, não
ha de romper pela lingoa
mais que em esta unica
palavra: Seja Deos bem-
dito: porque he este ter-
mo de fallar o que consti-
tue a hum homem homẽ.
Na terra Oriental de Hus,
diz o Texto sagrado, que
ouve hum homem por
autonomia homem cha-
mado Job: *Vir erat in ter-
ra Hus nomine Job*: ho-
mem a quem não desva-
neceo a fortuna, nem in-
chou a abundancia, nem
deslumbrou a opulencia.
Tam cabal homem foy
Job, que de seu valeroso a-
nimo chegou Deos a fiar
a guerra com Lucifer ini-
migo o mais poderoso,
tẽdo pois Lucifer na mão
a permissão de Deos para
experimentar de Job o a-
lento, fulmina quatro ra-
yos, & já por mãos de Sa-
beos, & Caldeos, & já pela
voracidade do fogo, &
tempestade do vento, de-
generando a fortuna de

Job 1.
p. 1.

E mãy

mãe em madrastra, por quatro correyos informa a Job cô toda a pressa, que o vento arruinãdo os quatro cantos da casa lhe matara os filhos, o fogo lhe consumira os rebanhos, os Caldeos, & Sabeos lhe esterilizaraõ os câpos, roubandolhe os gados, & como se portou Job nestes trabalhos? Como se ouve nestas occasioens de mayor sentimento? Em que palavras desafogou a sua dor? Em que suspiros rompeo a pena, que lhe feria o interior de sua alma? Caso raro! Quando parecia, que Job nestes quatro correyos ferisse cô sentidissimos queixumes os astros, eu sò leyo, que se levantara com reportada prudencia muy animoso, protestando que tudo o que Deos dispunha era bê feito, & saindolhe sò pela boca hum Deos bemdito: *Dominus dedit, Dominus abstulit, sit nomen Domini benedictum.* O que prudente modo de sentir christãmente os

trabalhos! Já não culpo a Grecia em fingir com fabula, que padecendo Alcides doze trabalhos, as Divindades mentirofas lhe tresladaraõ os doze trabalhos a doze estrellas, a quem chamão os Astrologos doze Signos; tam bem remunerada era para com os antigos a paciencia, que cada acto de paciencia se estampava em hum estrellas: tam galaradoado era para com os antigos o sofrimento, que por cada sofrimeto se dava hum astro; mas a verdade he, que doze trabalhos em Hercules he trabalho; a fabula, & passar Hercules pela paciencia de homem a Heroe, he trabalhada quimera; mas portarse Job nas mayores occasioens de sentir, & penar como homem homem, he fê inculcada canonicamente por São Tiago: *Sufferentiam Job audistis: & portarse David na lançada da treyção politica, que lhe atirou Saul, com admiracão de todo o homem, he* verda-

verdade que dicta o sagrado Texto: *David prudenter se gerebat.*

19 Terceira disputa: Adonde se mostra o animo de hũ prudente mais real, & soberano: na liberalidade que exercita, ou na prudencia discreta cõ que sofre? Responde a paciencia, que he o terceiro Academico, que na prudẽcia com que sofre: mais mostra que he Rey o que mais sofre, que o que mais dà. A cinco mil homens sustentou Christo com toda a grandeza no deserto, & dandofelhe a aclamação de Rey, de todos muy applaudida, diz o Texto sagrado, que o Senhor a não aceitara: *Fugit in monte*, porẽm do mesmo Texto nos consta, q̃ quando na Cruz lhe daõ o nome de Rey, Christo o aceita: *Jesus Nazaremus Rex.* E pois que he isto? No deserto regeita Christo a Real investidura, & na Cruz aceita o nome de Rey, que se lhe offerece, sem repugnancia? Sim; porque na

Cruz soffria como prudente os aggravos, & injurias, que lhe faziaõ seus inimigos, com paciencia; no deserto dispendia com liberalidade as iguarias aos convidados: & quiz-nos ensinar o discretissimo Mestre, que não era tam merecedor de empunhar o cetro de Rey, o que mais dava, senão o que mais soffria. He verdade, que a paciencia, & a liberalidade saõ attributos que constituem a hum Principe, mas não resplandece tanto a soberania nos lanços da liberalidade, como nos actos da paciẽcia: mais soberano Rey se mostra a quelle, que tem mayor coraçãõ para soffrer aggravos, que o que tem mais largas mãos para repartir beneficios. Muytos beneficios recebeu Saul da liberalidade de David, & muytos foraõ os aggravos que soffreo David a Saul; porẽm a realeza do animo de David não realçou tanto na liberalidade q̃ exercitou, quanto na reporta-

da prudencia com que a Saul soffreo: *David prudenter se gerebat.*

20 Quarta disputa: Aonde tem hum animo prudentemente generoso mais que soffrer: na occasião em que o meu inimigo mais me offende, ou na occasião em que o meu amigo toma por mim a satisfação da offensa? Resolvem os Academicos de commum consentimento, que quando o meu amigo toma por mim a satisfação. Pergunta Tertulliano aonde padecêra Christo Redêptor nosso mais em todo o tempo de sua payxão, na Cruz em que se cravou o seu corpo, ou na ferida, que São Pedro fez a Malcho? E assêta, que na ferida de Malcho: mais magoou Pedro o sentimento de Christo com o golpe com que a Malcho ferio, do que o lastimaraõ as espinhas, & o atormentaraõ os cravos. Parece grande hyperbole do encarecimento: mostremos como he pensamento bem fun-

do na authoridade do eloquente Africano. *Taceo quod figitur*, diz o Grãde Padre, *patientia Domini in Malcho vulnerata est.* Advirtão agora bẽ: Christo na Cruz, & em todos os mais tormentos, que em sua payxão padecio, satisfazia a seu Eterno Pay pelos homens soffrendo, & soffria bem a crueldade dos cravos, o penetrante das espinhas, & a dureza do lenho de que pendia, com a paciencia, porque esta lhe adoçava as penas; porẽm na ferida que Pedro fez a Malcho sô por satisfazer a Christo, nessa mesma satisfação ferindo, lhe ferio a paciencia a Christo, porque queria o Senhor levar tudo soffrendo, & assim nas penas, que pregado na Cruz soffreo, ganhou pela paciencia muytos creditos, & na ferida que fez Pedro por seu respeyto, expoz-se o credito da sua paciencia a q̃ ficasse com a censura de alguma impaciencia me nos ayroso; & era tanto o

Tertul.
de
Pati-
ent.
cap.
13:

que

que a paciência acredita-
va a Christo ; prezava-se
tanto o Senhor de se mos-
trar nas mayores occasiões
de sentimento sofrido , que
verse exposto à menor no-
ta de impaciência o seu
credito , foy para a sua es-
timação o golpe mais lasti-
moso ; como se Christo
disse: Que levando eu os
tormentos mais deshuma-
nos com tanto alento: que
sofrendo eu pelos homens
as penas mais excessivas
com tão gosto, me offen-
da Pedro tanto o gosto, &
me fira tam vivamente o
sofrimento , quando cuida,
que em tomar por mim
satisfação, como meu ami-
go, me dà gosto! oh que es-
sa satisfação he para o de-
sejo que tenho de padecer
muy ardête, o golpe mais
penetrante; porque os ou-
tros tormentos ferirão-
me no corpo, essa satisfa-
ção deu à minha pacien-
cia hum cruel golpe no
credito : *Taceo quod figi-
tur : patientia Domini in
Malcho vulnerata est.* Esta
he pois a razão, porq̃ offe-

recendo-se alguns vassal-
los mais amantes de Da-
vid , a tomarem por elle
satisfação dos aggravos
que lhe tinha feyto Saul,
David o não consentio;
antes por não offender a
sua paciência, à lança, que
lhe tira Saul da treyção
politica, responde com a
corda da prudência repor-
tada: *David prudenter se
gerebat.*

21 Ultima disputa:
Quem tẽ mais que sofrer:
o melhor, ou o peyor , o
mais ordinario, ou o mais
unico ? Assentão os nossos
Academicos com prudente
acordo, que o mais uni-
co ; porque ao mais unico
he que està avinculado o
mayor sofrimento. Des-
creve o Esposo nos Can-
tares as singulares, & gen-
tilissimas partes da sua
mais querida , & prezada
esposa, & eu reparo , que
depois de a assemelhar à
belleza da Aurora , à fer-
mosura da Lua, & ao res-
plandor estremado do Sol,
logo acrecente , que he
terrivel como hum exer-
cito

Cant.
6.
v.9.

cito bem ordenado: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*. Não acabo de entender a propriedade dos epitetos: o Sol em conjunção com Marte? Estrondo de guerra com o luzimento, & agrado do Sol? Sim, por isso mesmo que he Sol, diz São Bernardo: *Tu Solifola*. He o Sol entre todos os planetas o mais unico; pois que duvida, que com o agradavel de sua fermosura, & com o realce de seu luzimento se avião de encontrar os horrores da guerra, & à singularidade das suas prendas se avião de ver oppostas as armas? Não he a luz a que se oppoem às trevas, as trevas são as que encontraõ a luz; o Sol não he o que eclipsa as nuvens, as nuvens são as que eclipsaõ ao Sol; mas não fora o Sol unico, & logo não padecera eclipses, nem chegara a se ver feyto alvo de tantos tiros: as partes naturaes que vos ornão, são partes judiciais que vos accusaõ: se resplã-

deceis estremado nos dotes da alma, ou nas qualidades do corpo, estai certo, que quanto tiverdes de luzes, tanto podeis promettervos de rayos: sois unico nas prendas, sois unico nos talentos, sois unico na fidalguia, sois unico no valor, sois unico nas letras? pois àlerta, q̃ contra vòs se hão de formar exercitos, como se formão contra o Sol: não vedes as muytas contradichoens, que o Sol padece, & as rigorosas pêssoens com que a mesma natureza o encontra? Apenas começa o Sol a fazer como gigante o seu ardête curso pelo Zodiaco, quando logo na primeira carreira se vê encôtrado não menos de grosseiras nuvens, & descomedidos vapores, que feyto alvo de todos os signos celestes; & porque ha de ter o Sol, sendo hum planeta tam prendado, & para todos tam benefico, mais oppoziçoens q̃ os outros planetas? Sabeis porque? Porque o Sol he o mayor planeta, he

he entre todos os astros o mais unico : *Luminare maius*. Ah-sim ? pois não ha remedio Sol: dispor ao sofrimento, ou não aveis de ser o mayor, & lograr os privilegios de unico; ou aveis de ter paciencia, porque vos não hão de faltar encontros que vos molestem, nem tiros que vos perfigão; que he rigorosa, mas certa pensão dos que são melhores, & unicos, o terem mais que sofrer: & porque David era em tudô unico, por isso foy o que mais soffeo as sem-razoens, & lançadas de Saul; mas que prudente se mostrou em tantas occasioens de sentimento! *David prudenter se gerebat.*

§. V.

22 **O**Ra parai já generoso, & prudente David com o toque da vossa cithara, que em outra mais sonora cithara, ferida cõ as mãos da mayor crueldade, se

verà hoje a corda da vossa prudencia mais requintada. Foy David huma verdadeira sombra de Christo atado à columna; pois se com hũa lança da treyção politica acometeo Saul a David: *Saul cogitabat tradere David in manus Philistinorum*; também Pilatos, presidente que então era de Jerusalem, com huma lança da politica treyção entregou a Christo açoutado, & deshumanamente ferido a seus inimigos: *Jesum autem flagellatū tradidit eis*: o pretexto foy de piedade muy compassiva; a intenção foy no effeito a mais barbara, a mais impia, & a mais deshumana: *Ideo Pilatus flagellavit* (disse nel-
 te passo a glossa) *ut satiati Judæi ejus mortē amplius non sitirent.* He verdade; que por huma parte não desejava Pilatos renderse à injustiça; mas como por outra aspirava o applauso, & gosto do povo Hebreo, só por lifongear, & agradar aos que a altas vo-

zes bradávão, que morrefe o mais innocente Abel, determinou com tyranna, & sacrilega barbaridade, que o Clementissimo Jesus atado com fortes cordas, & cadeas a huma columna fosse açoutado pelas violentas mãos de feus inimigos. Ha piedade mais impia? Ha resolução mais atreyçoada? E como se portou a prudencia do melhor, & sofridissimo David neste passo de tanta ignominia? Cõ que paciencia levou esta tam penosa injuria? Tam heroico foy o sofrimento, com que o Senhor nesta occasião se portou, que soffreu, sem dizer huma sõ palavra, nem se lhe ouvir hum sõ gemido, que o atassem despido como ladraõ em huma columna à vista de todo hum povo, sendo Senhor de tudo, & nella o açoutassem, & ferissem como escravo, sendo Senhor de todos. Esta he, Catholicos, a luctuosa pintura, que hoje dos vossos olhos ha de ser vista; & passo he

este de tanta lastima, que eu me não atrevo a ponderar, & o discurso me chega a esmorecer; com que não averà olhos tam obstinados, a quem se não rebellem as lagrimas, nem coração mais duro que hũ diamante, & mais rebelde que hum penhasco, que se não enterneça à vista de hum espectáculo, como he Christo açoutado a huma columna, tam lastimoso.

23 No deserto se achava là o povo Israelitico, sem ter huma gota de agoa para satisfazer a sede em que ardia; pegou Moyfes daquella sua mysteriosa vara de tantos prodigios obradora, & aos dous golpes com que ferio a penha, se defatou esta em tam copiosas correntes a pesar de sua dureza, como se fora huma levada do rio mais caudalosa: *Percutiens bis silicem, egressa sunt aquae largissime.* Ha caso mais raro? E que mysterio averia, para que huma pedra sendo

tam

Num.
20.
r. 11.

tam fecca por natureza chegasse a se desfazer em fontes perennes? O mysterio he, diz São Macario de Filadelfia, que esta pedra ferida por Moyses com a vara, era imagem expressa de Christo ferido com tantos mil golpes em huma columna: & não ha coração, ainda que seja que huma pedra mais endurecido, que se não defaça em lagrimas com a lembrança dos açoutes, que o Clementissimo Jesus recebo por amor de nossas culpas; porque se atè huma pedra com a memoria de Christo à columna, que era o figurado, se vê chorosa: *Egressæ sunt aquæ largissimæ*; mais duro serà que huma pedra o coração, que hoje não chorar à vista de Christo tam lastimosamente ferido.

S Macario de Filadelfia in or. Exaltat. Cruc.

24 Ora chegemos todos, & vejamos, não se muytas lagrimas dos olhos, assim atado à colūna a este divino Hercules, lançando o non plus ultra de

suas finezas: ouçamos o som dos golpes, que he como de chuva desfeyta em tempestade de nuvens: compadeçamonos de suas dores: se innocentes, lavemos com lagrimas aquellas chagas: se peccadores, lavemo-nos com aquelle Sãgue. Ah Jesu amorosissimo, vida de minha alma, & medicina de meu coração: aqui me lanço todo chagado a vossos pès, & beyjo esse chão regado cõ o precioso Sãgue de vossas veas: aqui abraçado com essa columna adornada de preciosos rubis chorarei minhas culpas, minhas ingratis, & atreyçoadas lifonjas, q̃ são os tyrannos que tam cruelmente vos ferem: de chaga em chaga, como Abelha de flor em flor, andarei gostando a suavidade de tanta doçura; & já que em vosso Sãgue consiste o meu remedio, venha sobre mim huma gota desse roxo balsamo, cõ que se curarã as chagas de minhas culpas envelhecidas. Ora dai-nos

nos a cada hum de nós ò immaculado Cordeiro essas cordas, & cadeas com que a tyrannia a essa columna vos tem atado, que essa tão grãde descortesia a nós peccadores se deve por castigo, & em vòs innocentissimo se pizerão por erro. Oh que lastimado, que ferido, & que despedaçado estais Jesus do meu coração! & como de assim vos ver, o coração se me não despedaça, & em pedaços pelos olhos me não fae desfeyto? Ah Catholicos peccadores, vede que inundação de golpes causaráo tantos mil açoutes. Vede que mares de sangue brotarão daquelle corpo innocente. E serà crível, que com o Sangue deste divino Cordeiro se abra

mande, & que os nossos coraçoes com elle se não abrandem? Ah não seja, não assim; lastimemo-nos todos daquellas chagas, enterneçamo-nos daquelle Sangue, mostremo-nos de aver offendido a este Deos tam amoroso grandemente resentidos; todos vos damos meu doce Jesus essas feridas, esses golpes, & esse Sangue em satisfação de nossas culpas, a enormidade destas vença Senhor a grandeza de vosso amor; por esses membros feridos; por esse corpo despedaçado, por esse sangue vertido, por essas chagas abertas, & por vossa paixão sacratissima, vos pedimos perdão de todos os nossos erros, perdão, meu Deos da minha alma, misericordia Senhor, misericordia.





TERCEIRA TARDE
 DAS DOMINGAS
 DA
 QUARESMA.
 AVE MARIA.

Tenebat ... Saul lanceam : David tollebat citharam.

I. Reg. 16.v. 18.

ROMPE da mais regalada porção da terra, & do mais regado triângulo de hum jardim : que rompe? O mais fidalgo fãgue das flores, quero dizer a Rosa, Rosa q̃ cõ tanta magestade rompe, que cada respiração he huma peça de purpura, & cada espinha huma companhia de guarda. Ella tam pom-

posa, que sendo toda folha, faz o mais fesudo papel da gentileza, sem que se desvaneça na folha, por q̃ se qualifica na fragrançia. O prado a tem por seu rayo : o Sol por seu riso : a aurora por cor do seu rosto: Abril pelo melhor vestido; & Mayo pelo methor toucado. Pudica natureza lhe chamou hũ discreto ; outro lhe chamou fermosura sobrefalrada:

tada : ambos os ditos são de cortesia ; porque tanto se peja a natureza de facilitar bonina tam prezada no campo , quanto se sobrefalta a fermofura, de se trilhar na rustica descortesia de hum arado. Convidada da barateza com que se colhe a Rosa, se cõfia huma mão a cortar da roseyra hum pè, assim para lisongear ao olfacto, como para dar à Rosa decente trono nas palmas. Aqui offendida insensivelmente a Rosa , transformando toda a folha em lingoa, & toda a espinha em calumnia , adoesta a lealdade que a colheo , de homicida, a confiança que a roubou, de pirata , & a mão que a enfeita, de inimiga; & como na mesma mão que a preza, de natural accidente desmaya , & quasi mortalmente descõra a tom de melindrosa enfermidade ; appellida de tyrannia a mesma medicina, que saudavelmente a degola, & chama de crueldade a mesma lanceta , que

medicinalmente a desangra. O' injusta calumnia da Rosa contra a mão, que a entroniza ! O' injusta queixa da doença contra a mão, que a preserva ! Ah Saul, que gravemente enferma se arremeça esta lâça! Ah David, que sabiamente fisica se ponteia esta cithara!

Quare sic illuifisti mihi , & dimifisti inimicum meū?

2 Medicinal antidoto se portava David , tocando a cithara contra a doença de Saul no paço; peyto de fiel prova se mostrava David , sustentando com fama o exercito de Saul no campo. Porém vendo Saul , que fidelidade tam provada, nem na lança da enveja se defluzia, nem na lâça da treyção se desfodourava, tirando a enveja soberba, & a treyção politica a mascara, publica , & impiamente inteta por assassinos dẽtro de sua casa tirarlhe a vida. Tem noticia de tam per-

verso

verso intêto Michol, filha de Saul, molher de David, & guardando, como devia, por matrimonial contrato observar mayor fe ao esposo, que ao pay, salva a David de noyte por hũa janella, & fecha totalmente ao homicido intento de Saul a porta. Valente molher ! Masculino lanço! Graõ pè de janella, se for para salvar a David, & não para perder a Saul. Vendo Saul frustrada sua impiedade, & seu destino illuso, assim calunnia a David na face de sua esposa Michol: *Quare sic illusisti mihi, & dimisisti inimicum meum ?* Dize Michol, como sendo filha zôbaste do pay, & salvando a teu esposo, me não salvaste do mayor inimigo: *Et dimisisti inimicum meum?* Reportate, reportate, desmedido, & descomedido Saul, reportate: David inimigo teu ? O' calunnia, & a mayor calunnia! Teu inimigo David, que desdo engenho à arte se occupa gostosamente em te alli-

viar com a sua cithara, quando invadido do mau espirito temias em cada instante o ultimo da vida? Teu inimigo David, que desprezãdo perigos te segura a campanha? Teu inimigo David, que te deu a mais celebrada victoria? Teu inimigo David, que com o tiro de huma funda te aperta na cabeça a coroa, & com huma sô pedra te edifica a Monarquia? O' infosfrível lança a da calunnia ! O' infoportavel lançada a da lingua! Ora já que huma lingua sem freyo põem a boca no Ceo, venha cahindo a calunnia afrontosa deste tecto para o theatro.

§. I.

3 **I** Nevitavel he o peccado da lingua, & nesta Corte dizem que he inevitavel, porque ninguem ha que escape de seus golpes: he huma lingua maledica, & descomedida, huma praga que tudo roe, he hum fogo que tudo abraza, he hum rayo que tudo destrõe, & assola;

&

& não fallando já na lingua afrontosa, a mais avizada lingua, a lingua mais entendida, & discreta, se falla com inimizade, alancea. O' cruel lança! O' incuravel lançada! A lança da lingua dà lançada que corta, dà lançada que fere, dà lançada que trespassa, dà lançada que mata, dà lançada que sepulta. Vamos vendo estas lançadas. Dà a lingua lançada que corta? Sim, & não corta de vestir, corta de despir: he tisoura sem giz a lingua, porque sem gizar corta. Duas vezes pode David matar com toda a facilidade a Saul: a primeira, quando o achou descuidado no retiro da cova de Enggadi; a segunda, quando na Campanha o achou dormindo dentro da sua mesma barraca, & com elle a todo

1. Reg. 26. p. 7. o exercito: *Invenerunt Saul jacentem, & dormientem in tentorio, Abner autem, & populum dormientem in circuitu ejus*: nesta occasião contêta-se David

com tomar a Saul a taça, & a lança que tinha junto a si; da segunda tambem se dà por satisfeito com lhe cortar huma pequena parte da purpura; porèm eu não leyo, que de tomar a lança a Saul tivesse David o menor escrupulo, sò leyo, que o cortar lhe a orla, lhe causára na consciencia hum grande remorso: *Percussit cor suum David, èò quòd abscederit oram chlamydis*. Ha tal caso como este? E pois como assim? Tem David debayxo da lança ao seu mayor inimigo, & podendo lograr tam boa occasião em o matar, se mostra tam generoso, que lhe perdoa a vida, & sò de faltar seu animo tam justamente indignado com huma tam leve vingança, se confessa tam escrupuloso? Sim, que cõ o golpe que David lhe deu na purpura, lhe deu hum golpe a Saul na honra; o cortar lhe a purpura, foy diminuir lhe a fama; porque ficou Saul avaliado por indigno da coroa; não

não lhe cortou cõ aquelle golpe de vestir, cortoulhe de despir, porque o deixou defacreditado, desluzido, & exposto às calumnias da lingua: pois por isso lhe cortou a David o sentimento a alma; porque conheceo, que com aquella irreverencia, & afronta lhe cortara a Saul sem advertencia a fama. E que excellentemente Nicolao Pontifice em huma carta que escreveo ad Michaelem Imperatorem: *Percussit cor suum David, eò quòd abscidisset oram chlamydis, quia facta oris gladio ferienda non sunt.* Na purpura, diz este Author, se symbolizaõ as façanhas, & acções de Saul, & as acções alheyas não se hão de cortar cõ a espada da lingua, porq̃ heno cortar tam destra, q̃ se giz, nê advertência corta: por isso vemos a tantos despídos da fama, & da hõra, porq̃ ha tantos que cortão aos outros de despir com a sua lingua; & o peyor he, que nenhum remorso lhes causaõ estes

golpes na consciencia, cortando tanto a alma daquelles a quem infamão; pois já que foraõ imitadores de David no cortar, não serãõ tambem imitadores de David em se saberem arrepender: *Percussit cor suum David?*

4 Dã a lingua lâçada que fere, & dã peyor lâçada q̃ a lâça de ferro: a lâça de ferro fere hum corpo, a lâça da lingua fere hũa alma: sêpre as calúnias chegão à alma, & por isso são feridas que não tem reparo; a lança tem defesa, para a lingua não ha peyto de prova, porque as feridas que dà tocão na honra, & por isso mais penetrantes, porque ferem o mais vivo do sentimento. *Tuam ipsius animam pertransibit gladius:* Huma espada, *Luc. 2. p. 35.* Senhora, da payxão, & morte, profetizou a Maria Serenissima, Simeão, atravessarà a Christo vosso Filho, que he a vossa alma, porque como a alma, & vida vossa, nelle està empregado todo o vosso affecto:

P. Bar
radas
tom.
1. lib.
10. c.
3. item
Mald.
tom. in
Luc. c.
2. v. 5.
A La-
pide
Com.
in Luc.
c. 2. v.
35.

fecto: assim interpreta, & julga (que este he o sentido mais proprio , com que rectamente se deve interpretar este texto) o Doutissimo Padre Barradas insigne Expositor da Companhia de Jesu : *Rectius sic interpretabis : Tuã ipsius animam pertransibit gladius; hoc est, Christum, qui tua est anima, quia 3. item tamquam animam, & vi Mald. tam tuam illum diligis: per tom. in transibit gladius passionis, Luc. c. ac mortis. E que espada ouve na payxão, que ferifese a Christo? Alguns sentiraõ seguindo a versaõ in Luc. Arabica, como explica o c. 2. v. Padre A Lapide, que esta 35. espada fora a lança, que lhe abriu a Christo o peyto: *Per gladium Arabicus vertit lanceam*; porèm eu não entendo como possa isso ser; porque se o que abriu o peyto de Christo foy lança: *Unus militum lancea latus ejus aperuit*, como pôde ser espada? Outra foy logo a espada mais penetrante, que feriu a alma de Christo? Qual*

feria? São Agostinho a aponta: *Occidistis gladio linguæ*: Vòs ò Fariseos ministros da crueldade feristes a Christo com a espada da lingua: vòs com as afrontas, & calumnias que lhe dissestes, lhe abristes o peyto: a contumelia da lingua foy a peyor espada: a lança não passou de hum corpo: *Latus ejus aperuit*; mas a espada da lingua passou duas almas: *Tuam ipsius animam*. Dà a lingua com hum golpe lançada nos vivos, & lançada nos mortos: *tuam*, a vossa alma em corpo vivo: *ipsius*, a alma de Christo em corpo morto: emfim as contumelias, as injurias, & os opprobrios, que os de Jerusalé disseraõ a Christo, para acrecetarem mais suas penas, para avivarem mais suas dores, foraõ a espada com que feriraõ, & alancearaõ a alma de Christo, & lhe acabaraõ de todo a vida: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius: occidistis gladio linguæ*.

S. Au-
gust.
in Ps.
63.
p. 2.

5 Oh com quanta facilidade em duas palavras ditas com galantaria , em dous ditos picantes , & satyricos, com que aos homens alegamos, desgostamos gravemente a Deos, & ferimos muy sensivelmente ao proximo! Se ferir mortalmente ao corpo, he injustiça, que execução tam injusta , & tyranna ferà o ferir com a lança da lingua a honra daquelle, a quem era toda a estimação mais devida? O certo he, como reparou São João Chrysoftomo, que portando-se o melhor exemplar da paciencia o Santo Job , quando das adversidades da fortuna mais perseguido , com hũ tam heroico sofrimento, que não pode fazer mção alguma em sua constancia tam deshumano tropel de calamidades, que sobre elle descarregou o Ceo a diluvios, logo que se mudou a bataria , & das linguas maldizentes começaram repetidas offensas a alancear seu decoro , se

turbou sua valentia, fraqueou o incontrastavel de seu animo , & desmayou a generosidade de seu alento : *Num in eorum cantium versus sum , & factus sum eis in opprobrium?* Em quanto Job se vio sòmente feyto alvo da peyor fortuna, teve valor para se mostrar summamente sofrido, não se lhe ouvio da sua boca huma queixa; porém , tanto que se considerou das calumnias de falsos amigos motejado, que com pretexto de *Job 11. & mitigarem o sentimento, c. 19. & c. 22. & se ré per totum,* lhe estavam com repetidas injurias ultrajando o seu credito; quando se conheceo de ditos jocosos , & satyricos offendido; quando presumio que estava perdida a estimação de sua pessoa , & injuriada a sua fama, então foy , diz o eloquente Patriarca de Constantinopla , que se enfraqueceo algum tanto sua fortaleza , então he que desfaleceo o seu brio, porque cada palavra com que se presumia o consolação

lavão effes feus mal opinados amigos, era huma aguda setta, ou huma bem afiada lança, com que a sua maledicencia lhe atravessava com multiplicados golpes cruelmente o peyto: *Ubi verò exprobrare sibi amicos, atque insultare vidit, & malignā illā* 15. *in de se existimationē fovere...* cap. *tunc demum utique turbatus est vir ille maximus, ille fortissimus.* Palavras, que são do decoro offensivas, lastimão o coração com golpes mais penetrantes, que os tormentos mais graves. Por isso advertio o mesmo Chrysofotomo, que não canoniza Christo com o nome de Cortesãos do Ceo aos que padecem feridos das settas, ou despedaçados dos martyrios, senão aos que sabem tolerar opprobrios: *Cum maledixerint vobis homines, & persecuti vos fuerint, & dixerint omne malum adversus vos, &c.* porque na verdade tem estes não sei que fios mais agudos, que os alfanges mais afiados:

Non dixit: cum vos exagittaverint, atque interfecerint, sed cum exprobraverint vobis. Nescio quo enim modo omnibus penè rebus amariùs solent mordere maledicta. Chrysof. supra citat.

6 Ah linguas calumniadoras, & maldizentes! eu nesta materia vos advirto, que se com a lança da calunnia, & da satyra pertendeis picar, & ferir a opiniaõ, & a fama alheya, a vòs mesmos vos picais, & feris, em vòs hão de abrir effes piques as feridas mais penetrantes, & mortaes. De feus emulos diz Christo em figura por David, que o cercaraõ, & rodearaõ como Abelhas: *Circumdederunt me sicut apes.* Quem não ha visto a estas avesinhas como Viboras irritadas de offendidas? Já as vereis postas em ordem a tom de pelega, já formando guerreiras contra seu inimigo hum como volante esquadraõ, já por esta parte o cercão, já por outra parte o rodeaõ, já se chegãõ confada-

S⁷⁰
Chry-
sof.
Hom.
15. in
cap.
Mat-
th. 5.

Mat-
th. 5.
p. 11

fiadamente atrevidas , já se retiraõ timidamente covardes, já lhe atroaõ os ouvidos com huns descompostos, & desentoados clamores , com huns roncossufurros, já com seu agudo aguilhãoosinho acometem a picallo: ha tal caso? ha tal aparato de guerra? ha tal estrondo de milicia? & em que virã a parar todo este bellicoso estrondo? A experiencia no lo manifesta aos olhos. Não vedes que em picando as Abelhas lançaõ com as entranhas a vida? Pois tal he o maldizente fatyrico, que com as calumnias da lingua alãcea , & fere ao proximo: tam necio , que se pica a si por picar aos outros , que morre por morrer. Ah Abelhas necias, mordei embora, mordei, picai a fama, salpicai a honra , feri a opiniãõ , que a cada picada que dais, vos ides tirando a vòs mesmos a vida : picai, que vòs-outros sentireis feridas mortaes. Que horror? & que com ser isto assim, tam infaciavel se-

ja a fome, que tem muytos de infamar, que se não fartaõ de morder? Ora cesse já a lingua de se cevar no sangue ainda mais puro, de que os homens se alimentãõ, que he sua honra, porque desta he que no mundo se vive ; ponha freyo aos ditos de gracejo , que lhe saem pela bcca, & com que despreza ao proximo, advertindo, que igual castigo merece, quẽ com effeito fere , que quẽ com a lança da calumnia offende , como offendeo Saul a David chamando-lhe seu inimigo: *Quare dimisisti inimicum meum?*

§. II.

7 **D**A' a lingua lâçada q̃ trespassa. Trespassa a infamia de hũa casa a outra casa, de hũ povo a outro povo, de hũa provincia a outra provincia , & daqui veyo o chamar S. Tiago à lingua *Epist. B. Jacobi c. 3. v. 8.* mal inquieto : *Inquietum malum* , tam vivo , tam ligei-

ligeiro, tam penetrante, & veloz como o pensamêto, que em hum instante rebenta, salta, sahe, & corre de huma para a outra parte: a calumnia, & infamia que dissestes hoje do vosso proximo em casa do amigo, do parente, & do conhecido, quãdo vos não percastes, tem penetrado os clauftros dos Conventos mais retirados, tem corrido as praças mais publicas, tem entrado livremente pelos estrados, & guarda-roupas mais escôndidas: o vituperio ignominioso com que hoje dedourastes na conversação a algum fogeito, sabeis, que à manhã se tem já apoderado tanto do conhecimêto de todos nesta Corte, que della com toda a pressa ha de trespassar aos fins ultimos do Reyno de Portugal; em breves dias ha de trespassar a França, de França a Roma, de Roma a toda Italia, & de Italia ha de chegar atè as Indias. Terrivel trespasso, & tam formidavel do mais alen-

tado animo, que para poder atalhallo, lhe buscou David remedio, & Deos o defenganou, que o não avia: *Domine libera animam meam à labijs iniquis, & à lingua dolosa!* Ah Senhor, pedia David a Deos, reparaí os danos, que me faz huma lingoa afrontosa, daime Senhor meu hũ forte escudo com que possa rebater os seus golpes. Ouvio Deos ao Real Profeta: *Exaudivit me;* deferio porèm à sua supplica? Ouçamos de Deos a resposta: *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi?* David, que remedio quereis q̃ vos dê, ou que medicina se poderà applicar, para que perfeytamente se cure a chaga viva, que abre o golpe de huma lingoa maldizente? Persuadivos, que não he facil de desco-brir; porque a setta da lingoa fere com o ferro, trespassa a infamia com a pluma, & com o carvão tífna a honra: *Sagittæ potētis acutæ cum carbonibus desolatorijs.* He o trespasso que
faz

faz a lançada da lingua na fama , como o trespasso que faz o veneno da Serpente em hum corpo ; & he a razão que teve Santo Agostinho para chamar à lingua de hum calumniador Serpente que tem peçonha : *Serpens est dolosa lingua , venenum habet.* Mordeu-vos hũa Serpente em huma mão, em hum instante trespassa a peçonha da mão ao braço, do braço ao corpo, do corpo ao coração, & em vos chegando ao coração , começais a estalar com dores , & ancias , atè que brevemente , sem esperança de remedio , acabais de todo a vida : eis-ahi pois qual he o veneno da lingua , diz São Jeronymo : *Serpens , & detractor æquales sunt ; quomodo enim ille mordens venenum infert , sic iste detrahens pectoris sui virus in fratrem effundit.* Quando calumniais ao proximo em sua ausencia , supponde, diz David , que sois

Tom. V.

Serpête, que fagazmente, & sem se sentir o mordestes , & inficionastes com huma refinada peçonha ao veneno do Aspide muy parecida : *Venenum Aspidum sub labijs eorum.* O Aspide tem o veneno de bayxo da lingua , & he o veneno tam pestifero, que logo de improviso mata, causando agudissimas ancias , as mais exageradas penas , & penetrantes dores de morte ; porque he veneno , que consome o coração de tal sorte , que parece todo em hum vivo incendio se abraza ; pois eis-ahi o que faz a lingua ma'edica, he veneno mortal , que acaba sem remedio com a honra, com a fama, com o ser, & proceder do proximo mais justificado, & honesto , causando he excessivas penas, & cortandolhe a alma com as mais penetrantes dores. Ah quantas pessoas perderão a vida pelas calumnias que dellas se hão dito, & pelo mundo se tẽ espalhado , julgando por

F iij mais

Sanct.
Aug.
tom.
8 fol.
308.

S. Hieron.
tom.
7 fol.
93.

mais toleravel refugio o morrer, que viver com o trespassso da infamia em que as poz huma lingoa afrontosa!

8. E notem, que o trespassso que faz a lingoa cõ a infamia, não he com hũa só feta, mas com duas: *Sagittæ potentis acutæ*: he a lingoa o arco de que despede o maldizente as fetas ervadas, quaes são as calumnias: & pois não bastava que a lingoa com huma só fetta offendesse, he necessario, que para fazer mal se converta em muytas fettas, & q̃ as despida com huma mão poderosa: *Sagittæ potentis acutæ*? Sim, que huma fetta, ainda que se despida com toda a força, não tem para matar mais que a hum só homem efficacia, porém a lingoa maledica, quando trespasssa com o golpe da infamia, de hum só golpe fere, & mata a muytos homens: *Sagittæ potentis acutæ*. Ah lingoa infame, & atrevida, quem te cor-tára, & arrancára de todo,

& não trespassáras tanto! Hum conselho quizera eu dar a todos os que me ouvem muy proveitoso, & de alguns muyto às suas custas experimentado, & he, que para de algum modo poderem evitar a lançada que dà a lingoa com o trespassso da calumnia, se não fação aventureiros no que pertence à sua fama: quero dizer, que não dê occasião a que lhes divulgue por toda a parte o maledico, o que só parece leve defeito; porque não poucas vezes muy pequenas apparencias bastão, para hum homem fazer na reputação lamentavel naufragio. Que mó-ta que algumas acçoens, & palavras vossas menos ajustadas, só pareção ligeiras culpas, & não passem de leviandades, se com tudo com ellas vos expondes, a que fique menoscabado o vosso credito, & dais occasião à liberdade da maledicencia, a que falle livremente em toda a Corte da vossa fama, & com

com menos decoro da vossa pessoa ? Ora acabai de vos persuadir, que para o calumniador abrir a boca, não he necessario mais que huma só sombra de defeito, para que espalhado por ella, viva hum fogueito em huma Republica não bem opinado.

9 Tratando o Profeta Amos da facilidade com que as cousas ordinariamente se divulgaõ, diz, que basta o ranger a porta do templo, para se fallar nisso em toda a Cidade:

Amos

8. v. 3.

Stridebunt cardines templi in omni loco projicietur silentium. Rangerem as portas do templo, bem fraca materia he, para os homẽs se occuparem em fallar nella sem todo o lugar; porque todos andão occupados, & entretidos no que mais importa à sua propria conveniencia; que discurso logo seguiu o Profeta, para dizer que basta huma tam leve materia, para os maldizentes porem nella a boca ? São Jeronymo, Theodoreto,

& outros Padres differaõ, que o discurso fora este: Porque no tempo em que a Cidade de Jerusalem fosse entrada dos inimigos, o mesmo avia de ser arrombarem elles a porta do templo, que degolarem milhares de homens, & molheres, que a elle se avião de acolher, com que as praças, & ruas se encherião de lastimosos ays, & tristes gemidos; porem ainda fica lugar, para dizer, que o discurso fora, porque a malicia, & murmuração humana andão tão refinadas, que basta de noyte o ranger a porta de huma casa tam santificada como hum templo, para porem em pès de verdade, que a porta se abriu, & que a porta se fechou, que entrãõ estes, & que sahiã aquelles, & que na verdade ouve culpa, onde não podia aver nem ainda de desordem o menor vestigio. Se não queremos pôr em contingencias a nossa fama a que fique mal reputada, não demos oc-

cafião, ainda do mais leve escandalo, à maledicencia; porque se esta he tam arrojada, que ainda sem nenhum fundamento infama, & trespassa com a lançada da calumnia ao que sò por culpa imagina; como perdoará em divulgar, & arguir ao que por defeito na apparencia se representa?

§. III.

io **D**A' a lingua lançada que mata; & causa com a sua calumnia hũa morte muyto mais cruel, que o mesmo inferno: o Espirito Santo o certifica por Salamão: *Mors illius, mors nequissima, & utilis potius quam infernus*: peyor que o inferno a lingua do maldizente? & isto como pode ser? Se o inferno para rigoroso castigo das culpas dos maos he destinado, como se pòde a lingua contumeliosa do maledico antepor a este tor-

mento? Da-se por ventura o inferno na violencia com que atormenta; da lingua de hum maldizente por vencido? Assim passa: porque o inferno atormenta sò aos maos; a infamia da lingua tambem allancea aos bons: o inferno aflige com o fogo aos peccadores; a lingua com a lança da calumnia, como com carvoens, que assolão, & deixão tñhada a honra, tambem infama, & mata aos Justos. Mas não se contenta sò a lingua do calumniador com dar lançada que mata; hum engano que induz ao proximo, hum testemunho que levanta, o mal que falsamente lhe persuade, he hum homicidio que cõmette. De Lucifer disse là Christo aos de Jerusaleem em certa occasião, que com elles argumentava com poderosa energia, que fora homicida no paraíso terreal: *Ille homicida erat ab initio, & in veritate non stetit*; & que arma de ferro, & que instrumento de fogo

fogo teve Lucifer no paraíso , com que matando fosse homicida ? Eu o não descubro no Texto sagrado; mas no pomo com que enganou Lucifer a Heva, o descobrio Santo Agostinho : *Non ferro accinctus Diabolus ad hominem venit: verbum malum seminavit, & occidit.* A Serpente enganou-me , diz Heva: *Serpens decepit me, cō hum falso testemunho q̄ deu: Scit enim Deus , quōd in quacumque hora comederitis ex eo, eritis sicut Dij scientes ;* & dar hum pomo com engano, persuadir o mal com hum falso testemunho , he dar huma penetrante estocada de homicidio: *Ille homicida erat ab initio,* o mesmo foy dar o Demonio este falso testemunho , o mesmo foy persuadir a nossos primeiros Pays, que comesssem da arvore prohibida, porque na mesma hora que comesssem ficariaõ iguaes a Deos na fabedoria, que logo matar ao homem : *Et occidit.* Donde se cuidão

algũs , que não cõmettem crime de morte , quando persuadem falsamente algum mal ao seu proximo, he grande engano, diz Santo Agostinho , porque he certo , que he crime de morte , & o mayor homicidio , & quando lhe não mateis o corpo q̄ he menos, sabei , que lhe matais de todo a alma que he mais : *Noli ergo putare te non esse homicidam, quando fratri tuo mala persuades: si fratri tuo mala persuades, occidis.* E que avendo tantos homicidios destes no mundo, não haja huma enxovia , em que se lancẽ à corrente estes homicidas maldizentes ? Que não haja grilhoens , & algemas com que se prendão estas lingoas, para que sefjão menos os testemunhos , que se levantem? Mas là lhes espera a marmorra do inferno , aonde com o cauterio do fogo que as abraze eternamente em pena da sua atrevida liberdade , se verãõ com todo o rigor reprimidas.

S. August. *Diabolus ad hominem venit: verbum malum seminavit, & occidit.*
 Thom. *Serpens decepit me, cō hum falso testemunho q̄ deu:*
 Genes. *Serpens decepit me, cō hum falso testemunho q̄ deu:*
 2. *Scit enim Deus , quōd in quacumque hora comederitis ex eo, eritis sicut Dij scientes ;*
 Joan. *Scit enim Deus , quōd in quacumque hora comederitis ex eo, eritis sicut Dij scientes ;*
 8. v. *Scit enim Deus , quōd in quacumque hora comederitis ex eo, eritis sicut Dij scientes ;*
 44.

Sanct. Aug. Tract. 43. in Euãg. Joan. cap. 8

Os homicidas da vida são nesta com graves penas punidos; os homicidas da fama, & da honra com penas mais graves são na outra castigados; porque quem ao proximo dà hum irremediavel dano, digno he de castigo sem remedio, que he o do inferno: *Reus erit gehennæ.*

§. IV.

DA' finalmente a lingua lançada que sepulta. No Psalmo quinto, se queixa David de que alguns maldizentes fazem de suas bocas sepulturas, para nellas infamando, enterrarem horas vivas, & desenterrarem ossos mortos; a estes taes pede a Deos com toda a instancia, que os julgue com todo o rigor de sua justiça: *Sepulchrum patens est guttur eorum, judica illos Deus.* Que das linguas diffamatorias fable este texto, he sentimento expresso de Santo

Psal.
5.

Agostinho: *Linguis suis, idest, linguis malis;* porèm eu reparo, em q̃ a estas linguas maledicas lhes não chame David sepultura fechada, & cuberta com a campa, como estava a de Lazaro, senão sepultura aos olhos de todos patente, & aberta de par em par:

Sepulchrum patens: que a mà lingua tenha com a sepultura huma grande semelhança, não tem duvida; porque se na sepultura vão parar todos os males, & nunca chegão os bens, tambem na mà lingua sô se achão defares do proximo que o desfourem, & não virtudes que o acreditem: se chegando à sepultura o mayor amigo, & ainda irmão, já causa asco, & já offede o olfacto com o seu mau cheiro, como Lazaro a Martha sua irmã: *Domine jam fœtet, quatri-duanus est enim;* tambem na mà lingua não ha amigo, que della não saya hediondo, nem ainda irmão, ou parente, que com o pestifero cheiro do discredito

Joan.
11.

credito se não veja inficionado: se a sepultura he hũ lugar, aonde não entra rayo de luz, senão trevas; se he o alojamẽto da morte, aonde bons, & mãos padecem o mesmo estrago, & todos saõ do cãcro, que roe, & despedaça aos corpos, alimento; na lingua maledica, & calumniadora, não entra fogeito, ainda que seja muy prendado, que fique lustroso, senão com tenebrosos eclipses denegrido: nella o que he mais sesudo incorre a censura de necio, o mais circunspecto se tem por altivo, o mais sofrido por covarde, o mais affavel por leviano, o mais liberal por prodigo, o mais modesto por tosco, o mais cortès por ligeiro, o mais bemquisto se tẽ por profano: nella o que anda, & vive mais retirado, he o que anda mais mordido; porque na sua boca se infama a viuva que se porta com mayor recato, & decoro; a casada mais leal a seu marido se apregoa por

adultera; a donzella mais casta se descompoem por lasciva; o Religioso mais reformado se manifesta por distrahido; o Sacerdote mais exemplar se avalia por depravado nos costumes; o mais amante, & zeloso da patria se declara por mais inconfidente, & treydor à Republica; emfim he a lingua diffamatoria huma sepultura, onde todos morrem para o lustre, & aonde a fama de todos se conserva sempre viva para o defeito mais desairoso.

12 Pois se tam parecida he com a lingua maledica a sepultura, porque se não contenta David cõ lhe chamar sepultura fechada, mas acrescenta que he sepultura aberta: *Sepulchrum patens est guttur eorum?* Sabeis porque? Responde com grande sutiliza S. Joaõ Chrysoftomo: Porque quiz significar o Real Profeta a mayor abominação da mã lingua, & que he mais perniciosa que a sepultura:

Ut

3
Chry-
soft.
com.
in Pf.
5. ibi.

Ut etiam significet maiorem esse abominationem. Expliquemos o dito do Grande Patriarca de Constantinopla, que não falla sem grande mysterio. Quando os corpos dos defuntos se sepultaõ, he grande o cuidado que ha em lançar sobre elles alguma cal, & terra, depois de sepultados, & de se lhes pôr hũa campa em cima bem fechada, com a qual siquem encubertos; porque como os corpos em se enterrando, logo se corrompem, se ouvesse em se fazer esta diligencia algum descuido, podera hum sô sepulchro causar em todo hum povo bem numeroso, com a sua corrupção, & pestifero cheiro hum grande contagio; logo o que abrisse hum sepulchro, que de muytos cadaveres está cheyo, abriria sem duvida huma porta, pela qual entrasse a peste em toda a republica; & tambem por sua conta era força que corresse todos os danos, & mortandades que dahi

se seguissem: este pois (diz a boca de ouro) he o effeito mais abominavel, & pernicioso, que quiz significar David, resulta da lingua diffamatoria, quando lhe chama sepultura aberta: *Sepulchrũ patens est guttur eorum*; porque devendo o maldizente lançar terra sobre os defeitos mais graves do proximo, para que com ella ficassem occultamente escondidos, abre a boca, para que se não mais divulgados, & espalhando-se o pestilencial cheiro da infamia por toda a Corte, se veção aos olhos de todos publicos, & manifestos: *Cum enim, saõ palavras do Santo, oporteret eos hujusmodi verba celare, illa etiam proferrunt, ut suum magis morbum ostendant.* Sepultura aberta he a lingua de hũ maldizente, & por isso mais venenosa, & nociva, que o veneno contagioso da peste; porque a peste com a morte com que acaba aos corpos humanos, remata a sua tyrannia, & com

São
Chry-
soft. in
Pf. 5.

côm a sepultura em que se enterraõ , poem à execução de todas as suas crueldades o ultimo termo, põrêm a malevola lingua de hum maledico, nos vituperios com que infama a hõra, & estimação do proximo , não tem limite; quando abre a boca , desenterra os mortos , para que as faltas, que em vida cõmettèraõ, & eraõ do povo ignoradas, resuscitãdo se divulguem , & as suas ignominias na memoria dos vindouros se eternizem : *Illa proferunt , ut suum magis morbum ostendant.*

§. V.

13 **E** Temos visto as lançadas , que dà a lingua; & a todas estas lançadas da lingua se vio exposto David, quando declarando Saul o veneno q̄ tinha contra elle reconcêtrado no peyto, lhe chamou afrontosamente seu inimigo : *Quare sic*

dimisisti inimicum meum?

Ora suspende Saul esse arremçado tiro da lança, porque de hum arremeço da calumnia afrontosa tiras cinco lâçadas tam difficultosas na cura , quam chegadas à alma. A tam insoportavel lança da calumnia afrontosa, responde David ponteando na corda da modestia agradeida: Saul chama a David seu inimigo: *dimisisti inimicum meum* , & David chama a Saul seu Rey: *Quis sum ego, ut fiam gener Regis?* O'Rey desagrade-

cido a tam grato vassallo! O' vassallo agradecido a tam ingrato Rey ! Que as mesmas razoens que Saul a estimar, & querer bem a David, o deviam obrigar, estimulem mais ao seu odio a se enfurecer! Mas de que me admiro, se estamos em hum mundo tam tyranno, em que dispender beneficios , custuma ser, multiplicar inimigos? Se o mesmo he repartir favores , que grangear pela mayor parte aggravos; porque

1. Reg
18.
p. 18.

Joan.
2.

porque ordinariaméte nasce o odio, daquelle mesmo motivo com que devia acabar. Là nas vodas de Canà de Galilea, mais celebres por sua falta, que outras por sua abundancia, diz o Evangelista São Joaõ, que pedindo a Virgem Senhora nossa a seu filho, soccorresse a necessidade em que se achavão os convidados, respondèra Christo à supplica, que ainda não era tempo de morrer: assim explica o Doutissimo Padre Barradas estas palavras fundado na authoridade de São Agostinho: *Nondum venit hora mea passionis, qua vinũ admirabile præbebo non habentibus, idest, sanguinem meum sub specie vini.* Notavel reposta a de Christo! & tam notavel, que a ser outro o que a desse, julgàra eu que divertido com os pratos, não pesàra as razoens, que se lhe propozeraõ, mas fèdo Christo, claro està, que com fgo trazia os acertos. Meu Senhor: o que vos

P.
Bar-
rad.
l. 3. c.
1. de
Nup-
tijijs
Cana
Galil.
Sancti.
Aug.
Tract
8. in
Joan.

pedem os convidados, he que lhes deis vinho, com que lhes remedieis a sua falta, & não que vos priveis da vida; como logo quando os aveis de remediar, respondeis, que não chegàra ainda a hora de morrer? O' não vedes, que este vinho era huma sombra do mayor beneficio, que Christo avia de fazer ao mundo no mysterio sobrelevado da Eucharistia? Pois atè a sombra de hum beneficio tam grandioso, que devia recobrar dos homens eterno agradecimento, basta para tirar a vida ingrathaméte a Christo. Com muyta razão logo ajunta o Senhor com a ostentação de seus favores, a hora em que ha de morrer à força dos mais deshumanos tormentos: *Nondum venit hora mea, illam hora passionis intellexit*; porque sabia muyto bem, que he tal a ingratição humana, que o retorno com que paga a Deos a divida mais amorosa, he huma tyranna correpon-

pondencia. Daqui vem, que a ingratidão he hum vicio, do qual o mesmo Lucifer se afronta : & por isso hum homem ingrato lhe pareceo a São Basilio muyto peyor, & mais para temido que o mesmo Demonio.

14. Falla São Basilio de Seleucia com Saul, quando quiz trespassar de hũa lançada a David, depois de lhe dever a segurança da Monarquia, & a honra, & o estar livrado do mau espirito com que vivia, ou morria tyrannamente opprimido, & diz assim: *Quomodo Dæmonem persequeris?* Vem cá Saul, diz Basilio; como persegues ao Demonio? Estranho modo de arguir! O Demonio perseguia a Saul, & Saul a David; porèm Saul ao Demonio, quem tal disse? Mas oh que disse Basilio, o que avia de dizer: *Quomodo Dæmonem persequeris?* Saul he o que persegue ao Demonio: & de que modo? & em que? Eu o digo: Quando Saul

ingratissimo arremeçou contra David seu bemfeitor a lança, estava já livre do Demonio; porque a esse tempo o estava aliviando David com a consonancia da sua suavissima cithara: donde aquella aleivofia tam ingrata, não foy impulso do Demonio, senão de Saul arremeço, o qual todavia fingindo-se ainda vexado, só a fim de dissimular sua malicia, queria que se attribuisse ao Demonio sua ingratidão, & porq̃ de hũa ingratidão tam feya, & enorme, como era a que usava Saul com David, atè o mesmo Demonio se afronta, eifahi o fundamêto que teve Basilio para chamar a Saul perseguidor do Demonio: *Quomodo Dæmonem persequeris?* Homem perverso, maligno, & o mais ingrato dos homês, a outro homem para cõtigo tam benefico, assim persegues? A quem cõ tâtos beneficios te tem por todas as partes tam obrigado, assim offendes? Pois adverte, q̃ o Demonio

não

naõ he tam mau, como tu te portas, nẽ tam ingrato como tu o pintas, pois à vista dos obsequios, que de David recebeste, procedes desconhecido com huma ingratiidãõ tam enorme, desmentes o ser de humano, & o Demonio se confessa de ti perseguido, & não menos afrontado, em lhe querer attribuir o que a tua malicia sò se atreve a obrar. *Quomodo Dæmonem persequeris?*

15 Esta he a ingratiidãõ, vicio de que o mesmo Lucifer mais se injuriã: & com esta ingratiidãõ pagou Saul a David as primorosas finezas, & beneficacõens, que por seu respeyto obrãra; mas se Saul como tyranno desprezador dos mais finos lanços com que David se portou sempre como seu vassallo amante, se mostrou seu ingrato correspondente; David a pesar da ingratiidãõ de Saul nem por isso deixa de lhe tributar adoraçoens como seu vassallo fidelissimo;

quando Saul se lhe mostrava mais ingrato, se quiz mostrar modestamente agradecido: *Quis sũ ego, ut sũ gener Regis?* Atada pois à terceira corda da cithara sahe hoje a gratidãõ a theatro. He a gratidãõ huma virtude tam prezada de Deos, que não ha para Deos sacrificio de mayor preço, que hum animo que se lhe mostra agradecido: funda-se esta mayor estima, em que a gratidãõ he a joya mais preciosa da alma, o mayor incentivo do affecto, o mais primoroso desempenho do beneficio, a mais evidente prova do amor, o primor mais verdadeiro do coração: ha tanta equivalença entre o amor, & o agradecimento, que o mesmo he ser agradecido, que ser amante. Aonde Christo se mostrou mais amante, foy no Cenaculo, quãdo instituiu o mysterio sobrelevado da Eucharistia: *In finem dilexit,* Ioan.^{13.} & ahi se mostrou mais agradecido: *Deinde gratias agens;*

agens, fregit, & dixit: Accipite, & comedite. Se no coração ha amor, logo o agradecimento fae do coração, & esse he o q̄ Deos mais estima. *Laudatio re-cti cordis*, diz o Expositor dos Psalmos, P. Lorino, & *gratiarũ actio, gratissimũ mihi sacrificium est*; mas como no coração de Saul reynava tam acceso o odio contra David, dahi naceo o mostrar-se tam ingrato; & como no coração de David vivia tam firme o amor com que prezava, & respeitava a Saul, dahi se seguiu o publicar-se vassallo seu o mais grato, & fiel: *Quis sum ego, ut fiam gener Regis?*

§. VI.

16 **H**Uma gratidão reconhecida pratica David para com seu Rey Saul, & huma devida gratidão nos intima para com nosso Rey Jesu Christo. Todos os crimes q̄ cõmettemos

Tom. V.

contra Deos, parece que tem escusa; sò no crime da ingratidão não admitto desculpa. Não ha peyores peccados, q̄ os peccados ingratos: são os peccados ingratos cõmettidos pelos attributos: não tenho pelos peyores peccados, os peccados q̄ se cõmettê pelo s Mandamentos; por peyores peccados na circunstantia tenho os que se cõmettem pelos attributos. Donde hoje sobre estes peccados cõmettidos pelos attributos se levantará a nossa catholica Academia com tres não menos plausiveis, que breves disputas; & como as disputas são de peccados, assistirnos-ha David tocando a sua cithara, para que ao som requintado da cithara possaõ os Academicos, que seraõ os peccadores, que tem sido a Deos mais ingratos, entoar o misere-re com os coraçãoes verdadeiramente contritos. O primeiro attributo de Deos he a verdade: na verdade, & veracidade de

G Deos

Deos se funda nossa fé; por isso confiamos em Deos, que nos ha de dar a posse da gloria, supposto o pacto que fez com nosos merecimētos, se obrarmos ajustadamente com seus divinos preceitos; porque a fé que temos na verdade divina, q̄ he infalivel, & se não pôde enganar, nos confia a que assim o esperemos: isto supposto, seja a primeira disputa: Qual he o peyor peccado: cair por covardia, ou cair por confiança? Eu julgo que cair por confiança, & a razão he; porque a fé confia, & peccar por fé, he o peyor peccado. Que devendo os homens fazer da fé motivo de fidelidade, para respeitar, procedendo bem, a misericordia, fação da fé motivo de confiança obrando mal, para aggravar a divina justiça, essa he a culpa mais grave: que hum homem caya em huma culpa por covardia, he desgraça, mas cair affiançado na fé que tem na misericordia,

he o peccado que Deos mais abomina, & estranha.

17 Apresentado que foy Christo Redemptor nosso a Pilatos, disse o Senhor ao Presidente estas bem mysteriosas palavras:

Qui me tradidit tibi, manus Jo. 19.
peccatum habet: aquelle

que a ti me entregou, esse ^{v. 11.}

he, diz Christo, o que cõtra mim commetteo o mayor peccado. Theophilato entende o dito de Christo do peccado de Judas: *Qui me tradidit tibi, idest Judas*; de sorte que pesado bem em fina balança o peccado de Judas em entregar aleivosamente a Christo, com o peccado de Pilatos em o sentenciar à morte, por mayor peccado avaliou Christo o de Judas, que o de Pilatos: *Maius peccatũ habet*. Mas como pôde ser mayor a graveza de huma entrega atreyçoada, qual foy a de Judas, para vèder ao Mestre mais amante, que a de huma condemnação à morte tam injusta, como foy a que

que deu Pilatos a Christo, conhecendo que era innocente? Pòde aver peccado mais grave, que sentenciar a hum innocente à morte? Responde Santo Agostinho, que mayor fora o peccado de Judas; porque Pilatos em condemnar a Christo à morte, peccou por covardia; porque se não atreveo intimidado a ir contra a vontade de Cesar, nem a quebrar com elle na amizade: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris*: Judas em vender a Christo tendo bolça, que Deos delle confiara, peccou por confiança, diz a Agua Africana: *Ille, qui consueverat de oculis pecuniam tollere, non dubitavit accepta pecunia Dominum vendere*; do dinheiro lhe fez Christo confiança, & Judas por dinheiro lhe traçou a venda: confiou Christo de Judas a bolça, & Judas por bolça o vendeo; pois por isso foy mayor a culpa de Judas, & menor de Pilatos o crime, porque peccar por respei-

tos humanos he fraqueza, em que pòde caber algũa disculpa; peccar por confiança, he infidelidade, que agrava mais exageradamente o delicto, porque he injuriar a verdade, & veracidade de Deos, em que se funda nossa fé, aggravando a Deos no seu primeiro attributo: *Maius peccatum habet.*

§. VII.

18

O Segundo attributo de Deos he a bondade; a esta bondade divina devemos os muytos favores, & singulares beneficios, que da mão de Deos recebemos: por isso Deos nos creou, por isso nos remio, por isso nos està conservando, porque he infinitamente bom; o que supposto, segue-se a segunda disputa: Qual he peyor peccado: cair por maldade humana, ou cair afeiçado na bondade divina? Cair afeiçado; porque o favor de

Gij

Deos

Sanct.
Aug.
Tract.
50 de
cap.
12.
S.
Joan.

Tertul.
lib. de
Pæn.c.
7.

Deos não vos ha de cõfiar para neciamente o offender: confiar em Deos offendendo-o, he venerar hum attributo com injuria de outro, he presumillo tam misericordioso, que possa ser menos bom. *Abfit ut aliquis interpretetur,* diz Tertulliano, *quasi ex redundantia clementie celestis libidinem faciat humana temeritatis*: Deos nos livre de sermos tam mãos interpretes de sua bondade, que nos sirva de tentação para offender com alguma culpa a bondade divina, & façamos costas a nossas temeridades com os continuos lanços de sua misericordia; antes avendo de temer a Deos, mayores motivos de receyo nos deve causar, quãdo se mostra com-nofco mais benefico, que quando se porta com-nofco mais rigoroso; porque mais he para temer de Deos hum beneficio, que hum trabalho. Duas vezes mais particularmente appareceo Deos a Jacob; a

primeira, quando andou lutando, & trabalhando toda huma noyte com elle em braços atè o romper da aurora: *Ecce vir luctabatur cum eo usque ad mane*, a segunda, quando em sonhos o divisou Jacob no topo de huma mysteriosa escada, que estava lançada da terra atè o Ceo: *Vidi in somnis scalam, & Dominum innixum scalæ*; mas com esta bem notavel differença, que na visão da escada acho a Jacob entrando de pavor, julgando o lugar da visão por lugar terrivel: *Pavensque, quam terribilis est locus iste!* & na occasião da luta acho a Jacob revestido de alento: *Invaluit ad Angelum, & confortatus est*; & pois q̃ he isto? hũa escada de Anjos he lugar terrivel, & huma palestra de braços he caso amavel: Sim, responde São João Chrysofomo, & que ajustada q̃ vê a sua reposta: *Stupens justus propter magnam misericordiam Dei timuit*. O caso he, diz gravissimamente o eloquent

Genes.
32.
v. 32.

Genes.
28.
v. 12.

v. 17.

São
Chry-
lost.
hom.
54. n.
cap.
Genes.
28.

te Arcebispo , que teme Jacob , quando vê a Deos na escada , & não teme Jacob , quando anda com Deos em braços na luta; porque na luta teve Jacob trabalho, ficou ferido , & manco: *Tetigit nervum femoris ejus , & statim emarcuit*; na escada experimentou a Deos tam benefico, q̄ não sô se contentou com lançarlhe a benção: *Benedixit ei in eodem loco*, mas até dormindo se dignou de guardarlhe o sono; & posto Jacob entre os mimos , & caricias que na escada recebêra de hũ Deos amoroso, & entre os golpes, & apertos, que na luta experimentàra de hũ Deos menos brando , julgou prudentemente, que era objecto tâto mais digno de temor hum favor de Deos excessivo , que de Deos hum grande trabalho, que não temeo a Deos no trabalho da luta de que sahio summamente lastimado : *Claudicabat pede* ; & teve grandes receyos no beneficio da es-

Tom. V.

cada, em q̄ se vio de Deos com excessõ favorecido: *Benedixit ei in eodem loco. Pavensque, &c.*

E a razão disto he: porque no trabalho da luta via-se Jacob em perigo de ficar vencido ; no beneficio da escada podia cõfiar na bondade de Deos mais seguro : o perigo fazia a Jacob temeroso; a segurança na bondade de Deos tornava a Jacob confiado: & quiz-nos advertir, que nos não deviamos de fiar indiscretamente em favores do Ceo, & na bondade de Deos, porque em grandes misericordias ensaya Deos muytas vezes grandes castigos. Grãdes foraõ os favores, q̄ Deos fez aos Israelitas , com grandes milagres , & prodigios os livrou do cativeiro de Faraõ em que se achavão molestados; & com tudo de tantos mil, que sahirão do Egypto , porque peccãraõ depois de tam grãde mercè, sô dous entrãraõ na terra da promissãõ ; libertou-os Deos por affli-

G iij gidos,

gidos, & depois castigou-os por ingratos; porq̃ peccar afiançado na bondade de Deos, he o mais ingrato delicto.

19 O terceyro attributo de Deos he a immensidade, com a qual corresponde Deos a todo o lugar: seja agora a terceyra disputa: Qual he peyor peccado: peccar por profano, ou peccar no sagrado? Peccar no sagrado; porque ainda que a Deos pela correspondência que tem a todo o lugar, em todo o lugar lhe he devido todo o respeito; com tudo das culpas, que cõmettemos nos templos que lhe são consagrados, se mostra Deos tam offendido, que não sô as avalia por culpas, mas por abominaçoens. Comunica Deos a Ezequiel a determinação que tem de desemparrar o seu templo, acode o Profeta todo zeloso dizendo: Que he isto Senhor? Quereis fair da vossa Igreja? E quem vos pôde obrigar a que

desempareis vossa casa?

Quem? As muytas abominaçoens, que nella se commettem, são as que a tanto me obrigaõ: *Videbis abominaciones multas, quas chiel. Israel facit hic, ut procul* 8. v. 6.

recedam à Sanctuario meo.

No templo abominações?

Sim, eu tas mostrarei, que

são as mais horriveis. Lança os olhos a essa parte do

norte, & dize-me, que he

o que nelle divisas? Ah

Senhor, que me foge o lume dos olhos, & não quizer

empregallos em semelhante objecto: vejo

huma numerosa multidão

de molheres, mentirosas

de atavios, & adornos,

desgrenhando-se os cabellos a prantos, abnegando-se em soluços, porque

lhe faltaraõ os correspondentes que lhe querião

bem, & fazem fabula seus sentimentos (que sô são

para fabula os prantos de algumas molheres) chorando a esquivança de

Adonis, mentido amante de

Venus. Põde ser mayor abominação, que chegar

nas

nas molheres a tanta hypocrisia o chorar, que em vez de abnegarem culpas em lagrimas, fação correte das lagrimas para que naveguem as culpas? E que emfim, pequem tanto em o que chorão, porque só choraõ, porque não peccão: *Mulieres sedentes, & plangentes Adonidem?* Parecem-te estas assistencias no templo abominaçoens? Pois *adhuc videbis abominationes maiores:* Abominaçoens has de ver ainda na minha casa mais feyas, & enormes: olha bẽ para esse templo, & diz-me, que he o que nelle advertes? Vejo, diz Ezequiel, por todas as sagradas paredes grande machina de savandijas, & animaes, & sobre o pavimento sagrado a setenta homens reverendos (dignos por suas veneraveis cans, por seus habitos, & officios de toda a veneraçãõ, pois são os Juizes que governaõ ao povo Israelitico.) Veneravel ancianidade se corresponderão

as cans à sua muyta obrigaçãõ, todos com incensarios nas mãos, fazendo ademanes ceremoniosos, & cada hũ delles mil sinaes a seus idolos, & isto Senhor com huma mesura tam descompõsta, como se vossa Soberana Magestade o naõ vira: *Omnis similitudo reptiliũ, & animalium, & universa idoladomũs Israel depicta erat in pariete, & septuaginta viri de senioribus ... ante picturas, & unusquisque habebat thuribulum in manu sua.* Que te parece Ezequiel? Não tẽ muy justa causa o meu sentimento? Não tenho bastante razãõ para me sair deste templo? Não me vãs à mão, que quero fique esta minha casa de todo destruida, para que ninguem já mais daqui por diante entre nella; basta soffrer a este tam ingrato, & abominavel povo as insolencias, que por là fõra cõmette, sem q̃ chegue seu descortès desafogo a capear suas maldades com o meu sagrado, &

com cor de quem vem à Igreja a dar-me cultos, na minha mesma presença esteja adorando idolos: já não hei de perdoar mais, pois não he justo soffrer, que ao templo, em que a mim sô se hão de dar adoraçoens, se me venhão a incensar savandijas tam profanas; que com os incensarios em as mãos se dirijaõ os fumos do coração a festejar seus empenhos; & que gritando até os Altares as lingoas, suspirem secretamente por seus idolos os peytos: *Ecce omnis similitudo reptilium, &c.*

20 Não he isto o que hoje succede no mundo, & particularmente nesta Corte? Quem averà, que o negue? Que profanidade mais abominavel do sagrado? Entrai por essas Igrejas em os concursos dos dias mais festivos, & vereis as abominaçoens que Deos sofre, & as profanidades com que o seu altar se offende: para alli se guarda a gala, & atè os

galâteyos na Igreja se sustentão, se por inconvenientes que ha, em vossa casa sustentar se não podem. Quantos vem à Missa, ao Sermão, & à festa, que parece vem convidados da devação de orar, & sô vem por incensar idolos do seu destemperado affecto? O eterno Arbitro, & Juiz de nossas acçoens, q̃o zelo da vossa casa vos accenda em justos enojos! grãde dor! Que a abominação mais escandalosa dos Hebreos profanos se haja tresladdo para os templos dos Catholicos, que devião ser os mais reformados! E como, Senhor meu, vos pedirà boa dita em os maos successos de sua fortuna, quẽ em lugar de vos obrigar cõ interiores suspiros, se atreve a vos vir fazer em vossa mesma casa tãtos aggravos? A casa de oração feita casa de negociação depravada? Ah Deos da minha alma, quãto nos sofre vossa heroica paciência, pois não empunhais cada dia, como hũa vez o fizestes

tes em Jerusalé, o açoute, vendo as aras dos sacrificios, & oraçoens feytas amphiteatros de monftruofidades! Como ha de fer, Catholicos, vossa oração efficaç, se vindo, diz Deos, a meus templos a pedir; hum exteriormente me adora, pofto o coração no idolo de fua torpeza, como se oueffe eu de licenciar a fua foltura? este me adora com a mira na eftatua de fua ambição; aquelle com os olhos no ouro de feu intereffe; & finalmente cada hum fò me adora pelo que o idolo de fua pertenção na fantasia lhe pinta: *Stantes ante picturas?* O' que defatino! O' que escandalo! Que na casa de Deos, aonde como Pay nos dà o fer da fua graça por meyo do Baptilmo, & renacemos com o mais illufre nacimiento; que na casa de Deos, aonde por meyo do Sacramento da Penitencia nos reftitue à fua amizade por noffos peccados perdida; que na casa de Deos, aon-

de nos pomos com elle à mefa, em que nos dà feu corpo sacramentado por celeftial iguaria; que à vifta, digo, de todas eftas finezas, o desprezemos, & offendamos! Não pôde aver ingratição, que a eíta feja igual.

§. VIII.

21

CAllo os mais peccados pe-
 los attributos, porque
 quizera côcluir eftas dif-
 putas com catholicamen-
 te vos advertir, que os at-
 tributos de Deos todos
 faem em beneficos lan-
 ços à força omnipotente
 do Sangue de Christo; &
 ferà o mais ingrato pec-
 cado contra Christo, que
 fendo feu Sangue precio-
 fo hum mar de graça, cui-
 de o peccador que tem
 neste Sangue hum largo
 Oceano para nadar na
 culpa. Qual ferà a razão
 porque o peccado de Ju-
 das foy o mais ingrato
 peccado? Sabeis porque?
 Ouvi a fua mefma confif-
 faõ: *Peccavi tradens san-* Mat-
 th. 27.
guinem iufti. Pequei entre- v. 4.
 gan.

p. 5.

gando o Sangue do justo: tendo Judas nas mãos o Sangue de Christo, que da sua salvação era o preço, as mãos largarão confiadamente do sangue o preço, & se cōdenarão no laço: *Laqueo se suspendit*: & que o Sangue de Christo, que he hum mar de misericordia, em que se avia de affogar o peccado de Judas, lhe servisse a Judas de mar em que perdesse a graça ! Que o Sangue de Christo, que he o mar fereño em que Judas avia de navegar para o porto da gloria, fosse para Judas hũ mar tempestuoso em q̄ fosse dar a travez na costa brava do inferno ! O q̄ desgraça ! O' q̄ ingratitude !

22 Ah Catholicos, não sejamos imitadores de Judas ingrato, sejamos sim imitadores do coração de David agradecido, mas para que este agradecimento q̄ devemos a Deos nos fique nos corações de todos mais bê intimado, vos hei de mostrar aos olhos hoje de todos o

verdadeyro exemplar de David, o qual na citharra da sua Payxão requintou a corda da modestia mais agradecida, quando os homens ingratamente o feriaõ com a lança da calumnia mais afrontosa. O exemplar de David he Christo no passo do Ecce homo; neste passo se vio Christo afrontado com as mayores calumnias; porque sendo verdadeiro Rey, & supremo Emperador de todos os Reys, se vio motejado como Rey de ludibrio, com huma cana verde por cetro, com huma coroa de setenta, & duas espinhas por diadema, com huma vil vestidura por purpura; sendo hum homem Deos se vio não engrandecido como Senhor Soberano, mas desprezado, & abatido como hũ vil escravo: *Non elatus imperio*, diz Santo Agostinho, *sed plenus opprobrio*, mas quando homem mais abatido, & calumniado, então se quiz dar a conhecer

nhecer por homem, então se mostrou mais benigno, então ostentou de mais humano, então se afinou de mais amoroso. O' homens desagradecidos a tam grato homem Deos! O' homem Deos agradecido a tam ingratos homens! o qual tendo de casa divindade para tudo vencer, se deu generosamente à paciência, diz S. Leão Papa, para tudo com modestia, & clemencia dissimular: trocou Christo o poderoso em sofrido, para q̄ triumphasse mais pelos dictames do sofrimento, que pelos golpes do poderio: *Non si peccatoribus sola se opponeret Deitas, non tam ratio Diabolum vinceret, sed potestas.* Daqui veyo a dizer o doutissimo Padre Salmeirão, que obrando Christo milagres, & empenhando a sua Omnipotencia, para ser por Deos verdadeiro reconhecido, fizera milagres da sua paciência, para que se entendesse, que era verdadeiro homem: *Qui*

S. Leo
Pap.

miracula potentiae edidit, quibus cognosceretur Deus; miracula patientiae fecit, quibus credatur homo. Sustentar Christo no deserto a tantas mil almas com cinco paens, & dous peyxes, milagre foy do infinito poder de hum Deos; mas que ferindo-o com tantos mil golpes, que penetrando-lhe a cabeça com tantas espinhas, que afrontando-o com injurias calumnias, fizesse de si mesmo prato aos olhos dos que o desejavão ver pregado em hum lenho, & o fazião alvo dos tiros da lança da sua maldicencia, milagre foy da paciencia de hum homem: que ao imperio de sua Divina voz resuscitassem os mortos, & cobrassem faude os enfermos, effeito foy de huma virtude sobrenatural, & divina; mas que fazendo praça de suas injurias, com a corda de huma dissimulação mais callada, de hũa modestia mais agradecida, rebatesse os golpes da calúnia, q̄
lhe

Salmeirão
Tract.
de spinea
Coro.
na.

lhe penetravão atè a alma, sem que abrisse a boca para formar húa queixa, sem que rompesse em hũ suspiro, sem q̄ desabafasse em hum ay, quando todos clamavão por sua morte, milagre foy da paciencia de hum homem.

23 Esta he a razão mais cabal, porque conhecendo Pilatos, que Christo era innocête, disse às turbas: *Ut cognoscatis, quia nullam invenio in eo causam: Ecce homo:* & porque não disse Pilatos: Vedes ahi o obrador de milagres, o que dà vida aos mortos, o que piza mares, o que tem poder para penetrar coraçoes, senão vedes ahi o homem? De sorte, que de não achar em Christo culpa para o condenar à morte, infere Pilatos, que Christo he homẽ?

Tert. O' que foy muy ajustada a illaçãõ, responde Tertuliano: *Qui in hominis figura proposuerat latere, nihil de impatiẽtia hominis imitatus est: hic vel maximè Pharisei Dominum agno-*

scere debuisstis: de ver a hum homem que era necessario milagre, para se conhecer por homem, padecendo tantos tormentos, & soffrendo callado tantas calumnias, julgou Pilatos, que mostrara ser muyto homem com toda a evidencia: *Ecce homo:* Vedes ahi o homem, contra quem o povo Hebreo levado de hum odio defatinado, & mais cego se armou com a lança da calumnia afrontosa, ferindo igualmente no corpo, que na alma cõ os mayores opprobrios a hum Senhor, de quem tinha recebido tam particulares beneficios, & os mais singulares favores. Ah povo ingrato contra hum Deos homem tam amante! E a que mayor excessõ podia chegar a tua deshumana crueldade, que a tratar cõ tanta tyrannia a hum homem Deos tam benefico, que sendo a belleza dos Ceos, ficou tam desfigurado, que perdeu a figura de homem? Contra hum homem

mem o mais innocente , o mais justo, o mais Santo, o mais sabio , o mais benigno, & engraçado de todos os homens se arma fereza tanta? Mas não he isto Catholicos o q̄ mais me admira ; o q̄ mais me affombra, he, que sendo as noffas culpas os tyrannos mais crueis, que abrião no Corpo de Christo Redemptor noſſo tâtas feridas, as não aborreçamos, & contra ellas nos não indignemos. Que não sayamos a tomar vingança de hũ tam grande atrevimento, como foy o de que se usou com este Divino homem, & David pacientissimo.

24 Refere Suetonio Tranquillo aquella grande impiedade com que tratou o Povo Romano ao grande Emperador Julio Cesar , tirandolhe a vida com trinta , & tres punhaladas : vendo Marco Antonio seu muyto prezado amigo, que a Republica não tomava vingança, ajuntou hum dia o povo Romano, trazendo-

lhe à memoria os singulares beneficios , que da sua liberal mão recebêra, & chamandolhe pay cõmum da patria , lhe contou a crueldade que com elle se avia usado , & nomeou os treydores , que lhe avião tirado a vida; porém vendo , que nem ainda com isto se movião os Romanos , tirou no meyo do mesmo teatro a vestidura Imperial de Julio Cesar banhada toda em sangue , & atravessada por trinta , & tres partes, & esforçando a voz , lhes disse assim : Esta he, ò generosos Romanos, a vestidura do vosso Cesar, estes os golpes dos punhaes, este o sangue de seu corpo offerecido tantas vezes aos perigos por vossa defenza : & que seja possível, ò Cidadãos agradecidos, que o vejão vossos olhos , & se não desfçaõ em lagrimas ! Que haja de ficar sem castigo hum crime tam insolente ! Isto dizia Marco Antonio com a vestidura de Cesar

em as mãos; & tiverão estas razões tam poderosa efficacia, que desfeitos os presentes em prantos, & contra os homicidas indignados, pegarão das armas, & fahirão atraz delles, deixando-os a todos mortos, & destruidos. E se isto fez hum Orador Gentio; que fizera, se alumiado com o resplendor da fé, vira a mayor treychão, & aleivosia, que se pôde imaginar, feyta não a hum Emperador da terra, senão ao Unigenito Filho de Deos, Pay de nossa patria, & Defensor de nossas vidas? E se ainda estes titulos nos não movem, levantemos os olhos, & vejamos neste passo do Ecce homo a vestidura de feu Corpo banhada em sangue, & rota por cinco mil partes; treydores o fizeram, ponhamo-nos à vingança; não permittamos haja sido o sangue de Julio Cesar para com os Romanos mais poderoso, do que he para com-nosco o Sangue

que derramou o Clementissimo Jesus às mãos de tanta crueldade; fação-se fontes perennes nossos olhos, & fragoa de Santa ira nossos coraçoes contra estes tyrânos Deicidas; & se quereis saber quaes são, sabei, que foraõ nossas culpas; estas os treydores, que maltratãõ, & cubrirão de rigorosas espinhas aquella lastimosa cabeça, digna de fer coroada de perolas, & a quẽ no Emphyreo coroaõ doze estrellas: nossas culpas foraõ os treydores, que atãõ com todo o desprezo a huma cana aquellas mãos, dignas do cetro da divindade, que fabricãõ o Sol, & a Aurora: morraõ pois estes treydores com lagrimas de dor, & arrependimento, para que este Senhor nos perdoe os aggravos que lhe temos feyto como rebeldes, & ingratos. Perdoai-nos meu amoroso Senhor, & Deos da minha alma, pelo tormentos desses espinhos, pela afronta dessa pur-

purpura , pela crueldade
dessas cordas , pelo ludi-
brio dessa cana, pelo rigor
dessas chagas , pelo preço
desse Sangue : perdão vos
pedimos todos de não re-
frear nossas lingoas , para

que não rompaõ em tan-
tas calumnias; de nos por-
tarmos com-vosco tam es-
quivos , de vos offender
com tam ingratos effei-
tos. Misericordia , meu
Jesu, misericordia.





QUARTA TARDE
DAS DOMINGAS
DA
QUARESMA.
AVE MARIA.

Tenebat ... Saul lanceam : David tollebat citharam.
I. Reg. 18.

1 **E**NTRE os partos mais prodigiosos q̄ lança de si a fecundidade de Asia, o que na perspectiva me causa mais terror, & assombro he o Elefante. Elefante, digo, a quem assim como a natureza entre as feras vestio de prudencia : *Elephanto belluarum nulla prudentior*, assim tambẽ a mesma natureza encruou em tal vingança, que se o ferro de quem o offende, lhe bebo de suas veas o Sangue, à vista de seu Sangue fora das veas, assim accende as iras, q̄ levãtando o corpo em torre, & a trõba em mõtante, cada passo do pè he hum voo, cada movimento do corpo he hum rayo, cada golpe da tromba he hum corisco, cada grito da raiva he hum espanto, cada

cada ronco da furia he hum affombro; em fôrma, que se o soldado q̄ o rasgou com o ferro, lhe não foge em gyro, a poucos passos o alcança no curso, & quando delle não faça pêla arremeçada com a trôba, faz delle destroçado despojo com a planta. Tal Saul com David, ao qual ainda que David cavalleiro generoso não chegou com effeito com a ferida, & sô chegou em certa occasião a lhe cortar para aviso huma orla da purpura; Saul como Elefante furioso fez delle precipitado arremeço cõ a lança da vingança iracunda: *Nisus est Saul configere David lancea in parietem.*

2 Empenhado tinha já Saul todo o resto, para matar, & acabar de huma vez a David; rebatido tinha já David todos os tiros de que o tinha feyto alvo Saul, & contraminado todas as industrias, cõ que violentamente o pertendeo consumir; offendi-

do pois Saul de que tres lanças tam fortes da enveja soberba; da treyção politica, & da calumnia afrontosa fossem tam desobedientes a seu malevolo animo, que não chegaraõ nem ainda a embotar o animo de David, nem a desafinar as cordas da sua bem temperada cithara, concebendo mais veneno em seu peyto, torna irritado a infistir em seus malignos intentos: poem fogo a mina do odio, que dentro de seu peyto lhe ardia; arrebeta esta em impaciencia, maligna a indignação em vingança; & arrebatado da ira, pervertidos os sentidos, descompostas as aççoens, tempestuoso o semblante, fulmina rayos de colera, formão as sobrançelhas arcos de guerra, compostos como Iris de varias cores; arde em chamas a vista, despedindo de si espantosos relampagos, & mais de mentado que colerico, estando David suspenso, & todo enlevado em o ar-

liviar com o toque da cithara do maligno espirito, que tyrannamente o opprimia, arremeça como frenético outra vez a lança, para com ella atravessar a David: *Nisus est Saul configere David lancea in pariete*; mas frustrado o golpe, dá como louco pelas paredes: *Lancea autem casto vulnere perlata est in parietem.*

3 Tem-te louco, refrea-te defasifado Saul! Aonde te arrebatá esse furor? Aonde te precipita essa vingança? Contra David que entre os Profetas he o mais benemerito, entre os Duques o mais estimado, entre os Capitaens o mais valente, entre os Sabios o mais discreto, entre os Israelitas o mais bemquisto? O' precipicio! Contra David que na fermosura não tem igual, de bello vulto, de engraçado talhe, de magestoso aspecto, que nos olhos tem os respeytos, as magestades nas faces, toda a graça no semblante,

todo o ar, & donaire no corpo, todo o garbo no meneyo, toda a gentileza no gesto, todas as proporções na figura, na estatura toda a belleza? O' cegueira! Contra David que na discrição não tem segundo, pois ninguem falla com tanta arte, com tanto aceyo, & alinhio de palavras, com tanto pezo de sentenças, com tanta agudeza de pensamentos, com tanta sutileza de discursos, & com tanta argucia de mysterios? O' locura! Contra David que entretém a todos com gala, que enleva a todos com o suave, & sonoro da sua musica, com o harmonico da sua cithara, que na occasião he intrepido, na conversação affavel, na condição brando, na verdade inteiro, no irarse tar- do, no moderarse sesudo, leal com seus amigos, generoso com seus contrarios, & prudente com todos? O' crueldade! Já que te não levaste do bello, não te arrebataria em Da- vid

vid o discreto ? Já que te não aprisionou o parecido, não te renderias ao avifado ? Não erão estas prendas forçosos motivos para amar, & não aborrecer a David? O' que penhasco de durezas he esse teu coraçáo! He possível, que de hum Rey tam politico te converteste em fera tam affanhada ? Contra hum fogueito tam benemerito se accende huma tam frenetica ira ? Contra hum innocente se arma tanta vingança ? E qual he o proveito que se te ha de seguir de tirar a vida a David ? Imaginas por ventura que com esse homicidio passarás a vida mais sossegado? Que depois de se ver o teu credito desagravado dessa imaginada injuria, que julgas te fez David, em te preceder nos applausos da fama, com que sabio da sua campanha victorioso, ficará a tua boa opiniaõ mais ayrosa? Que de colerico vingativo se seguirá o lograres o dominio, & senhorio da

tua Monarquia mais triumfante ? Argumento he esse, de que tens perdido o siso, o mais manifesto. He naõ pequena ignorancia confiar o irado, que ha de ver o seu credito, que imagina offendido, com decoro, o persuadirse o vingativo, que se considera aggravado, que da morte que der ao seu offensor, sahirá a sua boa estimaçáo com triumpho; mas para que esta ignorancia fique de todo desvanecida, & se veja de todos muyto reprovada, quizera eu advertir ao furioso, que todo illuso determina vingarse, a que se defengane, que os que a sua fantasia lhè pinta, dos imaginados agravos que tem recebido, despiques decorosos, hão de ser da sua honra, & authoridade monstruosos desares, estes desares affeados na pintura descriptiva da mesma ira, & vingança ficarão hoje melhor conhecidos; & para que assim seja, faya primeiro que

tudo a ira a theatro.

§. I.

4 **A** Ira he hum ardente desejo de vingança causado do desprezo, & da injuria, que em alguns se gera, porque se não vem estimados daquelles, de quem lhes parece, que devem ser applaudidos; & em outros, porque se levão de respeitos humanos, ou de huns pontinhos de presumpção, com que politicamente se desvanecem; & como pela mayor parte se alimentão de mentirosos louvores, & se delectão tanto com falsas lisonjas, daqui vem, que em qualquer agravo, ou o feja na realidade, ou não tenha outro fundamento mais que a imaginação, se mostra o seu pundonor, & a delicadeza do seu credito summamente sensível, dõde ferida com a opiniaõ do desprezo, & leve injuria a imaginação, commu-

nica com presteza sua influencia ao appetite irascivel, & logo como se o fogo no canhão estivesse disposto, se fõrma a tempestade no animo, altera o sangue, inquieta os espiritos, cõspira todas as veas à vingança, & assim faz perder, no que se acha irado, de homem a figura, & a honestidade de sua pessoa, que o transmuda de homem em monstro. Ora dissuadamos primeiro deste vicio por dous motivos, hum catholico, outro politico; o politico pela deformidade monstruosa com que affea, o catholico pela ley divina que se quebranta; & logo trataremos dos pundonores, & pontos fantasticos, com que a vehemente imaginação do agravo, ao vingativo colerico, que se cõsidera do seu contrario gravemente offendido, cõ poderosa efficacia o allucina. Tres furias fingiraõ là no Inferno os Antigos, sò para exprimirem a pintura da ira; & ainda que

que tres furias representão muyta fereza, he comtudo como pintada, a respeito do que se divide em hum fogeito iracundo; porque nenhũa cousa afenta a mais estudiosa Philosophia, que ha nesta vivente republica, a qual com tanta força assim altere a capacidade de hum animo, assim enfraqueça a generosidade de hũ peyto, assim desfmaye a fortaleza de hũ brio, assim desconponha a gravidade de hum vulto, assim affee a fermosura de hũ aspecto, assim perturbe o resplendor do juizo, assim eclipse a luz de hum entendimẽto, assim inquiete as operaçoens do espirito, como a ira a q̃ excita o desejo da vingança. Não sei q̃ mais discretamẽte o podia discourrer Seneca o Philosopho; o qual diz, q̃ acertãdo alguns a verse em hum espelho, quando mais arrebatados da colera, & advertindo nelle a deformidade que lhes occasionava em seu aspecto a ira,

Tom. V.

moderarão logo os impetuofos ardores da vingança, julgando discretos, que deviaõ refrearse ao menos pela decencia, & gravidade propria, quando não fosse pela utilidade alheya : *Quibusdam iratis profuit aspexisse speculum, perturbavit enim illos tanta mutatio sui.* Queres saber ò homem vingativo quam enorme he a figura com que ficas, quando te achas irado? Pois chegate a ver em hum espelho, & acharàs, que com o sintillar dos olhos, com o encrespar das pestanas, com o encolher das sobran celhas, com o arripiar dos cabellos, com o escumar da boca, com o morder dos beiços, com o ranger dos dentes, com o palpar do peyto, com o bater das mãos, com o pisar dos pès, cõ o inchar das veas, com o mudar de cores, com o fervor do corpo, com o desconpor dos me neos, com o trepidar de vozes, com o tropeçar de palavras, com o desentoar

H iij dos

dos gritos , com o levantar dos clamores, te tornas huma fera tam horrivel, & medonha, que com a fealdade de tam enorme defcompostura offendes aos que mais te amão , espantas a mayor belleza, & parece , que atè ao mesmo Deos atemorizas.

5 He hum homem arrebatado da colera, para si mesmo huma fera, & como com fera , não ha qué possa viver com hum homem irado. Com rogos multiplicados persuadio lá Rebecca a seu filho Jacob , a quem mais que a todos prezava, que fugitivo para Labam , se retirasse da sua presença : *Nunc ergo fili mi audi vocem meam, & fuge ad Labam.*

Genes.
27.
v. 43.

Notavel caso! que se queira privar Rebecca, sendo mãy, de hum filho a quem tanto ama ! que lhe mande, que se aparte: *Fuge ad Labam !* Quem não dirá, que aggravado fora que fizera Rebecca ao amor de Jacob? Quem não avaliará este lanço por pouca fineza do affecto ? Mas oh,

que não andou Rebecca, diz Santo Ambrosio, nesta supplica que fez a Jacob pouco amorosa, senão singularmente advertida: *Mater voluit eum peregrinari, ut daret fraternæ iracundiæ locum* : Privouse Rebecca, diz o eloquente Arcebispo, da vista de Jacob filho seu tam prezado , por ceder aos furiosos arremessos de Esau iracundo : achava-se Esau grandemente colerico, por Jacob lhe ter levado a benção , & nella o morgado, que a elle por mais velho pertencia, & foy tal a ira, diz São Basilio , que ardia em seu peyto, que o converteo de homem em fera : *Hominem penitus in feram convertit* : eis-ahi pois a razão, porque o affecto maternal de Rebecca cortou por sua fineza; tam atemorizada ficou Rebecca com a vista de Esau furioso, tal horror lhe causou o irado de sua presença, que sendo mãy, se não atreveo com a ira como com fera; retire-

S. Ba-
fil. de
ira.

San. Ambrosio.
l. 2. de Jacob.
o. 4.

se embora de meus olhos Jacob , com tanto que se aplaque a iracundia de Esau : *Voluit peregrinari, ut daret fraternæ iracundia locum.*

6 Mas o menos he, que da monstruosa vista de hum colerico receba tanto medo , & horror o mayor affecto de hum coraçã humano , quando atẽ o mesmo Deos parece, que se acha com ella atemorizado. Depois de Deos crear ao homem, diz o Sagrado Chronista , que tivera Deos de sua creaçã huma muy notavel pena:

Genes. 6.v.5. Pœnituit eum, quòd fecisset hominem super terram: Pessoulhe a Deos de aver feito ao homem: & quer Salviano, que em dizer o texto que teve Deos pesar, & arrependimento de crear ao homem , declarã a força da justa ira em que podia romper nesta occasiã : *Sub nomine pœnitentis vim declaravit irati:* agora o meu reparo , & assim difficulto : & pois se Deos estava irado tam jus-

tamente, porq̃ trocou a justa ira em pesar ? Eu o digo. Porq̃ tam fea se lhe representou a Deos a figura de hum homem irado , que parece se atemorizou com a sua vista, & por isso quiz fazer antes a pintura de pesaroso, que de colerico: *Pœnituit eum, quòd hominem fecisset super terram:* com huma magestade tam soberana achou Deos, que não dizia bem huma figura tam monstruosa. Mas não nos valhamos sô de exemplares sagrados, sirva-nos de exemplar hum gentio. De Socrates se conta, que tendo já levantado o braço , & nelle hum punhal para ferir a hum seu criado descomedido, suspendendo no ar o golpe, rompèra nesta generosa voz : Lembrando-me que sou Philosopho, & que agora me acho irado, sô por não offender a modestia , & por attentar pela decencia, & authoridade de minha pessoa , te não quero dar o castigo de que era merecedora a

Genes. 6.v.6.

tua ousadia. O' exemplo heroico, & digno por certo de ser imitado! Hũ homem fefudo primeiro ha de attender ao decoro, que a si mesmo he devido, & não deixar-se levar de hũ tam cego appetite; porque, que aproveita, que o tiro da ira se veja logrado, se ficou com tanto desfouro menoscabada a honra, perdida a authoridade, deslustrada a modestia, & affeada a figura? desafogouse, he verdade, com a ira o desejo vingativo, mas esse breve desafogo occasionou para depois no coração hum mais rigoroso tormento, & no coração hum eterno latido.

7 Que de ancias não padece o coração de hum vingativo, primeiro que chegue a lograr seu desejo? Que de repugnancias a alma, que de perplexidades o entendimento, que de remorsos a conciencia, que de intercadenias os pulsos, que de incendios o peyto? Já sol-

peita, já se resolve, já se altera, já vacilla: viver sem tomar satisfação de quem me imagino offendido, he offender a ley da politica: tomar vingança de quem me agrava, he fazer à Ley de Deos, que tam apertadamente mo prohi-be, huma grande offensa. Assim fluctua hum vingativo de hum pensamento em outro, como o naufragante passageiro, a quem o mar em tempestade irado, quer lançar com arremezado precipicio nas areas; huma onda o vai levando como em braços de cristal, quando outra cobizosa do despojo o torna a recolher entre as escumas de sua colera. Que veja, (discorre comfigo o vingativo irado) que veja eu desprezada a minha pessoa! esta onda o leva à vingança; mas não pôde ser, porque professo a ley de Catholico; esta onda o recolhe outra vez sobre si mais pacifico: mas que julgarà o mundo da minha honra, da minha nobreza, da

da minha valentia? Hei de acabar de todo por huma vez com o meu inimigo, heide-me ir atraz d'elle, não ha de ter mais huma hora de vida; mas q̄ ha de fer da minha alma? Em q̄ estado ha de ficar a minha consciencia? Que arriscada a minha salvaçõ ! Não me acabo ainda de resolver, melhor ferà por agora o dissimular. Não sei em que mayores apertos se possa ver hum coração humano.

8 O' triste peyto, que ventos tam encontrados estàs padecendo em teus affectos! Que ondas tam furiosas te alteraõ? Que temores, q̄ penas, q̄ turbaçoens, q̄ tristezas, q̄ ferocidade, & q̄ desvanecimentos despedaçãõ successivamête o teu animo? Não he isto hospedar dentro do coração todo hum inferno? Não he mais facil, õ homem irado, & colerico, padecer a doce violencia da virtude, que te està exhortando a que perdoes; quero dizer, que te não

despedaces, que sejas homem, que deixes a braveza de Tigre, que não sejas para comtigo mesmo hũa fera, que não defacredites a tua fama, que não dedoures a honestidade de tua pessoa? E se este motivo ainda te não obriga a que suspendas os tiros da ira, & da vingança, obri-gue-te ao menos o segundo motivo, que he o mandallo assim a Ley de Deos, cuja observancia tens obrigação de exactamente professar por Catholico.

§. II.

9 **Q**ue a Ley de Deos obrigue ao que tiver huma ira, por receber de outro alguma injuria, a que no mesmo dia se arrependa, & se não ponha o Sol sem que tenha perdoado ao inimigo, & deponha de todo a colera, he texto que inculca São Paulo escrevendo aos Efesios: *Sol non occidat*

Epist
ad
Ephes.
4. v.
26.

cidat super iracundiam vestram: Não esperemos, diz São Paulo, a que se ponha o Sol sobre nossa ira : & que tem a ira, mais entrada já a noyte ? Tem mais hum dia de vida, & ira de hum dia he tam grande, tam enorme, tam desmedida, q̄ parece a teme Deos, & no la dà a temer, que a acautela, q̄ a prohibe, porq̄ não pôde deixar de rōper em mil defatinados effeitos. *Non occidat :* Não se ponha o Sol sobre nossa ira, porque esse Sol posto estã reprehendendo nossa iracūdia; pois elle se poē, & sepulta no occidente por beneficiar a quem mais o censura de importuno: ou por amanhecer mais apressado, ou por queimar com calor mais intenso; & nós morremos por fazer mal, & sō vivemos, quando o fazemos a nossos inimigos, & offensores. *Non occidat :* Não se ponha o Sol sobre nossa ira; porque padeceremos duas noytes: a da ausencia desse mais luzido plane-

ta, & a da razão que nos anoytece, em quanto nos vemos iracundos. *Non occidat:* Não se ponha o Sol sobre nossa ira; porque dormir irado, & amanhecer furioso, he humadobrada locura; ira que não pôde recofer o sono, que a noyte naõ sepultou em suas sombras, nem a frescura da manhã temperou com o orvalho da aurora, ira he infernal de precito, faizca daquelle fogo, que nunca diz, basta: *Ignis nūquam dicit, sufficit. Nō occidat:* Não se ponha o Sol sobre nossa ira, advertindo, q̄ se se poem o Sol, cahirá sobre nós a ira divina; porque tem nossa ira contra si no Sol de justiça a ira mayor; & he precipicio, diz Santo Agostinho com Cassiano, desafiar com hum ira injusta a mais justa ira: *Noxium est sancti super iracundiam vestram Aug. occidere solem justitiae.* Não in Ps. se ponha finalmente o Sol 26. sobre nossa ira; porque se- Enar-
rã o mayor escandalo para rat. 1. o Sol, que se veja no racional,

Cassi-
an.in
hunc
locum.

nal, o que se não chega a ver no mesmo insensível: *Ejice iram de corde, antequam occidat lux ista visibilis, ne te deserat lux illa invisibilis.*

10 Ao Sol mandou lã Josue parar em o apressado curso de seus raios, quando hia perseguindo aos Gabaeonitas; & foy o mesmo, como lè o Hebreo, q̄ prohibir lhe o fallar: *Sile Sol*: callar mandou ao Sol o valeroso Capitão, & parece, q̄ foy escusado o preceito; porque se o Sol he huma creatura insensível, como pôde ter alêto para fallar? & se o fallar lhe he impossivel, por ser contra a sua natureza, porque lhe poem preceito que não falle: *Sile Sol*? Com muyto acerto, notem. Via Josue, que aquelles resplandores amortecidos com que se hia sepultar o Sol no occidente, eraõ humas linguas mudas, & huns braços espiritalmente intelligiveis, com que deo Ceo lhe lembrava a Ley de Deos, & lhe pré-

gava, que não podia continuar com a vingança, pois elle se metia no occidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram*; & poderaõ tâto estas vozes, que por isso diz hum Autho grave, pedio Josue a Deos, que com affombro da natureza parasse o Sol, para que concordando a justa ley com a justa vingança, se executasse o rigor do castigo sem se dispensar no rigor do preceito: castigue-se embora Gabaeon, pois era justo: castigue-se, mas esteja o Sol parado atè parar o castigo; para que não fique exemplo aos mortaes que pôde passar a justa ira os limites de hum dia inteiro: & que nos atrevamos nòs a continuar com o desejo da vingança toda a vida, vendo quanto com ella provocamos o rigor da Divina Justiça, a que vingue em nòs justissimamente a desobediencia com que atropellamos seu divino preceito! Que tanto como isto podessem as
vozes

vozes do Sol material cõ
 Josue ; & que não possaõ
 mais as vozes que nos està
 dando Jesu Christo, ver-
 dadeiro Sol de Justiça , a
 que nos refreemos na ira,
 a que perdoemos àquel-
 les dos quaes nos imagi-
 namos mais offendidos:
Ego autem dico vobis, dili-
gite inimicos vestros! Grã-
 de cegueyra , & a mayor
 contumacia ! Que no Ceo
 se estranhe , que a ira de
 hum homem justamente
 indignado dure hum sò
 dia, & que nos não refree,
 o quanto mais se estranha-
 rà, que a injusta ira de hũ
 Christão , que se preza de
 muy catholico , dure não
 hum dia sò , mas muytos
 dias , muytos mezes , &
 queira Deos, que não seja
 muitos annos ! O' que es-
 candalo ! E temos dissua-
 dido destes dous vicios,
 ira, & vingança, (que he o
 quarto tiro , de que Saul
 com a sua lança fez alvo a
 David, pelos dous moti-
 vos politico, & catholico,
 que são o mádallo assim a
 ley divina, & o pedillo af-

sim a honestidade da nossa
 pessoa. Ora suspende já
 Saul effes arremeçados ti-
 ros da tua lança , porque
 com tam arrebatado arremeço a ti mesmo te def-
 lustras não menos na poli-
 tica, que na honra, & por
 transgressor da ley divina,
 perderàs sem remedio a
 alma.

11 A tam insoporta-
 vel lança da vingança ira-
 cunda , rebate David glo-
 riosamente pacifico com
 a corda da clemência mais
 generosa : que cegamente
 obstinado arremeça esta
 lança Saul ! mas que
 discretamente advertido
 a soube rebater com a sua
 cithara David ! O' como
 resplandece a clemencia
 tam suave da cithara à
 vista da crueldade tão dif-
 forme da lança ! De Saul
 em quanto irado , como
 discreto David se acau-
 tela ; de Saul em quanto
 vingativo, como generoso
 se retira : *Declinavit*
David à facie Saul: qual
 Leão filho legitimo das
 brenhas de Africa , regio
 de

Mat.
 23. 5.
 7.6.

de colla , espesso de gre-
nha, robusto de garra , fa-
çanhoso de presa , espan-
tofo de cara , bellicoso de
boca, horror das matas , &
terror das campinas , &
enfim monarca das feras;
ao qual se o cavalleiro
por desgraça errou com a
lança, pulla da terra como
ave volatica, & fendendo
com o primeiro tiro da u-
nha ao cavallo a anca , a
bom livrar , se precipita o
cavalleiro em terra : pos-
trado o inimigo , cede o
Leão de seu crudo duello;
porque a fantasia , ainda
q̄ bruta por ser regia , pa-
gase de que o inimigo se
postre , sem que seu brio
no sangue do inimigo se
paste. Tal David para cõ
Saul , ao qual podendo
David por duas vezes le-
var à ponta da espada , &
ao bote da lança , pode
mais com elle o generoso
da clemencia , que o des-
pregado da ira , attributo
proprio de Real coroa, dit-
se o Seneca: *Non decet Re-
gem seva , nec inexorabilis
ira.* O' David esforçado!

Ah Leão generoso! & que
mayor victoria, que mais
glorioso triunfo , que
chegar a conseguir com a
clemencia , sem ruido de
vozes , sem estrondo de
armas, sem effusão de san-
gue , o que Saul quando
mais empenhado , não
põde effectuar nunca com
a vingança iracunda: *De-
clinavit David à facie
Saul?*

§. III.

12 **M**As em quã-
to David
requinta na cithara a cor-
da da sua clemencia gene-
rosa, formemos hoje desta
clemência de David a nos-
sa catholica Academia, na
qual em algumas graves,
& curiosas questoes se
ventilarà quaes sejam os
melhores lanços , se os da
clemencia , se os da vin-
gança. Por parte da vin-
gança estão as leys do
duello , que introduzio o
Demonio no mundo com
respeito a huma barbara
poli-

politica; pela clemencia estão as leys verdadeiras de Christo, que persuadem a hum Christão a que perdoe ao inimigo com toda a efficacia. Ora ouçamos de parte a parte a disputa, que tem muyto dous affectos competidores que ouvir, & acabaráõ os que se prezaõ de Duellistas, de conhecer, quam grande he a futilidade das razoens que os obriga a tomarem vingança dos aggravos; & com os mesmos fundamentos em que se fundão as suas leys, os queremos degollar, & cõvencer, mostrandolhes cõ evidencia, que esses são os motivos mais forçofos que tem a clemencia, para que se conceda o perdão das offensas q̃ se recebem, com toda a generosidade: seja a primeira questãõ: Qual he a mayor valentia, (sallo da valentia do espirito) buscar a occasião do perigo para vencer ao meu contrario, ou fogir da occasião, para lhe perdoar generoso? A vingança

diz, que buscar a occasião do perigo: diz a clemencia, que fogir da occasião, & a razão que allega he esta: porque aquelle que acomete ao inimigo, fia das suas forças; aquelle que se retira, resiste a mayores forças, que as suas: insta a vingança: as leys do duello dizẽ que a valentia do corpo se vé em buscar a occasião do perigo: responde a clemencia, que as leys de Christo ensinãõ, que a valentia do espirito se mostra em fogir o perigo. das occasiões: replica a vingança, que na milicia do mundo medem os Duellistas a fortaleza dos homens pelo alento com que se peleja: responde a clemencia, que na milicia do Ceo se computa o valor pela generosidade cõ q̃ se perdoar: torna a replicar a vingança, que na milicia do mundo castigaõ as leys do duello como covarde o que foge: conclue a clemencia, que na milicia do Ceo apremião as leys de

Christo

Psalms
17.

Christo como valente o que se retira. Quem ouve no mundo mais valente que David? E com tudo se lermos o Psalmo 17. acharemos, que nelle gratifica a Deos o fortalecer-lhe os pès com a mayor perfeição, que elle podia desejar, que he a qualidade dos Cervos: *Deus qui perfecit pedes meos tamquã cervorum*. Eu imaginava, que perfeição por perfeição, mais era para agradecer a dar Deos aos pès de David a perfeição do Leão, que a do Cervo; porque o Leão he de todos os animaes o mais alentado; o Cervo he hum animal entre todos tam medroso, que nenhũa outra valentia lhe deu a natureza mais que as asas, que aos pès lhe applica o medo; & mais parece que competia a hum tam valente cabo como David a generosidade de hum Leão temido, que o medo de hum Cervo tam covarde, que sò he valente em fugir valentemente. Isto

naõ, que era David hum soldado velho, & bem experimentado nas batalhas do espirito, & como tal sò nos pès de Cervo, & naõ na fôrtalesza de Leão julgou que assentava melhor a perfeição da sua valentia; porque o Leão acomete, & o Cervo foge, & nas batalhas com o inimigo naõ està a mayor victoria em acometer, senaõ em fugir; naõ triunfa o que com mais bizaria solicita as occasioens da vingança, senaõ o que dellas com mais prompta ligeireza se aparta: *Qui perfecit pedes meos tamquam Cervorum: id est, qui corroboravit pedes meos tamquam pedes Cervinos*, cõmentou o Real Cõmentador sobre os Reys: aonde o pelear he temeridade, o retirar serà valentia.

13 Sabeis quẽ peleja melhor cõ o inimigo? Quẽ peleja como pelejavão os Parthos; mais temião os Romanos aos Parthos, quando lhes davão as costas, que quando lhes fazião rosto:

rosto: dar as costas à occasiã da vingança , he dar de rosto ao inimigo. O' se quizesse Deos, que aprendessemos esta valentia! Quantas victorias alcançariamos não sò de nossos inimigos visiveis , mas també do Demonio nosso mayor inimigo? Agora se entenderà a razão, porque sendo tam valente David deu as costas a Saul, quando este arrebatado da ira lhe fez tiro com huma lança : *Declinavit David à faciè Saul;* & doze vezes depois nos consta , que lhe tornàra a fogir , podendo facilmente tirarlhe a vida : & pois hum cabo tam valeroso , que alcançara grandes victorias, que desbaratara exercitos , que escalara Ursos, que despedaçara Leoens, he crível, que de Saul fogisse , porque o temesse? Tal não digo: pois se David nunca chegou a temer , como em tantas occasiões se resolve a fogir? Respondo, que não fogira David de Saul, seu of-

fenfor , porque este lhe causasse o menor receyo, mas fogio , para que evitando com bizzarria a vingança , se visse mais victo-^{1. Reg}rioso ; para que assim me-^{24.}recesse o cetro, & fosse acclamado Rey por Saul seu mayor inimigo: *Nunc scio certissimè , quòd regnaturus sis, & habiturus in manu tua Regnum Israel.* O' tragaõ sempre diante dos olhos este exemplo os que mais blasonaõ de valentes, para que retirando os passos do caminho da vingança, se acreditem de mais alentados, porque se tam fora esteve David de ser avaliado por covarde quando fugitivo, que elle mesmo celebra o retiro que fez de Saul em seus versos como façanha mais heroyca , & a poem por trofeo de seu valor mais illustre : *Deus vitam meã annuntiavi tibi* , no Hebreo se lê: *Deus fugam meã annuntiavi tibi;* quem duvida , que das fugas que fizerem da vingança , lhe resultarão as palmas, com que

que se lhe cante a victo-
ria, como a de David mais
celebrada: *Declinavit Da-
vid à facie Saul.*

§. IV.

14 **S**egunda ques-
taõ : Onde se
qualifica mais o lanço da
mayor fidalguia : no per-
dão que se concede com
clemência ao inimigo que
vos agrava , ou na ving-
ança que delle se toma?
Os Duellistas levados de
huma barbara politica,
que tem introduzido no
mundo Lucifer , abonaõ
por mais nobre ao mais
vingativo : as leys de
Christo ensinaõ-nos , que
não ha nobreza , aonde
ha vingança: o mais nobre
he o que mais perdoa ; o
mais vil he o que mais se
vinga. No clamor do san-
gue de Abel temos a pro-
va mais ajustada. Come-
çou a correr o sangue de
Abel morto , & o mesmo
foy começar a correr, que
clamar, & pedir vingança
ao Ceo: *Vox sanguinis fra-*

Tom. V.

*tris tui clamat ad me de Genes.
terra.* Santo Ambrosio re-
para, em que não diz o
Texto sagrado , que este
sangue de Abel clamara
do peyto , senão que diz
com enfasi , que depois
de cahir na terra , então
começara a gritar: *Clamat
de terra:* & porq̃ não clama
este sangue do peyto que
era o offendido? Porque
não clama da alma, a que
mais penetrou a morte de
Abel, senão da terra mu-
da? Respondo , que cla-
mou da terra , & não do
peyto, nem da alma ; para
que se visse, que em quan-
to o sangue de Abel con-
servava o calor naquelles
espiritos nobres, & gene-
rosos , tinha peyto para
perdoar tanta offensa , &
que não era possível, que
em hum sangue tam illus-
tre unido a huma alma
tam nobre , ouvesse voz
para a vingança ; depois
que se avilitou com a ter-
ra o sangue, & tomou del-
la os achaques de vil, en-
tão he que grita ao Ceo
vingativo: *Non dixit, de*

I fra-

Sauit. *fratris clamat corpore, diz*
Amb. a boca da Eloquencia de
 l. 2. de Milão, *sed de terra clamat;*
Caim *& si frater parcit, terra non*
 cap 9. *parcit, & si frater tacet,*
terra non tacet, sed condem-
nat. Callase o fangue de
 Abel como nobre, a terra
 como mais baixa he que
 accusa; Abel como gene-
 roso perdoa, a terra como
 vil pede vingança: *Si fra-*
ter parcit, terra condemnat:
 perdeo o fangue de Abel a
 nobreza, depois que pe-
 dio vingança; ainda que
 sejais nobre por nacimen-
 to, como era o fangue de
 Abel; se vos chegastes a
 vingar, já não ficais nobre,
 incorrestes a infamia de
 vil. E para que me não di-
 ga alguém, que sempre
 me acolho a fagrado, ven-
 nha huma ley do Codigo
 Theodosiano, *L. unica,*
Cod. si quis, em que se de-
 cide com toda a eviden-
 cia esta verdade: repito as
 palavras da ley: Se algué,
 diz, ignorando as leys da
 modestia, & do respey-
 to, se atrever a injuriar
 com lingua diffamatoria

a pessoa Real, não quere-
 mos determinarhe casti-
 go, nem que se lhe dê pena
 algũa; & a razão he; por-
 que se a palavra injuriosa
 naceo de leviandade, se ha
 de desprezar, & della fa-
 zer pouco caso; se de lo-
 cura, della se ha de ter
 grande lastima; & per-
 doar, se nasceo de malicia:
Quoniam si id ex leuitate
procefferit, contemnendum;
si ex insania, miseratione
dignum; si ex malitia, di-
mittendum. Agora comi-
 go: Esta ley quem a esta-
 beleceo? O Emperador
 Theodosio: pois hum Em-
 perador ha de sofrer, que
 hum vassallo descomedido
 se atreva a defacatar, &
 offender a sua estatua? Ha
 de passar, porque a inju-
 riem? O contrario parece
 que se avia de determi-
 nar. Isso não, q̄ era Princi-
 pe Theodosio, & como taó
 discreto sabia muyto bem
 q̄ era de cavalleiros mais
 nobres o perdoar, e de bai-
 xos no fangue o vingarse.
 15 Donde se a razão
 mais forçosa, q̄ obriga aos
 que

que mais se prezão de serem illustres , a sairem em qualquer agravo q̄ recebem, por leve que seja, em effeitos de vingança, he o attender ao credito de sua nobreza, que se acha deflustrada , acabem hoje de se resolver, que isso he alucinação, & engano, porque tam fõra està de se conservar na estimação de nobre o que levado dos pundonores humanos se mostra em sentir qualquer offensa muy empenhado ; que se para defronta de sua fidalguia chegou a tomar alguma satisfação , já não fica nobre , incorre a vileza de humilde. E q̄ bem conheceo a verdade desta doutrina São João Chryfostomo ? Com poderosa energia argumêtava a eloquencia de Chryfostomo contra os gentios daquelle seu tempo , que cegamente idolatras adoravão ao fogo, & os demais elementos , & assim concluia o seu argumento: Não os vedes , assim dizia o

grande Patriarca de Cõstantinopla , romper cruel guerra em as tempestades, & terremotos ? Que affombros não causa qualquer sutil exalação , que invifivelmente sobe da terra, passa os ares , penetra as nùvens , chega à segunda região do ar , & ahi concebendo fogo, torna como Vibora a romper as entranhas da nuvẽ em que se gerara rayo , atroa hum, & outro pôlo, faz tremer com o estampido a terra, fere os montes, assola rochas , já ferindo com o relampago os olhos , já com o trovão os ouvidos , já com o temor os coraçõens ? Quem não contempla a inimizade com que entre si pelejão, atẽ se destruirem, os vapores da terra ? A agoa , & o fogo irritados com o vẽto, sem deixarem as armas, sô a fim de se desfazerem na contenda ? Pois isto he final evidente de que nelles não ha divindade, nem cousa alguma soberana:

Impetunt, & impetuntur.

Dij esse non possunt: Acometem , & são acometidos , pois não são Deoses: ira, crueldade , hostilidades, & vinganças são accidêtes muy estranhos para nobres sustancias, não cabem em a generosidade humana , quanto mais em huma Magestade Divina.

16 Daqui vem (como repararão varios Authores) que sendo o fogo entre todos os elementos o mais activo, & lustroso no luzimento, lhe não dà na sua creação titulo algum honroso, com que mais se estime, & venere, o Texto sagrado : & pois os mais elementos, que são menos nobres, hão de ter titulos grandiosos com que se celebrem , & sejam mais nomeados ; & sô o fogo, que he o mais nobre de todos, ha de ficar sem nenhum mais authorizado appellido? Sim, & a razão he; porque o fogo bellicoso , & irado, ou fique vencedor, ou vencido , nunca larga das mãos as armas ; & co-

mo o nome mais nobre se equivoca com o fangue illustre , por isso o fogo perde o foro da nobreza, porque não desiste da sua ira, & vingança ; & se a vingança iracunda anda avinculada a animos humildes, & baixos ; o corretponder ao offensor, que me fez o aggravo, com beneficios , he attributo que anda annexo a animos Principes. Principe era Jacob , como neto de Abraham illustrissimo , & como tal tam sôra esteve de se despigar de seu irmão Esau, tomando do aborrecimento , que este lhe mostrava, alguma satisfação , que antes retirando-se fugitivo, lhe largou toda a sua casa , & nelle empregou a sua larga beneficencia: *Profectus venit in Mesopotamiam Syriae.* Qual Principe dos metaes , ou qual metal de Principes o ouro , o qual assim sahe do grisol apurado, nas qualidades benigno, na natureza branda, nos quilates fino , nas su-

geiçoens benefico, nos redimétos fugeito, q̄ àquelle mesmo, q̄ mais o desfaz em folhas, & retalha em golpes, a esse se dobra mais agradecido em primores; quando se vé mais cortado, então se dilata em mais estédidas laminas, então se adelgaça em mais delicados fios, então se estende a mais flexiveis canotilhos, & cõ elles se offerece a tecer a coroa, a quem mais ingratamente lhe diminue a sustancia: tal ha de ser o que se imagina aggravado, & não vidro: o vidro conserva sempre a primeira figura que lhe deraõ; se lha quereis mudar, render, ou abrandar, quebraloheis facilmente; he necessario o tratallo cõ muyto tento, para que não estale, & se fenda de todo; mas que muyto he, haja esta differença entre o ouro, & o vidro, se o vidro foy formado a sopros grosseiros, & o ouro foy creado a rayos illustres?

17. Hum remedio efficacissimo quero eu dar

Tom. V.

por ultima resoluçã ao nobre, que se imagina aggravado com alguma leve offensa, & vem a ser, que reprima com a dissimulaçã a ira, a que o provoca essa imaginada offensa; porque dissimular a afrõta com que se presume, & imagina desluzido, serà da sua fidalguia o mais authentico testemunho. E senão, respondão à pergunta, que lhes faz Santo Agostinho, os que por estrellas na nobreza são reputados. Que injurias se não fazem cada dia às Estrellas? já chamando estrellã de Mercurio a que he a mesma fidelidade, já estrellã de Saturno a que he a mesma beneficencia, já estrellã de Venus a que he a mesma pureza, já estrellã de Marte a que he a mesma brandura: *Con-* *Sanct.*
Aug.
in Ps.
vitia fiunt stellis, cum dicitur: illa stella Mercurij est, & illa Saturni, &c. Não he aggravado que se faz àquelles mais brilhantes, & luzidos astros, engastados como finissimos diamantes

I iij tes

tes do Ceo pela mão de Deos na fermosura do firmamento, o pollos debaixo dos ardores de hum espirito tam bellicoso, & lalcivo, fogeitos ao dominio de hum pirata, ou de hum ancião caduco, & come meninos, de quem se diz, que chegàra a trazer seus proprios filhos? Não he injuria que fazem continuamente os Mathematicos do mundo às estrellas, dandolhes o nome de feras, quando em huma noyte serena, em que o Ceo està mais escovado de sombras, lendo em caracteres de rayos, ou a serenidade, ou a mudança do dia seguinte, levantão com o dedo os olhos, & dizem que para hũa parte divisaõ a Urfa, para outra o Touro, aqui o Leaõ, alli o Cancro, já a Serpente, já o Escorpião, já o Centauro? Ninguem negarà, que todos estes appellidos são afrontas manifestas, que se fazem àquelles planetas resplandecentes, & escolhidos para contempla-

rem (como olhos que são do Omnipotente) tudo o que passa cà das telhas abaixo; & com tudo offendem-se elles acaso dessas calumnias que lhes dizem os homens? Não algum final, ou movimento de que se sintão agravados? *Quid illa cum audiunt tanta convitia?* Hão deixado já mais seu curso ordinario? Hão perdido por vètura hum sò passo da sua benefica carreira? *Numquid non moventur? Numquid non exercent cursus suos?* Não por certo; pois destes nobilissimos astros, remata a Aguia Africana, devem aprender aquelles fogeitos illustres, a quem Deos ha posto na mayor esfera da grandeza, para allumiarem cõ o seu exèplo aos mais: *Sic & homo, qui in natione perversa, & tortuosa est, habet verbum Dei, sicut luminare est fulgens in caelo.*

18 Basta ò colerico, & vingativo, que tanto blasonas de illustre, que huma sò palavrinha de def-

desprezo dita sem nenhũa advertencia gere logo em teu peyto hum tormento tam desmedido? E que tal vez sò o sonsonotinho cõ que se disse, te ha de enfurecer, & obrigar a que te mostres delle muy resentido? Que o tocarem-te levemente com hũa palha o has de avaliar por grande calumnia? Que qualquer pequena descortesia para o teu presumido animo seja hum desgosto, que gravemente te penalize? Que qualquer aceno ao teu pũdonor melindroso com hum agudo sentimento o lastime? Que qualquer geito com menos decoro para a tua estimação seja huma nuvem de tristeza que te assombre? Que porque o amigo com quem trataes não foy do teu parecer, nem se cõformou nas tuas disposiçoens com o teu gosto, te has de mostrar logo muy carrancudo, & severo? Que por hum remoque, que se te lançou com desdem, ou com menos agrado, te has

de declarar por offendido, a fastandote daquelle com quem sempre tivestes o mais estreito cõmercio, & a mais familiar amizade, voltadolhe as costas, quando na rua te fae ao encontro, & o que he mais para se estranhar, faltadolhe com as reverencias, & faldaçõens, que pedem as leys da cortesia, & devida proximidade? O' triste alma, a que se deixa levar de semelhantes apprehensoens, para viver sempre em hum perpetuo tormento affligida! E com quanto melhor acerto se portou David com Saul? Pois quando Saul imaginava, que os serviços de David eraõ aggravos, & por isso as mesmas finezas, que avaliava por injurias, pagava às lançadas: *Nisus est Saul configere David lancea in parietem*; David dissimulando, & desprezando com o retiro esta tam grave offensa, deixou mais qualificado o laço de sua mayor fidalguia, enfinandonos, que a disti-

mulação, & desprezo era a mais nobre vingança, que se pôde tomar de huma afronta, & o mais nobre modo de castigalla; porque quem fere, não fere por ferir, senão por causar dor com que atormentar: o fruto da offensa consiste no sentimento do aggravado; donde quem ultraja o golpe, mostrando não sentillo, refunde no offensor o seu sentimento, frustrando seu designio, & deixando-o por indigno de que se tome delle outro despique; & não pôde aver, como advertio Seneca, genero de vingança mais afrontoso, que tirar ao offensor das mãos o deleite, que esperava ter de aver irritado, ao que se dà por desentendido: *Genus ultionis est eripere ei, qui fecit contumeliam voluptatem*; com que não sò argue espiritos mais nobres, & bizarros, dissimular as injurias, que vingallas; mas quem se retira do inimigo, quem dissimula a offensa, & della cõ

clemência se não vingaa, esse he o que toma, como David, de seu offensor a mais sanguinolenta vingança: *Declinavit David, &c.*

§. V.

19 **U**ltima questão: Qual he a mayor victoria: conceder o perdão ao meu inimigo, quando me não posso vingar, ou perdoar ao inimigo que tenho debaixo da lança, vencendo-me a mim mesmo? Respondo, que perdoar o aggravado, venciendo-se o que o recebeu a si mesmo, he a victoria mais illustre, & o escudo que tem a clemencia generosa para se defender dos tiros da vingança iracunda o mais poderoso. Todos esses insignes Capitães, que celebra a fama, não se podem chamar invenciveis, porque muitas vezes foraõ vencidos de suas payxoens: hum Cesar

Seneca.

Cesar da ambição, hum Alexandre da ira, hū Annibal da lascivia, hum Alcibiades da enveja : que monta fer na guerra hum Marte , quem pendura trofeos a Venus? Que mōta coroar-se de louros, que faz ramalhetes de suas murtas? vēcer-se a si, he o vencer; vencer a ira com o escudo da paciencia; rebater os assaltos da vingança, esse he o mayor triumpho: render Cidades, pela mayor parte he trato: desbaratar exercitos pōde ser caso, fortuna, & successo; sō vencer-se a si, se pōde chamar victoria, & triumpho digno de immortal nome. Acha David a Saul seu mortal inimigo dormindo, podia-o matar, não o quiz fazer. Acorda Saul, conhece o que passa, & começa a exclamar : *Nunc scio certissimè, quòd regnaturus sis*: Agora sei David com toda a certeza que aveis de ser Rey : & porque agora, & não antes? Quando amedrontava as feras, quando a pesar de

suas garras desgarrava os Leoens, & fazia em pedaços os Tigres, porque não? Porque não, quando cortou a cabeça ao Gigãte, para que sem ella podesse caber na Campanha? Porque não, quando aos Filisteos era perder a vida, sō ver a David a cara? Porque não então, & porque sim agora? Porque então venceo a outros, & agora venceo-se a si, venceo sua ira, triunfou dos impetos da vingança; & não he muyto vencer David gigantes, feras, exercitos; mas vencer ao mesmo vencedor; vencer-se a si mesmo; vencer David a David invencivel, essa sō he a victoria, que pode coroar as victorias : *Nunc scio certissimè, quòd regnaturus sis*; esse o valor com que hum fogeito se acredita de mais poderoso. E senão pergunto : Aonde cuidais vòs que se mostra mais o poder divino? Por vêtura em fabricar o Ceo, & a terra com hum fiat da vontade? Em fazer com hum

1. Reg

24.

v. 21.

hum sò querer o firmamento, o Sol, a Lua, as Estrellas, & tudo o mais com que se ennobrece todo esse Universo? Não por certo: em não castigar os delictos, em não destruir os peccadores, em perdoar os peccados, he que offenta Deos principalmente de mais poderoso: affim o apregoa a Igreja em huma oração por estas palavras: *Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maxime, & miserando manifestas*: Deos, que perdoando manifestas o teu mayor poder com mais evidencia; antes parece que sò em perdoar mostra Deos sua Omnipotencia: em outras obras mostra poder, & grande poder, mostra que pòde muyto; em perdoar mostra que pòde tudo, porque perdoando se vence a si mesmo, & para vencerse a si, necessita de todo seu poder. Para crear ao Ceo (fallando com precisão) não ha mister todo seu poder; porque mais pòde

fazer que o Ceo; para crear a terra, não he todo seu poder necessario, porque muyto mais pòde fazer que a terra; para dar ser a todas as creaturas, não empenha todo seu poder, porque ainda pòde crear outras infinitas, infinitos Ceos, infinitos mundos, & infinitos, infinitos; mas para vencerse a si, de todo seu poder necessita; porque não podera Deos vencer a Deos com menor poder que a Omnipotencia, & isto faz quando perdoa, vencerse a si mesmo. Pequena victoria fora para Deos castigar a hum peccador; isso he vencer a hum homem, & vencer a hum homem, o pòde fazer outro homem facilmente; vencerse a si, essa he a victoria digna de hum Deos, porque he vencer a Deos, & isso sò Deos o pòde fazer.

2o. No Psalmo 44. a- *Pfal.*
vendo louvado muyto a 44.
gentileza de Christo o
Real Profeta, passa a en-
gran-

grandecer a sua fortaleza, & fallando com o mesmo Senhor, como se o tivera na sua presença, diz assim: *Accingere gladio tuo super femur tuum potentissime.* Lãçai com gentil meneyo a vossa espada ao lado ò Senhor poderosissimo. Pergunto: Se David pretende, que mostre o Senhor sua poderosa valentia, digalhe, que tome na mão a espada, & não que a traga na cinta, porque o valor não se conhece com a espada ao lado, que esse he dos covardes o estylo; nos valentes se mostra cõ a espada na mão, meneando-a com destreza, levando della desembainhada com bizzarria, brigando com confiança, açoutando com ella os ares, ferindo, & matando aos inimigos; porèm não he assim, he muyto ao contrario; mais valor se ostenta, & mayor poder mostrará o Senhor com a espada na cinta, que com a espada na mão; com a espada na mão se abonará de poderoso, com

a espada na cinta, se dà a conhecer por poderosissimo: *Accingere gladio tuo super femur tuum potentissime*; & a razão he: que com a espada na mão corta por seus inimigos; com a espada na cinta corta por sua mesma ira: com a espada desebainhada vence a homens que castiga; com a espada na cinta se vence a si mesmo não castigando; & este he o triunfo digno de seu poder, esta he a victoria, que o acredita de Omnipotente; por isso lhe diz o Rey mais discreto, que para parecer, como he, poderosissimo, traga sempre a espada cingida: *Accingere gladio tuo super femur tuum potentissime.*

21 Esta deve ser sem duvida a mais cabal razão, porque mandando Christo Redemptor nosso lá no horto aos Apostolos, que comprassem espadas, ainda que fosse a troco de se venderem os vestidos, para prevenir a justa defenza: *Et qui non habet* ^{Luc. 22.} ^{v. 36.}

habet, vendat tunicam, & emat gladium ; depois querendo Pedro animoso usar das armas para defender a Christo da furia de seus inimigos, o Senhor o reprehende severo, & lhe manda que recolha outra vez na bainha a espada : *Mitte gladium in vaginam*. E pois para que são espadas, Senhor (podia replicar Pedro, como pôderou advertidamente S. Ambrosio) se dellas se me ha de prohibir o uso na occasião do conflicto? *Cur me emere jubes gladium, qui ferire prohibes* ? Sabeis para que ? Para mayor prova do poder de Christo . Quer Christo com as espadas declarar o muyto q̄ pôde, & não o mostra có a espada desembainhada, senão co a espada na bainha recolhida; porque desembainhar a espada contra hum esquadrão armado, bemo pôde fazer Pedro como intrepido ; porém não levar da espada contra hum esquadrão de inimigos, não vingarse po-

dendo, sô o pôde fazer a valentia de Christo ; por isso quer que haja espadas desembainhadas, porque estas são as que o seu poder acreditão, estas testificação seu valor, & mostraõ, que tudo pôde, quem a si mesmo se pode vencer. E que venturosamente Santo Ambrosio! *Emere gladium jubet, ut sit parata defensio, non ultio necessaria, ut videar potuisse vindicare, sed noluisse*. O' que escudo da clemência tam poderoso para rebater os tiros da vingança, he perdoar ao inimigo, vencendo-se hum homê, quando delle se pôde vingar, generosamente a si mesmo! Este foy o escudo de que se armou David para desbotar os golpes da lança da vingança iracunda, com que o quiz atravessar todo irado, & furioso Saul : *Nisus est Saul configere David lancea in parietem* ; & sendo assim, que tinha David bastante valor para resistir a tam malignos intentos, quando

Sanct. Amb. citat. á P. Alap. com. in Luc. c. 22.

do Saul trata de o acabar de todo com a sua lança, então lhe corresponde, ponteando na corda da clemencia generosa, & para lhe perdoar, vencendo-se a si mesmo, se retira da sua vista, porque julgou que assim se qualificava o valor de seu animo de mais poderoso, & se dava a reconhecer por mais lustroso o credito da sua clemencia: *Declinavit David à facie Saul.*

§. VI.

22 **A**H David, verdadeiro retrato de Christo com a Cruz ao hombro! porque se Saul arrebatado da colera arrojou contra David a lança da vingança iracunda, para com ella lhe tirar a vida; tambem o povo Hebreo, de quem era figura Saul, cego de obstinado, & furioso de vingativo fez alvo ao mais innocente David, ao amantissimo Jesu com a lança da indig-

nação do seu odio, pondo-lhe huma pesada Cruz ao hombro, para que caminhando com ella do pretorio de Pilatos até o monte Calvario, nella o pregarem, & lhe tirarem de todo a vida, por usurpador do seu Imperio. No odio pois de Saul como em sombra muyto escaça, se arremeça hoje na mais iniqua sentença, a mais tyranna lança; & na innocencia de David como em sombra muy espessa, se forma nesta tarde a mais sonora corda; corda, que quanto mais aperta a garganta, mais passos affina na melodia; melodia, que composta com os sustenidos do soffrer, mais exemplarmête se aposta a soar. Verdade he, que o passo que logo se vos mostrará em huma luctuosa pintura, demandava quebrar as cordas à cithara, & entregar os foidos às lagrimas dos olhos; porém como Christo pôz em solfa os *psal.* mais justificados actos *118.* de sua vida: *Cantabiles v. 54.*
mibi

mibi erant justificationes tuae in loco peregrinationis meae; a lança da sentença mais injusta servirá de penna que na cithara da Cruz toque a corda da mais justificada innocencia, para que se admirem os passos, que deu Christo com a sua Cruz, tam bem deduzidos pela parte da innocencia, quam mal sentenciados pela parte da injustiça. Mas que lança tam cruel, entregar hum Juiz a innocencia de hum Reo à pernicioso vontade de hum povo! *Jesum... tradidit voluntati eorum*, o qual clamava sem ley: *Crucifige, crucifige*, o qual accusava sem prova: *Convenientia testimonia*, o qual denunciava sem causa: *Nō invenio causam*. Mas que corda tam fina, a que sem remorso algum de culpa, se apostou a pegar na cithara: *Bajulans sibi crucē*, & a discátar com a mayor innocencia, suspendendo ao Ceo, enter necendo a terra, commovendo os astros, trespassando os ele-

mentos! Ora rebatamos esta lança, & ouçamos esta corda, & cheguemos às cordas da alma a crueldade daquella lança.

23 Ah Catholicos! se Saul foy tam rebelde, & obstinado, que se não soube aproveitar da generosa clemencia de David, antes dessa mesma clemencia fazia motivo para de novo o perseguir, & offender; não façais vós tambem motivo da clemencia, & misericordia da Cruz de Christo, para mal obrar, multiplicando sobre agravos passados novas offensas: rendei todos os coraçoes a tantos lanços de amor, & fineza com que Christo fae hoje a conquistar vossa contumacia; & se em alguma hora as lagrimas hão de inundar nos olhos em mares, seja sem duvida esta, em que ao romper daquella cortina se vos descobrirá o Filho de Deos, o Clementissimo Jesus com huma Cruz bem pesada ao hombro, com huma as-

pera

Luc.

23.

p. 54.

pera corda ao pescoço, cõ os pès descalços, & feridos, com o corpo aberto a açoutes, com o rosto banhado todo em sangue, coroado dos espinhõs mais crueis, pizado dos homens mais vis, desprezado com as injuriosas insignias de que o arrou por ludibrio a crue dade humana, emfim tam debilitado de forças, tam exultado de sangue, tam destituido de alentos, & tam opprimido com o pezo do aspero madeiro, que lhe carrega sobre o hombro, que a não lhe dar algum alento o amor, não tivera já tyrannia alguma que nelle podesse o odio executar. Ah almas Catholicas! ponde bem os olhos em tam lastimoso espectáculo, adverti, & contemplai bem aquella tam lamentavel figura. Mas quem Senhor da minha alma terá coração para ver espectáculo tam lastimoso, sem que lhe estale de dor, sem que desfmaye, & de todo desfaleça? Ora

figamos todos a este verdadeiro David, que tocando a corda da sua clemencia na cithara da Cruz, que leva às costas, nos està attrahindo a todos com a sua sonora melodia, a que o acompanhemos até o Calvario; & nos està movendo a que nos doamos das suas dores com prantos; mas porque toda a causa de vossas dores, ò amantissimo Senhor, & do desmedido pezo dessa Cruz que tanto vos opprime, & vos carrega sobre os hombros, são as nossas culpas, dai-nos licença a que sò nas nossas culpas se empreguem hoje as nossas lagrimas; & se David a som de cithara praticou o chorar, & confessar sua culpa, porque foy o primeiro que usou o toque da *Psalms* cithara: *Confitebor tibi in* 42. *cithara*, cõ penna da alma: *P. 4.* *Quare tristis es anima mea;* ao toque da cithara dessa Cruz confessemos, & choremos Senhor nossas culpas; mas que harmo-
nico

nico discante formará o som das nossas lagrimas, se neste passo tam lastimoso nos tocar o discante a cithara da nossa consciencia com penna, se nos ferir as cordas da alma com ancia, se pontear no espelho do nosso coração com magoa! Toda a magoa, meu Jesu Clementissimo, de nosso coração faya do mais interior del-le em hum pesame, & em hum proponho: em hum pesame da culpa com que vos temos offendido; em hum proponho a emenda para vos não offender mais; em hum proponho de não tornarmos a recahir em acção alguma peccaminosa, de que a vossa divina clemencia se offenda; em hum proponho de rebater os tiros de que a

lança da vingança iracunda fizera alvo ao nosso proximo, para que a este nosso pesame, & firme proposito corresponda o perdão, que na cithara dessa Cruz está entoando a corda da vossa generosa clemencia: este perdão nos concedei, por quem sois, Deos, & Senhor da minha alma: este perdão nos está assegurando essa divina Cruz, em que à custa de tantas dores, & a dispendios de tanto sangue levais a carga de nossas culpas. Oh meu doce Jesu, quem nunca as commettera! Oh quem sempre vos amara! mas como sois Deos de misericordia, misericordia vos pedimos todos meu Deos, misericordia meu Jesu, misericordia.





QUINTA TARDE
 DAS DOMINGAS
 D A
 QUARESMA.
 AVE MARIA.

Tenebat ... Saul lanceam : David tollebat citharam.

I. Reg. 18.v. 11. 16.v. 23.

I



QUEM ouviu de huma rara ave, que quer a enveja, que seja mētirosa fabula, mas quer a noticia que seja verdadeira historia. Ave, digo, tam rara, q̄ se intitula Feniz, Feniz de quem o Poeta, fundado na autoridade de Plinio, affirma, que tem nas plumas grande igualdade

Tom. V.

com as estrellas; porque como a Feniz não morre, tē tanta duraçãõ as estrellas como as suas plumas: plumas a quem nũca defcõpozeraõ balas, porq̄ as plumas da Feniz acestãraõ pontos, porē nũca acertãraõ tiros: voo tam soberano para o Sol, q̄ sō tē fome de rayos, porque os rayos do Sol lhe servem de alimentos: olhos de tam pe-

K regri-

regrinas cores, que de que cor sejaõ, està em segredo, para se conservarem em mayor respeyto, para se respeitarem em mayor mysterio: o semblante ayrosamête abrazado, lustrosa participaçãõ do Sol que adora, verdadeira estampa da luz de que se alimenta: na cabeça hum encrespado ramallete de plumas, que plumas, como o vento as leva, durãõ tanto como ramalhetes: o peyto cor de sangue em penachos, porque penachos de lustre custãõ gottas de sangue: as azas retocadas de azul celeste, q̃ naõ ha singulares voos, que naõ despertem azuis ciumes em emulos: todo o corpo semeado de ouro, reliquias do Oriente, onde nace, recompensas do dourado astro a quem serve. Mas quem ouvindo pintura tam rica de ave tam rara, naõ estranha a rigorosa pensãõ cõ que a natureza a encontra, & he a pensãõ, que opposta a mesma nature-

za com inimizade perpetua a pluma tam galharda, condena a Ave Feniz a huma sepulcral chama, na qual desfazêdo a immortal ave as azas em cinzas, a pompa em campa, o penacho em tumulo, emfim, emfim clama, que lhe custa a fama de unica a tũba anniversaria de sepultada. O' Feniz das purpuras! O' mate das prendas! O' cifra das partes! O' compendio dos prestimos! O' clausula dos talentos! O' Rey por imperio! O' profeta por preciencia! O' valente por armas! O' sabio por letras! O' discreto no verso! O' destro no Coro! O' alma cadente das Musas sagradas! O' vida consoante das musicas divinas! Com-vosco fallo Feniz David, que cõ a corda mais requintada da amizade intacta, reparaes a huma lança feita da inimizade perpetua: *Factus est Saul inimicus David cunctis diebus.*

2 Experimentando pois Saul, que nem a lan-

ça da enveja soberba, nem a lança da treyção politica, nem a lança da calumnia afrontosa, nem a lança da vingança iracunda podião destemperar as cordas da opiniaõ applaudida, da prudencia reportada, da modestia agradecida, da clemencia generosa, cordas, que com uniforme constancia ponteava David na sua victoriosa cithara; toca caixa à discórdia, publica guerra à desavença, pregoa campanha sem tregoa à inimizade: *Factus est Saul inimicus David cunetis diebus.* Ah Saul, que deshumana troca! que pouco discorrida metamorfose! basta Saul, que se trocou o rayo em corisco, a primavera em tempestade, a paz em campanha, o escudo em espada, o fabor em fastio, o gofio em defabrimiento, a uniaõ em briga, a musica em tragedia? Já para vòs a cithara he citação de audiencia; o trafeto com que se encordoa, he contrafte; o dedo com

que se ponteava, he pontada; o espelho leva o vento em mil pedaços, & em cada pedaço hum espelho de tórmento? Já David vos perdoàra a enveja; porq̃ vistoso, & envejado reciprocão-se: já David vos perdoàra a treyção; porque a treyção, se a generosidade a occulta, a prudencia a manifesta; já David vos perdoarà a calumnia; porque a calumnia se na payxão nasce, na razão se desmente: já David vos perdoàra a vingança; porque a vingança se hum pundonor politico a patrocina, a valentia mais generosa a despreza; mas como sofrerà David hũa inimizade perpetua, que se para sempre tira a falla, para sempre escandaliza a vida?

§. I.

3 **T**Al he a figura da inimizade, que me não atrevo a vo la mostrar neste tēplo; porque

Mat.
th. 5.

que não quer Christo, que dentro do templo em nenhum caso o seu papel re-presente. *Si offers munus tuum ad altare, & ibi recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adversum te, relinque ibi munus tuum, & vade prius reconciliari.* Se no tempo do sacrificio, tendo já posta a vossa offerta ao pé do meu altar, diz Christo, tiverdes algum recorde de que não estais com o vosso proximo reconciliado, porque de vós tem algum agravo recebido, sahivos logo no mesmo ponto fóra do templo, & tratai primeiro que tudo de vos reconciliar com elle na amizade, porque sô então será o vosso sacrificio de mim bem aceito. E pois Senhor, não bastava que depois de feita a offerta, o sacrificante se unisse com aquelle a quem o seu odio tinha posto já de participantes? Por força se ha de interromper o sacrificio, & dar lugar a q̃ primeiro as amizades se soldem, &

os animos de todo se unão? Não vedes, que ha de ficar a veneração de vossa magestade algum tanto desluzida, & a reverencia do vosso culto menos ayrosa? Não importa, diz Christo, porque mais estimo o aver a cõcordia, & a uniaõ entre os homẽs, do que os seus sacrificios; por isto escolho antes que se corte pelo respeito de minha honra, do que atrever-se a apparecer dêtro do meu tẽplo, da inimizade a figura; o tratar da vossa uniaõ he a minha mayor honra; a vossa amizade he o sacrificio que mais me agrada. Ora já que Christo não quer, vejamos re-presentar a monstruosa figura da inimizade dentro do templo, fique a inimizade lá da banda de fóra, & de lá tire embora a sua lançada, que nós cá de dêtro avemos de despedir primeiro hum tiro de amizade contra a lança da inimizade.

4 Fundou Deos em amizade ao mûdo, na amizade

zade de Eva com Adam: introduzio Deos em Adão hum letargo profundo quando quiz formar a Eva de seu lado : *Immisit ergo Dominus soporē in Adam;* & diz o Texto com enfatica vigilancia, que a acção de Deos tirando a costa, suppoz a Adam sem advertencia : *Cum obdormisset, tulit unā de costis ejus.* Pergunto assim: Se o tirar huma costa de hum corpo, he exceptuar a parte de hum todo, não era politica decencia, que Adam que era o todo, consentisse na exceição da sua parte acordado? Respondo que não: durma Adam, que não dorme sem muyto proposito; durma Adam, que não dorme sem muyto decreto: notem: o fonó he huma prisaó dos sentidos, & decretou Deos, que sahisse Eva de Adam preso, para sair de Adam unido: *Cum obdormisset, tulit unam de costis ejus.* Antes eu ainda reparo mais, em que formando Deos a Adam, & infundindolhe a

alma : *Factus est in animam viventem,* formando depois a Eva : *Edificavit ... mulierem*, não faça memoria o Texto de que lhe infundisse a alma. E pois (valhame o Ceo!) ha de fair Adam das mãos de Deos com alma, & de Eva não se ha de declarar que lhe fora a alma infundida? O' não vem, que mandava Deos a Adam que amasse a Eva, & a Eva que amasse a Adam? pois por isso se não faz menção mais que de hũa só alma: tam unidos hão de estar por amor, que hão de fer huma só alma em dous corpos, para que ambos se queiraõ bem pela alma.

5 Mais avante quer Deos que passe a amizade de Adam com Eva, já se não contenta com que sejião huma só alma em dous corpos, quer que atè no corpo sejião hum só: *Erūt duo in carne una:* com tam estreitos laços de amizade quiz Deos, que vivessem Eva com Adam unidos,



Genes.
2.
p. 21.

Ibi.

p. 24.

que não sò na alma , mas atè no corpo fossẽm o mesmo. Em uniaõ fundou Deos ao mundo , & para estabelecer no mundo esta uniaõ de amizade, propagou o mundo com o matrimonio , que começou na ley Natural, & Escrita em contrato , & acabou por instituiçaõ de Christo na Ley da Graça em Sacramento : *Sacramentum hoc magnum est : erunt duo in carne una.* Entre todos os Sacramentos da Igreja, he o mayor, diz Saõ Paulo , o Sacramento do Matrimonio: & pois o Matrimonio não he o infimo dos Sacramentos ? Não tem duvida ; como lhe chama logo Saõ Paulo o mayor: *Sacramentum magnum?* He o infimo , responde o Doutor das Gêtes, na ordem , mas he o mayor na figura: *Ego autem dico in Christo, & Ecclesia.* Declara o Matrimonio a uniaõ, que ouve entre a natureza Divina, & humana , significa o despolorio de Christo com a

sua Igreja , & a intima, & real uniaõ que ha entre nõs, & Christo nõ mysterio sobrelevado da Eucharistia ; & basta ser este Sacramento figura desta uniaõ, para que tenha entre os Sacramentos a maioria: *Sacramentum hoc magnum est.* Tanto como isto ama Deos a uniaõ da amizade entre os homẽs, que nella quiz que ficasse a propagaçaõ de todo genero humano fundada, & estabelecida. Mas ainda isto he o menos : ama Deos a uniaõ dos homens com hum tam singular affecto, que sò se pôde provar com encarecimentos; seja o primeiro.

6 Tanto he o que estima Deos a uniaõ de hũ homem com outro, que sò para que se unaõ entre si, antes permittirà a Divina Providencia, que vos inimisteis com Deos, do que vos inimisteis com o homem. Depois de Deos crear ao homem, pareceo-lhe ao Senhor , que não era justo , que hum homẽ como

Epist.
ad
Ephes.
5 v.
32.

como Adam, a quem rendiaõ ambiciosamente tributo todas as creaturas; tam galhardo, que era o exemplar da gentileza; tam brioso, que era admiração da mayor valentia, se achasse sô no terreal Paraíso, sem ter com que se divertir em laborosas praticas, & amorosas correspondencias: demoslhe, diz Deos, huma esposa, que nos costumes, qualidades, & nobreza lhe seja igual, & com elle tenha huma grande semelhança:

Geneſ. 2. p. 18. Non est bonum hominem esse solum, faciamus ei adiutoriũ simile sibi. He este Texto bẽ difficuloso de entender: assim pergunto: Não lhe estava melhor a Adam, o naõ ter a Eva por esposa? Assim parece; porque como Eva foy a authora da culpa, da curiosidade de seu appetite se lhe originou o seu arrempesso, & lhe resultou o mayor infortunio; pois se da companhia de Eva lhe veyo a Adam todo o dano, porque Eva foy de to-

da a sua ruina o principio, como logo Deos o avalia por bem: *Non est bonum hominem esse solum?* E que singularmente Santo Ambrosio! *Invenies plus placere Domino, in quo esset causa universitatis, quam condemnandum, in quo esset causa peccati*: Avaliou c. 10.

Deos por bem, diz o eloquente Arcebispo, a companhia de Eva cõ Adam, porque com tanto que ouvesse dous homens unidos, permittio a hũ mundo inteiro pelo original peccaminoso: bem vejo, diz Deos, que da companhia de Eva se ha de seguir a culpa de Adam, & que por causa do peccado original de Adam, ha de ficar Adam, & por consequente todos seus descendentes inimistados comigo; mas tambem vejo a estreita uniaõ de amizade, q̃ por causa desta companhia ha de aver entre ambos: *Erunt duo in carne una*; & he tam grande o affecto, com que estimo esta uniaõ de amizade raõ.

reciproca, que sô para que Adam, & Eva vivaõ entre si por amor unidos, permite a minha Providencia, que comigo se inimistem todos os homens: *Invenies plus placere Domino, in quo esset causa universalitatis, &c.*

§. II.

7 Segundo encamento: Ama Deos tanto a amizade dos homens, & aborrece tanto a inimizade de huns com os outros, que permittio, que seu filho unigenito ficasse morto, com tanto que ficassem dous homês unidos. Levado Christo a casa de Pilatos, & remittido por elle a Herodes, diz assim o Evangelista São Lucas: *In illa die facti sunt amici Pilatus, & Herodes, nam antea erant inimici.* Naquelle dia se fizeram amigos Pilatos, & Herodes, porque dantes eraõ inimigos. Não reparo já no principio, & ori-

gem, q̄ tiveraõ estas amizades de Pilatos cõ Herodes, porq̄ he certo, q̄ todas eraõ nacidas de duvidas de jurisdicção, de defcõfianças de authoridade, de ciumes do favor, & graça de Cesar, & de todos aquelles achaques de que adoece tam gravemente os que occupaõ os postos supremos: nõ que reparo he, em quem chegou a vècer todos estes reparos, em quẽ unio estes animos tam discordes, em quem obrigou a estes homens os mayores da Corte de Jerusalem, para que sendo inimigos capitaes se fizessem tam facilmente amigos. Não faltou quem dissesse, que a mesma presença de Christo fora a causa destes dous homens se fazerem amigos: ou seja, porque à vista de Christo não se atreve a apparecer de corrida a figura da inimizade: ou seja, porque he tal a efficacia do Corpo de Christo para causar união entre os homês desunidos, q̄ bastou q̄ o cor-

Luc.
22.

pode Christo mudo entrasse em casa daquelles dous homés inimigos tam grandes , para que logo sem mais diligencia estando discordes entre si, se unissem. O'que grande côfulaõ para a nossa fê ! O'que grande afronta para as nossas inimizadas? Que seja possivel , que entre Christo huma vez em casa de Herodes, & Pilatos, & q̄ logo se reconciliem, & se façãõ amigos; & que entre o mesmo Christo, que não he outro, tantas vezes em nossos corações, & que as nossas inimizadas fiquem tam inteiras, tam duras, & tam obstinadas como dantes ? He o mais a que pôde chegar a obstinaçãõ dos nossos odios: mas vamos ao intéto : Digo que a causa de se unirem os animos destes dous homens , foy o permittir Deos, que ambos concordassem nos pareceres que deraõ , para que morresse seu Unigenito filho em huma Cruz. E pois eterno Arbitro do

mundo, se tam custosa avia de sair ao voffo Verbo a amizade destes dous homens perversos , porque os não deixastes estar desunidos? Que vos importava a vòs a sua uniaõ? Importava, & convinhalhe muyto:ouçaõ a S. Cyrillo Jerosolymitano: *Decebat enim eum, qui mundum erat pacificaturus, ut prius etiam ipsos judices suos pacificaret.* Viera o Divino Verbo do Ceo ao mundo, diz o Santo Doutor, para unir, & pacificar os corações dos Principes que estavãõ entre si desunidos; & aborrece Deos tanto o ver a desuniaõ entre os homés, & vai tam interessado, em que haja amizade, & uniaõ entre todos, que não reparou em comprar com a morte do filho a uniaõ destes dous homens, que eraõ entre si tam contrarios. Se da morte de meu Filho Unigenito, diz Deos, se ha de seguir o ficarem entre si amigos Herodes, & Pilatos, morra embora meu Filho,

S. Cyrill.
Jerosolym.
citatur.
ab Anton.

in cons.
12. p.
2.

Filho, com tanto que os dous fiquem unidos: *Decibat enim, &c.*

8 Terceiro encarecimento: Ama Deo tanto a amizade, que trocou a ordem dos Sacramentos, para morrer pelos homens unidos; primeiro instituiu Christo o Sacramento da Eucharistia, que o Sacramento da Penitencia: o Sacramento da Eucharistia instituiu-o nas ultimas horas de sua vida; o Sacramento da Penitencia instituiu-o depois de sua morte, sendo que para boa razao a instituiçao da Penitencia avia de ser a primeira, & a instituiçao da Eucharistia avia de ser a segunda; porque se no Sacramento da Penitencia recebemos a graça por meyo da absolviçao das culpas, & no Sacramento da Eucharistia por meyo da Communhao se recebe da graça o augmento; primeiro ha de ser a graça, & depois o augmento. Mais: Christo antes da sua morte estava passivel, es-

tava mortal, & com este estado dizia melhor a instituiçao da Penitencia; Christo no Sacramento esta glorioso, esta immortal, & neste estado assentava melhor a instituiçao do Sacramento da Eucharistia; pois se Christo não instituiu antes da sua morte o Sacramento da Penitencia, porque antes da morte instituiu o Sacramento da Eucharistia, & não espera antes pelo estado de immortal, & glorioso para se sacramentar? Respondo: Se Christo morresse primeiro do que se sacramentasse, primeiro morria na Cruz pelos homens, do que se unisse com-nosco, & nós nos unissemos com elle no Sacramento, & do q̃ nós nos unissemos huns com os outros; porque por meyo da Communhao, não só ficamos real, & verdadeiramente unidos com Christo; mas tambem mediante Christo nos unimos entre nós mesmos; que assim entendem

Joan.
6.

dem muytos Expositores a aquellas palavras : *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo,* & estima Deos tanto a amizade dos homens huns com os outros, & aborrece tanto a inimidade que ha entre elles, que se nos não quiz dar em preço de nossa liberdade, sem que primeiro por meyo do Sacramêto de feu corpo, & sangue nos deixasse unidos. Venturosamente

Sanct.
Pas-
chas.
de cor-
pore,
& san-
guine
Domi-
ni.

São Pafcaſio : *Quatenus per hoc,* diz o Santo Doutor, *antequam se daret in pretium, nos in illo, & ille in nobis unum effemus corpus.* Não ha duvida que a instituição do Sacramento da Eucharistia por boa ordem se avia de seguir à instituição do Sacramento da Penitencia; mas sô por morrer pelos homens unidos, não reparo, diz Christo, em que se troque a ordem dos Sacramêtos: *Quatenus per hoc, antequam se daret, &c.*

S. III.

9 **F**undão-se estes encarecimêtos com que Deos anhele a que se conserve a amizade entre os homens, & que todos vivão unidos, em tres mysteriosas razoens: a primeira he, porque com a verdadeira amizade se atalhão grandes ruinas: a segunda he, porque quem grangea amigos, vive com mais segurança: a terceira he, porque a amizade, & uniaõ faõ as armas mais poderosas, para se conseguirem os mayores triunfos. Sobre estas razoens se levantará hoje a nossa Catholica Academia, que constará de tres breves perguntas, às quaes presidirá o mesmo David, & depois que os Academicos, que serãõ os pertendentes de amigos verdadeiros, se virem satisfeitos com as suas rēpostas, fará a sua pratica David, a que assistirá com a sua au-
tho-

thoridade Real o Principe Jonathas. Seja a primeira pergunta: Como se conservarã huma casa mais segura: com os amigos, ou sem elles? Com os amigos: & a razão he; porque da perda de hum bom amigo nace por vezes a ruina de huma casa. Em casa de Saul se achava David tocando leve, & docemente as cordas da sua cithara, para livrar das violencias de hum mão espirito com que vivia tyrannamente opprimido; porém doendolhe mais a Saul a gloria de David que feu proprio dano, lhe fez tiro com huma lança, & com ella o quiz cegamente obstinado atravessar em hũa parede: *Nisus est Saul configere David in pariete.* Foge David com o corpo ao golpe da lança, & na mesma parede de casa fez o tiro da lança o emprego: *Declinavit David à facie Saul: lancea autem casso vulnere perlata est in parietem:* & que se seguiu deste tiro que fez

Saul a David? Diga-o Santo Agostinho: *Dum amicum impetit, palatium concutit:* A lança q̄ Saul tirou ao seu amigo David, abalou a parede do palacio, & lhe ameaçou lastimosa ruina. Ah quãtas casas vemos arruinadas no mundo porq̄ no mudo, se perdẽ tantos amigos! Não tẽ hũa casa outro reparo mayor, nẽ outra columna mais firme, nem outro thesouro mais precioso, nem outra conservação mais segura, do que a de hum fiel, & verdadeiro amigo; assim o diz Salamão: *Amicus fidelis, protectio fortis: qui a-* Eccle-
tem invenit illum, invenit sicut thesaurum; & mal se v. 14.
poderã conservar huma casa em pè, sem que caya, se lhe falta o escudo para rebater, & reparar os tiros das desgraças, & contrastes da fortuna; se lhe faltão as riquezas, que são as paredes em q̄ se sustenta; & finalmente se lhe falta a firmeza da columna em que se estriba. Por isso perguntando là Es-
chines

chines o Filofofo , qual era a mayor perda que podia aver neste mundo? Respondeo discretamente, que perder hum homẽ o que ganha , & apartar-se do que ama: & a razãõ he, porque perder o que se ganha , he ficar sem o cabedal ; dividir-se do que ama, he perder-se a amizade: se alguẽ cuida, que desunindo-se daquelle que tem por amigo, pòde a sua casa escapar de alguma ruina , engana-se muyto enganado: quem quizer que a sua casa não arruine , não seja imitador de Saul, pois com o golpe da lança que queria dar a David , hia dando de golpe com o seu palacio por terra : *Nisus est Saul confgere David . Dum a micum impetit , palatium concutit.*

10 Segunda pergunta: A qual dos amigos se ha de procurar de ganhar, & ter por amigo: ao que he mais poderoso , ou ao que he mais vil ? Tanto ao poderoso, como ao vil,

porque para fazer mal, não ha inimigo vil, todo o inimigo he poderoso. De-fejou David fazer mercẽ a algum da casa de Saul, pelo entranhavel amor, que avia tido a Jonathas seu filho, & por esta causa perguntou hum dia aos que lhe assistiaõ : *Nūquid^{2 Reg 9.} superest aliquis de domo^{v 3.} Saul, ut faciam cum eo misericordiam?* Dizeime por vossa vida: ha por ventura ficado alguẽ da casa de Saul, em quem possa fazer emprego de minha liberalidade, & franquear-lhe alguns beneficios? Respõ-deo hum criado, que tambem o avia sido de Saul, chamado Siba: Sim ha ficado Senhor: Saiba Vossa Magestade, que ficou hũ filho de Jonathas chamado Miphiboseth, porẽm he coxo, & aleijadinho de *Ibidẽ.* ambos os pès: *Superest filius Jonathæ , debilis pedibus.* Venha esse coxo, diz David, & appareça diante de mim. Veyo Miphiboseth , & com palavras de mayor rendimento,

bran-

v.7.

brandura, & affabilidade lhe fallou David desta sorte: *Restituam tibi omnes agros patris tui Saul, & comedes panẽ in mensa mea semper*: Eu vos faço mercè de todas as propriedades de voffo Pay Saul, & tambem vos offereço a minha casa, & o comeres toda a vossa vida à minha mesa, & nunca vos faltarei com singulares favores. A quẽ não admira este animo demasiadamente benevollo de David? Que David se não vingue deste seu inimigo, antes o favoreça, he hum muy galhardo, & catholico lanço; mas que lhe faça tantas pontas de prata, que o recolha no seu palacio, que o ponha à sua mesa, mais parece acto de covardia, que acção de generosidade: mas como he crível, que em David tam valeroso ouvesse motivo algũ de receyo? Que David temesse a outros Cabos mayores, & mais alentados, bem fundado seria o seu temor; porẽm que de hum sogeito tam

fraco, que de hum miseravel se arreceasse David? Não se pòde tal presumir, & como era possivel, que este lhe podesse fazer o menor prejuizo? Sim pòde, diz David: he este meu inimigo? pois ainda que por natureza seja fraco, & vil; para me fazer mal, ha de ser o mais poderoso; ainda que ande coxeando pelas ruas, ha de ter azas nos pès, com que voe acceleradamente, para me perturbar a minha Monarquia, para me armar mil treyçoens; por isso o quero render com favores: *Faciam in te misericordiam*, por isso trato de o ganhar por amigo, convertendo em reparos, os que me ameaçavaõ tiros, & fazendo confidente do que avia de ser emulo mais pernicioso.

§. IV.

II **T**erceira per-
gũta: Já que
pela bondade de Deos
vemos

vemos a Portugal lograda huma ditosa paz com Hespanha, & com isto affim fer, ainda ha muytos que com bõ zelo arreceão a guerra, & outros que a desejan levados de seu proprio interesse, perguntado: Em caso que nossos inimigos nos tornem a fazer guerra, o que Deos não permita, nem o vejão nunca nossos olhos: como se poderá Portugal melhor defender; avendo nelle muytas armas, ou avendo nelle amizade, & uniaõ? Avendo amizade, & uniaõ. Não nego, que são necessarias as armas para a cautela; mas tambem he certo, que sò com a amizade, & unidade ha de Portugal ganhar victorias. Cinco pedras deitou David no seu çurraõ, quando sahio a desafio com o Gigante Golias: *Elegit sibi quinque ... lapides de torrente,*

1. Reg. 17.

2. 40. *& misit eos in peram pastorem;*

& cuidando eu que todas cinco lhe servissem para a peleja, com huma sò leyo, que derrubara ao

Gigante, & sahira da campanha victorioso: pois David tirador famoso, se para derrubar a esse fantastico, & agigantado inimigo bastava huma sò pedra, para que levais cinco? E se eraõ necessarias as cinco, para que atirais sò com huma? Singularmente Santo Agostinho: *Unū misit*, diz a Aguvia Africana, *quia unitas vincit.* Por isso atirou David sò com huma, porque a unidade, & a uniaõ he a que vence; vão as outras pedras, diz David como prudente, no çurraõ para a cautela, que para o triunfo a unidade de huma sò pedra he a que basta: *Unum nitamist, quia unitas vincit.* No anno felicissimo em que se celebraraõ as pazes em Portugal, sahio nesta Corte hum Titular bem illustre com huma bem galante, & preciosa casaca, na qual se viaõ entre finissimas bordaduras de ouro, & pedraria duas bem mysteriosas empresas; porque na dianteira

Sanct.

Aug.

Item

unum

tulit,

namq;

in uno

lapide

ostendit u.

tem.

Serm.

31.

leva-

levava muytas figuras: humas saltando em danças, outras cantando, & discantando em lyras, porèm nas costas hia toda femeada de armas: para huma parte homens a cavallo bem guarnecidos, para outra homens a pè com as lanças nas mãos, & com os mosquetes aos hombros; & perguntando selhe o mysterio, respondeo que as armas se não avião de lançar de traz das costas, antes que estas eraõ as que avião de conservar os applausos da paz, que se logravão presentes. Não reprovoo, que em Portugal, ainda estando em paz, haja presidios nas fronteiras, que se fortifiquem as praças, que se reformem os terços, que se acrecente a cavallaria, que se renovem os trens, para que advirtão nossos emulos, que não vivemos descuidados; o que digo, senhores, he, que menos armas, menos soldados, menos presidios são a Portugal necessarios, se

nelle ouver amizade, & uniaõ. Lembrame que perguntando là o Serenissimo Rey Dom João o IV. que Deos haja em gloria, a hum ministro dos mais bẽ entendidos da Corte, se lhe parecia que se fortificasse Lisboa: respondeo discretamente, que a mandasse Sua Magestade cercar toda à roda de bẽ-me-queres, & que logo ficaria segura. Não ha mais discreto conselho: haja bẽ-me-queres, haja amantes do Reyno, não se veção defunidos os animos, que ainda que os nossos inimigos nos venção no numero dos soldados, sempre a uniaõ dos Portuguezes, posto que na infantaria muy desiguaes, & nas tropas inferiores, ha de ser a que ha de vencer: *Unum misit, quia unitas vincit.*

12 Deos para mostrar o quanto nos ama, deu a Portugal por armas as cinco Chagas, para que com ellas se podesse defender de seus inimigos, &

& bem tem mostrado a Portugal nas victorias que lhe deu, que o tem na chaga do lado : & como poderá Portugal conservar esta chaga , & este lado ? Com a arma da amizade. Depois que Christo nosso Redemptor espirou na Cruz , diz São João Evangelista , que hum dos soldados lhe abria o lado com huma lança: *Unus militum lancea latus ejus aperuit*: & quem era este hū que abrio o lado a Christo? Quem era? Disse-o com toda a vêtura Drogo Hostiense : era a uniaõ dos

Drog. *Quis est ille unus, nisi*
 Hosti- *fortè ille, qui tunicam tuam*
 enf. de *inconsutilem sorte accepit?*
 Sacr. *Ipsa est nimirum unitas fi-*
 Dom. *delium* . E se a uniaõ dos
 pass. *fideis he a que abrio o lado*
 Serm. *de Christo, & Christo tem*
 I. *dentro do lado aos Portu-*
guezes , sò com a arma
da amizade , & uniaõ po-
deràõ os Portuguezes cõ-
servar perpetuamente es-
te lado ; que por isso Da-
vid como era tanto, ou to-
do do coração , & lado de
 Tom. V.

Deos : *Inveni virum secundum cor meum* , para conservar este coração , & este lado, à lança da inimizade perpetua de Saul , responde com a corda da amizade intacta , como logo veremos.

§. V.

13 **O**' Como realça à vista da braveza da lança a temperança da cithara ! Por não quebrar a amizade cõ Saul , obrou David duas acçoens igualmente catholicas, que generosas ; a primeira he , que por não ter occasiaõ de o matar, fuge doze vezes David a Saul ; a segunda he , que duas vezes , que o apanhou descuidado, tendo occasiaõ de o matar , lhe perdoa a vida. O' amizade constantissima ! acaba já de sair de dentro dessa porta para este teatro, porq' tua rara belleza , &

L gen.

gentil fermosura, nos está já roubando os affectos, cativando as vontades, & cõquistando os corações. Nestes lhe demos lugar, porque se a amizade toma a denominação do amor, so no coração, centro da benevolencia, se pôde achar a verdadeira Amizade. Vem saindo a amizade em hũa lustrosissima carroça de empenados ventos, rasgando rayos de magestade, como lá vio ao amor Divino o Profeta Rey: o vestido he de ouro de vinte, & quatro quilates, guarnecido desta letra: *Longè, & ab ultimis finibus pretium ejus*: de muy longe, & de regioens muy remotas trouxe o traje a amizade, o seu preço, o seu valor, & estima: traz o peyto descubierto, porque como todo lhe arde em amorosas chamas, he força que respire de tanto incendio: nelle se descobre hum espelho de cristal transparente, clara manifestação do singular affecto com que ama; si-

nal evidente da fidelidade, & singeleza com que vive: os olhos vendados, ou seja, porque o verdadeiro amigo, para exercitar finezas, ha de fechar os olhos a tudo o que se lhe pozer diante por estorvo, & se lhe representar impossivel: ou seja, porque a amizade, que pende dos olhos, não he verdadeira, he amizade sò para os pertos, não he desejo, he complacencia, he vista, não he amor. Nas ligeiras azas com que voa (que tambem a amizade tem azas para voar, porque amar, & voar são synonimos) se divisa esta letra que expressamente a define, & naturalmente a retrata: *Rara avis in terris*: he a amizade huma rara ave no mundo por peregrina, & peregrina por unica. Tres figuras de não menor gentileza a vê acompanhando por ayas, tocâdo todas tres em suas tam bê afinadas citharas, que ao toque de huma se percebe logo a melodia das

Pro-
verb.
31.
10.

das outras. A primeira he a Fidelidade, a qual vestida toda de pelles de arminho, & na cabeça com hũa grinalda de açucenas, verdadeiros geroglificos de sua candura, vem cantando com suave harmonia, à maneira de mote, esta letra, que em abono da amizade lhe compòz Santo Agostinho: *Firmamentum stabilitatis, & constantiæ in amicitia est fides, nihil enim est stabile, quod infidum est.* A fidelidade, & fingeleza he a base, em q se funda a firmeza, & cõstancia da amizade; porq aonde não ha fidelidade, não pòde aver permanência. A segunda figura he a Cõstancia: traz o vestido esmaltado todo de estrellas, não errantes, senão firmes: o peyto semeado de perpetuas; porque o amor que he perfeito, pela perpetuidade, & cõstancia se qualifica: na mão direita traz huma columna, & na outra huma vara; porque sò pela firmeza daquella, se pòde medir a fineza da amiza-

de: no dedo demonstrador brilha hum anel que lhe vem nascendo ao justo, porque nem por apertado a lastima, nem por largo corre o risco de se perder; servelhe de engaste hum diamante agudo na ponta, & na esfera quadrado, & nem por isso he falso, porq tem muytos fundos, & quilates de fineza: tam firme, que nem quebra quando se lava exposto a tantos golpes da fortuna, nem salta com as chamas, que accede a colera, nem com o oleo da lisonja, & soborno se abranda; o mote que vem entoando ao som da sua cithara, he este que lhe compòz Saõ Jeronymo: *Amicitia, quæ desinere potest, nunquam vera fuit, cum amici deberent esse immortales:* A amizade em que pòde aver mudança, nunca foy verdadeira; porque os amigos para o serem devem de ser immortaes.

14 A terceira figura he a Uniaõ, a qual dulcissi-

mamente linda, & dando matê a toda a belleza, vê trajada da mesma gala da amizade, pela reciproca equivoção que ha entre ambas: traz na cabeça huma coroa de murta tecida toda de romãs, em que os Antigos symbolizavão a verdadeira amizade, pela milagrosa uniaõ de bagos, que em si encerraõ; a letra que entoa, lhe compoz tambem Santo Agostinho: *Amicitia igitur ip-*

Sanct. Agost. sa virtus est, quæ talis dul-
tom. 4 cedinis, ac dilectionis fæde-
l. unus re ipsi amico copulatis, ut
de a- unum fiat de pluribus. He
micit. a amizade huma virtude

ram excellentemente engenhosa, que com o suave vinculo do affecto, & com a estreita liança das almas chega a unir de tal sorte entre si os verdadeiros amantes, que de muytos faz hum só. Ora suspendão já as suas vozes estas figuras com que nos tem tam suspensos, & parem já com os discantes das suas citharas, que quer fallar a amizade por boca de Da-

vid; que de hũa tam cortês virtude, sô pôde ser interprete o Principe mais cortesaõ, & se atêgora nos levou o agrado a sua gentileza, mais nos ha de enlevar a discrição eloquente com que falla; mas para que melhor sobrefaya a suave harmonia de suas vozes, toque David a sua cithara, & discantando na cithara, falle David com o Principe Jonathas. Assim falla a amizade de David, demoslhe a devida atençaõ.

§. VI.

15 **Q**uid feci? Quæ est iniquitas mea, & quod peccatum meum in patrem tuum? Jonathas Principe; metade desta alma, *Dimidium animæ*, particula deste coração, *Cor-dis particula*: que risque o Pintor a estampa, porque lhe não sahio a pintura correspondente à idea: que quebre o artifice a estatua, porque a fabrica não concordou com a medida: que rompa o official a carta

a carta, porque a nota não arrezou bem a causa: todos tem razão, ou no rompimento, ou na quebra, ou no risco; mas que sendo eu carta aberta de lealdade, estatua firme de cōstancia, pintura viva de correspondencia, vosso Pay Saul rompe a carta, que não pecca na nota, quebra a estatua, que não mente na medida, risca a pintura, que não pecca na idea? Ganhar inimigos por desgraça, a desgraça mos manda sofrer; ganhar inimigos de graça, sò a sūma paciencia mos manda tolerar: deixei o sossego de pastor, fez-me Saul tocar na cithara de privado; & que seja possivel, que quando eu lhe discantava na cithara o som do canario, elle de morte Real me fazia o discãte! Mateilhe com huma pedrada o Golias; & quando eu cuidei que esta pedrada me fizesse gallo na privança, esta pedrada me fez gallo na testa! Com huma sò pedra lhe edifi-

quei a Monarquia; & imaginando eu, que esta pedra fosse o fundamento mais firme da nossa amizade, elle se torna para mim com sete pedras na mão! Por hum pouco de applauso ganhei hum inimigo? Injusta inimizade! Porque se a opiniaõ he ventura, se a ventura he estrella, porque ha de ser em mim a estrella culpa, o influxo peccado, & o realce crime? Porque o passaro naceo com garganta, ha de ser condenado à gayola? Porque o diamante naceo precioso, ha de viver no engaste do anel prisioneiro? Porque o cravo naceo rasgado nas prendas, se ha de ver encarcerado em canas? E porque a Rosa mereceo o cetro entre as flores, & teve votos para estrella, se ha de ver cercada de espinhas, ou com fintinellas de guarda à roda? Estes são os despachos, que correspondem da milicia aos serviços? Menor dezar he, que o que militou no cã-

po , acabe mercieyro no templo ; mas he o mayor dezar , que quem naõ foy mercenario no feryço , acabe defgoftado fem premio , inimiftado fem defeito ; como affim Jonathas , como affim ? *Quid feci ? Quae est iniquitas mea , & quod peccatum meum in patrem tuum ?* Se pequei , corra a causa , mas fenaõ pequei , naõ se dè a sentença à reveria . Ah David , & que bem fallais ! mas oh que melhor perfuadis ! E que perfuade David ? Perfuade na Dominga das verdades a mayor dellas . A mayor verdade , Catholicos , que David perfuade tocando a corda da amizade intacta , he que fõ em Deos ha verdadeira amizade , que fõ Deos he verdadeiro amigo : perfuade os poucos amigos , que ha no mundo entre tantos milhares de homens : pezaõ os homens a sua amizade na balança engano-

Pfalms
61. *flij hominum in stateris , &*
7. 10. *como não tem fiel esta ba-*

lança , por iffo quebra a amizade entre os homens : a amizade dos homens quebra na precedencia , quebra no interesse , quebra na mudança : Deos he amigo fem respeitar a precedencia ; Deos he amigo fem interesse ; Deos he amigo fem mudança .

16 Quebra a amizade dos homens na precedencia : por hum ponto de hõra , por hum ponto de corteftia , por huma precedencia no lugar , & no posto se perdem no mûdo muytos amigos , & por estes pontos perdeo Saul a amizade que tinha cõ David : porèm Deos he amigo fem respeitar a precedencia , Deos não he amigo de pontos . Quando là o Prodigio , defenganado do que era o mundo ingrato , caminhava para casa de feu pay , tam sentido de se ter ausentado , como defejoso de se ver reduzido , o mefmo foi vello de longe o pay , que apressar o passo , para lhe sair ao encontro , & prodigo de amor

Luc.
15.
v. 20.

amor darlhe com os braços o coração: *Cum adhuc longè esset , vidit illum patet ipsius, & accurrens cecidit super collum ejus : &* pois não esperaria o pay, que se adiantasse o filho? Não era devida obrigação , que este viesse primeiro abraçar ao pay rendido , & arrependido a seus pés? Sim era, porque logo nessa cortesia o pay tanto se adianta: *Accurrens cecidit ?* Singularmente Santo Ambrosio: *Cum adhuc longè sit, occurrat , nequis impediatur.* Este pay do Prodigio (diz o eloquente Milanez) representava a Deos , & Deos não repara em pontos de cortesia , para exercitar com-nosco as finezas de sua amizade: mostrou que como pay que era, amava muyto ao filho; que era amigo do coração verdadeiro, & como tal não lhe soffreu o seu amor , que o respeito da precedencia que deve o filho ao pay, lhe estorvasse o preceder ao filho nos lanços de sua

Sanct.
Amb.
Côm-
ment.
in c.
15.
Luc.

afeição, por isso lhe sahio primeiro ao encontro cõ tanta pressa, para que ninguem lhe encontrasse o mayor credito de sua fineza ; que amar sem respeitar a precedencia, he sò amar ao fino, sò he verdadeiramente amar: *Cum adhuc longè sit , occurrat , nequis impediatur.*

17 Quebra a amizade humana no interesse, porque em não avêdo interesse, já não ha amigos; tanto que cessa a dependencia, logo cessa tambem o amor; & amor com interesse não he amor: não he amor rendido, he amor arrendado: a amizade, que se funda no interesse, não he amizade, he contrato ; o obsequio que espera, nunca dura, & daqui vem, que não ha parente, nem amigo senão a cambio, em não avendo ganancia , acaba logo toda a correspondencia. Sabeis porque muytos vos frequentão a casa, porq̃ vos beyjão as mãos, porque vos dobrão o joelho, porque vos cortejão

com tanto obsequio ? não he pelas prendas que em vòs reconhecem , senão pelas dadas que de vòs esperão ; não tem por objecto de seu rendimento vossa pessoa , tomão por objecto de sua adoração seu interesse. Por isso fallando Seneca o Philospho da presumpção esvaecida de Cesar, que se deixou beyjar o pé de Pompeio , diz que Cesar fora vão , & que fora Pompeio cobiçoso , pois não achou em tam grande Principe que respeitár, senão o ouro , & as joyas de que tinha adornado seu pé: *Aurum, & margaritas osculatus est, & alioquin nullam partem in corpore ejus electarum invenit.* Desengañem-se os que se vem no mundo mais respeitados, & assistidos, que a elles os não respeitão , senão às suas riquezas, & aos beneficios que da sua mão se esperão. Ninguem vos quer a vòs sem si, antes em os homens vos buscarem a vòs, se buscão a si, & em

Seneca
ca 1.2.
de beneficiis c.
12.

entrando a si , já não ha a vòs: não vos amão cõ acto de cõtrição, isto he, por amor de vòs puramente; amão-vos cõ acto de attrição, ou obrigados do temor, ou levados da dependência: buscais ao Ministro, para q̄ em vosso favor vos despache; buscais ao Advogado, para que cõ toda a diligencia vos patrocine; buscais ao Medico, para que pontualmente vos cure; buscais ao Prégador, para que com a eloquencia da sua doutrina a vossa solemnidade acredite; buscais ao musico, para que com a suavidade da sua vòz vos recree; buscais ao official, para que com o trabalho de suas mãos incansavelmente vos sirva: & em cessando estes motivos, de nada mais fazeis caso; em se acabando a vossa conveniencia, acabou logo a vossa adoração, & feneceo de todo a vossa amizade.

18 Grandes validos forão Cratero, & Ephes-tião

tião do grande Alexandre, & perguntandofelhe a este hum dia, qual dos dous lhe parecia, que mais o amava; respondeo o discreto Emperador: *Craterus amat Regem, Ephestion Alexandrum:* Cratero ama ao Rey, Ephestião ama a Alexandre, & foy o meſmo que se diſſeſſe: Ephestião ama a minha peſſoa, Cratero ama ſò a ſua conveniencia, que de eu ſer Rey a participa: ſe eu não fora Rey, não me amara Cratero; Ephestião ainda em tal caſo ſem duvida me aſſiſtira com todo o affecto: & que poucos ha, que a Ephestião ſe pareção? E quantos ha, que a Cratero ſeguem, & imitão: Sò a amizade de Deos he muy deſinteressada, & por iſſo ſò Deos he amigo unico para amigo. Eu reparo que deſcrevendo o Eſpoſo nos Cãtares as perfeiçoens de ſua Eſpoſa, depois de nos encarecer a gentileza das partes de que era compoſta, nenhuma menção

fizeſſe da fermofura das mãos; & que menos merecêraõ as mãos da Eſpoſa, que as outras partes, para nellas ſe não ver muyto o Eſpoſo? Eu o direi: Por que nas mãos ſe ſymbolizaõ as dadivas; & quiz mostrar o Eſpoſo Divino, que ſeu amor, quanto era mais fino, tanto era mais deſinteressado; que amava a Eſpoſa pelo muyto de perfeiçãõ, & excellencia que nella avia, & não pelo que de ſuas mãos esperava; porque amor que ſe alimenta com dadivas, tem mais de baſtardo, que de legitimo, tem mais de conveniencia, que de amor.

S. VII.

19 **Q**uebra finalmente a amizade humana na mudança, porque ſempre eſtã às variedades do tempo expoſta, qualquer accidente da fortuna a altera: no tempo de glorias, de prosperida-

ridades, & bonanças, não vos faltarão amigos, que vos fação muy politica, & cortesaniſſima aſſiſtencia; porèm na pena, na aduerſidade, & deſgraça, logo vereis, que quebraõ o cõtrato da amizade com voſco, logo vos achareis ſem amigo algum, porque todos então vos viraõ as coſtas, & da voſſa companhia apartão os olhos. A amizade, que ſe lè na Sagrada Eſcritura mais celebre, todos ſabem, que fora a de Jonathas com David, & não averiguãdo por agora as muytas, & raras finezas, que por David obrara em toda a occaſião aquelle Principe ſeu fideliffimo amante, particularmente, quando a afeiçãõ de ver que vencerã David alentado aquelle monſtro da soberba o Gigante Goliath, o obrigou a que fiſſem ambos entre ſi hum concerto de amor: *Inierunt autem David, & Jonathas fœdus*: ſõ reparo em que as vozes com que eſta amiza-

de, que parecia tam fina, ſe vio pouco depois, correndo o tempo, explicada, inſinuaõ, que fora pouco conſtante, & que pode acharse de duvidosa, porque, ſe bem ſe adverte, diz o Texto, que tornara Jonathas a fazer hum concerto, naõ com David, mas com a caſa de David: *Pe-*

pigit ergo Jonathas fœdus cum domo David. Ha tal caſo como eſte? E pois cõ a caſa he que ſe faz o pacto, & naõ com a peſſoa? Sim; porque a peſſoa de David vivia naquelle tẽpo por ſuas victorias mais perſeguida da enveja, & armada da potencia, do que podera acharſe pelas mais terriveis culpas; trazia então David arriscada a vida, & a cada paſſo pizava ſombras da morte: a caſa de David eſperava melhorar de fortuna, & ſer infallivelmente herdeira da coroa, & a amizade deſte mundo, não ſe tem com o que ſe vè perſeguido, ſenaõ com a eſperança de que chegarã a poſſuir

1. Reg
18.
p. 3.

1. Reg
20
p. 16.

possuir o Império. He verdade, que desta amizade tam cobiçosa não incorreo Jonathas por singular isenção a menor macula, porque amou a David como a alma sua: *Diligebat eum quasi animam suam*; mas com mysterioso fundamento se pozeraõ os côtratos da amizade com a casa, & não com a pessoa, porque era amizade humana; para que se entendesse, que ainda hum Jonathas, que adora, & ama a David como a sua alma, em chegando a pactear, contrata com a casa que se espera ver com bonanças melhorada, & não com a pessoa, quando se acha com infortunios descahida; porque se pôde aver a amizade com hum perfeito, he pacteando primeiro com a fortuna, que se espera mude com melhoramento de estado.

20. Donde se os Jonathas são amigos com os olhos na casa, quem averà, q̄ seja amigo cõ os olhos em David? Por isso nas

desgraças, & quedas dos Davis vemos pela mayor parte faltar tanto os Jonathas: são amizades contratadas com a fortuna da casa, se ouve mudança na casa, & corre a fortuna adversa, quebrouse o contrato, & já não ha Jonathas para David. Oh quãtos estamos vendo, que seguem importunos ao poderoso! Quantos, que como Girafões acompanhão obsequiosos ambiciosamente ao Ministro, & com huma politica assistencia lhe andão todo o dia em perpetuo circulo observãdo os aspectos; que mudada a fortuna, se se chegou a ver, de bem afortunado, desvalido, nem ainda lhe farão huma pequena cortesia; nem se conservarà na sua memoria, do tal Ministro a mais minima lembrança! Porque não tem duvida, que com a mudança da fortuna, de favoravel para adversa, se mudão de todo os animos, & se trocão totalmente os affectos. Sõ Deos he amigo firme

Epist.
Jacob
I.º.
17.

Ad
Rom.
5.

firme sem mudanças, amigo constante sem sombra de variedade: *Apud quem non est transmutatio; nec vicissitudinis obūbratio;* & por isso neste amigo unicamente devemos esperar, porque nelle acharemos as portas da misericordia, para remedio, & amparo nosso sempre abertas, nelle estarão bem logradas as nossas esperanças, porque tem a raiz tam firme, que nem a mayor furia dos ventos as abala, nem com a variedade dos tempos, & movimento dos astros se mudão: *Erit radix Jesse, & qui exurget regere gentes, in eum gentes sperabūt.* Este Senhor (diz São Paulo) em quem hão de pôr suas esperanças os Genticos, ha de nacer da raiz de Jessè, raiz de arvore tam forte, que o vento mais rijo, & contrario a não move, & nos mayores trabalhos, & infortunios, sem que do seu lugar se arranque, sempre està firme. Os amigos do mundo, como não tem raiz, a

qualquer affoprõ de desgraça, ou de tribulação logo caem, sem que nem ainda se descubra o lugar aonde os arremeçou a força do vento; & por isso são muy parecidos a aquellas altos Cedros do Libano, dos quaes disse o Real Profeta: *Vidi impium superexaltatum, & elevatum sicut Cedros Libani, transivi, & ecce non erat, & non est inventus locus ejus:* não tinha raiz, quando o arrancaraõ, & por isso não ficou final algum do lugar onde estivesse. E pois (poderã alguém assim dizer) não tinha eu aqui hum amigo, que como pomposa arvore me promettia a sua saudavel, & benefica sombra, dõde me podera acolher, & nella achar venturosamete todo o meu arrimo, & amparo? Como logo assim cõ tanta pressa ha desaparecido, que nem ainda com os olhos, por mais que se estendaõ ao longe, posso já divisallo? Oh! não ha que admirar. Era arvore sem raiz,

Psal.
36.

raiz, & hum pé de vento foy bastante para que arrebataadamente a levasse, & nunca mais apparecesse.

21. Porém Deos he arvore firme com muyta raiz, & à do Apocalypse muy semelhante; porque se esta brotava em doze frutos para se repartirem pelos doze mezes do anno, em Deos temos hum amigo, em quem acharemos o sabor da mayor doçura, & delicia em todo o tempo, & nelle podemos pôr seguramente a esperança de tudo a quanto anhelar o nosso cuidado; porq̃ nenhũ tẽpo ha, que não tenha muy saboroso fruto de que podemos lançar mão, & com que se veja o nosso gosto com toda a cabalidade fatisfeito: emfim he Deos hum amigo, a quem sò quadra o appellido que lhe dà o Apostolo, de Deos de todas as esperanças: *Deus autem spei*; que monta tanto como dizer: *Deus omnis spei*, porque

indefinita hic æquivalet universali, porque só por este amigo, que de todas as esperanças he Deos, nos podem ser todos os gozos perfeyta, & inteiramente comunicados: *Deus autem spei, repleat vos omni gaudio*: de hum amigo, que he Rey da terra, se pôde esperar honra, & fazenda; de hum amigo, que he Capitaõ, se pôde esperar a defensiva; de hum amigo, que he medico, se pôde esperar a faude; de hum amigo, que he Letrado, se pôde esperar o conselho; porém todas estas graças juntas sò se podem esperar de hum amigo que he Deos, amigo em fazer bem a seus amigos, tam firme, que por mais que a tempestade do vento se embraveça, nunca a sua amizade se altera; por mais que a enveja persiga, nunca a sua amizade se muda; por mais que a ausencia se interponha, nunca a sua amizade se intibia; por mais que a desgraça atomete, nunca a sua

a sua amizade se quebra; por mais que o valimento descaya, nunca a sua amizade se troca; por mais que a adversidade affaltee, nunca a sua amizade diminue; & como Deos he amigo tam firme, tam immovel, & constante, sem mudança, nem a menor variedade, por isso fò Deos he unico amigo para amigo.

§. VIII.

22 **P**ois se esta he a differença que ha entre a amizade de Deos, & a amizade dos homens; se a amizade de homens he tam varia, se a amizade de Deos he tam firme; se a amizade dos homens he tam mudavel, se a amizade de Deos he tam constante, se a amizade dos homens he tam incerta, se a amizade de Deos he tam segura; se a amizade dos homens he tam dependente, se a

amizade de Deos he tam desinteressada, se a amizade dos homens pelos olhos da presença se sustenta, se a amizade de Deos na ausencia se qualifica; se a amizade dos homens he tam fingida, se a amizade de Deos he tam verdadeira; em que razão cabe, que pela amizade dos homens troquemos a amizade de Deos? Não seja não assim Catholicos, hoje seja o dia, em que nos resolvamos apostadamète a grangear a amizade de Deos; & porq̃ esta amizade de Deos aonde melhor se divisou, & aonde mais resplandeceo, foy na Cruz, sò em Christo crucificado empreguemos todo o nosso amor, & toda a nossa affeicão, q̃ em Christo crucificado temos hum unico amigo para amigo, pois com a melliflua consonancia da corda mais requintada da amizade intacta, que toca na cithara da sua Cruz, està movendo a nossos coraçoes a que de todos
lhos

lhos rendamos sem resistência, a que de todo nelle sò os empreguemos sê repugnancia: & quem averà, que não renda o coração a este Senhor tam amante? Quê averà, q̄ não queira tomar a este Senhor unicamente por amigo, pois sò nelle se acha hũa amizade, em q̄ ha verdadeira côstãcia, verdadeira fidelidade, & verdadeira união: união na morte, fidelidade no lado, & côstãcia nos cravos: constancia nos cravos, pois offerecêdo-lhe seus inimigos, q̄ decesse da Cruz, & que o reconhecerião por verdadeiro Filho de Deos, foy este Senhor amigo dos homens tam constante, que sò pelos não defendepar, não quiz defenderse da Cruz, & cortou pelos creditos de Divino, sò por padecer por nosso amor, & persistir constantemente nas penas; antes por isso nem ainda permittio, que seus inimigos lhe violassem depois de morto os ossos,

por não quebrar nos ossos com a firmeza de sua amizade. Fidelidade no lado, pois delle sahio depois de espirar maravilhosa copia de sangue, & agoa, para mostrar, que o mesmo coração que rompia em sangue symbolo do amor, como notou engenhosamente Bercorio, era coração lavado, & fiel. União na morte, pois não quiz morrer na Cruz, sem que primeiro se unisse estreitamête cõ os homens por meyo do Sacramento de seu corpo, & sangue, como notou S. Pascaſio: *Quatenus per hoc, antequã se daret in pretium, nos in illo, & ille in nobis unum essemus corpus.*

23 Dizeime agora Catholicos: poderseha no mundo encontrar amigo algum, no qual se ache esta tão amorosa união, esta fidelidade tão leal, & esta constancia tam firme, como se vê em Christo crucificado? Claro està, que aveis de confessar que não; pois se este Senhor

vos

vos está pedindo da Cruz, que nelle fô empregueys o voffo amor, & que a elle fô tenhais por amigo; fe com a corda da amizade intacta, vos quer ganhar, & conquistar vossos coraçoes; como fão estes tam rebeldes, & obstinados, que não fô resistem ao suave toque da corda mais requintada da sua amizade, mas estão correspondêdo ao coração deste Deos tam amante com os tiros das lanças mais cruéis, quaes fão as offensas? O' que ingraticidaõ! O' que tyranna correspondencia que he a vossa! que em lugar de amar a este Senhor, o offendaes continuamente! Christo na Cruz tam constante em vos amar, & vòs persistindo constantes em o offender! Christo na Cruz unido com-vosco por amor, & vòs divididos, & apartados do amor de Christo pela culpa! Christo na Cruz padecendo por voffo amor a dureza dos cravos, & vòs tornan-

do a pôr na Cruz todas as vezes que peccais, o corpo de Christo: Christo morrendo, & espirando na Cruz por vossos peccados, & vòs sem vos moverdes a sentir suas penas, & a melhorar vossas vidas! Christo na Cruz inclinando a cabeça, para mostrar com esta inclinação amorosa o muyto que era inclinado aos homês, & que estes eraõ as suas delicias; & vòs tam pouco inclinados a Christo, que lhe estais renovando as chagas, & alanceando o peyto com multiplicados delictos! Christo na Cruz abrindo o lado, para vos meter a todos no coração, & vòs fechando as portas da vossa alma, & de voffo coração a Deos, & abrindo-as para os idolos do mundo, a quem estimais, & adorais como a Deos!

24 Ora appareceinos já amantissimo Jesu Crucificado, que mais poderosas hão de ser as vistas para as lastimas, do que tem

tem sido nesta tarde as vozes: bem sei que atégora vos fez a nossa ingratidão com as lanças da enveja soberba, da treyção politica, da calumnia afrontosa, da vingança iracunda, & da inimizade perpetua, alvo de nossas offensas, mas resolutos estamos a que daqui por diante vós sejais o unico emprego de nossa affeição, & o objecto mais requerido de nosso amor. Se com a consonancia das cordas que ponteava o vosso fidelissimo servo David na sua cithara, não fò rebateo as lançadas que lhe atirou Saul seu inimigo declarado, mas ao leve, & doce toque desse instrumento lhe entrava ao mesmo Saul na alma o antidoto, & começava a respirar do achaque, quando se via das violencias de hum mau espirito invadido; de quanto mais efficaz, & poderosa medicina serà para curar os malignos affectos de que

se vê opprimida nossa alma, a sonora corda, que hoje tocais na bem temperada Cithara deffa Cruz? Ora sirva Senhor o Sangue com que se suaviza, & tempera essa vossa Cithara, de efficacissimo remedio, & suave antidoto, com que se curem totalmente as nossas envejas, com que se humilhem as nossas soberbas, com que se desterrem do nosso commercio as nossas politicas, & atreyçoadas lisonjas, com que emmudeção de todo as nossas afrontosas calumnias, com que se desprezem com generosa resolução todas as nossas iras. & vinganças, & finalmente com que acabem as nossas discordias, para que reyne em nós para com-vosco, & para com o proximo, huma mais intima uniaõ, huma fidelidade a mais leal, & huma constancia na nossa amizade a mais firme. A esse lado aberto, que he o espelho em que mais se a-

fina a melodia das vozes,
 que entoa o toque dessa
 vossa Cithara, se cheguê
 de todo attrahidos, &
 muy cõpũctos nossos co-
 raçoens, para q̃ com elles
 feridos de pena, (q̃ com
 pena a cithara se toca)
 fintamos muyto as cul-
 pas, que contra vòs te-

mos cõmettido, & rasgan-
 dosenos a alma em pesa-
 res de nossas culpas, &
 com magoa de vossas pe-
 nas, com dolorosos pran-
 tos, & repetidos gemidos
 vos peçamos huma, &
 muytas vezes misericor-
 dia, misericordia, meu
 Jesu, misericordia.





SERMÃO SEXTO

DA
CIRCUNCISAM DE CHRISTO
NOSSO SENHOR
PREGADO NA CAPELLA REAL.

Anno de 1689.

AVE MARIA.

*Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur
Puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Luc. 2.*

§. I.

I



Brádo pelos
homens ex-
tremos, co-
meça Chris-
to bem nos-
so a contar hoje os seus

annos. Felicissimos, & ta-
lhados à medida de nos-
sos desejos os communi-
que o mesmo Senhor a
Vossa Real Magestade, &
Serenissima Alteza, Muy-
to Alta, & muyto Pode-
rosa Rainha, & Senhora
Mij Nossa,

Nossa, com aquella successiva posteridade, a que tanto anhelaõ as nossas ancias, com aquelles augmentos, & prosperidades em toda esta sua Monarquia, a que mais se dirigẽ sempre as nossas supplicas. E que mayor extremo de amor, que nacer logo este bello Infante tam empenhado a testemunhar com seu fangue os incendios de feu mais fino affecto, que sem reparar na ternura da idade, nem na incommodidade do presepio expozesse a vida, a innocencia, & a mesma Divindade ao sofrimento de hum golpe, fogueitando a tenra fermosura do seu corpo à execuçaõ da ley da circuncisaõ? Parecêraõlhe a Christo muy desiguaes a seu amor os rigores da lapinha, & anhelou tanto a desafogar naquelle mais duro golpe seu incendiado desejo, para nos dar em seu fangue huma segurãça de nosso remedio, & hum penhor de nossa es-

piritual liberdade, que não retardou a imaginaçaõ da dor, nem o risco da Divindade, & da vida, mas tudo atropellou, & tudo venceo o desejo em que se abrazava de padecer. Por isso entrando o oytavo dia, diz o Evangelista Saõ Lucas, que logo o amor dera todos os oytos por consummados: *Postquam cõsummati sunt dies octo*, porque eraõ já para padecer pelos homens Deos menino: *Ut circũcideretur Puer*. Sim, mas oytos dias, dias ainda taõ poucos, & tam escaços para a vida, já parecem tantos? He que madrugou em Christo o cuidado, com que logo se obrigou a tratar do nosso remedio depois de nacido; introduziuse em seu coraçãõ amoroso muy anticipado o desejo com que suspirava por padecer pelos homens, para provar de amante o mais fino; & hum momento de cuidados, hum instante de desejos em quem muy-

to ama , faõ muytos dias de vida.

2 Esta deve ser a razaõ mais forçosa , q̃ teve hoje o Evãgelista para chamar a Christo menino: *Ut circumcideretur puer* , sendo Christo na Circuncisaõ ainda infante : *Invenietis infantem* ; porque ainda q̃ a Escritura custuma falar sempre na Circuncisaõ pelo termo *infans*, ou *infantulus* , com tudo os cuidados amorosos , & os desejos ardentes o faziaõ a Christo mais velho. Em poucos dias vive muytos annos a pena de quem anda cuidadoso , ou com o tormento da esperança affligido ; diminue a vida , porque a dilacãõ do logro que se espera , martyrizo a alma , & acreceta os annos, porque por momentos recrecem no coracãõ os desvelos. Circuncidou-se emfim o menino Deos; começou com muyta pressa a amar , & por isso logo nas mantilhas do berço se revestiu todo de asãs para pade-

Tom. V.

cer. He o padecer o mais proprio defafogo do amar: naõ obrigar com finezas, quando o amor da mesma fraqueza tira forças para dar comprimento a suas ancias, he o martyrio mais penoso do bẽ-querer, com q̃ se nas penas pinta ao amor a antiguidade, muy crecido avulta hoje para com os homens o deste mais fino amante; pois quando ainda se acha sem bastantes alentos para a vida , vive já com huma tam ambicioza, posto que fagrada, hydropezia de penas. Mas se tam crecidas eraõ as ancias, & tantos em Deos menino os desejos que tinha das penas, como espera oyto dias ? Se vê a seu amor cõ essa detença tam penalizado, para que se mostra em derramar o sangue tão vagaroso ? Parece que corta Christo pelo amor, sò por obedecer. Mandava Deos no Genesis com hum apertado preceito,

Genes.
17.
v. 12.

que todo o menino que nasceste , se fogeitasse ao

Miij duro

duro golpe da Circuncisão no oytavo dia de seu nascimento; & porque assim o mandava a ley, de cuja observancia, posto que o isentava a excellência da pessoa, & a santidade da natureza, cedeu cõ tudo à obediencia da ley o amor: ou senão digamos, que em cortar pelo amor, se mostrara Deos menino na pontualidade desta acção mais finamente amoroso. Na Cruz onde o amor esteve de penas mais sequioso: *Sitio*, diz o Evangelista S. Lucas, que provando Christo o amargo do fel, com que lhe brindou a crueldade de seus inimigos, o não quizera levar para baixo: *Cum gustasset, noluit bibere*. E pois quando Christo se acha de martyrios sagradamente hydropico, então regeita hũ tam amargo trago, cõ q̃ a tyrannia o atormenta? O caso he, que não regeitou o Senhor aquelle tam defabrido tormento, aquella tam amargosa be-

Mat-
th. 27.
v. 34.

bida, porque achasse em levalla a menor repugnância, mas como gostava muyto do padecer, cortou pelo padecer de que gostava, por mais padecer: quem mais padece, mais ama; logo cortando pelo amor, mais amava. Circuncidado o menino Deos lhe chamaraõ Jesus: *Vocatum est nomen ejus Jesus*: derramou o sangue para merecer o nome, & não foy necessaria outra diligencia para alcançallo, mais que o merecimento. O que supposto, bem claros estão já os extremos que obrou hoje pelos homens o amor de Christo com seu sangue, & com seu nome no acto da Circuncisão. Com que deixando discursos politicos, em que particularmente deste lugar se arrisca tal vez a tropeçar a eloquência dos Prègadores Evangelicos neste dia; & seguindo sò o moral do mystério, que nunca se expoem a ser censurado, porque sempre he proveito-

veitoso, entremos a ponderar os extremos deste Deos amante o mais fino, já que nelles se offerecem a Principes, a Grandes, & a nós todos exemplarissimos documentos.

§. II.

3 SE a dilação de huma esperança martyriza com toda a força a hum affecto ançioso na demonstração de alguma fineza; se não ha verdugo mais cruel para huma vontade empenhada, que impedirlhe o logro de seu desejado empenho; que pena tam rigorosa feria a que obrigou a contar oytto dias ao menino Deos, nascendo logo tam empenhado a testemunhar com seu sangue a fineza de seu abraçado amor, & os incédios de sua affeição? Se Deos menino parecêdolhe mui desiguaes a seu amor os rigores do presepio, anhe-

lava tanto a defafogar seu desejo no golpe da Circuncisaõ; que tratos lhe não dariaõ ao coração oitto dias de esperança, para vir a dar à execuçaõ seu incendido desejo? Esta pena parece nos quiz significar o Evangelista, em chamar a effes oitto dias consummaçaõ: *Postquam consummati sunt* Jo. *dies octo*, termo de q̄ usou 19. Christo, quando estava 30. para espirar na Cruz estalando a puros tormentos: *Consummatum est*, mas agora pergũto eu: Se Christo chama consummaçaõ a trinta, & tres annos de penas que teve em sua vida, como chama tambem hoje o Evangelista consummaçaõ a oitto dias, que o menino Deos tinha sò depois de nacido: *Postquam consummati sũt dies octo*? Se o menino Deos ainda agora se começa a ensayar na Circuncisaõ para os tormentos, que na idade de trinta, & tres annos ha de padecer no Calvario, que propor-

M iij ção

ção tem oito dias de en-
fayo , para se contarem
pelos mesmos termos, cõ
que se hão de contar tan-
tos annos que teve de pe-
nas atè sua morte: *Con-*
summatum est : Consum-
mati sunt ? O caso he, que
conheceo o Evangelista,
que era tam generosa a
fede que o menino Deos
tinha de padecer , & tam
excessivas as ancias de le-
var golpes , & derramar
seu sangue pelo remedio
dos homens , que tanto
tempo lhe pareceo viver
oito dias em esperança
das penas, como trinta, &
tres annos em exercicio
do padecer.

4 Com que alviçaras
parece que pede Saõ Lu-
cas a Deos menino de se
lhe acabarem jà os dias,
que para derramar o san-
gue esperou no presepio:
Postquam consummati sũt
dies octo; advertindo , que
na dilação da ferida pa-
decera atè então seu an-
cioso affecto a pena mais
rigorosa. He muy impa-
ciente de demoras o a-

mor ; oito dias de ocio
para a estimação de quẽ
ama , seculos parecem bẽ
dilatados de tormento.
Donde eu venho a cui-
dar , que não esteve o ri-
gor da ley da Circuncis-
ão para com Christo em
que lhe mandasse derra-
mar o sangue; em que lhe
mandasse esperar oito
dias para o derramar, ef-
teve todo o rigor. Não ha
duvida, que a ley da Cir-
cuncisão era tam rigoro-
sa, que muytos dos circũ-
cidados perdiaõ naquelle
golpe a vida; mas com isto
assim ser, eu digo, q̃ se
não expoz a risco algum
a vida do menino Deos
no rigoroso do golpe; no
dilatarse lhe o logro de
tam doce empenho , he
que se vio a sua vida mais
arriscada: a demonstra-
ção do amor he ar com que
respira quem ama; embar-
gar a hũ affecto empenha-
do a demonstração da fi-
neza, he tomar lhe a respi-
ração; sã respiração não ha
vida; mais arriscada esteve
logo a vida de Deos me-

nino na dilação do golpe, e na execuçaõ da ley, porque com o golpe teve vida, & não fei se poderia viver sem aquelle golpe. O que eu fei he, que tam fora esteve de servir a execuçaõ da ley ao amor de Christo de algum sentimento, que antes lhe servio de huma amorosa lisonja a dor do golpe, que sentio na sua Circuncisaõ: tanto fogo ardia já naquelle pequeno corpo, tantos incendios sentia no coração, que para que o coração não morresse de abafado, foy força rasgar as veas por onde o coração respirasse. Para intelligencia desta verdade avemos de suppor huma Theologia certa, & he, que os desejos de nossa liberdade em Christo foraõ sempre iguaes, & sempre semelhantes a si mesmos em toda a vida; aquelle incendio em que seu amoroso coração ardia, foy sempre grande sem diminuiçãõ, foy sempre o mes-

mo sem augmento; supposta esta verdade, digo, que era tam excessivo o desejo em Christo de dar na Circuncisaõ o seu sangue por penhor de nossa liberdade, que se tardara mais o ferro, se adiantara o sangue a romper as veas.

5 No Horto se achava Christo Redemptor nosso quasi já no fim de sua vida, ou nas vesporas da redempçaõ, que avia de obrar no Calvario; & era tam excessivo o desejo que tinha de morrer por nosso remedio, que apertandofelhe o coração nos vagares do tempo, o obrigou a romper nestas bem mysteriosas palavras, para significar, como notou Caetano, o incrível modo com que desejava ver a redempçaõ dos homens por meyo da sua morte executada cõ effeito: *Baptismo habeo baptizari, quomodo coarctor usque dũ perficiatur? Ponitur modus quomodo,* (diz o grande Escriturario) *quia*
Caie.
tan.
hic.
in cre-

incredibili modo affectabat perfectionem passionis suae; & foy o mesmo que se dissesse: Eu estou já tam perto de coroar com minha morte a redempção de todo genero humano, que a tenho à vista dos olhos, mas com ter a morte tanto à vista, de tal sorte se me afflige o coração, que, parece, me abafa, como quem não pôde sofrer estes breves dias de espera. Ha novidade mais estranha? Que estivesse Christo esperando por este dia tantos seculos; que o ver já chegada esta hora lhe tenha custado tantos suspiros; & quando eu cuidava, que a visinhança de sua morte, que era o logro de seu excessivo desejo, lhe occasionasse ao Senhor grande motivo ao gosto, nos diga o Evangelista, que lhe motivara huma tam mortal tristeza, hum tam agudo sentimento, que rebentando com violencia o sangue das veas, banhou seu sagrado corpo! não

deixa de causar não pequeno reparo: & qual feria a causa destes tam encontrados affectos? Diga-o a eloquencia de Santo Ambrosio: *Mæstitiam proferebat*, diz o eloquente Arcebispo de Milão, *l. 7. in quam non ex metu mortis suae, sed ex mora redemptionis nostrae assumpserat*: Não se affigia Christo cõ tanta ancia, porque via a sua morte já perto; de ver a nossa redempção ainda longe, he que nacia o seu mayor sentimento: *Ex mora redemptionis nostrae*. Desta resposta de Santo Ambrosio se desperta agora a mayor duvida: affim difficulto: He certo que cõ a morte de Christo se avia de vera nossa redempção perfeitamente effectuada, & que o tempo de sua morte, & o de nossa liberdade avia de ser medido pela mesma distancia; como logo he possivel, que estando o tempo da morte já tam proximo, que em menos de vinte, & quatro horas se

se avia de ver rematada, fosse grande a dilacão do noffo remedio? De forte, que a mesma distancia para a morte he breve, & para a redempção he larga? Sim. Não vem, que a redépção era de Christo excessivamente desejada? Pois quem ignora que o que com excessõ se deseja, ainda quando està ao perto muy visinho, se representa ao longe muy remoto?

6 Dous affectos combatiaõ nesta occasiaõ o coração amoroso de Christo: o temor, & o desejo. o temor que tinha da morte como homem; o desejo em que ardia da nossa liberdade como Redemptor: a imaginação do temor assalteada, propunhalhe a morte muy visinha; & a mesma imaginação com o desejo dilatada, representavalhe a redempção muy distante: succede à nossa imaginação com os affectos do temor, & do desejo, o mesmo que custuma succeder

a nossos olhos com os vidros de longamira: se applicais aos olhos o menor vidro, representavos muy presente ao objecto; se applicais o vidro mayor, representa-vos ao objecto muy distante: o temor naturalmente estreita, como o desejo dilata o coração: o objecto representado no affecto do temor, imaginase muyto perto; imaginado no affecto do desejo, representase muyto lóge; mas como em Christo era mais valente o desejo, que o temor, declarouse por aquelle a victoria, & o sangue que avia de ser o preço de nossa liberdade, sagradamête impaciente rompeo as veas, & começou a regar a terra: não teve sofrimento para esperar poucas horas, anticipou os golpes à crueldade, & o que avia de fazer o ferro là no Calvario com mais estrôdo, executou o desejo no Horto com mayor efficacia. E sendo esta a pro-

piedade do sangue de Christo, correr tam liberal como apressado para nosso remedio, que lhe parecerãõ no Horto muy largas distancias menos de vinte, & quatro horas; que eternidades lhe pareceriaõ no presèpio espaço de oito dias? Que Christo se veja com sangue nas veas, com o qual todo o genero humano ha de ser libertado, & que haja ley, que o mande esperar dias, que o obrigue a esperar horas, que o constranja a esperar instantes? Sinta embora a nossa piedade o golpe, que a mim mais justamente me magoa a dilacão; porque hum desejo dilatado he huma morte apressada. Fique a prova à experiencia, que não he hoje dia destes discursos.

§. III.

7 **M**As o menos he (passemos

a outro extremo de Deos menino) o menos he, que expozesse Christo hoje a vida ao sentimento de hũ tam rigoroso golpe, sò por satisfazer a seu ancioso desejo; o q̃ na minha opiniaõ tem ainda mayor força, & engrandece mais esta grande fineza, he o considerar, que aquelle golpe não parou sò no sentimento do corpo, senão q̃ chegou a tocar nos creditos da Divindade. S. Thomàs com outros tem para si, q̃ admittir Christo o golpe da Circuncisãõ, fora para mostrar que era verdadeiro homem, descendente, & filho de Abraham: *Ut probaret se esse ex genere Abrahamæ, qui Circumcisionis mandatum acceperat*; mas eu julgo, que não estivera ahi o mayor risco, porque senão faltaraõ homens, que com deshuma ingratição assentaraõ comsigo, que Christo não fora homem verdadeiro, muytos mais foraõ os que com sacrilega blasfemia seguirãõ

D.
Thom
3. p. q.
37.
art. 1.

rão que não tivera Christo o fer de divino : o fer homem em Christo he menos, & he nelle mais o fer Deos : para abraçar a credibilidade do que he menos, sempre à nossa fê se propozeraõ menores razoens de difficuldade, do que para dar credito ao que he mais:& o golpe da Circuncisaõ se com evidencia apregoa, que Christo tem verdadeiramente o fer de humano, tambem parece que difficulta a se admittir, tivera Christo o soberano fer de Deos. De Alexandre conta Plutarco, que vendo a felicidade com que a fortuna favorecia seus designios,& q̄ o vêtõ q̄ meneava suas bâdeiras, soprava sempre prospero, lhe sobira de tal forte o fangue à cabeça, que esquecido do que era, se imaginava Deos que não era, atè que nas pennas de huma setta lhe veyo voando o defenganõ: *Postea, diz Plutarco, sagitta iclus, atque ingenti pressus*

dolore, Hic, amici, inquit, qui fluit sanguis, est humanus, nõ talis est Deus solitus manare beatis. Vio-se ferido, & defenganouse que não era Deos, quem derramava sangue; bastou hum pequeno golpe, para derrubar tam grande fantesia: golpe em Deos he accidente muy estranho para tam nobre sustancia. Com o sentimento de hũa ferida se defenganou Alexandre; & poderaõse os homens enganar com o golpe da Circuncisaõ. Reforço ainda mais o argumento. A Circuncisaõ era remedio do peccado Original, & como quem toma o remedio, dà a entender, que padece a enfermidade, sendo a Circuncisaõ remedio da culpa, ficava menos ayrosa a innocencia que tomava o remedio da Circuncisaõ: Deos rendido aos rigores de hum golpe, pòde ser tributo a que está o fer, que tem de humano, pensionado: Deos fogeito aos remedios de culpado he lançado

lanço muy repugnante aos attributos que tem de divino; & que fosse o amor de Christo para com os homens sobre heroico tam fino, que sò por satisfazer às ancias de seu excessivo desejo, receba hũ golpe com tanta contingencia de sua Divindade, esse he da fineza o mayor extremo. Bem conhecia Christo, que o golpe da Circuncisaõ sem a luz da fè em si considerado, avia de occasionar aos olhos humanos algum escandalo; porque, ou pelo que dohia, ou pelo que significava, não dizia bem cõ divindade; mas de seu amor para com-nosco fez Christo tanto preço, que parece o antepõz aos creditos de sua divindade: mais claro: tanto prezou Christo Redemptor nosso a fineza, que seu amor obrava em receber o golpe, & derramar seu sangue na Circuncisaõ por remedio de nossa liberdade; que avendo de perigar de algum modo na

execucaõ do golpe o credito de sua divindade, ou avendo de perder seu amor na carencia da ferida, alguma cousa de fineza, antes quiz que sahisse o credito de sua divindade na falsa opiniaõ dos homens menos ayroso, do que ficasse seu amor, por não obrar esta fineza, algum tanto diminuido. Com outro lanço de amor, que na Cruz obrou o mesmo Christo, ficarà este extremo de amor tam fino, que obrou na Circuncisaõ, melhor declarado.

8 Com fingido animo promettèraõ os malevolos Fariseos a Christo bem nosso, que se descesse do Lenho em que o pregàra o seu odio, feria delles por Filho de Deos reconhecido: *Si Filius Dei Mat-tes, descende de Cruce.* Eu *ib. 27.* confesso, que a razã que *p. 40.* teria o Senhor, para se não render a hum partido, de que avia de resultar à sua divindade tanto credito, me motivou sempre não peque-

pequeno reparo; difficul-
to assim: Se Christo fô a
troco de largar a Cruz, se
pôde livrar dos tormen-
tos, & tam ignominiosos
desdouros que tolera; se
interessa o dilatar a vida,
& assegura veneraçoes
da divindade, que lhe ne-
gava aquelle povo até
então infiel, & rebelde,
porque não aceita o pa-
cto, que esse povo lhe of-
ferece, de que à fê da sua
divindade já rendido, se
verà delle, se descer da
Cruz, por Filho de Deos
acclamado? Mas, oh fine-
za do amor de Christo
para com os homens a
mais excessiva! assim ar-
dia o amor que tinha
Christo aos homens em
seu peyto, que competin-
do neste caso o amor com
a sua divindade, teve o a-
mor na sua estimaçã o
primeiro lugar; com que
por não perder a glo-
ria, que de morrer na
Cruz por nosso remedio
ao feu amor redundava, se-
vio Christo obrigado a
persistir na Cruz com to-

da a firmeza: & que sutil-
mête o ajuizou a eloquê-
cia de Santo Athanasio!
Neque descendendo de cruce Santæ.
ce, voluit Filius Dei agnos- Atha-
ci, sed ex eo quod in cruce nas.
permaneret. He verdade, Mag-
que não descendo Chris- nus n
to da Cruz, poderiaõ os Euãg.
homens duvidar, posto de
que com grande ignoran- Passio-
cia, do attributo da sua ne &
Omnipotencia; & como Cruce.
as duvidas da Omnipotê-
cia tem com as duvidas
da divindade amantissi-
ma concordia, força era,
que quem chegasse ao
duvidar por menos Om-
nipotente, tambem por
Deos soberano o duvi-
dasse: apartandose Chris-
to da Cruz, expunha o
feu amor ao risco, de que
fosse por menos fino, ou
por menos constante nas
finezas avaliado: & posto
o Senhor entre riscos de
feu amor, & de sua divin-
dade, escolheo antes os
riscos de o terem, não
descêdo da Cruz, por me-
nos Omnipotente, q̃ os
riscos de o terem, se def-
cesse.

cesse da Cruz, sem exercitar a fineza de morrer pelos homens, por menos constãte; como se diffesse Christo: Se haõ de presumir os homens, que eu largo a Cruz, duvidando de que os amo, ou que a naõ defemparo, porque naõ posso, duvidando de que sou Deos; presumeõ embora falsamente que naõ posso, com tanto que fiquem certos de que os amo, & que estimo mais a gloria, que o meu amor recebe de perseverar atè morrer com constancia na Cruz, do que o ser pelo povo venerado por Deos: *In quo innuebat*, remata hum muy engenholo, & doutissimo Author moderno, explicando a S. Athanasio, *pluris fecisse gloriam Crucis, quam à populo venerari ut Deñ.*

9 A este tam fino extremo de amor, que obrou Christo na Cruz, considero muy parecido o que obrou na Circuncisão o menino Deos: divindade, & amor parece

que se viraõ hoje fortemente contendendo no coração de Deos menino: para que recebesse a ferida, o amor; contra o admittir esse golpe, a divindade: a divindade pelo perigo a que se expunha o seu credito na execução de hum golpe, que lhe era tam repugnante; o amor pelo muyto que perderia de fineza, se ficasse da ferida, de que avia de resultar à sua estimação muyta gloria, carecedor; mas como o amor he tam bê afortunado, que de todas as suas contendas costuma fair sempre com o triumpho, recebeo Deos menino o golpe em seu tenro corpo, para que naõ duvidassemos da grandeza de seu amoroso affecto. E quem naõ ha de dar credito a tam fino amor como foy o que mostrou hoje o menino Deos em cortar pela vida, & pela divindade, para nos dar na Circuncisão o seu sangue, se vemos que para mayor

manifef-

Di-
 dac.
 Del
 Cas-
 sillo
 De or-
 natu,
 & ref-
 ribus
 Aa-
 ronís.
 hic.

manifestação de sua fineza, até os annos de sua vida se não começaõ a contar do dia em que naceo, mas que do dia em que sentio o golpe, se começaõ a contar seus annos: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcidetur Puer*; como fenaõ quiseffe Deos menino contar por seus os dias, em que não derramou sangue por amor nosso: raro extremo de affecto! Mas que mal que agradecemos esta fineza, (demos de caminho alguma cousa aos costumes) & que mal que agradecemos esta fineza, ou que errados que himos na arithmetica, có que contamos os annos de nossa vida! Se Christo não conta por seus os dias em que à custa de seu Sangue não obra nosso remedio, em que rafaõ cabe, que contemos por nossos os annos em que multiplicamos offensas do mesmo Christo? Cuidamos porventura que a nossa vida se ha de medir pelos

annos, & não pelos merecimentos? He grande engano: Sõ as obras, & não os annos saõ da vida humana a medida mais ajustada. Ha hums, que em muytos annos vivem pouco: ha outros que em poucos annos de idade enchem muytos annos de merecimento: quem em poucos annos de vida encheo muytos annos de merecimento, nesse pouco tempo que viveo, pôde contar largos seculos: Quem em dilatados annos pouco, ou nada no serviço divino tem obrado, persuada-se que por mais velho que seja na idade, muyto pouco, ou nada tem vivido: porque annos que se gastaraõ sem obras, & sem conta, não saõ de conta, saõ annos muy mal medidos.

10 Dous filhos refere o Evangelista São Lucas que teve hum nobre, & muy honrado pay de familias, ao qual pedio o seu patrimonio o filho mais meço: *Dixit adoles-*

Saõ
Luc.
15. v.
12.

S. Pe-
trus
Chri-
sol.
Serm.
5.

centior ex illis patri: Pater da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit. Saõ Pedro Chrifologo he de parecer, que nestes dous filhos estavaõ ao vivo representados os dous povos Gentio, & Hebreo; este fazendo a figura de mayor, aquelle a de menor idade: *Duos filios habuit, duos scilicet populos: Judaicũ, gentilemque;* mas como pôde ser, que o povo Gentio avendo precedido ao Hebreo tantos seculos, seja o mais moço? Sim pôde ser; porque o Gentio os annos que precedera ao Hebreo, viveo como ignorante, alheyo totalmête da raaõ, & em o campo com os bratos, entregue todo aos vicios, não se conte pois por tempo de vida o tempo viciosamente gastado, & que só ao mudo, & a seus appetites teve por emprego. Os que não vivem como devem, são devedores, & não viventes, porque gastaõ a vida; mas não a aproveitão; donde

nenhum cabedal se deve fazer da antiguidade dos annos em que excede o povo Gentio ao povo Hebreo, antes a seu respeito se pôde reputar o Hebreo por muy anciaõ; porque em seculos de prudencia, & sabedoria, que o ensinaraõ a viver com as leys divinas mais ajustado, vence consideravelmente ao Gentio: & que profundamente o ponderou a delicadesa de Chrifologo! *Judaicum seniore[m] prudentia fecit, gentilem paganitatis stultitia juniorem: quia sicut sapientia dat canis, ita quidquid viri est tollit stultitia.* Não são os que empregão mal os annos, & não vivem como racionais, de se chamarem homens mercedores, sejaõ embora estatuas, ou sejaõ bratos, já que de homens com a sua depravada, & viciosa vida chegaraõ a perder a substancia. E quantos anciaõs se devem avaliar por meninos, se lhe regularmos a idade pelos

pelos seus procedimentos? E quantos ainda moços se acharão logo com o progresso de huma perfeita varonia, & madura ancianidade, se lhe medirmos os annos pelo discurso da rafaõ, & não pelo discurso do tempo? Os que na primavera mais florida da idade façoãraõ logo o outono dos frutos, não dependem do tempo, saõ nos annos eternos; porque as q̄ appareceraõ flores, já saõ frutos. Com que erradamente procedem os que lamentão por mal logrado ao joven, que proveccto na prudencia, & bem adiantado na sciencia das virtudes, falece; porq̄ de nenhum modo se pôde dizer que morre este malgrado; como nem bem logrado o que contando de vida cem annos, se deo todo como necio aos vicios; este morre, quando vive; aquelle vive, quando morre: se dezejamos saber, nos pergunta Seneca, qual seja o espacio da

nossa vida mais dilatado? *Quæris, quod sit amplissimum vitæ spatium?* Resolye o Estoico, que he chegar a cõseguir aquella verdadeira sabedoria, q̄ nos ensina a viver para Deos: *Usque ad sapientiam vixisse: qui ad illam pervenit, attingit non longissimum finem, sed maximum;* porque sò o que aqui chega, esse he o q̄ cõsegue, não o fim da vida mais largo, mas o mayor, o mais felice, & para a salvação da nossa alma o mais importante. Daqui se infere, que senão temos chegado a este termo, ainda que contemos os oytenta, ou cem annos de idade, os quaes desbaratamos inutilmente em desordens, & divertimentos profanos, vivendo sempre nelles para o descuido, & não para a virtude, & para o nosso aproveitamento, bem nos podemos persuadir que esses tam dilatados annos foraõ hum espacio, que a vida consumira, &

Senec.
Epist.
19.

de nenhum modo a consumãra, porque sô muytos annos com exercicios de virtude, & com obras no serviço de Deos empregadas, ainda que seja em poucos dias de vida, faõ annos cheyos, maduros, & consumados. Provemos este segundo, & logo iremos ao primeiro.

II Falla a Sabedoria Divina nõ Cap. 4. por Salãmão daquelles illustres Heroes, que vivendo poucos dias encheraõ muytos annos, & nõ sem grande mysterio (como notou aqui hũ grave Author) dis q̃ morrem consumados, & nõ consumidos: *Consumatus in brevi explevit tempora multa:*

Pacẽs. Consumatus, ait, non consumptus; & foy sem duvida para nos ensinar, que muytos annos mal gastados, consomem, & acabaõ; mas poucos dias empregados em virtudes, & obras meritorias, nõ acabaõ, mas consumaõ, & aperfeiçoã. He verdade que a todos a morte aca-

ba, mas com esta grande differença, que a huns consome, & a outros consumma: aos que vivendo muytos dias, nenhum a proveitãraõ, nem enche-raõ com suas obras, consume a vida: aos que vivendo dias breves, enche-raõ com suas proefas muytos annos, cõsuma, & a vida lhe eterniza; porque ainda que morressem para a vida, vivem para a fama, que por suas obras lhe foy grangeada; & venho a concluir que executando a morte o seu inevitavel golpe em todos: a huns que se achaõ de muytas, & boas obras enriquecidos, deyxã consummados, a outros, que gastãraõ os annos em frios, & viciosos empregos, deixalhe os annos tam consumidos, que se nõ podem chamar annos. No Salmo 36. dis assi o Real Profeta: *Novit Dominus dies immaculatorum:* bem conhece Deos os dias dos Justos: Ha sentimento mais estranho?

Sapi-ent. 4. v. 14.

Pacẽs. Consumatus, ait, non consumptus;
in Judith Aca-dem. 29. n. 3.

Psalms 36. v. 18.

inho. E pois Deos, que penetra os segredos, & affectos dos corações mais reconditos, com summa clareza não conhece tambem os dias dos peccadores? Quem averá que o negue? Porventura os dias dos peccadores dos dias dos justos são diversos? Não por certo; porque dia se intitula aquella duração de tempo, que o Sol com seus resplandecentes rayos illustra, & se vê a peccadores, & a justos igualmente comunicada: *Qui Solem suum oriri facit super justos, & injustos*: qual será logo o fundamento tam forçoso, que obrigou a David a que publicando que os dias dos justos sempre estão ao conhecimento divino muy patentes, não apregoe o mesmo dos dias dos peccadores? Dificuldade he esta, que apertou tanto a Origenes, que se veyo a resolver a que não tinha sentido literal este verso: *Sed hoc secundum litteram nescio si*

Tom. V.

possit consequenter exponi: isto he o que sentia Origenes, mas julgo que sem bastante fundamento, porque além de estas palavras se entenderem, como querem gravissimos Doutores, da Sciencia da approvação, com a qual, ainda que seja infinita, não quer Deos conhecer os dias dos peccadores, tambem podem ter este sentido: não conhece Deos os dias dos peccadores, porque os peccadores não tem dias; tudo o que ha no mundo, he de Deos perfeitamente conhecido, não se dará culpa alguma, que entidade tenha, que ao divino conhecimento se esconda; porém como os viciosos malogrão os dias, & não aproveitão os annos, por isso nos certifica David que o Senhor os não conhece, para nos dizer que os peccadores os não tem: São os annos dos peccadores todos para o mundo, & como são todos para o mundo, & careção de

Orig.
Ho-
ml. 3.
in
Psal.
36.

N iij obras,

obras, que sejam para Deos, por isso mesmo são annos tam consumidos, que se reputão por nada, & se não podem chamar annos: *Novit Dominus dies immaculorum.* O' se tratassemos daqui pordiante de que fossem muitas as nossas obras, para que a nossa vida fosse mais dilatada, & que só se contassem por nossos aquelles annos, que empregamos em os divinos obsequios, que este exemplo nos dá hoje Deos menino, em não querer que se começassem a contar os annos de sua vida do dia de seu nascimento, senão do dia da Circuncisão, porque não teve por seus aquelles dias em que não derramou seu Sangue, nem recebeo feridas em testemunho de nosso amor: *Postquam consummati sunt dies octo, ut Circuncideretur Puer.*

§. IV.

12 **P**ois se as obras, torne-

mos ao nosso discurso, pois se as obras são a medida mais ajustada dos annos, já se deixa ver que para Christo provar que era dos homens finissimo amante, não avia de dar principio a seus annos no dia do nascimento, senão no dia da Circuncisão, em que começou a obrar pelos homens a mayor fineza, como era derramar pelo resgate do mundo seu Sangue. Sim, mas já premedito que me poderá alguém replicar: se o circuncidar-se o menino Deos, & começar a verter o Sangue em testemunho de nosso amor, era huma fineza tam grande, que por ella quis se principiassem a contar os dias, ou os annos de sua vida? *Postquam consummati sunt dies octo,* porque calla o acto da Circuncisão o Evangelista, não passando os dias em silencio? O Doutissimo Salmeirão he de parecer, que callara o acto da Circuncisão o Evangelista, para que não callasse

Sal-
meir.
hic.

callasse tanto o golpe: não teve animo o Evangelista para lhe ver dar o golpe, desmayoulhe a penna de sentimento: *Horrui Evangelista infantulum innocentem notæ, & cauterio subijcere Circumcisionis*; mas com licença de tam grande Escriturario, eu tenho para mim que callar o Evangelista a ferida, não fora sentimento, mas advertencia ao amor de Christo: queria o Evangelista inculcar a Christo por Principe não menos liberal, que amante, & no silencio do golpe entendo que ficava o extremo de seu liberal affecto para com os homens melhor conhecido. Contou os dias, para que não creffemos, que seu desejo anticipara o tempo, callou o golpe, porque julgou que era superfluo o dizello: a occasião pedia que Christo, como Redemptor que era do mundo, derramasse seu Sangue para nosso remedio, & se a occasião o

pedia, não era necessario dizer mais que a occasião.

13 Mas já vejo hum forçoso texto do mesmo Evangelista. Dis São Lucas que chegados os dias em que o divino Sol, sem romper a alva, avia de sair a luz, se vira a Virgem Senhora mãy de hum filho juntamente Deos: *Impleti sunt dies ut pareret, & peperit filium suum primogenitum*: pois senão bastou ao Evangelista dizer que se encherão os dias do nascimento de Christo, senão que julgou ser necessario acrecetar que Christo nacera; dizendo hoje que era chegado o dia da Circuncisaõ, porque ha de ser superfluo o dizer q Christo fora circuncidado? Respondo, que o nascimento era a primeira finesa, com que Christo fazia patente aos olhos seu amor; a Circuncisaõ era já a segunda: a primeira finesa pôde ser competente o publicar-se, a segunda já ferà desconfiança o dizer-se.

zerse: publicar seu nascimento, foy fazernos attentos a seu amor, publicar a Circuncisão, fora desconfiar de sua finesa: se o amor no nascimento foy tam grande, claro está que não avia de furtar o corpo à Circuncisão; diga-se a finesa do nascimento, para que advirtão os homens que são objecto de seu amor; calle-se a finesa da Circuncisão, porque não he necessario o publicalla. Reparação muyto os Expositores, em que fazendo o texto Sagrado grandes elogios do amor de Jacob naquelles primeiros sete annos que servio com a esperança de lograr a Raquel, não faça encomio algum das finesas que obrara o mesmo Jacob nos outros ultimos sete annos de serviço, que para merecido preço de tãta formosura lhe accrecentara Labão: & pois valha-me Deos: tantos encarecimentos do amor de Jacob nos primeiros sete annos, & nenhuma sô pa-

lavra das finesas de Jacob nos ultimos sete? Cuidava eu que no martyrio de tam prolongada esperança ficava assás canonizado o amor de Jacob; que depois de Labão mentir a Jacob, não desminta Jacob de seu amor, não he grande valentia do affecto? Quem o pôde duvidar? Porque rasoão logo tanto silencio nestas segundas finesas? Por isso mesmo q̄ eraõ finesas segundas, era superfluo o publicarem-se, digaõse as primeiras para advertir a Raquel, que he dellas o unico objecto, não se publiquem as segundas, que se prèsa o liberal, & verdadeiro amor do que fas, & não de que se publique *Luc.* o que obra: o nascimento *2. v 7.* publique-se: *Peperit filium suum primogenitum,* para que advirtão os homens, que se Deos nasce, *p. II.* para os homens nasce: *Natus est vobis,* a Circuncisão não se diga, porque não anhela Christo a dizer o que obra em bem dos

dos homens; & daqui tiro eu a segunda soluçãõ ao texto: no nascimento recebeo Christo, na Circuncisaõ deo: no nascimento recebeo nossa humanidade, na Circuncisaõ deo: nos seu Sangue; o que recebe de nõs quer que se diga, o que nos dà a nõs quer que se calle, & como o Evangelista conhecia bem o genio de sua liberalidade, & a fidalguia de seu amor, publicou o nascimento, & callou a Circuncisaõ: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer.*

§. V.

14 **R**ematemos os extremos de Deos menino com as ultimas palavras do thema: *Vocatum est nomen ejus JESUS.* O mesmo foy circuncidar-se o menino Deos, que chamar-se logo JESUS. Eu reparo em que passasse o Evangelista em silencio a Circuncisaõ, & que publicasse o nome; & se o avia de pu-

blicar, porque o não fez antes no dia do nascimento, do que no dia da Circuncisaõ? He certo que este nome Santissimo, como dis o mesmo Evangelista, já o Ceo o tinha dado a Christo antes de ser concebido: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur;* pois porque o não manifesta o Evangelista ao mundo no dia em que Christo descansou entre as mantilhas do berço, se não no dia em que experimentou as violencias do ferro? He a rafaõ, que tinha o Ceo determinado não declarar a Christo este nome, atè que Christo não derramasse pelos homens seu Sangue, para ensinar aos Principes, & illustres da terra o modo de se adquirir hum nome grande, & quanto obriga a quem o recebe. Antigamente escreviam-se com sangue os nomes dos Imperadores, & como este menino era Emperador soberano: *Cujus im-*

Isai. 9.
v. 4.

periu in

perium super humerum ejus, com sangue se avia de escrever o seu nome. Era também o nome de JESUS nome de Salvador, & hum nome, como o de Salvador, de tanto empenho, não o aceita Christo, dis São Bernardo, senão depois de experimentar origoroso do golpe, & se ver pelos homens ferido: *Percussus Christus Dominus, & circumcissus nomen accipit Salvatoris*. Estas são as pensões, que andaõ aos nomes grandes avinculadas, que senão alcanção senão com acções gloriosas, né podê ser esclarecidos, & manifestas em quanto está occulto o sangue.

15. Atraveo-se Jacob em certa occasião a pedir a Deos com confiança de amigo, lhe dicesse o seu nome; & com ser o seu postulado tam justo, & Jacob se ver entaõ de Deos tam favorecido, naõ lhe sahio a seu gosto o despacho: *Cur quæris nomen meum?* E pois que he

Genes.
32.
v. 29.

isto Senhor, não he muyto para ser o vosso nome conhecido? Todos os mais à vista das suas prerogativas tam sublimes não lhe ficão inferiores? Como logo de o manifestar a hum familiar amigo vosso, vos mostrais, ao q̄ parece, tam avarento: *Cur quæris nomen meum?* Confrontemos este lugar com outro. Aparece Deos a Moyses entre o aspero de huns espinhos, entre o defabrido de huma çarça, entre os incendios de huma chãma; & sem que Moyses lhe pergunte o nome, o Senhor lhe declara o de sua essencia: *Ego sum qui sum*, & o de sua misericordia: *Ego sum Deus Abraham, & Deus Isaac, & Deus Jacob*: agora o meu reparo, & assi pergũto: Tam esquivo se mostra Deos naquella occasião com Jacob, & nesta tam brando com Moyses? De sorte que entre o rigoroso dos espinhos tam liberal de seu nome, & entre o mimoso do leito, & ater-

Exod.
3. v.
14.

aterrura dos braços de Jacob tam empenhado em occultar? Sim, & a-ração he, porq̃ se envergonha de apparecer hum tam grande, & glorioso nome em acção menos generosa, & illustre: mostrara-se Deos em o leito aos braços de Jacob rendido, dis Oseas, *Invaluit ad Angelum*; pois não he esse o tempo, dis Deos, de que o meu nome esclarecido se manifeste, porẽm, quando pelo meu povo me abraço, quando me acho de tantos espinhos em huma çarça ferido, com meu Sangue quero que os carecteres de meu nome se formem, então confinto que a todos se declare, ainda que ninguem mo pergunte: & que venturosamente Saõ Clemente Alexandrino! *Veteris descensus principium restaurat, & spinas per compendium veluti ex integro redigit*: fiera Deos na çarça da sua Paixão hum compendio: com os matizes de feu Sangue ti-

rado à violência dos espinhos escreveo o extremo de suas finesas; escreva pois com esse Sangue feu nome, para que então se veja manifesto, & não em o delcanço do leito, nem no rendimento do amor, com que trata a Jacob feu tam prefado amigo. Ah nomes grandes! Ah titulos pomposos, & illustres, que não sei se fois mais para temidos, que para detejados! A Alexandre Rey de Macedonia quis o Senado supremo dar o nome de Antonino, & supplicou o generoso, & discretissimo Principe que em nenhum caso o obrigassẽ a aceitar hum nome tam glorioso: porq̃ cõ os encargos da satisfação, & desẽpenhos q̃ lhe estavaõ annexos, senão atrevia a viver toda a vida pensionado: *Me P. C. ad hanc nominis necessitatem ne vocetis, ut ego tanto nomini cogar satisfacere*. O que eu sei he, que sinco letras, de que se compoem o nome de JESUS, gottas

gottas de sangue custarão a Christo, & para depois lhe confirmarem a gloria deste nome, deo quanto Sangue tinha nas veas: quem escreve seu nome para a Eternidade, com esta tinta o escreve. Aqui parece pedia o discurso, nos detivessemos algum tanto nas excellencias do gloriosissimo nome de JESUS, mas demolas por discursadas, que seria querer dourar o ouro, inculcallas a auditorio tam catholico, tam cortezaõ, & tam fabio.

16 Sò não posso deixar de perguntar, porque avendo Christo de tomar nome entre os homens, não tomou antes o nome de Manoel, ou outro mais pomposo nome? A pergunta he de Tertuliano, & sua serà tambem a resposta: *Gratius illi erat pietatis nomen, quàm maiestatis*: o nome de Manoel he nome de dignidade, & de soberania, que lhe vinha por herança; JESUS era nome de merecimento,

que alcançou por obras, salvando por sua muyta piedade aos homens, & he tal o extremo de Amor, que este divino amante tem aos homens, presa-se tanto mais o seu nobre genio do attributo da piedade que exercitou merecendo, que do foro da magestade mais esclarecida que tinha herdado, que avendo de escolher nome entre os homens, deixando à parte os que podia tomar mais magestosos, & de mayor lustre, tòn lançou mão do nome de piedade: *Gratius illi erat pietatis nomen, quàm maiestatis*: a mesma affeição que lhe fes dar o Sangue, esse lhe fes tomar o nome: em fim aquelle Sangue, & aquelle nome todo he affeição, todo piedade, todo misericordia; & achou Christo que em quanto Salvador mais lhe quadrava o nome com que avia de exercitar obras de piedoso, do que o nome com que apregoava magestade.

magestades, & ostentava de mais soberano.

§. VI.

17 **O**'Nome preclarissimo, & glorioso, à vista de cujo divino acatamento se prostrão de reverencia os Ceos, a terra, & o mesmo inferno: *Ut in nomine JESU omne genuflectatur, caelestium, terrestrium, & infernorum.* O' JESUS nome de toda a doçura, nome suavissimo, & fantissimo, quem te trouxera no coração escrito com letras de ouro, para que a exemplo de Ignacio martyr fosse o nosso coração de Deos huma impressão viva, sendo de JESUS huma expressiva estampa; mas não sei, se sendo mais para louvado, que para offendido, mais são nesta Corte, & queira Deos que não seja o mesmo também em palacio, os que te tomão na boca, para te desprezarem, que para te engrandecerem! De São

Paulo notou o Doutissimo P. Cornelio Alapide, q̄ duas mil vezes repetira o nome de JESUS nas suas epistolas; mas ay nome fantissimo, quantas lingoas impuras, & blasfemas te tomão repetidas vezes na boca para o testemunho de suas profanidades, & para a aprovação da sua malicia? O que culpa tão escandalosa! O que crime tam abominavel: O que defatino tam grande? tam grande, que postas em equilibrio as offensas que fazemos a Deos em sua pessoa, & as que lhe fazemos a feu nome, mais sentido se mostra Deos dos agravos do nome, que das offensas da pessoa; & a razão he, porque não ha duvida, que nos agrava mais quem nos offende naquillo em que fomos mais conhecidos; o conhecimento da pessoa limita-se a poucos, o conhecimento do nome pòde-se estender a todo o mundo; mais toleravel he logo

logo o agravo da pessoa, que a offensa do nome.

L. Levit.
24.º.
15.

208 *Homo, qui maledixerit Deo suo, portabit peccatum suum.* Quem for, dis Deos no Levitico, tão arrojado, que se atreva a dizer mal de seu Deos, não lhe deis castigo algũ, deixay-o ficar com o seu peccado: *portabit peccatum suum*, porẽm o que blasfemar o nome de Deos, morra, & morra a pedrejado: *Et qui blasphemaverit nomen Domini: morte moriatur, lapidibus obruet eum omnis multitudo populi.* Injusta parece esta ley à primeira vista: a blasfemia senão he menor, não he mayor delicto que a maldição; & a justiça se tem espada, tambem tem balança, para que na balança peze o que ha de castigar com a espada: usar dos fios da espada, sem tomar o fio à balança, bem se vê que he injustiça; pois se a blasfemia, ou não peza tanto, ou não peza mais que a

maldição; porque ha de pagar seu delicto com a vida o blasfemo, & porque ha de ficar com a vida o maldifente? Reparemos bem nas palavras da ley, & acharemos soluçõ à difficuldade: *Qui maledixerit Deo suo, portabit peccatum suum, & qui blasphemaverit nomẽ Domini, morte moriatur, &c.* O primeiro delicto offendia a Deos em sua pessoa: *Qui maledixerit Deo suo*: o segundo aggravava a Deos em seu nome: *Qui blasphemaverit nomẽ Domini*: para o agravo da pessoa não determinou Deos castigo; para a offensa do nome decretou o ultimo rigor: *Morte moriatur, lapidibus obruet eum omnis multitudo populi*; sentia Deos mais a blasfemia, não porque fosse mayor offensa, mas porque era offensa de seu nome, & sentia menos a maldição, não porque fosse menor injuria, mas porque era injuria de sua pessoa; & se entre a injuria

ria da pessoa, & a offensa do nome ha tam grande diversidade, com quanta ração sentirá Deos menino o verse naquelle nome de nós aggravado, que elle por finesa de seu amor escolheo entre todos para nosso remedio? O que resta he, que abominando culpas, & deixando offensas, engrandecemos as excellencias de taõ santissimo Nome, & agradeçamos ao menino Deos circuncidado os extremos que hoje obrou com seu Sangue, como amante nosso o mais fino: mais fino na ansia com que se apressou a derramallo para o nosso remedio: mais fino em cortar pela vida, & pelos creditos de sua innocencia, & Divindade, sò por satisfazer a seu amoroso affecto: mais fino em se começarem a contar os seus annos do dia em que sentio o golpe, & se vio pelos homens ferido: mais fino em não querer que se publicasse o que obrara

na Circuncisaõ por amor nosso: mais fino em escolher por nosso respeito o nome de Salvador, a que precedeo o proprio merecimento; ensinandonos com estes seus extremos amorosos a que não admittamos no remedio de nossa salvação alguma demora; a que cortemos pelo proprio commodo, para nos entregarmos de todo a seu divino serviço; a que só contemos por nossos os annos que empregarmos nos divinos obsequios; a que não desmereçamos com a vileza de nossos costumes o nome que temos de catholicos, com que mais nos ennobrecemos: & para que todos estes exemplarissimos documentos, & dictames soberanos nos sejão bemintimados.

19 Reparti, menino Deos, os rubins de voffo Sangue a nossas almas, para que abrasadas no desejo de nossa salvação melhorem os annos de nossa vida, para que
incen-

incendidas em amor vos-
so tenhamos com vosco
melhores corresponden-
cias. Sobre tudo imprimi
Senhor vosso nome em
nosso peito, para que pon-
do os olhos na nobresa,
na santidade, & na glo-
ria do nome de JESU,
nos mayores assaltos de
nosso commum inimigo
rompamos Senhor na-
quella generosa voz, em

que à vista de huma ima-
gem de feu Pay rompia
Boleslao Quarto Rey de
Polonia: nunca Deos per-
mitta que eu faça cousa
indigna de tam nobre, de
tam santo, de tam glorio-
so nome, por meyo de
vossa graça, penhor da
Eterna gloria. *Quam mi-
hi, & vobis prestare dig-
netur Dominus Omnipotens.
Amen.*





SERMÃO SETIMO

DE

S. JOSEPH,

PREGADO NA IGREJA DO MESMO
Santo anno de 1689.

Estando o Santissimo Sacramento exposto.

Eo cogitante. Matth. 1.

AVE MARIA.



SE o silencio he interprete da Magestade (Suprema, Divina, & humana) emmudecendo venero, & callando ado-

Tom. V.

ro. Se o silencio he interprete da Magestade: *Silentium maiestatis interpretis*, hoje se solenniza o Santo da mayor magestade, porque hoje se solenniza o Santo do mayor

yor silencio; & na verdade que discreto papel fizera hoje o silencio, & tam discreto fora, quam accômodado: porq̃ examinando os Evangelhos sobre o Pay putativo de Christo, sobre o esposo legal de Maria, a Joseph Beatissimo, no exame lhe reconheço a descendencia: *Joseph filij David*, prêso a hombridade: *Cũ esset vir*, applaudo a justiça: *justus*, envejo a prudencia: *Voluit occultè dimittere*, amo a piedade, *noluit eam traducere*, respeito a madureza: *Hæc autem eo cogitante*, admiro a vigilancia: *Angelus Domini in somnis apparuit ei*. Porèm adorando em Joseph os pensamentos, & venerando-lhe as obras, não lhe ouço palavras: não ha achar de Joseph huma palavra nas Escrituras; nada falla, porque muyto cuida; deu o mayor cuidado no mayor silencio; o mayor cuidado sempre adoceceu na lingua, he assombramento,

disse o Tragico: *Ingentes curæ stupent. Eo cogitante*. Valha-te Deos por São de suspenção! Valhate Deos por suspenção dos Santos Joseph Santissimo! Sei eu que aquelle pasmoso estrondo de virtude o Bautista assombrou o seculo ao entoar de huma voz: *Ego vox*: Sei eu que aquelle mimoso estampido da santidade o Evangelista suspendeu o mundo ao pronunciar de hum Verbo: *In principio erat Verbum*; pois se os mayores Santos nos deixãrão ou nas Escrituras, ou nas historias de sua conversação algumas palavras; porque nos deixa Joseph de sua vida sô os cuidados, de sua idea sô os conceitos? *Eo cogitante*. A resposta he muy natural, & he esta: os homens explicão-se por palavras, os Anjos fallão por conceitos: Joseph he Serafim no conceito da affeição, he Querubim no conceito da ciencia, he Throno

no côceito da magestade, he Dominação no conceito do senhorio; a sua lingua toda he conceito, à sua boca não desce palavra; cada conceito em Joseph he hum Coro Angelico, cada idea he huma Jerarquia Serafica: he Joseph superior a todos os Anjos, disse hum Serafico Commentador:

Vehementius in eam propendeo sententiam, ut Josephum cunctis caliculis proponendum pie, & religiose censeam. Terà, confêço, Joseph os accidentes da natureza humana, porèm logra os foros de intelligencia suprema.

Não lhe falta para este Angelico foro aquelle Eucaristico tresslado, nelle os accidentes de pão são corporeos, mas a postura definitiva do Corpo de Christo, menos he postura de corpo, mais he estancia de espirito: *Panem Angelorum manducavit homo.* Está conforme o transumpto de Joseph com o tresslado do

Sacramento. Que falta pois? Falta saber a que Coro, & a que Jerarquia acredita Joseph esta peregrina intelligência? Em tres Jerarquias, & nove Coros divide S. Dionysio as sustancias Angelicas. Os quatro Coros mais superiores são estes. Primeiro Serafins, segundo Querubins, terceiro Thronos, quarto Dominações; aos Serafins se attribue o amor; aos Querubins a ciencia; aos Thronos o assento; às Dominações o dominio. Vejamos pois em q̄ Coro dos quatro cãta Joseph mais ajustado, callãdo elle, & sêpre cuidando: *Eo cogitante?*

S. I.

2 **P**ermittirà o intêssimo amor de Joseph estreitar-se ao Coro dos Serafins abrazados? Não por certo, porq̄ os Serafins deseão olhos para mais se remirarem em Deos, dis São Pedro: *In quem desiderant Angeli prospicere:* deseão os Serafins dous olhos, para

Oij pelo

Car-
tag. l.
4.
Ho-
mil. 9

Pfal.
77.
v. 25.

1. Pr-
tr. 1.
v. 12.

pelo dual do numero duplicarem os affectos; mais subido porèm he o affecto de Joseph; porque de Joseph dizem Authores tam graves, como contemplativos, que nunca fitou os olhos em Maria, que nunca pregou os olhos em Christo. Cortesaniſsimos affectos! raro serà o amor de olhos, que seja o mais fino amor, porque ainda nos Santos mais amantes andou sempre o amor nos olhos muy recatado. Bem sei que do Amor Divino differão alguns que era Argos; *Totus oculus est*, dis São Pedro Chrisologo, he todo olhos, mas não fallando no Divino, & fallando sò do humano, resolvo que o amor, que de algum modo dependeu dos olhos, sempre pode acharse de amor duvidoso, & sò o amor que não respeitou as vistas se pòde calificar de amor excessivo. No amor de Pedro, & no amor da Magdalena, que forão

os dous Santos de Christo mais amantes, descobriremos a prova desta verdade mais evidente.

3 Refere São João no cap. 21. do seu Evangelho que examinàra Christo a Pedro de seu amor, representando no exame alguma duvida no amor de Pedro, porque tres vezes lhe perguntou se o amava: *Simon Joannis diligis me?* Por São Lucas fas Christo hum eloquente elogio do amor da Magdalena, calificandoo com tanta certeza, que publicou que a felice penitente amava muyto: *Dilexit multum*: notavel differença! & pois que mais teve o amor da Magdalena, que o de Pedro, para que aquelle por amor muyto se avalie, & este por duvidoso se sospeite? Nas suas mesmas conversões, aonde mais se apurou hum, & outro amor, he que se divisa mais claramente o excessivo amor de Pedro na sua conversão dependeo dos olhos

S.
Petr.
Chrisf.

Ioan.
2. 1. p.
16.

Luc.
7. p.
47.

olhos de Christo : *Conversus Dominus respexit Petrum*: o amor da Magdalena quando a Christo se vio convertida , não respeitou as vistas, buscou com toda a modestia , dis São Cyrillo, as costas de Christo: *Stans retro secus pedes Domini* , para melhor exprimir nessa postura a fidelidade de seu grande affecto: *Venit mulier ad Christum promens fidelem affectum* : eis-ahi pois acabal rafaõ, porque o amor de Pedro, postoril. in que fino , padecia ainda Ca- achaques de duvidoso, & ten. o amor da Magdalena D. por excessivo foy de Tho- Christo canonizado: *Dilexit multum* ; porque me. não amar pelo incentivo de ver, ou pela lisonja do olhar, senão pelo dictame do entender , esse he o mais fino amar, & este foy o amor, com que Joseph amou a Christo, & a Maria Serenissima, & com este amor não chega a competir, nem muito menos a emparelhar o amor dos

Tom. V.

mais abrazados Serafins.

4 Daquelles Serafins, q̄ là vio Isaias assistindo ao throno da Magestade Divina, dis o mesmo Profeta que formando das azas cortinas, com ellas vendavaõ a face de Deos : *Duabus velabant Isai. faciem ejus* . Eu julgava 6.v 2. que para provarem os Serafins de mais amantes, o seu rosto proprio haviãõ de cobrir , & não o de Deos; porque o amor que he nos olhos mais retrahido, esse he nos affectos mais affervorado; mas faltou sem duvida aos Serafins esta finesa , porque para outro Serafim mais superior, & amante, que he São Joseph, se guardava, & a outro mais fino amor , qual he o do Sacramento , he que melhor competia. A Eucharistia he hum exame de affectos , & hum furto de olhos : furtou-se Christo no Sacramento a nossos olhos, porque quer que o amemos, mas não quer que o vejamos: quem allis quando

O iij

quando menos vê, mais ama, he certo que mais ao fino se afeiçoa: emfim a ma por fê, & he amor de verdade, & não ama por vista, que he amor de de- leite, & se Joseph quanto mais retrahê os olhos, tanto mais accende os affectos, sobre o coro dos Serafins transcende, elle callando, & cuidando elle: *Eo cogitante*. Trãscende Joseph o coro dos Serafins em amar sem ver, & a esta finesa sobre o amor dos Serafins tam remontada, premedito eu que poderá pôr alguém esta grande instancia: Se os olhos foraõ os físcas da offensa imaginada, & presumida em Maria Serenissima sua esposa, como vemos a Joseph para amar a Maria sem olhos, ou como se acha Joseph para não ver em o sono com os olhos fechados? Respõdo, q̄ por isso mesmo, q̄ ostenta de amãte, como amãte tão fino, ha de estar sem olhos.

5. Eu cuidava que a

melhor propriedade do amor era o ser discreto, mas não he assim, o ser cego, he o que tem de mais fino; & venho a concordar com a Antiguidade, que lhe negou ao Amor os olhos, para lhe abonar os affectos, & a razão parece que he: porque como os olhos são tão estimados, he justo que quem de veras ama, para empregar todo seu amor no objecto amado, não tenha olhos, por não ter outro objecto, que possa servir à sua estimação de emprego. Com quanta razão pôde diser S. Joseph que ama mais a sua soberana Esposa, que a seus proprios olhos, pois quando os olhos o informão contra a Senhora, se os não arrãca, fecha-os com o sono, & abre o coração aos affectos; por isso, por mais que os pensamentos o pretendião arrojãr, não se resolve ligeiro, nem se despenha temerario; por mais que os pensamentos o levão ao precipicio, persiste

perfiſte conſtante, porque tem olhos fechados, & o coração aberto. Dos Serafins, de que já fallámos, dis Ifaias que com duas azas cobriaõ o roſto, mas não dis q̃ cõ outras duas azas cobriſſem o peito: & pois a viſta, & os olhos fechados, & o peito, & coração aberto? Sim, que como erãõ ſimbolos do amor, para o repreſentarem mais ao vivo, vendavaõ a viſta, & publicavaõ achãma. De ambas as azas ſe ſervia o amor: das dos olhos para vendas cerradas: das do peito para cortinas corridas; quem quer cerrar os olhos, por não dar credito à viſta, eſte acredita aſſias a fineſa. Oh como ſe moſtrou Serafim São Joseph! mas que muito? Se nos Serafins tudo era respeito ao throno, em que Deos aſſiſtia, & a Virgem Senhora era o throno em q̃ Deos eſtava? Quem foy tam fino nas vigias, como São Joseph no ſono? Paſſou o deſvelo dos olhos

para o coração: *Ego dormio, & cor meum vigilat;* como nos olhos vigiava a ſoſpeita, eſtejaõ os olhos dormindo; & como o amor buscava a diſculpa, eſteja o coração vigiando: *Hæc autẽ eo cogitante.* Oh Serafim humano, Joseph divino! E quanto mais voaſtes com as azas do affecto, do que voaõ os Serafins mais incendiados? Pois ſe eſtes não cobrem com azas os olhos para voarem, vòs atẽ quando vigiais, enlaçais com o ſono duas nos olhos, para voardes ainda mais com as do peito, ſempre callando, & cuidando ſempre: *Eo cogitante.*

S. II.

6 **T**Ranſcende Joseph o coro dos Serafins amantes, & permittirá a profunda Sciencia de Joseph eſtreitarſe ao coro dos Querubins Scientes? Não por certo; porque a ſciencia dos Querubins entra a Deos pelos olhos abertos,

tos, a sciencia de Joseph entra a Deos pelos olhos fechados, em sonhos: *Apparuit in somnis*; & vem a ficar Joseph mais sabio, & mais prudente com os olhos fechados, que os Querubins com os olhos abertos. Os Querubins sempre cuidadosos, porque sempre vigilantes, de Joseph diz o Evangelista que dormia, & que cuidava: *apparuit in somnis: hęc autem eo cogitante*: o sonhar não era novidade, o cuidar he o que mais me admira; porque advertências em quem dorme, mais são desvelos que sonhos: Desvelarse vigiando, effa he a fineza mais encarecida do amor de

Genef. 31.ª. 40.ª. Jacob: *Fugiebat que sonus ab oculis meis*, mas desvelarse dormindo, ló se acha em S. Joseph: como outra Raquel sem comparação mais gentil era a causa do seu cuidado, por isso era tam diferente o desvelo, que tinha jurisdicção no mesmo sono. A perfeicção dos outros San-

tos Confessores está em vigiar acordados: *Beati Luc. sunt serui illi, quos cum uerit Dominus inuenerit vigilantes*; mas São Joseph, até quando dorme, vigia. A perplexidade maior, o tormento mais cruel, a tribulaçõ mais grave, que já mais houue, foy esta em que São Joseph se vio: por huma parte com indicios claros de que sua Divina Esposa era mãy de hum filho, de que elle estava certo que não era pay; por outra parte com certezas de que era a mais pura creatura, & a Virgem mais soberana, com que não era possivel haver culpa em tal pessoa, em tam divina modestia, em tam rara innocência, & em tam admiravel fantidade; & esta afflicçõ tam vehemente nem o venceo acordado, nem o defacordou dormido.

7. Sonhou Joseph, o filho de Jacob, que o Sol, Lua, & estrelas o adoravaõ: *Vidi per somnium, quasi*

Genef. 37.ª. 9.

quasi Solem, & Lunam, & stellas adorare me; por-
rêm antes que chegasse a
ver cõprida toda esta fe-
licidade sonhada, pade-
ceu grandes trabalhos no
deserto, teve a vida arris-
cada, & sahio cõ a liberda-
de perdida: em Egypto
experimentou os rigores
do carcere, & a dureza
dos grilhões: pois se o es-
peravaõ a Joseph as feli-
cidades de adorado, & as
desgraças de perseguido,
jà que se sonha venturo-
so, porque se não sonha
tambem preso? Sabeis
porque? Porque para tra-
balhos tam pesados, para
afflicções tam grandes,
não bastava Joseph dor-
mindo; para vencer, era
necessario vigiar. Hum
combate difficultoso não
se fia de Joseph dormin-
do, senão de outro Joseph
mais valente; não se fia do
filho de Jacob, senão do
filho de David: *Joseph fili
David.* Dâlhe o Anjo o
mesmo nome, q̃ o Evan-
gelista São Mattheos dá
a Christo: *Liber genera-*

*tionis JESU Christi filij
David,* porque foy gran-
de a semelhança, que Jo-
seph nesta occasiã teve
com Christo. Indo o Se-
nhor embarcado, levan-
ta-se no mar huma furiosa
tempestade: medonho o
ar, contrarios os ventos,
bravos os mares; a pobre
barquinha entre ameaça-
da, & perdida, nem podia
fazer, resistencias nem
ainda supportar a violen-
cia das ondas; & neste
tempo dis o Texto que
Christo dormia: *Ipse verò* Mat-
dormiebat: mysterioso so- th. 8.
no na verdade! E pois em p. 24.
huma occasiã mais aper-
tada, quando a força da
tribulação, & a certeza do
perigo não deixavaõ vi-
ver, como podia o Se-
nhor dormir? *Ipse verò
dormiebat:* Porque era
Deos: todos os mais in-
quietos, & atemorizados,
mas Christo, como era hũ
Senhor tam divino, então
descança, quãdo o perigo
cresce: *Ipse verò dormiebat.*

8 Que tempestade de
pensamentos combatia o
peito

peito de Saõ Joseph? Que tormenta desfeita de ciu-
mes começou a padecer
o seu coração ? Batalha-
vão os olhos com a rafaõ
em porfiados combates :
lutava Saõ Joseph com as
duvidas , com os enleyos:
Oh q̄ conflictos! Oh que
apertos ! Que mares tam
grossos ! que ventos tam
contrarios! por huma par-
te certesas que o assogu-
ravaõ, por outra suspeitas
que o combatiaõ; porfia-
va a imaginação com a
experiencia , as noticias
do que via, contra a opi-
niãõ em que estava, & va-
cillante na dura luta de
tam diversos pensamen-
tos, já sospeita, já se resol-
ve, já se anima, já teme, já
desmaya, já duvida, já se
alenta : dar credito a o-
lhos, isso não , que he o
põr sombras ao mesmo
Sol : admittir taes pensa-
mentos, he sacrilegio; mas
deslumbrar circumstan-
cias, desvanecer eviden-
cias, como pôde ser? se se
fes o aggravõ preciso,
que remedio senão pade-

cer o naufragio ? Como
põde contrastar a pru-
dencia o rijo, & o porfia-
do de tam incendido ze-
lo? Já se indigna , já se a-
placa, já se precipita, já se
reporta, logo fica suspen-
so, & attonito, acaba de se
resolver, torna a conside-
rar ; & fluctuando entre
resoluções a que se apos-
ta, & entre respeitos com
que se modera , huma ves
naufrãga o valor nos re-
ceyos de offêdido, outras
se levanta nas obrigações
de respeitoso. Oh que mar-
taõ tempestuoso! Que on-
das, que ventos, q̄ rayos,
que coriscos ! Não sei em
que mayores apertos se
podia ver hum coração
humano? E que nesta tor-
menta de penas, & neste
mar de tormêtos podesse
Joseph não só dormir,
mas dormindo aquietar
tam furiosa tormenta?
Que Santo ha acordado,
que possa igualar a Saõ
Joseph dormindo ? Tam
acordados saõ seus son-
hos, que saõ a seu respei-
to sonhos os acordos dos
outros

outros Santos, & Querubins mais entendidos. Com raso chamou o Evangelista homem a Joseph: *Cum esset vir justus*; porque he tal a prudencia, a sabedoria, & a capacidade de animo, com que neste caso se portou São Joseph, que se a fé nos não ensinara que era homem, poderiamos facilmente julgar q̄ era Deos; porque só esta acção o insinuara divino.

9 Eu reparo em que despertando os Discipulos perdidos de medo a Christo (que a esse tempo em que hiaõ embarcados, & se vio anaveta em evidẽte perigo de soçobro, repousava: *Ipse verò dormiebat*, lhe estranhasse o Senhor a pouca fé, com que naquella occasião se portaraõ: *Quid timidi estis modicæ fidei*? E em que saltaraõ os Discipulos neste successo á fé? Responde São Basilio que saltaraõ a fé, em despertar a Christo: *Suscitaverunt eum*: agora cresce

mais a difficuldade: & pois despertar a quem eu sei que me ha de livrar do perigo, he saltar à creença? Em Christo digo q̄ sim; porque haviaõ de crer os Discipulos que Christo dormindo podia adormecer os ventos, & serenar os mares, porque como Christo he Deos, não he necessario esperar, para o mar dormir, porque a olhos fechados pôde deixar os ventos quietos, serenadas as ondas, & pacificadas as agoas: *Cum talis tempestas depræliaretur*, dis gentilmente o Grande P. & *Dominus dormiebat: argumentum infidelitatis est timor*. Agora o meu pensamento; de forte, que nem do mesmo Deos se persuadirão os Discipulos que podia serenar tempestades dormindo, & São Joseph dormindo adormece mais perigosos mares, mais arriscadas ondas, mais turbulentos ventos, que são vento as iras do vento em comparação

S. Basilio de
Selec.
Orat.
22.

Mat.
th. 8.
v 26.

ração da furia com q̃ o temor assalta, a duvida en-veste, a perplexidade ameaça, & a suspensão cõbate: *Adhuc eo cogitante, Angelus Domini apparuit in somnis Joseph.* Ah Divino Joseph, acção foy esta verdadeirameute tam heroyca, & sublime, que com confeçarmos que fois homem, mais que homem pareceis: os outros homens ainda mais abalizados na santidade, dormem, para adormecer os sentidos, vòs dormis para despertar os cuidados: os outros procuraõ adormecer os sentidos, para escusarem o sentimento, & vòs com o sono temperais huma dor que vos calava atè a alma, dormindo socegais à imitação de Christo huma tempestade, que combatia a rocha firme de vòsso coração affligido; declare logo o Evangelista que fois homem, ou o Querubim mais sciente, para que não erremos em vos imaginar Deos: *Ad-*

huc eo cogitante... Cum esset vir justus.

10 Transcende tambem Joseph o coro dos Querubins scientes; porque a privança dos Querubins entra a Deos pelos segredos do entendimento, & a privança de Joseph entra a Deos pelos segredos do coração. Os segredos da Encarnação correrão por obra do Espirito Santo com noticias feitas a Joseph. Ao Espirito Santo chama *São* São Bernardo coração do *Bernardo.* Pay, & do Verbo, & maior privança he serdes vòs parte de meu coração, que saberdes vòs muyto de meu entendimento; porque o entendimento propoem, a vontade resolve, & quem duvida que he privado mais sciente o que sabe as resoluções de minha vontade, que o que sabe as propostas de meu entendimento. A David dis o Texto sagrado no primeyro livro dos Reys, que buscàra Deos para ser
 Rey

P.
Reg.
13.
v. 14.

Rey de Israel, por homem talhado pelo molde, & medida de seu coração: *Quæsvit Dominus sibi virum juxta cor suum,* & a São Joseph buscou entre todos para ser no altíssimo mysterio da Encarnação coadjutor do Espirito Santo, & sô para este mysterio cõtemplou em Joseph huma prudencia a mais sobrelevada, porque vio q̃ aquella excellencia tam singular, & maravilhosa, que realçou em David, em ter o seu coração com o de Deos huma tam grande femelhança, se divisára em São Joseph com a mayor eminencia, he sentimento de São Bernardo: *Quem tanquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum, cui totum committeret secretissimum, atque sanctissimum sui cordis arcanum.* A Joseph como a David foy revelado o mayor segredo do coração de Deos, que era o mysterio da Encarnação do Divino Ver-

São
Bernard
Hom.
2. de
B.
Virg.

bo, o qual havia de obrar principalmente o Espirito Santo com Joseph, não para que Joseph na Encarnação, & geração de Christo fosse comparte, mas para que na criação, & alimentos de Christo cõcorresse. Muito se presava David de lhe revelar Deos as propostas mais occultas de seu entendimento: *Incerta, & occulta sapientie Psal. tue manifestasti mihi,* mas 50. v. de saber as resoluções de 8. sua vontade, fazendo-o parte, & retrato de seu coração, he que fazia o mayor preço: *Defecit caro Psal. mea, & cor meum, Deus 72. v. cordis mei, & pars mea 26. Deus.* E quanto se deve presar São Joseph, vendo quam sobrelevada he com Deos a sua privança, & que à sua profunda Sabedoria cedem, & reconhecem superioridade os mais sabios, & superiores Querubins? Pois do mysterio mais imperceptivel, & do segredo no coração de Deos mais recondito,

condito, que aos Querubins não foy manifesto, teve elle por retrato do coração de Deos fidelissimo, muy claro conhecimento. Elle openetrou com toda a evidencia, & conheceu com huma illustração soberana, & divina, quanto se permite a huma creatura, a grandeza de Deos nos trages de humano disfarçada: a elle foy o braço de Deos revelado: *Brachium Domini cui revelatum est?* Pergunta Isaias: o braço do Senhor a quem se revelou? Por braço do Senhor entendem os Interpretes o Verbo Divino Encarnado, & este se inclinou todo a Joseph. Christo na

Isai.

53. v.

1.

Ioan.

19.

Crus morreo com a cabeça inclinada: *Inclinato capite*, & com os braços direitos: por amor chegou o juizo a inclinar, mas por amor não chegou o braço atorcer; mas quantas vezes se torceu o braço do Omnipotente a Joseph? No seu braço mostrou Deos a Omnipotencia:

Fecit potentiam in brachio suo, isto he na Encarnação, & esta foy por Joseph meneada; mas com tam alta sabedoria, que quando Joseph se contempla entrado a humam poderosa, & subida privança, podendo ostentar de mais eloquente, o obriga a sua prudencia naquella mayor perplexidade, ou tormenta de cuidados que padecera, a que a Maria Serenissima (para provar que he seu amante o mais firme) por Mãe de Deos a reconheça, & por Esposa sua a venerar, sempre callado, posto que sempre cuidadoso: *Eo cogitante.*

Luc.

1.

v. 51.

§. III.

TRanscende Joseph o Coro dos Querubins; & permittirá agra-ve magestade de Joseph estreitar-se ao Coro dos Thronos? Não por certo; porque se o officio dos Thronos he formar a Deos levantado assento, em quanto

quanto Deos na cabeça dos Thronos se via assentado, parece que não tinha descanso, & sô depois que se vio enthronizado nos braços de Joseph, achou repouso de assento. Reparaõ muyto os Expositores sagrados em que sô do dia setimo diga a Escrittura sagrada que fora o unico dia em que Deos descansara: *Requievit die septimo*: & que mais privilegio tem o dia setimo, que qualquer dos outros dias da primeira semana do mundo, para sô ser o dia em que Deos singularmente descansou: *Die septimo*? E que gravemente deu a reposta São Isidoro Holano: *Veré Joseph magnus est dies ille Sabbathi, in quo quievit Deus gloriosus ab omni opere quod patrarat*. Joseph, dis o Grande. P. he o dia setimo, em que Deos como em throno mais excellente descanso com mayor gosto. Atè então he verdade que nos Querubins, como em glo-

rioso, & mais levantado throno, he q̄ Deos se assentava, manifestando sua magestosa, & real grandesa; mas em quanto lhe faltou a Joseph, em cujos braços em trage de humano se havia de enthronizar a titulo de seu Pay putativo, não parece que lo-grava Deos perfeito descanso; sô nos braços de Joseph he que Deos humanado descanso, nestes ditosissimos braços quando menino repoufa, nelles vigia, nelles de dia, de noyte, & annos inteiros se recrea; porque, como bê advertio o grãde Gerlaõ, não houve na terra outro throno, que fosse de mayor complacencia ao seu divino agrado: *Nulla creatura perfectius Josepho Divinæ Maiestatis sedes, & thronus fuisse perhibetur*. Deste throno dicera eu o que lá disse a Escrittura do admiravel throno, q̄ mandára fabricar Salamão com toda a grandesa, para que nelle se divisasse a sua mayor gloria,

Gerf.
in Io-
sepbi-
na.

gloria, & soberania: *Non fuit tale solium in uniuersis regnis.* Joseph santissimo foy o throno verdadeiro, em cuja fabrica esmerou o primor de toda a arte o Salamão mais sabio: *Ecce plusquam Salomon hic*; nelle por muitos annos se deu a ver Deos com summo gosto, quando humanado, & mais magestoso. Em todos os Imperios mais grandiosos do mundo se não descobrio outro throno semelhante, não digo eu que com este nas perfeições, & excellencias se igualasse, mas nem ainda que com elle competisse: *Non fuit tale solium in uniuersis regnis.*

2. Pa
rup.
9.º
19.

12 Bem sei que tambem Jacob servio a Deos de throno, quando o logrou huma noyte em seus braços naquella celebre luta, que com elle teve là no deserto; mas que tem que conferir o favor, que naquella occasião fes Deos a Jacob, com o indulto que concedeu a Jo-

seph? De throno servirão os braços de Jacob a Deos, mas no trato de poucas horas; Joseph filho de David foy throno em que Deos menino descansou todos os annos de sua infância, & puericia. Com Jacob assistio Deos em luma palestra de braços com elle lutando: *Ecce Genes. ce vir luctabatur cū eo usque ad mane*, nos braços, & abraços de Joseph se entretinha Deos, não em fôrma de luta, mas com o carinho, & agrado de filho. A Jacob deixa Deos, & de seus braços se ausenta em repontando a Aurora; sem que os prantos, & os seus repetidos rogos lhe valessem, para que delle se não ausentasse: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora.* A Joseph nunca Deos feito homem chegou a dizer: *Dimitte me*, antes de seus braços se não podia apartar; porq̃ se nos braços de Jacob se enthronifou por finesa, nos braços de Joseph se enthroniza por justiça.

tiça. E daqui se conhecerá ainda melhor a razão de se ver o Coro dos Thronos de Joseph excedido; porque se o officio dos Thronos he formar a Deos levantado assento: Deos se assenta na cabeça dos Thronos por graça voluntaria, & nos braços de Joseph se enthroniza por justiça obrigatoria! Tres Joseph, se celebrão nas letras sagradas figuras de Joseph esposo de Maria: a todos tres chama a Escrittura justos, alludindo parece à obrigação de justiça, com que Christo se havia de enthronizar nos braços de Joseph seu pay putativo. Vejamo-lo principalmente em dous: primeyro em Joseph de Arimathea, & depois o veremos em Joseph do Egypto.

13 Eu reparo na razão que obrigou a Pilatos Presidente de Judea, para mandar com imperiosos termos de justiça, que deferindo ao postulado que lhe fizera Joseph de Ari-

mathea Principe daquelle povo, lhe fosse o corpo de Christo já decido da Cruz a seus braços restituído: *fussit reddi corpus Mat.*
JESU: E porque sô *ib.* Joseph de Arimathea que ^{27. v.} se lhe entregue o corpo ^{58.}

de Christo morto tão confiadamente ha de pedir? Porque sô ao seu cuydado esse tão precioso thesouro, para o depositar no sepulchro, por direyto ha de pertencer? Ora adverti, dis Santo Agostinho, que Joseph de Arimathea não pede o corpo de Christo de seu moto proprio, senão em nome, & pessoa de Joseph esposo de Maria, de quem he expressiva figura, & có quem tem a mayor semelhança; pede São Joseph, que he o figurado, que se conceda a outro Joseph, que he sua figura, o que a elle por direyto lhe era devido. Devido era por todo o direyto a São Joseph o corpo de Christo, que elle a titulo de pay putativo nutrirá, & ali-

mentara quando vivo ; obrigação he logo muy forçosa, que a hum Joseph se pague o que a outro Joseph se deve; restitua-se a Joseph de Arimathea, que na terra ficou para ser de São Joseph fiel substituto, o Corpo de Christo morto, para que representando a pessoa do Pay putativo já tresladado ao Ceo , o receba como em throno em seus braços, & por sua conta corra o dar-lhe sepultura, & faser-lhe todos os funeraes, & honorificos obsequios: *Audacter petiit, quia Sancti Joseph & nomen, & personam gerebat, & ideo,* conclue a Aguia Africana, *Christi Corpus tanquam suum sibi jure debitum, & petiit, & accepit.*

Santo
Au-
gust.
ibidē.

14 No outro Joseph do Egypto descobriremos tambem a confirmação desta verdade com toda a eminencia. Aquella celebre corrente de Siccar, aonde Christo caminhando para Samaria, se recoftou de cansado :: Se-

debat sic supra fontem, ad- I. Joan. 4. v. 6.
vertio o Evangelista mimoso que confinava com huma propriedade, que tinha dado Jacob a Joseph seu filho: *Juxta praedictum, quod dedit Jacob filio suo.* E paraque era necessario advertir S. João que a fonte, em q̄ Christo se assenta, era huma herança que a Joseph pertencia? Eu o digo : esta fonte na commua opiniaõ dos Interpretes era fonte do Sol, *Fons Solis*, isto he, era fonte de Joseph, & quis nos mostrar o Evangelista, que sendo fonte de Joseph, expressa figura de São Joseph, Pay de Christo, & Esposo de Maria Serenissima, nella de justiça obrigatoria constituhia Christo o seu throno de assento : *Fons Solis: In Sole posuit tabernaculum suum: sedebat sic supra fontem.* Circulo do Sol chamou Tertulliano ao circulo dos accidentes Eucaristicos, & se Joseph por Sol he hum lustido arremedo do Circulo Euca-

Pfalt.
18. v.

Euca-

Eucarístico, sendo Joseph throno de Christo Sacramentado, he rasoão dizer que se enthroniza sobre o Coro dos Thronos, elle callando, & cuydando elle: *Eo cogitante.*

§. IV.

15 **T**Rãscende Joseph o Coro dos Thronos, & permittirà o alto dominio de Joseph estreytarse ao Coro das Dominações? Não por certo; porque se o effeito das Dominações he senhorear, he dominar, mais senhorea Joseph com huma mão fechada, que todas as Dominações Angelicas com as azas estendidas. As Dominações Angelicas por mais que estenda as azas, não podem chegar a ter dominio em Deos, & Joseph com a sua vara na mão domina o fruto de Christo nacido. De Jacob dis São Paulo que antes de seu falecimento adorara a

vara de ouro mysteriosamente florida, que empunhou seu filho Joseph Viserrey do Egypto: *Fi- de Jacob, morians, singulos filiorum Joseph benedixit.*

& adoravit fastigium virgæ ejus: este Texto explica outro de Isaias: Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet. Que esta vara seja Maria purissima,

he sentimento expresso de São Jeronymo: *Virgam s. de radice Jesse Sanctam Mariam Virginem intelli-*

gamus; & que o remate, & fastigio desta vara, que he Christo, adorasse Jacob, & que JESUS flor de Jesse, & Salvador do Mundo fosse o alvo, a que se diri-

gia com aquella adoração a sua esperança, he resolução da Glossa na interlinha; com que sendo Joseph Santissimo, ainda em sombras, Senhor do

mais florido do Ceo, & tendo no fruto da vara, que he Maria Santissima, tanto dominio, bem se vê quanto excede o Coro

Ad
Hebr.

11.º

21.

Isai.

11.º

1.

ron in

in

L 4.

in

Cap.

11.

das Dominações. A Moyses tambem se lhe entregou a vara, mas só a extremidade se lhe permitio q̄ senhoreasse com a mão: *Extende manum tuam, & apprehende caudam ejus*, a Joseph entregavelhe o fastigio: *Erat subditus illis*. Este Joseph he o Josuè, a quem adora, & obedece o verdadeiro Sol de justiça. Ao outro Joseph adora, & respeita hum quasi Sol: *Quasi Solem*, a Saõ Joseph respeita mais, quem he mais que o Sol. Naõ se publica Sol o Sol material, quando adora a Joseph do Egypto; & o Sol Divino sem respeitar a ser Sol, guarda a Saõ Joseph o mais reverente respeito: em hum Joseph foy sonho o verse adorado, em outro Joseph atè os sonhos se adorão: *Apparuit in somnis*. Não se estende sô o dominio da vara de Saõ Joseph a Christo nacido, tambem se estende a Christo Sacramentado: a Christo Sacramentado: Sim: vara, &

Exo. 1.
4. v. 4.
Luc. 2. v.
51.

Genes. 37. v.
9.

Mannã se reservarão na Arca do Testamêto; & se Joseph com a vara dominava o fruto de Christo nacido, sendo a Eucaristia extenção da Encarnação, tambem com a vara domina o Mannã Sacramentado: & como não dirã Joseph que em tam alto dominio excede das Dominações o Coro, mas sempre callado, & cuidadoso sempre: *Eo cogitante*.

16 Tudo dominou Joseph, porque na sua vara tem o dominio de tudo: Para a instituição do Sacramento dis o Evangelista que tudo entregara o Eterno Pay nas mãos de Christo: *Omnia dedit ei Pater in manus*; & na vara, ou no fastigio, & remate da vara, que he Christo nacido, o qual senhorea Joseph com a sua mão, tem tudo nas suas mãos Saõ Joseph: Provo: Christo tem tudo nas suas mãos, Saõ Joseph tem nas suas mãos a Christo; logo Saõ Joseph tem tudo nas suas mãos; não fei, que por

Joan. 1. 3. v.
3

por todas as leis da Dialectica possa estar mais em forma a cõsequência. Que S. Joseph tenha a Christo nas suas mãos, & da sua mão, S. Lucas o define, nõ cap. 2. do seu Evangelho: *Erat subditus illis*: estava Christo, dis S. Lucas, à obediência de S. Joseph. Que parára o Sol aos imperios de Josuè em o apressado curso de seus rayos, dis o sagrado texto: *Sol contra Gabaon ne movearis, stetit itaque Sol*, mas q̃ comparação tẽ o obedecer a Josuè o Sol material, comparado com obedecer a S. Joseph o Sol Divino? A Josuè obedece o Sol quando para, & a S. Joseph não para o Sol Divino quando lhe obedece; não para, por q̃ pera obedecer voa: per amosstrar, q̃ não repara em obedecer, obedece sã parar. Quando o Sol obedeceo a Josuè, dis o texto que obedecera Deos à voz de hum homem: *Obediente Domino voci hominis*, dis q̃ obedecera Deos, porque Deos mandou pa-

Tom. V.

rar o Sol, movido dos rogos de Josuè: là obedeceo Deos mandando, & cã cõ toda a certeza, Deos he o que obedece, & S. Joseph he o que manda; vede agora o que isto demanda: *Et erat subditus illis*. Supposto pois, q̃ em tal subdito tem S. Joseph hũ tão superior, & alto dominio, claro estã q̃ fica superiora todo creado, claro estã q̃ fica excedendo com tam alto dominio das Dominaçoens Angelicas o coro, pois estas nem ainda se atrevem a tocar cõ a aza, o q̃ S. Joseph abarca com a mão, sempre callando, & sempre cuidando: *hoco- gitante*.

§. V.

17 **O** Subido silencio! Oh alto cuidado! Oh voo mostruoso! Se sobre os quatro cores dos mais superiores espiritos te remontas, aõ de tocaõ espirito voador tuas azas? Não sei se me atreva a dizer, que remõ-

P Iij tan-

Josue.
10.
v. 12.
v. 13.

v. 14.

taado-se Joseph a todo o Angelico, se vai chegando a todo o divino; porque entrando pelo interior Sacrario da Trindade, acho a Joseph, tam perto da terceira Pessoa, que a par de Joseph de Maria Serenissima o esposo, foi a primeira vez, q̄ o Espirito de Deos, terceira Pessoa da Trindade Beatissima, se appellidou Santo. A primeira vez, q̄ ao Espirito de Deos se deo de Espirito São o apelido, foi na Encarnação do Divino Verbo, quando à Serenissima Senhora trouxe a embaixada o celestial Paranyfio: *Spiritus Sanctus superveniet in te*: a advertência he do grãde Ruperto, o qual ponderosamente foi notar, que nunca no antigo testamẽto se lera a terceira Pessoa da Trindade com o titulo de Espirito Santo, se naõ q̄ sô com o nome de espirito do Senhor fora sempre intitulado: *Nunquam in veteri testamento legitur Spiritus Sanctus, sed Spiritus*

Domini, Ab hoc loco ferè Rupert. primũ sonuit in auribus nostris hoc reverendũ, & Ad insigne vocabulũ, Spiritus Sanctus. cap. 1. Mat- th. E do motivo que ouve para isso assim ser, a ponta logo o mesmo Ruperto arazaõ: *Maximè in hoc opere claruit Spiritus Domini, quia verè Sanctus*. Neste misterio altissimo da Encarnação resplandeceo o Espirito de Deos com a propriedade mais ajustada, porq̄ nelle se mostrou verdadeiramente Santo com a mayor eminencia; & nesta Encarnação do Verbo, o Espirito Santo, & S. Joseph se acharam tam unidos, que do modo que pôde ser, parece se unirão emparelhados: *Missus est Angelus Gabriel... ad Virginẽ dispõsatã viro, cui nomẽ erat Joseph... Spiritus Sanctus superveniet in te.* ^{v. 27.}
18. Uniose de maõ dada, na fõrma que temos já explicado, o São Joseph com o Espirito Santo na Encarnação do Verbo, & por S. Joseph se vio Christo

Luc.
1. v.
35.

to em quãto homẽ singularmente adoptado, porque de S. Joseph foi Christo em quanto homem filho adoptivo; & nesta adopção ficou o Pay putativo mui parecido com o Padre Eterno. He o Verbo Divino filho do Padre por obra de entendimento: he Christo em quanto homem filho de Joseph Pay putativo por obra, ou por adopção da vontade: he o Verbo Divino hum unico conceito do Padre supremo; he Christo hũ unico cuydado do Pay putativo; & Santo do mais unico cuidado, he São do mais unico côceito; & São do côceito mais unico, cõ propria justiça he São do silêcio mais raro. Não falle Joseph, mas fallem de Joseph as escripturas; porq̃ quãdo o côceito de Joseph he o mayor côceito, do mayor côceito melhor he q̃ calle a lingua, melhor he q̃ falle a penna.

19 Por David dis o Padre Eterno, que de articulãra huma boa pala-

vra: *Eruetavit cormeuum* Psal. *verbum bonum: dico ego o-* 44.
pera mea Regi, & logo ac- ^{v. 1.}
crefcenta: Lingua mea ca- ^{v. 2.}
lamus: a minha lingua se- *S. A-*
 ja a penna que falle dessa *gost.*
 palavra: S. Agostinho quer *De*
 que esta palavra signifi- *Essẽ-*
 que a geraçã do filho, q̃ *titã*
 he o Verbo: o Verbo he *Diri-*
 côceito, & o maior côcei- *nita-*
 to; & do maior conceito *tis L.*
 fõ falla a penna, & emmu- *Unus.*
 dece a lingua. E que não tem ditto deste unico côceito a penna de Agostinho? E q̃ não té dito de Joseph unico cuidado a penna, da historia antiga?
 Oh silencio! Oh côceito!
 Oh cuidado! Oh assôbro!
 Oh Joseph São do mayor silêcio, porq̃ do mayor côceito!
 Do mayor assôbro, porq̃ do mayor cuidado!
 O Serafim vos abate a aza, o Querubim a penna, o Throno a cadeira, a Dominaçã a vara, o Espirito Santo de mã dada vos assiste; Christo por adopção vos herda; o Padre Eterno por cõmissãõ a si vos assemelha, & por

credito da femelhãça, vos authoriza cõ hum corpo de custodia, que he o mesmo que corpo de goarda; a goarda que voffo cuidado fes a Christo nacido, remunera o Pay cõ a goarda de Chtisto Sacramẽtado.

20 Ora Divino Joseph, não sei que mais vos sobreleva: parecendo-vos com tal Pay, ou reservardes tal filho? Eu remato esta oração evangelica com a clausula, cõ que hum famoso Orador em Grecia epilogou a Philippe Rey de Macedonia, & pay de Alexandre, húa oração rethorica: *Hoc unum dixisse sufficiat, filium te habere Alexãdrum*, parecendo-lhe se não podia referir de Philippe mayor elogio, que o dizerse era pay do grande Alexãdre; baste pois, Joseph soberano, o publicar hoje, que o mesmo Deos he voffo filho, para que as voffas excellentes prerogativas se jaõ a todos melhor manifestas; & se com o privile-

gio de Pay de Christo, he certo, que lograstes os mais sublimes privilegios de santidade cõ q̃ vos vistes enriquecido, na graça, na vida, na morte, & no applauso: na graça, porque nacestes com ella, na vida, porque a passastes sem culpa; na morte, porque espirastes entre os braços de JESUS, & Maria; na gloria, porque a lograis em corpo, & alma, ficando nella tam proximo a Maria Esposa vossa, como Maria a JESUS filho feu; no applauso, como o testemunha a devação, o affecto, & o dispendio dos q̃ hoje a esta vossa solennidade pontualmente assistem; sendo vòs glorioso Joseph taõ agradecido, a razão pede q̃ experimente nossa piedade vossa poderosissima intercessão, para os apertos da vida, para as izenções da culpa, para os augmentos da graça, & para a posse da gloria: *Quã mihi, & vobis prestare dignetur Dñus Omnipotens.* Amen.



SERMÃO
OYTAVO
DA PRIMEIRA SESTA FEIRA
D A
QUARESMA,
PREGADO NA CAPPELLA REAL
Anno de 1688.
A V E M A R I A.

Muito Alto, & muito Poderoso Rey, &
Senhores nossos.

Diligite inimicos vestros. Matth. 5.

1 **E**M amor, & em odio se cifra a fastãcia refumida de todo este largo Evangelho: em amor de inimigos: *Diligite inimicos vestros*, em odio de mentirosas hypocrisias: *Noli tuba canere ante te, sicut hypocrita faciūt, ut honorificētur ab hominibus* Contra os hypocritas naõ determino eu sair hoje a desafio, porque tenho alcançado,

çado que ha muito poucos no Mūdo, q̄ se serem santos, com o exterior disfarce da virtude se finjaõ, oxalà que todos sem nenhum rebuço, ou fingimento o foram! mas a desgraça he, que chegou entre os homens a tão credito a malicia, que de viciosos se factam muitos, & de serem santos se presam poucos. Pelo amor dos inimigos, ou pelo modo com que os inimigos se haõ de amar, he que venho hoje apostado a campo a sair, assim porq̄ he a primeira recommendaçãõ, que a Sabedoria increada do Verbo com tam intimado preceito no Evangelho nos inculca, como tambem por ser materia de muito porte, & segundo ouço, nesta Corte naõ de pequena importancia. Com que, se todo o zelo dos Prẽgadores neste dia he affeioar nossas vontades, & reduzir nossos entendimentos com efficaes rasões, paraque nos resolvamos a amar a nos-

fos inimigos, detestando o entranhavel odio com q̄ os aborrecemos, todo meu destino serà hoje descobrir o invento com que os inimigos se haõ de amar, apontando as rasões em q̄ se hade ver, ou confitir este amor dos inimigos, paraque fique ao nosso amor reconciliados.

2 Bem sabido he, que cõ raro, & engenhoso artificio inventou a industria humana humas potagens, ou medicamentos a que chamam attractivos do amor, os quaes dados a qualquer fogeito, ainda que seja pela asperesa da cõdiçãõ hũa penha, logo ao amor se rēde, & cõ toda a ternura como cera se abrandã, pois eis ahi atrança com que dos inimigos mais malevolos avemos de faser os mais intimos, & familiares amigos; toda a difficuldade estã em acertar com a tempera, & com os ingredientes, paraq̄ este taõ novo medicamento possa obrar com mayor efficacia: mas

Christo

Christo no Evangelho, se pedir à Medicina mais estu-
diosa pedras cordeais, nê cõse-
ções de jacinthos, nos tirou de todo a
difficuldade; porque nelle nos aponta os ingredien-
tes que ha de levar este medicamento, para que o
recebamos sem a menor repugnancia.

§. I.

3 **O** Primeiro ingrediẽte he, que ame eu aquẽ me naõ ama, com amor do cora-
ção: *Diligite*; porque como sentenciosamente advertio Seneca, para ser amado, naõ ha tam efficas medicamento, nem mais poderoso feitiço, que amar a aquelles dos quaes esperamos que nos amem: *Ostendam tibi amatorium sine herba, sine ullius venefice crimine: sevis amari, ama.* De sorte, que quem deseja ser amado de todos, a todos ha de amar moi de veras; porque de hum amor he que outro

amor resulta, & sò cõ hum amor outro amor se conquista. E que bem estava nestas tam finas, & primorosas correspondencias aquella alma mais amante dos Cantares, quando rõpia nestas affectuosas vo-
tes fallando com seu querido: *Dilectus meus mihi, & ego illi*: a particula & na Escriptura he causal, & val tanto como a particula: *quia*; & vê a ser o mesmo, q̄ confeçar a es-
posa que porisso vivia a lhea de outros cuidados, porque seu esposo com reciproca correspondencia lhe pagava na mesma moeda: o meu amado he todo para mim, porque eu tambem sou toda para elle: amame com todo o affecto, porque eu com todo o affecto o estimo: em fim he o nosso amor reciproco, & amor de correspondencia; porque nem eu empregara nelle o meu amor, se o seu me naõ tivera amim por emprego; nem elle me amara amim com tanta finesa, se eu o

Cant.
2. v.
16.S.
Ber:nard.
serm.67. in
Cant.ed si-
rẽ. &
ser.68. P.
Luizda Põ-
te inCant.
l. 5.Exb.
37.

S.
Greg.
N.º
in
Cant.

o não amara a elle com tanto excesso: *Vides*, exclama aqui S. Gregorio Niceno, *vides, ut amor amorem suspendat*? Não advertis quanto tem o amor de magnetico? Pois assim como a pedra Iman tem natural virtude para attrahir a si o ferro, a que se applica, assim o amor aindaq̄ encôtre com hum coração de ferro na dureza, de bronze na contumacia, de diamante na rebeldia, de penhasco na resistencia, tem taes, & tam peregrinas qualidades, que applicado ao duro ferro, & mais rebelde brôse desse coração, logo a si sem violencia alguma o attrahe, logo com facilidade o abranda, & o faz derreter como cera na presença da chãma; porq̄ como notou Santo Ambrosio, em toda a natureza não ha mayor sympathy, q̄ a de hum amor cõ outro amor. *Quid tam insitum à natura, ut diligetem te diligas*? Ainda que nosso inimigo seja mais endure-

S.
Am.
brosi.

cido q̄ o ferro, mais empedernido q̄ hũ rochedo, se nos apostamos em o mar cõ todo o empenho, he certo que com a mais humilde fogueiaõ o veremos ao nosso amor de todo rēdido: *Sivis amari, ama*; porq̄ esta he a valētia mayor do amor trāsformar emperfeitos amigos os mayores cõtrarios.

4 Mas se nesta trāsformação prova o amor de valēte, não menos nella se requinta de fino; porq̄ amor, q̄ poe a mira em querer bē somēte aos amigos, he divide q̄ lhe pagamos, & não he fineza, que obremos a fineza mais heroica, & realçada he amar, quando ha motivos para aborrecer. Sempre Christo Redēptor nosso amou grandemente aos homens; porq̄ aquelle incendio em q̄ ardia seu coração amoroso, foi sēpre grãde, & m que nunca se viſſe diminuido, foi sempre o mesmo, sem q̄ crescesse augmentado; & com tudo nas vesporas de sua morte re-

finou

Ioan.
13.

refinou Christo mais as suas finelas: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos*: & em que resplandeceo a qui mais, que em outra occasiã o requinte, & realce deste divino amor? Agradecemos a resposta a S. Cyrillo, o qual singularmente resolve que este amor fora fino, porque naõ fora amor, com que amara Christo aos Anjos, que eraõ delle mercedores, mas amor empregado nos homens, que por suas offensas ode smereciam: *Ad differentiam Angelorum dicit suos, qui erant in mundo, præcipue enim dilectione homines dilexit, & plusquam Angelos.* E com quanta delicadesa o discorreo o grande Padre! Porque se Christo empregara seu amor nos Anjos, fêdo tam benemeritos, seria semente amor, mas naõ fora finela: amar porem aos homens ingratos, & amallos, quando cansado ja de sua pouca fê, & desenganado de su-

S.
Cyl-
lus.
cit. a
P. A.
lapi-
de cõ-
ment
in Io-
an.
cap.
13.

as esquivanças, & ingratas correspondencias, tinha para os defamar, & aborrecer tam forcçosos motivos; querer Christo bem aos homens pela alma, quando os homẽs lhe traçavaõ a morte, quando o vendiam, & entregavaõ a seus inimigos, *in qua nocte tradebatur*, essa foy a finela de amor mais subida: *in finem dilexit*, porque naõ tem duvida, que sõ entãõ chega o amor a ser fino, & requintado, quando he amor sem rafaõ, & sem causa, ou para dizer melhor, quando do que era rafaõ, & motivo para o odio, fas motivo, & rafaõ para o amor.

5 Naõ sei se se repararaõ ja na quelles tam celebrados, excessos com que Joseph abraçou a seus irmãos, vendo-se ja com o supremo dominio de Visorrey do Egypto, porq dis o Texto sagrado q o amor lhe naõ cabia no peito: *Non se poterat ultrò Gines. cohibere, & prisso des-* 45.
bafou pela bocca em sua- 7. 1.
vissimos

vissimos osculos, & pelos olhos em ternissimos prãtos: *Osculatusque est. Joseph omnes fratres suos, & ploravit super singulos.* Mas aqui perguntara eu agora: & quem refinou tanto o amor de Joseph para com os irmãos, que com tam ingrata aleyvozia o venderão? Que podendo muito bem Joseph vingarse de huma tão escandalosa offensa, não trate da vingança, lanço era da fidalguia, & generosidade de hum animo Principe, que se não aproveitava do poderio, que lhe dava o officio publico, para vingar particulares agravos; mas tantos desperdiços de amor em Joseph com irmãos tão malevolos, envejosos, & ingratos? Sim, que se recordou Joseph dos maos tratamentos, & defacatos injuriosos, q̄ de seus irmãos recebera: *Ego sũ Joseph frater vester, quem vendidistis;* & como Joseph foy tão generoso, que as mesmas rasoẽs do aggravado

Gene.
43.
p. 4.

lhe serviaõ de incentivos para mais afervorar seu affecto, porisso avultou o seu amor neste caso tão fino: se Joseph estivesse já do aggravado esquecido, não era muito q̄ amasse a seus irmãos com tão excessivo extremo, mas que lembrado de sua culpa à vista della os ame, & trate com tanta caricia, he amor tão avultado, & na finessa tão crecido, que não cabe no coração, he necessario, dis S. Pedro Chrysologo, que a lingua o manifeste, & os olhos o publiquem, para que conste a todos que sô he amor gigante, ou gigante no amor, quem ama a inimigos, convertendo as razões da inimidade em motivos de benevolencia: *Odium fratrum caritatis lacrymis abluibat, Tempore pro malis bona retribuens.*

S. August.
Serm. 83.
Tempore.

§. II.

6 **C** Omque conhecido fica já o segundo ingrediente para

para a confeição do amor, q̄ he fafer bem aos inimigos: *Benefacite his, qui oderunt vos*, para os podermos logo transformar em amigos. E pois não bastará a clemencia do agravo sem abisfarria do beneficio? Forçosamente hei de ser obrigado a fafer bem a quem me procura fafer todo o mal? Hei de pagar agravos com favores, ingratidões com correspondencias, injurias com finesas? Sim, porque não ha coração em seu odio tão obstinado, a quem as dadivas não conquistem, aquem os beneficios não rendão. Por industria de sua mãy Rebecca levou Jacob o morgado a seu irmão Esau, a quem por mais velho pertencia: levou este tam pouco em paciencia que seu irmão lhe levasse a benção, que o a meaçou de morte; mas com Esau fulminar estas ameaças em seu coração: *Dixit in corde suo: Venient dies luctus pa-*

tris mei. & occidam Jacob fratrem meum, não faltou logo quem o fesse diser a Rebecca, para que lhe chegasse a Jacob a noticia: *Nuntiata sunt hac Rebecca*. E que faria Jacob neste passo, vendo-se em hum tão grande aperto? Dis o Texto sagrado, que tomando melhor conselho, se retirár a a Mesopotamia, até que enfadado já do seu molesto desterro, se voltou outra ves à sua patria com todas as riquezas, que à custa de seu fuor adquirira; mas aqui se desperta logo naturalmente o reparo: se Jacob dantes foyge de Esau com tanta cautela, para dar lugar aos furiosos impulsos de sua ira, como agora se lhe vê meter nas garras, té advertir q̄ leva a sua vida arriscada? Dãtes em Jacob, tão temor, tão sobressalto tão receo, & agora tanta confiança? Já as ameaças de hum irmão tão corlerico o não atemorizão, nem assombrão? Ora o caso

Genes.
32.
p. 20.

o caso he, que Jacob ainda se acha receoso, & bem atemorizado, mas fia-se em q̄ a benevolência de suas dadivas cativará a Esau de tal modo, que converta a sua sanha, & iracundia em amor: *Placabo illum muneribus*: por mais irado que esteja contra mim Esau, as dadivas, & beneficios acabarão com elle aque deponha logo a ferocidade, & se revista de toda a brandura. He verdade que dantes fugia Jacob de seu inimigo, porque não tinha com q̄ o beneficiar por empobrecido, porem tanto q̄ se vio com riquezas, para com elle repartir mais opulento, já se dá por seguro, porque sabe muito bem que dadivas como dizem, quebrãtão penhas, & que não ha inimigo tão assanhado, & rayvoso, a quem beneficios facilmente não abrandem, a quem os donativos não convertão.

7 Que animo houve em sua vingança mais ob-

stinado, & quem parece não poderia conquistar nenhum beneficio, q̄ o de Saul com David? Escusado he repetir os multiplicados aggravos, & escandalos, com que a David offendeo Saul, porque a todos vejo que são bem notorios, & com tudo se lermos o cap. 24. do 1. livro dos Reys, nelle acharemos a Saul tam réddido, que mais não podia fer. Foi o caso, que teve David occasião para tirar a Saul a vida, quando o achou descuidado no retiro de huma cova, mas contêtou-se com lhe cortar huma pequena parte da purpura: Oh lanço igualmente catholico, que generoso! & como se portaria à vista delle Saul? Eu o digo: Advertindo Saul todo enleado, suspenso, & confuso, que acção tão briosa fô de hum imperio era dignamente merecedora, volta-se a David, & de todo trocado lhe falla com termos tam cortezes, & modestos,

destos, que de lhe estar humildemête sogeito não podião ser mais indicativos; notem, que já o apelida filho seu: *Anquid vox hac tua est fili mi David?* Ja chora desfeito todo em lagrimas sua culpa: *Levavit vocem suam, & flevit:* já engradece a David de beneficio grandioso, confessando-se así por esquivo, & ingrato correspondente: *Tu enim tribuisti mihi bona: edgoredidi tibi mala:* já pede a Deos lhe pague tão misericordioso lanço de piedade, que com elle tinha usado: *Dominus reddat tibi necessitudinem hanc pro eo quod hodie operatus es in me:* já lhe assegura que será sem cõtroverfia Rey futuro de toda a Monarquia de Israel: *Nunc scio quod certissime regnaturus sis, & habiturus in manu tua regnum Israel:* já se humilha arogos, pedindolhe cõ toda a modestia q se obrigue com juramêto, q nunca faltará em assistir

à sua descendencia, & ao seu nome com o seu real patrocínio: *Jura mihi in Domino, ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de domo patris mei.*

8. Quem não pasma de ver a Saul nesta occasião tão brando, tam comedido, & com David tão reconciliado? Lembrame amim, que achando-se Saul de hum espirito maligno tiranna, & mortalmente atormentado, David se empenhara a livralo de tam grave molestia com a consonancia da sua bem temperada cithara; lembrame, que David fora o que despresando manifestos perigos, lhe assegurara a Saul com seu heroico valor a cãpanha, & lhe deu a mais celebrada victoria, quando com o tiro de huma pedra deixou morto no campo ao Gigante, que era o opprobrio do povo Israelitico; & com tudo se lermos o Texto sagrado, acharemos que nada disto

foy bastante, para que a David não aborrecesse de morte, & lhe pagasse Saul todos esses serviços q̄ fiseram com os repetidos arremessos de huma lâça; & que agora já tão arrependido se renda, que já profetize a David a purpura, que já lhe dê a mão de amigo, que já o engrandeça, que já lhe peça? Não deixa de causar a todos hum grande espanto. E donde lhe resultaria a Saul huma tão estranha, & repentina mudança? He que conheceo Saul com todo o desengano, que no mesmo tempo em que elle atrevidamente ingrato perseguia a David com o mayor odio, lhe fazia David o mayor beneficio, porq̄ estando na mão de David tirar-lhe a vida, lhe perdoava com tanta generosidade a morte; & he tão poderoso para converter animos mais rebeldes, & obstinadamente a todo bẽ repugnantes, hum grande beneficio que se faz a

vista do mayor aggravo, que sendo Saul na crueldade do odio huma mais assanhada fera, o mesmo foy conhecer em David a real beneficencia, comq̄ tantas offensas lhe remetia, que arrependerse logo da furiosa obstinação, comque até então estranhamente o aborrecera; porisso de tão fero que era se internece, & protesta a David a sogeição mais rendida, porque entendo que David se portara, em lhe perdoar o matallo, com a mais regia, & soberana clemencia.

§. III.

9 **O** H q̄ medicamento tão efficaz, & que metamorfofi tão Divina para transformar em amigos aos inimigos mais malevolos, & obstinados, he o bem fazer: *Benefacite his qui oderunt vos*: S. Lucas tem: *Benedicite maledicentibus vobis*: dissei bẽ dos que difem

In
Qua-
ſtion.
in In-
car-
nat.
Ver-
bi.

I. Ad
Co-
rinthõ,
4.º.
12.

difem mal de voz: *Bene loquimini de iis, qui vos execrantur.* Comenta S. Maximo; lançai mil bẽ- ções a quem vos roga mil pragas, & defeja que ca- yaõ sobre vòs maldiçoẽs. Ao homem foy dada a lingua para difere bem de todos, de todos digo, por- que o homem não fõ ha de difere bem dos que o louvaõ, & difere bem del- le, mas tambem dos que o vituperão, & delle di- fem mal. *Maledicimur, & benedicimus,* diſia S. Pau- lo de ſi, & dos mais Apo- ſtolos ſeus condifcipulos: elles difere mal de nõs, & nõs difemos bem delles: iſto he propriamente fal- lar bem, & a lingua do ho- mem hade ſervir para a- mar a todos com o elo- gio, & não para os deſ- dourar com o opprobrio. Eſte he o terceyro ingre- diente da noſſa confei- ção, que cuſta tão pouco, que fõ em palavras con- fiſte. O que quer ſer ama- do de todos, não diga mal de nenhum: o que de-

ſeja enfrear as lingas ma- ledicas, para que o não a- frontem com calumnias, deſpregue a ſua em enco- mios, & louvores ſeus, fa- çã-fe, dos que o affrontão com a infamia; glorioſo panegyriſta, vingando-fe do mal, que delle difere, em difere ſẽpre bẽ delles; & logo eſſes mal difetes, q̃ deſcomedidos, & deſbo- cados o deſdouravaõ com toda a infamia, ficarão a- migos q̃ o acreditarẽ cõ to- da a honra; porque não ſei que efficacia tão pode- roſa tem huma boa pa- lavra, que cativa mais que tudo.

10 Toda huma noite empeſo refere S. Lucas no cap. 5. do ſeu Evange- lho, que andara S. Pedro cõ os outros Apoſtolos occupado em lançar as redes, & que a nenhum dos lanços reſpondera a fortuna: *Per totam noctem laborantes nihil cepimus;* 5. melhorcu-fe eſta nas obe- diencias de Chriſto, por- que mandando-o lançar a rede mais para o alto:

Duc in altum, se quando fiserão o lanço entregã-rao a cada malha huma esperança, quando recolherao a rede se acharão com mais peixes que esperanças: *Concluserunt piscium multitudinem copiosam*: agora pergunto eu: & donde teria o seu principio nesta pesca tanta mudança da fortuna? Eu o direi: Lançou desta ves S. Pedro a rede confiado na palavra de Christo: *In verbo tuo laxabo rete*; & valeo tanto mais para captivar os peixes, o ouvirem estes os eccos de hũa boa palavra, que a Pedro disse Christo, que o que não conseguio Pedro cõ o trabalho, & fadiga de huma noyte inteyra, veyo a conseguir a cortesia de huma boa palavra, sem alguma molestia. Sim, mas se entã venturosa pesca se rompia a rede, porque não fugiãoos peixes, para outra ves se verem com liberdade? Mas oh que esses são os milagrosos effectos, que resul-

tao de huma boa lingua, q̃ atè abrutos indomitos fas que da sua liberdade se esqueçaõ, & os cativa sem violencia. Estavaõ os peixes rendidos detemos tao benevolos: *In verbo tuo*, & por isso não fogem, antes ficaõ na rede prisioneiros; porque val mais huma boa palavra para captivar, que todas as malhas da rede para attrahir. Por mais feras que sejaõ os inimigos, por mais que fujaõ de nós de acovardados, & temerosos, bastará huma palavra modesta, huma comedida reposta, huma branda falla, para que nos fiquem fogeitos, & amigos nossos os mais obrigados; melhor os havemos de reconciliar a nós (quando mais colericos, & furiosos) com termos cortesies, & urbanos, que com muytos enredos, & com ludibrios injuriosos, & severos; porque não ha agoa, que assim apague o fogo da ira, como huma palavra branda: a mayor furia

Ma-
nuch.

furia da colera aplaca logo, dis Manuquio, huma voz socegada: *Sæpe velin- sanum placata oratio mulcet*; na suavidade da lá se quebranta todo o furor de hum rayo de bronze, despedido da nuvem de hũa peça; & na area mais pacifica se quebra toda a furia de huma tormenta. Mas para que nesta confeyção de palavras se experimente a sua mayor efficacia, duas cousas se haõ de observar, que são a meu ver de naõ pequena importancia.

§. IV.

11. **S**Eja a primeira. O fallar dos inimigos com todo o respeito; porque com nenhum outro lanço se pode obrigar mais a hum inimigo a que cesse de differ mal, que cõ saber que nõs nas nossas praticas, & conversações nos empenhamos sempre em o engrandecer. Rey chamou

Tom. V.

lá David a Absalaõ seu filho, quando lhe constava com toda a certeza que contra elle se tinha ja rebellado: *Revertere, & habita cõ Rege*, onde notou Theodoretto, que cõ mysteriosa advertencia lhe naõ chamara David rebellado, que era, mas Rey, que queria ser: *Non nominavit parricidam, sed regem*, julgando sem duvida que era necessario fallar lhe ao gosto, para lhe levar voluntariamente o agrado, & o mover a que desistisse de tam perverso intento. Bem está, mas se Absalaõ he inimigo declarado, para que falla delle David com tanto decoro? Sabem porque? Porque o queria fazer amigo, & para isso achou que era a melhor traça fallar delle com toda a honra, & naõ com desprezo. Essa deve ser no meu juizo a razão mais ferçosa, porque a Judas, seu mayor inimigo, chamou Christo, ao tempo da prisão, seu amigo: *Amice, ad quid venisti?*

Reg.

15.

Theo-
dore-
to in
hunc
locum.

Mat.

1b.

26.n.

50.

Q iij. E pois

E pois Senhor a hū traidor tam aleivoso, cujo odio estã ja a todos taõ manifesto, ennobreceis com hū titulo taõ honorifico, como he o de amigo vosso? Sim, chamoulhe Christo naõ o q̄ Judas era, mas o que queria que elle fosse; para nos ensinar, grossou hū Douto moderno, que dos inimigos se ha de fallar com tanta cortesia, & reverente moderação, que nem inimigos se haõ de appellidar, para que o naõ sejaõ: *Ut doceat inimicos semper esse aecorandos.*

12 A segunda cousa, que se ha de observar nas palavras, para que tenha efficacia a confeyção do amor, he o naõ publicar as faltas, & defeytos dos que saõ inimigos, mas cobrir de tal sorte suas culpas, ainda em caso, que ja estejaõ sabidas, que nẽ as culpas se digaõ, nẽ os delinquentes, que as cometeraõ claramẽte se manifestẽ. Subindo Christo à Cruz, isto he, ao throno de seu mais fino a-

mor, no mais publico theatro delle, que foy o Calvario, a primeira palavra que fallou, foy pedir a seu Padre supremo que perdoasse aos inimigos, que o haviaõ offedido; mas reparem bem nos termos, com que fes o Senhor a sua supplica; porque saõ taõ estranhos, que deraõ muyto em que cuydar aos Expositores mais entẽdidos: os termos da petição foraõ estes: *Pater mitte illis:* Eterno Pay, Luc. 23. perdoay a aquelles: a aquelles? E porque naõ nomea Christo esses, ao quaes o Eterno Pay ha de conceder o perdaõ? Venturosamẽte respõde Sãto Ambrosio, dando a rasião que tivera Christo para os passar em silencio: *Quia si si nominare eos deberet, ignosce illis inimicis meis, crucifixoribus meis dicere deberet.* Naõ ha mais discreto diser! Naõ ha mais profundo sentir! Sabem, dis o Eloquentes Arcebispo, porque naõ nomeou Christo os inimigos que haviaõ

haviaõ de ſer perdoados? Porque ſe Chriſto declaraffe quaes eraõ, era forçado o diſer: Eterno Pay, perdoay a Annâs miniſtro aleyvoſo, que cõ diñheyro peytou a Judas, para executar a perfidia com que me entregou levado de hum cego appetite: perdoay a Caiſâs ſacrilego Pontifice, que cõtra mim ajuntou hum cõcilio o mais impio, ſubornando as falſas teſtemunhas que me accuſaraõ, para me condenarem à morte: perdoay a Herodes Principe indigno, q̃ ultrajãdo-me com os maiores opprobrios, eſperava de mim ver milagres, naõ para me faſer juſtiça, mas para ſatisfazer à ſua curiosidade: perdoay a Pilatos infelice politico, q̃ antepondo a amiſade de Ceſar à graça de Deos, me ſentenciou a açoutes, & a huma Crus a mais afrõtoſa, & aſſim avia de dizer dos demais, que concorreraõ cõ tanta deſhumanidade para a tyranna

execuçãõ de ſeus tormentos, & pera o afrontoſo de ſuas calumnias; & pera Chriſto naõ publicar os delinquentes, nem tam pouco os delictos, por iſſo ſõ diſ: *Dimitte illis*, perdoay a aquelles, que ſaõ vozes, que nem maniſeſtaõ culpas, nem declarãõ os ſogeitos que as cõmetterãõ.

13 E ſe Chriſto ſendo Deos, que he taõ ſenhor da noſſa fama, como o he das noſſas vidas, aſſim aguarda cõ tâto recato, aſſim a ſalva, & deſfede com tanto ſilencio, o que naõ he ſenhor da fama alhea, que direito tem para infamar tantas vezes ao ſeu proximo do delicto que eſtã em ſegredo, contra o amor que lhe deve, & tal ves do falſo, cõtra a juſtiça, que temerariamente lhe rouba? He forçoſo o diſermos o que redundã em diſcredito do inimigo que nos té aggravado, ſeja occultamente, & de modo, que nem ſe declare expreſſamente

o delicto), nem se dê a conhecer claramente o delinquente, como o fez Christo na Cruz: *Pater dimitte illis*; porque se o modesto silencio com que Christo cobrio, & encubrio as culpas de seus inimigos, foy causa de que na sua morte se não executassem muytas crueldades, cõ q̃ podiaõ aquelles barbaros, se vissem patente a sua sem rafaõ, & manifesta a sua infamia, cegos da colera, & da rayva, obrar mayores defatinos, & satisfazer mais largamente o seu furor atrevido, tambem o silencio com que encubrimos os defeitos dos inimigos q̃ nos aggravaraõ, será poderoso motivo, para que elles ponhaõ termo aos agravos com que nos perseguem, & depondo logo a asperesa de sua condicãõ, com toda a cortesia, & affabilidade nos tratem, & com toda a honra nos estimem.

14 Mas ja premedito que me dirá algum dos

ouvintes que me acreditaõ: Não nego o ser justo que eu com o silencio encubra o defeito do meu inimigo, para attentar por seu decõro; mas se for necessario que fique mais notoria a minha innocencia em o publicar, athe neste caso o hey de encubrir? Hey de antepor à sua honra a minha fama, & athe com risco de ficar desdourado, hei de defender o seu credito? Sim, que essa he a bisarria de hum animo generosamente brioso, como foy o do castissimo Joseph do Egipto, o qual vendo-se preso sem culpa, ainda que por huma parte allegou modestamente a sua innocencia: *Innocens in lacum missus sum*, nunca descobrio, disse Theodoro, a traicãõ dos falsos Irmãos, que como invejosos o venderaõ com tanta ignominia: *Ipsorum tegit malitiam*; nem por sua defensa publicou a leviandade da adultera, & descomedida Senhora, q̃

Genes.
40.
v. 15.

o caluminou cõ a mayor iniquidade, & escusando seu crime com mayor culpa, que a que commettera atrevida, o fiserá encarcerar com tanta infamia. Furto chama Joseph à injuriosa vêda: *Furto sublatum, sum de terra Hebraeorum*, & cortando por seu proprio credito, sò por conservar o decòro alheyo, calla os authores da maldade, porque o obrigou o pejo a encubrir a sua injustiça. He verdade, que bem via Joseph que com esta reticencia punha a sua innocencia em contingencias de que ficasse menos ayrosa; mas era tal o brio, & a fidalguia de seu animo, que antes quis que se duvidasse da sua innocencia, que divulgar as culpas de seus inimigos com prejuizo de sua fama: *Nec ipsa necessitate jubente, fratrum malitiam detegit*, dis o Author das maravilhas da sagrada Escrittura: *sed furti pretextum infert, & ingenito sibi pudore, ipsorū*

tegit injustitiam. Mas oh que gloria tam crecida interessou Joseph com este seu silêcioso, & benefico lanço! porque verdadeiramente não pôde haver gloria mayor para quem he honrado, & illustre, que encubrir, & esquecerse dos agravos, com que seus inimigos o escurecem, & desdouraõ.

15 Na ultima cea significou Christo nosso amor a seus Discipulos que hū delles atrevidamente sacrilego o avia de entregar nas violêtas mãos de seus inimigos; começãõ logo todos a por os olhos huns nos outros, não sabêdo quẽ era o aleivoso; mas por mayores diligências que fiserão para o conhecerem, dis o Evangelista S. João, que nenhū dos que estavão à mēza, o soubera: *Hoc autem nemo scivit discumbentium*; eis q̃ sahe o Senher do cenaculo, & se publica glorioso: *Nunc clarificatus est filius hominis*: E pois agora sò he que ostenta Christo

Genes.
40.
v. 15.

Joan.

13.

v. 28.

v. 31.

Sal-
mey-
rão
hic.

sto de glorioso? E porque mais nesta occasiãõ, q̃ em outra? Querem a rasão? Ja a digo: porque Judas seu inimigo o mais escandaloso sahio do cenaculo sem o Senhor manifestar a aleyvosia do seu delicto: *Suum etiam proditorem,* advertio o Doutissimo Salmeyraõ, *excusatum, tetumque dimisit;* & encubrir as faltas de hum inimigo, para que da publicidade dellas lhe não resulte alguma infamia, achou Christo, que essa era para a sua estimacão a mayor gloria: *Nunc clarificatus est filius hominis.*

§. V.

16 **F**inalmente o ultimo ingrediente, que aponta Christo no Evangelho para a cõfeyção do amor, que converte em amigos os mayores contrarios, he faser a Deos fervorosas rogativas pelos que nos

perseguem cõ as mayores offensas: *Orate pro persequentibus vos;* pelos que nos offedem cõ as mayores calumnias: *Pro his qui vos calumniantur,* comẽta pagnino, & Euthymio: porque he esta oraçãõ para com Deos de tanta estima, ou serve aos olhos de Deos de tanto agrado, que quem a fas, não he filho de Deos na esfera de humano, fica filho de Deos com privilegios de divino. Agora entenderemos humas palavras da quelle grande amante de seus inimigos o Apostolo S. Paulo, por muyto mysteriosas, de poucos bem entendidas: *Blasphemamur, & obsecramus:* So-

mos blasfemados, & por ^{1. adi} isso mesmo rogamos ^{Co-} ^{rintõ} Deos pelos q̃ nos blasfe- ^{12.} maõ. Ha mais estranho modo de fallar, do q̃ este? E cõ q̃ fundamento pòde chamar o Sagrado Apostolo às injurias, com que se vè de seus inimigos affrontado, blasfemias? A blasfemia como observou Santo

Santo Agostinho, & o Doutor Angelico, he propriamête aquella injuria q̄ té a Deos por objecto, ou aquella palavra menos decorosa, & de pouco respeito, que se dis contra Deos, attribuindo-lhe alguma indecécia, q̄ não cabe em sua summa perfeição, ou negando-lhe algum attributo dos que resplandecem na immensidade de sua grandesa: *Blasphemare est contumeliam, vel aliquod convitiū inferre in injuriam Creatoris*, isto he o que sentem todos; como tambem as outras palavras que se dizem contra os proximos, regularmente fallando, se chamão afrontas; pois que motivo teve logo S. Paulo tão forçoso para dizer que era blasfemado, como se elle lograra os foros de divino? O motivo foy, remata S. Thomàs, que rogava S. Paulo a Deos pelos que o perseguião, & injuriavão: *Obsecramus Deo prohibis, qui nos persequuntur, & blasphe-*

mant, & he lanço taõ generoso, & heroyco o interceder pelos inimigos que nos maltratão, & perseguem, que eleva aos homens aos mais superiores creditos de divinos: que quando S. Paulo se vé de seus inimigos mais afrõtado, então rogue a Deos pelos que o affrontão, que com affectuosas preces vingue injurias calumnias; pois homem como este de animo tam benigno, de coração taõ bisarro não se diga injuriado, & offendido como homem, diga-se blasfemado, como Deos, não se chamem seus aggravos injurias, appellidê-se blasfemias; porq̄ o sofrimento com que nellas se porta, tem privilegio para intitular como divinas as que sò erão offensas humanas: *Blasphemamur, & obsecramus: Blasphemare est cõtumeliam, vel aliquod convitium inferre in injuriam Creatoris.*

17 Huma sò cõtradição vejo que se oppoem a esta

D.
Thom
2. 2.
q. 13.
artic.
1.

a esta doutrina tão verdadeyra, & he, que este ingrediente parece para a confeção do amor o mais repugnante, porq̃ se não cõforma muyto cõ a razão humana. Dirã o que se sente offendido: Que eu me ponha a orar por que nunca cessa de me perseguir? Que eu lhe perdoe o agravo, lanço he de generosidade, que bem se pode admittir, mas que do inimigo me faça seu mercieyro, não sei como o poderei comigo acabar. Ora eu darey hum remedio bem facil, com q̃ a tẽpera deste ingrediente fique muyto suave. E que remedio serã esse? O remedio vem a ser, que para sem repugnancia pelos inimigos orar, he necessario que nos agravos cõ que me offendem, me resolva a desêteder, porque ainda que me exponha à nota de indiscreto por desentendido, mais catholico he arriscar hum acto de entendido, que arriscar hum acto de genero-

so. Quando Christo na Cruz orou a seu Eterno Pay pelos inimigos que o offederão, allegou sua ignorancia, dizendo que não sabião o que tinha obrado a sua malicia: *Pater dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt.* He este Textõ vulgarmente trasido, & nunca cabalmente ponderado, parece q̃ tẽ contradicão nas palavras, suppoem que os inimigos peccarãõ, pois dis, q̃ de perdãõ necessitãõ: *Dimitte illis, & certifica q̃ ignorarãõ: Non enim sciunt quid faciunt.* Pergunto: Christo não sabia muyto bem que seus inimigos não ignoravãõ o mal que faziãõ? Não tem duvida que o sabia; porque como Deos que era, tinha conhecimento dos interiores mais escondidos; pois se Christo sabia q̃ elles não peccarãõ por ignorancia, senãõ por malicia, como mostra que o não sabe, dizendo que os inimigos o ignorarãõ: *Non enim sciunt quid faciunt*

ciunt? Muyto deu que cuydar aos Expositores fagrados a soluçã deste Texto, eupor agora sô me aprouey tarey da q̄ deu a delicadefa de S. Ambrosio: *Mauult Dominus*, dis o Eloquentes Arcebispo de Milaõ, *periclitari iudiciũ, quàm affectum*: Vio-se o Senhor nesta occasião como obrigado a faltar a huma de duas: ou havia de significar que entendia o mal que obravaõ seus inimigos, & difficultavalhe mais o perdaõ: ou havia de lhe folicitar o perdãõ, fãse-dose desentendido, & mostrando que dos aggravos, que lhe fiserãõ, se esquecera: se me mostro desentendido, exponho-me à censura de indiscreto: se dou a entender que o entendo, arrisco hum acto de generoso, que he interceder por elles, para que fiquem remittidas suas culpas. Pois no meyo destes dous riscos, qual he o remedio que escolho? O remedio he fãferme desentendido; quando digo

que elles forãõ do que obrãõ ignorantes, não entendo que ignorãõ o mal que fãfãõ, senãõ o que se lhes perdoava: *Nesciunt quid est quod ignoscitur*, commentou S. Agostinho. Sim, mas com esta explicação não se mostrava em Christo huma apparente ignorancia, na sombra de cuja apparencia punha o Senhor em risco a sua sabedoria? Não tem duvida; mas pouco mõta, dis Christo, porque mais quero fãter hum lanço de catholico, pondo em risco a minha sabedoria, do que pòr em contingencias a generosidade de meu affecto: *Mauult Dominus periclitari iudicium, quàm affectum*.

S. VI.

18 **A**H que me- nos forãõ no mũdo os aggravados, se foraõ mais os que nos aggravos se fãfessẽ desentendidos! Que não e-
stã

estã muytas vezes a offensa na palavra, & na acção a quem a inadvertencia livra de culpa, no nosso malicioso entender estã ordinariamente a offensa. Christo tendo tão justa razão para se dar por aggravado, tudo dissimulou, fazendo-se desentendido, para rogar por seus inimigos, & sollicitarlhe o perdão com todo o affecto; mas reparem, que sò então foy Christo tão reconhecido por filho de Deos, que athe por tal o acclama hum cego: *Verè filius Dei erat iste*: & pois agora que Christo morre entre os opprobrios, & vilipendios de hum lenho, he que o conhecem todos por divino? E porque não antes no Horto, donde farou a Malco, ostentando de milagroso? Porque no Horto, posto que deu mostras de sua Divindade na cura, bastou huma sò voz imperiosa, para lançar a todos os soldados inimigos, que vinhão atrevidamente a

prendello, por terra; no Calvario intercedeo o clementissimo Senhor cõ huma dissimulaçãõ divina por esses traidores, que tyrannamete o tinhaõ aggravado com summa affronta: *Dimitte illis*, & he gloria tanto mais crecida o interceder por inimigos, que o castigallos, que com Christo ser o mesmo, fogeito assim no Horto, como no Calvario, mais indicativas mostras de sua Divindade dà no Calvario, em que intercede, & perdoa com tanta clemencia, que no Horto, em que a seus inimigos occisiona quedas com a severidade de sua vista.

19. Donde se nos queremos ver com o illustre foro de filhos de Deos ennobrecidos, roguemos a Deos pelos que nos perseguem, dissimulando seus agravos, & fazendo-nos desentendidos nas suas offensas; porque ainda que todos os que estão em graça, são filhos de Deos por adopção, a qual a todos

Mat.
1b.
27. v.
54.

a todos os justos he concedida; os q̄ amaõ a seus inimigos, & lhe franqueaõ o perdaõ, intercedendo por elles, saõ por especial indulto filhos de Deos por imitação, & semelhãça; porque imitãõ, & retratãõ em si ao mesmo filho de Deos natural, que entãõ se presa mais da filhação divina, quando perdoa agravos, & fas pelos que gravemente o offendem, finissimas preces. Duas vezes fallou Christo bem nõsõ na Crus a seu Eterno Pay: a primeira, quando pediu perdãõ para seus inimigos: *Pater dimitte illis*; a segunda, quando se queixou do seu desemparro: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

Mat-
th. 27.
v 46.

Porem com esta bem notavel diversidade, que quando se queyxava de seu desemparro, chamou-lhe Deos seu: *Deus meus, Deus meus*, & quando supplicava pelos inimigos, & lhe requeria o perdãõ de seus peccados,

chamou-lhe Pay: *Pater dimitte*; & porque o não intitula Christo: ou sepre Pay, ou sempre Deos? Que mysterio tem esta variedade de appellidos? Eu o direi: porq̄ queria Christo se conhecesse que com ser sempre filho de Deos, entãõ se presava mais de o ser, quando amava a seus inimigos, & feyto seu advogado mais propicio, lhe requeria o perdãõ de suas offensas com todo o empenho.

20 Em quanto Christo de si trata semente, contenta-se com lhe chamar Deos; porem quando no amor, & perdãõ dos inimigos se empenha, entãõ he que Pay o invoca, não sõ para mais o obligar com o titulo de amor, mas tambem para fazer a todos patente, que quem se resolve a rogar por seus inimigos, & de cerção a amallos, tem a Deos por Pay, & fica especialissimamente seu filho: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in calis est.* Haverã ainda

da quem obstinado em seu odio, escolha antes ser filho de Lucifer pela vingança, que filho de Deos pelo amor da clemencia. Tal não presumo pois defenganemos, q̄ sem amor de Deos não pôde haver salvação, & sem amor do proximo não ha amor de Deos, por q̄ estas duas affeições estão entre si tam estreitamente unidas, q̄ de nenhum modo huma da outra se aparta: não ha amor de Deos sem amor do proximo, nem amor do proximo verdadeyro sem legitimo amor divino: estas são as duas azas, com que nossas almas haõ de voar ao Ceo, estas são os dous polos, em q̄ toda a Ley divina se fuda: *In his duobus uniuersa lex p̄det:* não observa a Ley divina, quem de coração ao proximo, & a Deos não ama. O que resta he, que por huma ves os nossos odios, & rãcores hoje de todo se acabem, que as nossas inimidades para sempre se-

neção, que as nossas vinganças, & malquerenças totalmente se extinguão, & que o cuidado que atégora punhamos em a nossos inimigos perseguir, o empreguemos daqui por diante em verdadeyramente os amar.

21. E vos amorosissimo JESU, que com a palavra, & com o exemplo nos ensinastes a tempera deste amor com os ingredientes, que ha de levar taõ poderosa medicina, para transformar a inimigos malevolos em verdadeyros amigos, fazey Senhor, que com a efficacia, & a suavidade de taõ peregrinos ingredientes se venção as repugnancias de nossos affectos, se dobre a resistencia de nossas vontades, se renda a obstinada contumacia de nossos animos, se quebrante a rebeldia de nossos vãos, & afferrados juistos, se desterre a presumção de huns mal entendidos p̄donores, que escurecem a razão, que af-

feão

Mat.
16.
22.
7. 40.

feam a prudencia, & danam a alma ; finalmente abranday a dureza de nossos corações, inflâmado-os com os incendios de huma ardentissima caridade ; para que amando a nossos inimigos, enchendo-os de favores, & intercedendo por elles,

fiquemos com vosco muy parecidos, & de fermes filhos de vosso Eterno Pay merecedores, nesta vida com muyta graça, penhor seguro de virmos na cutra a ser com vosco herdeyros da gloria : *Ad quã nos perducatur Dominus Omnipotens. Amen.*





SERMAO NONO

DO

ESPIRITO SANTO

PREGADO EM LISBOA NO TEMPLO
da Santa Misericordia. Anno de 1687.

A V E M A R I A .

Siquis diligit. Joan. 14.

1 **P**ARA remir culpas desceu a Magestade do Verbo Divino a este Valle de lagrimas, naõ pode a finesa mais descer; para dispender indulgencias se abalou a soberania do Espirito Santo para o Cenaculo, naõ pode a finesa mais subir: *Nõ plus ultra.* Na vinda do Verbo desceu o resplendor mais luminoso: *Splendor Patris*, para dissipar trevas; na vinda do Espirito desceu o incendio mais

mais activo: *tamquam ignis*, para sobre dourar maculas: na vinda do Verbo desceu o conceyto mais discreto para cultivar ignorancias; na vinda do Espírito desceu o coração mais sabio para infundir sciencias. *Oh Deum*, exclama neste dia Guarrico Abbade: *O' Deum, si fast est dici, prodigum sui præ desiderio amoris!* Oh Deos! na vinda do Filho cõ pertos de manirroto: *Proprio filio non perpeçit*, na vinda do Espírito com longesman 8 de prodigo: *Nec Spiritui Sancto peperi cit: Oh Deum! si fast est dici prodigum!* Na vinda do Filho revelou à terra os segredos de seu seyo: *Unigenitus qui est in sinu, ipse enarrabit*; na vinda do Espírito engastou na terra os olhos de seu rosto: *Septem oculos, qui sunt septē Spiritus Dei missi in omnem terram*: dizervos Deos os segredos he o mais, a que podia descer a finesa, darvos Deos olhos he o mais, a q podia subir o amor: *Non*

Guarr. Abb. Serm. 1. In die Pent. Epist. ad Roman. 8. v. 32.

Joan. 1. v. 18.

Apoç. 5. v. 6.

plus ultra. Emfim na vinda do Filho encarnou realmente o Verbo em fôrma humana: *Verbum caro factū est*; na vinda do Espírito quasi quasi realmente encarnou o Espírito Santo em fôrma de lingua, disse o Doutissimo Padre Cornelio Alapide: *Quasi incarnatus est Spiritus Sanctus in linguis igneis*. Ora confirmamos a Encarnação real do verbo cõ a encarnação mystica do amor, & sepre acharemos, q̃ na encarnação do verbo não teve a finesa mais que descer, & na encarnação do amor não teve a finesa mais que subir. *Non plus ultra*; & supposto, que assim em huma, como em outra encarnação sabio em beneficos lanços a finesa do amor Divino, he força que se confiraõ de parte a parte os lanços, & que em huma grata quefãõ disputemos, em que lanço mostrara o amor de Deos com os homens o mayor avulto: se em encarnar realmente o Verbo

A'ap. Com. in Act. Apost.

bo: se em encarnar mysticamente o amor Divino? Por qual na disputa se ha de dar a sentença, vacilla muyto o juizo: porque a causa he a mais soberana, as partes as mais divinas, a justiça em ambas aritmeticamente igual; cõ que em tanta soberania de disputa decidir a causa he arriscado, mas o dia, que he do Espirito Santo, me obriga a dizer que demais fino amante nos effeitos prova hoje na sua encarnação o Espirito. Bê sei, que hum, & outro beneficio he infinito no preço, & que de hum infinito a outro não ha ventagem; mas se o modo, cõ que hoje desceu o Espirito Santo à terra, pode relevar o beneficio, não me parece de todo paradoxo a proposição. Para mayor intelligencia desta verdade havemos de suppor cõ São Gregorio que nas obras he que avulta mais daquelle amor, que he verdadeyro, a mayoria, que nas dadivas he que

declara o amor melhor a sua grãdesa: *Probatio ergo dilectionis exhibitio est operis*: donde se segue que a quelle amor será mais fino; que mais der ao amado, pois aonde se nos deu mais? Na dadiva do Verbo encarnado, ou na encarnação amorosa do Espirito Santo? Parecervos ha que na Encarnação do Verbo, mas eu julgo, que na encarnação do amor. Cotejemos a Encarnação do Verbo de polo a polo desda lapa até o Calvario com a dadiva do Espirito Santo, & logo se conhecerà o excessõ que ha entre huma, & outra finesa. Temos o assumpto, entremos a discorrello.

§. I.

2 **N** Aceu a Magestade Soberana do Verbo entre sombras, & o mais profundo silencio da noyte: *Cum enim quietum silentium contineret omnia*, tratando o disfarçõ da nossa ^{14.} hmanidade, reduzida ao breve

São
Greg.
P. Ho-
mil.
30. n
Ev. g.

Sap.
18 n.

breve corpo de hū meni-
no, abrigada entre as rui-
nas de hū portal, envolta
em pobres fayxas, & reclina-
da em hū tosco prefe-
pio, não podia a finesa
mais descer. o Espírito Sã-
to, q̄ como amor costuma
fazer gala de que o veja
arder, mudou de estylo,
desce sobre os Apostolos
no alto pino do meyo dia,
hora em que o Sol despe-
de mais intensos os ra-
yos, & abraza mais na sua
esfera, não entra no Mun-
do callado como o Ver-
bo, mas com ruido, com
voz eloquente em varias
lingoas: *Dispertitæ sunt
linguæ*; não redusido a es-
treytesas, mas em o Cena-
culo lugar amplo, & es-
paçoso se communica;
não contrahindo suas
luses s̄o a pastores humil-
des, mas toda a casa ficou
soberamente illustrada cõ
a sua beneficencia: *Reple-
vit totam domum*, a todos
abrangeraõ os ardores de
suas chãmas: *Repleti sunt
omnes Spiritu Sancto*. Pa-
ra evitar estrondos cahe

Tom. V.

o Verbo como fermosa
chuva em hum brando
vello: *Sicut pluvia in vel-
lus descendisti*, para se ma-
nifestar o Espírito Santo
dece hoje como hum
caudaloso, & arrebatado
rio de fogo: *Fluvius igne-
us, rapidusque egrediebatur
a facie ejus*, que da
vinda do Espírito Santo
no dia de hoje explica este
lugar de Daniel o Dou-
tissimo Alapide: *Fluvius
igneus*, assim dis elle, *est
Spiritus Sanctus, qui da-
tus est hodie in die Pen-
tastes*: como violentado
no Ceo rebenta como o
fogo com mayor instru-
mento: com estrondosa
vehemencia, & com rui-
dosas demonstrações in-
quieta sagradamente os
elementos; o monte em
veneravel gofo se estre-
mece, o ar em gentil põ-
pa de resplandores já não
geme, senão acclama, o fo-
fo se desata em hum apra-
sível diluvio de luses, en-
fim o vento sopra, o fogo
cresce, os corações ardem,
os entendimentos pas-

Psal.
71.v.
6.Dani-
el v.7.
10.Alap.
est. hic.

R iij mão,

mão, as linguas inflam-
 madas louvãõ, todo he
 vozes, todo he linguas:
*Factus est repente de caelo
 sonitus, tanquam adveni-
 entis spiritus vehementis:
 Dispertitæ sunt lingue.*

3 E pois aqui tanto
 estrondo, alli tanto silen-
 cio? Que quer isto dizer?
 Que quer dizer vir hoje
 o Espirito Santo tam de-
 clarado, vindo o Verbo
 com tanto retiro tam cir-
 cumspecto? Que quer di-
 zer? He declarar-se a ven-
 tagem, que fas nos effei-
 tos do amor a dadiva do
 Espirito São a dadiva do
 Verbo: aonde o amor he
 mayor,ahi mais claramẽ-
 te se manifesta: não ha
 testemunhos mais certos
 de ser mayor, ou menor o
 amor do que são os effei-
 tos: conforme he o amor
 mais avantejado, assim se
 mostraõ os affectos mais
 patentes; poder-se ha en-
 cobrir hum amor quando
 he pequeno, porẽ quãdo
 a grandesa de hũa affei-
 ção he excessiva, não pôde
 deixar de se ver publica-

da. Quando là aquellas
 duas Irmans, que eraõ de
 Christo mais amantes, o
 avifaraõ da enfermidade
 de Lazaro, sollicitando-
 lhe a vida, fiserãõ-no com
 huns termos tam miste-
 riosos, que deraõ muyto
 em que cuydar a todos os
 Expositores sagrados, os
 termos foraõ estes: *Ecce* ^{Ian.}
quem amas infirmatur: ^{II. v. 3} Se-
 nhor, aquelle a que amais
 aquelle a quem quereis
 tanto bem, adoeu: estra-
 nho modo de fallar! Per-
 guntou: & porque não di-
 zem, Lazaro que vos ama
 adoeceu, feuaõ Lazaro a
 quem amais, enfermou?
 Não he assim, que amava
 Lazaro a Christo com to-
 do o excesso? Assim pas-
 sa: pois se publicãõ o a-
 mor que tinha Christo a
 Lazaro: *Ecce quem amas,*
 porque o amor que tinha
 Lazaro a Christo, o passaõ
 em silencio? A razão he;
 porq̃ o amor de Lazaro e-
 ra amor inferior, amor li-
 mitado, o amor de Christo
 era amor sê limite, amor
 infinito; & hũ amor quã-
 do

do he limitado, & menor, anhela a encobrirse; huma mais avantejada fineza, hum excessivo amor, por mais que se disfarce, não se sabe dissimular, fas ostentação de que o veja arder: por isso se calla o amor de Lazaro, porque como era hum amor de menor esfera sepultava-o o silencio; por isso o amor de Christo por ser de esfera mais crecida, se publica: *Ecce quem amas.* Amor que cabe em silencio, que não rompe os grilhões do segredo, q̄ não dà gritos, que em publicas demonstraões senão manifesta, ha encendido pouco fogo: pouco ardente he do amor o fogo, quando sofre do coração o retiro; encarecido he o incetivo do affecto, quando não podem encubrir sen ardor as chãmas no peyto, porque huma faisca que he pequena, no disfarce de qualquer cinza se dissimula, hum incendio de grande avulto tudo deixa em cinzas desfeito;

assim o amor, quando he menor no silencio desmaya, no coração desfalece, quando he agigantado, a ninguem se occulta, a todos se manifesta. Grande foy o amor que nos mostrou o Verbo Divino em vir ao Mundo; porém se o mayor amor se conhece pelos effeitos, mayor parece nos effeitos o amor que nos mostrou o Espírito Santo, do que o amor que nos mostrou o Verbo: o Verbo veyo como chuva limitada corrente, que cahe em silencio: *Descendet sicut pluvia in vellus* o Espírito Santo desceo como caudeloso rio de fogo cõ arrebatado estrondo: *Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur a facie ejus.*

Psal.
71. v.
6.

Da.
niel. 7.
v. 10.

§. II.

4 **T**Ornemos à lapa. O Verbo na lapa fef-se buscado por força de armas. *Multitudo militiæ caelestis: Videamus*

mus hoc Verbum. O Espírito Santo se fez adorado por força de estrella, & por força de sympathia: *Vidimus stellam, venimus adorare:* que este Astro ce-
leste, que guiou para a lapi-
pinha de Belem aquelles
três Orientacs Principes,
fosse o Espírito Santo, he
sentimento expresso de
Santo Agostinho, & de
São Remigio com muy-
tos: *Nonnulli dicunt*
hanc stellam esse Spiritum
Sanctum, o qual assim co-
mo no Jordão appareceo
em figura de Pomba, no
Tabor em fôrma de neve,
& no dia de hoje em lin-
goas de fogo, assim em
Belem appareceo em fôr-
ma de estrella; que sô por
força da sympathia deste
Divino Amor podiaõ os
homens ter estrella, para
acharem venturosamente
a Deos nacido, & o mais
seguro norte, para no ca-
minho do Ceo não per-
derem o rumo; porque o
Espirito Sacrosanto he a
estrella mais lufida, & be-
nefica que move interior-

S. Re-
mig.
iu
Cat.

mente a huma alma, que
alumia o entendimento,
que inflamma a vontade,
que alenta, & dà forças,
para que se atropelem in-
convenientes, & se ven-
ção difficuldades.

5 O Verbo nas pa-
lhinhas do Presepio re-
colheo as fachas, & na
Cruz do Calvario ajun-
tou a lenha, o amor pe-
goulhe a chãma: na Cruz
se havia de effectuar a re-
dempção do Genero hu-
mano pela morte de
Christo, & mais deve a
nossa redempção ao amor
que pegou a chãma, que
ao Verbo que juntou a
lenha, porque mais poder-
rosa foy a chama instru-
mento do amor, que a le-
nha instrumento, de que
se valeo o odio da mali-
cia humana, para tirarlhe
ao Verbo humanado a
vida. Para Deos ficar do
amor que lhe tinha Abra-
hãõ mais certificado, o
obriga a que lhe sacrique
a Isaac a prenda de feu
coração mais querida cõ
hum bem apertado pre-
ceito:

Genes. ceito : *Tolle filium tuum,*
 22. *quem diligis Isac , & dis o*
 v. 2. *Texto sagrado que ajū-*
 tãra Abraham a lenha , &
 a posera sobre os hom-
 bros do filho : *Tulit quo-*
 v. 6. *que ligna holocausti, & im-*
posuit super Isac filium su-
um: ipse verò portabat in
manibus suis ignem , &
gladium: porém reparaõ
 muyto os Expositores sa-
 grados em que indoja I-
 sac caminhando para o
 monte do sacrificio , sen-
 do assim que Abraham
 levava consigo a lenha,
 & em huma mão o fogo,
 & em outra mão a espada:
Tulit quoq; ligna: portabat
in manibus suis ignem , &
gladium, assim dicesse ao
 pay: *Ecce ignis , ubi est vi-*
 v. 7. *ctima ?* Aqui vay o fogo,
 mas aonde està a victima
 que ha de ser sacrificada?
 Ha termo de fallar mais
 notavel ? De forte que sa-
 be muyto bem Isac que
 Abraham seu Pay leva
 para o golpe espada, para
 o sacrificio lenha, & fogo
 para o incendio , & sò fas
 mençaõ do fogo , & a le-

nha , & espada passa em
 silencio? sim, que aquelle
 fogo no sentir de varios
 AA. era huma sombra al-
 legorica do Espirito Santo,
 a victima , que alli se
 procurava, a juiso de Ve-
 ronense , naõ era o Cor-
 deiro , que nesse monte se
 viu apparecido , mas o
 que avia de ser no Calva-
 rio sacrificado: *Aliam sibi*
victimam procurabat ; &
 para esta victima toda de
 amor, nem a lenha , nem a
 espada instrumentos do
 odio se requeriaõ, sò o fo-
 go instrumento de sua af-
 feyçaõ era necessario,
 porque naõ avia de ser o
 verdugo que lhe tirasse a
 vida, o rigor da espada
 violêto, mas o suavissimo
 ardor do fogo divino. He
 verdade , que ajuntou A-
 braham a lenha , mas o a-
 mor pegoulhe a chãma;
 porque sò o fogo de amor
 era o que podia privar, &
 de facto deixou da vida
 destituido àquelle cora-
 çãõ amoroso : *Ecce ignis,*
ubi est victima ; & sò por
 meyo deste instrumento
 havia

Zenon
 Episc.
 Veronens.
 in Cat.
 Lipo-
 mani.

p. 16. havia de dar Deos o sacrificio por cõsummado: *Quia fecisti rem hanc*; & se o fogo do amor, a chãma digo do Espirito Sãto, foy a q̃ effeituou a nossa redempçãõ, vede se excede na finesa, & na grãdesa da dadiva a encarnaçãõ mystica do amor à Encarnaçãõ real do Verbo?

6 Concluamos com a dadiva do Verbo na Cruz. O Verbo na Cruz morreo com o coraçãõ, & lado aberto: tomou o Verbo coraçãõ da nossa humanidade: o Espirito Santo deu coraçãõ à natureza humana. Ao Espirito Santo chamou Tertuliano coraçãõ do Pay, & do filho: *Rectè dicuntur Pater, & filius amare se amore cordis, qui est Spiritus Sanctus*: Donde se a dadiva, que hoje se nos communicou nesta vinda do Espirito Santo, foy o coraçãõ, algum excessõ parece que fas nos effeitos do amor à dadiva do Verbo; porque no Verbo nos deu a liberalidade di-

Tertul.

vina de seu amor a mayor prêda deixando do amor para si a reserva; deu no filho o mais querido, porém o amor nunca até hoje o havia dado; possuhamos da prenda mais estimada, que era o filho, o logro mais venturoso, porém de seus affectos ainda Deos ficava com o total Senhorio: hoje na dadiva do Espirito Sãto, depois de haver dado aos homens por amor a prenda mais estreita, & apertada de seu coraçãõ, que era o filho, emfim depois de dar tudo, & naõ lhe restando mais que dar, nos deu o mesmo amor, & nos fes de todo seu coraçãõ liberalissima offerta; & he o amor, & o coraçãõ donativo tanto mais para presado, do que o de hum sò penhor do amor, & do coraçãõ do proprio filho, que cabendo nas entranhas de hum pay levar bem o roubo de seus filhos propios, não ha affecto paternal, que para dissimular o furto do amor,

mor, & do coração, lhe não falte o sofrimento.

Genes. 7 Fugira Jacob de casa de seu sogro Labão, levando consigo a Lia, & a Raquel suas esposas, & os idolos de mayor estima, que Raquel furtara ao pay: *Furata est idola patris sui.* Vay Labão no alcance a Jacob, persuadido que este fora o usurpador dos seus idolos, & acceso em colera, não lança em rosto a Jacob a fugida, sô o argue do roubo: *Cur furatus es Deos meos?* Dize-me Jacob, porque me furtastes os meus Deoses? Notavel caso! Es Pay, ou esfera grosseiro Labão? E se pay, como despieste das entranhas paternas tam desabridamente o affecto? Basta que tens coração para soffrer o roubo de duas filhas tuas tam callado, & que para dissimular o latrocínio dos idolos de tua adoração, te aches sem nenhum sofrimento? No roubo dos filhos proprios tanto silencio, & no furto

dos idolos tantos queixumes? Sim, nem ha que admirar, dis ponderosamente Caetano, que alguma cousa para mayor motivo de seu sentimento descobrio Labão nos idolos que Jacob lhe tinha roubado: & que seria esse mais? Eu o digo: como Jacob na estimação de Labão lhe furtara os idolos, claro está, que nestes lhe levava roubado o coração: *Cur furatus es Deos meos, cur furatus es cor?* Com que tendo posto Labão como avarento o seu coração nos thesouros, que eraõ os idolos, bẽ se segue que roubados os thesouros, tambem de mão dada lhe avia roubado Jacob o coração, que nos thesouros estava todo entregue: ah si? Pois não nos cansemos logo em descobrir o motivo que obrigou a Labão a sentir mais a perda dos idolos, que o roubo dos filhos; porque nos filhos lhe levava Jacob duas prendas de seu coração

mais

Caie-
tanus
ex
Hebr.
uerfio-
ne.

mais prefadas; porêm nos idolos não lhe levou sô do coração os penhores a que adorava o seu cuidado, mas fesshe do mesmo coração hum latrocínio o mais violento; & he o coração tanto mais precioso, que do coração qualquer outra prêda do mayor preço, que mostrando-se Labão no roubo dos filhos, doces prendas de sua alma, muy sofrido, não pode levar em paciencia, que Jacob lhe roubasse o coração, formou sentidissimas queixas: *Cur futuratus es Deos meos, cur furatus es cor?* Antes de o Espírito Santo descer hoje ao Cenaculo, já Deos nos tinha dado muytas prendas de seu amor, já tínhamos recebido o penhor de seu amor mais estimado, que he seu filho Unigenito, & nesta dadiva tam excessiva respandeceu muyto a sua finesa, mas no Espírito Santo todo seu amor nos comunicou com toda a grãdesa a sua soberania, de

toda a officina de seu affecto, & de seu coração nos fes hoje liberalissima entrega; com que não teve a finesa de Deos mais que sobir, nem a nossa ancia, por muyto que anhele, terá mais que pretender: *Non plus ultra.*

§. III.

X

8 **E**Xcede a dadiva do Espírito Santo, que hoje nos fes a liberalidade divina, nos lanços do amor à dadiva do Verbo desda lapa atè a Cruz. Depois da morte da Cruz resuscitou Christo, conversou com os homens por espaço de quarenta dias, grande extremo de amor! mas sobido Christo ao Ceo desceu o Espírito Santo à terra, nõ plus ultra da finesa: foyse nos para o Ceo hum Deos de bella luz: *Erat lux ve-* Joan. i
ra, desceunos hoje à terra hum Deos de bello ar: *Factus est repente de calosonus,*

nus, tamquam advenientis spiritus vehementis: o fogo consume todo o ar, & com o ar se contempera este Divino fogo, para que com este ar suavissimo respire sempre o nosso alento, com este soberano affecto se afervore o nosso cuydado, com este Divino fogo se inflãmem as nossas vontades. Aqni perguntara eu agora: qual serà melhor para o pacifico governo do Mundo: Deos de bella luz: ou Deos de bom ar? Deos de bom ar. No Verbo tinhão os homens hum Deos de bella luz: *Lux venit in mundum*; porèm eu reparo, que depois de resuscitar Christo, querendo que ficasse a paz nos corações dos Discipulos mais bem intimada: *Pax vobis*, nos dis o Evangelista Aguia que deu hum affopro, & lhes differa, que recebessem o Espirito Santo: *Insufflavit, & dixit eis. Accipite Spiritum Sanctum*. E pois não bastava a luz de Christo, para que a paz

ficasse no Mundo estabelecida? Não bastava, faltavalhe o amor, que he o Espirito Santo essencialmente, & pouco importara a luz, se faltara este soberano affecto, que affervorasse, & penetrasse os corações para que ficassem de todo unidos.

9 O verbo veyo ao Múdo muyto de corrida, para voltar outra ves para a celestial Patria; o Espirito São veyo para habitar em nós de assento: *Aliū paratū dabit vobis, Ioan. ut maneat vobiscum in æternum, Spiritum veritatis.* O Verbo assim como veyo, assim se apartou, foy visto no Mundo, mas mudou o assento; do trato humano se partio para se assentar à mão direyta do Padre supremo: *Sedet a dextris Dei*: o Espirito Santo vindo ao Mundo, depois que foy aos homens communicado, como nos homens achou o amor o seu centro, nelles descansa, & se assenta: *Sedit que super singulos*, sem que

Ioan.
5.
v. 19.

Marc.
16.

Ioan.
sup.
v. 23.

v. 19.

que faça outro movimento, nem mude já mais o seu domicilio: *Apud eum veniemus, & mansionem apud eum faciemus*: veyo sim o Spiritus Santo: *Advenientis*, mas dos homens não pode ausentarse. He verdade, que o Verbo manifestara singularissimo amor na sua vinda, mas chegou finalmente a admittir a ausencia: *Vado ad Patrem*, & ainda que nesta ausencia attendesse mais ao nosso commodo, que à mesma gloria, que havia de lograr no Empyreo, de nós com tudo se ausenta; com violencias sahe do Múdo: *Assumptus est a vobis*, porque a elle viera com demonstraões de gosto o mais excessivo: *Exultavit ut gigas ad currendam viam*, houve porèm quem da vista dos homens pudesse apartallo; ao Divino Espirito não ha força, nem violencia, que de nós, o possa separar; & se São Paulo, para mostrar do singular amor, com que amava a

Christo, o excesso, publica que ninguem serà tam poderoso, que o chegue a apartar de Christo: *Quis nos separabit a charitate Christi*, com quanta maior ralaõ, para encarecer o muyto que nos ama, poderà dizer o mesmo o Amor Divino, que he o Espirito Santo? Donde reconhecida fica já a grãde ventagem, que fas esta solennidade do Espirito Santo a todas as mais solennidades do Verbo: porque ao Verbo, a cujo singular affecto devemos todos muy reverente respecto, não sò se lhe celebra festa no dia, em que veyo ao Mundo a encarnar, & vestir o grosseyro sacro da nossa humana natureza, mas tambem se lhe assigna dia, em que se repetem memorias de quando sahio do Mundo, & se tornou para o Empyreo, que he o dia da Ascençãõ gloriosa, ao Espirito Santo se lhe celebra festa no dia em que appareceu cá na terra, & não ha dia em todo

Ioan.
14.
28.

Acta
Apost.
1.
11.

Psal.
128.

Ad
Rom.
8.
p. 35.

todo o anno, em que, de que tornasse a subir outra vespera ao Ceo, se faça memoria, he ponderaçãõ de S. Athanasio: *Super Apostolos veniens, & super omnem carnem effusus, non est rursus assumptus.*

10 Isto sem duvida parece que já David presentira, quando fallando com espirito profetico da vinda que fiserá o Divino Verbo encarnado ao Mundo, dis que veyo em symbolo do Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum, tamquam sponsus procedens de thalamo suo.* No Sol, dis o Real Profeta, pos o Verbo o sitial lustroso de sua gloria, fahendo delle lustido theatro para mayor ostentaçãõ de sua grandesa; na fermosura daquelle brilhante astro collocou com ayrosa bisarria o seu docel, que saõ muy madrugadoras para beneficiar aos homens suas luzes; & o Espirito Santo que jeroglyphico escolhe, para decla-

rar a sua grandesa: Por ventura o mesmo Sol? Naõ por certo, huma parte dessa esfera do fogo mais pura he que elege para lustrosa gala de sua soberania: *Apparuerunt illis dispersitæ lingua tamquam ignis: aqui se desperta logo naturalmente assim o reparo. E que mysterio tem, que o Verbo seja Sol, & que o Espirito Santo seja fogo? David que excitou a duvida, com as palavras, que logo se seguem, nos darà a reposta: *Exultavit ut gigas ad currẽdam viam:* adverti, & adverti bem: nasce o Sol com passos agigantados, affugentando noytes, desterrando do Mundo as trevas, esmaltando o ar de luses, & esmaltando o Ceo de resplãndores; porẽm desdo Oriente donde nasce estã olhando para o Occaso onde morre, do berço para o tumulo; quãto mais cresce o seu lustimento, tanto mais se chega para o sepulchro; se lustroso nasce,*

ce, pressado fenece; q̄ ac-
 celerado he seu curso! que
 arrebatado o seu voo! *Ex-*
xultavit ut gigas ad cur-
rendam viam. He verda-
 de, que o Sol de dia os
 campos alegre, os mais
 altos montes doura, & as
 flores lisongea; porèm de
 noyte de nòs se ausenta: o
 fogo elemental não está a
 estas variedades exposto;
 não menos resplandece
 de dia, do que de noyte
 com a sua luz nos recrea;
 a todo o tempo com o
 resplendor luminoso de
 suas chammas nos está as-
 sistindo, sem que tenha
 occaso que o divirta, sem
 que contradicão alguma
 o ausente, ou da nossa vis-
 ta de algum modo o reti-
 re: ah si? Pois disposto
 está com todo o acerto,
 que o Espirito Santo seja
 fogo, & que se symbolize
 no Sol o Verbo; q̄ ao Ver-
 bo feyto homé lhe escure-
 ceu seus luminosos rayos
 hum occaso, o ausentou
 da nossa presença hum se-
 pulchro, & o retirou dos
 nossos olhos hũa nuvem:

Et nubes suscepit eum ab ^{Ast.}
oculis; mas este Divino fo- ^{Apost.}
 go, nem ha nuvem que o ^{1.º, 9.}
 eclipse, nem ha ar que o
 apague, nem ha noyte que
 o ausente, eternamente
 habitará em nòs outros:
Alium Paraclitum dabit
nobis, ut maneat nobiscum
in æternum, Spiritū veri-
tatis: & que venturosa mē-
 te ao nosso intento a E-
 loquencia de Chrysof-
 tomo! *Hoc signat, quod* ^{S. 16}
neque post mortem abiit ... Chry-
Non passurum quæ ipse, ne- ^{sist.}
que discessurum. O Ver- ^{Humil}
 bo, dis gravissimamente a ^{74. in}
 Bocca de ouro, veyo ao ^{cap. 3.}
 Mundo como Sol, para ^{14.}
 logo se ausentar: já a mor- ^{Ioan.}
 te com as suas escuras
 sombras enluta seus res-
 plandores, já se contra-
 hem no sepulchro suas
 luzes, já huma nuvem pie-
 dosamente cruel no lo-
 rouba para o Empyreo,
 para que lusa em melhor
 Hemisferio; poré o Espi-
 rito Santo veyo como e-
 elemental fogo, em quem
 nem as trevas lograraõ
 suas sombras, nem as noy-
 tes

tes as suas escuridades, sempre resplandecente, sempre flammante: *Spiritus Sanctus non patietur mortem ut ipse, neque abit*: & esta sem duvida deve ser a rafaõ mais cabal de o Espirito Santo naõ vir hoje, como em outras occasiões appareceo, em fõrma de pomba, senaõ em fõrma de lingua: *Apparuerunt dispersita lingue*, & vem a ser a rafaõ toda, que a Pomba té azas, com que voa, a lingua tem rais com que com firmesa se perpetua, & quis nos mostrar o Divino Espirito que naõ vinha ao Mundo para voar, isto he, para se tornar a ausentar da nossa presença, senaõ para lançar perpetuas raises em nossos corações, para em nõs collocar perpetuamente o seu domicilio: *Ut maneat vobiscum in æternum*. Tanto enriqueceo com seus grandiosos donativos ao homem este soberano Espirito, que já Deos a esse homem es-

Tom. V.

colhe por affento seu, & morada sua: *Ad eum veniemus, & mansionem apud eum faciemus*. Que aquelle que ama, senaõ possa apartar da cousa amada, he verdade que se funda em que o amor he hum brando laço, com que os corações suavemente se prendem; saõ cadeas as da caridade, que as vontades, & almas fortemente apertão: *In vinculis charitatis*, une as almas dos amantes, & as torna huma sò, como ficou hũa sò a alma de Jonathas com a alma de David: *Conglutinata est anima Jonathæ animæ David*. Esta he logo a rafaõ natural, porque o Divino Espirito huma ves, que amou ao homem, nelle descansa, & nelle se assêta como em seu cetro, no qual assistirá perpetuamente, sem que delle se aparte: *Mansionem apud eum faciemus*, para que vença, quãto, a este effeito com todo o excessõ, a encarnaçãõ real do Verbo a

Ioan.

5.

1. Reg

18.

v. 10.

S

encar-

encarnação mystica do amor: *Non plus ultra.*

§. IV.

11 **V** Amos proseguindo com o non plus ultra da fineza, que hoje obrou a liberalidade divina na dadiua do Espirito Santo. Dádo o Padre Supremo ao Verbo nascido, morto, resuscitado, & subido ao Ceo, ainda na Trindade Beatissima havia que dar, que era a terceira pessoa: *plus ultra*, mas dando o Padre ao Espirito Santo; *non plus ultra*, não ha mais quedar, esgottou cõ esta dadiua os thesouros de sua liberalidade; fes ao Espirito Santo incõmunicavel às Pessoas divinas, para que sò fosse cõmunicavel às pessoas humanas; & por isso vendo o Espirito Santo que aquella divina natureza, que recebe de bem fazer do Pay, & do Filho, a não pôde cõmunicar a Deos, defabafa, cõmunicando-se com tantos, & tam su-

periores dons aos homẽs: defabafou na Encarnação, fazendo que hum homẽ, fenaõ por identidade cõ a natureza divina, por uniaõ real com ella seja Deos; com que nos foy muy util là na Trindade a esterilidade do Espirito Santo, porque veyo a ser fecundidade de graças muy copiosa para com os homens; & impaciente aquella natureza soberana de se ver a se cõmunicar impossibilitada, defabafa em continuas cõmunicações com tanta liberalidade, & grandesa, que sendo o Espirito Santo hum, tras sete dadivas: *Tu septiformis munere*, fazendonos com ellas no modo adoptivo participantes daquillo mesmo, que elle recebe do Pay, & do Filho por natureza, sempre descontente, nunca fatisfeyto; porque não acha em nós a capacidade do receber conforme a liberalidade do dar; com que se foy para nós o Verbo, tambem foy para o Espi-

In
hymn.
Eccl.

o Espírito Santo; o Espírito Santo todo he para nós, & por isso lhe devemos mais pelo excesso, & non plus ultra da finesa, com que nesta sua vinda amorosamente se nos comunica.

12 Finalmente o Verbo, como ha de vir com o Juis, & julgar bons, & mãos no final, & ultimo dia, a sua coroa serà o attributo da Justiça: o Espírito São he o non plus ultra do amor divino, he o diadema, & a coroa da Trindade, & não pelo attributo da Omnipotencia, que se attribue ao Pay, nem pelo attributo da Sabedoria, que se attribue ao Filho, senão sò pelo attributo da misericordia se coroa. Se te para cyto victorias se contaõ no Cap. oytavo do 2. livro dos Reis, que alcançara gloriosamente David de seus inimigos, & tambem se conta no mesmo Capitalo que reynava David sobre todo Hrael pacificamente: *Et*

regnavit David super omnem Israel: & com tudo não lemos que David possesse coroa na cabeça, senão tomada, & saqueada a Cidade de Rabbath: Et tulit diadema Regis eorum.., & impositum est super caput David. E que mais teve de merecimento, ou de applauso esta victoria que as outras, para que sò na Cidade de Rabbath se dèsse a David a coroa? Sabem porque? Eu o digo: porque se lerem o Cap. nono, & decimo do mesmo livro, acharão que David uscu de singularissima misericordia com Hanon, & cõ Miffiboseth: *Faciam misericordiam cū Hanon: Faciam in te misericordiam,* & sendo assim, que David era o Rey mais poderoso, o Principe mais sabio, & o Capitaõ mais valente, que matava Gigantes, & desbaratava exercitos, entendeo que a nenhum destes attributos se devia a coroa, senão sò ao attributo da misericordia. Com o attributo

2. Reg
12.
n. 30:

C. 9. n.
7.

2. Reg
8.

da misericordia se coroa o Espirito Santo, & com este attributo tanto pôde, que com elle ao seu querer abala o attributo da Omnipotencia. Dedo de Deos, como refere São Lucas no Cap. 11. do seu Evâgelho, chamou Christo ao Espirito Santo: *In digito Dei ejicio demonia*: q̄ por dedo de Deos seja o Espirito Santo entendido, he de Hugo Cardinal com os mais Expositores da letra expresso sentimento, & já por isso fundada na authoridade de Christo, appellida ao amor divino dedo da mão direyta do Padre Supremo a Igreja Catholica: *Digitus paternæ dexteræ*: agora o meu reparo, & assim pergunto: Se a mão do Eterno Pay he mão, q̄ em si incluye a todo o poder, pois ao Eterno Pay com toda a especialidade he a Omnipotencia attribuida; porque escolheo por dedo de sua mais acertada direcção a mão de todo o poder ao Espi-

rito Santo, a quem se attribue o amor? Sabem porque? Por isso mesmo: quis Deos se foubesse que abalava tanto o amor, & a misericordia à Omnipotencia, que era bastante hum sô dedo do mais misericordioso affecto, para menear huma mão do mayor poderio: he o amor divino hum dedo de direcção da divina Omnipotencia, no mesmo tempo em que o amante aponta, logo o Omnipotente executa, em o amor declarando que quer, logo dis a Omnipotencia que pôde, em o amor interpondo a vontade que tem de que si que o peccador perdoado, logo o poder da justiça se inclina, & se dobra, para que se lhe remitta toda a culpa.

13 Quando là os malevolos Fariseos acusárao no tribunal de Christo bem nosso a huma mulher por adultera, o mesmo foy ouvir o Senhor a accusação tam sinistra, que incli-

Luc.
11.

In
Hymn.
Eccl.

clinarse compassivo , & escrever com o dedo em terra : *Jesus autem inclinans se deorsum digito scribebat in terra : &* donde cuidais vòs que lhe naceo a esta molher o verse perdoada com tanta ventura? Sabeis donde? De Christo escrever com o dedo em terra : o dedo, com que em terra escreveu Christo, quer Santo Antonio que fosse o Espírito Santo, & como Christo vio que por parte desta peccadora interpunha o Espírito Santo o seu patrocínio , por isso se deu logo por obrigado a favorecella. Ainda q'cõtra nós se levantem as pedras , ainda que sejamos das mayores perseguições combatidos , ainda que nos sintamos criminosos, se tivermos da nossa parte ao Espírito Santo , não temos que arreçar, nem que temer, porque à sua misericordia cederà logo a justiça , & quanto quiser o Divino Espírito em favor nosso, se verà lo-

Tom. V.

go pela Omnipotencia executado ; para que se conheça o non plus ultra da finesa, com que deste amoroso affecto se vê o non plus ultra da finesa, com que nos ama o amor do Verbo , do modo que pôde ser,excedido.

§. V.

14 **E** Temos visto o excesso, que faz a Encarnação mystica do amor à encarnação real do Verbo. Sò estou vendo, que se tem reparado, em não fallar atêgora no thema ; mas foy cuidado, não foi descuido. No thema se poem o amor humano em duvida : *Siquis diligit*: justissimamête pôde todo o amor humano despertar duvida, porque nenhum amor humano he amor de sustancia , todo o amor humano he accidente , que necessita de preceito: *Siquis diligit*: se algum me ama , *dis* Chris-

S iij

Chris-

Santo
Anton
bic

Christo, falla o Senhor com duvida, & supposiçãõ, se o ha no Mundo, duvidou do amor dos homens, sendo, que não pos em duvida o haver alguẽ, que o não amasse, asseverativamẽte, & sem supposiçãõ dis: *Qui non diligit me*, sò duvidou se havia alguem que bem lhe quisesse: *Obduritia cordis mei!* exclama Saõ Bernardo, desfeyto todo em lagrymas, & arrancando do peyto mil suspiros: que seja possivel que possa o fogo terreno abrandar a dureza do ferro, & do aço, & que não possa o fogo do Ceo, a chãma digo do Divino Espirito mais ardente, abrandar a dureza de hum coraçãõ humano? Oh que lastima! Oh que miseria! esta foy a pontada mais aguda, que nunca largou a Santo Agostinho, este o golpe mais penetrante, que lhe feria o mais vivo do sentimento: contemplava Agostinho o primeyro preceyto da Ley de Deos,

Saõ
Bern.
Serm.
3. in
natali
Dom.

que he o amar: *Diliges Deum: Diliges proximum*, & rompia nestas igualmente sentidas, que lastimosas palavras: basta, meu Deos amante, que me mãdais, & me pondes preceyto que vos ame, & isso sobpena de nem vòs me verdes a mim, nem eu vos lograr a vòs? E tam mal me vay a mim, Senhor da minha alma, em vos amar, que hey mister que mo mandeis, & ainda sobre tudo isso me ponhais penas? Tam pouco interessado fico eu em ser vosso amãte oh fermosura Divina, que aquillo mesmo, que eu houvera de fazer graciosamente, & de vossos beneficios obrigado, o chegue a fazer de hum preceyto vosso constrangido? E que creatura sou eu amoroso Senhor, paraq vòs me me mandeis que vos ame? *Quid tibi sum, Sancte, ut amari te jubeas amare?* E Aug. que se estenda a tanto a vossa bondade infinita, que para mais me obrigardes a vos amar, me ame.

l. 1. de
Conf.
c 5.

meaceis com castigos, que se eu vos não amar, me não amareis, nem eu de vós. ferey amado? Oh rara clemencia? Oh espantosa bondade de hum coração Divino para o homê! Oh fera! Oh indomita, & rebelde natureza de hum coração humano para cõ Deos! Que em que nos pes, que a puros acintes, & ingratições nossas nos queira Deos meter em casa os beneficos lanços, & prodigiosos effeytos de feu estremado amor? Vede se he para doer, & para chorar, o pormos a Deos no mesmo andar, & na mesma estimação, em que pomos as creaturas, & em que correm para comnosco as cousas mundanas?

15 Antes prouvera à Divina bondade, que com tanto de amor, & estimação prefassemos a Deos bem verdadeyro, & infinito, com quanto amamos, & pretendemos os bens desta vida caducos, fingidos, & mentirosos.

Esta he a segunda rafaõ, ou sem rafaõ, que motiva va segundo pranto a Santo Agostinho: *Ob si possemus, assim dis elle, excitare homines, & cum ipsis pariter excitari, ut tales essemus amatores vitæ permanentis, quales sunt homines vitæ fugientis!*

Mas a mayor desgraça he, que nem ainda assim acharemos muytos, que de veras sejaõ amantes de Deos, antes sempre ficará em pèa condicional: *Si quis diligit.* He todo o amor humano hum accidente, que necessita de preceyto; & poderà o amor ser amor de sustância na observancia dos mādamentos: *Si quis diligit me, sermonẽ meũ servabit.* pouco, cunada aproveita q̃ diga hũ Catholico com a lingua q̃ a Deos ama, ainda q̃ o coração o finta, se as mãos o não manifestaõ, se as obras o não publicão. Fafemos Catholicos com toda a pontualidade o que Deos nos mada: Pois ainda que com a

bocca o não publique-
mos, he certo que o ama-
mos: faltamos como in-
fieis, & ingratos à obser-
vancia de seus divinos
preceytos, pois bem nos
podemos persuadir que
não he Deos de nós ama-
do, ainda que o affirme-
mos com juramento: *Qui
habet mandata mea, &
servat ea, hic est qui diligit
me*: aquelle, dis o Senhor,
que conserva na memo-
ria, no animo, & no affec-
to os preceytos, que me
tê ouvido, & os observa,
para que por obra os exe-
cute no effeyto, esse he o
que me ama: *Qui habet
mandata mea*: assim ex-
plica estas palavras de
Christo o Doutissimo Pa-
dre Alapide fundado na
authoridade de Santo A-
gostinho: *Idest, qui præce-
pta, quæ a me audivit, tenet
in memoria, animo, & affe-
ctu, & servat ea, ut ea ope-
re exequatur, ille est qui di-
ligit me*; porque obra o
que mais me agrada, &
de que recebo mayor cõ-
placencia: *Quia facit quæ*

mibi grata sunt, & placent:
executa o que eu amo, &
desejo: *Quæ ego amo, &
cupio*; cumpre com o que
eu quero, & delle espero:
Quæ ego volo ab illo: & fi-
nalmente fas o que eu
lhe tenho mandado, &
lhe estou mandando, sob-
pena de que se o não fizer
me darei por muy offen-
dido, nelle se em pregarã
a minha mais justa ira,
vingança, & pena eterna:
*Quæ ego illi mādavi, & mā-
do sub pena meæ offensæ,
iræ, vindictæ, & Gehennæ.*

16 Daqui se infere,
como notou o mesmo A-
lapide, que se quem de
veras a Deos ama, os seus
mandamentos prompra-
mente observa; toda a
causa de os preceytos di-
vinos não observarmos,
he porque a Deos de co-
ração não amamos: *Qui
non diligit me, sermones
meos nõ servat: causa ergo,
cur Dei præcepta non ser-
vat, est, quòd Deũ non dili-
git*; porq̃ não pôde de xar,
o q̃ he de Deos verdadey-
ro amante, de fer, em cõ-
p

Joan.
14
p. 21.

P. A.
lap de
b cibi
citat.
S. Ag.

prir à risca tudo o que elle lhe manda, muy diligente: *Si enim diligeret Deum, Dei iussa servaret;* como bem testemunha que a Deos com amor verdadeyro não presa, quem por pura malicia, que direytamente repugna a bondade Divina, a qual com particular especialidade se attribue ao Espirito Santo, os preceytos de Deos não observa, antes com multiplicados delictos continuamente o està offendendo, sem advertir que nisso offende ao amor, que he à pessoa do Espirito Santo attribuido, & que perdoando Deos os peccados, que cõtra a pessoa do Filho se cõmettem, peccados contra o Espirito Santo neste seculo, nem no futuro se perdoão; tal he o mimo, & o estado da pessoa offendida: he verdade de fè, que inculca o Evangelista São Mattheos: *Qui cumque dixerit verbũ contra filiũ hominis, remittetur ei, qui autẽ di-*

xerit contra Spiritum Sanctum, nõ remittetur ei, neque in hoc seculo, neque in futuro. Já em outro lugar reparei, porque peccando Pedro quando a Christo negou, & peccãdo Judas, quando a Christo vendeo, Pedro venturosamente se ganhasse, & Judas tristemente se perdesse? A rafaõ sò Deos a sabe, mas por argumento extrinsecõ eu julgo que fora: porque Pedro offendeo immediatamente a pessoa de Christo; Judas aggravou immediatamẽte a pessoa do Espirito Santo no peccado da desesperaçã, que he contra o Divino Espirito; & como na desesperaçã de Judas se vio o Espirito Santo offendido, por isso Judas, dis São Leão Papa, não ficou perdoado: *Sine venia est, quia exclusit eum a se, perquẽ poterat cõfiteri.*

17 Ora paraque nenhum de nõs seja tam infelice, que por offender a huma Pessoa tam amorosa, & benefica, da remissão

Mat-
th. 12.

São
Leão
P. De
Pent.
Serm.
1.

de suas culpas desespere: vòs, Divino Espírito, cõ-municainos aquelles divinos doens , & aquellas espirituaes, & sobrenaturaes virtudes , que comunicais, & com a vossa graça infundis liberalmente aos Justos; o da Sabedoria, com que conheçamos o excessõ que vai do divino ao terreno, & do eterno ao temporal; paraque do caduco façamos todo o desprezo , & ao eterno aspiremos cõ todo o cuidado; o da sciencia, paraque com o conhecimento verdadeiro que tivermos, de quam fallidos, & transitorios sãõ todos os bens desta vida, nos não sirva o uso delles, mais que para grangear o Summo bem, que he a salvaçõ de nossa alma: o do entendimẽto , com o qual penetremos os mysterios da Fè, que nos sãõ escondidos, & se nos descubraõ as virtudes que nelles se encerraõ; paraque cõ a suavidade de seu sabor as empresas, que em vosso

serviço se nos representaõ mais agras, se vejaõ de nõs muy appetecidas, & com o fogo de seu calor os nossos corações mais frios, se acendãõ : o do conselho, paraque em todas as duvidas de nossa salvaçõ assim melhor acertemos, & obremos sempre com hum fim tão honesto, que todas as nossas obras, & acções ao da salvaçõ da nossa alma , & da vossa mayor gloria vãõ dirigidas; o da fortaleza, para que com elle acometamos em obsequio vosso muy arduas empresas , vencẽdo todas as difficuldades, que se nos opposerem na perfeyta observancia dos divinos preceytos, & peleijando com grande constancia contra os vicios , inimigos de nossa alma, atè darmos, se for necessario, por vosso nome Santissimo a vida; o da piedade, com que vos demos aquella honorifico culto, & aquella reverente respecto, que à vossa Magestade

tade, & soberania he devido, & a nossos proximos demos tambem aquella urbana benevolencia, & ardente caridade, que como a Irmãos nossos todos lhe devemos; o do temor Santo, & filial, com que sentimos grandemente tudo o que for culpa, & offensa vossa, não tanto pela pena do inferno, de que somos justamente merecedores, quanto por perdemos a vossa graça, & amizade, que he só o que mais devemos resentir, & chorar. Mas para que destes sete dons sejamos inteiramente participâtes, fazeynos delles hum candelabro de sete lumes, o Espírito divino, que como ramo de ouro sayão do tronco da caridade, & o lume que arder em nós, se esteja sempre sustentando particularmente em vossas benignas influencias, & assistencias soberanas: sirvão os quatro lumes de alumiar nosso entendimento, para que

no caminho de vos servir, & de nos reformar nunca erre, & os tres de inflamar nossa vontade, para que em vos amar com hum amor mais fino, & intenso nunca se esfrie. Finalmente atei, o sagrada chãma, em nossas almas algum incendio daquelle fogo, que hoje viestes trafer à terra, para que com este ardentissimo fogo abrasadas, muy obedientes às vossas inspirações divinas nos mostremos, com toda a sujeição ao vosso soberano affecto nos rendamos, procurando com toda a ancia merecer nesta vida o logro mais felice, que he o de vossa graça, para na outra conseguirmos com segurança o premio mais venturoso, que he o de vossa gloria: *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotens. Amen.*



SERMAO DECIMO

DA

GLORIOSA VIRGEM, E MARTYR
S. CATHERINA

PRE'GADO NA IGREJA DO LORETO.

Anno de 1687.

Quae paratae erant intraverunt cum eo ad nuptias.
Marth. 25.



TODAS as Virgês sahirã a buscar ao Divino Esposo, & todas com luses, & com tudo sô sinco foraõ admitidas por Esposas, & as outras sinco ficãraõ reprovadas:

notavel caso! sahir, empenhar com o custo, com o desvelo, & humas logrando o fruto do empenho, & outras perdendo o preço do cuidado? Mas não ha que admirar, porque humas eraõ sabias, & entendidas, & outras

tras ignorantes, & indifcretas: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes.* Mas d'isto mesmo nasce a mayor difficuldade: Que as cinco Virgens fossẽ entendidas, & fossẽ venturosas, grande novidade no Mũdo: mas isto, q̃ he novidade entre os homẽs, não he para com Deos, porq̃ para o Mũdo a vëtura he o merecimẽto, & para cõ Deos sõ o merecimento he ventura. Na opiniaõ de Isac pertencia o morgado a Esau, não porque excedesse nas partes a Jacob, mas porque teve a ventura de nascer primeyro; porẽm Deos fes que se dẽsse o morgado a Jacob, porq̃ ainda q̃ nasceo depois, merecia mais: Esau era rustico, Jacob muy advertido, & prudente; pois ainda que o Mundo prefira a ventura de Esau ao merecimento de Jacob, Deos que sabe avaliar conforme a rafaõ, deyxou em Esau a ventura sem premio, & apremi-

ou em Jacob o merecimento com ventura: Esau era o venturoso na opiniaõ do Mundo, mas para com Deos Jacob achou a ventura, porque soube merecer. Entre os homẽs segue a felicidade á ignorancia, para com Deos sõ he feliz quem he discreto; por isso as cinco Virgens entendidas foraõ sõ as venturosas: *Intraverũt cum eo ad nuptias:* no juizo divino sõ se prefere o juizo: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes.* E jã se vè a rafaõ de ser a Gloriosa Santa Catherina admittida por esposa, porque teve a ventura de ser entendida, & sabia; ou para fallar ao certo, teve por sabia o merecimento, para ser por esposa escolhida. Serã pois a materia, & assumpto todo do Sermão: Catherina venturosa em ser escolhida por sabia. A purissima Virgem das Virgens Maria Serenissima, & Senhora nossa, nos negociará do Divino Espi-
rito

rito a graça , para descobrirmos as venturas , ou merecimentos da nossa Virgem a mais discreta, obriguemola com a saução do Anjo.

A V E M A R I A .

§. I.

E Scolheo Christo Redemptor nosso à Gloriosa Virgem Santa Catherina por esposa sua: E quantas Virgens ficaraõ reprovadas, & Santa Catherina a todas ficou preferida, porq̃ era entre todas a mais fabia, era entre todas a mais entendida? Era Santa Catherina a unica no saber, & por isso foy a unica na escolha do Divino Esposo: *Quinque autem ex cis erant fatue , & quinque prudentes.* A sabedoria he na verdade a que entre todos os dotes leva mais os olhos do Divino Esposo para escolher, & a

ignorancia he a que mais obriga a reprovar. Perguntava a Alma Sãta dos Cantares a seu Divino Esposo qual era o lugar do seu alivio ao tempo do meyo dia, porque cansada de o seguir , o buscava perdida pello achar: *Indica mihi , quem diligit anima mea: ubi pascas , ubi cubes in meridie?* Responde o Divino Esposo: *Si ignoras te ò pulcherrima mulierum:* Notavel caso ! que quando a Esposa allega o cuidado do seguir, a fineza do buscar, & o excessõ de amar, entãõ se lhe responde com desvios , & dissabores: *Abi post vestigia?* Quando publica finezas , quando profega desvelos , se lhe responde com desvios: Sim, porque ainda que excede na fermosura: *O pulcherrima mulierum* , a deslustra a ignorancia: *Ignoras te,* & assim naõ tem que se cansar em seguir , porque o seguir he cansar: *Abi post vestigia.* Ao Divino Esposo se a ignorancia o reti-

ra,

Cant.

1.

p. 16.

ra, fô a discriçãõ o empenha.

3 O motivo unico da eleyçãõ do Divino Esposo he a sabedoria, & avifo: esta he a rafaõ mais forçosa, porque dis, que sua Esposa he escolhida como o Sol: *Electa ut Sol.*

Catit. 6. *v.9.* Agora pergunto eu: & se dis que he fermosa como a Lua: *Pulchra ut Luna,* como he escolhida como Sol: *Electa ut Sol?* Se tanto a louva pela fermosura que tam da Lua: *Pulchra ut Luna,* porque por fer como Sol, fas della a escolha? Sabem porque? Eu o digo: porque o Sol tem mais luz, & a luz he symbolo da Sabedoria; por isso a esposa fica em quanto Lua louvada de fermosa, mas fô em quanto Sol se vé escolhida: a Lua symbolo da fermosura, o Sol symbolo da Sabedoria, & o Divino Esposo em comparaçãõ da Sabedoria, nenhum caso fas da fermosura. Oh que esposa achou Christo bẽ nosso em Santa Catherina

tam digna de sua eleiçãõ: pois a contemplou tam sabia como o Sol. Descreve David ao Sol como esposo: *Et ecce tamquam sponsus procedens de thalamo suo;* & nõs vemos hoje

em Catherina huma esposa, que he hum Sol adornado de tantos rayos de sabedoria, que pela buscar o obrigaõ a deixar todo o mais. Toda huma noyte lutou o Verbo Divino com Jacob: *Luctabatur usque ad mane;* porrẽm ao romper da alva quer romper as prisoens dos braços, porque a Aurora nasce: *Dimitte me,*

jam enim ascendit Aurora: pois que tem o nascer a manham, com o deixar a Jacob? Antes tam empenhado em lutar, & logo tam apressado a fogir? Sim, porque quando a Aurora nascia, era tempo em que o Sol chegava, & como o Sol com suas luzes figurava os rayos da sabedoria de sua esposa, deixa a Jacob chorando, porque a Aurora vinha rindo:

*Psal.**13.**v.7.**Genes.**32.**v.26.**v.27.*

Mat-
th. 25.
v. 5.
p. 7.

rindo: *Dimitte me , jam enim ascendit Aurora.* Antes Jacob era o seu cuidado, & toda a noyte o feu desvelo ; mas quando o Sol nasce, tudo o mais esquece: não era a Aurora a que o chamava, mas o Sol que ella acompanhava, lhe roubava os cuidados: pois que mayor maravilha, que o Divino Esposo largue tudo por Catherina , que he na sabedoria hum Sol?

4 Sonhou Santa Catherina que o menino Deos deixando os braços da Senhora , se vinha por em os seus , & a tomava por esposa: que sonho este tam discreto ! cinco Virgens prudentes do Evangelho tambem dormirão: *Dormitaverunt omnes,* sô depois que despertarão: *Tunc surrexerunt omnes Virgines illæ,* forão admitidas do Divino Esposo: *Intraverunt cū eo adnuptias,* porém Santa Catherina dormindo excede às prudentes vigiando , ou digamos que como tanto

amava, não dormia , pois em quem ama o mesmo sono he desvelo: *Ego dormio , & cor meum vigilat.*

O que mais me admira he, que o Divino Esposo deixe os braços de sua Santissima Mãy pelos de Santa Catherina. E pois que he isto ? Por huma Mãy tam Soberana não parece que se havia de deixar todo o Mundo ? Como logo vemos a Christo deyxar todo o Mundo por Catherina , & o que mais he, sua propria Mãy ? Ora notem a differença: a Senhora era Mãy, Catherina era Esposa , & por hũa Esposa se deve deyxar a propria mãy , & isto he o que fas Christo , para cūprir à risca o que manda, que he deyxar a mãy pela Esposa : *Relinquet homo Matrem, & matrem, & ad- th. 19. herebit uxori suæ.* p. 5.

§. II.

5 **P**Or Esposa , & por sabia he buscada Catherina : sô a Sa-

Sabedoria de Catherina, fô huma Virgem Doutora podera obrigar a tanto, que foy o deixar a sua Santissima Mãy: fô tanta, & tam alta Sabedoria podia obrigar a se perder Deos pella achar, & deixar a companhia da Senhora por lhe assistir. Perde-se o menino Deos em

Luc. 2, v. 43. *Jerusalem: Reman sit puer Jesus in Jerusalem*, deixou a companhia da Senhora aquelles tres dias, que foraõ para a pena muytos annos: *Ecce pater tuus, & ego dolentes quærebamus te*: pois se Christo a sua Mãy tâto amava, como a deixa em hum cuidado tam penoso ausente, & fãudosa, sentida de o perder, & perdida pelo achar? Como sofre que a ausencia se dilate, quando sabe o martyrio que padece? Amar, & dar pena, conhecer o mal que causa de pena, & continuar a causa, como pôde isso ser? Ora notem o lugar em q̄ se acha, & verãõ a ralaõ

p. 46. porque se perde: *Inven-*

runt eum... in medio Doctorum: fô a companhia dos Doutores poderã ser occasiãõ de tal ausencia, por isso se apartava, porque a Sabedoria o detinha. Deixar a sua Mãy Santissima parecia rigor, mas o tratar com sabios era huma violencia tam forçosa, que quando queria partirse, naõ acertava a apartarse. Pois se em Santa Catherina achou huma dõzella tam sabia, huma esposa tam entendida, huma Doutora tam eminente, que muyto faça tantos extremos por quem tanto os merece?

6 As cinco Virgens do Evangelho mostraraõ-se discretas em sair, & em buscar ao Divino Esposo, mas Santa Catherina sem duvida se mostrou mais entendida, porque buscou em melhor occasiãõ: Advirtãõ bem na occasiãõ em q̄ buscãraõ as Virgens do Evangelho, & ponderem a occasiãõ em que buscou a nossa Virgem.

Mat.
th.
sup.

gem: as Virgens do Evangelho buscao no tempo das bodas. *Exierunt obviam sponso: Intraverunt cum eo ad nuptias*; a nossa Virgem busca ao Esposo no tempo da perseguição: buscar ao Esposo no tempo das bodas, & do alivio, mais he ignorancia que fineza; por isso cõ rafaõ o Divino Esposo dis à alma Santa que se mostra ignorante: *Ignoras*, porque o queria buscar no tempo do regalo, & do descanso: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie*. Santa Catherina foy tam discreta, que quando o tempo estava mais aspero, então mostra seu amor mais fino; quando a tempestade da perseguição se embravecia, quando as ondas eraõ mais crecidas, & os ventos mais furiosos, quando mayores os martyrios cõ o sangue que derramava de Christãos o tyranno Maximino, emfim então achou Catherina o tempo de sair, & pelejar, quã-

Can.
tic. 1.

do a occasiã tocava ao retiço recolher. Oh que entendida se mostrou! arrojase às ondas do mar irado, para merecer a mão do divino Esposo.

7 Apareceo Christo nosso amor na praya estando os Discipulos pescando: Saõ Pedro em conhecendo que era o Senhor, com hũa generosa impaciencia, antes se quefiar das ondas, que sofrer vagares; sem esperar pelo barco, busca a Christo pelos mares: *Misit se in mare*; pois se neste tempo o vento estava rijo: *Ventum validum timuit*, claro está, que estava o mar temeroso; como logo quer Pedro perigar voluntario, quando tam brevemente pòde chegar seguro: Sabê porq? Porq? sabia Pedro que buscar o perigoso era acreditar o fino: buscou o perigo para lograr o favor: *Et cum cepisset mergi, extendens Jesus manum, apprehendit eum*. & que venturosamẽte Santo Agostinho: *Nūquid*

Joan.
21 v.
7.

Mat.
th. 14
v. 30.

Ibidẽ.

San^o. Aug. de verbis Dom. S^o r^m 13.
San^o. Ambr.

quid Dominus deseruit tubantem, quàm audivit invocantum? unde sequitur: extendens manum: o favor de huma mão de Christo como o havia de merecer, se senão soubera arriscar? Oh que sabio se mostrou Pedro em fiarse do mar irado, por ganhar hum favor tam Divino?

Santo Ambrosio: Felicius ille cecidit, quàm alij steterunt. Santa Catherina ainda se mostrou mais entendida, & ainda foy mais venturosa: São Pedro teve a mão de Christo, porque temia: *Timuit ventum validum, extendens manum;* & Santa Catherina teve a mão de Christo esposo, porque amava: a São Pedro faltou o animo no perigo, Santa Catherina então mais animosa, quando mais arriscada: a São Pedro causa temores o vento, & Santa Catherina tem por vento os temores: Pedro foy cobrado dos mares, & Catherina intrepida nas tormentas mayores, & nos

mais deshumanos martyrios.

8 Eu não duvido que Santa Catherina se mostrasse animosa em buscar ao Divino Esposo, quando o perigo ameaçava, & quando o fogo da perseguição ardia: mas como pôde ser aviso o que parece temeridade? Conhecer o perigo, & fugillo, he prudencia, mas conhecello, & buscallo, se parece arrojamento de quem se precipita, como pôde ser resolução de quem accerta? Ora notem, & conhecerão que se mostrara muy discreta S. Catherina se S. Catherina sô padecera os tormetos, & os martyrios, isso era amar, mas não era correponder: para corresponder a seu Divino Esposo não bastava soffrer as penas executadas, senão buscallas conhecidas. Assim o fez Christo no Horto. Em quanto Judas, & os Fariseos se detiverão, & tardarão esteve o Senhor, ou orando a seu Eterno Pay, ou vin-

*Mat.
26
p. 46.**G'of.
in Ca.
ten D.
Tho.
ma.**Ita
Div.
Chry-*

do huma, & outra ves aos Discipulos; porèm tanto que Judas chegou, logo dis aos Discipulos que se alentem a sair: *Surgite, eamus: ecce appropinquavit, qui me tradet*: he tẽpo de sair, porque he tẽpo de padecer: *Quia ut superius dictum est*, dis a Glosa, *quod Dominus ultro se persecutoribus exhibebat, propter quod subditur: Sciens omnia, quæ ventura erant super ipsum, processit*: naõ bastou buscar os tormentos para os padecer, senaõ conhecellos para os buscar, que esta he a finesa entendida, serem conhecidos, & serem buscados: ser rafaõ para os desafiar a mesma, que costuma ser motivo para fugir.

9. Conhece Santa Catharina a bravesa, com que o tyranno executa tantas crueldades, por isso se arremeça, sem duvida, porque vè no perigo a certesa: como era Sol, por entendida, & por abraçada, fas na terra o que

costuma o Sol fazer no Ceo. Do Sol dis o Real Profeta que conhece o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum*; que o occaso, ou occidente, onde o Sol se vai pòr, seja o lugar em que vai a morrer, todos o sabem; mas se o occaso he sua morte, como dis David que o conhece? E que conhecendo no occaso o perigo da morte, quando està no meyo dia o busque, & cõ a mesma velocidade, com que ao Zenith sobe, ao occidente, se precipite? Naõ deixa de causar grande admiração! Se o Sol ignorara as negras sombras, & os tenebrosos eclipses, com que se ha de enlutar no occaso, naõ fora muyto, que ao perigo desconhecido, se arremeçasse tam ligeiro, mas que prevendo que he occaso: *Sol cognovit occasum suum*, caminhe tam apressado, ou se apressè tam animoso a correr, correndo para se eclyspar? *Exultavit ut Gigas ad currendam viam*.

Aqui

Aqui o mayor affombro: mas de que nos admiramos, se he Sol, que por estar no meyo dia tem mais luz para conhecer? Por isso mesmo, que o Sol sabe que vay a morrer, se apressa mais a caminhar: não fora o perigo da morte com tanta ancia do Sol buscado, se da sua luz fora menos conhecido: prever o perigo, & buscallo, he da prudencia o mayor abono, & do amor, que he excessivo, o mayor credito. A fineza, & o aviso de Santa Catharina esteve em conhecer, & em buscar: conhecer o rigor, cõ que o tyranno a atormẽtava, & buscar os tormentos que conhecia: buscar as penas conhecidas com tanta resolução, como as podera buscar ignoradas: desafiar os martyrios com a fineza de quem os conhece, & com o desprezo de quem os ignora: para o desejo conhecidos, para o amor ignorados; mas em quẽ se podem achar finesas tam delgadas, &

Tom. V,

tam raras, senaõ em Santa Catharina, que atẽ as ignorancias fas discretas?

io Despedindo-se S. Paulo dos E fefios, dis assim: *Et nunc ecce alligatus ego spiritu, vado in Jerusalem: quæ in ea ventura sunt mihi, ignorans. Nisi quòd Spiritus Sanctus per omnes civitates mihi protestatur, dicens: Quoniam vincula, & tribulationes Ierosolimis me manent, sed nihil horum vereor.* Vou a Jerusalem, & ignoro o que nella me ha de succeder, sõ sei, que o Espirito Santo me dis que me esperaõ tormentos, carceres, & perseguições: notavel caso! se o Espirito São to lhe dis os tormentos, que o esperaõ, como dis São Paulo que os ignora? Como pòde ser conhecer os trabalhos, & ignorar os successos? Se o Espirito Santo revelou a Paulo, conheceo; & se estão conhecidos, como lhe chama ignorados? *Quæ in ea ventura sint, mihi, ignorans?* Oh que ignorancia

T iij

tam

tam discreta ! conhece os trabalhos, & os perigos para os buscar, & ignora-os para os temer: *Sed nihil horum vereor* : no desejo conhecidos, na resolução ignorados ; porque assim os busca, como quem os conhece, & assim os despreza, como quem os ignora: isto he o mais, a que podem chegar os artificios do amor : a fazer ignoradas as penas padecidas : isto he o que o Divino Esposo fez por Santa Catherina: isto he o q̄ Santa Catherina fez pelo Divino Esposo.

§. III.

UNidos entre si, & conjurados contra a mayor innocencia de Christo todos os trabalhos, & dores, dis este Senhor que as soffera, & que as ignorara : *Congreta sunt super me flagella*, & ignoravi: que sabe que se conjurà-

rao contra elle os trabalhos, para os tolerar, & soffrer, como dis que os ignorou ? Para os padecer, tanto saber, & para não os temer, tanto ignorar ? Sim, estes contrarios se unem bem em quem muyto ama, juntarse bem muyto saber, & muyto ignorar: serve o saber para buscar os tormentos, serve o ignorar para os tolerar animoso: busca-os como quem sabe, sofre-os como quem ignora. O que se preza de grande amante, no buscar manifesta que os conhece, & no soffrer mostra que os ignora: esta foy a finesa de Christo para sua Esposa, & esta a finesa de sua Esposa Catherina para com seu Esposo.

12. Chegada Catherina à presença do tyranno, começa a reprehender suas crueldades com hũas palavras tam graves, com tanta eloquencia, com tanta discricão, & sabedoria, que admirado o Emperador mandou ajuntar os melhores sabios, & Filoso-

Psal.

38.

2. 15.

Iofos do Mundo, para disputarem com a Santa, & em hum theatro publico a todos deixou Catherina convencidos da ração, & redusidos à Fè; prodigio tam maravilhoso, que nunca já mais poderá ser dignamente celebrado. As Virgens do Evangelho com suas luses vencerão as sombras da noyte, porèm Santa Catherina com sua luz não sò desterrou as trevas da ignorância, mas venceo as luses da sabedoria; por isso entre todas as luses he a mayor, he na realidade hum Sol. No principio da criação do Mundo dis o fagrado Texto que fes Deos duas luses grandes: *Fecit duo luminaria magna*, mas logo accrescenta que hũa dessas luses he a mayor, & menor a outra: *Luminare maius, luminare minus*: pois se nasceraõ iguaes: *Duo luminaria magna*, quem as desigualou? Quem saber quem? Fu o di-rey: foy causa de ser mayor o Sol pelo tempo em

que preside; & pelo officio que fas: o Sol preside ao dia, & a Lua preside à noyte: & que officio fas o Sol, & que officio fas a Lua nestas suas presidências? O Sol vence luzes, & a Lua sò desterra trevas, porque o tempo em que a Lua preside, estão as estrellas brilhando; porèm ao tempo em que o Sol preside, se escurecem as demais luses; & assim o Sol não sò desterra trevas, mas tambem escurece luses, não triunfa sò de sombras affugentadas como a Lua, mas gloria se de luses vencidas; à vista de seus rayos não sò não ha sombra que persista, mas nem estrella que appareça; por isso he Sol, & por isso he luz mayor. Santa Catherina no Ceo da Igreja he hum Sol, es outros Santos todos são luses: *Vos estis lux*, as outras Virgens todas são estrellas: *Quasi stella*, mas com licença de todos Santa Catherina he o Sol: es outros são rayos que ven-

Genes.
1.
2. 16.

cem sombras, Santa Catherina he Sol que vence rayos: a sabedoria he luz, a ignorancia he privação dessa luz: Santa Catherina vencendo, & convencendo aos sabios, não sò venceu a ignorancia, mas triunfou da luz.

13 E na verdade vencer a sabios he a mayor victoria: não he mais deixar infernos desbaratados, que deixar sabios convencidos. Compara Santo Ambrosio com outros Expositores o triduo, em que o menino Deos se perdeu, cõ o triduo em que elle mesmo padeceo: E que proporção tem os tres dias de morto com os tres dias de perdido?

Post triduum reperitur in templo, ut esset indicia quia post triduum passionis se suscitatus offerret. se entre a morte, & a vida ha tanta differença, que semelhança tem Christo quando espira na Cruz, comfigo quando fica no templo? Muyta, porque morto triunfou dos infer-

nos, & perdido convenceo os sabios; & não he menor victoria deixar os sabios admirados, do que deixar os infernos destruidos: no templo admirão-le os Doutores:

Stupebant super prädicia, & responsis ejus, no inferno tremen os Demonios, & são os dias semelhâtes, porque são as victorias iguaes: se em hũa as forças do poder rômpe os cárceres da morte, em outra os poderes da razão convencem a rebeldes do juiso, & não he menes senhorear hum entendimento presumido, que hum, ou muytos Demonios contumazes. Antes parece mais, porque as armas da Sabedoria são as luzes, & vencer com luzes outras luzes he triunfo mais glorioso, que triunfar com armas de outras inimigas armas. Pelejava contra o Soberbo Amorreo o valeroso Capitão Josuè, & quando mais empenhado estava na victoria, vio que lhe fal-

Sant.
Amb.
Côm.
in cap.
2. Luc

Luc. 2
v. 47.

faltava o dia : manda ao
 Sol que pare : *Sol contra*
 10. *Gabaon ne movearis, & dis*
 412. o fagrado Texto que o
 Sol parou: ou de attonito
 da confiança, ou de teme-
 roso da valentia: *Stetit*
que Sol in medio cali ; &
 porque hade o Sol parar,
 para Josuè vencer ? Que
 monta que a noyte succe-
 da , para que a victoria se
 ganhe ? Que podem im-
 pedir as sombras, quando
 são rayos as armas ? Ora
 notem : Josue quis que o
 Sol parasse , para que o
 triumpho crecesse ; se o Sol
 se punha, ficava o inimigo
 vencido das armas , mas
 não convencido das luses,
 ficava o triumpho consegui-
 do , mas menos glorioso,
 pare pois o Sol, assistão as
 luses, q̄ como são as armas
 da Sabedoria , ficarà a vi-
 ctoria mais celebre por
 assistida de luses, que por
 ganhada por armas.

S. IV.

14 **E** Com quanta
 ração pode a
 gloriosa, & muy sabia Sã-

ta Catherina celebrar a
 gala de seu triumpho , pois
 nunca o furor de Marte
 chegou com as armas aon-
 de ella chegou com as le-
 tras ? Cada palavra sua era
 hum rayo , cada sentença
 hum corisco ; que grande
 maravilha ! ver fulminar
 rayos o Ceo de seu rosto,
 estando sem nuvens ; mas
 que muyto, se sendo rayos
 de Sol, tinhão a força de
 coriscos : para alumiar,
 rayos de Sol despedia:
 para render, coriscos, que
 o Ceo vibrava, bellissima-
 mente colerica, & revesti-
 da de encarnadas iras, se
 fazia temer a mesma fer-
 mosura : quem foy nunca
 tam valente com as ar-
 mas, como foy com as pa-
 lavras Santa Catherina ? A
 que espada se deverão tã-
 tas victorias , como à sua
 lingua ? Mas como não
 havia de ser assim ? Se à
 imitação de seu Divino
 Esposo trasia a espada na
 bocca ? *De ore ejus gladi-*
us exhibat utrâque parte a-
cutus. O mesmo era me-
 near , que ferir, o mesmo
 ferir,

Apoc.
 1.
 p. 15.

ferir, que triunfar: seja embora a fermosa Judith gloria de Jerusaleem, porque cortou a cabeça de Holofernes, que mayor victoria he render juifos, que cortar cabeças.

15 Cortou David a cabeça do Gigante, & dos louvores que ganhou cõ esta victoria naceraõ as envejas de Saul; em outra occasiã acha David a Saul dormindo, & podendo-o matar, lhe perdoa a vida: acorda Saul, & falando com David lhe dis

1. Reg

24.

2. 2. 1.

assim: *Nunc scio certissimè quòd regnaturus sis*: agora sei de certo, que haveis de ser Rey de Urael: & porque agora, & não quando no campo derrubou aquella monte vivo, com cuja ruina estremeceo a terra? Não era mais vencer desarmado ao Gigante furioso, que perdoar a Saul dormindo? Não; porque ao Gigante venceu como soldado, & a Saul rendeo como discreto: cortou a cabeça do Gigante, & rendeo o juifo

de Saul: Saul instigado do odio, julgava que não era conveniencia que David fosse Rey, mas vendo a modestia com que lhe perdoara, mudou de parecer, & de juifo: *Nunc ... scio quod certissimè regnaturus sis*: agora sei, que haveis de ser Rey: não porque podeis cortar cabeças, mas porque sabeis render juifos: esta victoria vos pos a coroa na cabeça; porque he coroa das victorias deixar juifos mudados em lugar de inimigos vencidos. Esta entendo eu que foy a razão mais forçosa, que teve o perfido tyranno (posto, que foy com animo danado, & fingido) para offerecer depois desta victoria a Santa Catherina a coroa do Imperio: porque véceré disputas he muyto mais do q̄ vencerem batalhas. He victoria digna de hũ Anjo, digna de hũ Anjo como Santa Catherina, ou de hum Principe dos Anjos como São Miguel.

16 Ouvi ao Apostolo
São

Ep. ff.
B. Ju-
d. e. i.
9.
Lyra
hic.

São Judas Thadeo na sua Epistola descrevendo a batalha cruel, & gloriosa victoria de São Miguel: *Cum Michael Archangelus cum Diabolo disputans alterceretur de Moyse corpore*, &c. Dis, que o Archango São Miguel venceu ao Diabo disputando, Lyra dà a causa: *Volebat Diabolus revelare corpus Moyse Judæis; ut eum adorarent*, Michael volebat hoc impedire; mas não attendendo à causa, assim pergunto: Se São Miguel he o Principe da milicia do Ceo, o Governador das armas, o Capitão General dos exercitos dos Anjos, porque não peleja, senão disputa: *Disputas altercetur?* Se tem a espada na mão, porque a não meneia? Quem pôde ferir com as armas, para que argumenta em disputas? Para que? Porque como era Anjo na natureza, quis fer Anjo na victoria: para vencer como Anjo deixa a peleja, comece-se a disputa: para que

seja o triunfo angelico sejam os argumentos as lanças; porque he mais subido trofeo o que se alcança discorrendo, do que o que se ganha pelejando. Oh que grande admiração! em Santa Catharina, em huma creatura humana he o conseguir huma victoria angelica! Angelica? Pouco disse, huma victoria divina; porque vencer a Sabios, he empenho de hum Deos.

17 Manda Deos a Moyses a Egypto a libertar o seu povo, & dilhe que o fas Deos de Faraõ: *Ecce constitui te Deum Pharaonis*. Notavel resolução! E pois Senhor não basta a Moyses fer Senhor dos elementos, escurecer a seu arbitrio o dia, enlutar o Sol, ensangoentares rios, esterilizar as terras, endurecer em muros os mesmos mares, trocando em crystal cõdensado o elemento fluido, senão que além de tantos prodigios, sendo homem em toda

Exod.
7. v. 1.

toda a parte , ha de ser
Philo. Deos em Egypto ? *Ecce*
Ibi. *constitui te Deum Pharaonis*, sim, dis Filo: *Maiorem cum Omnipotente societatem adeptus , nominatur enim hujus gentis Deus:* Deos ha de ser intitulado Moyfes em Egypto, porque em Egypto , não sò havia de vencer a Faraò, mas tambem a todos os sabios daquelle Reyno:
Exod. *Vocavit Pharaosapientes,*
 7. *& maleficos ; & vencerat*
 P. II. *tantos sabios era hũa empreza tam grande , que não bastão em Moyfes os prodigios que obra , senão que he necessario o titulo de Deos que leva.* Como vejo hoje no mesmo Egypto, senão o mesmo, outro prodigio mayor : huma donzella não sò deixa vencidos os Sabios de Egypto, mas aos mais doutos de todo o Mundo a todos admirados, de que acabe, sendo molher, o que Moyfes sò acabou a titulo de Deos? Se o Bautista foy tido por Deos, porque era luz,

para todos crerem por elle : *Ut omnes crederent per illum*, veudo que tantos crem em Christo; de Santa Catharina que hey de diser? senão que obra nella a mão do Divino Esposo, que obrava no Bautista : *Etenim manus Domini erat cum illo.*

Joan.

I.

p. 7.

Luc.

I.

p. 66.

S. V.

18 **Q**ue mayor prodigio, do que igualar huma donzella na terra o mayor prodigio do Ceo ? *Signū magnum apparuit in celo*; dis o Evangelista Aguia: appareceo no Ceo hum prodigio grande, que vinha a ser: huma molher tam cercada de luses, que o Sol, Lua, & estrellas empenhavão todos seus raios em seu adorno. Pois ahi està o prodigio em ter tantas luses, que são os symbolos das ciencias? Não, senão no effeito maravilhofo dellas, porque com

Apoç.

12.

com ellas venceo a Serpente que era taõ Sabia: *Genes. 3. v. 1. Serpens erat calidior cunctis animantibus,* & com o resplandor de sua Sabedoria a fes emmudecer attonita, & ficar admirada, & confusa: *Apoc. 12. Et draco stetit ante mulierem.* Ahi pois esteve o prodigio grande, naõ no Sol vestido, se naõ no Dragaõ callado: essa Serpente vencida, essa Serpente pasmada à força de rayos, esse o prodigio das luses: *Signum magnum apparuit in caelo.* Certo que não fei, se tem o Ceo semelhantes com Santa Catherina: *Simile est Regnum caelorum decem virginibus,* ou se fas Santa Catherina excessos ao Ceo? Pois em lugar de hũa Serpente attonita, vejo diãte da S. toda a Filosofia, admirada, a Serpente cõfusa, os Sabios reducidos: a Serpente sem se mover: *Draco stetit,* os Sbios sem se atreverem a disputar.

19 Por isso tem Santa Catherina tantas coroas, de Martyr, de Virgem,

& de Doutora; porque sendo na pureza Cordeyra, com o livro aberto, he no vencer Leaõ. No seu Apocalypse vio São Joaõ (notem a propriedade) ao Divino Cordeyro com muytas coroas na cabeça: *Et in capite ejus diademata multa:* vio que abrio o livro, & dis que venceo como Leaõ: *Ecce vicit Leo de tribu Juda, radix David, aperire librum,* agora o meu reparo: se o vio Cordeyro no throno: *Agnum stantem tamquam occisum,* como dis que he na peleja Leaõ? Sabem porque? Porque abrio o livro: *Et cum aperuisset librum,* & se com a paciencia era Cordeyro sofrido, com a Sabedoria era Leaõ victorioso. Hum livro aberto fas de hum Cordeyro hum Leaõ: Cordeyro para soffrer feridas, Leaõ para ganhar victorias. Santa Catherina não só segue como as outras Virgens a seu Esposo como Cordeyro: *Virgines enim sunt, & sequuntur Agnum quem*

Apoc. 12. v. 12.

Apoc. 14. v. 4.

cum

cumque ierit, mas tambem o acõpanha como Leão, isto he, não fõ o segue no padecer como Cordeyro: *Tamquam Agnus coram tondẽte se obmutescet*, mas tambem o segue como Leão no triunfar: com o sangue derramado offerecendo finestas, com o livro aberto ganhando victorias: entre as feridas Cordeyra, entre as disputas Leão *Vicit Leo*: por isso lo-

Apoc. 19. v. 12. *Et in capite ejus diademata multa.*

20 Não fõ venceo S. Catherina os Sabios, mas tambem os convenceo: pouco fora deixallos vécidos, se os não offerecera a seu Divino Esposo mudados; convencidos ficãraõ, & victoriosos: he victoria o ser de Catherina vencido. Tornemos ao exodo, em que se descreve a Moyses combatendo cõ os Sabios. De Deos tinha Moyses os poderes, & cõ tão grande poder venceo esses Sabios, mas não os convenceo: triunfou, mas não os melhorou, o que

Santa Catherina confeguiu. A luz de Santa Catherina he como a do Bautista: luz q̃ resplandece, & luz que abraza: *Eratalucerna ardens, & lucens*: Ioan 5 illustrou aos Sabios o entendimento: *Lucens*, abraçou aos Sabios a võta-de: *Et ardens*, vencidos de Santa Catherina entãõ ficãraõ verdadeiramente Sabios; antes toda a sua sabedoria era ignorancia, agora adorando a Christo, saõ verdadeiramente Sabios com toda a certesa. Aos Reis, que do Oriente vieraõ adorar a Deos nascido, chama o Evangelista Sabios: *Ecce Magi ab Oriente venerunt*. Pergunto: se eraõ Reis, porque lhe chama Sabios? Respondo que com o mais ajustado fudamẽto, notem: porq̃ nesta occasiãõ se mostrãraõ de veras Sabios: atẽ entãõ eraõ idolatras, & eraõ Reis, mas deixar as idolatrias, e adorar a Christo: *Et venimus adorare eum*, foy huma acção tanto de Sabios, que fes

fes esquecer o titulo de Reis. Oh como vejo hoje que Santa Catherina he a estrella da alva do Sol Divino, quando lhe tras tantos sabios para que o adorem!

Genes.
2. p. 13

21 Reparo muyto em fe chamar estrella de Deos nacido aquella que virão os Magos no Oriente: *Vidimus stellam ejus in Oriente*; & pois todas as outras estrellas do firmamento não são suas? Claro está, porque elle as creou: *Et posuit eas in firmamento*; pois se todas são suas, porque ha de ser esta só a sua estrella? *stellam ejus*; porque he estrella, que lhe tras sabios rendidos para o adorarem: *vidimus stellam ejus, & venimus adorare eum*. Todas as outras Virgens são estrellas, mas Santa Catherina he a sua estrella: *stellam ejus*: he estrella do Divino Esposo, porque he estrella que lhe rende sabios. Guiou a estrella aos sabios para Deos, & parando, & adorando a

este Senhor, fes que os sabios deixand'o idolatrias, o adorassem; fes que mudassem de Religiaõ, & deixassem o caminho errado porque vieraõ: *Per aliam viam reversi sunt. Ut irent non sua, sed alia*, cõmentou estremadamente Tertuliano, *non qua venerant via, id est, ne pristina secta sua incederent*. Isto mesmo fes Santa Catherina, que os sabios dominavaõ as estrellas disse o Poeta: *Sapiens dominabitur astris*; & hoje vemos em Alexandria huma Estrella, que domina sabios.

*Ter-
tul. de
Ido-
latr.
L. p.
285.*

§. VI.

22 **H**E Catherina S. hũa estrella por Antonomasia do Divino Sol; porque mais trofeos levãta só, que todas as estrellas juntas. Em hum esquadraõ formadas se jütaraõ as estrellas para pelejar contra hum tyranno chamado Sizara: *Stella*
ma-

L. Tu-
dic. 5.
p. 20.

manentes in ordine, & cursu suo adversus Sifaram pugnauerunt: illustre victoria a das estrellas; para vencer a hum, se uniraõ todas, & Santa Catherina sò, vence a tantos: hum exercito de estrellas se junta para vencer a Sifara, & para vencer de Sabios hum exercito Santa Catherina, sendo huma sò estrella, basta. Não sò he estrella sua do Divino Esposo Santa Catherina: *Stellam ejus*, porque lhe rendeo Sabios, mas tambem porque converteo Principes. A mesma Emperatris convencida da Sabedoria maravilhosa de Santa Catherina se reduzio à Fè de Christo. A estrella dos Magos não sò trouxe a Christo Sabios nos Magos, mas tambem trouxe Reis nos Sabios. A Alma Santa sendo Rainha trouxe a pos si esposas:

Psal. Astitit Regina adextris tuis. Trahe me, curremus,
44.
p. 10. Santa Catherina sendo
Cant. Esposa, trouxe a Deos Rai-
1. p. 4. inhas. Que muyto vença,

fabios, se he Santa Catherina huma luz do Ceo? Para reduzir hum homem tam sabio como era Saulo, veyo o mesmo Christo vestido de luz: dis o Texto, que cercara à Saulo huma luz do Ceo: *Circūfulsit eum lux de caelo*, ficou Paulo cercado, e logo ficou reduzido: *Domine, quid me vis facere?* Pois se he luz do Ceo, porque deixa a hum Sabio alumiado; que luz tanto do Ceo serà Santa Catherina, que a Deos offerrece a tãtos Sabios convertidos?

23 Como era muyto entendida, era muyto cõstante: nê a atemorizaram ameaças, nê os carceres, nem as rodas, nem os açoutes, & feridas: então he que nella como tam discreta se provava melhor a sua constancia; a hum escuro carcere mandou a tyrannia do Emperador Maximino q̄ fosse levada presa Catherina, mas cansou-se de balde o tyranno, porque como mayores fossem os laços, & mais

Aff.
Apost.
9. p. 3.

mais fortes as prisoens, com que a tinha presa o amor de seu Divino Esposo, nenhunas humanas forças foraõ poderosas para render a que desistisse da sua constancia à que era da Fè a mais firme columna; antes no meyo dessas prisoens ostentava de mais livre a sua horroica paciencia: ahi lhe assistiaõ Anjos trocando o tenebroso carcere em hũ paraíso resplandecente; ahi recebeo as consolações celestiaes em enchentes, ahi se vio mais mimosa, & regalada de seu Esposo Divino, cõmunicando-se com ella por meyo de huma Pomba, que não fò lhe trasia as cedulas de sua afeiçãõ amorosa, mas tambem o alimento de que se refasia. Oh singular mimo! oh favor raro, & nunca visto! Sò em duas occasiões se lè na Escritura Sagrada, que se haja valido Deos do ministerio das pombas: na serenidade do diluvio, no bautismo de Christo no Jordão,

Tom. V.

& que tambem se valera do mesmo ministerio no sustêto de Catherina quando reclusa no carcere, cõsta de varios Authores. Que para que chegue a inquietar a Deos esta ave, he necessario q̃ ou o Mũdo se alague, ou que Deos se bautize, ou que tenha Catherina necessidade. Sei eu que là a Elias, quando se vio faminto no deserto, bastou hum Corvo, que lhe trouxesse o sustento; porém para sustentar a Catherina, Pombas puras, & candidas hão de ser necessarias. Os Corvos costumão buscar os corpos mortos para seu alimento; as Pombas não buscão senão ramos floridos de Oliveyra, estas são as que hão de servir a hũa esposa de Christo a mais pura, & no padecer mais constante, qual he Catherina; tal era o cuidado de Deos, que com o ministro especial do Espirito Santo com Catherina se cõmunicava. Finja em bora a antiguidade, que huma

U Agua

Agua levava rayos a Jupiter , que huma Pomba mais gloriosamente os levava ao Esposo de Catherina; & isso como? nas cedulas de amor, com que se cōmunicava Christo com Catherina , & Catherina com Christo, quando delle a refeição recebia; & se a Pomba levava cedulas de amor , claro está que rayos levava a Deos.

24 Assim se vio Catherina por muyto firme, & constante no carcere, de seu celestial Esposo favorecida ; mas exasperado Maximino da firmesa da fê, & da constancia do animo, com que Catherina se portava, vendo que atrahida de sua rara Sabedoria se tinha já reduzido à Fê a Emperatris sua esposa, & Porfirio Capitão mór de sua guarda com outros muytos da sua Corte, cheyo todo de rayva, manda acender huma grande fogueira, & nella lançar aos novamente cōvertidos, para que à vista deste tormento se rendesse

Catherina a seus rogos: mas oh barbaro como te enganas: & como não haviaõ os incendios do material fogo perdoar a hũa Santa, que no coraçãõ trafia ateado outro fogo mais superior, & divino? Torna o barbaro tyranno com nova furia a instar, & ordena que se fabrique huma roda de agudas, & penetrantes navalhas, & nella se ponha aquelle espirito de vida, semelhante ao que là vio nas rodas do carro de Deos o Profeta Ezequiel. Nas rodas do carro de Deos triunfante dis Ezequiel que estava o Espirito de vida: *Et Spiritus vite erat in rotis*: vida na roda, & carro da gloria de Deos, que outra cousa foy, senão o glorioso triunfo, que nessa roda, em que a mandou pôr a crueldade, alcançou Catherina? Pois nessas mesmas rodas, em que o barbaro lhe pretêde multiplicar mortes, está Deos forjãdo a Catherina mais vidas: não permittio Deos que

Eze-
chiel.
I. v. 20

que em húa roda, em que a inconstancia se symboliza, morrese huma esposa sua ná constancia sem segunda, & na confissão da sua Fè a mais firme, ahi lhe assegura a vida, & em sua lisonja fas a roda em pedaços hum Anjo.

25 Não pode o horrivel tormento, que invêntou a tyrannia empenhada em huma roda de penetrantes navalhas, atemorizar o valor invencivel de Catherina, & chegaria a atemorisalla a crueldade dos golpes, & feridas que recebo em seu innocétissimo corpo? Não por certo: antes quanto mais ferido o corpo, mais constante o animo: multiplicavão-se os golpes, & intendia-se o amor. A esposa dos Cantares depois das feridas manifesta mais seu amor: *Dicite dilecto, quia amore langueo*: & pois que he isto? Atè alli não amava a seu querido a Esposa? Sim amava, mas agora estava o amor dobrado, porque estava o corpo

ferido. No ultimo, & mais calamitoso dia do Mundo, dis o historiador Sagrado que a Lua se verá cuberta de sangue, mas constante: Pois se então caem estrellas: *Stellæ cadent*, como persiste a Lua? Que o Sol não padeça abalos, por ser symbolo da constancia, bem está, mas que a Lua em persistir constante, ao Sol se iguale? Sim; huma Lua ensangoentada he hum Sol na constancia, & por isso tambem então será final do juiso: *Erunt signa in Sole, & Luna*. Que grande final do juiso em Santa Catherina he tanta constancia em tanta pena! Não he Santa Catherina sô Lua ensangoentada, & constãte, mas he hum Sol. A' voz de Josuè ficou o Sol parado, & constante: *Stetit itaque Sol*: à vista das armas, das mortes, & sangue derramado, então se prèsa o Sol de constante, & eu digo que Santa Catherina ainda excede ao Sol na constancia, por-

Luc.
21.
p. 15.

p. 12.

Cant.
5. v. 8.

Eccle-
fiast.
48. v.
26.

que o Sol perdeo o passo no paço del Rey Ezequias, tornando atrás no relogio de Acàs : *In diebus ipsius retrorediit Sol*; S. Catherina no paço he hũ relogio do Sol Divino, hum relogio movido cõ os pesos do amor : os relogios movẽ-se com rodas; a este tão apurado relogio nẽ as rodas das navalhas o puderãõ mover, porq̃ sempre esteve fixo no seu norte.

26 Offerece o Tyranno a Catherina coroas, & despresa-as. As outras rosfas tem a coroa como Rainhas das flores, tem a coroa sobre a purpura : esta Rosa de Alexandria mais estima a purpura que a coroa, a purpura de sangue, que a coroa imperial; & quando pifa, & despresa a coroa, conserva a palma de Virgẽ, & Martyr. Isto fazem os Anjos no

Apoc. 4. v. 10
Ceo : *Mittebant coronas suas, & palma in manibus eorum*: elles no Ceo, & Santa Catherina na terra: elles anciãos, & ella na flor da idade, & na idade

em flor. Mas por esta coroa lhe dà o Divino Esposo tres coroas : *Veni de Cant. Libano, veni, veni, coronaberis*: Virgem: *Veni*; Martyr: *Veni*; Doutora: *Veni*, dis o Divino Esposo. A receber estas coroas he levada Catherina dos Anjos com mayor applauso, & triunfo, que o Santo Lazaro: *Factum est, ut moretur mendicus, & portaretur ab Angelis*. A Christo promettia o Demonio que os Anjos o levariaõ nos braços, alludindo à promessa do Profeta: *Angelis suis mandavit de te, in manibus tollent te, &c.*

Luc.
16. v.
22.

Psal.
90. v.

Mas o que o Demonio prometteo a Christo com huma palliada cortesia, quis Christo que se comprisse em Catherina sua muy querida esposa por verdadeiro lanço de sua finesa; porque em braços, & hõbros Angelicos dispos o Senhor que fosse levado o purissimo corpo de Catherina depois de morto, para no monte Sinaay se enterrar em hum mais

mais lufido, & honorifico tumulo; & naõ he muyto, que a quem em vida ferviraõ Anjos, & que no carcere a visitaraõ, & tiveraõ com todo o regalo muyto mimosa, tambem na morte se viffe de Anjos fervida, & que estes lhe fizessem na sua sepultura huma muy obsequiosa, & corte saniffima assistencia. Ou fenaõ digamos, que atè depois de morta se mostrara Catherina no enterro de feu corpo muy recatada, naõ consentindo que mãos de homens o tocassẽ, mas que sò de mãos de Anjos o fiava para mayor credito, & abono de sua pureza. A alguns Santos sey eu que por grande favor enterraraõ. feras, & Leões bravos, como a Santo Antão Abade, porẽm para se enterrar Catherina, & para se lhe fazerem effes funeraes, & devidos obsequios, mãos de puriffimos Anjos se guardaõ, Anjos lhe fizeraõ as ultimas horas, lhe solennizaraõ as

Tom. V.

exequias, & levantaraõ sumptuosas pyramides, & magnificos mausoleos sobre todos os que a fama venerou em todo o Egypto por mais celebres.

27 Todos effes celestiaes Espiritos se mostraraõ em honrarem o corpo de Catherina já morto cõ reverentes respeytos muy obsequiosos; & todos de a verem ir subindo do deserto deste Mundo enriquecida de virtudes, & merecimẽtos para o Ceo, rompiaõ admirados nestas vozes: *Quæ est ista quæ ascendit per desertum deliciaj affluens?* Que alma he esta tam prefada, que com o rico, & brilhante anel, que por prenda de seu amor lhe meteo no dedo Christo seu Esposo Divino na celebridade dos seus desposorios, nos quaes teve por madrinha a mesma Mãy de feu querido Esposo, Maria Augustiffima, sobe tam ayrosa, & lustrosamente adornada para o Emphyreo? Mas não se admirem já as Intelligen-

Cãtic.
8. v. 5.

U iij cias

cias Angelicas, declarem que esta he sem duvida Catherina, molher com todas as mais sem igualdade, & sò a Varões na virtude mais agigantados semelhante: no molde de cuja maravilhosa fabrica parece que errou a fortuna, ou se equivocou a natureza; porque tam heroyca, & sobida prenda hum varonil animo, & hum masculino esforço estava pedindo, para que se ajustasse o sexo ao valor de hum Apostolo em o zelo da Fè mais ardente, ao juiso de hum Doutor, & Mestre na sabedoria mais insigne, ao alento de hum Martyr em a fortaleza mais constante. Esta he Catherina, a quem para admiralla por affombro, contemplou o Múdo aos dezoyto annos de sua idade nas perfeições, & dotes da graça muy excellente, & felicissima ao humano, & ao Divino: esta he Catherina, nas sciencias tam superiormente illustrada,

que sem prejuiso da Fè se pòde appellidar Deosa da Sabedoria; que já por isso na sua mão lhe poem a Igreja a espada, que he de Paulo Doutor das Gentes a insignia; porque se os fiõs de huma, & outra espada se banhãraõ em sangue contra a gentilica ignorancia, tambem se banhãraõ em leyte, que da garganta de Paulo, & de Catherina copiosamēte corra, deixando aberta hũa via lactea de estrellas para o Ceo; & dà a Igreja a Catherina as mesmas armas do mayor Mestre, que teve a Religiaõ Catholica, para que se conheça que sò Paulo, & Catherina foraõ os que à força de sua Sabedoria, & eloquência mayor numero de almas converteraõ, bastando sò a espada de Paulo, & a espada de Catherina, para que com estas duas poderosas armas dos inimigos da Fè a Igreja triunfe, & se veja seguramēte defendida. Esta he Catherina, de quem com não

Judith
11.v.
19.

menor fundamento pôde todo o Mundo afirmar o q̄ là de Judith o barbaro Holofernes chegou a dizer: *Non est talis mulier super terrã in aspectu, & pulchritudine, & sensu verborum*: não ha no Universo molher alguma, nem mais fermosa, nem mais discreta, nem mais fabia, nem que na valentia tenha cõ esta competencia; molher foy Catherina tam generosa, & tam Sabia, que não fõ despedio copiosa luz alimentada do oleo da sua Sabedoria, com que alumiou em vida a infinitos cegos, & ignorantes, para que abraçassem a Fè, & se apartassem de seus erros, mas atè hoje depois da sua morte està manando milagroso oleo, & licor faudavel de seu corpo purissimo, com que ardem, & se acendem todas as lampadas que servem de lufido adorno a seu sepulchro, & com que cobraõ innumeraveis enfermos perfeyta faude; para que entendaõ os Catholicos

seus devotos, que ainda hoje là da Gloria alumia, & ensina a que se valhaõ da sua intercessão, & implorem o seu patrocínio os que quizerem saber, & desejarem sabendo acertar, no que para remedio corporal, & espiritual de sua alma mais lhe importa. Ora Catherina Gloriosissima, & prudentissima Virgem, reparati com nõs todos desse Oleo sagrado, que destilla vosso castissimo corpo, & das luzes, & celestiaes resplandores, de que se banna o precioso crystal de vossa alma, para que à sombra de vossa intercessão soberana nos anime-mos a desprezar como discrerros o caduco pelo permanente, o temporal pelo eterno, os bens, regalos, & honras do Mundo pelos alivios, riquezas, & felicidades do Ceo, que se conseguem com graça, & se eternizaõ com gloria: *Ad quam, & c.*



SERMAO UNDECIMO

DA

TERCEYRA QUARTA FEYRA

DA

QUARESMA

PRE'GADO NA CAPPELLA REAL

Anno de 1709.

AVE MARIA.

Nescitis quid petatis. Matth. 20.

MUYTO ALTOS, E MUYTO PODEROSOS
Reys, & Senhores Noffos.

I



UANDO Christo revelava já aos Discipulos a morte q̄ havia de padecer no Calva-

rio', então he que vem huma desvelada, & ansiosa Mãe a pedirlhe para seus dous filhos as duas melhores cadeyras do seu reyno : *Dic ut sedeant hi duo*

duo filij mei in regno Patris tui. Indiscreta supplica, por mais que alguns quizessem acreditar de fina: porque a occasião de padecer he tempo muy fóra de tempo para pedir: que no tempo, em que Christo tratava das suas penas, nesse mesmo cheguem elles a tratar das suas honras? Que no tempo, em que Christo se recordava do seu tormento, se lembrem elles do seu defcanço? Que quando Christo falla dos opprobrios da sua Crus com tanta lastima, então pretendaõ elles o subir às cadeiras, para nelles lusirem, com tanta ansia? Que quando està Christo tam proximo a morrer, então solícitem elles com tâta ambição o mandar? Indisculpavel ignorancia. Com rendimento supplica a Mãe, como sua melhor valia, & intercessora, & cõ toda a humildade, & cortesia as rasoens do requerimento dos seus dous filhos representa, & com

tudo não consegue o despacho, porque no memorial que a Christo propòs, perdeu de todo o tino. Sem offerecer nenhuns titulos, ou serviços, se resolve esta matrona a pedir para seus filhos os melhores postos; & pedir postos sem apprefetar titulos, ou merecimentos, he propriamente pedir sem nenhim titulo o posto: venhaõ cadeiras, exclama a maternal cegueyra, & que rasoã para isso allega? Allega que saõ seus filhos: *Duo filij mei*; como fenaõ ouvera mais forçoso titulo para pedir, que o do sangue com que se chegãraõ a ennobrecer; que nõca faltão merecimentos, aonde ha hum tam chegado parentesco, & em quem tem o affecto por arrimo. Bem fey, que afsãs esforçava este memorial ao tribunal do seculo, a que se lhe deferisse com huma rasoã tam forçosa, porèm no tribunal do Ceo sahio essa rasoã desprezada, & Christo a censurou de

de rude ignorancia. *Nescitis quid petatis.* Enfim mostrar os principios por onde esta matrona na supplica que fes hoje a Christo, andou desacertada, ha de ser todo o desvelo do meu desempenho; & todos elles acharemos com toda a claresa patentes na luz do Evangelho. Perdeo hoje a nossa pretendente o tino, em a Christo adorar para pedir, & não para offerecer: *Accessit adorans, & petens.* Perdeo o tino em querer que seus filhos tivessem assento, & descanso em hum Múdo, em que tudo he trabalho, & hum continuo desafocogo: *Dic ut sedeant.* Perdeo o tino em cuidar que nos bens, & felicidades deste Mundo pòde haver communicativa pluralidade: *Hi duo filij mei.* Perdeo finalmente o tino em se persuadir que a nativa nobresa de seus filhos, de Christo tam parentes como seus primos, & por isso delle os mais mimosos, era bastante titulo para

conseguirem os postos que desejavão mais subidos, sem que allegassem outros serviços, & merecimentos: *Unus ad dexteram, & unus ad sinistram in regno.* E como cahio nestes quatro erros faltos de experiencia, por isso Christo avaliou a sua supplica por nescia: *Nescitis quid petatis.* Razaõ serà pois que recolha o Sermão dos quatro erros da pretendente do Evangelho quatro acertos, discursando sobre cada hum delles cõ o acerto, que se requiere em pontos de tanta importancia.

§. I.

O Primeyro erro, em que cahio a pretendente do Evangelho, foy em que levada do seu interesse, & esquecida da nobresa de seu sangue, se chegou a Christo, adorando-o, não para lhe offerecer, mas para

para lhe pedir : *Accessit ad eum ... adorans, & petens aliquid ab eo*, porque com esta adoração fundada só na esperança de cõseguir o que pretendia, expos o nobilissimo parentesco que tinha cõ Christo, a que ficasse com a nota de interesseyro menos ayroso, & o seu requerimento fosse avaliado por indiscreto : *Nescitis quid petatis*. Quando os tres Orientaes Principes vierão de regiões tam remotas a buscar ao Menino Deos nacido na lapinha de Belem, dis S. Mattheus que à adoração, que lhe fiserão humildemente prostrados, se seguio o offereceremlhe liberalmente seus donativos : *Proci dentes adoraverunt eum, & aperitis thesauris suis obtulerunt ei munera*; mas se o generoso desinteresse, com que estes tres Reys adoraraõ ao bello Infãte, foy de serem fabios, & illustres o mais evidente argumento, o adorar pedindo, & declarando seu

interesse ambicioso, como hoje declarou a mãy dos Zebedeos, he do ser mais inferior, & humilde hum manifesto testemunho. Essa grande differença considero eu que costuma haver, entre os que chegaõ a adorar, & he esta: que huns, & são os mais, se a alguém dobraõ o joelho, logo estendem a mão, & fazem do obsequio preço, do que lhe pedem: outros, & são os menos, tomão por premio de sua adoração o offerecimento que lhe fazem, de modo que os mais adoraõ, & pedem; os menos adoraõ, & offercem: os que a algum fugeito adoraõ, & pedem, tomão por objecto de sua adoração seu interesse: os que adoraõ, & offercem, tem por objecto de seu rendimento a pessoa do adorador: adorar o interesse, he dos que tem o nacimiento mais humilde, & por isso são os mais: adorar a pessoa he só dos que são mais altos no sangue, & levam-

levantados nos postos, & por esta causa saõ os menos.

3 Já premedito que teraõ muytos dos que me ouvem advertido naquelles dous sonhos, que teve Joseph, o que depois veyo a ser Viso Rey do Egypto, ambos mysteriosos, & bem sabidos ambos. No primeyro vio que levantando-se hũa pavea enigmatica representaçã do mesmo Joseph, recebia adorações de nove paveas, allegoria mysteriosa de seus Irmãos: *Putabam nos* ligare manipulos in agro, & quasi consurgere manipulũ meum, & stare, vestrosque manipulos circumstantes adorare manipulum meum. No segundo vio que o Sol, a Lua, & as Estrellas, como esquecendo-se da sua fidalguia, o adoravãõ: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & stellas undecim adorare me;* não advertem, digo, na grande diversidade, que ha nestes dous sonhos? De forte, que as paveas ado-

Genes.
37.º.
7.

ravãõ a pavea: *Vestrosque manipulos adorare manipulum meum,* & o Sol, a Lua, & as Estrellas adoravãõ a Joseph: *Solẽ, & Lunã, & stellas undecim adorare me?* Pois se no primeyro sonho se fazia a adoração de pavea, a pavea no segũdo porq̃ senaõ fãria de estrella à estrella? Sabem porq̃? Porque isso he ser estrella, ou ser pavea; a pavea he filha das hervas, criada no cãpo, & quem teve hum tam humilde nascimento, a quem esperavamos que adorasse, senaõ a outra pavea, de quem esperava o sustento, que esta foy a verdade do sonho: as estrellas como tam altas no nascimento, & levantadas no posto, furtando as luzes ao interresse, sò as rendiaõ à pessoa de Joseph: *Vidi per somnium stellas undecim adorare me;* de modo que esta differença bem notavel tiverãõ os Irmãos de Joseph considerados como paveas, ou representados como estrellas: como

mo paveas eraõ homens rusticos , por isso adora-
vão o paõ , como estrellas
eraõ homens nobres , por
isso adoravão a pessoa: não
adoraõ as paveas a Joseph,
adoraõ o paõ de Joseph;
em quanto cheas, vellaf-
hemos inclinadas , senão
tiverem os olhos occupa-
dos com o graõ de trigo,
logo as veremos muy di-
reytas; mas não he isto de
admirar em huma pavea,
porque sua rusticidade es-
cusa sua grosseria, em hũa
estrella fim, que sendo ge-
roglifico da fidalguia, fo-
ra abatimento grande de
sua nobresa inclinar a ma-
gestade de suas luzes ao
interesse. Sendo pois hu-
ma adoração desinteref-
sada o testemunho mais
authentico da nobresa do
sangue, & alteza do posto,
bem se infere que a que se
faz por dependência, a no-
bresa que herdara, avilita,
& com o desdouro do in-
teresse, com que fica pou-
co lustrosa, incorre a cen-
sura de nescia : *Nescitis
quid petatis.*

§. II.

4 **E**M adorar a mãy
dos Zebedeos não
a pessoa de Christo, mas o
interesse do despacho, que
esperava receber de Chri-
sto o seu requerimento,
cahio em hũ grande erro;
& também perdeu o tino, em
querer que seus filhos es-
tivessem logrando neste
Mundo os melhores lu-
gares sentados, & ociosos:
Dic ut sedeant, sem adver-
tir que neste Mundo não
põde haver assento, nem
descanço, porque he hum
globo, em que se experi-
menta a inconstancia, co-
mo em seu centro. Aquel-
la palavra *sedeant*, denota
socego, & quietação; & o
Mundo em nada he quie-
tação, em tudo he movi-
mento: os favos, & docu-
ras deste Mundo, dis San-
to Agostinho, são muy as-
peras: *Mella tua, & dulce-
do tua asperitatem habent,*
os prazeres são falsos: *ju-
cundi-*

*Sanct.
Aug.
ad Fra-
tres in
Ere-
mo
Serm.
31,*

cunctitatem falsam: as dores certas: *dolorem certū*: os descansos timidos: *quietem timidam*: os trabalhos duros: *laborem durum*; mal pôde logo dar-se no Mundo quietação focogada, se todo he perturbação continua. Pergunta Pilatos a Christo: Vós sois Rey? *Tu es Rex Iudæorum*? Responde Christo: O meu reyno não he reyno deste Mundo: *Regnum meum non est de hoc mundo*; & porque não he deste Mundo o reyno de Christo? Eu o digo: porque o reyno deste Mundo dis movimento, & movimento deste para aquelle lugar, & o reyno de Christo, dis Santo Agostinho, he hum eterno ocio, he hum descansado negocio: *otiorum negotium*, huma eterna vacancia: *opus vacantium*, huma acção quieta: *actio quietorum*: huma advertencia segura; *cura securā*; & como tam incomparaveis attributos sō se achão no reyno de Christo, que he o reyno do ou-

Ican.
18.v.
36.

tro Mundo, toda a velocidade do reyno temporal deste Mundo, não pôde conservar-se por quietação, sō pôde variar-se por movimento: *Regnum meū non est hinc*. Neste Mundo estava Christo, mas já por resuscitado pertencia ao outro Mundo; & perguntando os Anjos às Marias quem buscavão: *Jesum quem queritis Nasarenum, crucifixum*, remataraõ, que tinha resuscitado: *surrexit*, & que não estava allí: *non est hic*: esta oração: não está aqui: ou parecerá a mesma com esta: *surrexit*, ou parecerá superflua, & nada disso tem, antes tem huma rara grossa, & he esta: resuscitou Christo, & não está aqui; porque como o resuscitado em gloria pertence ao venturoso logro do outro Mundo, não reyna neste, nem está aqui: *Non est hic*.

5 Com firmeza, & muyto de assento desejava a pretendente do Evangelho que lograssem seus filhos os lugares mais subidos

bidos no reyno temporal deste Múdo, & foy grande o seu erro, porque que firmesa pôde esperar no throno o que aspira incōsiderado à dignidade, & posto sublime? A quem a fortuna levantou neste Mundo ao mayor posto com toda a bonança, bem pôde aparelharse para soffrer logo a mayor desgraça; porque não hã mais certo antecedente para inferir a prestesa de hũa ruina, que o sublime de huma prosperidade. Foy levado ao paço de Faraõ Joseph do Egipto, por lhe levar este por suas prendas, & por seus talentos àquelle Principc todo o agãado, mas logo que Faraõ com elle repartio todo o governo do seu Imperio, adverte o Sagrado Texto que por decreto do mesmo Rey lhe cortãraõ a Joseph o cabello:

Genes. Protinus ad Regis imperium, eductum de carcere Joseph totenderunt. Ha mais notavel resoluçãõ? Bem sey não faltou quem

dicesse que se julgãra por indecencia que apparecesse Joseph com a cabeça cuberta de bem penteadas madeyxas, sêdo hum ministro supremo: porque se as cabelleyras no sexo feminino podem servir á artificiosa gentileza de ornato, nos homens que occupaõ postos mayores, & saõ da republica os reformadores, podem tal ves occasionar com ellas alguma materia de escandalo; emfim a Joseph lhe cortãraõ o cabello, quando houve de ser ao posto mayor levantado, & isso porque motivo? Lembra-me a mim que là cortara Job as gadelhas, quando se vio feyto o alvo mayor das desgraças: *Tonso capite corruens in terram adoravit*: pois se cortar Job o cabello he final evidente de estar prostrado por terra, objecto do mayor infortunio, como se corta o cabello també a Joseph, quando sobe com tanta felicidade ao throno? Por isso mesmo: sobe Joseph

como

como grãde ao throno, & està o lufir na mayor grãdefa tam perto de acabar com a mayor queda, que fas Joseph as mesmas diligencias, quando a fortuna se lhe mostra mais aprafivel, & risonha, do que fes Job, quando o perseguiu, degenerando de mãem madrafta. Iguaes andão nas diligencias Job, & Joseph, ainda que pareçaõ muy defiguaes nas fortunas; porque tanto ha mifter prevenirse Joseph para a cahida, quando se vê collocado na mayor altura, que Job quando se acha abatido à mayor desgraça. Oh se entêdessem bem este ponto os mais ambiciosos das grandefas do Mũdo! nada lhes parece mais solido, & firme que o sublime, sendo que nada ha no Mundo mais arrifcado: todo o lufir vive muy perto de acabar.

6 Essa tem duvida de ve fer a cabal rafaõ, porque elegêdo Deos à Araõ para Summo Sacerdote, & a Saul para o primeyro

Rey do feu povo, ao mesmo tempo em que ambos para effas duas dignidades tam sublimes foraõ eleytos, mandou o Senhor aparelhar o oleo, com que haviaõ de ser logo ungidos: *Aaron, & filios ejus unges. Tulit Samuel lenticulam olei, & effudit super cagut ejus: & pois já* agora a unçaõ a estes dous Principes logo no principio do feu governo? Sim, dis São Gregorio, que se viraõ Araõ, & Saul à altura da dignidade mayor promovidos, & o mesmo foy levãtallos Deos a essa superior eminencia, que darlhe logo o Sacramento da Unçaõ, para avifallos do perigo da queda: *Hoc profecto hac unctioe exprimitur ... quod qui in culmine ponitur*, são palavras do Grande Padre, & Pontifice da Igreja, *Sacramentum suscipit unctio-* nis. Quis Deos que Araõ, & Saul se vissem ungidos, quando foraõ à dignidade mayor elevados, para que logo se persuadissem

Exod.

30 v.

30.

1. Reg

10 v.

1.

S.ão.

Grego.

P. L. 4

c. 5.

Sa- de Ex

pos. in

1. Reg

cap. 1.

10.

na pressa de moribundos, porque a quem o vento prospero desta, que os homens chamão fortuna, levantou de huma a outra maior eminencia, bem se pòde prevenir logo para a cahida. Assim o experimentou Methioco, como dis Plutarco, entre os Athenienses, o qual depois de occupar os primeyros postos da sua Republica, se vio de estranhas calamidades opprimido; daquellas premissas não se podiaõ seguir outras consequencias: os mesmos degraos da prosperidade se transformão em lanças para receber em suas agudas pontas despenhado ao que subio por ellas ambicioso; logo se neste Mundo não ha lugar grande, nem posto sublime, que seja solido, & que senão veja a quedas exposto, cõ rafaõ foy avaliada por ignorancia a supplica que fes a Christo a pretendente do Evangelho, dos melhores lugares do seu temporal reyno, persuadindo.

Tom. V.

se, que nelles haveria firmeza: *Dic ut sedeant. Asciscitis quid petatis.*

§. III.

7 **P**erdeo o tino a mãy dos Zebedeos em cuidar que nas honras deste Mundo, que pedia a Christo para seus filhos, podia haver firme estancia: *Dic ut sedeant,* & perdeu o tino em pedir a Christo felicidades no numero plural: *Hi duo filij mei, unus ad dexteram, unus ad sinistram;* julgando que no Mundo podia haver felicidades, que abrangessem no mesuo tempo a dcus. O Mundo he em repartir felicidades tam escasso, que mal as concede a huns, sem que as usurpe a outros. Com visos reaes de magestade conta São Lucas que se achãrão là no Thabor Moyses, & Elias: *Erant autem Moyses, & Elias visi in maiestate,* & tambem se achãrão

Mat.
th. 17.
p. 6.

X

ao

ao mesmo tempo, & no mesmo lugar Pedro, Diogo, & João em queda errate: *Ceciderunt in faciem suam*. Pasmosa circumstancia na verdade, & digna por certo de todo o reparo! dous levantados, & tres cahidos? Sim, muy moralmente Seneca; porque a felicidade do Mundo tem tam apertada a mão, & tam coartada a esfera, que raramente dá o Mundo huma boa hora a hum, que a não dê muy mã a outros: *Bona nemini est hora, si non alicui sit mala*. Muy mã pareceria a hora, aos que cahirão, no tempo da queda: *Ceciderunt*; mas muy traslufida foy para os que realçaraõ no tẽpo da fortuna: *Moyfes, & Elias visi in maiestate*. A Pedro lhe veyo à bocca esta verdade, quando pedio a Christo que se lavrassem cadeiras para si, para Moyses, & Elias: *Tibi unum, Moysi unum, & Eliae unum*; & porque não estẽdeo a pratica das cadeiras para Pedro, para Diogo, &

para João? Donde em Pedro tãta escassesa? Respõdo, que com grande acerto, notem: a escassesa tem o seu principio na curta esfera da terra: quis a terra dar tres thronos: a Christo, a Moyses, a Elias: *Tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Eliae unum*, & tres enthronizados hão de suppor a tres sem throno: Pedro, Diogo, & João hão de ficar cahidos, para que o Mundo possa levantar a Christo, a Moyses, & Elias a enthronizados. Para herdar o filho, ha de morrer o pay; para que fuba o amigo, he força que desça o benemerito; para que hum occupe o cargo honroso, he necessario que outro seja delle de posto. Avarento successo! miserima successão! errou logo hoje a pretendente do Evangelho em querer estender a felicidade do Mundo do singular para o plural: *Hi duo filij mei: nescitis quid petatis*.

8 O outro erro, em que cahio hoje a mã dos Zebe-

Luc.
9.
30.

Mat.
23.
17.
24.

Zebedeos, & a fes perder o tino, foy em querer enganada de feu affecto, & se allegar outros merecimentos, q̄ os dous filhos, a que amava mais q̄ a si mesma, levase por força do parentesco tam chegado que tinham com Christo, os lugares mais superiores do feu reyno, *unus ad dexteram, unus ad sinistram in regno tuo*, persuadindo-se sem duvida que bastava a ração do sangue, & a de hum intimo affecto, para que logo se deferisse ao feu requerimento; mas não sahio a seu gosto o despacho, antes foy o requerimento avaliado por indiscreto; porque se nas Cortes do Mundo se prefere o parentesco, & o affecto aos merecimentos, na Corte do Ceo não se dão as honras, & os postos aos mais parentes, & amados, senão aos mais benemeritos: *Excusanda est mater*, dis aqui o Doutissimo P. Cornelio Alapide, *quod jure cognationis a Christo cognato suo id pos-*

tulet pro filijs, quos ut se, imò pliusquam se diligebat; existimabat enim, accre-
ta eruditamente o Grande Expositor, regnum hoc petentibus jure sanguinis dari, cum non detur nisi merentibus, & certantibus.

Alapide.
bico.

Essa he a differença que ha no modo, com que as honras do Mundo se alcãção, & o modo com que as honras do Ceo se merecem, & a differença he esta, q̄ para merecer a dignidade, & huma grande honra no Mundo, basta pela mayor parte que o sangue vos corra pelas veas, mas para merecer hũa grande honra no Ceo, he necessario que vos corra das veas o sangue: no Mundo para subir a qualquer lugar authorizado, prevalece tanto contra os merecimentos o affecto, que o que tiver huma vea por onde toque ao coração, ainda que mereça nada, terá tudo.

9 Não podia levar Tertuliano em paciencia; Ter-
naquelle seu livro que es- *tulian;*

creve de habitu mulierū, huma manifesta injustiça que se faz cada dia aos dedos da mão. De cinco dedos que temos em cada huma das mãos, nenhum trabalha menos, & nenhū he para menos que o dedo anular, & com tudo isso dis o Grande Africano que o anel do mais luzido diamante, ou da mais viva saffira, sò a este dedo se costuma dar: *Tantum gemmatum habet, quod gemmatum esse non debet.* Hã tal injustiça, & hã tal sem rasão? que sendo os mais dedos para mais, se lhe dè menos, & q̄ sendo o dedo anular para menos, se lhe dè mais! qual serà a causa desta desigualdade? Os Anatomistas a darão. Dizem os que profeção a arte da Anatomia, que o dedo anular tem huma vea, por onde se comunica com o coração: não nos cancelmos logo em buscar outra causa: tem vea por onde se comunica com o coração, isso basta para levar tudo, ainda que não mere-

ça nada: *Gemmatum habet, quod gemmatum esse non debet;* tenham paciencia os mais dedos, pois não quis sua ventura dar-lhe semelhante vea; não duvido que sejam os que mereção mais, mas tambem tenho por certo que andarão os menos autorizados; & sendo ordinariamente ou o sangue, ou a affeyção o merecimento mayor para os postos, & dignidades q̄ costuma dar o Mundo, já està patente a rasão, que teve Christo, para não deferir hoje aos dous pretendentes do Evangelho, os quaes, como aspiravaõ aos melhores lugares do reyno de Christo, de que ainda não eraõ merecedores, não quis o Senhor que ficasse menoscabado o seu credito, se o despacho da sua supplica se houvesse de attribuir ao parêtesco, ou ao affecto, & não ao merecimento: faltou o Divino Mestre ao carinho proprio, por attalhar ao conceyto dos seus dous Discipulos o menor desdouro.

§. IV.

io **G**Rande he o
deslustre, que resulta a hũ
pretendente de se presu-
mir que o levantara ao
posto, ou a dita da amisa-
de, ou o privilegio do sã-
gue, & não a virtude do
merecimento: dizerse de
hum fogeito, que o que
lhe faltou de merecimen-
to, lhe supprio, para levar
a dignidade, a vêtura, não
he seguro: fica o credito
arriscado a que senão a-
valie por benemerito, &
atè o respeyto que era de-
vido à pessoa se acha de-
minuido. Tornemos à
quelles dous sonhos de
Joseph, que já pondera-
mos, & nestes dous so-
nhos, dos quaes hum não
passava da terra, & o ou-
tro respeytava todo ao
Ceo, acho eu hũa muy no-
tavel differença, & he, que
no do Ceo dis Joseph, que
o Sol, a Lua, & as estrellas

Tom. V.

lhe adoravão a sua pessoa:
Vidi por somnium quasi So-
lem; & stellas undecim a-
dorare me; & no da terra
declara que onze paveas
adoravão à sua pavea: *Put-*
tabam nos ligare manipu-
los in agro, vestrosque mani-
pulos adorare manipulum
meum. Bem sey não fal-
tou quem dicesse que a
causa desta differença fo-
ra, porque no Ceo respey-
ta-se cada hum pelo que
he, & na terra sò quem
tem mais, esse he o que
mais se respeyta; porèm
sendo as estrellas symbo-
lo das venturas, & enten-
dendo Santo Agostinho
pelos manipulos os mere-
cimentos, eu venho a cuy-
dar que não fiserá Joseph
menção de que tinha es-
trela entre as estrellas, &
sò declarara q̄ tinha ma-
yor manipulo entre os ma-
nipulos; porq̄ como que-
ria assegurar o respeyto,
que era devido ao seu cre-
dito, do qual era tam a-
mante, não quis dizerse
respeytado por venturo-
so, declarou-se sim venera-
do

Xij

do

do por benemerito : ser preferido por ser mais ditoso , não he seguro ; ser preferido por ser mais benemerito , não tem nada de arriscado. Em seu mesmo ser teve Lucifer a mayor estrella, & a menor segurança : vio-se mais derubado , quando entre as Jerarquias Angelicas se conheceo mais preferido, mas que muyto , se tendo ser de estrella , era ter o ser de ventura : arriscado estaria Lucifer no Ceo, & ainda em seus riscos não perigaria Christo; porque Lucifer no ser da ventura he que estribava o merecimento, & Christo sò nos merecimentos propios he que fes assento com a mayor segurança.

II Tanto como isto asseguraõ os merecimentos a estimaçaõ, & o credito daquelles, que para occuparem os postos , & as mayores dignidades, são benemeritos, que não necessita que se interponha o affecto para as alcançar, quem por suas prendas as

chegou a merecer, porque atè nos fogeitos mais preda dos fas o affecto suspeyto ao merecimento. Eu reparo com São Jeronymo em que havêdo Christo de dar a hum dos doze Apostolos a primasia de sua Igreja, a dèsse antes a São Pedro, que ao Evangelista mimoso, sendo que melhor parece que assentava esta dignidade tam sublime, esta mais levantada honra em São Joaõ, do q̄ em São Pedro; porque São Joaõ era de Christo o amante mais chegado, o discipulo mais das portas a dentro do seu coraçãõ, & o que mais se regalava em seu peyto; pois se por tantos titulos devia São Joaõ ser o escolhido para a cadeyra do Pontificado, porque outro Apostolo, & não São Joaõ, ha de ser para ella o admittido? Seria, porque São Joaõ era ainda Joven, a quem faltavãõ por seus poucos annos as experiencias, & não era justo que para o governo se anteposse a

moci.

mocidade à velhice, que às cans, & à ancianidade dos demais se viſſe a menor idade tam preferida? Bem pôde ſer, que eſſa foſſe a rafaõ, mas eu fundado na authoridade de Saõ Jeronymo, creyo que fora, por não faſer Chriſto envejado, a quem defejava favorecido, dando occaſiaõ a que ſe preſumiffe, que o amor de Meſtre, & não os merecimentos de diſcipulo, o haviaõ ſublímado ao poſto, ſem que excedeſſe aos mais no merecimento; que fora eſcolhido para a dignidade de Pontifice, porque era entre todos o mais mimoflo, & não porque foſſe entre todos o mais benemérito: aſſim o ajuifou com toda a delicadeſa o Doutor Betlemico: *Cur non Joannes electus eſt virgo? Pergüta o Grande Padre, & responde: etati delatum eſt, quia Petrus ſenior erat, ne adhuc adoleſcens, ac penè puer progreſſe etatis hominibus præferretur, & magiſter bonus, qui occaſio-*

nem jurgij debuerat auferre diſcipulis ... continúa o meſmo Santo, *in adoleſcente, quem dilexerat, cauſam præbere videretur inuidiæ.* E ſe tam expoſta como iſto eſtã a eleyçaõ, que ſe fas no Mundo de ſogeitos, em que intervem a rafaõ do ſangue para os cargos, a ſe ſuspeytar, que nelles ſe antepoem ao merecimento o affecto humano, para Chriſto cortar o paſſo a todas eſſas ſuspeytas, nega aos dous Diſcipulos as cadeyras pretẽdidas, tratando a ſupplica de indiscreta; porque ſe nos palacios humanos não ha mais merecimento, que o arrimo no parenteſco, & no affecto, nos divinos, não ha mais arrimo, que o merecimento: *Nescitis quid petatis.*

S Hie
ron.
tom.
2. l. I.
ad-
ver, ùs
Iovinian.

S. V. **P**ERDEO finalmente o tino nas honras, nas dignidades, & valimentos que pedia a Chriſto para ſeus filhos

filhos a pretendente do Evangelho, porque não se podendo esperar do logro desses postos, & valimentos, a que aspirava a sua ansia, mais que penalidades, & martyrios, se resolveo a pretendellos, sem advertir, que no Mundo não ha posto, que não seja para quem o occupa hũa morte, que não ha valimento, a que não ande avinculada huma crus. No Evangelho temos aprova. Validos no Reyno téporal de Christo procuravão ser estes dous pretendentes, & por isso cada hum queria ter sua cadeyra não menos, q̃ à mão direyta, & esquerda do Principe: *Unus ad dexteram, & alter ad sinistram*, para que sô a elles chegasssem as merces, & beneficios da sua mão; mas notem a mysteriosa pergunta que Christo lhes fes: *Poteskis bibere calicē, quem ego bibiturus sum?* Perguntoulhes se poderiaõ beber o caliz da payxão, se poderiaõ morrer em huma Crus? E

pois valhame Deos: elles pedem valimento no paço, & Christo offerecelhe os rigores de hum lenho? Sim, que o mesmo he fer valido, que fer crucificado, o mesmo he sobir a postos altos, que sobir a hũa cruz. Vejamolo ainda com mayor evidencia em huma visaõ, que nos extasis da Ilha de Patmos teve o Evangelista Aguia. Abrio-se antigamente o Ceo ao Evangelista mimoso, & vio nelle a hum Cordeyro soberanamente assistido de gravissimos anciãos, que reverentes o cortejavão, já com respeytosas adorações, já com repetidos vivas, & applausos devidos às suas divinas perfeições: *Vidi, & Apoc. ecce in medio throni agnũ 5. stantem tamquam occisum.* mas eu reparo em que o Cordeyro estivesse agonizando como morto, & que os anciãos se achassem vivos: notavel visaõ por certo! o Cordeyro na flor dos annos sem vida, & velhos no outono da idade sem ella?

ella ? Que quer isto dizer ? O' não vem que o Cordeyro estava em trono: *Ecce in medio throni*, que o Cordeyro mandava, & que os anciãos obedecião, que o Cordeyro estava em lugar sublime, & os anciãos em posto mais humilhado; não busquemos logo outra causa, para que elles apparecessim vivos, & o Cordeyro se divisasse morto: a dignidade para quem a logra he morte: *Agnus stantem tamquam occisum*. Mas advirtaõ, que para levarem bem essa morte, não lhe faltaraõ aos dous pretendentes do Evangelho os alentos, animosamente responde-raõ que tinhaõ forças bastãtes para supportarem as durezas dessa Crus: *Possumus*; & aqui entendo eu que acertaraõ, onde os mais de nós commummẽte erramos, pois a tudo o que pertence para o bem espirital de nossa alma, & da nossa salvaçãõ, costumamos dizer, que não podemos: *Non possumus*.

Se persuadimos ao soberbo a que a bata os fumos à sua presunçãõ, & sofra o abatimento proprio, responde que não pôde: *Non possumus*: se exhortamos ao vingativo a que perdoe o aggravo recebido, & queyra bem a quem o persegue, responde que não pôde: *Non possumus*: se ao torpe lhe intimãõ q̃ deyxer o trato profano, em que escandalosamẽte persevera ha tanto tempo, porque se delle senaõ aparta, se perderà sem remedio, responde que não pôde: *Non possumus*: se ao avarento lhe pregaõ que reparta com o pobre das riquezas que possui, ou ao menos que pague aos acredores o muyto que lhe deve, responde que não pôde: *Non possumus*: se ao mimoso lhe lembraõ que tempere a demasia de seus appetites, & se affeyçoe à parcimonia, tratando de viver em mortificaçãõ, & asperesa devida, para assegurar a eterna, responde que não pôde: *Non possumus*.

mus : se ao que he subdito lhe aconselhaõ, que se so-geyete a quanto lhe mandão, & os seus superiores lhe ordenão, responde que não pôde : *Non possumus* ; Oh que mais podemos, se mais queremos: dis S. Paulo : *Omnia possumus in eo, qui me confortat.*

13 He possível, que não haja cousa tam agra de levar, & tam aspera de sofrer, que hum pobre homem não leve, & não tra-que pelo alcance da honra, que pretende, porque a ambição humana com tudo, por mais difficuloso que se represente, pôde:

*Theo. Spectantes ad id, quod vo-
phila-
to
ibi.* *lunt, facile pollicentur*, dis Theophilato, fallando dos nossos dous pretendê-tes do Evangelho, & que sofrer huma pena leve, & ligeyra, para conseguir o premio eterno, não possa: *Non possumus* ? Pois porque hã isto de ser assim? Se podemos levar com tanto brio, & valeroso animo os trabalhos, & as penas, que nas suas honras, & digni-

dades o Mundo nos offerece, porque não levaremos alentadamente as mortificações, & molestias, que nos são offerecidas, para ganharmos o Ceo, quando estas não são tam penosas como aquellas? Esta sem duvida deve ser a ração mais forçosa que teve Christo para dizer aos filhos do Zebedeo: *Calicem quidem meum bibetis*: beberis o meu caliz: *meum*; para que se conheça, que hã dous calices de payxão: hum que o Mundo dà, outro cõ que brinda Christo a seus escolhidos: o caliz do Mundo he de bebida amargosa, & defabrida; não se pôde levar para bayxo; porq̃ ainda que na apparencia nos lisonjee o appetitê cõ seus acipipes, na realidade nos martyrisa o gosto com mil dissabores; o caliz de Christo he de bebida suavissima, he como seu jugo, muy saborosa, dà Christo para levalla o alento, hã embebella hũ sincero gozo, com que vay de caliz a caliz

caliz huma muyto grande differença.

14 A Babilonia contemplou no feu Apocalypse o Evangelista Agua na figura de huma matrona de estremada gentileza: *Et mulier erat circumdata purpurâ, & coccino; & inaurata auro, &c.*, rasgava galas, vestia purpuras tefidas de flores de ouro: o apertador que lhe guarnecia o cabelo, era de brilhadores diamantes, o collar que lhe esmaltava a garganta, era de pedras preciosas, & finissimas perolas, & finalmente tinha hum caliz na mão, que tambem tem seu caliz Babilonia; porèm já premedito, que medirão seus fequazes: isto são verdadeyramente galas, & não penas, isto são verdadeyros adornos, & não trabalhos, isto são joyas, & não molestias, & atè o caliz he de ouro, com que tudo he goffo. Assim sentirà o féculo a seu uzo; porèm isso ferà em quanto não coñhecer bem o que dentro

deffe caliz se encerra: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, & immunditiâ*: abominações, immundicias, penas, & amarguras. Ah homens defaciffados! Ah mundanos ignorantes, & necios, com vosco fallo, ò viciosos, aparelhayvos para beber este caliz, que este he o cõ que vos brinda a confusa Babilonia do Mundo com as suas delicias, com as suas vaidades, com as suas pompas, com as suas riquezas, caliz he bem amargo, & não escufais o levallo: esse caliz fim, que he dor em verdade, esse caliz fim, que he pena verdadeyra, que he tormento, que haveis de sofrer em quanto vos entregardes aos falsos praferes do Mundo. E que gravemente o Abbade Blesense: *Martyres sæculi, mundi professores, per multas tribulationes promeretur infernum*: martyres do Demonio são os que seguem ao Mundo, & com hum caliz de tribulações
o mais

o mais aspero merecem o inferno : & quem a beber esse caliz os ajuda , quem os alenta ? Ninguem por certo. O' infelices, não he o caliz que se dà a beber no caminho da virtude, para que com elle se mereça hum Ceo , tam defabrido, o que ajuda , & vay por guia communicando brios, & alentos he Christo: *Quem ego bibiturus sũ,* Christo he o que com as suas inspiraçoẽs soberanas està sempre as forças fugerindo: o caliz do Mũdo tẽ por bebida abominaçoẽs : *Habens poculum aureum plenum abominatione* : o caliz de Christo tem por bebida virtudes: o caliz do Mũdo fas martyres do Diabo; o caliz de Christo fas martyres verdadeiros : o caliz do Mũdo he merecimento para se padecer no inferno hũ perpetuo tormento : o caliz de Christo he merecimento para se ir lograr no Ceo o eterno descanso: vejamos agora o que vay de caliz a caliz , do caliz

do Mundo ao caliz de Christo , para que este seja de nõs com toda a boa vòtade admittido, & aquelle com generoso desprezo se veja da nossa affeyçaõ regeitado.

15 Ora despedi, amorofo Senhor, desse throno de vossa gloria soberano hum rayo de luz a nossos entendimentos , para que com elle superiormente illustrados , conheçamos os erros em que cahimos de pretender ambiciosamente à imitaçaõ dos Zebedeos as temporaes honras deste Mundo , que he hum Reyno caduco , & terreno ; & ponhamos os olhos nos interesses grandes que nos resultão de aspirar a todo o celestial, & eterno; mas se ainda effa vossa soberana luz, ou o lume superior de vossos poderosos auxilios não for bastante para desterar a cegueira, & ignorancia de nossos juisos , inflamay , Poderosissimo Senhor, com o ardente fogo de vosso amor nossas vontades:

tades: paraque abrazadas no desejo da salvaçaõ de nossa alma melhoremos com tempo os defacertos de nossa vida, fujamos daqui por diante de amacular mais com a torpeza abominavel das culpas, & apostadamente nos empenhemos em a ennobrecer com virtudes; paraque enriquecida com o thesouro de gloriosos merecimentos, & finalmente

coroada com o sofrimento das mayores penas, & trabalhos, com que no caliz de vosso Sangue precioso brindais aos vossos escolhidos, mereçamos triunfar com vosco nesta vida por graça, & depois ir reynar com vosco na eterna vida por gloria:
Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotens. Amen.





SERMAO DUODECIMO

D A
ULTIMA QUARTA FEYRA
D A

QUARESMA

PRE'GADO NA SE' DE
Lisboa. Anno de 1694.

Operibus credite. Joan. 10.

M

Undo, escandalo inexcusavel de crimes, tropeço universal de culpas, deforme espectáculo de defeitos, tragica representaçã de fraquezas, valle lamentavel de

miserias, dize Mundo defacordado, atè quando has de usar mal da paciencia incõprehensivel de Deos? Não te recordaràs Mundo pequeno, contigo fallo, ò homem ! não te recordaràs ò homẽ, que disendo David que cahindo

do a Deos por entre os de-
dos estrellas: *Opera digi-
torum tuorum sunt caeli,*
dis Job que nunca da mão
direyta lhe cahiraõ as al-
mas: *Operi manuum tua-
rum porriges dexteram:*
pois se as mãos de Deos
estão para ti cheas de pe-
rolas (dis Salamão) *manus
ejus plenæ hyacinthis;* co-
mo leyo eu hoje no Evan-
gelho que contra mãos
de perolas: *Operibus cre-
dite,* se levantão sete pe-
dras nas mãos: *Sustulerūt
ergo lapides?* Ah Mundo,
huma pedra por mãos,
porque huma penha por
alma, disse Santo Agostinho,
*Duri ad lapides cu-
currerunt.* Sinco pedras
fey eu que metera David
na bolça de Pastor, quan-
do sahio ao mais celebre
defasio com o Gigante
Goliath, & dis Hugo Car-
dial que significavão as
sinco pedras: *Quinque la-
pides,* os sinco sentidos:
Quinque sensus: se eu te
vira hoje Mundo com to-
dos os sinco sentidos em-
pregados na emenda de

tua vida, na salvacão de
tua alma, & na resoluçãõ
com que apostadamente
te animasses, a lançar por
terra, & degolar de todo
os vicios inimigos de tua
alma capitaes com a espa-
da da pinitencia, eu prẽ-
gãra hoje, que para as me-
lhoras de tua alma, & re-
formaçãõ de teus sinco
sentidos, erãõ as tuas mã-
os às de David muy pare-
cidas, porque nas mãos
de David, vejo as re-
formações dos sinco sen-
tidos muy espreffadas;
porque David trasia a al-
ma, & todos os sinco sen-
tidos nos sinco dedos de
cada mão: *Anima mea in* ^{Psal.}
manibus meis semper: se os
dès preceitos da Ley de
Deos andãraõ (Mundo)
nos dès dedos de tuas mã-
os, eu prẽgara de ti, que
tinhas o coraçãõ fingelo
de David: *Virum secundũ* ^{Acta}
cor meum, que tinhas o ^{Apos-}
fanguẽ innocente de Abel: ^{tol. 13}
Vox sanguinis clamat; ^{v 22.}
que tinhas a lingua incor-
rupta de Antonio: *Argen-* ¹⁰⁹
tum electum lingua justæ
que

S. Ag.
Expos
in E-
vang.
Joan.
tract.
48.

que tinhas os olhos penitentes de Pedro: *Flevit a-*
marè; que tinhas as mãos operatorias de Paulo: *La-*
boramus operãets manibus
nostris; pois dize ingrato,
 porque não trates a tua alma nas palmas, se Deos a té delireado em suas mãos? *In manibus meis descripsi te?* Não merecem huns finos pontos nas obras, linhas tam finas daquellas mãos? Dize desconhecido; com pedras te resolves a tirar a vida a hum Deos tam benefico. que te criou para seu affecto, & te estampou para seu retrato, formando-te em quanto a alma húa imagem de sua effencia, & huma divinda-de de sua semelhãça, para que na alma fosses hum Deos em pintura: *Factus est homo in animã ad imaginem*; pois se a vida desta imagem, & o que dà alma a esta pintura, he Deos; como queres que fique sem vida a estampa, como pretendes que fique esta pintura sem alma? Imagem sem alma não he imagem,

pintura com alma sò he pintura; & que escolhas antes ser imagem morta do Mundo, que com a culpa te tira a vida, & te mata a alma, do que imagem viva de Deos, que com a graça tè dà à tua alma alento para que viva, & te anima a vida com q̄ não morra? Basta homê, basta homê, q̄ te fias mais das mãos perdidas, q̄ das mãos certas, das mãos perdidas do Mundo, que das mãos certas de Deos? E não te lembra que là o idolo Dagon tanto que se pos emparelhado com Arca do Testamêto figura de Deos, logo ao amanhecer se achou com a cabeça degollada, & desseparadas as mãos: *Ecce Dagon jacebat pronus in terra ante arcam Domini*, &c. porque Mundo no mesmo lugar a par de Deos, elle mesmo de confuso se degola, elle mesmo de vécido se deslepa. Finalmente, mundo, senão cres a minhas palavras, cre às obras de Christo: *operibus credite*,

Pro-
verb.10.
v. 20.

Luc.

22.

v. 62.

1. ad

Co.

rint.

4. v.

12.

Esaï.

49 v.

16.

Genes

2. v. 7

1. ad

Rom.

7. v.

17.

1. ad

Cor.

13. v.

1.

1. Reg
5. v. 30

credite, cre, cre, q̄ parecê defeytos da tua fê, da tua reformaçã os defeytos. Fê, se bem se pondera, intima todo o Evangelho: fê affectada buscavão hoje os de Jerusaleem: *Si tu es Christus, dic nobis palam*, & bem se vio, que era fê affectada, quando da Fê às maximas responderã cõ pedras. Mãos de pedras na infidelidade argue hoje Christo; & mãos de obras por fê persuade no Evangelho: *Operibus credite*; largamente o prova Santo Hilario no tom. 7. da Trindade, & Santo Agostinho no liv. 8. do mesmo mysterio; do mesmo sentido acho a São João Chrysoftomo, & a Santo Thomàs. Digo logo fũdado no Evãgelho, & authorisado nos PP. que as mãos para que na execuçã das obras à nossa alma aproveytem, & lhe possaõ servir de instrumento, com q̄ efficasmête se melhore, & se salve, hã de ser mãos de fê, mãos de justiça, mãos de cõsciencia; tudo o que

Tom. V.

fahe da alma, vem as mãos, & todas as operações da alma se fundão na Fê, se obraõ na justiça, se provãõ na consciencia. Ora fazey hoje caso de consciencia, o fazeres hoje do que vos differ, caso.

§. I.

2 **S**E pergũtarmos ao Mundo Catholico qual he a fe, com que se acreditaõ as suas mãos? Já estou vendo por huma parte que me poderá responder, que he huma fê viva, a qual tem os que bem obraõ: oh se esta fora a sua resposta! porque nenhuma podia haver para o meu gosto de mayor complacencia, por não haver fê, que seja mais bem ajustada; mas por outra parte confidero com sentimento, que a sua resposta não corresponde ao meu desejo; porque dis, que a sua fê he a que São Paulo chama morta, a qual

Y tem

Epist.
S. Jaco.
c 2 v.
20.

Beda,
bic.

tem os que mal procedem: *Fides sine operibus mortua est*; & com esta fê não se podem de nenhum modo as mãos de hum Catholico acreditar; porque he tam demeritoria esta fê, que fendo a fê viva principio para a justificação do fiel, a fê morta, como disse Beda, he triste preço para a condenação do Catholico: *Qui fidem transitorie percipiunt, pœnam de pretio salutis miserè mercantur æternam.* & com quanto peso falla o veneravel Padre: porq̃ q̃ me aproveyta o ter o ennobrecido nome de catholico, se eu vivo como hum gentio? Que lucro tiro de ser por muy fiel avaliado, se eu como infiel em todas as minhas acções me estou portando? Que mōta o assentir a Deos nas materias da fê, a que devo dar inteyro credito, se eu em tudo o que obro, nunca à risca a Deos obedeco? Que proveyto me resulta de conhecer com evidencia que Deos obra maravilhas, se eu no que faço,

& emprendo, me emprego com toda a infamia em vilesas? Para mostrar, que tenho verdadeyra fê de Catholico, hey de obrar o mesmo, que creyo; para que nas mãos pela execucao das obras a minha fê se manifeste, & evidentemente se prove; porque as obras são a prova mais autentica, com que se declara a fê que he legitima, sem que tenha a menor sombra de affectada.

3 Quando Abrahaõ se dispos generosamente resolutto para sacrificar a Isac seu filho, & de seu amor o unico emprego, dis o Texto Sagrado, que para comprir pontualmente o preceyto, que Deos lhe posera, subira com alentado animo o monte do sacrificio, levando em humamão o fogo, & em outra mão a espada: *Portabat in manibus suis ignem, & gladium.* o fogo, como sentem cõmummente os Expositores, era a fê com que se achava o Santo Patriarca superiormente illustrado,

Genes.
22.
v.6.

trado, & às vòzes de Deos dava credito ; a espada era o instrumento, com o qual se lhe ordenou, que dêsse à execuçaõ huma obra ao parecer tam difficil, & que lhe fora por Deos intimada; para que por estes sinaes exteriores o lume da fè com o ardor da operaçaõ se conhecessẽ na alma do Patriarca com toda a evidencia; mas aqui perguntara eu agora : & porque rafaõ se ha de dispor, que nas mãos se leve o fogo, em que a fè se exprime ? Se a fè no entendimento he que reside, como em seu lugar mais proprio, não era mais conveniente, que o fogo assim como na nova promulgaçaõ da Ley da graça desceu sobre as cabeças dos Apostolos em o Cenaculo, o levasse tambem agora Abrahaõ antes sobre a cabeça, que he o lugar do entender, do que nas mãos, que saõ os instrumentos do obrar ? A primeyra vista assim parece, mas não he, como se representa, assim: porque não

he qualquer fè a que neste fogo se vê expressada, mas sô aquella fè que he viva, & para a salvaçaõ da alma util, & mais fructuosa. He verdade, que a fè morta, & inutil, no entendimento sô he que tem o seu assento, porẽm a que he util, se no entendimento habita, nas mãos he que com toda a claresa se mostra ; porque as mãos obrando bẽ, saõ as que dão, de habitar a fè no entendimento do que crẽ, o mais veridico testemunho ; leve logo Abrahaõ nas mãos, como entendido, o fogo da fè, para que na obra das mãos a sua fè melhor appareça. Mas ainda premedito, que alguem me replica: & porq̃ nas mãos ha de ir igualmente o fogo, & a espada: *Portabat in manibus ignem, & gladium?* Respondo, que com o mais ajustado fundamento, & o fundamento he este; para que assim se conheça o quaõ inseparavel, & estreytamẽte unidas andão entre si a fè, & a obra; porq̃ como

a espada era instrumento preciso, para que o preceyto do sacrificio se visse cabalmente effeytuado, & para se mostrar a fè, era tambem necessario o fogo, claro està que não fìcàra a fè a todos bem patente, se o instrumento, com que se havia de executar por obra o sacrificio, àquelle monte senão levasse. Donde duas mãos leva Abraham bem occupadas, & huma, & outra precisamente he necessaria para o fim que intenta: porque mal se provaria a fè, que no que huma mão leva, se simbolisa, se a outra mão ao instrumento, com que ha de pôr por obra o que Deos lhe manda, se não visse igualmente applicada, como se dicesse o inclyto, & benemerito Patriarca: Cõ este lume da fè he que creyo, mas com esta espada he que obro; & pouco, ou nada aproveitaria que eu creffe, se eu nada obrasse; antes inutil, & totalmente ociosa sahira sem a fè toda a opera-

ção que fizesse.

4. Hão de fer as nossas mãos na execução das obras mãos de fè, para que acreditadas com obras firmão de instrumento, com que a nossa alma effectivamente se reforme, & obrando bem, à fè de hum verdadeyro catholico correspondão; mas porque no Mundo quasi todas as mãos andão desacreditadas; porque nelle estamos vendo a muytos filhos de Rebecca, que nos enganão como a Ifac, desmentindo sembrantes certos de Jacob com mãos mentirosas de Esau; poderá alguem assim perguntar: E serão mãos de fè as do murmurador, & invejoso? De nenhum modo; porque as suas obras mostraõ que são mãos de Judas, que apagaõ as luzes dos que na republica resplandecem. E serão mãos de fè, as do lisongeyro? Em nenhum caso; porque as suas obras publicão o serem mãos de relogio, que sò servem de mostrar, & nunca de re-

partir.

Genes.
3.º:7.

partir. E serã mãos de fê as de huns comprimenteyros, que promettêdo muyto, pouco, ou nada execu-tão? Tal não cuydo, por- q̃ as suas obras apregoão, que são mãos de papel, porque tudo se lhe vay em folhas, legitimos filhos de Adaõ, em que sò folhas se achãrão depois do arre-meço da sua culpa: *Consue-runt folia ficus*. E serã mãos de fê as do torpe, & lascivo? Eu o não creyo, porque as suas obras de- claraõ que são mãos, em que se ateou o fogo da cõ- cupiscencia, que o abraça, & passou alevantar em feu coraçãõ hũ grãde incêdio: & pois todos estes não afir- mão que tem sê verdadey- ra, & que pela protestaçaõ della daraõ promptamen- te a vida? Assim passa, por- que rafaõ logo a sua fê na nossa credibilidade se não admite? Sabem porque? Porque são semelhantes áquelles, dos quaes teste- munha o Apostolo S. Pau- lo que confeçando com a bocca que conhecem a

Tom. V.

Deos, com as obras o ne- gaõ, & desmentem a mes- ma fê, que com as vozes da lingua significaõ: *Qui ore quidem confitentur se nosse Deum, factis autem negant*. E senão pergunto:

Quantos são os que comê- do sempre praça de mais virtuosos (estes digo) que disfarçados com mentiro- sas hypocrisias de santida- de, huma cousa no exterior retratãõ, & outra no inter- rior dissimulaõ, estão con- feçando com a bocca que a Deos conhecem, & muy- veras o servem, como as muytas esmolos que dão continuamête aos pobres, que à sua porta se che- gão necessitados, o estão publicando, & com tudo vemos, que com essas mes- mas esmolos, que distri- buem, a sua fê desmentem, & mostraõ não ser verda- deyra; porque não sò as dão mais por motivo de vaidade, & vangloria, do- que por estímulo de pie- dade, & compayxão da miseria, senão, que as mais dellas são do alheyo, de

Epist.
ad
Tit r.
v. 16.

Y iij que

que se fizeraõ senhores, sem outro titulo mais, que o da violencia, & do roubo? A quantos conhecemos, que dão por testemunho de venerarem a Deos com todo o reverente respecto, de serem firmemente os seus mysterios, & de observarem com toda a exacção os seus divinos preceytos, o conservarem sempre atègora costumes honestos nos olhos de todos, sem q̄ houvesse alguẽ, que nunca em seus procedimentos lhe possesse o dedo, & com tudo provão por outra parte, que a sua fè tem mais de affectada, que de legitima; porque tratando sò de parecer bẽ ao Mundo, ninguem nelle lhes pareceu nunca bem, antes no seu julgar temerario, & no seu discorrer atrevido, nã ha Principe que seja perfeyto, nem Fidalgo sisudo, nem Ecclesiastico exemplar, nẽ Ministro recto, nem Soldado valente, nem Medico erudito, nem Religioso observante, nem homem Christão.

5 Quantos advertimos que se jactão de serem em Deos, & com a lingua proferẽ que he muyto fina a sua fè, porque nã houve em todo o discurso do anno Jubileu algum do Lausperenne, a que nã assistissem, & em que devotamente nã cõungassem, & com tudo como podemos com essa obra, ao parecer tam pia, & virtuosa, avaliar a sua fè por verdadeyra, sem dizer que a desmentem, & a negaõ, se na confissaõ de seus erros cõmetterãõ sempre hum sacrilegio; porque ou era feyta sò por costume, sem arrependimento, nem propositos firmes de emenda: ou para que corresse a fama da sua beatice na corte, & chegando à noticia dos tribunaes mais supremos, sò por esse enganoso, & artificioso titulo fossem promovidos aos postos, de que eraõ indignos, por lhe saltarem para elles os merecimentos? Finalmente: Quantos contemplamos, que presumem o ser muy

muy catholica a sua fè, & affim o apregoa a sua lingua, porque por honrarem a Deos, a quem a mão, & adoraõ, assistiraõ sempre ao soberano Sacrificio da Missa até na semana, & com tudo com essa obra na apparencia tam santa indicão claramente que a negaõ, & que essa sua fè he sò affectada, porque ainda que com o corpo estejão no templo, o affecto he sò de verem, ou de serem vistos, vindo a ser a assistencia, que nelle fazem, muy escandalosa, sem nenhum silencio, & com menos decencia, & modestia, do q̄ poderaõ estar na caza do jogo, ou no theatro de algũa Comedia? Oh que miseravelmente se enganaõ todos estes, & todos os mais que lhe saõ semelhantes, os quaes se presão de serem finos catholicos, & que a sua fè he a mais pura, & mais firme, sem procurarem de fazerem obras, que dessa sua fè sejaõ dignas! & deve de se fundar o seu engano em se

persuadirem erradamente que para a salvaçaõ, & liberdade espirital de sua alma sò a fè he bastante. Hoje quisera eu por ultima resoluçaõ, todos se desenganassem, que a salvaçaõ eterna, naõ aos que sò bem crem, & confeçaõ os mysterios da Fè com a bocca, senaõ aos que bem crẽ, & tambem bem obraõ, he sò concedida. No Salmo 75. nos dis o Real Profeta, que por conta da mão de Moyses, & Araõ quis Deos là antigamente corresse a liberdade dos Hebreos, quando os livrou do cativoyro do Egypto: *In manu Moysi, & Aaron*; & pois não bastava huma sò mão, para que aquelles cativos a sua liberdade conseguissem? Huma, & outra mão ha de ser necessaria? Sim, responde com todo o acerto o Grãde Origenes, para que entendessemos quera Deos, se achasse em nós não sò o conhecimento da fè, & da Ley que profecamos, mas para que essa fè nos aproveyte, he tambem

Orig.
Hom.
17. in
Nu-
meros.

necessario que acompanhe infallivelmente a esse nosso conhecimento a perfeição de todos os actos, & acções meritorias que obrarmos, *utraque manus est necessaria*, disse o Gravissimo Padre: *Ut inveniatur in nobis non solum fidei, & legis cognitio, sed etiam actuum, operum que perfectio*, porque são na execução das obras, & observancia das leis mostraõ as nossas mãos, que são mãos de fé, para que com obras acreditadas, sirvão de efficãs instrumento, com que a nossa alma se reforme, & a sua salvação com toda a segurança possa ser conseguida: *Operibus credite.*

§. II.

6 **S**E as mãos forem de fé, logo as mãos são de justiça, virtude tam importãte. Christo quis hoje pesar as suas obras com justiça: *Multa bona opera ostendi nobis ex*

Joan.
10. n.
32.

Patre meo, propter quod eorum opus me lapidatis? Mas o mal he, que as pedras na balança odiosa dos de Jerusalem pesãõ mais que as obras: *Sustulerunt ergo lapides*, porque foraõ sem justiça pesadas. Ora já que as mãos para serem de fé, hão de ser de justiça; para que a justiça se veja bem pesada nas mãos, demos huma advertencia às varas, & outra advertencia às chaves. Para as mãos serem de justiça, importa que haja limpeza nas mãos, que sejam as mãos desinteressadas, & logo as varas nas mãos obrarãõ taes proezas, que pareçaõ prodigios. A vara de Moyses nas mãos de Araõ fez grandes prodigios, & a vara de Eliseu nas mãos de Geesi não pode fazer hum fõ milagre: *Non surrexit* 4 Reg
puer: & pois que he isto? 29. v.
Não eraõ ambas as varas 31.
prodigiosas? Sim eraõ, que rafaõ ha logo para esta tão grande desigualdade? Eu o digo: porque Araõ era hum homem muyto limpo

po

po de mãos, era hum ministro muyto desinteressado; Geesi era hum homem muyt cobiçoso, & nas mãos da cobiça; & do interesse não obraõ prodigios as varas, sò em mãos desapegadas de toda a conveniencia costumaõ obrar maravilhas. Oh mãos como desacreditaes as varas! Oh varas como affrontaes a justiça! A vara nas mãos da justiça ha de dar flores, & não frutos, flores de esperança para mayor despacho, mas não frutos de industria nos donativos. *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet.* Nascerã, dis o Profeta Isaias, huma vara da rais de Jese, & dessa mesma vara brotarã logo vêturosamente huma flor: & pois essa vara sò se ha de ver coroada de flores, & não ha de dar frutos? Se Isaias fas mençaõ da flor, porque não exprime o fruto, em que ha de brotar essa vara? Ha de ser essa vara, vara sem fruto? Sim, porque essa vara era

vara de justiça: *Et judicabit in justitia pauperes*, & vara alçada de justiça de embora flores de esperança, que alente, para conseguir o despacho, às partes, mas não de frutos, que colha nas dadas a industria, porque com estas se costuma pela mayor parte atropelar a justiça: a vara em quanto sò tem flores, està muyt direyta, não se dobra com facilidade, põrem se a vara carrega de frutos, logo se inclina, logo se vira: não se vire a vara da justiça por peytas, porque em entrando peytas, logo se dobra a vontade, logo se cega o juizo, ainda que seja do ministro mais justo.

7 Resolveu-se Rebecca a tirar com industria para Jacob a bençaõ, & nella o morgado de seu irmão Esau, a quem por mais velho pertencia; Isac, que era o que havia de dar a sentença no caso, era afeyçoado grandemente a Esau por mais velho; Rebecca era perdida por Jacob

cob por mais moço : pois que traças excogita Rebecca ? Que ardis intenta ? Que artes usa ? Esau, como todos sabem, era aspero de mãos, applica Rebecca às mãos de Jacob humas pelles, para imitar a asperesa das de Esau, & assim o máda pedir a benção a Isac, Isac que era cego, apalpou, & tomou as mãos de Jacob, & ainda que no mais lhe pareceu Jacob : *Vox quidem vox Jacob est, sed manus, manus sunt Esau,* pelas mãos, & asperesa dellas o deu por Esau seu primogenito, lançandolhe a benção, & concedendolhe o morgado : *Esto Dominus fratrum tuorum, & incurventur ante te filij matris tuae.* Valha-te Deos por Isac ! Assim pergunto: Isac não conheceu muyto bem que aquella voz era voz de Jacob ? Nenhuma duvida tem : *Vox quidem vox Jacob est :* pois se clama o defengano na voz, porque se déyxa vencer Isac do engano das mãos ? Que importa, que os vesti-

dos, & a asperesa fingida das mãos dem a entender que he Esau, se a verdade da voz manifesta que he Jacob ? De sorte que conhece Isac com toda a evidencia, que a voz era de Jacob, & julga-o arrebatadamente por Esau ? Mais credito dá Isac ao fingimento das mãos, que à certeza da voz ? Sim, não vem que as mãos de Jacob hião cheas de caça, com que regalou a Isac : *Comede de venatione mea ?* Pois para que nos cançamos em buscar a rafaão, porque conhecendo Isac a Jacob pela voz, o julgasse por Esau pelas mãos ? Se as mãos levavaõ peytas, não ha que admirar (dis São João Chrysofotomo) que atè hum Juiz tam recto, & exacto como Isac, se lhe cegasse o juizo, & sem mais outro exame obrasse contra o que lhe dictava o affecto: *Non mirum, quod vir justus ignoraverit, & contra suam voluntatem fecerit.* Huma perdis para huma vara he mão perdida, & com estas

São
Chri-
loft. de
Jacob,
& E-
sau, cū
al. 15,
quof-
citac
P. B. e.
nedi-
Eus
Fernã-
des.
Com.
in cap.
27. Ge-
nes Be-
ned 4.
de Ia-
cobo,
Esau.
s. 90.
in fine.
mãos

mãos perdidas he q se lança a perder a justiça de muytos. Não se peguem as mãos do ministro da justiça às peytas, sejaõ as suas mãos tam desinteressadas, que nem ainda toquem o dinheyro que lhe offerecem as partes, para o receberem, mas fique lhe sempre esse dinheyro aos pés para o desprezarem.

8 Aos pés dos sagrados Apostolos dis o Evangelista São Lucas q lançavão os Christãos da primitiva Igreja o dinheyro das fazendas que vendião: *Videntes afferebant pretia eorum, quæ vendebant, & ponebant ante pedes Apostolorum*; & porque esse dinheyro o punhaõ aos pés, & não lho metião antes nas mãos? Com grande accordo, notem, para que cõstasse que os Apostolos não tinhaõ mãos para receber, mas sò pés para desprezar. E qual serà disso mesmo a razão? Eu a darey; porque os Apostolos estavão cõstituidos por Juises supre-

mos do povo Israelitico: *Sedebitis & vos super sedes duodecim judicantes duodecim tribus Israel*, & como taes corrialhe por obrigaçaõ o converter, & reformar ao Mundo, o extirpar delle as heresias, o lançar por terra as estatuas dos idolos, castigando a idolatras, evitando escandalos, & não permittindo delictos; & hum Juis para obrar como deve, ha de proceder com tam generosa independencia, que não ha de ter mãos para receber, para que nellas senão lance a perder a justiça; porque sò hum ministro tam desinteressado, que lhe faltão mãos, com que donativos de prata, & ouro receba, he o mais appto, & o mais valeroso para reformar a huma Republica, & desterrar della os vicios com toda a presteza.

9 Enganado de sua presumpçaõ vio El-Rey Nabuco huma agigantada estatua, monstruosa qui-

mera de lufidos metaes, que em sonhos fabricára com louca fantasia a sua altiveza: a grandesa nella ératam desmedida, que podia causar espanto à mayor soberba, a riqueza tam copiosa, que podia satisfazer à mayor cobiça; o artificio tam exquisito, que podia humilhar ao mayor engenho, & finalmente na firmeza mostrava, que não havia de pagar pensão aos annos, nem muyto menos sentir o rigoroso dos tempos; porque a cabeça constava toda de fino ouro, o peyto, & braços de brunhida prata, os outros membros de bronze, sò os pès de ferro, & debarro; porèm como não ha felicidade neste Mundo, a quem não ameaça logo a desgraça, do alto de hum monte se arranca huma pequena pedra sem impulso que a movesse, sem mão que a animasse, & de improvizo tornou em pó, & aniquilou em cinza o ouro mais preciso, a prata mais estimada, o bronze mais firme, o ferro

mais duro, o barro mais fragil, & tudo em tam breve tempo, que o mesmo sonho que imaginou a pompa, vio com a experiencia a ruina: ha caso mais notavel, nẽ successo mais prodigioso? E donde lhe nasceu a esta pedrinha o valor para derrubar, & desfazer de todo a huma estatua, que na duração desafiava competencias com a Eternidade? Querem saber donde lhe veyo a esta pedra o valor? Eu o digo: de ser huma pedra tam desapegada de todo proprio interesse, que não tinha mãos que tocassem a riqueza da estatua: *Abscisus est lapis de monte sine mani-* Dani-
el. ut
supra:
 bus: ora adverti, & adverti bem: esta pedra figurava hum instrumento, ou Ministro da Divina Justiça movido por impulso soberano da Divina Omnipotencia, & ministro de justiça tam izento, & independente, que nelle não ha mãos, que se peguem aos metaes mais preciosos, de que constava a Estatua, & sò

Dani-
 el. 2.
 v. 34.

sõ poem o fito em dester-
rar della a idolatria, para q̃
ficasse reformado Nabuco,
& se vísse abatida a sua so-
berba, não podia deyxar de
ter grãde valétia, & singu-
lar esforço, para fazer na-
quella estatua hũ tiro com
tãta vêtura: *Abscisus est la-
pis de môte sine manibus, &c.*

io Ah Reyno de Por-
tugal, & quantas estatuas
se vem em ti soberbamête
em pè, não sonhadas, senão
verdadeyras, a que rendem
muytos adorações, pòde
fer que por falta de minist-
ros desintereffados, &
que tenhaõ valor para as
destruïrem, & lançarem
por terra! Se algũs de teus
ministros (queyra Deos q̃
não sejaõ os mais) se lhe
pegaõ tãto as mãos a qual-
quer metal, & atropelão a
justiça com sobornos, tra-
tando sò de seu interesse
proprio, sem repararem
nos danos, & perdas alhey-
as! como hão de cair as es-
tatuas da usura, da onze-
na, da avaresa, da ambiçãõ,
& de outros vicios, q̃ por
nossos peccados se vem em
ti tãto florétes, & das virtu-

des, que lhe saõ oppostos,
tam triufantes? Se os
teus ministros fazem da
justiça ganancia, & não ve-
lão sobre o bem da Repu-
blica, para que se veja em-
mendada, senão para que
fique a sua caza enriqueci-
da, como não queremos,
que se vejaõ em ti as cul-
pas, as injustiças, os rou-
bos, & insultos de monte a
monte? E que circunspec-
çaõ, que cautela, & que vi-
gilancia não era bem que
houvesse nos Principes, &
ministros mayores em es-
colherem fiéis officiaes
para executores de seus de-
signios! porque do zelo, &
fidelidade destes he que
depende a pontual obser-
vancia das leis; ao cuyda-
do destes anda annexo o a-
talharem-se as defordens, o
eytarem-se os vicios, o re-
formarem-se os costumes:
porque que aproveyta que
o juiz zeloso do bem pu-
blico mande prender ao
ladraõ, se o alcayde, ou
meyrinho, a quẽ se cõmet-
teu a diligencia, em ves de
o buscar, o encobre, para
entrar

entrar forro a partir com elle no furto? De que serve mandar-se executar a pena na caza do jogo, se o que vay executalla, fas barato da justiça, sô para que lhe dem bõm barato? Que monta que ande a Ronda de noyte para segurança, & quietação mayor da Cidade, se o seu desvelo não he que fique a Cidade guardada, senão de guardarem o que tomão, ou de tomarem o que achão nas bolsas dos que por essas ruas encontraõ. Dis a Pastora dos Cantares, que indo buscar de noyte ao Esposo, se encontrara com os Guardas da Cidade, que andavão de ronda: *Inven-runt me custodes, qui cir-cumeunt civitatem*: a Justiça andava assegurando o povo do perigo dos ladrões, que arruavão de noyte, & de outra gente facinorosa, que com a occasião da escuridade se atrevem mais livremente a fazerem traições, & insultos: & que fizeram estes Guardas? Claro está que ainda, que não fo-

raõ officiaes de justiça, senão gente ociosa, a politica cortesia, & urbanidade estava pedindo que acompanhassem a Esposa atè sua caza, & que a defendessem dos perigos, a que se via exposta, quanto mais corrêdo lhe por obrigação de seu officio, pois diganos agora a Esposa quaes foraõ os termos, que com ella usaraõ? *Percusserunt me, vulneraverunt me, & tulerunt palium meum*: em ves de me guardarem estes homens, foraõ elles taes, tam impios, & tam insolentes, que me deraõ multiplicadas feridas, & ainda sobretudo me roubaraõ o manto: ha mayor tyrannia, ha mayor sem rasão? Se o andar a Esposa a des horas, & em tempo pela ley prohibido, era crime, porque a não prendem os Guardas, ou ao menos porque lhe não acõselhaõ que se recolha? Sabem porque? Porq̃ aquelles homẽs não tratavaõ de que o delicto da Esposa ficasse emendado, sô queriaõ que

lhe ficasse nas unhas o m^ã-to: não a querião ver presa, mas s^ò querião fazer presa do q^{ue} ella levava. Ohtrifte Monarquia, & desgraçada a Republica, cujo governo corre pelas mãos infieis, & impuras de semelhantes ministros; pois devendo elles fer, os que haviaõ de acabar nella os crimes, faõ os mesmos que os fomentão, & conservão, porque delles he ordinariamente que vivem! Não seja não assim daqui por diante: se alimpeza nas mãos he a principal parte, que hão de ter os que occupão os lugares da justiça, & os postos da Republica, veja-se esta limpeza em todos elles, & logo esta andarã bem reformada, & aquella se conservarã com toda a inteireza.

§. III.

11 **M**As baste isto já de advertencia às varas de justiça, para que se veja nas mãos bem pesada: vã agora da

advertencia às chaves. Advertião os que tem nas mãos entregues as chaves do dinheyro publico da Republica, que haja grande fidelidade nas suas mãos: o dinheyro publico, que está applicado às obras da Cidade, as tenças que os Reys concederaõ aos benemeritos por seus serviços, & a paga dos que estão nos presidios das fronteyras, não se aplique à algibeyra para o gasto ordinario da casa: vede que serã milagre não ir para a bolsa, & para o particular gasto o dinheyro publico. Por milagre avaliou o Doutor Borbense, que concorrendo os povos de todas as partes com grande copia de dinheyro, em tempo que perecia totalmente de fome todo o Egypto, & entregando-se todo a Joseph, para que com elle se provessem os celleyros publicos, & ficasse tam extrema necessidade remediada, fosse tal a limpeza das mãos de Joseph, que depois de junto todo esse dinheyro

nheyro que lhe fora entregue, & da sua providencia procedia em beneficio de todos, cortando o passo à mais remota inclinação à cobiça, nem ainda com as mãos quizesse tocallo, mas o fosse depositar no real thesouro: *Omnem pecuni-*

Genes. 47. p. 14. am congregavit pro venditione frumenti, & intulit eam in ararium Regis. Acção foy esta tam generosa, & illustre, que o exprimir-se tam claramente, quer

Santo Agostinho, que fosse providencia da sagrada penna, para que assim ficasse o primor da fidelidade de Joseph melhor conhecido: *Pertinuit ad Scripturam in hac etiam re comendare fidem famuli Dei: &*

Quest. 1. em que se deu a conhecer aqui este primor tam fiel de Joseph? Eu o direy: porque he tam raro aquelle, a quem senão pegue às mãos o dinheyro, comprando, vendendo, & manifestando-o, que receber Joseph infinito dinheyro de montes de prata, & ouro, & podendo com elle comier-

ciar, & enriquecer facilmente, fosse tam heroyca a fidelidade, & fidalguia de seu animo, que contentando-se com o ordenado, que lhe dava o Rey, nem hum só feitil se lhe pegasse às mãos, nem huma só moeda metesse na bolsa para dispendio seu proprio, & gasto da sua familia, se avalia por milagre, & prodigio o mais estupendo: *Plane miraculum, dis o insigne Escriturario, in omnibus, ut dicitur auri in Egyptiorum, aliarum que gentium infinita pecunia in pretium corrogata, ne tiruncium quidem sibi Joseph aut assumpsit, aut reservavit.* Ah que poucos, ou nenhuns milagres destes vemos hoje no Mú-

ndo: Que poucos ministros ha hoje, q̄ arrecadando os tributos do povo, & as rendas dos thesouros reaes, sejaõ nesta matéria imitadores de Joseph? E para que não vamos mais longe: que ministro ha hoje em Portugal tam desinteressado, & tam limpo de mãos, & do dinheyro, que pelas mãos

Philo de Joseph citat. a P. Bened. Fern. P. Bened. Fern. Com. in cap. 47.

mãos lhe corre , senão a-proveyte, & se satisfaza fô com o seu ordenado ? Ar-rependido estou de me ter nesta materia metido, por-que a sua ponderação pe-dia mais largo tempo : fô digo que eu não sey verda-deyramente que lagos são estas mãos, em que vemos se some tanto dinheyro? Já me eu contentàra, que fossem canos limpos, porque então chegarião-os favores dos Principes àquelles a quem estão concedidos, mas essa he a desgraça, que nas cortes ha muytos la-gos, em que fica sem vasaõ a enchente que mana da fonte.

12 Que importa ser a fonte caudalosa , & estar manádo perennemente , se o lago que está perto da fonte, tudo em si recebe? Que importa ser o Princi-pe huma fonte caudalosa, & perenne , se os ministros são lagos que tudo em si recebem , & nada com os outros repartem? De hum fugeyto que tem muytas riquezas , costumamos di-

zer: Fulano he de riquezas hum lago, & vem a mere-cer este nome de lago, não porque muytas riquezas possuia , mas porque como lago as retém em si todas, & não as reparte com quẽ de justiça se lhe devem: eu quizera que os que rece-bem da fonte fossem rios, & não fossem lagos : o rio tem agoa para si , & tem agoa para dar, o lago tem fô agoa para si , porque com os outros a não dis pende. Basta que de ordinario não haja nos ministros dos Reis quẽ sayba da Arithm-tica a especie do repartir? Que não soubessem a espe-cie de multiplicar , muyto embora, porque não se pô-de esperar tanto delles, que o dinheyro, que se lhes en-trega , & pelas mãos lhe corre, o multipliquem, o q̃ fô quizeramos he que se não exercitem tanto na espe-cie do diminuir ; porèm he grande fatalidade, que estes sabios arithmeticos, nem multiplicar, nem re-partir saybão, & que fô em diminuir sejam destruí-

simos. Advertem os Santos Padres que aquelle pão milagroso, q̄ lá deu Christo ás turbas no deserto, não fô se multiplicava nas mãos de Christo, senão também nas mãos dos Apostolos. Grande prodigio! que se multiplique nas mãos de Deos não he muyto de admirar, mas multiplicarse este pão nas mãos dos homẽs, he maravilha estupẽda homẽs que saybão multiplicar, & que saibão bem repartir, não são homens, são deoses: *Vos dij estis*. Eu não quero, nem menos desejo que os ministros do Rey obrem semelhante maravilha, isto he, que na mão lhe cresça o dinheyro das tenças, das imposições, & tributos reaes, nem que aos fugeytos a quem se deve, lho multipliquem; sô me dou por satisfeyto cõ que os ordenados, de que os Principes tem feyto merce a alguns de seus vassallos, se lhes não diminuão, nem sumão nas mãos; porque não deyxão de motivar essas diminuições, & sumi-

douros a todos hum não pequeno reparo. He possível, que o mesmo fosse o virlhe a alguns à mão o dinheyro das rendas, & tributos que paga o povo, que sendo atè então avaliados de todos por muy pobres, tratarẽ-se logo da hi por diante com o fausto, & ostentaçãõ dos mais ricos? Oh ministros, que indignos sois de occupardes semelhantes postos, nẽ de fervirdes na corte ao Rey!

13 Que se achasse o Copeyro de Farãõ com vinho bastãte para delle lhe fazer offercimẽto em hũa taça, não he muyto, porque se sabe, que he de huma vide, que vay a madurecendo pouco a pouco: *Videbam coram me vitem*: vião-se colher as uvas, vião-se espremer nas mãos, vião-se fervir no caliz; mas que o mestre sala do mesmo Farãõ tenha quantos regalos pòde executar a arte, & de-sejar o appetite, & que ninguém lhos veja adquirir, nem procurar? Que os regalos todos os vejão, mas que

Genes
40.º
9.

que o modo com que se adquirirão ninguem o faya? pois fique logo o mestre sala do governo excluido, & admita-se o Copeyro, cujas diligencias se vem, & se alcançaõ a olhos vistos. Se perguntassem ao Copeyro como estando hontem preso, se acha hoje tam rico? Dirã que este licor lhe custou a sua industria, que esperou amadurecessem as uvas, que as cortou da cepa, & que do licor offereceo ao Rey huma taça: se perguntassem ao mestre sala donde adquirio tanto faulto, & tantos regalos, não saberã dizer o modo; pois fõra do governo; não he bom para occupar postos altos, & sò delles he merecedor o Copeyro, cujo augmento he de todos bem conhecido. Este augmento sim, que està livre de ser censurado; mas não se poderaõ nunca livrar de serem com desayrosas censuras arguidos aquelles augmentos, que se vem em alguns ministros, que entrando hontem nos

tribunaes desta Corte pobrissimos, hoje se achão na fazenda muy engrossados, & com sumptuosos edificios, com ricas herdades, com joyas, & preciosas galas muy opulentos; porque se todos esses bens que possuem, seus paes lhos não deyxaraõ, que havemos de dizer, senão que a poder de violencias, & à força de roubos de repente creceraõ, & que as cazas em que vivem, as edificaraõ com o sangue dos pobres a quem roubão? Oh como temo q̃ sobre a caza destes taes ministros venha, ou tenha já vindo sobre esta Corte, & sobre este Reyno a desgraça, que Deos antigamente chorava pelo seu Profeta Amos! *Idcirco pro eo quod diripiebatis pauperem, & praedam electam tollebatis ab eo, domos quadro lapide edificabitis, & non habitabitis in eis;* parece que falla à letra de muytos ministros, que estamos vendo pelos tribunaes deste Reyno, os quaes tendo ha dous dias pouco, ou nada de leu,

em breve tempo se jactão de serem de grossas rendas, de muytos mòveis, & de grandes bens de rais possuidores; & quem poderà negar, que todas estas riquezas sahiraõ do povo que governaõ, ou do dinheyro que arrecadaõ, & lhe corre pelas mãos? Pòde haver mayor fatilidade, nem desgraça mais digna de se chorar, & sentir, que havendo os ministros de enriquecer aos povos, os povos sejião os que enriquecem aos ministros? Mas hay de vòs ministros tyrannos, que tudo isso mal adquirido que lograis, em breve o vereis consumido; todos esses faustos, & todos esses palacios que habitais, acabarãõ em lastimosas ruinas: *Non habitabitis in eis.*

§. IV.

14 **N** Em me digão, que das gages dos seus officios ti-

raõ estes ministros o dinheyro para comprarem quintas, para edificarem palacios, & para fazerem grandes dispendios, por serem mais nelles os precalços, que do ordenado o rendimento; mas a verdade he, que as gages não abrangem para todas essas apparatus ostentações; & quando a isso abrangessem, eu não sei com que consciencia tendo estes taes ordenado do Rey pelo trabalho de repartirem pelas partes os bens da Republica, podem elles levar interesse pela repartição, & fingirem grandes difficuldades nos pagamentos, para serem melhor peytados; mas defenganaivos, que ou seja com boa, ou mã consciencia, da tença da viuva, do soldo do Capitão, & Soldado, que não tem outra renda de que viva, da congrua do Ecclesiastico, da bocca dos pobres, do suor dos officiaes, & jornaleyros, que tal ves para pagarem o tributo, ficão estalando à fome; de todos estes

tes, digo , he que se tira o dinheyro , com que se enchem as bolsas , & se fazem tantos gastos escusados, & dispendios superfluos. Oh que grande iniquidade , q̄ vâ para a bolsa do particular o dinheyro do tributo, que custou ao pobre gottas de sangue! Quando Judas, ou por mal arrependido, ou por bem desesperado lâçou no templo o dinheyro, porque tinha vendido a Christo , entraraõ os Fariseus em consulta , & acordaõ, que de nenhum modo convinha que aquelle dinheyro fosse à bolsa, nem se empregasse em gastos particulares ; & isso porque? Porque, era preço de sangue: *Non licet eos mittere in carbonam, quia pretiũ sanguinis est.* Santo Agostinho assenta que este acordo fora do Ceo, & que a providencia de Deos presidia a este conselho: *Providentia Dei factũ puto, ut pretium Salvatoris non peccatoribus sumptũ præbeat;* para que vendo lĩm ministro Catholico a devida

estimação que fiserão daquelle dinheyro, que fora preço do Sangue de Christo, atè huns tam impios, & deshumanos ministros, conheça a fidelidade com que se deve haver em dispender o dinheyro do tributo, que he preço do sangue dos pobres, & a cautela, com que se deve gastar este preço. Os Fariseus cõpraraõ cõ aquelle dinheyro hum campo para jasigo de corpos mortos , a que chamãrãõ campo de sangue: *Emerunt ex illis agrũ figuli in sepulturam peregrinorũ: propter hoc vocatus est ager ille Haceldama, hoc est, ager sanguinis ;* & foy a cõpra muy acertada, porq̄ preço de sangue sò se ha de dispender em campo de sangue , que he o mesmo que campo de batalhas. O dinheyro com que os Portuguezes concorrem para as Armadas no mar defenderem , & alimparem as costas dos Infieis , para a conservaçoõ dos estados do Brasil, & da India, para os presidios das Conquistas,

Mat.
1b. 27.
v. 6.

Santo
Agost.
Serm.
de Ce.
na
Dom.

tas, & Fronteyras, dão-no como preço de sangue, o qual não he licito enthefourear-se nas arcas, mas dispender-se nos campos: *Non licet eos mittere in carbonã, quia pretium sanguinis est: emerūt ex illis agrum, ager sanguinis*, não se ha de meter nas bolsas, mas ha de se gastar nos perfidios, & nas obras, que são mais uteis, & necessarias para o Reyno; não se ha de pegar às mãos para o gasto proprio, que não he esse o intentõ com que o pedem os Reys aos vassallos, mas ha de se dispende no bem commum da Republica; o demais he iniquidade, he latrocinio.

15 Já se às mãos nos vierã bens da Igreja, guarda de lhe lançar a mão, porque vos perdereis sem remedio. Fallando Santo Agostinho da condenação de Judas, resolve que Judas tenão perdeda, quando recebo o dinheyro das mãos dos Fariseus, de mais longe lhe veyo a Judas a sua ruina: *Non tunc perūt*

Judas, quando accepit a Judæis pecuniam, ut Dominum traderet. Ha mais notavel sentir! & pois qual foy a culpa enorme que fes perder a este mais infelice? Ouvi do mesmo São Doutor a reposta: *Jam fur erat, & Dominū perditus sequebatur.* Antes de Judas vender, como interessado pela vil cobiça do preço, a Christo, já o Senhor (como bem advertio o Eminentissimo Cardial Toledo) o tinha feyto thesoureyro do Collegio Apostolico, & procedeu nesse seu officio tam infiel, a proveytando-se de todos os bens, que corrião por sua conta, & lhe vinhão à mão, que obrigou, a hum Evangelista como Joaõ, a chamarlhe abertamente ladraõ, & ladraõ formigueyro: *Jam fur erat: Hanc curam Judæ demandarat*, commenta o Douto Cardial, *quam ille infidelissimè gerebat: sibi enim, quæ erogabantur, & dabantur Christo, surripiebat*; & como Judas tinha feyto calo no habito de

Santo
Aug.
Tr. act
50. de
ca p.
12.
Joan.

Toledo.
Comment.
in cap
12.
Joan.

de furtar o dinheyro, que pertencia à Igreja, por isso foy punido no laço: *Laqueo se suspendit.* Ah ladrõesinhos formigueyros, (se he que alguns vivem entre nós nesta Corte) tomay daqui exemplo, para vos resguardardes de lançar mão ao dinheyro, que se vos entrega das Cõfrarias, das Irmandades, dos Conventos, & de todos os mais bens, que são da Igreja; porque se fordes semelhantes a Judas neste modo de latrocínio, he certo que tambem haveis de ser semelhantes a Judas na pena.

§. V.

16 **H**Aõ de ser as mãos, para que à conversão, & melhoramento da alma aproveytem, mãos de fé, & de justiça; & mãos de fé, & de justiça logo são mãos de consciência. A consciencia ha de ser escrupulosa, & ha de

ser resoluta, consciencia escrupulosa, não só cre as obras de Christo, mas tambem lhe obedece as vozes: as vozes de Christo são seus preceyos: *Oves meae* 10. adn. *vocem meam audiunt, idest,* 10. *cõmetou Alcuino, præceptis meis ex animo obtemperant*; se a consciencia he escrupulosa, logo os preceyos divinos se observão pontualmente; mas a desgraça he, que nenhum caso fazem muytos de atropelarem as leis divinas, porque nũca isso lhe chega a causar na consciencia escrupulo, nẽ tambem lhe causa o menor escrupolo na consciencia o não guardarem o firme proposito, que fiserão a Deos da emenda, sem advertirem, que abrir a mão para prometter a Deos o melhoramento da vida, darlhe a mão de o servir, de o amar, & de fugir de todas as occasiões de o offender, & depois de dada a mão, tornalla a recolher, quebrantando a palavra, que a Deos se tem dado, he o final mayor, que pôde haver

haver de reprovação, & da eterna desgraça de Deos. No ventre de sua mãy Thamar primeyro animofos, que totalmente animados contendião Zaraõ, & Farès sobre o parentesco de Christo; emfim Zaraõ impaciente já de fair a luz, ou favorecido da natureza, lançou fõra hum braço, o que vendo a que, assistia ao parto, atandolhe nelle hum fita, lhe deu o parabem de sua ventura, & o acclamou primeyro; *Iste egredie-*

Genes. tur prior; porèm a disposi-
38.v. ções superiores do Ceo, re-
28. tirando Zaraõ outra ves a mão, & dando a Farès a precedencia do nacimiento, perdeu a primogenitura, ficando excluido da genealogia de Christo, & jutamente da gloria do feu parentesco. Ha caso mais raro, ha mais estranho successo? Sey eu que igual cõtenda tiveraõ Jacob, & E-

Genes. becca sua mãy: Collideban-
25. *tur in utero;* & com Esau
22. fair primeyro a luz, que Jacob, sò Jacob mereceo ser

venturosamête parente de Christo; pois porque ha de alcançar esta honra Jacob, & não Zaraõ, se ambos animofamente a pretendião? Se por Zaraõ ser segundo no nacimiento, tambem em segundo lugar na ceo Jacob. Oh não vem, que Zaraõ lançou fõra a mão, como dando-a a Deos de se unir com elle por graça, & que depois a tornou logo a recolher como arrependido da palavra, que a Deos tinha dado; eis-ahi pois a rafaõ, porque se vio da graça de Deos totalmente excluido. No nacimiento da graça todos estamos aparentados com Christo, porèm muytas vezes perdemos a prerogativa deste parentesco, & juntamente a primogenitura do Ceo, porque? Porque à imitação daquelle infelice infante, tiramos fõra a mão, & logo a recolhemos, pomos a mão na empresa da virtude, & logo a empregamos nas vaidades do Mundo, & na profanidade de seus appetites; chegamos

mo-nos a Deos cõ o cora-
 ção nas mãos, & cegamen-
 te arrependidos do que de-
 viamos ter complacencia,
 tornamos a entregar o co-
 ração ao demonio: *Multi
 sunt*, dis o Doutissimo Pa-
 dre Alapide, *qui dare inci-
 piunt, sed postea manum re-
 trahunt*; & o que he mais
 para sentir, que do mesmo
 modo, que Zaráõ retirou a
 mão, tanto que se lhe poz
 a fita, assim muytos fechão
 a Deos a mão, tanto que
 se vem atados de huma
 vã esperansa, & para fal-
 lar mais claro, se tiraõ
 do caminho da virtude
 por huma fita, sacrificando
 a hum mais vil appetite o
 thesouro de sua alma: *Mul-
 ti dare incipiunt, sed postea
 manum retrahunt*: haja
 pois escrupolo na consci-
 encia de não cumprir os
 propósitos que tem feyto
 a Deos, & da palavra que
 lhe tem dado de fugir de
 todas as occasiões da of-
 fensa, & haja tambem para
 comprimento desses pro-
 pósitos na consciencia hu-
 ma resolução a mais apof-
 tada

P. A-
 lapide
 Com-
 ment.
 in cap.
 38.
 Genes.

17 Consciencia reso-
 luta não sô cre nas obras de
 Christo, mas logo obedece
 com toda a prestesa às vo-
 zes, & avisos do Ceo: *Oves
 meæ vocem meam audiunt,
 & sequuntur me*. O Prodi-
 go tanto que a inspiraçoã
 interiormente o desenga-
 nou, que perdera como de-
 facordado a abundancia do
 alimento, que em caza do
 pay logravão os mercena-
 rios por advertidos: *Quan-
 ti mercenarij in domo patris
 mei abundant panibus, ego
 autem hic fame pereõ*, logo
 se resolveu apostadamente
 a dar volta à vida, & menos
 obrigado de sua fome, que
 arrependido de sua culpa,
 tratou de deyxar os cami-
 nhos de sua perdiçoã, & de
 ir buscar a seu pay, que cõ
 os olhos longos o espera-
 va, para lhe dar com os
 braços o coraçõ: *Surgam, v. 18.
 & ibo ad patrem meum*. As
 inspiraçoẽs (como já em
 outro lugar largamẽte dif-
 femos) hão de ser como
 flores, a penas nacidas, quã-
 do logo colhidas, assim o
 dà a entender a sabedoria
 de

Luc:
 15.
 v. 17.

de Salamão nos Cantares:
Cant. *Flores apparuerunt in terra*
2.v. *nostra tempus putationis*
12. *advenit* : apparecêraõ na
 nossa terra as flores, & logo
 chegou o tempo de se co-
 lherem os fruttos : & pois
 como se ha de entender,
 que com o tempo da Pri-
 mavera, em que as flores
 nascem, se ajuntou o tem-
 po do Outono, em que os
 fruttos se colhem? Eu o di-
 rei: porque as flores appa-
 recidas na terra , no com-
 mum sentir dos Exposit-
 tores, symbolizaõ as inspi-
 rações, que Deos envia a
 huma alma; & as inspira-
 ções para serem a huma
 alma proveytosas , ao
 mesmo tempo que como
 flores, & ainda antes de es-
 tas estarem abertas, appa-
 recerem, se hão de colher
 logo com o fruto : *Tempus*
putationis advenit.

18 O que largo campo
 se me abria aqui agora,
 para huma bem proveyto-
 sa doutrina; mas o tempo
 me não permite, que a
 pondere, quanto para to-
 dos era importante. Dizey-

me : com quam repetidos
 golpes de sua divina luz
 nos não fere Deos conti-
 nuamente os corações?
 Quantas batarias não está
 dando cada dia a nossa al-
 ma, paraque deyxemos o
 estado, em que ha tantos
 annos nos achamos pecca-
 minoso, paraque de veras
 o amemos, paraque aposta-
 damente o sirvamos, sem
 que effes golpes nos aca-
 bem de render, sem que
 nos resolvamos nunca a
 nos melhorar? Quantos
 annos ha que nos tem
 Deos enviado repetidas
 inspirações, paraque tra-
 temos do remedio de nossa
 salvaçãõ? E que fizemos
 atègora? Acodimos por
 ventura a estes avisos do
 Ceo? Oh como me parece
 que fechamos como ingra-
 tos as portas de nossa al-
 ma, & coraçãõ a Deos,
 dando sò entrada nelle à
 torpessa abominavel dos
 vicios, & appetites do
 Mundo, ou que imos tar-
 dando hum dia, & outro
 dia, hum anno, & outro
 anno, & toda a vida com as
 rosas,

Virgens imprudentes do Evangelho, que por vagarosas, & descuidadas em abrirem com tempo as portas ao Esposo, se virã dos logros da Bemaventurança desgraçadamente excluidas: *Nescio vos.* Oh desgraça, & tibiesa nossa, digna por certo de ser com lagrymas eternas resentida! Não permitta Deos pela sua bondade divina, que assim seja daqui por diante; procuremos com apostada, & generosa resolução o melhoramento da nossa vida, & a salvação da nossa alma; & porque as mãos fervem de instrumento para que a alma se converta, & melhore, vejaõ-se as nossas mãos na execução das obras com huma legitima, & verdadeyra fê acreditadas; veja-se nas nossas mãos a justiça com hum grande

desinteresse bẽ pesada; veja-se nas nossas mãos huma muy esculpola, & resoluta consciencia, esculpola, de não guardarmos os firmes propositos, que a Deos sifemos de cumprir à risca os seus divinos preceytos; resoluta em obedecermos com toda a velocidade às inspirações, com que Deos o entendimento nos illustra, & aos auxilios que continuamente nos estã dando, para que emendemos com tempo a vida; para que abominemos de todo a culpa; para que façamos todas as diligencias, que nos forem possiveis por assegurar nesta vida a Divina graça, para que assim mereçamos conseguir na outra a felicidade da eterna Gloria: *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotēs.* Amẽ.





SERMAO
 DECIMO TERCIO
 DA GLORIOSA
 SANTA CLARA,
 PREGADO EM LISBOA. NA IGREJA
 do seu Convento. Anno de 1682:
 AVE MARIA.

Simile est Regnum celorum decem Virginitibus, quæ accipientes lampades suas, exierunt obviam Sponso.

Matth, 25.

Divina, Humana, & Amorosa Magestade.

1



OM semelhã-
 ças de dês Vir-
 gens se expri-
 mem hoje no
 Evangelho do
 Reyno do Ceo as qualida-

des. Todas levando no es-
 curo da noyte brilhantes
 luzes, sahiraõ a receber o
 Esposo, & a Esposa as dês
 Virgens: Com esta bem no-
 tavel differença, que todas
 na

na tardança dormiraõ , & todas na vinda espertaraõ. Eraõ cinco dellas entendidas, & as outras cinco indiscretas; as discretas tinham oleo bastante para vender, mas não o tiveraõ para emprestar: escusar'emprestimos he nobre ardil de entêdidos, mas não sey se he tãbê escasso genio de animos canhados: eu por mais seguro tenho o dar com que se cobra a benevolencia, que o emprestar com que se quebra a amizade. As necias logo experimentarãõ na luz defectuosos desmayos, & se assim naõ succedera, não padeceraõ de imprudentes os desares; foraõ comprar a luz, como se esta, em quanto he da discricião o geroglyfico, se comprasse com o ouro, ou se adquirisse com o trabalho. Chegou finalmente o Espirito Divino, & entrãõ ditos as entendidas, & ficãõ mal afortunadas as loucas. Havia de haver hum dia bom para o juiso de tantos, quantos logra a ignorancia deste Mundo

vanturosos. Eis-aqui a letra mais construida, que cõmentada, no discurso explicaremos o Texto, com o qual celebramos a gloriosa, & purissima Virgem Santa Clara, espelho de virtudes, idea de Religiofas, affombro de santidade, emfim prodigio tam grande na terra, que he forçoso buscarlhe as semelhanças no Ceo: *Simile est regnum calorum decem virginibus, quæ accipientes lampades suas exierunt.*

§. I.

2 **T**Od as Virgens do Evangelho sahiraõ com luzes para vencer as sombras da noyte, a gloriosa Sãta Clara, lustroso objecto desta solennidade, para exceder as luzes alheas, foy a propria luz; he Clara hum luz de sobrelevada grandesa, he Clara o lufido Planeta deste dia. Sonhava sua mãy, que sahia de suas
entra-

entranhas huma luz tam avultada , que a todo o Mundo banhava de claridade o seu resplendor; por isso pos à menina por nome Clara, & excedeo neste caso o verdadeyro ao sonhado , porque para desempenho de huma luz sonhada, lhe amanheceo huma luz verdadeyra: esta luz grande havemos hoje de contemplar , se seus rayos de todo nos não cegarem. Joseph o que foy Viso-
Key do Egyto, sonhou que em seu pay o adorava o Sol: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & stellas undecim adorare me*: a adoraçãõ foy verdadeyra, mas o Sol foy sonhado: em Santa Clara ainda passãrãõ à-
lem dos sonhos os prodigios ; tem resplandores de luz quando sonhada, & rayos de Sol quando nacida; cõ ser tam livre o sonhar, não chegãrãõ as quimeras da fantasia a igualar as perfeções da obra. Quando Deos fabricava a Heva, primeyro introduzio em Adão hũ lethargo profú-

Genes.
37.
7.9.

do: & pois em tal occasiãõ, & em tal tempo se ha de ver Adão; ao sono rendido? Sim, paraque huma creatura tam perfeyta como Heva primeyro se representasse sonhada , paraque se cresce vista; & paraque não pareça sonhada depois de vista, seja antes de vista sonhada; preceda hum sonho à verdade , paraque a verdade senão avalie sonho. Para nacer hum Sol tam adornado de perfeções como Santa Clara, justamente precedeo antes a luz ; a vista de hum Sol de repente cega a vista ; por isso a natureza dispos , que antes se anticipasse a Aurora.

3 Na creaçãõ do Mundo , quando houve Deos de fabricar o Sol ao quarto dia: *Fecit Deus duoluminaria magna*, dis o Texto sagrado , que se anticipãrãõ o Senhor no primeyro dia a fabricar a luz : *Fiat lux*. Para mayor intelligencia do que vou discorrendo, havemos de suppor, que na opiniaõ commua a mesma luz do primeyro dia, he ao quarto

Genes.
1.º.
16.

quarto dia do Sol: agora o meu reparo: & pois porque não he Sol antes quando luz? Como sendo a meſma luz, he Sol ao depois? Sabeis porque? Porque para fer o dia do Sol, hão de fer as veſperas da luz: quem ha de fer Sol nacido, ha de fer luz prognosticada. Eis-ahi pois a cabal ração, porque Santa Clara para nacer como Sol, foy primeyro pronosticada luz. Que digna de entrar aos despoſorios divinos: porque o Sol quando mais bisarro fae como eſpoſo: *Et ipſe tamquam ſpōſus procedēs de thalamo ſuo*, hoje Clara, que he a eſpoſa, fae como Sol. Logo nos primeyros dias de ſua vida ſe dedicou a Deos Santa Clara, já ardia em amorofas chamas, já ſe abrazava em ardentes affectos: da ſua vida nos conſta que antes de ter contas para reſar, contava as orações por pedrinhas: tam cedo começou a lançar as pedras para tam grande edificio; ainda não tinha contas, &

já a devação faſia extremos; como era Sol, por ração da luz, não eſperou a luz da ração. Sol verdadeyramente he Santa Clara, mas Sol que ſe abraza quando amanhece: por iſſo foy do Divino Eſpoſo eſcolhida como Sol: *electa ut Sol*, porque ajuntou com a primeyra aurora da vida os mais abrafados rayos do Sol: *Quaſi aurora conſurgens*, & já então: *electa ut Sol*. Quem ſenaõ hum Sol tam claro poderia ſair do berço com hum amor tam gigante? Sae o Sol do berço nacido, & ſae logo agigantado: *Procedens de thalamo ſuo, exultavit ut gigas*.

4 Eſta foy Santa Clara, eſtes os brilhantes rayos deſte fermoso Sol nos primeyros crepusculos de ſua vida; & que faria Clara quando entendida, ſe nos annos de ignorante fes às Virgens prudentes tantos excessos? Sae huma noyte da caza de ſeus nobiliſſimos paes, vay-ſe ao Convento dos Frades aonde a eſpe-

Cant.
6. v. 9.

esperava o glorioso São Francisco, para a admitir ao estado de Religiosa, & sendo de riquezas bem dotada, primeyro de tudo se despossue, tudo pisa, tudo atropella, o lufido das galas, o precioso das joyas, o aprafivel das lisonjas, as opulencias, & as esperanças. O que a mim mais me admira, he que faça Clara cessaõ de bens, não para sair, mas para na prisaõ do carcere entrar: que prodigo está o amor, quando chega a dissipar quanto tem: *Dissipavit substantiam suam*. Que grande maravilha, na flor da idade cortar vaidades em flor! quando os annos estão no tempo dos enganõs, fazer defenganõs do tempo, oh que juizo tanto sobre os annos! para quantos florece o Mundo, quando já caducão, & para Clara o Mundo caduca, quando mais florece: deyxar o Mundo, quando o Mundo deyxar, tem pouco que agradecer: hum Mundo trabalhoso por si mesmo

está deyxado, o lanço discreto he deyxar o Mundo poderoso, quando a riqueza que agrada, he remora que enfeytiça: pisar o Mundo quando lisonjea, quando prende, quando rouba, essa he a finesa que Deos mais estima.

5 Ao acabar do diluvio sahiraõ da arca o Corvo, & a Pomba; o Corvo como vio já a terra das inundações livre, deyxou-se ficar, & a Pomba, dis o Texto, que trasendo no bico hum ramo de verdes folhas, final de que já a terra estava florida, se tornara na arca a recolher: *Venit ad eum portans ramum olive, virentibus folijs*: que a Pomba deyxasse o Mundo, quando o horror do diluvio tudo atemorizava, & o medonho golphão das agoas tudo cobria, tudo alagava, isso fim, mas quando já passada a procellosa tempestade, a terra estava hum jardim, hum paraíso, huma primavera, as flores com mais gala, as arvores com mais copa, os

Lnc.
15.
p. 13.

Genes.
8 v.
11.

bof.

bosques com mais rama, os prados com mais graça, que então deyxte o Mundo florido, por buscar na arca hum claustro tam fechado; que quando na terra tão rica, tam deleytosa, tam alegre, & tam aprasivel podia ser Senhora, se venha a prender, se venha a sepultar nos apertos de hũa arca, limitada esfera para tão ta pompa? Que assim se corte a si mesma as azas, para buscar penas; assim se abata os voos, para se fechar em claustros tam estreytos? Oh que Pomba para Aguia? julgou que buscar a arca no tempo do diluvio, quando o Mundo naufragava, era commodidade, & sô finesa deyxar o Mundo frustrado, quando se enriquecia florido: *Viventibus folijs*. Não o fes assim Santa Clara como Aguia generosa, ou como Pomba entendida? Que Pomba chama o Divino Esposo à sua Esposa dos cantares: *Una es columba mea, sponsa mea*: Não deyxou o Mundo, quãdo mais

flores promettia, & mais esperanças lhe dava: Sendo que não eraõ flores fingidas, senão esperanças verdadeyras. Vendo o Serafico Padre São Francisco o generoso desapego, com que Clara desprezava as riquezas, & esperanças com que a convidava o Mundo, por suas proprias mãos lhe corta os cabellos; deyxadas as galas, & pompas do Mundo, se consagra de todo fugitiva a seu Divino Amante. Que acção esta tam breve referida, & tam mysteriosa ponderada!

§. II

6 **A**S outras Virgens do Evãgelho sahiraõ de caza: *Exierunt obviam Sponso*: Santa Clara além de sair de caza, tambem parece que sahio de si. Huma donzella nobre, recolhida, & adornada de todas as partes sahese de caza, & de noyte fugitiva: Assim falta ao de-

coro, & respeyto, que se deve a si, à sua opiniaõ, & à sua estima, & qualidade? E se differ o Mundo que he locura? Diga embora, porque dirà Santa Clara, que quer exceder com as finesas do amor Divino as locuras do amor profano: dirà Santa Clara, que não he justo que hum affecto louco faça excessõ ao amor discreto. Sinco das Virgês do Evangelho eraõ locucas, & cinco discretas: *Quinque ex eis erant fatuae, & quinque prudentes*: o que me admira he, que sendo as acções de humas, & outras Virgens as mesmas, porque todas sahiraõ, & todas sahiraõ de noyte, nessas mesmas acções humas se jão entendidas, & outras ignorantes: mas não ha que admirar, porque nas entendidas foy o mayor argumento de serem discretas, igualar as acções das locucas; igualar com a finesa a locura, he a mayor finesa; porque he o mayor excessõ de hum arbitrior entendido, chegar aos ex-

cessos de hum impeto arrojado: as demasias, de hũ amor que se precipita cego, hão de chegar às deliberações de hum amor, quando se empenha resolutõ.

7 A Magdalena amou muyto, & com muyto excessõ: *Dilexit multum*? Sim, porque quantas locuras executava, quantos respeytos arrasta o amor profano, tantos sacrificou ao amor Divino: nem o credito a detem, nem a publicidade a acobarda, nem a opiniaõ a intimida; assim se delibera, como quem se precipita; assim se empenha, como quem se despenha; assim se resolve considerada, como quem se arroja impetuosa: ninguem se perdeõ com tanto excessõ, quantos forão os excessos, com que a Magdalena se ganhou; ninguem chegou com as locuras a igualar suas finesas: quando ouvio o amor profano suspiros tam ardentes? Quando vio lagrimas tam abrasadas? Quando forão holocaustos de suas

suas aras tam amorosas an-
fias, como aquellas, que a
Magdalena sacrificou aos
pés de Christo? Por isso a-
mou muyto: *Dilexit mul-
tum*, porque igualáraõ os
delirios do amor louco os
excessos do amor Santo. E
que avantejada se mostou
Santa Clara! a Magdalena
tratava de remediar culpas,
Santa Clara de acreditar
finesas: a Magdalena busca
a Christo depois de o per-
der, & Santa Clara perdida
pelo achar. O amor profa-
no fas em Salamão, em
Samsão, & em muytos ou-
tros a sabedoria louca, & o
amor Divino fas em Santa
Clara a locura sabia: ajun-
tar a prudencia com o a-
mor, he a mayor difficul-
dade; porque o amor, se he
muy reportado, não pòde
ser muy fino: na prudencia
tudo he prevenir ruinas,
acautelar perigos, & evitar
arremecos; & o amor sò es-
tima defestimar perigos,
offertar arrojámétos, & so-
licitar precipicios. Sò em
Santa Clara se viraõ unidos
excessos de amante com

arbitrios de prudente; para
lançar a barra muyto álem
de todo o excessivo, foy em
Santa Clara o excessivo
muyto considerado.

8 As finesas de Santa
Clara nesta occasiaõ tive-
raõ o considerado de pru-
dente, & podião chegar a
parecer locuras por exces-
sivas. Esse he o mayor au-
ge de hum excessõ amoro-
so, & de huma resoluçaõ
bisarra, que sendo discreta,
tenha apparencias de lou-
ca, & de ignorante. A espo-
sa amãte dos Cantares que-
ria buscar a seu Divino Es-
poso ao meyo dia: *Indica
mibi ubi pascas, ubi cubes in Can-
meridie*, & nisto manifesta

1. P. I.

va grande amor; & se foy
tanto buscar ao meyo dia:
in meridie, quãto seria bus-
car no alto pino de huma
noyte: *media autem nocte*,
que he o que fes Santa Cla-
ra? Se Santa Clara esperara
pelo dia, era dar espaços à
tardança propria, quem
morria de tardanças alhe-
as, *Moram autem faciente
Sponso*: quando o Esposo
se detem, que mayor finesa,

Aa ij que

que então se apressar, vendendo com luzes de dia, vagares tam importunos da noyte? Quando Christo Senhor Nosso resuscitou quis o Sol mostrar-se fino nas prevenções de resuscitado: *Cum adhuc tenebræ essent: orto jam Sole.* Notavel caso! se o Sol estava nascido: *orto jam Sole*, como estava o Ceo escuro: *Cum ad huc tenebræ essent?* Trevas, & Sol, sóbras, & rayos? Sim, que a noyte seguia seus espaços, & o Sol anticipou suas luzes; a noyte se detinha obediente, o Sol madrugava obsequioso, porque achou que era finessa mais clara sair o Sol em huma noyte escura. Assim se anticipou Santa Clara a obrar finessas antes da manhã, assim se empenhou a encobrilas com as sombras da noyte. Huma finessa escondida, sempre foy a mais estimada; por isso o Divino Esposo não queria que a Esposa o buscasse ao meyo dia; porque aquelle tempo decessarem as sombras, não era occasião de obrar finessas.

Joan
20.v.
1.
Mvrc.
16.v.2

9 Oh que finessa mostrou Santa Santa Clara nesta noyte escura! até os rayos deyxar, sendo Sol, porque lhe cortou São Francisco os cabellos, que não são imitavão, mas venciaõ do Sol os rayos. E q grande maravilha, ver o Sol sem rayos, & no mesmo tempo a Aurora sem lagrimas! o Sol com os rayos diminuidos, ou cortados, & a Aurora com os olhos enxutos: o gosto com que se didicava a seu Esposo, não permitia que derramasse lagrimas; & não ha lagrimas tam finamente choradas, que excedam estas lagrimas reprimidas. Dis Christo nosso amor, que a Magdalena lhe regou os pés com lagrimas: *Non cessavit regare pedes meos*, & que secava, & enxugava estas lagrimas com os cabellos: *Et capillis capitis suis*: o que reparo he em fallar o Senhor destas duas finessas como iguaes, sendo ao parecer tam diversas; igualmente louva a Magdalena nos cabellos que despre-

Luc.
7.v.45

v.38.

despresa, & nas lagrimas que chora? Sim; porque esses cabellos enxugavão as lagrimas: *Et capillis capitis sui terfit*, & a vista dos cabellos despresados, verem-se as lagrimas enxutas, he finesa tam grande, que fas tanto em enxugar as lagrimas que chora, quanto fes em chorar as lagrimas que enxuga: *Lacrymis cepit ritere gare. capillis capitis sui arfit*, & se isto succede a Magdalena, que enxuga lagrimas sem cortar cabellos, que feria em Santa Clara, que poem os cabellos cortados aos pès de Christo, sem ter lagrimas que enxugar nos olhos?

io A Magdalena offerece lagrimas, & cabellos, & Santa Clara quando parece que offerece menos, atè com os menos excede os mais da Magdalena, porque he mais que offerecer cabellos, & lagrimas, negar lagrimas, & offerecer cabellos; negadas estas lagrimas nesta occasiã valem muyto mais que offerecidas; porque he muyto

Tom. V.

mais sentir o rigor do ferro duro, sem hum affecto brando; que se vejaõ os cabellos cortados, & que fique o animo inteyro: sendo as lagrimas tam estimadas do Divino Esposo, fes Santa Clara mais em não chorar, quando a occasiã o pedia, do que fizera em chorar, quando a finesa a obrigava. Por não cortar os cabellos offerece Abslaõ o coração às lanças, & em Santa Clara vimos os cabellos cortados sem o coração ferido, offerecendo ao rigor do ferro, cabellos que valiam muyto ouro. Com estes cabellos ferio esta Esposa muy pura o coração ao Divino Esposo: *Cant. Vulnerasti cor meum in uno crine collitui*. Que grande finesa, que estremado valor, ficar izenta de pena quem offerece os cabellos cortados, quando o que os recebe cortados fica ferido de pena, & de lastima! Os Anciãos do Ceo arrojavão da cabeça as coroas de ouro aos pès divinos: *Mittabant coronas suas ante thro-*

Apo- cal. 4. v. 10.

Aa iij *num.*

num: grande finesa foy do despreso fazer gloria; mas Santa Clara para coroar suas finesas, senão arroja coroas de ouro, arroja o ouro de seus cabellos; que os Anciãos obrem estas maravilhas na idade mais provecta, muyto he, mas muyto mais, que Sãta Clara na flor da idade, ou na idade de flor, ajunte com a Primavera o Estio, o tempo de cortar com o tempo de florecer: *Flores apparuerunt in terra, tempus putationis advenit*: Quando o Sol arde de veras, troca Sãta Clara em Verao abraçado a Primavera mais florida.

Cant.
2.º.
12.

§. III.

II **N**Aõ sò corta os cabellos Santa Clara, mas tendo-se já despojado das galas mais vistosas do seculo, & despreso valerosamente, quanto o Mundo mais prefa, toca o adorno mais lusi-

do, em hum sacco de cilicio, & em hum eclipse de de burel este Sol. Quem não pasma de ver castigada, & sojeyta aos rigores da pena huma alma izenta de culpa? Dis Saõ Joaõ Evangelista, que nas vespèras do dia do juiso o Sol se ha de vestir de hum aspero cilicio: *Sol factus est niger Apoc. 6* *tanquam sacus cilicinus*: agora o meu reparo. Se o *v. 12* Sol he symbolo da innocencia, porq se ha de ver de penitencia vestido? Sabeis porq? Porque essa he a maravilha, ser mais rigorosa a finesa, que custuma ser a culpa; porque he affionta para quem deveras ama, que queyrão competir os castigos de hum peccador culpado com os excessos de hum amante fino. Isto farà o Sol quando o Mundo acaba, & isto fas hoje outro Sol quando o Mundo começa: triunfar do Mundo quando o Mundo acaba, muyto he, mas muyto mais he, acabar para o Mundo quando o Mundo triunfa: no Sol aquelles *trajos*

trajos lugubres faõ lutos pelo Mundo acabado, em Santa Clara os lutos faõ galas pelo Mundo vencido; o Sol farà lutos das galas, Santa Clara fas gala dos lutos.

12 Oh que grande juifo mostrou Santa Clara, sendo Sol do Mundo, em fôgir para o deserto: as Virgens imprudentes voltãraõ para a Cidade a buscar luzes, Santa Clara quando tem luzes de Sol, fugitiva no deserto se esconde, & occulta. Que prodigio tam grande ver na terra o mayor prodigio do Ceo!

Cant.
12.
v. 1
r. 6.

Signum magnum apparuit in Cælo mulier amicta sole: pois no Ceo, aonde faõ proprias as luzes, porque ha de ser prodigio grãde hũa molher adornada de rayos? Sabeis porque? Porque quando era a mais fermosa luz do Mundo, fugitiva foy esconder o Sol no deserto: *Et mulier fugit in solitudinem*: E que prodigio mais para admirado, que ver ao Sol escondido no retiro de hum deserto, fa-

sendo esfera do melhor Planeta as limitadas paredes de huma cella, & sepultura de hum espirito glorioso, que vive enterrado na vida, fò por viver desferrado da terra! Com quanta rafaõ se pòde chamar a cella de Santa Clara sepulchro do Sol: *Sepulchrum Solis*, aonde o Sol nace quando morre, & morre quando nace, padecendo os occasos de morto nos crepusculos de nacido. Que grande lastima, morrer a fermosa Raquel, & ser sepultada na flor da idade, no tempo da primavera, & na primavera dos annos:

Venit verno tempore, mortua est ergo Rachel! que grande discricaõ, obrar outra Raquel por finesa, o que a primeyra Raquel padecco por força, a huma sepultou a violencia da morte, a outra o desprezo da vida; hũa se sepulta por morta, outra morta por se ver sepultada: ambas na flor da idade: huma enganada do tempo da primavera, outra na primavera do tempo

defenganada. Morrer Raquel para o Mundo no tempo da primavera, foy violencia do tempo, mas morrer o Mudo para outra Raquel na primavera dos annos, foy força do juizo: que se aché o Mundo sem Raquel, he lastima, & que outra Raquel se aché sem o Mundo, he vêtura: o Mudo sem Raquel chora o muyto q̄ perde, Raquel sé o Mundo celebra o muyto que ganha: que seja consequência do tempo da primavera a morte de huma Raquel, he sem rafaõ do Mudo; que em outra Raquel seja consequencia da morte, do Mundo a primavera dos annos, he vittoria da rafaõ: Quanto vay de Raquel a Raquel! O Mundo triunfa de huma Raquel sepultada, & outra Raquel sepultada triunfa do Mundo: huma deyxá o Esposo no Mundo, outra deyxá ao Mundo por buscar o Esposo: *Exierūt obrim Spōse.*

13 Como o Mundo ficou deyxado, ficou tam sentido, que não houve diligencias que não empe-

nhasse, nem traças que não descobrisse: os paes com lagrymas, os parentes com queyxas, todos porfião por fazer tornar atrás o nosso Sol; mas se o Sol material antigamente se mostrou compassivo das lagrymas de Ezechias, Santa Clara está mais firme para resistir, do que o Sol para Josué vencer: que vam porfiar querer que Santa Clara, deyxado huma ves o Mudo, o torne a buscar. Huma Esposa de Christo huma ves que despousou as galas, já as não sabe vestir: *Ex-poliavi me tunica mea, quomodo induer illa?* Tam fora esteve Santa Clara de desfistir de seu proposito, que obrigou a imitar seu exemplo tantas donzellas tam illustres, tantas Senhoras, tantas Princezas, que correndo a pos do cheyro desta Rosa, fabricáraõ o melhor jardim da Igreja: *Traheme post te, in odorem unguentorum tuorum curremus;* mas que muyto, se hum Anjo na sepultura, he huma voz quebrada, huma
exem-

Cant.
5.º. 3.

Cant.
1.º. 3.

exemplo que enſina, huma violencia que attrahe, hũa força que arrebatã ! E não pergunto: para buscar a ſepultura de Chriſto, quẽ deſvelou as Marias? Quem as obrigou a madrugãr? Quem lhe deu azas para ſeguir, & quem lhas cortou para ſenã apartar? Sabeis quem? Hum Anjo que eſtava na ſepultura, cujo roſto era hum Sol: *Aspectus autem ejus ſicut fulgur*; & hum Anjo ſepultado, hum Sol no occaſo de hum ſepulchro, oh como enſina a deyxar o Mundo, como perſuade a melhorar a vida: *Factus eſt lapis doctri- nę cęleſtis cathedra*, diſſe São Pedro Chryſoſologo, *Schola vitę*!

Mat-
th. 28.
p. 3.

S. Pe-
trus
Chri-
ſolog.
Serm.
75. de
Re-
ſurrect.
Chriſt.

Genef.
19.
p. 16.

14 Para tirar a Loth do incendio das Cidades infames, foy neceſſario virem dous Anjos, & ainda obrigallo quaſi por força: *Apprehenderunt manum ejus, ... adduxeruntque eum*, &c. & foy mais poderoſa a violencia ſuaue do exemplo de Santa Clara, que a força violenta de dous An-

jos: com quanta facilidade tirou do incendio das Cidades tâtas donzellas, para as ſalvar no monte? Mas que muyto, ſe os Anjos que apparecerã a Loth, erã Anjos, & parecião homẽs: *Ubi ſunt viri, qui introierũt ad te*? E Santa Clara era mulher, que parecia Anjo: erã Anjos aquelles na natureza, & Santa Clara Anjo na vida. Vida de Anjo foy a q̃ fes Santa Clara: aquella humildade tam profunda, que ſendo ſuperiora a todas, a todas as outras Religioſas ſervia. Dos Anjos diſ São Paulo: *Omnes ſunt administratorij ſpiritus*: ſendo por natureza tam dignos de mandar, ſo ſe preſão de ſervir. Aquella pobreza tam eſtremada, que chegou apparecer impoſſivel, em fôrma, que quis o Papa Innocencio IV. moderãla, ſe a Santa não reſiſtira; porque ſabia, que não ha peſo tam impoſſivel, que o amor não faça facil. Diſſa a Magdalena que queria buscar aos hombros o corpo de Chriſto deſunto, ſendo

p. 5.

Ad
Hebr.
1. v.
14.

Joan.
20.
v. 15.

fendo o peso tam grande: *Dicito mihi, & ego eum tol- lam:* fendo o peso tam excessivo, o amor o fasia leve: nas balanças de hum amor fiel, não ha peso que as incline, nem trabalho que as abata. Assim tratava Santa Clara seu corpo com o rigor das penitencias, como se não fora seu: como era o amor verdadeyro, parecia o corpo fantastico. Oh que argumento de ser verdadeyro Anjo parecer fantastico o corpo ! hum Anjo nesta vida quando apparece, sò sem apparencias de corpo, & Santa Clara teve hum corpo tam puro, que teve muytas propriedades de Espirito.

§. IV.

19 **A** Quelles jejtis tam continuos, que chegou a eflar húa ves dezafette dias sê comer, que era isto, senão ser hum espirito Angelico, & parecer o corpo fantastico?

Não teve melhor prova o Anjo, para certificar a Tobias, que era Anjo verdadeyro, senão diser que não comia: *Videbar quidem vobiscum manducare, & bibere, sed ego cibo invisibili, & potu, qui ab hominibus videri non potest, utor.* Quem negará pois ser Anjo Santa Clara, pois sò comia do Pão dos Anjos, sò se sustentava com aquelle Manjar invisivel, o qual os homens não podem ver, que he o divinissimo Sacramento: *Cibo utor invisibili, qui ab hominibus videri non potest.* Huma ves se conta na sua vida que estando a nossa purissima Esposa de Christo elevada na doçura deste divino Pão, teve hum raptó tam prodigioso, & dilatado, que todos a julgaraõ por morta: mas de que me admiro, fosse avaliada morta, quem vivia sepultada ! morta estava, mas morta pelo Pão da vida, & não he muyto parecesse morte o amor, sendo o amor tam parecido a morte: *Fortis est ut mors dile-*

Tob.
12.
v. 19.

Cant.
8. v. 6.

dilectio. Como eſtava trãſportada naquelle divino Myſterio, & transformada por amor neſte Senhor, que de mais amante oſtenta no Sacramento, em tudo o reſpresentava: Chriſto Sacramentado por amor dos homens, em Santa Clara Sacramentado o amor de Chriſto: eſtã Chriſto Sacramentado na verdade vivo, & na apparecia morto, & Santa Clara com apparencias de morta, & com realidades de viva: viva ao amor, & morta à vida.

16 Já me não aſſombro de que Santa Clara ſuſtentaffe com hum ſò pão tanto numero de Religioſas; porque que muyto obre milagres com o pão Santa Clara, ſe nella obra tantos milagres, eſte delicioſo Pão? Que muyto ſuſtente com hum ſò pão a tantas, quem ſuſtentou eſte divino Pão em ſuas mãos? O caſo he muy ſabido. Querendo entrar no ſeu Convento de Aſſis hũ exercito de barbaros Mouros, ſahio a noſſa Santa cõ

o Santiffimo Sacramento nas mãos, & logo todos eſſes barbaros ficãrãõ cegos, & fugirãõ atonitos. Tendo o Sol Divino por throno o Sol de Santa Clara, claro eſtã, que haviãõ de cegar os inimigos com a multiplicação dos rayos: eſtando Deos Sacramentado em humas mãos tam valentes, certo he, que havia de pôr em fugida aos inimigos. Eſtando nas mãos de Santa Clara alcança o Diviniſſimo Sacramento igual, victoria, à que alcançou, eſtando nas mãos de Chriſto.

No Cenaculo tomou o Senhor eſte pão ſoberano em ſuas mãos: *Acc. pit panem in ſanctas, ac venerabiles manus ſuas*, & logo Judas inimigo fogio atonito: *exivit continuo*, diſ Saõ Joã. Como não havia de ficar o inimigo vencido à viſta do Sol parado? Eſte he o pão ſubcinericio, eſtando, Clara cuberta de cinza; & eſte era a eſpada de Ge-

deão: Subcinericius panis. non eſt hic aliud, niſi gladius Geatonis: Gladius Domini.

Ex verb. Cõſecrat. Joan. 13. v. 30.

Lib. I Judic. 7. n. 13. v. 14.

eſpa

espada de ambas as mãos se intitula tambem o sobrelievado Sacramento da Eucaristia ; porque vence no Cenaculo nas mãos de Christo, & triunfa no Mosteyro nas mãos de Santa Clara. Se não quizermos dizer, que como o Senhor tinha dado a Clara a mão de Esposo, & Clara tinha dado a mão de Esposa a Christo, estas duas mãos unidas eraõ a mesma mão, & claro està, que mão que era a mesma, sendo as pessoas diversas, havia de obrar prodigios ; se os excessos do amor, & a uniaõ dos desposorios não fiserão de diversas pessoas a mesma.

17 Dis hoje o nosso Texto, que as Virgens do Evangelho sahiraõ a buscar o Esposo, & a Esposa: *Exierunt obviam Sponso, & Sponse*, & ao entrar nas bodas, dis que sò entraraõ com o Esposo: *Intraverunt cum eo ad nuptias*: pois se a Esposa foy tambem buscada ao fair, como senaõ fas della mençaõ ao entrar?

Querem a rafaõ? Eu a dou: porque os desposorios uniraõ tanto as pessoas, que para se declarar que entrou a Esposa, basta diserse, que entrou o Esposo: *Intraverunt cum eo ad nuptias*. Já canso de seguir ao Sol de Santa Clara na sua grande carreya, porque saõ seus passos de Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam* Psalm 18. *viam*: tempo he já de contemplar a este Sol nos horizontes, no seu occaso o considero: ou para melhor dizer, no seu nascimento, que a morte do Sol, he o mesmo que nascimento do Sol, nesta morte, ou nascimento se celebraõ as bodas: *Intraverunt cum eo ad nuptias*. Nesta parabola se entende, conforme o commum sentir dos Doutores, a morte. Mas assim reparo: se a morte he pena, & as bodas saõ festa, porque se ha de equivocar huma celebridade festiva com hũa morte penosa? A cabal rafaõ he esta: porque a morte, que para os outros he pena, para os Santos he gloria, & certo

certo que não sey eu Santo algum, em quem se possa verificar tanto esta verdade, como em Santa Clara; porque ainda antes de sepultada a quis o Summo Pontifice canonisar, & que se dicesse Missa de huma Santa Virgem, em lugar da Missa dos defuntos, que parece era justo, que quem esteve sempre sepultada quando viva, tivesse depois de morta a canonização antes de sepultada. Como foy Sol na vida, teve sô apparencias de morte. O Sol quando parece que morre no Occidente, não he senão que nace a outro Hemisferio: no mesmo póto em que se representa morto, renasce vivo.

§. V.

18 **E** Quando fora afim que o Sol morrera quando se põem, nas estrellas que nos deyxá por herdeyras de sua luz, assás vivia. Santa Clara co-

mo Sol não morre quando se ausenta a melhor vida, & quando não vivera na felicidade que logra, assás vivia nas estrellas que nos deyxá em suas filhas. Em outras occasiões o nome de estrellas pòde fer lisonja, mas na presente he divida. Sendo filhas de hum Sol, mal se pòde cuydar, q̄ digo muyto em lhe chamar estrellas: *Solemque suū sua sydera norunt*, cantou o Poeta. A Abrahão prometteu Deos, que seus filhos ferião estrellas do Ceo, & areas do mar: *Multiplicabo semen tuum sicut stellas caeli, & sicut arenam, quæ est in littore maris*; são estrellas do Ceo, porque são nobres nas estrellas, são areas do mar, porque são muytos em numero como areas. Ainda que me arrepeada, digo, que as filhas de Santa Clara, porque nada tem da terra, todas são do Ceo estrellas. A seus irmãos vio Joseph representados nas estrellas: *Et stellas undecim adorare me*: os irmãos de Joseph todos são estrel-

Genes.
12.º v.
17.

Genes.
37.º v.
9.

estrel-

estrellas, porq̃ são filhos de Jacob, & a ração he, porque no mesmo sonho, em q̃ os irmãos de Joseph se representão estrellas, Jacob seu pay se representa Sol: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunã, & stellas undecim adorare me*, & quando o pay he Sol, são os filhos estrellas muy claras. Muday agora o nome de pay em mãy, & o de filhos em filhas, & fica ajustada a prova, que vay pouca differença de ser estrellas por Claras, ou ser Claras por estrellas.

19. Estrellas são as filhas de Santa Clara no lustre, & no illustre; estrellas na virtude, que he estrella de Santa Clara ter filhas virtuosas nas estrellas; estrellas do firmamentu pela constancia, estrellas fixas pela assistencia que fazem a Deos, s̃o estrellas errantes não são, porque professaõ clausura, & para evitar erros, são movidas, & governadas por Intelligencias. He muyto para reparar, que sendo tam varios

os aspectos, as conjunções, as opposições, os curtos, & recursos das estrellas, em tanta multidão de annos, nunca se achou hum erro; a causa dão ainda os Filosofos antigos, & he, porque as governaõ intelligencias Angelicas, & quando o governo he do Ceo, nem podem estrellas errar, nem ainda por sombras cair. No tempo do Juifo dis o Senhor, que hão de cair as estrellas do Ceo: *Stellæ cadent de caelo*: fica o Sol fixo no Ceo, fogem estrellas do Sol, por isto caem do Ceo: ficaraõ cahidas por retiradas; porẽm estrellas de tanto juifo, que em tudo seguem ao Sol, como nunca estão apartadas, nunca se viraõ cahidas, mas se o Sol eclipsa as estrellas, como he tam clara a luz destas estrellas em presença do Sol de Santa Clara? Querem saber o porque? Não tem; porque sendo mãy o Sol, & sendo tanto o paritescosco entre o Sol, & as estrellas, não embarga a luz do Sol o resplandor das estrellas.

Mat.
th. 29.
v. 29.

trellas. O que se vio em o sonho de Joseph quando vio o Sol , se vio tambem quando vio as estrellas ; porque era Sol o pay, & as estrellas filhos do Sol , & não tem lugar os eclipses , quando são tam grandes as rasões do parétesco ; a pesar de sombras hão de lusir para o Ceo as filhas de Santa Clara por lisonja , & para terror do inferno, contra quem se arma este luzido exercito de estrellas.

20 O soberbo Lucifer precipitou com a cauda hum terço das estrellas: *Et cauda ejus traherat tertiam partem stellarum.* Por estas estrellas se entendem os

Apoc. 12. v. 4. Anjos : desordenou estas estrellas, querendo perverter lugares , & como tirou as estrellas da ordem, logo arruinaraõ prostradas. As filhas de Santa Clara são estrellas na Ordem de São Francisco, & estas postas em ordem , celebraram vittorias , em lugar de padecer ruinas, sò sabem vencer, sò sabem triunfar. Foy

desbaratado Sifara, porq̃ as estrellas postas em ordem contra elle peleijaraõ: *Stelle manentes in ordine , & cursu suo contra Sifaram pugnave unt.* Das estrellas

desordenadas, ainda que significuem Anjos os triunfa o inimigo , mas quando os Anjos são estrellas em ordem, fica o inimigo vencido: estas estrellas em ordem são estrellas dedicadas a Deos, são estrellas de Deos. Aqui vos digo eu, que sobe o pensamento à quanto não pode sobir a mayor soberba. A mayor soberba, que houve nunca, foy a de Luicifer ; & em que este essa soberba ? Em querer exceder, & sobrepujar as estrellas de Deos: *Super astra Dei exaltabo solium meum.* E pois valhame Deos! em hum Anjo como Lucifer , a mais perfeyta creatura na natureza, que Deos ordenou, he soberba, & ha de ser fatal ruina, querer exceder as estrellas? Sim, q̃ são estrellas a Deos dedicadas , são estrellas de Deos: *Super astra Dei. Vé-*

Lib.
Judic.
5. v. 20

rufas estrellas em se dedicarem a Deos, ditoso o desprezo, que do Mundo fizeram, pois he soberba nos pensamentos de hum Anjo, competir vossa humildade. Muyto differa destas estrellas, se dera lugar o tempo: estrellas na ventura, estrellas na nobresa, estrellas no resplendor, & o que he mais, estrellas incorruptiveis pela pureza, estrellas acertadas pela obediencia, estrellas ricas pela pobreza, estrellas mais levantadas por mais humildes: as estrellas sendo mayores que o Sol, & que a Lua, parecem muyto mais pequenas, porque estando mais levatadas, não as ensoberbece o lugar mais alto, antes por estarem mais sobidas, se mostrão menos grãdes, & mais humildes. E serão estas estrellas estrellas da noyte? Não, q̃ tudo tem de estrellas, senão a noyte: as estrellas que presidem à noyte, acompanhaõ a Lua:

Genes.
1.º. 16

*Luminare minus, ut præ-
esset nocti: & stellas, & estas
estrellas s̃o seguem a conf-*

tancia do Sol, & pisaõ as variedades da Lua: Como filhas do Sol saõ estrellas da manhã: estrellas que tem por officio louvar a Deos, da manhã saõ estrellas: *Ubi eras, dizia Deos a Job, cum me laudarent astra matutina: aonde estavas Job, quando cantavão estas estrellas?* A quem està suspenso, perguntamos aonde està? Estava Job todo arrebatado, & suspenso, porque o suspendiã as estrellas cantando, com a suavidade das vozes, com a alma das letras, com a harmonia das solfas, & Deos no mesmo tempo presando-se de ter esta capella de Estrellas, aonde as estrellas saõ musicas, & musicas nas estrellas. Platão Principe dos Filozofos s̃pre andava suspenso, porque dista que sempre andava ouvindo a musica das estrellas; o que em Platão era sonho, aqui he verdade, & excede ao sonhado o verdadeyro. Encantarem as estrellas foy erro de muytos, cantarem as estrellas foy erro de Platão;

Plataõ ; aqui he verdade, que cantaõ, & encantaõ as eſtrellas; porque ſe o encãtar he ſuſpender, aqui o ſuſpender naõ ſe diſtingue do cantar.

21 O que mais me admira he, que ſendo eſtrellas da manhã : *aſtra matutina*, ſendo de tam pouco naci- das muytas deſtas eſtrellas, já ſejaõ eſtrellas tam claras; mas eſſa he a biſarria : eſtar no Horifõte por naci- das, & no meyo dia por claras: te- rem as mais antigas mais annos, mas naõ mayores luzes ; em poucos dias de luſidas, muytos ſeculos de luz. Neſte Ceo ha eſtrellas de mayor, & menor; eſtrellas antigas, & eſtrellas novas. Oh que grande oc-

caſiaõ para diſermos, que eſtã o Ceo facil para ſe pe- netrar! Foy opiniaõ com- muna dos Filoſofos, & dos Mathematicos, que os Ceos eraõ ſolidos, & impenetra- veis, mas depois, q̃ no Ceo appareceraõ algũas eſtrellas novas, os melhores mo- dernos ſeguẽ q̃ os Ceos ſãõ fluidos, & faceis de pen- etrar; pois hoje que vemos a tantas eſtrellas novas, por- que naõ diremos que eſtã o Ceo brando, & benigno, para deſcer com grandes influencias de graça, & pe- netravel para as receber a perpetuidades de gloria: *Quam mihi, & vobis præſ- tare dignetur Dominus Omnipotens. Amen.*





SERMAO

DECIMO QUARTO

DA

SOLENNIDADE

DOS REIS

PREGADO NA CAPELLA REAL

na Dominga infra Octavam.

Anno de 1686.

AVE MARIA.

Vidimus stallam ejus in Oriente, & venimus adorare eum.

Matth. 2. v. 2.

Muyto Alto, & muyto Poderoso Rey, & Senhores Nossos.



BM busca de hum menino dura do Ceo com que se manifesta, todo de alambre para attrahir: na liberalidade grandiosa com q se communica, todo de ouro para dominar: com mais de

de magnetico para acari-
ciar almas, do que là fin-
gio a antiga fantasia que
teve a voz de Orfeo para
encantar feras: com o amor
todo prevenido com mais
doces laços para conquista-
r peytos, do que cõmenta
a fabula, que tivera Hercu-
les de cadeas para prender
homens: com o senhorio
todo armado de mais sua-
ves prisões para conciliar
vontades, & avassallar vis-
tas, do que sonhou a Hyper-
bole que tivera Amfion
de cordas para enredar pe-
nhas, & Arion de redes pa-
ra enlaçar agoas: de hum
Menino, que sendo de to-
dos os Reis o mais sobera-
no Rey, na mansidão de
Cordeyro com que nace,
confirma o fetto, & na cle-
mencia de Sol com que a
todos illustra, reforça o
throne: *Roboratur clemen-
tia thronus ejus*; porque
naõ quis apparecer no Mũ-
do, no sentir de Chrysolto-
mo, usando da Omnipotẽ-
cia para temido, mas da af-
fabilidade, & brandura pa-
ra amado: *Non ut propter
potentiam timeretur, sed*

Prov.
20.v.
28.
São
Chry-
sost.

*ut propter mansuetudinem
amaretur.* Em demanda,
digo, deste Rey todo celes-
tial, & divino, dis o Evan-
gelista São Mattheus, que
se abaláraõ, generosamente
resolutos, de suas terras, a-
quelles tres Reis, que foraõ
os progenitores da Fè, &
as primicias do Gentilif-
mo, persuadidos pela elo-
quencia muda de huma es-
trela, a qual a pesar do Sol,
assim ardia com luzentes
rayos, ou lusidos acenos,
que não poderam deyxar
de advertir o dourado cer-
co de seus resplandores;
nem de seguir as mudas
vozes com que os chama-
va (que acenos do Ceo, a-
inda callados, para quem
os sabe entender, saõ muy
rhetoricos para persuadir.)
Oh que grande ventura a
destes tres Principes! por-
que se toda a ventura he
estrela, que mayor podia
ser a sua ventura, que che-
garem a ter estrela com
Deos? A vista desta luz do
Ceo, que na estrela prece-
dia aos Magos por guia,
lhes desapparece logo não
Bb ij

In
Hymn
Eccles

fô toda a gloria da sua Corte, todas as grandesas de Jerusalem, todas as delicias de Herodes, mas nem ainda a claridade da mesma estrella, por mais que excedesse a toda a roda do Sol, *quæ Solis rotam vincit*, lhes parece boa para amada, senão sô para seguida, em quanto se conduzem à melhor luz daquelle Deos menino, que he de justiça Sol verdadeyro, & de toda a sua peregrinação o termo mais suspirado. Eraõ igualmente Reis, que Sabios estes tres Principes, que isso significa o nome de Magos, & como por sabios conhecimento das estrellas os influxos, conhecerãõ logo a proporção que tinha a estrella d'Alva com o Sol nacido: deyxãõ o Sol nascendo no Oriente, & achãõ o Sol nacido em Belem, deyxam o Oriente das esperanças, & acham em Belem nacido o fruto.

Assim conduzidos do rayo de tam celestial luz, norte sufficiente para não perderem o rumo, a ligeyros voos de Aguias ge-

nerosas, com os olhos fitos na verdadeyra Divindade do Sol, caminhaõ os tres mais felices peregrinos, renunciando com alentado brio, & generoso desprezo, o mimo da patria, & a soberania do throno: *Vidimus stellam ejus, & venimus*. Como era em seus corações grande o affecto, não podia o passo ser vagaroso, que chamas, & tibiezas nunca no peyto se virãõ hermanadas, nem amor com o ocio em coraçãõ algum se achãrãõ nunca unidos. Chegãrãõ pois a Belem tam cuydadofos como amantes os tres Principes, entraõ na Lapinha, ou naquelle mais venturoso Epicyclo, & dando com os olhos em huma Magestade Soberana, trajando o disfarce da nossa natureza, & reduzida ao breve corpo de hum menino, tremendo com frio, no defabrigo de huma Lapa, no reconcavo de huma penha, enternecendo com suspiros a dureza de hum rochedo, aonde exposto o lindo Infante

às injurias licenciosas do tempo, às inclemencias da neve, & aos rigores do Inverno, tem por regalo delicioso sò o desamparo, & sò o penoso por alivio; alli arrastando purpuras, & lançando por terra as coroas, que quando dellas fazem fitial aos pès deste Infante Divino, então mais nas suas cabeças as firmão, sem dilação alguma por Deos Omnipotente o adoraõ, & obsequiosamente rendidos seus thesouros em sacrificio, & seus corações em holocausto lhe offerêem: *Adoraverum te, & apertis thesauris suis obtulerunt.* Esta he em summa a narração do mysterio, a que se dedica a presente solennidade; & supposto, que por huma enfática admiração lhe deu principio o Evangelista: *Ecce Magi, me vim a resolver a mostrar hoje com alguma evidencia o motivo que teve o historiador sagrado, para tanto se admirar nas circunstancias desta vinda; & se o péssamêto me não engana, te-*

Tom. V.

nho eu para mim, q̃ sò fora, por nella se verê na Magestade mais humilhada, a grandesa divina para render, & attrahir mais poderosa; os certos com pressa, a adoração sem lisonja, & a retirada com victoria. Em todas estas circunstancias respeitaremos sempre aos tres Reis por grandes sabios: *Ecce Magi*: vamo lo discursando, levando sempre a jornada destes tres Principes por guia, & o Evangelho por norte.

. I.

3 **A** Primeyra cousa que admiro na vinda destes Principes, he que sendo tam poderosos, logo os attrahisse a si hum Deos menino tam humilhado. Sogeytar com a grandesa, & render com o poder, attributos saõ com que a Magestade humana se desvanee, avaliando por effeitos da grandesa mais lusi-

Bb iij dos,

dos os q̄ s̄o são defeytos do poder mais defayrosos; & na verdade, que pouco pôde obrigar, quem s̄o obriga porque pôde: o imperio que consiste na força, he violencia, & a violencia he tyrannia; s̄o quem sabe senhorear humilhado, se pôde chamar poderoso; vencer com a soberania, & a pompa da magestade, limites são da fraqueza: fogeytar com a fraqueza, grandes são do poder: render ao desemparo de huma lapa, & à pobreza de hūs panninhos as purpuras mais lufidas do Oriente: pôr a seus pés, tendo as mãos atadas, as coroas mais magestosas: fazer que o mesmo poder pague a hum Menino tributo; he do poder o attributo mais soberano: por isso dizia Santo Agostinho, que o fazer-se Deos humano, fora credito do poder divino: *Ista*

Sanct. Aug. in Natali Domini Scriptura de tempore.

nativitas potentiam Divinitatis honoravit. Antigamente era Deos respeytado por poderoso, & agora he poderoso por humilhado;

Epifania chamarão os Gregos á presente celebridade, quer dizer, manifestação do poder; porque quando se mostra mais abatido, então se manifesta mais poderoso; para que entendamos, que o amor manifestado obriga mais que o poder reconhecido. Rêdê-se hoje os Reis, não a titulo de Divindade poderosa, mas a titulo de magestade humilhada; q̄ invento tam divino, para fogeytar poderosos cõ pretexto de finesa q̄ os affeyçoa, & não deviolencia que os obriga! Aos primeyros rayos deste Sol dão os Reis as costas ao Oriente; já senão gabará de adorado o Sol nacido, depois que foy nacido o Divino Sol; o Oriente deste novo Sol assombrou as luzes do Oriente: *Cum ergo natus esset: Ecce Magi ab Oriente venerunt,* & he este hum tam divino empenho, que podera parecer à mesma Divindade difficultoso.

4 A Ezequiel apparece Deos no Capit. VIII. soberamente magestoso, & feyto

feyto todo huma fragoa viva de ardentes chamas: *Et ecce similitudo quasi aspectus ignis, & a lumbis ejus, & sursum quasi aspectus splendoris, ut visio electri, & emissã similitudo manus, &c;* & desta sorte leva Deos ao Profeta a Jerusaleem, & sobre a porta lhe mostra hum idolo do zelo: *Idolum zeli ad provocandam emulationem*, advertindolhe, que entre outras abominações, as que avaliava por mayores, eraõ o verem-se alguns homẽs, que adoravaõ ao Oriente: *Videbis abominationes maiores ijs, & adorabant ad ortum Solis*: o que eu aqui mais noto he, que se mostra Deos em fogo, para significar os incendios amorosos que affecta, nas chamas que publica: apura resplãdores: *quasi aspectus splendoris*, para que renda a fermosura, o que não obrigar, o affecto: veste-se de alambre para attrahir, ainda que me parece, não havia aqui outro alambre mais attractivo, que o que tinha a

si a fermosura avinculado, que já por isso dis o Profeta, q̄ por semelhança: *Aspectus splendoris quasi visio electri*: mostra mão estẽdida, & emissã similitudo manus, outros lê: *extensa*, porq̄ não ha incentivo mais forçoso para render, que a mão estẽdida para distribuir, ou mão estendida para pagar, emfim valeo-se Deos da violẽcia, paraq̄ assim attrahisse, quando a de tãtos motivos não bastasse, sente estranhamẽte a cõpetẽcia do zelo: *Idolum zeli ad emulationẽ*, empenha a grãdesa do poder, copiando extremos de perfeições divinas, & com tudo não pòde fazer, que os homens dem ao Oriente as costas: *Et facies ad Orientem, & adorabant ad ortum Solis*: de sorte que nem com o amoroso do fogo, nem com o brilhante do resplãdor, nẽ cõ o attractivo do alambre, nem cõ o dadivoso, ou violento da mão estendida pode Deos conquistar os corações humanos rendidos ao Sol no seu nacimiento: *Et adorabant*

Ehzec

8.

v. 2. 3.

e 16.

bant ad ortum Solis ; pois que remedio? Que fas neste caso a Divina Sabedoria? que traça inventa? Eu o direy: vendo as forças de hū nascer tam poderoso, nace Deos feyto menino, & a penas nace, quando os que cegamente idolatras o Oriente adoravão, lhe dão as costas, & o erro da sua idolatria abominaõ: *Cum ergo natus esset : Ecce Magi ab Oriente venerunt*, & com o brando fogo do presépio, que ainda que de palhas, levanta mayores incendiõs; com a fermosura do Menino, que ainda que humana, em realces de divina, com o alambre de suas lagrymas, logo confegue o intento, logo fas, que as costas ao Oriente se virem, & que sò ao Menino nacido em Belem como a Deos verdadeyro se adore: *Ecce Magi ab Oriente venerunt: adoraverunt eum*; & veyo a ser facil às penas de Deos nacido, o que parecia impossivel a hum theatro de glorias de Deos empenhado: donde sendo as penas,

& lagrymas ao ser divino tam contrarias, bem sabido fica o mysterio; & vem a ser, que parece se mostra mais Deos quando Menino, pois atè os cótrarios voluntariamente o manifestão.

5 Na humildade de hum presépio, em que a grandesa divina se abate, o poder mais se engrandece; ahi se mostra mais poderosa a magestade humilhada, que o poder magestoso. Aquella celebre Estatua de El-Rey Nabuco, representava a grandesa sonhada do poder humano, ao impulso porèm de huma pedra se reduzio a poucas cinzas tanta pompa, porque tinha a fraquesa no barro, & o poder nos metaes; sendo, que para poder resistir, havia de ter na fraquesa o poder: hoje no barro da humanidade de que appareceo revestido o Menino Deos, se mostra mais poderosa a Divindade, prostra a a seus pès, não amaquina fantastica de huma estatua, mas a grandesa soberana de tres Reis, não com o impul-

fo violento de hũa pedra, fenaõ com o aceno luminoso de huma estrella; chamar Deos a estes Principes com a luz tibia de huma estrella, foy grande argumento do poder de quem chamava, & não menor a finesa de quem obedecia; porque quando o Emperio he suave, he mayor a finesa do obsequio, & mayor a ostentaçaõ do poder; bem limitado he o poder de quem sò com a violencia ostenta de poderoso. Esta deve ser a rafaõ mais forçosa que teve o Apostolo São Paulo, para vincular à luz a mayor grandesa do poder divino: *secundum potetiam claritatis ejus*; porq̃ a luz obriga com o suave, & não violenta com o activo. Em dous lugares do Texto sagrado, acho muy louvado ao Sol; o primeyro he do Profeta Rey: *Exultavit ut Gigas ad currẽdam viam: a summo celo egressio ejus, & occurfus ejus usque ad summum ejus, nec est qui se abscondat a calore ejus*: fahẽ o Sol como Gigante, &

correndo todo o Ceo, ninguem do seu calor se vè excluido. O outro lugar he na vittoria de Josue, em a qual o Sol mandado parar por hum homem, ficou cõ o titulo de Senhor: *Obediente Domino voci hominis*, Josue reparo em huma differença mysteriosa. E pois sò na vittoria de Josuè se attribue ao Sol o poder de Senhor? E como deyxou David este attributo do Sol em silencio? He por ventura o Sol quando vence Josuè mais poderoso, que quando abraza o Mundo? Sim, porque abraza o Mundo com o violento do calor: *Nec est qui se abscondat a calore ejus*, & favorece a vittoria de Josuè com o suave da luz, & sò então merece de senhor o titulo, quando com o suave da luz he poderoso, & não quando com o activo do calor he violento. Render sò cõ o luminoso de huma estrella, sogeytar com o suave de huma luz o imperioso de tres coroas, & a soberania de tres Reis, foy do poder tanto

Coloss

1. v.

11.

Psal.

18.

7.

tanto mayor argumento, quanto a efficacia do meyo era menor.

6 Os rayos desta estrela com a brandura, & suavidade da luz deraõ mayor claridade ao poder do Menino Deos. Pede o Senhor a seu Padre supremo, que clarifique seu poder no Mundo: *Pater clarifica filium tuum*, sendo assim, que o mesmo Senhor pouco antes tinha ditto, que ao seu poder havia de faser lufido o Espirito Santo: *Cum venerit Spiritus veritatis... ille me clarificabit*; agora pergunto eu: se pede que illustre seu poder a seu Padre Eterno, como ha de receber o poder de Christo a luz do Espirito Santo? Eu o digo: porque ao Eterno Pay o absoluto do poder he attribuido, & ao Espirito Santo se attribue o suave do imperio: illustrem pois a Christo os amorosos rayos do Espirito Santo, que mais poderoso o ha de declarar a luz suave, que o poder absoluto. He isto tam certo, q̃ o poder mais

absoluto saõ sombras que escurecem o imperio, & o imperio suave saõ rayos que illustraõ o poder. Levantado estava Christo Redemptor nosso em huma Cruz, & sobre a Cruz tinha o titulo de Rey: *Jesus Nazarenus Rex*; escurece-se o Sol, & com o prodigio deste milagre, nenhum dos presentes reconheceo o poder divino, nem confessou a Christo Rey. Em seu nascimento aos primeyros rayos de huma estrela: *Vidimus stellam ejus*, aclamaõ os Magos por Rey a Christo: *Ubi est qui natus est Rex*; grande mysterio, assim difficulto. E pois não foy mayor prodigio violentar os rayos de hũ planeta Principe, que produzir as luzes de huma estrela? Não foy do poder mais claro argumento o escuro do Sol, que o lufido da estrela? Assim parece, porq̃ logo ao apparecer da estrela, & não ao desapparecer do Sol ha Christo ser acclamado Rey poderoso? Foy sem duvida, porque os rayos da estrela

Joan.
17.
p. 1.

Joan.
16.
p. 13.
c. 14

Joan.
19.
p. 19.

trella eraõ luzes que declaravaõ o poder de Christo, & o eclipse do Sol eraõ sombras, que escureciaõ o titulo de Rey: naõ se via o titulo da Cruz com a escuridade do Sol, & a luz da estrella dava luz com que o titulo de Rey fosse visto: mas disto mesmo pergunto eu a ração: se o eclipse do Sol era de mayor poder argumento verdadeyro; porque naõ declarava mais o poder de Christo? A ração he, porque eclipsar o Sol, foy imperio violento, & o produzir a estrella foy poder suavissimo, & se o imperio suave saõ os rayos com que o poder se vê illustrado, o poder violento saõ sombras com que o imperio se acha escurecido; & Christo por mais poderoso se reconhece, chamando aos tres Reis com obrando aceno de huma estrella lufida, doque violentando com a escuridade de tantas sombras ao Sol: donde se infere q̄, se a suavidade do imperio foy do poder a ostentação mais engrandeci-

da, o obedecer ao imperio mais suave, foy tambem a mayor finesa: a primeyra vista de huma luz divina fogeyta toda a pompa da magestade humana, foy finesa verdadeyramente real. Do povo estava escrito que obedeceria à luz crecida de Christo: *Am-^{1/a.}bulabunt gentes in lumine* 60.v.3 *tuo*, mas os Reis aos primeyros crepusculos desta luz ainda infante rendem a homenagem de seu alvedrio: *Et Reges in splendore ortustui*: quanto foy menor do meyo a efficacia, tanto foy mayor do obsequio a finesa; obedecer à claridade da luz, sem esperar a declaração da voz, he o modo mais fino de obedecer.

7 Dous foraõ os me-
yos q̄ tomou Deos para a
converção de São Paulo:
hum foy a luz copiosa:
Circumfulsit me lux copio-^{At.}
sa, outro foy a voz do Ceo: *Apost.*
Audiui vocem dicentem mi-^{22.}
hi. Saule Saule, quid me per-^{v.6.}
sequeris? Mas notem, que
siando Deos dos circun-
stantes

7.7. tantes que vissem a luz, não consentio, que ouvissem a voz: *Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt*: pois que mysterio tem fiar Deos, que a luz daquelles homés fosse vista, & não querer que a voz fosse delles ouvida? O caso he, que quis Deos calificar a finesa de São Paulo em obedecer, quis que julgassem os circunstantes por muy fino o obsequio de Paulo; vejaõ pois a luz, & não ouçaõ a voz; porque obedecer sò a luz, he o mayor resplendor do obsequio, & esperar pela voz, sò sombras tem de finesa; persuadão-se que Saulo se rendeo ao aceno da luz, & não esperou pela efficacia da voz. Esta finesa que sò foy em São Paulo imaginada, foy em os Magos real, & verdadeyra: *Vidimus stellam ejus, & venimus adorare eum*: com a muda luz de huma estrella sahiraõ à luz com a mayor finesa: *Ecce Magi ab Oriente venerunt*. Magos lhe cha-

ma o Sagrado Texto, sò por obedecer deyxaraõ o titulo de Rey; & a que finesa tam lufida os inclinou a luz desta estrella? Começaraõ as finesas dos Magos, por onde acabaraõ as de Christo. A ultima finesa q̄ Christo fes pelos homens, foy deyxar o titulo de Rey, que estava na Cruz entalhado: *Inclinato capite tradidit spiritū*, & a primeyra finesa dos Magos foy despreferar o titulo de Rey soberano: *Ecce Magi ab Oriente venerūt*. Que grãde efficacia do poder de Deos humilhado, então he reconhecido por mais poderoso, quando se mostra mais benigno: sò a benignidade he poderosa, para fazer que estes Principes deyxando o titulo de Reis, reconheçaõ a Christo por Rey dos Reis: *Ubi est qui natus est Rex?*

Joan.
19.º
24.º

§. II.

8 **N**A magestade do Menino Deos, quando em hum presépio mais

mais humilhado, se vio hoje a grandesa divina mais poderosa, para attrahir a si aos tres Reis do Oriente de todo rendidos; & tambem se viraõ estes Reis muy ditosos, porque souberaõ ser resolutos; porque como podia faltar estrella aos que por amor de Christo, se resolveraõ a caminhar com o mais desvelado passo: *Vidimus stellam ejus*, & *venimus*: vimos, dizem elles, & viemos: ha mais prompta obediencia? Que custumando ser a prudencia em todas as resoluções vagarosa, fõ aqui fosse a pressa prudente, & que desta pressa nascessem os acertos, com que canonizaraõ os tres Reis a sua sabedoria? Eis-ahi o outro motivo que teve para se admirar nesta vinda o Evangelista: *Ecce Magi*. Sey eu que os Pastores fenaõ abalaraõ das suas cabanas para virem a Belem a buscar a Christo nacido, sem que primeyro os avifasse hum Anjo: *Evangelizo vobis gaudium magnum ... quia*

natus est vobis hodie Salvator; & que estes Reis, sem esperarem que alguma Intelligência do Ceo lhes desle o aviso, sem outro exame, ou indicio mais, que o deverem hũa estrella, tomem huma resolução de tanta importancia? Que sem faferem mais observações, se desterrem logo da sua patria, & se ponhaõ cõ toda a brevidade a caminho: *Vidimus, & venimus*? Bastante motivo he para huma grande admiração: mas eu confesso, que me não admiro desta pressa, a gradeço-a sim à sua sabedoria; que sendo tam sabios estes tres Principes, claro està, que para darem cõprimeto com toda a propriedade à vontade de Deos, que era trasellos do Oriente a Belem, haviaõ de entender logo o que o Ceo lhes intimava pela lingua munda da luz da estrella; & seja este o primeyro acerto, que resultou desta pressa: *Vidimus, & venimus*. Para os Pastores, porque erã rusticos, perceberẽ o mysterio

Luc.
supra.

terio do nascimento de Christo, não são necessárias vozes, & illustrações do Ceo soberanas: *Claritas Dei circumfulsit illos*, mas importa, que hum Anjo lhes dê sinais exteriores com que lho explique com toda a clareza, que lhes represente os interesses grandes, q̄ dahi lhes resultam, que os exhorte, que os mova, que os mande ir a Bellem, que de tudo isso necessita a sua ignorancia; porém para os Reis (porque eram sabios) alcançarem nas luzes da estrella esse mysterio, & em seus raios acenderem os desejos de buscarem a Deos nascido, sobraõ conjecturas, bastam da estrella os acenos: *Vidimus stellam ejus, & venimus.*

9 He tam cerrada, & vagarosa para perceber qualquer mysterio, que está escondido, a rusticidade, quam prompta, & perspicax he, para o alcançar, a sabedoria: no juizo de hum entendido atè as duvidas se achão evidê-

cias, no entendimento, de hum rustico atè as evidencias se achão ignorancias. Hum rustico não são he tardado no entender o que com alguma escuridade se lhe insinua, mas por mais patêtes que lhe estejaõ aos olhos nas luzes do Ceo os favores, nellas tropeça a sua ignorancia, para que se dê a sua vista por desentendido; hum sabio he tam aguil no penetrar segredos mais reconditos, que toma a mesma escuridade por luz, para conhecer atè de hum favor o mayor sacrilegio, quanto mais de hum resplendor hum beneficio. A primeyra parte não necessita de prova, provemos a segunda com alguma evidencia. Na meza do Cenaculo se achavaõ os doze Apostolos, & resentindo-se Christo de quem o havia de entregar, despertá a advertencia de Pedro, & insinua Pedro a Joaõ, que saiba de Christo, qual he o discipulo de tam sacrilego intento: *Innuít ego huic Simon Petrus, & dixit ei:*

Quis

Ioan.
13 n.
2.

n. 26.

Lyra
bic.

Quis est? Pergunta Pedro, & responde Christo : *Ille est, cui ego intinctum panem porrexero* : o traidor he aquelle , a quem eu da minha mão à sua der o pão: este pão , que significou o traidor ao Evangelista mimoso, querem muytos, que fosse o Pão Sacramento, que fosse Christo dado em beneficio a Judas no Sacramento: *Multi putant, quòd tunc Judas Corpus Christi accepit.* Ha resposta que esta mais mysteriosa, & estranha? & forte, que para declarar ao Discipulo do seu mayor mimo o segredo de huma ingratição mais sacrilega , lhe não dèsse Christo outro final , que o de hũ beneficio tam occulto, como he Christo no Sacramento? E pois se Christo quer fazer a Joaõ fazedor, de que he Judas tam ingrato, que se deyxá d'elle obrigar, quando està mais resolutivo ao offender, para que lhe falla por conjecturas, & insinuações? Porque lhe não revela logo que he Judas com toda a

clareza? Que monta mais dizelo com a boca, que declararallo com o Pão? Que mais fas significallo com o pão, que exprimillo com a voz? Assim como Christo disse em segredo a Joaõ, que he aquelle a quem elle der o pão , não lhe podia dizer no mesmo segredo, & em menos palavras, que he Judas? Sim podia, mas não quer Christo que a voz o declare, quer que o pão escuramente o signifique, & isso porque? Porque era Joaõ o que lhe fazia a pergunta : Joaõ era Aguia entendida, & quis mostrar Christo, que quem he Aguia, lhe basta menos para entender mais que todos os outros. He certo que este segredo da traição de Judas, como consta do Evangelho, de todo o Collegio Apostolico foy ignorado, porque não fora com a voz de Christo claramente exprimido : *Hoc autem nemo scivit discumbentium*; porèm Joaõ como de todos o mais sabio, sseuza de que a voz de

Christ-

Christo o exprima, & declare, contenta-se de que fômente o pão como final, & aceno o infinue, para que logo sem a menor duvida o conheça. E se tanta he como isto nos sabios a intelligencia, & perspicacia, que até de beneficios occultos descobrem manifestos agravos, culpas de finessas, traições de favores, não ha logo que admirar, que sendo tam sabios estes tres Principes, nas mais claras luzes da sua estrella, se dessem logo por entendidos, conhecendo a voz de Deos, que pela lingua do Ceo, qual era a estrella, como lhe chamou Santo Agostinho, por especial favor a Belem os chamava, para que lhe obedecessem aos seus acenos pontualmente: *Vidimus, & venimus.*

§. III.

Pontuaes obedeceraõ aos a:

cenos da estrella os tres Sabios, & sem que se interposse demora alguma entre o ver, & o partir, se resolveraõ a fazer no mesmo ponto para Belem a sua jornada com toda a prestesa; & desta pressa entendo eu, que naceo o segundo acerto, com que ficou mais qualificada a sua sabedoria: *Ecce Magi.* Nenhuma duvida tem, que de muytos outros foy no Oriente advertido aquelle lufido astro, mas sô sabemos, que os tres Sabios se resolvessem a vir seguindo o seu nacimiento: *Vidimus, & venimus:* os mais do Oriente contentaõ-se com ver, mas como ignorantes, deyxãõ-se ficar; os Magos não se deraõ com verem por satisfeitos, mas passãõ da especulaçaõ da vista, à praxe da execuçaõ como sabios: *Vidimus, & venimus.* Como entendidos alcããõ, que affectar detenças, & interpor demoras, ha fazer que se malogre na tardança todo o empenho de huma offerta, & de huma vinda.

Com

Com grande affecto deseja a Alma santa dos Cantares buscar a seu Esposo Divino, & adorado de sua alma: *Indica mihi, quem diligit anima mea: ubi pascas, ubi cubes in meridie?* Responde o Esposo: *Si ignoras te.* Notavel caso! chamalhe ignorante, quando ella se professa tão fina? A esposa empenhada, & o Esposo sentido? Se o buscar era finesa, como esta se chama ignorancia? Sabê porque? Porque queria buscar ao meyo dia: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie;* & buscar tam tarde, mais deyxava que resentir, do que obrigava a agradecer: toda a finesa do buscar se perdia na tardança do sair, & era ignorancia [manifesta empenhar-se na vinda, & perder-se na detença. Não se quer Deos buscado quando o Sol abraça: *in meridie,* senão quando a estrella apparece: *Vidimus stellam ejus, & venimus.*

II Da Magdalena dis o Texto, que buscara a Christo como discreta: *Ut*
Tom. V,

cognovit quod accubisset. Primeyro avalia o acerto com que se resolve, que a ansia com que sahe: o mesmo foy entender, que buscar; & tanto se mostrou entendida, quanto se delibrou a pressada. Os actos do entendimêto em hum instante se produzem; pois quanto he apressado o entendimento em conhecer, tanto foy a Magdalena em sair: buscou entendida, quando veloz, porque igualou com a ligeyresa do entender as diligencias do buscar. Muyto fes em sacrificar aos pês divinos as perolas de suas lagrymas engastadas em o ouro fino de seus cabellos, mas todas essas finesas foraõ avaliadas por discretas, porque nada foraõ dilatadas: *Ut cognovit quod accubisset.* Esta pressa foy a causa, porq̄ dis o Senhor q̄ amou muyto: *Dilexit multũ:* amou muyto, porq̄ se deteve pouco: os empenhos amorosos não tem tanto o preço na grandesa, quanto a grandesa na pressa. Quando o Divi-

Acta
Apost.
2. n. 2.

no Espirito desceo sobre os homens amorosamente empenhado, dis o Texto: *Factus est repente de caelo sonus tanquam a venientis spiritus vehementis*: eu reparo muyto na vehemencia deste Espirito: ainda agora nacido, & já tam vehemente? Ainda agora começa, & já he tam grande: *Spiritus vehementis*? Sim, porque sahio de repente: *Factus est repente*, & na diligencia de apressado, cifra a grandesa de vehemẽte: os repêtes com que nasce, são os augmentos com que se engrandece.

12 Muyto fiserão os tres Reis em buscar a Deos nacido, muyto em lhe tributar adorações, & render tributos, mas muyto mais em se apressar. Muyto foy buscaré a Deos por tantos caminhos, tanto trabalho nas estradas, tantos perigos na Corte; mas a todo o trabalho padecido fes excessso a resolução apressada: mais fiserão em buscar a Deos com azas, do que em o buscar por penas.

Aquelles Serafins que vio Isaias, por ligeyros mereceu *Isai 6.* raõ o titulo de abrafados; delles dis o Texto que estavão, & que voavão: *Stabant, & volabant*; mas como pôde isso ser? Como assistem immoveis: *stabant*, quando voão ligeyros: *volabant*? Querem a rafaõ? Eu a dou: Porque era tal a pressa com que tornavão a buscar a Deos, depois que se vião apartados, que se não deyxava ver que sahirão, na ligeyresa com que tornavão. Buscar a Deos, ha de ser com azas, mas tam ligeyras, que o sair, & o apartarse de Deos; pareça que delle senão apartarão, fazendo equivoacas as ansias de quem busca com a felicidade, de qué acha: *Stabant, & volabant*. Virão os Reis, & logo partiraõ: *Vidimus, & venimus*. Que discretos em tratar inspiraões divinas! sendo dadas por huma estrellas, as colhem como flor: como as estrellas são as flores do Ceo, para recolher frutos, hão de se colher em flor.

Tem

Tem Deos seu Outono na Primavera, & assim quem depois de vistas as flores da inspiração, espera pelo tempo dos frutos, acha-se com os frutos perdidos, & cõ as flores murchas. Que bem advertida estava nesta doutrina a Esposa mais amante dos Cantares ! Sa-beis, dizia, quando estão os frutos asseoados ? Quando estão as flores nacidas: *Flo-*

Cant.
2 r. 12

res aparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit. Quando a flor da inspiração arrebenta, então he o tempo do fruto: fica o fruto em flor, se o fruto se não recolhe, quando a flor apparece: são muy breves as horas de huma flor para esperar dilacões. Quantas primaveras malogrou a esperança do Outono. Quantas inspirações do Ceo se vem em nós perdides, só por dilatadas?

13 Os deliciosos do Mundo colhem seus regalos como flores: *Coronemus nos rosas, antequam marcescant*, & nós as inspirações divinas, que são flores, tra-

Sap. 2.
r. 8.

tamolas como frutos. Hũ fructo dilatado dà flores, mas hũa flor dilatada nunca chega a dar fructo; porque o mesmo tempo que dispõem o fructo, corrompe a flor. As inspirações divinas são flores em Deos, que as dá, & hão de ser fructos em quem as recebe; & assim em todo o tempo ha de haver fructos em quem ajunta o fructificar com o florecer. Muyto se tem reparado naquella figueyra, que Christo amor nosso amaldiçou, por sua mesma desgraca tam celebre; a razão de reparar está muy fechada, porque o mesmo Evangelista a disculpa, dizendo, que não era tempo de aquella arvore ter fructo: *Non erat tempus ficorũ;* & se não era tempo, não *Marc* tinha obrigação, sem obri- *110;* gação não ha culpa; como *p. 13;* logo sem culpa experimẽta esta arvore a pena ? O meu reparo está em succeder isto à figueyra, & não a qualquer das outras arvoredas: & que mais obriga da está a figueyra que *ou*

tro qualquer tronco a não esperar pelo tempo? Ora notem: as outras arvores primeyro produzem flores, & depois fruttos, sô na figueyra senão distingue o frutificar do florecer: he hum retrato de hum justo, em o qual quer Deos seião suas inspirações flores, que senão distinguão dos fruttos; fruttos q̄ se equivoquem com flores; pois por isso a castiga; porque sendo aquelle tempo da Primavera para as demais arvores, não era já Outono para a figueyra. Quê não divide o fruto das flores, no tempo das flores está obrigado ao fructo: em quem he o mesmo o frutificar, & o florecer, tem obrigação de frutificar. Claramente nos ensina o Senhor no castigo desta arvore a nos temer vagarosos, a nos recobrar apressados, & a seguir suas inspirações cõ azas, porq̄ duraõ pouco, & importão muyto. Comter a estrella dos Magos para com elles tam benevola, com se ver delles

tam obedecida; o mesmo foy deterem-se em Jerusaleem, que a estrella esconder seus rayos: hum pouco que se vio menos seguida, bastou para se retirar eclipsada: tam delicadas são as inspirações divinas, que qualquer demora as murcha quando flores, qualquer detença as eclipsa quando estrellas.

§. IV.

14 **P** Or isso os Orientaes Reis se chamão sabios: *Ecce Magi*, porque seguem a estrella, tanto que a virão, com pressa: *Vidimus stellam, & venimus*, & aos acertos desta tam maravilhosa pressa se segue a adoração sem lisonja. *Venimus adorare eum*. Todo o motivo do seu abalo, dizem os tres discretissimos Principes, que fora para adorar ao Menino Deos: não dizem que vem adorar ao novo Infãte pelo haverem de

de esperar dadivoso, senão pelo reconhecerem em si excellente, porque como a sua adoração não era no interesse fundada, mas era só de hum legitimo, & verdadeyro affecto nacida; por isso quizerão mostrar, que os não obrigava a adorarem a Deos Menino a esperança de receberem da sua liberalidade premios terrenos, mas que só tinham por premio de seu rendimento, o venerarem suas perfeições, & engrandecerem os seus attributos. Nas cortes, do Mundo todas as q se chamão adorações, regularmente, fallando, não são adorações, são lisonjas; porque rara, ou nenhuma he a que tenha por objecto a pessoa do adorado, mas toma por objecto de sua idolatria, a propria conveniencia. Quando lá foy Joseph, que o Sol, Lua, & estrellas, abatendo do Ceo à terra a magestade luminosa de seus resplandores, humildemente prostrados a seus pés o adoravão, não leo no sagra-

Tom. V.

do Texto, que Ihe quisessem dar seus irmãos a adoração sonhada, sendo que ao depois, quando occupou Joseph o sublime posto de Viso-Rey do Egypto, lha chegáráo a dar verdadeyra: *Cumque adorassent eum fratres sui.* Genes. 42.7. E pois valhame Deos, não era Joseph mais para adorado, em quanto lufindo como Sol, que em quanto governado o Egypto como Viso-Rey? Sim era; mas adorarem a Joseph seus irmãos em quanto Viso-Rey, era adorallo no posto de que dependião; adorallo como Sol illustrado, fora adorar a Joseph em sua pessoa; & no Mundo não o amor, & estimação da pessoa, senão só a dependencia, he que leva as adorações.

15 E que sendo a dependencia a que leva no Mundo todos os rendimentos, & obsequios, se mostrassem os tres Principes, sem sospeyta alguma de lisonja, ou utilidade propria, a Deos Menino tam rendidos, bastante causa he

Cc iij para

para hum grande admiração: *Ecce Magi*. Mas eu já me não admiro de os ver na adoração que fazem, cõ tam fidalgo, & generoso defentereffe independentes, porque os vejo muyto amantes; & como não havia de ser a adoração destes Reis a mais defentereffada, tendo a affeyção com que já amavão a Deos Menino a mais fina? Ora entremos já com elles na lapinha de Belem para vermos da sua adoração os lanços mais finos, para admirarmos de feu amor os obsequios mais primorosos. Parou finalmente a estrellã, & se atè alli tinha sido acertadamente errante, fixando-se já no portal venturoso, deu zelos de gloriosa emulação ao firmamêto: *Staret supra ubi erat puer*. Como o Mundo tinha perdido ao bello Infante, foy necessario assistir a estrellã, para que os Reis achassem ao Sol. Entrarão na lapinha os Reis felicissimos, & achando aquelle divino thesouro escondido, isto he nos bra-

Ma. 2
7. 2

ços da mais bella Aurora ao Divino Sol nacido, que a beneficios de dourados reflexos despedia de si benignos rayos de luz, & soberanos resplandores; lanção-se por terra, & enlevados todos com tam soberana visãõ em hum extasi de amor, & suspensos em hum enleo amoroso de affectos, por dentro pasmão, prostrão-se, adoraõ: *Procidentés adoraverunt*. Aqui digo eu, que se mostrãõ verdadeiramente fabios estes tres Reis: quando o defabrigo, & a pobreza do presepio lhe persuadião despresos, tributaõ a Deos Menino adorações, & lhe pagãõ tributos: *Et apertis thesauris suis obtulerunt ei aurum, thus, & myrrham*. Que he isto, Reis Sapientissimos: a hum Menino, que está com frio tremendo, chorando com dor, & quasi morto no mesmo tempo que nacido, rendeis vossa grandesa, & arrojaes vossas coroas? Sim; porque conhecer a magestade na grandesa, isso he de todos, mas

mas conhecer a grandesa no abatimento, só he de Sabios o lanço mais fino.

19 No Apocalypse cõtemprou o Evangelista Aguia a este mesmo Senhor, que adoraõ os Magos, em figura de Cordeyro, & entre representações de morto: *Agnum stantem tamquam occisum*; & vio mais que os Anciãos o adoravão, arrojandolhe aos pès as coroas da cabeça: *Mittent coronas sua ante thronum*; aqui agora o meu reparo, & assim pergunto: & porque o não adoraõ quando Leão victorioso, senão quando Cordeyro humilde? Porque lhe não arrojão as coroas quando mais rico de triunfos, senão quando està com apparencias de fraqueza, & de morte: *Agnum stantem tamquam occisum*. Com grande acerto; porque eraõ Anciãos, & a sabedoria representada nas cans, não adora tanto a magestade poderosa, como a grandesa humilhada: agora que està Cordeyrinho em hum prese-

pio, a penas nacido, & já entre penas quasi morto:

Agnum stantem tamquam occisum, agora he para hum Sabio o tempo de adorações, porq̃ agora he a occasiã das finesa: adorar a Deos soberanamente manifesto, & manifestamente glorioso, isso he divide, & não finesa; & quem he Sabio, para fazer finesa da vida, adora a Deos humilhado, & escóddido. Aquelles Serafins, que vio Isaias, com duas azas cobriam os pès de Deos, & com duas o rosto: *Duabus vellabant faciem ejus, & duabus vellabant pedes ejus*, & logo o adorão prostrados: *Sãctus, Sãctus, Sãctus*; reparo muyto em preceder o cobrir ao adorar: & porque não adoraõ quando Deos se manifesta, senão depois que com suas azas o occultão? Sabem porque? Porque eraõ Serafins tam entendidos como abraçados: fiseram sem duvida este discurso: adorar a Deos claramente glorioso, he obrigação tam precisa, que

Apoc.
5. v. 6.
C. 4. p.
10.

Isai. 6.
p. 2.

não deyxá lugar ao obsequio; pois que se ha de fazer neste caso? Que? Esteja Deos escondido com azas, esteja cercado de penas, paraque do mesmo que a magestade fas divida, faça a representação fina: seja essa adoração tam devida à magestade, declarada fina para com a grãdesa escondida: cerquem as azas com suas pennas aquella immẽsidade de glórias, paraque hum tributo tam forçoso tenha mais de voluntario. Não vem que discretos, & que sabios se mostrão na vinda, & na adoração estes tres Principes? Pois não derão menores mostras de sua sabedoria na volta que fiserão para suas terras; porque a retirada que fiserão da lapinha de Belem com cautela, & com vittoria, foy o ultimo, & maravilhoso effeyto com que corooou esta felice peregrinação a sua sabedoria: *Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodẽ, per aliam viam reversi sunt in regionem suam*

S. V.

17 **E**Ntre a brandura do sono lhe manda Deos este apartamento, paraque quanto mais brãdas fossem as fauldades, tanto mais penosas ficassem as ausencias: não dava lugar a presença do Menino, que necessitava de atenções, ao descanso do sono; mas parece que a affeyção se tinha levantado cõ a jurisdicão do sentir, paraque sem se divertir, feriasse a alma affectuosos extremos. He força que se partão, paraque não arrisque a virtude entre os regalos de favorecida os quilates de amorosa; porque se lograr a presença, he ventura, sentir a ausencia, he fina (que libra seus alimentos o amor, no rigor de hum apartamento), mas os Reis por favor particular ajuntão o interesse de quem goza, com o penoso de quem se ausenta.

fenta ; porque levão no peyto tam viva a lembrança de Deos Menino, que se sentem o que lhes fica da alma no presépio, por não participar por mais modos os favores da memoria, tambem sente o Menino Deos a ausencia dos tres Reis ; mas como he tam avarento de penas , como prodigo de glórias, não se quer privar destas ; porque não só sabe estimar o que possui, mas carecer do que estima. Lanção-se outras vezes os Reis a seus pés , & o Divino Infante reciprocando seus amorosos braços, suavizava com a grandesa do favor o rigor do apartamento ; & como as correntes de suas lagrymas os tinha tam presos de sua graça, como obrigados de sua fermosura, & assim entre os mellifluos colloquios rōpião eloquentes nestes ternissimos affectos: q̄ rigor he este, meu lindo Infate, cō o qual de vòs nos apartais? Se entre os Lacedemonios então eraõ tidos os Deoses por mais brandos , quando

feytos de barro : *Tunc Dij maximè propitij crediti sūt, cum fictiles erant,* como cabe na brandura de vossa humanidade, deste apartamento a cruel tyrannia ? Se nos estão detendo essas palhinhas, que tocadas no alambre de vosso corpo, tem força de attrahir ; se vossas lagrymas nos não impedẽ com prisões de crystal cōgelado pelo rigor do frio, & mais nos prendem por abrazadas com os amorosos rayos que despedem; como nos obrigais a ir, se nos obriga vossa belleza a ficar ? Como nos livrais da violencia de Herodes , se nos entregais à tyrannia de vossa ausencia ? Sendo o morrer ausentes crueldade, & o morrer em vossa presença a mais amorosa lisonja que pòde receber nossa vida ? Assim he crível que dirião ao celestial Menino os tres Orientaes Principes; & despedidos finalmente da lapinha de Belem, com não menos lagrymas nos olhos , que incendios nos corações, depois de receberem

ceberem do Menino Deos, & da benignidade da Mãe todos aquelles favores, & agrados q̄ merecerão seus rendidos obsequios, tratãdo já de se voltarem à sua patria a ferem pregoeyros da maravilha que com tanta ventura tinhaõ divido os seus olhos, dis o Evangelista, que em sonhos os instruiu Deos no modo com que se havião de recolher, sem passarem outras vezes pela Corte de Jerusalem para que assim escapasse da tyrannia do perverso Herodes, que com malevolõ, & depravado intento os estava aguardando, para que da sua informação resultassem, como resultãõ, os mais sanguinolentos effeitos: *Responso accepto in somnis, ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.*

18 Justos, & na virtude bem instruidos estavão já estes tres Reis, & da Lapinha de Belem se tinhão retirado innocentes, & com tudo temerãõ, que entre as confusões, & politicas en-

ganosas da Corte poderia perigar facilmente a sua santidade. Ah innocencias, & que arriscadas viveis nas Cortes, & que seguras nos desertos! vive a innocencia arriscada nas Cortes: ou a fe perder a si, ou a perder a vida: Christo porque não podia perder a innocencia, fogio da Corte, por não perder a vida; aquelle milagre de santidade o Bautista, na Corte perdeu a vida, por não perder a innocencia: em quãto o Bautista viveo menino nos desertos, cõservou a vida, & cõservou innocencia; depois q̄ passou a viver na Corte, a mesma resoluçãõ de cõservar a innocencia, foy mortal achãque de sua vida. Esta he a rafaõ mais forçota, porque quando là avisou hum Anjo a São Joseph, que voltasse com o Menino Deos para Judea, temendo Joseph, que por ficar o Reyno a hum filho de Herodes, que igualmente lhe havia de succeder por herdeyro de sua tyrannia, acedesse o filho nas cinzas frias do
pay

pay sua ambição, dis São Mattheus, que por aviso do Ceo se fiserá na volta de Nazareth, dando aver q̄ para as flores da innocencia sempre foraõ muy perigosas as visinhanças da malicia. Sim, mas a innocencia de Christo podia correr este riscõ? He certo, que não podia, mas foy aviso para a nossa, & na verdade pôde se fospeytar mal da virtude, que capitula com o vicio: os rios em quanto correm fõs, correm doces, a liga que fazem com o mar, he naufragio de sua doçura.

19 Por isso obedecendo ao soberano aviso do Ceo os tres Peregrinos, tomaraõ outro caminho muy differente, sem que já os guiasse aquella mais ardente tocha do Ceo, que tinha por pavio a hum Anjo: *Per aliam viam reversi sũt in regionem suam: Nec tam stella eos,* dis a Bocca de ouro, *sed Angelus suscepit;* & o ultimo motivo que teve de se admirar hoje o Evangelista, foy de os ver na reti-

rada fugitivos, depois de se terem calificado por Sabios, & nesta empresa mais resolutos: *Ecce Magi.* Mas cesse já a admiração, que não ha mais felice estrella, que fogir dos lassos da Corte, onde reyna a ambição, & prevalece a malicia; nem ha mais segura guia que fechar por desengano os olhos aos seus attractivos, & os ouvidos às suas mayores promessas. E que caminho foy, premedito eu, desejará saber a curiosidade, & muyto mais a devação de meus ouvintes, o que buscaraõ os Magos para voltarem às suas terras? Agradeçamo-lo à diligencia do Doutissimo Lyra, que descobrindo-o com toda a novidade, nella nos dá o mais peregrino do *Lyra* *Peracto scilicet ob-* *bic.* *sequio,* dis Nicolao de Lyra, *quia descenderunt ad mare, & inde per navem transfretantem in Tharsis abierunt.* Maravilhoso sentimento! maravilhosas palavras! depois de terem já adorado a Deos Menino, se foraõ

s.
Cbryst.
Iost.
Homil
7.

forão os Magos retirando faudosos, & achando ahi huma não, que estava a pique para Tharsis, nella se embarcãrão, & com huma marè de rosas, & a mais prospera jornada, deraõ à vela, atè tomarem felicissimo porto em seus Reynos. O sentimento de Lyra he tam estranho, que nelle se desperta logo naturalmente a si o reparo. E pois valhame o Ceo, ainda que a derrota destes tres Peregrinos não houvesse de ser por Jerusaleem, não havia outra vereda, ou atalho senão a do mar? Sim havia, mas oh que discretos andãrão os Reis no discurso, que advertidos na resoluçãõ! A resoluçãõ q̄ tomãrão estes Principes em mudarem de caminho para voltarem outra ves para o seu Oriente, toda naceu de se quere-rem desviar mais de Herodes, & discorrerãõ como sabiamente entèdidos, que para se evitar a communicaçãõ de hum homem perverso, ambicioso, & tyrão, que com elles desejava tes-

ser practica, nem ainda bastava divertir o caminho, & pòr, como dizem, terra de permeyo, mas que lhes era forçoso, pòr tambem de permeyo o mar, para assim ficarem delle mais separados. Partão embora à vela como sabios os tres Reis, que atè visinhanças de terra, que pisa hum tam não homem como Herodes, as avaliãõ por empes- tadas, & por isso muyto para temidas.

§. VI.

20 **N**Aõ pareça, que tem alguma cousa de encarecimento a ponderaçãõ, porque a verdade he, que nem com ella se chegaõ a explicar bem os males que se originaõ do trato, & cõ- municaçãõ de hum vicioso, delles quisera eu que fõgissimos todos, que se em outros riscos se califica o valor, entrando-se com elles a braço partido, & so-
gey.

geytando-os ao nosso imperio, neste a mayor valentia he o fogir; não he todo o retirar covardia, senão prudencia, & a mais catholica victoria. Porque Abraham fogio da iniquidade Caldea, por isso triunfou da fortuna mais infelice: fogio Lot dos incendios de Sodoma, & por isso ficou da voracidade de suas chamas eximido: fogio Jacob da indignação de seu irmão Esau, & por isso sahio de seus enojos victorioso: fogio o castissimo Joseph dos assaltos da lasciva Egepcia, & por isso se vio logo coroadado por Principe soberano de todo o Egypto: fogio Moyses da tyrannia de Faraõ, & por isso se achou logo com os despojos de seu inimigo mais opulento: fogio Gedeão das perseguições dos Madianitas, & por isso veio a ser o seu estrago mais lastimoso: fogio David repetidas vezes a Saul, & por isso este sahio sempre de seus malignos intentos vencido, & David das invejas,

& ingratidões de Saul triunfante: fogiraõ finalmente os Magos por outro caminho de Jerusalem, cõ firme proposito de não tornarem mais a Herodes, & por isso alcançaraõ a mais gloriosa victoria da sua astucia: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.*

21 Ponderando esta tam acertada volta que deiraõ os nossos tres Sabios por outro caminho diverso, os Expositores sagrados, fazem esta pergunta: Se a estrella acõpanhou a estes Peregrinos, quando vieraõ do Oriente, porque os não tornou a acompanhar outra vez á ida, quando para as suas terras voltaraõ? A resposta he esta: ainda que os Reis chegaraõ a Belem com toda a ventura, comtudo desviaraõ-se, & arriscaraõ-se entrando em Jerusalem, & julgaraõ como sabiamente discretos, que huma vez reducidos nem hão de seguir estrellas, que alguma vez os perderaõ, né tornar por cami-

caminhos , que dantes os desviárao : *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* Busca o Divino Pastor a ovelha perdida, & como a busca pelos mesmos caminhos porque se perdera , certo fica, que a buscou perdido pella achar : achou a finalmente, & dis o Sagrado Texto, que a poz aos hombros: *Imponit in humeros suos gaudens:* & pois que he isto? Tanto cansou a ovelha em se perder , que já lhe faltão os alentos para tornar? Quem se perdeu por arbitrio proprio, porque se ha de restaurar sô à vista do trabalho alheyo? Sabê porque ? Porque assim o quer o Pastor : & porque o quer o Pastor assim? Eu o digo ; porque se viera por seus pês , tornára a pisar os mesmos passos porque antes errára ; & huma ves reudida, já não ha de buscar os caminhos aonde se perdeu ; quer o Pastor antes padecer, mas não quer que a Ovelha se torne a arrifcar. Nos Magos o tornar

Luc.
15. v.
5.

por Jerufalem , era tornar outra ves a dar passos para o paço, & por isso era muy forçoso mudar os caminhos : *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* Notem, que aos Reis, quando vinhão , não lhes manda Deos, que na Corte não entrem , agora mandalhes que não tornem : *Ne redirent ad Herodem:* pois na primeyra ves não havia tambem perigo de Herodes os impedir, de os prender, & de toda a jornada se malógrar ? Sim havia; mas se o vir à Corte era perigoso , o tornar a entrar na Corte era mais arrifcado.

22 No Relogio de A-
às , dis o Texto Sagrado, que quando succedeo aquelle prodigio de o Sol voltar atrás a instância del-Rey Ezequias, crecerao, & se multiplicárao notavelmente as fombas : & porque hão de escurecer as luzes do Sol tam claras humas fombas tam funestas ? Querem a rafaõ? Eu a darey : porque o Sol entrou huma ves no relogio

gio do paço, & tornou a entrar outra vez cõ a volta que fes ao Oriente; & aindaque ao entrar huma vez era perigoso, com o tornar, fica affombrado. No tornar he hum mau successo tam certo, que atè as luzes mais puras ficão medonhamente eclipsadas: eis-ahi, porque aos Reis se lhe adverte, que não tornem: *Ne redirent ad Herodem.* Que doutrina esta tanto para intimar, senão fora dia de festa; ainda que em todos he bem se dê, & se receba huma doutrina tam necessaria. Expliquemos mais a cautella com que se portãrão os tres Reis nesta sua retirada, para que se conheça melhor o realce da sua sabedoria. Bem sabem estes Principes, que se Jerusalé os não perturbou quando vinhão, antes de reconhecerem a Deos nacido, agora os não poderia vencer, depois de o terem já adorado, & com tudo a mesma segurança temem como fabios: *Per aliam viam reversi sunt in regionē suam,*

porq̃a cautella no seguro fas seguro o perigoso. A Christo Senhor nosso pede S. Pedro q̃o mande vir a si sobre as agoas: *Jube me venire ad te super aquas,* Mat. th. 14. p. 29. p. 30. da-o o Senhor, & como se fora terra firme, começa a pisar o mar liquido S. Pedro; porèm poucos passos andados dis a Escritura Sagrada, que Pedro temera: *Timuit ventum validum:* notavel caso! Se todo o perigo està no mar, como São Pedro teme o vento? Pouco vay que seja o vento rijo, se só o pôde soçobrar o mar por brando: Ora notem: o vento só pôde encrespar as ondas, & o perigo aqui està nos mares por liquidos, & não por alterados; o vento he o seguro, o mar he o perigoso, & São Pedro para se assegurar nos mares, donde tinha que temer, teme os ventos, de que se pôde assegurar: *Timuit ventum validum;* passa o temor ao seguro para correr seguro pelo perigoso. Mais seguros podião agora os nossos Reis

Reis entrar por Jerusaleem do que dantes quando a primeyra ves vi eraõ ; mas como eraõ sabios , agora que a occasião os assegura, os intimida a cautela. Estavão já agora de posse de Deos, tinham mais que perder, & por isso mais que recer: como eraõ sabios, não ignoravão, que mayor cabedal era necessario para o possuir, que para o buscar. Tornemos àquelles Serafins de Isaias, que nesta visão sempre ha novos mysterios que descobrir. Dis o Sagrado Texto, que com duas azas voavão: *Duabus volebant*, & que com quatro azas se atavão, & prendião com Deos: *Duabus vellabant faciem ejus, & duabus vellabāt pedes ejus*; de forte, que com as duas azas com que voavão, buscavão a Deos, & com as quatro com q̄ o prendião, o logravão; por isso voavão ligeiros, quando buscavão, & por isso estavão parados, quando possuhiam: *stabant. Volabant stabant.* Agora se deyxá ver bem o

Isai 6.

reparo: pois se bastão duas azas para buscar, como são necessarias quatro para possuir? Com grande fundamento; porque he muyta a differença entre Deos buscado, & Deos possuido: para o buscar duas azas não são pouco; para o possuir quatro azas não são muyto; todo o empenho em o lograr mais he cautela forçosa, que diligencia affectada: & senão, advirtão, que com os Serafins prenderem a Deos tam de veras, effes mesmos grilhões para o deter, são azas cõ que pòde fogir. Oh quanta cautela he necessaria, para conservar a Deos buscado; pois atè as diligencias de o prender, lhe dão azas para voar! Por isso eu digo que foraõ muy sabios os nossos Reis: *Ecce Magi*, porque huma ves que lograõ a Deos possuido, nunca mais o permittirão arriscado: o mesmo caminho, que a experiencia mostrou seguro, avaliaõ por muy suspeytofo: *Per aliam viam reversi sunt in*

regionem suam.

23 Adiante passou ainda a ponderação de São João Chrysoftomo, o qual se veyo a resolver, que Herodes, de quem se retiráraõ os Magos, era a occasiã peccaminosa, que nos convida a perdemos a Christo pelo peccado, depois de o termos achado pelo arrependimento; dôde se a occasiã he o Herodes, que nos pretende matar a Christo na alma; a sabedoria està em não tornar outra vez a Herodes, armandonos de hum grande valor, para resistir a todas as suas batarias: *Sapientia*, dis o Espirito Santo, *nec habitavit in corpore subdito peccatis*. Em quanto os nossos tres Peregrinos falláraõ, & communicáraõ com Herodes, perderaõ os caminhos de Deos; & que meyo ao depois descobriáraõ, para não tornarem a perder estes caminhos? *Per aliam viam reversi sunt*: o meyo foy, o deyxar de todo a Herodes, o fogir com valerosa

Tom. V.

bizarria da occasiã. Não se retiráraõ estes Principes da Corte de Jerusalem, por forrarem gastos, & dispendios da bolça, que he a rasã que move a muytos a deyxarem a Corte, senão para evitarem as occasiões da offença: se da assistencia da casa do jogo se segue tantas offensas de Deos, se deste trato profano, & daquella communicaçã escandalosa se segue o perigo de minha alma, & a ruina de minha consciencia, nem he sabedoria, nem he valor, que a caza do jogo se frequente, que nesse trato, & communicaçã mais se continue.

24 O que resta he, que vamos seguindo os passos, que vão dando nesta sua retirada vitoriosa os tres Orientaes Principes, apredendo da sua sabedoria a fogir da occasiã do perigo, que nos induz atornarmos a cahir na culpa, com que a Deos offendemos; porque se elles, quando se viaõ mais perfeytos, & guiados de superiores lu-

Dd zes

zes, se mostraõ mais temerosos ; & em fogirem dos perigos da Corte de Jerusaleem muy recatados ; para nos ensinarem , que he indicio da segurãça o tento, & cuydado de fogir aos perigos ; como se podem dar por seguros os que não fogem dos riscos, & se aventuraõ às occasiões de a Deos offêderẽ, não se vêdo das luzes do Ceo illustrados ? O' aprendamos daqui por diante destes sabios Príncipes, a dar de mão às idolatrias do Mundo, attrahidos da brandura, & benignidade de hum Deos Menino em hum presepio humilhado : aprendamos delles a pressa com q̄ devemos buscar a Deos, obedecendo pontualmente às suas divinas inspirações, ou aos acenos da sua estrella, quando nos chama: aprendamos destes Principes tam desinteressados, a sô julgar por premio da adoraçã que a Deos Menino fazemos, o reconhecer a singularidade de suas perfeções, & venerar a

excellencia de seus attributos: aprendamos destes Principes tão liberaes, & de Deos tam amantes, o mostrarmonos para com este novo Rey, & Senhor que vemos nacido, não menos liberaes nas obras, que nos agradecimentos, offerecêdo-lhe com grato, & sincero animo os bens da fortuna que possuirmos, & consagrandolhe as tres potencias de nossa alma, & de nossos corações os affectos: aprendamos finalmente destes Principes tam entendidos a fogir com todo o recato das occasiões perigosas, voltando bem cheyos de virtudes por outro caminho ao Oriente de huma nova, & melhorada vida, & logo triunfaremos da culpa, & sabiremos com a victoria da graça, peñhor certo da Eterna Gloria: *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotens. Amen.*

* * *
* * *
* * *



SERMAO

DECIMO QUINTO

DA

SOLENNIDADE

DAS

QUARENTA HORAS

PREGADO NA SE' DE LISBOA

Anno de 1685.

A VE MARIA.

Deus cum egredereris in conspectu populi tui, & pertransires in deserto, terra mota est. Psal. 67.



HE a letra destas palavras, em que rompe o Profeta David. Divino, & disfarçado Monarca! Hoje me acho rigorosamente em Solénidade de

quarenta horas, pois as do vosso louvor peréne exceedem as mesmas quarenta horas no computo, & obsequio das assistencias. Devido era q̄ a que se apostou à perenne assistencia neste valle de lagrymas: *Usque*

Mat. 28

p. 30,

Dd ij

ad

ad consummationem seculi,
 He pagasse em Portugal a
 gemma da Christandade
 com hũa perennidade de
 louvores, & com inecessa-
 veis assistencias. He a le-
 tra destas palavras, em que
 rompe o Profeta David,
 huma compendiosa narra-
 ção do grande abalo que
 houve na terra com a ma-
 ravilha dos prodigios, que
 obrou Deos, quando pas-
 sou pelo deserto à vista de
 seu povo, para que ficasse
 do tyranno cativeyro de
 Faraò libertado; mas a
 verdadeyra allegoria deste
 texto he a meu ver, hum
 evidente pronostico, que
 fes a preciencia do mesmo
 David, do grande abalo, &
 da grande reforma, que a
 real presença de Christo
 Sacramentado tem causa-
 do nestes tres dias, depois
 que naquelle throno mais
 ardente de feu divino a-
 mor se expoz patente à
 nossa vista, para eximir a
 Portugal das tyrannias,
 com que o hia já senhore-
 ando Lucifer; porque sen-
 do nestes dias tantas em

Portugal as solturas, &
 tam abominaveis as idola-
 trias; andando até então os
 peccados tanto de monte
 a monte, mais perdidas as
 consciencias, mais desen-
 freada a gula, mais atrevi-
 da a blasfemia, mais licen-
 ciosa a torpessa, mais defa-
 forado o homicidio, mais
 profanado o Sagrado, & se
 se pôde dizer, até a pro-
 pria Christandade arrui-
 nada, como se em Portugal
 não fosse Deos conhecido,
 & nelle vivessem os homê-
 s à maneyra de brutos, se-
 guindo o abominavel dos
 abusos, dos jogos, & passa-
 tempos, reliquias, que erão
 ainda da gentilidade, com
 tanto descredito de hum
 povo catholico, que pro-
 fessa a Ley de Christo, &
 com tanto escandalo ainda
 dos mesmos hereges; de-
 pois que os nossos olhos
 foraõ tam felices, que che-
 gãrão nestes tres dias a
 ver em Portugal a Deos
 naquelle Soberano throno
 de assento, depois que nes-
 tas quarenta horas appare-
 ceo aquelle amante Se-
 nhor

nhor à nossa vista posto como de centinela, & em vigia naquella Custodia Sactamental, para ser nestes dias nossa custodia, & para nos converter, & rendera todos a si por meyo da prègação dos Varões Apostolicos, & obreyros do Evangelho, logo se abalárao, & moveraõ à verdadeyra penitencia os corações dos peccadores mais rebeldes, & obstinados, logo as folturas se cõvertèraõ em lagrymas, logo a impiedade se trocou em arrependimento, logo as demafias da gula se mudàraõ para as mēzas da Sagrada Eucharistia, & finalmente logo aquellas almas, que nestes dias se achavão mortalmente defmayadas pela culpa, se virão ditosamente renacidas, & resuscitadas à melhor vida, que he a da graça.

2 E que maravilhosamente o sentio Hugo Cardeal na grofa que lançou a este Texto, talhando, parece, as palavras à medida de nossos desejos: *Deus cum*

*egrede reris in conspectu populi tui, idest, comento o Grande Padre, ut te visibilem hominibus ostenderes: & per trāsires in deserto, idest, ad gentes convertendas per prædicationem Apostolorū: terra mota est, idest, peccatores ad pœnitentiam. Quando nos consta pelas Escrituras que se abalou a terra, & se abrio, foy na experiencia de Christo morto: Terra mota est: Monumenta aperta sunt, agora se abala à vista de Christo vivo, & Sacramentado: então resuscitaraõ corpos: *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt,* agora nestes tres dias resuscitaõ almas. Tres effeytos maravilhosos precedèraõ na terra ao receber do Corpo de Christo morto, primeyro que della resuscitassẽ os corpos: abalou-se a terra à força do temor: *terra mota est*: abrio-se, & rasgouse a terra movida de sentimento: *Monumenta aperta sunt: velum templi scisum est*: mudouse a terra variando o gosto:*

Mat.
th. 27.
p. 51.

*multa corpora sanctorum,
qui dormierant, surrexerunt:*

os mesmos effeytos se hão de ver no coração do catholico, que recebe estes tres dias em feu peyto o Corpo de Christo vivo, & Sacramentado, para que resuscite em alma: ha de se abalar, já à força do temor, já à força da piedade: *Mo-*

Eu-
thimio

veatur terra, dis Euthimio, aliis quidem ob metum perturbatis; aliis ad pietatem commutatis: ha de se abrir, & rasgar de dor, & sentimento das culpas, & finalmente ha de se ver nelle huma grande mudança de vida, & huma grande troca no gosto, eu me declaro: o gosto he hum sentido, que se radica no appetite, & quem chegou a gostar na Soberana Meza da Eucharistia dos mayores regalos, & mimos do Ceo, não he bem que mais goste, nem viva do appetitivo, mas he necessario que varie o gosto, melhorando de estado. Esta me pareceo para a solenidade das Quarta horas a empresa mais a-

dequada; figuamola por partes. Vamos à primey-
ra.

S. I.

3 **A** Balouse a terra por causa do temor, que lhe causou a vista da magestade milagrosa de Deos no deserto, & na experiencia de Christo morto na Cruz; & tambem à força do temor, & da piedade se abala nestes dias o coração do catholico, que recebe em feu peyto o Corpo de Christo vivo, & Sacramentado: *Aliis quidem ob metum perturbatis, aliis quidem ad pietatem commutatis.* Sim, mas temor á vista de Christo Sacramentado? Como concorda o abalo de hum coração temente com a presença de hum Deos amante? Como dizem delicias com temores? Que vindo Christo nestes dias como Juiz a devassar, & tomar-nos conta da desordem, & devas-

devassidão de nossos costumes, nos intimidasse a sua presença, justissimamente assentava em nossos corações o temor; mas que vindo tam amoroso, que nos está convidando a todos com quarenta horas de amor à mesa, nos mostremos ainda temerosos, escusados parece que eraõ em tal circumstancia os receyos? Muyto vay do regalo de hum banquete ao contencioso de hum juizo, muyto vay de tomar contas a celebrar extremos! Mas ay Catholicos, que se Christo nos convida nestes dias para a Meza do Sacramento, para nella nos regalar como amoroso, tambem considero que assiste naquelle throno soberano com vara alçada de Supremo Juiz, para devassar de nossos delictos, para nos reformar em nossos costumes: *Sessio illa*, dis S. João Chrysoftomo, *super thronum insinuat iudicium*: & pois para nossas almas se reformarem não bastava a brandura da meza, era

forçoso ajuntar Christo tambem o formidavel da justiça? Simera, notem: por dous motivos se reformão as almas: ou por amor, ou por temor; ou por amor de Christo, ou por temor da pena; & porque Christo se não deu nestes dias naquelle throno Sacrametado, se não para cõverter, & para reformar: *Ad gentes convertendas*, ajuntou Christo naquelle Divinissimo Sacramento os dous motivos principaes da reformação: o motivo da reformação por amor na mayor delicia de hum suavissimo prato: o motivo da reformação por temor na mayor severidade de de huma vigilantissima

Jerem.

I.

v. 11.

v. 11.

v. 11.

v. 11.

v. 11.

v. 11.

rece Christo estes tres dias naquelle magestoso throno como Juiz recto, a pedirnos estreytissima conta do procedimento com que nestes dias nos portamos, do respeyto com que à sua vista lhe assistimos, & da devida disposiçãõ com que nos chegamos ao receber em hũ solemnissimo Jubileo, como he este das Quarenta horas na Meza soberana da Eucharistia; & vem com tantos olhos para descobrir nossos defeytos, que atè a mesma vara tras semeada de olhos, como a vio Isaias: *Virgam vigilantem ego video*; porque lhe não hão de escapar os argueyros ainda mais leves para os arguir, nem os menores atomos de culpa para os reprehender: *Discant hic peccatores Deum, Dei que vindictam ad peccata excubare, & vigilare, ut ea cito plectat, & puniat*, grossou o Alapide, & não he motivo este foçoso que nos obrigue a temer, & tremer? Quem haverà, que o negue?

Alap.
Com.
in
Jerm.
c. 1.

4 Aos ultimos alentos de Christo Redéptor nosso, dis o Evangelista São Mattheos, que logo de improviso começara a terra com tremores arrebatados, & abalos violentos a temer, & tremer: *Terra mota est*. Muyto me deu sempre este tremor, & abalo da terra em que cuydar: notavel caso! que em quanto Christo na Crus esteve vivo, não leamos que tremesse a terra, & que sò tema, & com tanto sobresalto se abale, & se mova depois de Christo estar morto? Qual serà disto o motivo? O motivo foy, que antevio a terra que brevemente seria recolhido em seu centro, ou coraçãõ o corpo de Christo que já estava defunto, & como notou Ruperto Abbade, vinha a ser o mesmo, que metaforicamente commun-gallo: *Ut suo quoque modo eum terra comederet*: neste coraçãõ da terra havia de assistir como Sacramentado o Corpo de Christo por espaço de quarenta horas.

Mat.
th. 27.
v. 51.

Rup.
Ab.
ibi.

Erit

Mat. 2b.12
4.40.
S. Hil.
lar.
Can.
33. in
Mat.
2b.

Erit filius hominis in corde terrae tribus diebus, & tribus noctibus; & como havia de dar conta do Corpo de hū Deos que tinha para receber em si, essa foy a causa dis São Hilario, porque no coração da terra tudo eraõ tremores, tudo abalos, tudo impulsos: Ideo terram cōtremuisse dicitur, (são palavras do Grande Padre) quia paulo post erat Dominicum corpus pectore receptura: agora comigo; & se isto succede ao insensível, que era bem succedesse ao racional? Quid o Christiane prestare debes, exclama neste passo a eloquencia de Santo Hilario, dum non Christi cadaver, sed Christum viventem, sis cordis excepturus hospitio? Como não estremeces ò Catholico, quando chegas com menos respeyto, & reverencia a comer, o que os mais remontados, & amantes Serafins não chegãrão nunca a provar? Este coração da terra figurava o coração do homem; & que seja possível que trema o

coração bruto da terra ao receber do Corpo de Christo morto pela conta, que delle havia de dar, & que nenhum abalo se veja em hum coração humano, que se acha sem a sufficiencia conveniente, & sem a pureza de vida, para receber, não em figura, mas na realidade em seu peyto o Corpo de hum Deos vivo? Que se não cubra de pavor, que não trema, & não tema a estreyta conta que Deos do procedimento de sua vida, & costumes lhe ha de pedir? Se alguem chega em seu coração a experimentallo, eu não posso crello.

5 Mas já premedito, que me perguntão: & que temor ha de ser este, com que devemos receber em nosso coração a Christo Sacramentado? Respondo com Santo Antonino, que no coração da terra tem o nosso coração deste temor a copia mais ajustada. O coração da terra segundo todos os Interpretes foy o Sepulchro de Christo: este Sepul-

Sepulchro de Christo he de hum temente coração o mais bem talhado modelo: no Sepulchro de Christo houve mirra: *Venit Joseph ferens misturam mirræ*: no coração, que recebe a Christo ha de haver mirra da mortificação dos sentidos, & daquellas payxões, que na alma, mais predominão: o Sepulchro de Christo foy aberto em huma sô pedra: *in monumento novo, quod exciderat* *Mat. 27. in petra, & sô Christo nelle se sepultou; In quo nondum quisque positus fuerat*; o coração em q̄ Christo se ha de receber, ha de ser pela fê, & lealdade hū, & não dobrado; & ha de ser de hum, isto he, sô de Christo, & não por dous, isto he, com o Mundo, & com Deos repartido; no Sepulchro de Christo estava hum horto, ou jardim de odoríferas flores: *Erat autem in loco, ubi crucifixus est, hortus, & in horto monumentum*; o coração que recebe a Christo, não ha de ser campo de abrolhos dos vícios; mas ha de ser hum jardim amenissimo de virtudes, em que recendão as flores da santidade; finalmente o Sepulchro de Christo estava fechado cõ huma grande pedra: *Advolvit saxum magnum ad ostium monumenti*; o coração que comunga o Corpo de Christo, ha de ser para a resistencia do mal huma rocha, & pedra fortissima na firmesa, de não tornar mais a reincidir nas culpas passadas. Com estas circunstancias que se notãrão no Sepulchro de Christo, se ha de dispor, dis Sãto Antonino, o coração de hum catholico, que he temente a Deos, para que seja digno Sepulchro de Christo, quando na Meza da Eucharistia o recebe Sacramentoado; isto he, para que imite a terra tremendo, quando nella se sepultou o Corpo de Christo defunto: *Ex quibus circumstantiis notantur bona, quæ debet facere, qui timet Deum, ut sit dignum sepulchrũ in Communionem, id est, ut tementem*

Toan.
19.
v.39.

Mat.
27.
v.60.
Luc.
23.
v.53.

Toan.
suprà
v.41.

Mat.
27.
sup.
cit.

S. An.
tonin.
3. p.
tit. 143

S. 3.

*mentem terram dominici
corporis sepulturam imite-
tur.*

S. II.

6 **H**E a força do
temor a que
fes abalar nestes tres dias o
coração do catholico, de-
pois que nelle recebeo o
Corpo de Christo vivo, &
Sacramentado, & tambem
o fes abalar a força da pie-
dade, que lhe cõmunicou
o mesmo Senhor, depois
que neste triduo fes o pra-
to ao homem na Soberana
Meza da Eucharistia:
*Terra mota est, aliis quidem
ad pietatē commutatis,* por-
que o mesmo foy lograr o
homem aquelle prato ce-
lestial, & divino, enthroni-
zando a Christo em seu
peyto, que logo dos cora-
ções dos Catholicos se de-
farreygarem totalmete em
Portugal atè as memorias
daquelles gostos profanos,
& ritos gentilicos, em que
atè então idolatrava o de-
pravado de seus appetites;

emfim trocãrãose os appe-
tites em piedades; com
que sem o menor encareci-
mento podemos dizer, que
passara Portugal nestes di-
as, de Babylonia, que era
mal reputada, em Babylo-
nia bem querida: *Babylon
dilecta mea posita est mihi
in miraculum;* porque se
trespassou milagrosamen-
te de Babylonia confusa,
para Babylonia confessa,
de Babylonia errada para
Babylonia contemplativa:
*Pone mensam, & contem-
plare in specula comedentes.*
E que effeyto de piedade
mais milagroso? Que tro-
carse em Portugal neste
triduo o jogo pelo confis-
sionario, a intemperança
da gula pela Meza da Sa-
grada Eucharistia, as inso-
lencias pelas lagrymas, a
dissoluçãõ mais descom-
posta, & atrevida pela ora-
çãõ diante daquella Hos-
tia Sacrosanta mais com-
puncta? Que mais prodigiosa
maravilha, que verse
Portugal nestes dias todo
confissãõ pelas Igrejas, o
que no seculo passado era
em

Isai.

21. v.

4. & 5.

em semelhantes dias todo confusão pelas praças?

7 He a confissão neste triduo o primeyro effeyto milagroso de piedade, que resultou de termos nelle a Christo naquelle throno Soberano exposto ; mas paraque o auditorio goste de tam piedoso milagre com mayor fabor , saberà, que a confissão que se fas nestes dias , he feyta a tom de trombeta, & feyta a som de cithara ; a confissão feyta a tom de trombeta mãda Deos praticar em tempo de Quaresma: *Quasi tuba exalta vocem tuam* ; a confissão feyta a som de cithara , praticou David, porque foy David o primeyro , que usou o toque da cithara : *Confitebor tibi*

Isai.
58.

Pf. 42.

in cithara, com pena da alma : *Quare tristis es anima mea?* & a mim quasi que me toa esta Confissão de David à confissão em tempo de Quarenta horas; porque se este tempo puxa ao seculo pela cithara : *Sume citharam , circui civitatem*, este templo puxa ao

Isai.
23.
n. 26

catholico pela cithara da Confissão : *Confitebor tibi in cithara* ; se este tẽpo cõvida ao seculo para as demasias da meza , & para as consonancias da musica, este templo convida a o catholico, para se enfiar das intemperanças da gula , & para ouvir na voz de quem se confessa, a voz de quem sobre aquella Meza discanta : *In voce confessionis sonus epulantis* ; mas que harmonico discante , o que neste templo toca a cithara da conciencia com pena , o que fere as cordas da alma com ancia , o que ponteia no espelho do coração com mágoa! Por certo, q̃ confissão de tam maravilhoso impulso em tam contrario tẽpo , merece enthronizar-se antes de absolver-se.

Pf. 41.

8 Alguma duvida representou Christo Redemptor nosso no amor de Pedro, quando lhe perguntou se o amava : *Simon Joannis diligis me?* Calificou o mesmo Senhor toda a certeza no amor da Magdalena,

Joan.
21. n.
51.

dalena, quando o calificou de muyto amor: *Dilexit multum*: Ponderavel differença: porque se a Magdalena rompeo em lagrymas que regãraõ como agoa de rio: *rigavit pedes*: Pedro rompeo em lagrymas, que amargãraõ como agoa de mar: *Flevit amarè*, logo se o pranto de Pedro sahio emulto de mais excessõ, como he preferido o pranto da Magdalena ao de Pedro no abono: *Dilexit multum?* Ora distingamos os tẽpos, & acertaremos na resoluçãõ de ambos os casos: Pedro fes a sua confissãõ na Somana Santa; & foy a confissãõ como a tom de trombeta, que a tanto lhe toou a visita imperiosa de Christo: *Respexit Petrum*, & a Magdalena chorou em tempo de meza, para a qual foy Christo convidado por cortesia: *Ut cognovit quòd Jesus accubisset*, & fes a confissãõ como a som de cithara tocada com a pena da alma; & que a Magdalena se rasgue em

pesares da alma; quando sabe a manjares a Meza; & que Magdalena divide os olhos em lagrymas, quando a meza reparte os pratos em iguarias, isto he formar a confissãõ de Maria do pranto prato, manjar do pesar, & cithara da mesma amargura: *Confitebor tibi in cithara*. Confissãõ pois em tam raro tẽpo, he confissãõ de tam raro merito, que Christo se deu por obrigado a canonizalla: *Dilexit multum*, antes de absolvella: *Dixit autem ad illam Remittitur tibi peccata tua*: antes duas vezes a canonizou; a primeyra ves dizendo à felice penitente que amava muyto: *Dilexit multum*: a segunda ves dizendo lhe virtualmente, que amara mais: *Cui autem minus dimittitur, minus diligit*; & com grande justiça, porque nesta confissãõ a dor em lagrymas, passou a ardor em chamas, disse São Gregorio. *Dicite quo dolore ardet*: & quando passãraõ as lagrymas para cha-

Luc 7
p. 47.

Luc.
22. v.
62.

Luc 7
p. 37.

p. 47.
p. 48.

São
Greg.
Pape

Hom.
in
Ev. g.
33.

chamas? Quando? Quando senão pejarão as lagrymas de correrem à competencia com as iguarias: *Quæ flere inter epulas non erubescit.* Oh que lagrymas, tam finamente choradas, & das da Magdalena imitadoras se vem romper dos olhos, dos que faindo de hũ Confessionario contritos, & condoidos de suas culpas, se chegão a receber a iguaria da mayor dilicia, que he o Corpo de Christo Sacramentado neste Jubileo plenissimo das Quarenta horas!

§. III.

9 **M**As não sò se vem sair do Confessionario com as lagrymas nos olhos verdadeiramente compunctos, os que por virtude da piedade acodem a muytos templos desta Corte a ganhar o solene Jubileo deste triduo, mas esquecendo-se totalmente dos manjares

com que em outro tempo lhe lisongeava o Mundo nestes dias o appetite, assistẽ depois de bẽcõmũgados em oraçãõ, ou açãõ de graças, cõttemplando cõ a alma toda elevada em Deos Sacramentado naquelle throno quarenta horas exposto: A oraçãõ, como diffinem os Padres, he huma elevaçãõ da alma para os Ceos: *Elevatio mentis in Deum*: logo quẽ por oraçãõ gratulatoria se esquece da boca, & se recolhe com aquella Hostia, neste templo assistirà com o Corpo, mas persistirà naquelle throno com a alma; a adoraçãõ renderá o corpo nesta Igreja, a contemplaçãõ prenderá ao espirito naquella peanha. Prostrado Paulo às vozes de Christo, & recolhido na Cidade de Damasco, dis Deos a Ananias: Ananias, vay logo ter com Saulo: *Vade, & quære Saulum*, & supposto já foy meu declarado inimigo, agora o acharàs meu declarado amigo, & tanto, que já o acharàs

Act.
Apost.
9.º.
11.

p. 9.

charàs por oração comigo em pratica: *Ecce enim orat:* Saulo orando, & tendo cõ Deos por meyo da Oração hum estreyto commercio, alta fortuna! Mas se Saulo està cego em Damasco: *Nihil videbat*, como està também visto no Empyreo: *Orat?* Responde o Texto: *Erat tribus diebus non videns, & non manducavit, neque bibit:* a Saulo por força da sua oração fechâro-felhe os olhos para o Mundo, ceproufelhe a boca para o prato, & homem que vive tres dias com Deos em pratica, esquecido da boca, no throno da Divindade habita, disse Tertulliano: *Hoc est tēpus, quo homo adæquatur Deo, cum sine pabulo vivit:* donde o corpo de Saulo estará prostrado em terra, estará cego sem vista, mas como ora: *Ecce enim orat*, està por espirito no terceyro Ceo: *Ufque ad tertium calum:* tanto se sobreleva, quem esquecido da meza, ora: tanto se entroniza, quem alheyo da boca, contem-

pla: *Homo adæquatur Deo, &c.*

10 Ora vejaõ agora là os Seraphins cortesãos do Ceo, que com huma, & outra aza formão a esse real throno a mais magestosa cortina, vejaõ là, que almas bem commungadas, que almas bem contemplativas, quando lhe não possaõ usurpar as azas, podem emparelhar-se cõ elles nas assistencias; porque o agradecimēto não duvido que acaba ponderoso, mas principia muy sobido, assim o provo. Commungando figuradamēte Elias pelo pão que lhe deu o Anjo, finalmente se retira a huma cova do monte Oreb: *Mansit in spelunca*, quando de impençado assim lhe falla Deos: *Quid hic agis Elia?* Elias, & como assim? Em hũa cova encuberto? Não o consinto: Sahe dessa cova, sobe ao monte, & fazete a teu Senhor assistente: *Egredere, & sta in monte coram Domino:* que he isto meu Senhor? Não vedes que se poderãõ reselar as

Jerar-

Tert.

3. Reg
19 p. 9
v. 10.

Jerarquias de as emparelhades com hum homem em vossas assistencias? Mãdais a hum homem que esteja diante de vòs assim como estão os Serafins? o mesmo Verbo: *Sta in monte: Seraphim stabant.* E dôde em hum homem elevação tam serafica? Donde? Da persistencia de contemplativo: *Mansit in spelunca,* depois de Commungado: *Surge, & comede:* naquella meza fobir, & comer, he o mesmo acto: *Surge, & comede:* naquelle bāquete assim como os homẽs se emparelhão com os Serafins no cortejo, assim se emparelhão com elles no voo: *Stabant, volabant.* E que cheguem os homens em Portugal, que nestes dias em outros tempos, por viciosos, & insolentes em parelhavão com os brutos, a emparelhar-se agora por contemplativos, & abstinentes com os Anjos? Que os Portuguezes que nestes dias se mostravão antigamente peccadores tam devassos em seus crimes, se a-

chem já tam trocados, que por persistirem nestas Quarenta horas com tanta piedade em oração neste templo, depois de bem contritos, & bem commungados, os vejamos em parelhados com os Serafins mais amantes? Oh que prodigiosa maravilha! mas he effeito da piedade, que lhe comunica aquella Divina Meza, & de que he author unico o Sacramento exposto nestas Quarenta horas naquelle Magestoso Throno: *Terra mota est: aliis queidm ad pietatem commutatis.*

§. IV.

11 **C**Om esta tam maravilhosa piedade, que pela bondade de Deos (& tanto a pefar de Lucifer em Portugal nestes dias intruso) já experimentamos, reformou Christo Sacramentado levado do impulso de seu amor as desordens destes tres

tres dias; dias em que Portugal se achava ha hum seculo no meyo dia das maiores leviandades, & locuras: chamo a estes dias meyo dia; porque se o meyo dia he aquella hora, em que o Sol despede mais intensos os rayos, & abraza mais na sua esfera, estas eraõ as horas em que arremçava mais ardentes lanças de fogo o appetite, estas eraõ as horas em que os vicios, & abusos se vião mais em seu auge; mas nestas mesmas horas em que Lucifer mais abrafava com os ardores do appetite o peyto do homem, para lhe occasionar o mayor dano, ardia mais no peyto de Christo Sacramentado seu amor, para zelar o nosso reparo. Ao meyo dia dizẽ os T. T. mysticos, que cçmera Adão do pomo partido, abrafando o Mundo todo com o fatal rayo de seu peccado; porẽm quando o descuydo de Adão ao meyo dia por appetite da gula comeo, & abocanhou com hum pomo partido a

Tom. V.

hum Mundo inteeyro, de que resultou a todos a mayor perdição, o cuydado amoroso de Christo Sacramentado ao meyo dia por meyo da Communhão de hũa particula zelou nestes dias todo o nosso remedio, & paraque Lucifer com appetite da gula nos não divertisse este Divino prato, cçmo author que he da culpa, em nossas almas como em meyo dia se refes, & cestejou estes dias Christo Sacramentado, como author q̃ he de graça. No meyo dia dos seus descuydos se achava lá a Pastora dos Cantares desejando cõ grandes ancias do coração saber o lugar, aonde o seu amado ao meyo dia se refasiade pasto, & lhe fasiaõ o recosto: *Indica mihi, quẽ diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in miridie,* porque andava perdida, & toda desvelada em sua busca, & temia não a levarse a pos si o tropel de seus erros, que brutalmente se lhe punhaõ diante por obstaculo para divertirle os

Cant.
1. v. 6

Ec pas-

São
Just.
Orgel-
itano

passos: *Ne vagari incipiam post vestigia gregum tuorum*: a estas tam crecidas graças satisfes o Esposo, & assim lhe respondeo por S. Justo Orgelitano: Se andais, alma minha muyto querida, toda anciosa, & em hũ defassocegado desvelo, sem atinar com a meza em que eu me apascento, sabei, que vòs fois o meyo dia em que me refaço, vòs fois o meyo dia em que repouso, para que deyxando já o meyo dia de vossos defacertos, logreis em mim o verdadeyro descanso: *In te, ubi haëtenuis me non querebas, tamquam in meridie requiesco*: expliquemos mais tam fina reposta com algum cõmentto: figurava aquella meza, em que se refazia a Esposa no sentir do Abbade Blesfense a da Eucharistia, na qual se achava Christo ao meyo dia Sacramentado na alma, & a alma em Christo: *In me manet, & ego in Christo*; & como o rebanho desta alma buscava para o pasto ao meyo dia esta me-

In
Cant.
Expli-
cat.
Myst.

lhor sombra da Eucharistia, naõ era possivel que a esta meza se chegasse a refazer de prato a Esposa, sem que esta divina refeição lhe divertisse totalmente o gosto de todo o pasto, com que em outro tempo lhe brindava o Mundo, & como ovelha perdida, & desgarrada sollicitava com tanto desvelo, & sem que por meyo da graça do Sacramento, que lhe cõmunicàra seu Divino Esposo, possuhisse o mais perfeyto socego: *In te ubi haëtenuis me non querebas, tamquam in meridie requiesco*.

12 Cotejay agora bem a dissonancia, que estes dias fasiaõ em hum cõriçaõ catholico os appetites no tempo passado, com a harmonia que logra no tempo presente; conferi a impiedade, a devassidaõ, & o defassocego com que nestes tres dias viviamos, com a quietação, com a piedade, & com o repouso, que agora nelles logramos, & vereis quam pacificos, & socegados passamos de-
pois

pois, que nos acolhemos a esta mais benefica sombra da Mesa da Eucharistia, & em nossas almas como em meyo dia se refes, & teve quarenta horas de repouso Christo Sacramentado. Que de ancias, & de diffabores não padecião os corações dos homens em Portugal nestes tres dias? Que de remorsos não sentião as consciencias? Que de enfermidades não grangeava a faude? Que de repugnancias, & pesares não experimentava o espirito? Já com as mortes repentinas que se vião a cada passo, já com as brigas, & desafios que se armavão a cada canto, & já com outras semelhantes desgraças, que trasem consigo as demasias da gula. Mas oh que soberanos mimos, que suavidades, que consolações, que espirituas delicias, q̄ doçuras, que ambrosias, & que regalos não senté em sua alma os q̄ nestes dias se apascentão ditosamête na meza Soberana da Eucharistia, na qual nos offere-

ce Christo hum mantimento tam delicioso, hum Sacramento tam divino, que com a mesma suavidade com que nos saborea o palato, nos alimenta a alma. Foy zelo do amor de Christo Sacramentado oppor-se à tyrannia do empenho de Lucifer, porque se Lucifer se valeo destes dias para nos causar com as demasias da gula a todos a morte, destes mesmos dias se valeo o zelo do amor de Christo Sacramentado, para nos communicar em huma particula a todos a vida; para que se até então aquelles profanos gostos nos ferião, este celestial gosto nos sárasse: emfim foy este divino prático antidoto contra aquelle veneno, remedio contra aquelle dano, contra aquella doença medicina, contra aquella peçonha triaga, triaga, digo, tam efficás contra a peçonha maia refinada das culpas, q̄ cõ digna disposição recebida abala corações, & troca nelles os affectos

mais impios, & viciosos em effeytos mais fervoros de piedade: *Terramota est aliis quidem ad pietatem commutatis.*

13 O segundo effeyto que se vio na terra ao receber do Corpo de Christo morto, foy abriſe, & rasgarſe à força do sentimento. As pedras para defaſogarem ſua dor ſe fiſeraõ, ou deſfiſeraõ em pedaços: *Petrae ſciſae ſunt:* o veo do Té-
 plo ſe rasgou em duas partes: *Velum templi ſciſum eſt:* as ſepulturas de par em par prodigioſamente ſe abri-
 rãõ: *Monumenta aperta ſunt:* & paraque tantas, demonſtrações de ſentimento na terra? Eu o digo: recordãra-ſe a terra dos aggravos que os homens, que nella ſe ſymbolizaõ, a Christo ſeu Redemptor tinhaõ feyto nas anteveſperas de ſeu tranſito, & parece não ſe atreveo a terra, ſem rasgar em impaciente dor as entranhas, por ſatisfação das offenças que cõmettera, a receber em ſeu coraçãõ o Corpo de

Christo defunto. Eis-ahi tambem o ſegundo effeyto que ſe ha de ver em hum catholico em cujo peyto entra neſtes dias o Corpo de Christo vivo, & Sacramentado, ha de ſair do Cõfeſſionario para o receber com o coraçãõ de tal forte rasgado de dor, particularmente com a lembrança dos peccados de boca, das enfermidades da gula, & dos achaques de intemperança com que a Christo tem offendido, que a impulsos do ſentimento, ſe lhe abrãõ logo os olhos para o pranto, ſe quer ſair deſſa divina meza, em o mal das culpas que padece, remediado com ſegurãça; porque à viſta do Sacramental Pãõ que os Catholicos commungãõ dignamente, logo todo o mal, que os outros manjares do Mundo cauſavãõ, deſapparece. A hum confeffado representa em ſi meſmo vivamente Iſaias, rompendo em hum ay may peſaroso, & reſentido: *Va mihi, quia tacui:* ay de mim, por-

Mat-
26.27.
p.51.
p.52.

Iſai 6.
v. 5.

que

2.6.
2.7.

que me calley, sendo que me sinto manchado da culpa em que cahi : *Quia vir pollutus labiis ego sum*: escassamente rompe a lingua de Isaias em ay, ou suspiro tam pefaroso, quando logo voa hum Serafim, que assistia ao throno de Deos, para o templo, & pegando com hum tenaz em huma braza tornada em carbunculo: *Et in manu eius calculus, quem forcipe tulerat de altari*, engasta o carbunculo em braza na bocca do Profeta: *Et tetigit os meum*. Ha medicina mais mysteriosa que esta? E pois que he isto? Não achou hū Serafim, que por natureza he amante, outro remedio para curar ao Profeta mais brando, & suave? Direy: o carbunculo tornado em braza, que o Serafim lhe applicou à bocca, no sentir de varios Interpretes figurava o Sacramento: *Calculus Christum Dominum* (escreve o nosso Doutissimo Padre Gaspar Saches) *nobis adumbrat, maxime in Eucharistia*: os pecca-

Tom. V.

dos de Isaias eraõ peccados de boca, *vir pollutus labiis ego sum*, confessou elle, & para peccados de bocca, o Sacramento he o mais efficás remedio; porque com hūa penitencial bocca tem muy unida sympathya aquella Sacramental braza: *Ecce tetigit hoc labia tua*: a sympathya consiste na semelhança: o ay de Isaias era hum pefame de callar, depois de cair, era contriçaõ de cair depois de na confissãõ bem fallar: *Quia vir pollutus labiis ego sum*, & o carbunculo da Eucaristia tem tanta conveniencia com o gemido da penitencia, que da bocca rasgada em hum penitente gemido, & ferida em hum pefame da culpa o mais doloroso, desapparece logo toda a culpa, para que ficando bem purificada, sirva de rico engaste daquelle precioso carbunculo: *Ecce tetigit hoc labia tua, & auferetur iniquitas tua, & peccatum tuum mīdabitur*. Ora falle na confissãõ o penitente catho-

EE Iij 50

Gaspar Sanch.
hic.

co com grande dor, & arrependimento, antes que chegue a commungar a Christo Sacramentado, pois ao despedir a lingua pela boca os crimes que cometera com grande ternura do pesame de haver delinquido, fica digna de se engastar nella tam preciosa particula.

15 He muy necessario o pesar em hum penitente, que no Sacramento ha de a Christo receber, & de nenhum modo quer Christo, que depois de o ter offendido como ingrato se chegue a recebelo, sem que se lhe abraõ logo os olhos para o pranto, paraque indique com o testemunho de suas lagrymas, que està em extremo resentido. Não deu Christo o Sacramento de seu Lado aberto, senão depois que os homens já convertidos se doeraõ, & com as mesmas mãos, com que atrevidos affligiraõ seu corpo, feriraõ elles compassivos seus peytos: *Revertabantur percipientes pectora sua*; poré

mais noto eu ainda, em que aberto por hum soldado o peyto de Christo, diga o Evangelista mimoso que logo em continente em maravilhosa copia de sangue, & agoa rompera o lado: *Et continuo exiit sanguis, & aqua*: & que mysterio ha paraque ao sair do sangue, sahisse logo juntamente a agoa? Que mysterio? Já o digo: deste sangue que sahio do Lado de Christo teve seu nascimento, o Divinissimo Sacramento da Eucaristia, como no lo ensinaõ os Santos Padres, & Sagrados Concilios: *E latere Christi exierunt Sacramenta*; na agoa em que brotou o peyto, reconhece as lagrymas Theodoretto: *In aqua cognosce lacrymas*, & parece nos quis avisar o mesmo Senhor, que não deviamos chegar a receber o Sangue de seu Corpo Sacramentado sem a agoa de nossos olhos: encomendounos as lagrymas, quando se nos dava em iguaria no Sacramento, porque tem por gran-

Ioan.
19.

Luc

22.

7.48.

gran-

grande crime, que haja homem tam confiado, que depois de o ter offendido, com aggravos, se atreva a recebello, sem q̄ o coração se lhe rasgue pelos olhos em prantos, & he tal o crime, que sem hum grande castigo o não dissimula, dissimulando tal ves com outras offenças.

16 Repetido he o triste successo daquelle convidado mais infelice, que por se assentar à meza de hū poderoso Rey se o decēte adorno, foy delle severamente reprehendido, & castigado com todo o rigor; sobre elle levantão os Sagrados Expositores grãdes reparos, levantemos tambem hoje com sua licença o nosso; & paraque melhor se conheça a difficuldade, a razão está pedindo que se examine primeyro o principal delicto, que cometteo este homẽ, & o modo com que foy castigado, porque à primeyra vista parece que não foy o castigo proporcionado à culpa, & provo assim: a cul-

pa toda deste homem, conforme se colhe do Evangelista São Lucas, parece que sô foy o descomedimento, & desacato de se assentar à meza daquelle Rey em hū dia tam solemne com vestido indecente: *Non habēs vestem nuptialem*, a pena que se lhe deu, foy que em hum tenebroso carcere, igualmente na boca, que nos olhos padecesse os mais excessivos tormētos: *Mittite eum in tenebras exteriores, ibi erit fletus, & stridor dentium*: agora o meu reparo, & assim diffi- culto: se nesta occasiã sô o corpo do convidado atrevido, que com o seu defayroso traje profanou aquelle real banquete, he o que cometteo o delicto; porque sô ao corpo, & não à boca, nem aos olhos he que havia de cobrir o vestido de festa; porque ha de ficar o corpo do castigado, sendo o culpado; & porque a boca a tanto custo de dores, & os olhos a tanto custo de lagrymas hão de pagar esse crime, *Mat. 23. 13. Luc. 13. 13.*

Ec iiiij estan-

estando delle innocentes? Ora adverti, & adverti bẽ: dous crimes foraõ, se bem se considera, em que delinquo aquelle mais infelice: o primeyro foy o chegar a comer na meza daquelle soberano Rey, que nõ cõmum sentir de todos representava a Christo na meza do Divino Sacramẽto do Altar, sem o traje que era decente, isto he, sem o ornato das virtudes, & sem a gala preciosa da graça, que perdera pela culpa:

Non habens vestem nuptialem: o segundo foy o deyxarse estar naquella Real meza, depois de ter tam gravemente a Deos offendido, sem as lagrymas nos olhos, nem dar com a boca final algum de arrependimento, & mostra-se Deos tam justamente sentido de que se chegue a receber seu Corpo Sacramentado sem lagrymas, que dissimulando o primeyro crime, sem lhe determinar castigo algum, o segundo nõ o pode dissimular, decretoulhe o ultimo rigor:

Mittite cum in tenebras exteriores, ibi erit fletus, & stridor dentium: desfação-se em tristes, & eternos prantos os olhos, pois foraõ tam rebeldes, que ao entrar pela boca o Corpo de Christo, senaõ arrasaraõ todos em lagrymas: *Ibi erit fletus*, & padeça huma eternidade de dores, & gemidos a boca, que sem as lagrymas nos olhos foy tam atrevida, que chegou à meza da Eucaristia a receber o Corpo de Christo: *Et stridor dentium.* Agora comigo: & se com tanto rigor castigou Christo aquelle homem, por se chegar huma sò vez, sem esta demonstração de arrependimento a receber seu Corpo Sacramentado: os que profanado com tantos delitos, & irreverencias o Sagrado de sua meza, se chegaõ ao receber tantas vezes com os olhos mais enxutos que huma peúra, que castigos nõ merecem? Se a este convidado se lhe pedio estreyta conta de chegar em hũ dia, não fo-

lenne

lênne, sem lagrymas, sem o aceyo, & devida decencia à fonte de toda a pureza, ao centro da santidade, que he a meza da Cômunhão: *Quomodo huc in trasti?* Como não tremem como varas verdes aquelles, a quem tam estreyta conta se lhe ha de pedir de se chegarê em hum solennissimo Jubileo, como he este das quarenta horas, a receber hum Manjar tam cordial, & divino com os olhos tam obstinados, que se lhe não rebellão as lagrymas, para chorarem, & sentirem a faldade de suas culpas: *Quomodo huc intrasti?*

§. VI.

17 **H**Aõ de se abrir ao receber o Corpo de Christo vivo, & Sacramentado, os olhos para as lagrymas, com que choremos os erros, & desordens com que o temos até então offendido, que ao receber o Corpo

de Christo morto, se abriu a terra ferida de sentimento: *Terra mota est, velum templi scisum est, monumenta aperta sunt;* & finalmente ao receber do Corpo de Christo morto se mudou a terra com huma grande troca no goito: *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt.* Quarenta horas esteve Christo sepultado no coração, ou centro da terra: *Erit filius hominis in corde terre tribus diebus, & tribus noctibus,* até que já resuscitado o Senhor adverte o Evangelista São Mattheos, que a terra lançara de si tambem resuscitados muytos corpos de Santos, que em Deos descansavaõ nas sepulturas: *Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt;* a advertencia do Evangelista mostra, que fora tam maravilhoso o successo, & tam raro o prodigio, que como tal he força, que logo delle se desparte naturalmente o reparo: assim pergunto: a natureza da terra não he ce-
varfe

voracissimamente nos corpos mortos que em si recebe? Claro está que assim he: não tem a terra por officio o convertellos em cinza? Nenhuma duvida tem: não foy sempre o seu costume o digirir em suas entranhas o mais illustre no fangue, o mais benemerito na virtude, o mais calificado na sciencia, o mais ayroso na fermosura? A experiencia o está mostrando có toda a clareza: Pois valhame Deos como obra a terra aqui contra o seu natural? Como altera o seu inveterado costume? Como tam esquecida se mostra da obrigação q̄ sempre teve, depois q̄ no Mũdo houve mortaes? Que a terra estamago voraz da mesma morte respeyte a Christo, deyxando o intacto, & o vomite vivo, muyto em bora, que era o corpo de Christo bocado indigestivel, a quem não podia consumir com o seu natural calor; mas que vomite vivos aos mesmos corpos, que recebeo já defuntos,

sendo estes o manjar mais appetecido do seu gosto, & mais accômodado para seu alimento? Esse he o prodigio milagroso, que me motiva todo o affombro. Quem causou huma mudança tam extraordinaria em o natural, & costume da terra? Quem a obrigou a que variasse o gosto? Sabem quem? o haver commungado o Corpo de Christo: sepultou-se Christo morto no coração, ou centro da terra, & recebeu a terra, dis São Maximo, a benção do Corpo de Christo: *Sepultus est Dominus, ut ad consolationem sepul-torum benedictionem corporis ejus, & terra susciperet:* esta benção do Corpo de Christo he o Divinissimo Sacramento do Altar na opiniaõ de São Paulo: *Calix benedictionis, cui benedimus, non ne communicatio sanguinis Christi est?* E tanto que a terra se vio com o Corpo de Christo Sacramentado em seu peyto, logo se deu por obrigada a trocar o gosto, a mudar a

São
Ma-
ximo
Homil.

1. de

Div.

1. ad

Cor.

10. v.

16.

natureza, & a melhorar de costumes; porque essa cõmunhão do Corpo de Christo obrou nella taes effeytos, que lhe defabrio de todo o gosto daquelle alimento, que era o emprego do feu appetite.

18 Até huma creatura fem alma lhe pareceo que depois que chegou a goftar do mayor regalo, & mimo do Ceo, como he o Corpo de Christo Sacramentado, não era bem que mais gostasse, nem vivesse do appetitivo, mas que era necessario variasse o gosto, melhorando de estado. Paraque he buscar mais prova desta verdade, que o exemplo, que se está vendo nestes dias? Quem vira em outro tempo aos homens neste tempo, que demasias não estranhâra então, & que moderação não louvará agora? Mas toda esta mudança de vida tam maravilhosa, toda esta troca no gosto tam repentina, toda esta melhoria de estado tam estranha, se vio manifesta, depois que Deos se

descobrio em Portugal exposto naquelle throno, & lhe meteo na boca aos Portuguezes a iguaria mais deliciosa de feu Corpo Sacramentado; paraque daquí aprendamos, que este he o modo com que Christo quer que sayamos, depois de o recebermos, da meza da Eucaristia, que ha de ser com tal mudança devida, com tal reformação de costumes, & com huma tam gloriosa victoria de todos os gostos, vaidades, & deleytes do Mundo, que no nosso gosto hũa grande troca se veja, & em nós huma grande melhoria de estado se admire; já me explico por ultimo, & glorioso remate de todo este discurso. Chegamos nestas quarenta horas a receber a Christo como homens; pois a rafaõ pede que sayamos da meza do Sacramento como Anjos: chegamos a receber o Sacramento como peccadores arrependidos, pois havemos de fair da meza da Communhaõ como justos: chega-

chegamos a receber o Sacramento por meyo da confissão purificados da culpa, pois havemos de sair por meyo da Communhão innocentes com augmentos de graça; esta he a mudança que se ha de ver em nós que he de hum estado bõ para outro estado melhor; que quanto he o mudarmos recebendo o Santissimo Sacramento de hũ estado mau, para outro estado peyor: chegarmos a receber o Sacramento no estado da culpa, & sair daquelle Divina Meza no estado da condenação: chegarmos a receber o Sacramento menos contrites, & sair da meza da Communhão mais obstinados: chegarmos peccadores, & sair da meza do Santissimo Sacramento sacrilegos: chegarmos menos abstinētes, & sairmos com mayor ambição dos regalos, & appetites da gula, finalmente chegarmos como culpados, & sairmos como demonios, isso não se pode chamar mudança, isso

he pejorar de estado, & pejorar-se na mudança, não he mudar-se. Valente prova nos offerece o Apostolo São Paulo.

19. *Omnes quidem resurgemus, sed non omnes immutabimur*: todos havemos de resuscitar; porēnem todos os que resuscitarmos nos havemos de mudar. He este Texto de São Paulo hum dos mais difficultosos de suas cartas. Pela resurreyção universal se hão de reunir as almas aos corpos; logo todos os resuscitados se hão de mudar: provo a consequencia: a mudança, conforme ensinava a Filosofia mais certa, consiste em comecçar o foyeyto a ter de novo alguma cousa que antes não tinha, & que os resuscitados hão de ter depois da resurreyção alguma cousa que antes da resurreyção não tinham, não padece duvida, & para que apertemos mais o argumento, & se conheça melhor a difficultade, perguntemos a São Paulo quem são os que na resurreyção

1. ad
Cor.
15. v;
51.

3. Eu-
querio.
Interr
2. in
Epist.
1. ad
Corin-
th.

reycão se hão de mudar, & quem são os que não hão de ter mudança? Responde por São Paulo São Euequrio com o cõmum dos Expositores: *Non omnes in gloriam immutabimur, quia resurrectio, & incorruptio communis est omnium, immutatio autem ad gloriam propria justorum.* De modo que segundo esta expõsiçãõ os que se hão de mudar são os justos, & os que não hão de ter mudança são os peccadores: agora se vê melhor a difficuldade: os Justos hão de se mudar, porque hão de ir para a gloria: *Immutatio ad gloriam propria justorum*: os peccadores não hão de ter mudança; porque hão de ir para o inferno, notavel caso! que chame São Paulo ao estado da Bemaventurança mudança de estado, & ao estado da condemnação lhe não chame estado de mudança: qual será a razão desta sentença? A razão he, porq̃ os Justos hão de se mudar de hum estado bom, para outro estado

melhor: do estado da graça, para o estado da gloria: os peccadores hão de se mudar de hum mau estado para outro estado peyor, do estado da culpa, para o estado da pena, & mudar-se do bem para melhor, isso he fazer mudança, por isso se hão de mudar os Justos: *Immutatio a gloria propria justorum*, mudar-se do mal para peyor, não se chama mudança essa variedade, por isso senão hão de mudar os peccadores: *Non omnes in gloriam immutabimur.* Judas tambem se chegou à meza da Cõmunião a receber o Corpo de Christo, mas mudouse Judas? Não se mudou, porque a mudança que fes, foy passar do estado da culpa para o estado da cõdenação: *Introivit in eum Satanas*, & mudar-se do estado da culpa para o estado da condemnação, não he fazer mudança: os Apostolos mudarão-se? Sim se mudarão; porque recebendo o Corpo de Christo, do estado da graça passaram

Apoc.
19. v.
9.

ram ao augmento da graça, ou já para o estado da gloria, ficando bemaventurados nesta vida, segundo o q̄ lã dis São João no seu Apocypse: *Beati, qui ad cœnam nuptiarũ agni vocati sunt, idest*, como lã outra letra, *ad perceptionem Eucharistia Sacramenti*. E mudãrão-se tambem os que achãdo-se mortos pela culpa, de commungarem neste triduo em seu peyto o Corpo de Christo vivo, & Sacramentado lhe resultou a ventura, de se verem pela graça que receberãõ na meza do Sacramento, em alma resurgidos? Sim se mudãrãõ, porque fogindo das mezas mais sacrilegas, para as quaes o Mundo nestes dias os convidava, para a meza mais Sacrosanta, qual he a da Eucaristia, em seus corações se virãõ os tres maravilhosos effeytos que precederãõ na terra ao receber do Corpo de Christo morto; &

se não pergunto: Não he assim, que em todos se vio por força de hum justo temor, & por virtude de hũa milagrosa piedade, para receberem na meza da Cõmunhão hum grande abalo? Quem haverã, que o não confesse? Não he assim, que em todos se vio hum muy vivo sentimento das culpas, como o testemnhãrãõ as suas lagrymas? Quem haverã, que o não admire? Não he assim, que em todos se experimentou huma grande mudança de vida, huma grande troca no gofsto, & melhoria de estado? Quem haverã, que o não apregoe? Pois que havemos de dizer, senãõ que com os augmentos da graça, que lhe cõmunicou o Sacramento, lograõ jã nesta vida o foro de beatificos; para serẽ na outra da Eterna Gloria possuidores: *Ad quam nos perducat, &c.*



SERMAO

DECIMO SEXTO

DO

JUIZO

PREGADO EM SETUVAL
no Collegio da Companhia de
Jesus. Anno de 1677.

Erunt signa in Sole, & Luna, & stellis, & in terris presura gentium. Luc. 21. n. 25.

§. I.



U BO hoje a este lugar mais obrigado da violencia de hum preceyto, do que persuadido da qua-

lidade do assumpto ; porque se nos outros dias cõvida o pulpito com occasiões de gosto, & agrado, no de hoje offerece materias de pena, & sentimento: nos outros dias referem os Pregadores beneficios

do

do Ceo, no de hoje denunciam castigos do inferno, & se he facil a quem prèga a relaçaõ dos beneficios, que se esperaõ, ou já se receberam, he muy penosa a denunciaçaõ dos castigos, que se profetizaõ.

2 Com prassa de seu Embayxador manda Deos a Moyses à Corte de Faraõ : *Veni, mittam te ad Pharaonem*, & resistiu Moyses tanto a aceytaçaõ do officio, que chegu sua modestia a de generar em porfia: *Quis sum ego, ut vadam ad Pharaonem?* Trata Deos de mãdar cutro Embayxador a Israel: *Quem mittam, & quis ibit nobis?* E escaçamente o sabe Isaias, quando pede o despachem com este cargo com todo, o empenho: *Ecce ego mitte me*: Notavel contradicçaõ achey sempre nestas accõs: resiste Moyses à obediencia de Deos, & offerrece-se a executala Isaias? Moyses, que entrou por espinhos aver huma sarça abrasada, não entrará na Corte de hum Rey aonde

assistiu desde menino, quando Isaias nada mayor no valor, & santidade, pede a Deos que o mande com a embayxada? O caso he, que Isaias cuydou que hia prègar felicidades ao povo, & Moyses entendeu certamente que hia prègar aduersidades a hum tyranno, Isaias teve para si que era mandado a referir beneficios, com que Deos havia de acrescetar a Israel; Moyses sabia que o mandavaõ a denunciar castigos com que Deos havia de destruir a Faraõ, & se a relaçaõ dos beneficios he ao Prègador causa de lisenja, a denunciaçaõ dos castigos he motivo de grande tormento.

Moyse, dis São Basilio, misterium proponitur ad annuntiantium res parum a- São Basil. in cap. 6. Isai.
mu nas, imo permolestas. Cõ o mesmo receyo venho eu hoje a este pulpito, porque venho a prègar os assombros, & os rigores do Universal Juizo; porèm como he força que estranhe a causa deilles, que são os vicios; a obrigaçaõ de meu estado

Exod.
3:

Isai.
40.

estado está pedindo que proponha também as razões, que nos devem mover a evitallos, que são as rigorosas ameaças do castigo. Atègora nos serviu de tentação a liberalidade divina; atègora fizemos costas a nossas temeridades cõ os exemplos de sua misericordia; importa daqui por diante o trocar as mãos, que nos sejam instrumentos para abraçar a virtude, õs finaes evidentes de sua justiça.

3 Estes se veraõ em o dia ultimo, que tiver de vida o Mundo, no Sol, na Lua, & nas estrellas. Hum senhor que tantos avisos multiplica, de achar delictos dà a entender que não gosta: Delinquente que sobre avisos tam repetidos, os custumes não emmêda, de que busca de proposito as desgraças, claramente o insinua. Pelos astros do Ceo começã as ameaças do castigo. Réctissimo Juiz que primeyro começa a castigar por sua casa! Mas oh que Senhor tam ri-

goroso! Como perdoará crimes dos estranhos, que não releva as culpas dos seus proprios? O Sol todo se desvelava pelo verem mais vezes desterrando as trevas, para ser respeytado, & adorado por Monarca das luzes; & quando se punha, deyxava acesas a suas exequias tãtas tochas, quantas são do Ceo as estrellas: às flores em nacendo enxugava as lagrymas com o interesse de lhe festejarem o seu nacimiento; aos mõtes dourava os cumes, por serem as primeyras atalayas de seus resplãdores; tudo isto foy locura, & pouco juizo do Sol. A Lua, & as estrellas sendo lufidas tochas postas pela Providencia divina para dirigirem os caminantes na escuridade da noyte, se fiserã guias de mal feytores, & piratas, & juntamente com o Sol receberã dos homens o titulo de divindades, & por isso lhe não valeu o alto desse Ceo para escaparê dos castigos. Castigades pois os Planetas

do Ceo com escuras sombras, como escapará de castigo a terra, o ar, & o mar, que tantas occasiões deraõ ao homem de offender a Deos, servindo a terra à gula com animaes, o ar cõ aves, & o mar com peyxes? O castigo dos grãdes sempre he pronostico certo do rigor que se ha de executar com os pequenos: a justiça, que se atreve à cabeça de ouro, muyto dà que temer aos pès de barro. Desfeyta já a união, & constancia regular dos Elementos, descerà Christo à terra com vara alçada entre as cortinas de hũa nuvem; não choverà esta sobre os homens agoa de misericordia, por ser aquelle dia ultimo, dia par-

Tbren ticular da justiça: *Opposui*
3.º:43 *si nubem*, ... dis Jeremias,
ne transeat oratio: Porfeshá Christo em huma nuvem para não admittir rogaçivas dos que se lhe oppuserão com suas culpas.

4. Viu São João em seu apocalypse a hum Anjo que Deos mandara por seu

prègador à terra: não continha a prègaçãõ outra materia mais que o temor do Divino Juiz: *Timete* *Apoec.*
Dominum, & *date illi ho-* 14.º.7.
norem, quia venit hora judicij ejus: temey, porque contra seculos de locuras, & desatinos cedo virà huma hora do juizo. Para prègar o juizo não he bastante a eloquencia do homem mais sabio, he necessaria a efficacia mais poderosa, & superior de hum Anjo: he muy fraca a voz de hum homem para despertar a peccadores adormecidos nas culpas, requere-se o clarim das Intelligencias Angelicas. Nesta occasiãõ porèm manda Christo a seus Discipulos que levantem as cabeças, porque da sua liberdade he chegado o tempo. Os Justos se considerarem os beneficios que esperaõ, nunca sentirãõ os males que padecem: porque a memoria da felicidade futura, fas esquecer a afflicçãõ da miseria presente. Nas folhas verdes da figueyra

Eu. 21. quer o Senhor que se lea o fim do Mundo : *Videte ficulneam*; porq̃ se a figueyra produz no Estio frutos, em feu fim produzirá o Mundo ruinas : *Quibus verbis profectò ostēditur, quòd fructus mundi ruina est*, disse São Greg. in Ca. comentando o Texto São Thom. Gregorio. Não sabe esta grande arvore do Mundo dar outro fruto mais que calamidades. Para persuadir, & intimar o rigor deste dia, necessito de graça muito especial : Vòs Serenissima Senhora, Maria Santissima, agora mãy de peccadores, & là no dia ultimo mãy de justiça, valeynos cõ o favor do vosso patrocínio soberano, paraque por meyo de vossa saudação Angelica no la cõmunique muy copiosa o Divino Espirito. Ave Maria.

S. II.

5 **C**Hama hoje a Igreja Catho-

lica a todos seus filhos a juizo, & os Planetas mais luminosos nos ameaçaõ horrendos castigos com suas sombras, assim como nõs tem feyto os beneficios com sua luz : tudo sãõ divinos meynos para cõ tẽpo nos dispormos a fer julgados, sobpena de tomarem armas contra nõs no dia ultimo, que serà de publica liberdade, porque todos ficaraõ livres de servir a creaturas tam ingratas, que se atreveraõ a offender a seu Creador, & os Ceos primeyros livros em que Deos com letras de ouro, & azul estampou suas grandefas, & aonde se escreveraõ graves culpas, se cerrarãõ neste dia como pronostica Isaias : *Cõplicabuntur sicut liber caeli*, paraque nelles se não assentem outras de novo: *Ut non scribantur in eis peccata multorum*, grossa São Jeronymo. Atẽgora fallou Deos por palavras, & não deraõ os homens atençaõ alguma a seus avisos, hoje determina

Isai.
34. v.
4.

São
Je.
rou.
ibi.

os dias iguaes com as noy-
tes, assim Christo verda-
deyro Sol de justiça, fará o
dia para os escolhidos,
igual com a noyte para os
danados; eterno será o dia
para os bons, & eterna será
a noyte para os maos. Di-
visaríeja no Solo Signo
Cancer, & quem o poderá
divisar sem grande temor?
Quando o Sol chega a este
figno custuma apartarse de
nos, & assim o Sol Divino
se apartará então dos per-
citos para toda a Eterni-
dade: *Vae eis, cum recessero
ab eis ... de domo mea ejiciam
eos: non addam ut diligam
eos.* Finalmente veráõ os
homens ao Sol entre os
outros Signos, & com par-
ticular medo no Sagittario,
porque lançará Deos ra-
yos, & despedirá settas de
fogo contra a terra: *Arcū
suum tetendit, & paravit
illum, sagittas suas ardenti-
bus effecit.*

6 Miseravel de ti ge-
nero humano com tantos
sinaes de justiça por Deos
ameaçado, porém muyto
mais miseravel, se à vista

Tom. V.

de tantos sinaes do Ceo
não dás final algum de ar-
rependimento; todos elles
se ordenaõ ao temor da re-
sidencia, que Deos tomará
nesto dia de nossas culpas:
Estimando Deos muyto
mais seu amor que seu te-
mor, hoje fas mais caso de
ser temido, que de ser ama-
do; porque para ser amado
contentou-se que o espe-
rassem na primeyra vinda
sinco mil annos, & para ser
temido, o mesmo limite
pos ao tempo, que pos ao
Mundo desde principio
atè o fim delle, sem nos va-
ler a segurança da paz que
com elle temos feyto; antes
quanto mais seguros na o-
piniaõ de sua amidade,
mais temerosos nos quer
de seu juizo. Acabado o
diluvio com que Deos cas-
tigou as primeyras culpas
que o Mundo cometera,
appareceu a Noè, & fes
concertos de paz com elle
pondo nas nuvens hum ar-
co por fiador de sua pala-
vra, & com o sello penden-
te da segurança que terião
os homens com toda a in-

Ffij fa-

falibilidade: *Arca meum ponam in nubibus.* O arco he final de guerra, & final de guerra mais he motivo de receyos, q̄ de segurança nos animos; cõtodo cõ sinaes de guerra quis Deos segurar os homẽs em seu amor. Estã bem, mas porque este final se ha de ver levantado nas nuvens? Responde gravissimamente Tirino douto Escriturario da Companhia: *Quia & nubibus aquae delapsae fuerant, & inde rursus metuendum erat diluuium:* quis Deos que vissem os homens nas nuvens o final da segurãça, & para que esta os não fisesse em suas obrigações descuydados, notassem no final della donde veyo ao Mundo o diluuiõ, porque quanto se considerassem mais seguros, então estivessem mais temerosos, & quanto mais temerosos, mais pontuaes na observancia de seus divinos preceytos.

7 Esta he a causa porque hoje põem tantos sinaes no Sol, ou esta he a rasiãõ porque o Sol apparece em

tãtos sinaes do Ceo. Do Ceo veyo o diluuiõ de agoa, & assim não se descuide o Mũdo com o final de paz, porq̄ de là ha de vir outro diluuiõ de fogo; vede agora como temerãõ o juizo os que escapãraõ do diluuiõ com que o Mundo por Deos se viu castigado? Ordenou Deos a Adão que sò comesse daquelles frutos que dessem as arvores: *Ex Genes. 2 v. 16.* *omni ligno paradysi comedes,* de peyx, & carne nada fallou, & isso porque causa? Paraque naquelle tam felice estado senãõ introduzisse a gula; passado porrem o diluuiõ, logo permittiu que huma, & outra cousa comessem: *Omne quod movetur, & vivit, erit vobis in cibum:* aqui perguntãra eu: & se dantes se temião destemperanças na gula, porque senãõ temem agora? Agradeçamos a Tertulliano a resposta: *Jam Dominus judicium ostendit per diluuium:* tinhãõ agora os homens diante dos olhos o rigor do divino juizo, & o temor do juizo posto

Genes.
2 v.
13.

Tirin.
bic.

Genes.
2 v 3.

Tert.
lib.
cont.
Phy.
sicos.

posto à vista, desterra profanidades, & fas enfrear appetites. Em muytos nos consta do Texto Sagrado que se desfmandàra David: cometeu hum adulterio, depois hum homicidio, & finalmête offendeu a Deos com a resenha que fes de seus soldados, pela qual mandou o mesmo Senhor hum Anjo com a espada desembainhada para lhe destruir o Reyno, & ficou David tam temeroso, & entrado de pavor, que não leyo cahisse mais em peccado: notavel caso! nelle reparo, & assim difficulto: Não he assim, que quem admite hum peccado na alma, logo franquea a entrada a muytos? Provera a Deos que assim não fora, mas a desgraça he que tanto assim passa; porque logo cessou David de peccar depois de o Anjo lhe apparecer? Disse o venturosamente Titelmão: *Ex quo Angelum cadentem populum vidit, pavoro vehementi contabuit, unde in incommoditate frigoris usque*

ad mortem permanfit: não ha mais responder! Viu David ao Anjo armado cõ a espada da justiça, & executando-se esta no Reyno, & cobrou tal medo, & espanto, como se a vira executar em si mesmo. Ah peccadores devassos na vida, & soltos nos costumes, & como he possivel que teus membros se não estriem, que teu coração não desmaye, que teu espirito não tremas, que teu juizo não pasme, que tuas torpelas não cessem, que teus appetites senão enfreem com as lembranças do castigo que te espera naquelle dia ultimo diante do tribunal Divino, & supremo? Oh alma perdida! oh coração sacrilego! não cessa Deos de te avisar com o rigor de seus castigos, & tu não cessas de offendelo com a multiplicação de tam enormes peccados? O rigor daquelle dia tantas vezes intimado te houvera de obrigar ao arrependimento, & he tam descomedido o teu desaforo, que tiras novas occasiões

Titelm.
in Pf.

Ad
Dom.
2.º. 5.

es de peccar donde hou-
veras de tirar novas razões
de temer; não vês que com
tua obstinação entesouras
a ira divina para o dia da
mayor ira? *Secundum du-
ritiam tuam, & impenitens
cor thesaurizas tibi iram in
die iræ.*

§. III.

8 **V**erdadeyramê-
te Catholicos,
que quando me ponho a
considerar o desafogo com
que hum peccador, que tẽ
gravemente a Deos offen-
dido, se alegra, se refas na
mesa de prato, & se lança a
dormir no leyto, sem que
tema o poder com que hũ
Juiz Divino o ha de julgar
naquelle tribunal tam tre-
mendo, eu me persuado
que ou passa de insensivel,
ou que de todo carece de
juizo; porque quem o pô-
de ter, por mais abalizado
que seja na santidade, que
não trema, que não estre-
meça, que não pasme, que

gravemente enfermo não
caya, & q̄ de horrivel espã-
to não morra? Foy sabedo-
ra Micol filha de Saul, que
seu pay por mãos violen-
tas de Assalinos procurava
tyrannamente privar da
vida a David seu esposo,
& preferindo o amor deste
ao amor paterno, tratou de
livrar por todos os modos
a David de tam evidente
perigo: chegaraõ com tudo
os Assalinos, & pergũtan-
do que fazia David, se lhe
respondeo por parte de
Micol, que estava grave-
mente enfermo: *Responsum
est quod agrotaret.* O Grã-
de Abulense repara muyto
nesta reposta, & assim per-
gunta: *Quare non respon-
dit Michol quod dormiebat
David?* Supposto que Mi-
col estava disposta a enga-
nar aos da guarda de Saul,
porque não respondeo an-
tes que David estava re-
poufando, & não que esta-
va enfermo? O dizer que
David dormia, não era hu-
ma reposta mais facil de se
admittir, & se crer? Assim
parece, porẽm outro foy o

1. Reg
19.º.
14.

motivo mais mysterioso, julgou com toda a agudeza o mesmo Abulense, que teve Micol para assim responder: notem; o que Micol nesta occasião pretendeu, foy dar huma disculpa prudente, & discreta, a que se podesse dar todo o credito, & pareceulhe como entendida, que dizerse de hum homem tam avizado como David que dormia, sabendo muyto bem que hum Rey tam poderoso como Saul se empenhara havia tam pouco em lhe tirar a vida, & que o perigo da morte de que escapara, & do qual não estava ainda de todo livre, o tinha obrigado a que se retirasse com toda a pressa para sua casa fugitivo, não era crível, era mostrar q̄ David perdera de to do, o siso, porque que homem pôde haver tam desalfizado, & indiscreto, que possa com socego dormir, constando-lhe que o poder de hum Rey em o perseguir se desvela, & cuydadoso em o atravessar com huma lança

se empenha? *Non ergo erat veresimile, remata o Grãde Padre, quòd talia pericula evadens, quæ tamen non penitus evaserat, in lecto jaceret, tamquam nulla eum cura morderet.* Oh q̄ temor, & que espanto tam horrendo causaria a David o favor com toda a certeza que contra elle estava conjurada huma Magestade tam soberana, que no tribunal de hum Rey tam poderoso como Saul se tinha decretado que se lhe tirasse às lançadas a vida! Não se diga pois de David que dorme, senão que desalentado cahira em huma cama, que de acobardado gravemente enfermara, & que esse temor o tem posto às portas da morte, que tudo isso cabe nos limites da credibilidade. Agora comigo: & se argue falta de juizo o dormir, & descansar quem se acha em evidente perigo de a vida perder; que indiscricão, & ignorancia tanto para reprovada será a de hum peccador, que sabendo, como a se lhe enfi-

Abulens. in
Commen-
tar.
Super
libros
Reg.
quest.

na, o quanto para temido he o juizo de Deos, & quam grande será o rigor com que naquelle dia ultimo castigará a demasia, & profanidade de seus appetites, não treme como varas verdes? Que assim say passando com seus falços gostos tam divertido, que assim vive confiado, & com tanto socego, sem que em seu peyto faça a lembrança do Juizo final o menor abalo, como se tudo o que delle refere a verdade Evãgelica, não fosse verdadeyro, senão fabuloso?

ob9 Mas se nem ainda estes exemplos te obrigaõ ò peccador, a que dès hũa volta a vida, temendo os formidaveis castigos da Divina Justiça, confundãote as mesmas creaturas insensiveis q̄ cõ o seu te en-
 Psal. 113. r. 5. *Quid est tibi mare, quod fugisti: Et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* Notem bem a apostrofe, que a Rhetorica do Real Profeta fes ao mar vermelho, & ao rio Jordao, perguntando a hũ

porque fogira, & a outro porque voltara? Porque torna atras o Jordão a vista da Arca? *Assistentis inhorruit maiestatem; & ad presentiam sui cessit Auctoris*, disse com toda a vettura Cesario Arelat. Tornou o Jordão atras de medroso, porque sentiu na Arca a vara de Deos Juiz Soberano: fugiu o mar, porq̄ levantou Moyses sobre ella vara: *eleva virgam, & extendit super mare*, & como era vara de justiça, o temor do juizo fas perder seu juizo aos mares, & aos rios, porque he o juizo tão to para arreceado, que ainda sombras suas temem grandemente as creaturas por natureza insensiveis; torna atrás como temeroso o Jordão, para que os homens aprendão a tornar atrás em seus errados caminhos. Na morte de Christo tremeu a terra, & as pedras se fizeraõ, ou desfizeraõ em pedaços. E q̄ de trema a terra, de que se quebrão as penhas? Quem obra estes tam prodigiosos effey.

Cesar
Arel.
apud
Lor.

Exod.
14.
r. 16.

São
Leam
P.
Serm.
10 de
Passi-
one.

Mat-
th. 25.
v. 33.

011

effeytos? Estes effeytos obra o temor da Cruz em que Christo estava como Juiz, responde São Leão Papa: *Admirabilis potentia crucis, in qua tribunal Domini, & nostrum iudicium, & potestas est Crucifixi.* Da parte direyta tinha Christo na Crus ao bô Ladrão como escolhido, & da outra ao mau Ladrão como cõdenado, següdo o de S. Matheos: *Statuet oves quidã a dextris suis, hædos autẽ a sinistris*, & vendo o elemento da terra esta tam verdadeyra representaçõ do juizo, abalando-se com defusados tremores, reprehende aos homens tacitamente de insensiveis.

Este mesmo temor a conselhaõ tambem hoje os mesmos Astros do Ceo: *Erunt signa in Sole, & Luna, & stellis*, & não sò o aconselhão aos peccadores, mas ainda aos Justos, não sò a maos, mas a bons: a maos para se converterem, a bons para não confiarem. Aquelle lustrosissimo templo que là mandou fazer

Salamão, em cuja sumptuosa, & magnifica architectura se esmerou o primor da arte mais engenhosa, & a riqueza mais opulenta, dis o Texto Sagrado, que occupando hum, & outro lado, direyto, & esquerdo, se divisavão dous Leões rompentos, que com o seu horrivel aspecto intimavão pavor, & espanto ao animo mais intrepido; ao coraçõ mais alentado: *Duo Leones stantes juxta brachiola.* No que eu agora reparo he, que esses dous Leões tam horrendos, & ferofes ambos os lados do throno occupassem: & pois não bastava que a hum sò lado assistissem? Era necessario que ladeassẽ o throno por ambas as partes? Sim, & não sem grande mysterio: representava aquelle throno, conforme o sentimento commum dos Intrepretes, o de Christo Juiz, era em representaçõ, & figura hum tribunal do Divino juizo, que já por isso pelos degraos desse throno se vião postos doze Leões

2 Pt-
ralip.
9 v.
28.

Rup.
hic.

Leões mais pequenos! *Alios duodecim Leunculos stantes super sex gradus ex utraque parte*, os quaes no sentir do Grande Ruperto significavão os doze Apóstolos: *Duodecim Leunculi sunt Apostoli*, que com Christo hão de julgar na naquelle acto final, & supremo ao Mundo: *Se debitis & vos super sedes duodecim judicâtes duodecim tribus Israel*: eif-ahi pois a rafaão, porque nelle os dous Leoens mysteriosos affixião, causando a todos cõ a sua formidavel vista grãdes temores; paraq̃ se entenda, q̃ à vista de Deos Juiz todos devẽ muyto temer, que a maos, & a bons ha de abrãger o temor, que por isto estava hum da parte dos predestinados, que he a direyta, & outra da parte dos precitos, que he a esquerda: *Duo Leoenes juxta manus singulas*, conclue o mesmo Santo, *quia utrobique fortis; atque formidabilis erit judicij severitas*; & se bons naquelle dia se hão de achar temerosos, com

Mat.
th. 19.
p. 28.

quanta mayor rafaão se acharã os mãos investidos de medo? Não se contenta Deos com que haja em nõs sò hum temor, dous temores quer que tenhamos da severidade, com que no dia ultimo ha de julgar nossas acções, assim o confessa David naquella suplica, que fas a Deos no Psalmo 118: *Confite timore tuo carnes meas, a judicis enim tuis timui*: atravesay Senhor todos meus membros com o vosso temor, porque eu tenho vivido atégora muy temeroso de vossos juizos: pergunto agora, & se David teme tanto o Juizo de Deos: *a judicis tuis timui*, porque pede com tanto encarecimento que encrave com o temor delle seus membros? Se David não temera, então fora a sua petição muyto justa, porẽm temendo paraque pede o temor? Notem: dos outros males hum sò temor no homem he bastante, porẽm do Juizo ha de ser o temor dobrado: para não perigar nos outros males basta hũ temor

Psal.
118.
p. 120

temor simples , para não perigar no Juizo he necessario hum temor duplex: ha de haver hum temor na alma, & ha de haver outro temor no corpo ; na alma para reprimir maos defejos , no corpo para evitar illicitas obras: ha de andar a alma encravada com o temor do juizo para o mal não appetecer , & com o mesmo temor ha de andar encravado o corpo para de nenhum modo o obrar.

Dani. el. 7. v. 15.
 Este temor confessava ter Daniel Profeta igualmente Santo , que de Deos favorecido : *Horrui spiritus meus , ego Daniel territus sum in his* : E pois não bastava que Daniel temesse na alma: *Horrui spiritus meus* , he forçoso que tambem tema no corpo: *Ego Daniel territus sum*: Sy, que viu Daniel em profecia o tribunal Divino: *Judicium sedit, & libri aperti sunt* , & bastou que Daniel este Divino tribunal presentisse , paraque logo temesse , & todo se atemorizasse: *territus sum in his. A-*

qui estou eu vendo que alguem affirm me replica : & que motivo haverá tam forçoso paraque em nós se haja de ver tanto temor do Juizo ? Ao que respondo, que he justo que o temamos com todo o excessso, porque o mesmo he fallar no Juizo do ultimo dia, que fallar da condemnação eterna, poderá parecer este meu ditto encarecimento, mas he fundado na verdadeira doutrina de S. Paulo. Aos Corinthios dis São Paulo, que quem communga indignamente o Corpo, & Sangue de Christo, communga o Juizo de Deos: *Judicium sibi manducat, & bibit* , por Juizo entende Caetano com o comum dos Expositores a eterna condemnação: *Judicium sibi manducat, & bibit, idest, aeternam condemnationem*, notavel caso ! que o mesmo seja em Deos o julgarnos , que castigarnos? Sy, & não ha que admirar, porque o modo de castigarnos he entrar em Juizo com nossa vida , & seraõ nesta tantas

1. Ad Cor. II. 7. 29. Caet. Ac.

as culpas, tam poucos os descargos, & será tam certa a condemnação, quam certo será o Juizo; de sorte que a condemnação eterna, & o Juizo de Deos entre si equivocão-se, São João o dá assim a entender no cap. 3. do seu Evangelho: *Procedent qui male fecerunt in resurrectionem judicij*: Sy, mas se os bõs vão vêturosa-mête para a Gloria, como caminham os maos para o Juizo? Porq̃ nes maos o ir para o Juizo he o mesmo que caminhar para o castigo. E agora entendo eu a rafaõ, porque pedindo David a Deos que não entre com elle em juizo: *Non intres in judiciũ cũ seruo tuo*, Job sô pede a Deos que o não condene: *noli me condemnare*, & vem a ser, que não he diversa a rogativa de David da rogativa de Job; o mesmo he pedir David a Deos que o não julgue, que pedir he Job que o não condene, porque se dá Job por condenado, se Deos não declinar os rigores do seu Juizo.

Joan.
5. v.
29.

Pfal.
142.
v. 2.
Job.
10. v.
20

§. IV.

12 **S**endo pois este o rigor do Juizo, que locura, & needade será tam grande que senão tema? Faltalhe sem duvida o juizo, & não sey se diga que tambem lhe falta a fê a quem o juizo não teme: Porque foraõ avaliadas por faltas de juizo as sinco Virgens imprudentes do Evangelho: *Quin- Mat- que autem ex eis erant fa- th. 25. tua?* Todos cuydo que o v. 2. sabeis; porque se descuydã-rão, & não temeraõ o juizo Divino no ultimo dia, que delle trata a parabola no parecer de Santo Hilario: *De die supremo sermo est*; o descuydo que tiveraõ do S. Hi- lar. juizo, & o não ser o rigor Hom: deste dellas temido, foy in Cõ- a prova mais qualificada ment- da sua ignorancia. Passe- in mos adiante com os exem- Mat: plos, para que fique a ver- th. dade do que vou discorrê-do mais reconhecida, & a todos

todos melhor intimada. Quando lá mandou El-Rey Nabuco fazer cõ louca fantasia aquella estatua de ouro tam celebrada, na qual por inviolavel decreto feu se quis de todos ver adorado, não leyo que lhe dèsse Deos a femelhança, & exercicio de bruto por castigo; porèm depois quando em sonhos, por não descobrir em toda a terra coufa alguma que igualasse a sua altivesa, se pintou hũa arvore tam pôposa, & agigantada, que excedia na altura a toda sua presunção ambiciosa: *altitudo ejus nimia*, então me consta que em pena da sua vaidade escandalosa, & altiva, o apartara Deos do comércio dos homens, para que vivesse, & se alimentasse com os brutos: *Ex hominibus abjectus est*: E porque sô agora, quando vaidoso se contempla este barbaro hum tronco na grandesa tam desmedido, hã de ser castigado, & não ha de ter castigo algum, quando na estatua que fabrica, procu-

ra tam ambiciosamente os cultos, & adorações de Divindade com tanto escandalo? Eu o direy: porque na occasião em que Nabuco mandou fazer a estatua de ouro, ainda não tinha visto para o temer o castigo Divino, & agora que se sonha huma arvore correspondente à sua fantastica, & presumida idea, já tinha advertido que as chamas da fornalha onde mandara lançar aos tres valerosos mancebos, que com generosa resolução resistiraõ à adoração da estatua, abraçavaõ cruelmente aos mesmos que as acendião; & que vendo este tam horrivel castigo, continue ainda Nabuco em seus erros, que se não humilhe com aquella vista a sua presunção, nem se abatão da sua soberba os fumos, era desmentir o ser que tinha de racional, & humano, & de que era hum bruto o mais authentico testemunho; porque parece q de genero de homem em bruto, que não teme o castigo, que no

tribui-

tribunal da Divina Justiça para os maos se decreta.

13. Catholicos : quẽ tem juizo, ha de temer o juizo: o temor do Juizo ve-se nas obras, manifesta-se nos costumes: quẽ se acha aos vicios todo entregue, bẽ claro indicio dá que de Juizo carece, & que o juizo de Deos não teme; porque aonde ha juizo, não tem os vicios morada, nem assento. *Nunc iudicium est mundi: nunc princeps huius mundi ejicietur foras:* entrou, dis Christo, o juizo no Mundo, & logo sahio do Mundo o demonio: portas para o juizo abertas, ficão para os vicios, & appetites fechadas. Lançay ao juizo bem as contas, & logo fareis pela virtude extremos; mas a desgraça he tanto para chorada, & sentida, que não fazeis nenhuns extremos pela virtude, porque deyxais de lançar as contas, como pedia a vossa obrigação, ao juizo. Que senão lancem contas ao juizo, ò

locura! Que sò se fação extremos pelo vicio, ò delirio! Que antepõem os homens sua mesma perdição à salvação de sua alma, ò ignorancia! que por hũ breve gosto da terra arrisquem os eternos do Ceo, ò cegueyra do juizo! que por riquezas fingidas queirão perder as verdadeyras, ò engano da rafaõ! que pelo bem apparente de huma fermosura que o tempo gasta, despresem o que nunca acaba. O' grosseria do entendimento! que pela ambição da honra se atropellem os remorsos da consciencia, ò desordem do appetite! que por amor das creaturas, se esqueçam os homens do Creator, ò malicia da vontade! que pelo falço se deyxem o verdadeyro, pelo inconstante o firme, pelo temporal o eterno, ò locura, ò dilirio, ò ignorancia, ò cegueyra do juizo, ò engano da rafaõ, ò grosseria do entendimento, ò desordem do appetite, ò malicia da vontade!

14 Vamos já representando para motivo de maior terror os successos que nos pronosticão os sinaes do Sol, da Lua, & das Estrellas no final Juizo de Deos. Do Ceo Empyreo, como muytos D.D. querem, ou do elemento do fogo, como outros por mais certo julgaõ, descerãõ rios de fogo, que discurrẽdo por toda a terra, a tornarãõ em pò, & em cinza, ficando transformada em huma offença dos olhos, & em hum theatro de defenganos. Este he o lastimoso fim, que espera às flores, às fermosuras, às galas, às riquezas, & as dilicias, que os homens cegamente amaraõ, & idolatrãõ tanto nesta vida; tudo he verdade catholica, que profetizou o Real Profeta: *Ignis ante ipsum præcedet, & inflamabit in circuitu inimicos ejus.* Depois da primeyra vinda mandou Deos fogo do Ceo para inflamar aos amigos: *Apparuerunt illis dispersit æ linguæ, tamquam ignis, seditque supra*

singulos eorum, mas na segunda mandarã fogo para consumir seus contrarios. Acabarãõ a violencias do fogo as Cidades, os Reynos, emfim o Mundo todo com seus moradores. Mas porque rafaõ ha de vir do Ceo este fogo? Para senão ter este rigor por injusto. Endurecido o coraçã de Faraõ, ordenou Deos a Moysès, & a Araõ, que à vista de Faraõ lançaessem às mãos cheas as cinzas tiradas da fornalha abrasada para o Ceo: *Tollite plenas manus cineris de camino, & sparget illum Moysès in caelum coram Pharaone*: E q̃ representarã este mandar que se lancem para o Ceo as cinzas que se haõ de espalhar pela terra? Representava, dis Procopio, aquelle fogo, cõ q̃ Deos ha de castigar o Universo: *Redigit nobis in memoriam ænigma de camino, significat enim camini fuligo ignis gehennæ pœnam, quam nobis Scriptura cõminatur.* E pois para isto he que vem do Ceo este fogo? Naõ fora

Exod.
9.v.8;

Pro-
cop.
ibi.

Psal'm
96.
v 3;

Aff.
Apost.
2.3.

melhor que Moysês, & Aarão o lançassem das mãos sobre a terra que ha de ser a queymada? Assim parece, mas tão intoleraveis serão as chamas deste fogo, que para não parecerem injustas por crueis, decem do Ceo seus incendios, como dados por quem sabe pezar com justiça os delictos. Fazey agora Catholicos pazes com Deos, & não sentireis então o rigor do fogo, com que ameaça aos que lhe fazem com suas culpas a mais injusta guerra.

§. V.

15 **A** Bráfada pois, & consumida de todo a terra, convocará Deos os homens todos para o Valle de Josafat: o Ministro desta execuçaõ será hum Anjo, que querem alguns seja São Miguel, justiça mayor do Ceo, o qual a som de trombeta convocará a todo o Gene-

ro humano para este grande Valle sito entre os dous montes Olivete, & Calvario, para mayor tormento daquelles que não souberam aproveytarse dos beneficios que nestes montes lhe fes o Filho de Deos: *Congregabo omnes gentes, & ducam eas in Vallem Josaphat, & disceptabo corã eis.* ^{Io:lis 3.} Antigamente promulgou Deos sua ley no monte Sinai a som de trombeta: *Clangor que buccinae vehementius perstrepebat;* ^{Exod. 19.} no Juizo universal a som de trombeta ha de tomar cõta. Junto no Valle todo o vivente racional que houve desde principio do Mundo atègora, & se irá multiplicando successivamente atè o fim delle, desceraõ o Filho de Deos là do Ceo em huma nuvem: *Videbunt filium hominis venientem in nubibus,* ^{Mat. 24. n. 30.} & o verãõ os homens, dis Santo Agostinho, mais para tormento, que para alivio: *Hujus formæ visio non erit in bonum iis, qui male agunt.* ^{S. August. Ptal. 88. v. 50.} Ah Senhor! *Ubi sunt misericordie*

die tuæ antiquæ Domine?

Tambem em nós fes mudança a nossa desgraça? Estes homens não erão as

vossas dilicias: *Dilicia meæ esse cum filiis hominũ?* Pois como agora vejo que vossa mesma herança he o obje-

cto de vossa ira: *Abominatus est hæreditatẽ suã?* Este fim vieraõ a ter tantas fi-

nesas? Na mesma fragoa de vosso amor se està refinando o agudo de vossas fectas? Sim; & não ha estado em que achemos a este Senhor benigno? Não; porque se buscamos em Christo advogado: *Advocatum habemus apud Patrem*, està trocado em Juis: *Pater omne iudicium dedit filio*,

& Juis tam severo em causa propria, que ha de converter em rigores da justiça os mesmos empenhos com que sollicitou a piedade. Joab que tanto procurou a vida de Absalão, foy o rigoroso executor de sua morte, tres lanças lhe pregou no coração: *Tulit tres lanceas, & infixit eas in corde Absalom*: Tal este

Senhor, que agora he tam benevolo avogado, & procurador da nossa vida, serà da nossa morte o executor mais rigoroso, & severo: aquelles tres cravos com que o pregaraõ naquella Crus, serãõ tres lanças que atravessem a quem como Absalão se rebelou contra feu Deos, & feu Pay.

16 Se buscamos a Christo homem; que mayor rigor! bastaraõ tres dedos da mão de hum homem: *Digiti manus hominis*, para *Dan. 5. p. 5.* faserem tremer, a Balthasar: *Facies Regis commutata Job. 6. 1 est*; & que serà toda a mão? *p. 9.*

Solvat manum suam. Se buscamos a Christo Deos, que rigor mais para temido? Atè o mesmo filho em quanto toma sobre si nossas culpas, se dà de Dcos por desamparado: *Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* *Mat. 27. p. 46.* Se o buscamos como esposo, nos dá com as portas na cara: *Nescio vos, clausa est janua*. Se como Senhor, oh que destragos ha de faser sua pede *Job. 19. v. 21.* rosa mão! *Manus Domini*

Ggij *teti-*

Prov.
8. v.
31.

Psal.
105.
v. 40.

1. Io.
an. 2.
p. 1.
Ioan.
5. v. 22

2. Reg.
18. v.
14.

Mat.
zb. 21.
p. 41.

retigit me, disse Job, & bastou só o toque, para ficar Job ao mayor extremo da desgraça redusido: E que fará hum bom Senhor a huns maos servos? *Quid faciet Dominus servorum illorum?* Ouçamos a sentença: *Malos male perdet*; & quem sendo tam mau servo, pôde esperar senão esta sentença de perdição, & condenação eterna? Se consideramos a Christo Rey, elle Rey, & nós reos; oh que terrivel o throno, que he tambem tribunal! E hum Rey offendido, fahendo tribunal do throno, fas desmayar ainda ao mais seguro: *Tunc dicet Rex: at ille obmutuit.* Aonde assistia o Rey nacido perguntão os Sabios do Oriente na Corte de Jerusalem: *Ubi est qui natus est Rex?* E em consequencia desta pergunta ficou toda Jerusalé perturbada: *Turbatus est Herodes, & omnis Ierosolyma cum illo.* O Rey, os Grandes, os pequenos, todos tremem, todos desmayão, todos se perturbão, & don-

Mat.
zb. 2.
p. 2.

de tanta confusão, tanto pavor, tanto desalento? Que exercitos vem talando os campos, que armas ameaçando mortes, que estrondos bellicos atroando ouvidos? Hum menino que chora, os atemoriza? Sim, que esse menino he Rey: *Ubi est qui natus est Rex,* & Rey q̄ ha de ser Juiz futuro, eis-ahi pois porq̄ as sombras desse futuro são já assôbros de presente: *Quid erit tribunal judicantis,* disse Santo Agostinho, quando super hos Reges *cu-nabula terrebant insatis?* O que causou à Rainha Esther desalentos, & desmayos foy ver a El-Rey Assuero em hum throno que era tambem tribunal: era Assuero affavel, & benigno, & como o vê colerico, & indignado, fahendo tribunal do throno, & ajuntando a vara cõ sceptro, esta vista fas perder àquella piedosa Rainha o animo, & ainda a mayor cõfiança.

17 Desengano Catholicos. Não vos ha de valer neste dia Christo Redemptor

S. Aug.
gust.
Serm.
2. de
Epi-
phan.
qui est
de
temp.

demptor Noffo nem como advogado, nem como homem, nem como Deos, nem como espofo, nem como Senhor, nem como Rey, & o que he mais, nem como amante, porque o mesmo amor ha de fer fiscal dos rigores, pondo fim às finestas, & principio às iras: neste dia se pôde dizer: *in finem dilexit*: até aqui perseverou o amor, & este foy o seu fim, porque já tudo ferà furor. Em hũa de suas visões viu o Evangelista Aguia alguns corteãos da gloria, & ouviu que cantavão ao som de suas bem temperadas citharas huma linda canção, que concluhia nesta forma: *Quis non timebit te Domine, quia solus pius es*: Quê haverá Senhor que vos não tema, porque sois muyto pio, & brando. De que digão as Intelligencias Angelicas que he rafaão temão todos a este Senhor, não o admiro, mas na causa que para isso dão: *quia pius es*, he, o que me fas o mayor reparo: em Jeremias acho

Tom. V.

mayor rafaão, o qual dis que todos he bem temão a este Senhor por Rey poderoso, & magestoso: *Quis non timebit te Domine, o Rex gentium*, dis que he muy poderosa a tua fortaleza, & que por isso deve fer muy respeitado, & temido: *Nô est similis tui Domine, magnus es tu, & magnum nomen tuum in fortitudine*, porèm que estes Anjos dê por causa del ser temido o ser pio, & benevolo, confesso que me causa ao juizo grande enlejo; mas oh que grande mysterio! Notem, que se lhes representa Deos em juizo, & neste dia tam tremendo he a piedade de Deos muyto para temida: *Quoniam judicia tua manifesta sunt*; porque quãto a piedade foi mayor, & quanto o amor se mostrou mais empenhado nos effeytos, tanto com mayor rigor se desempenha nos castigos. A' vista de Asuero irado desmayou a fermosa Esther: *Cumque elevasset faciem, & ardentibus oculis furorem pectoris*

Gg iij

ris

Jerem.
10. v. 6Apoc.
supra.
cit.Esther.
15. p.
10.Apoc.
15. v. 4

ris indicasset, regina corruit, & in pallorem colore mutato lassum super ancillulam reclinavit: E pois q̄ he isto? Não sabia Esther com toda a certeza, que Assuero com todo o excesso a amava? Sim sabia, mas por isso mesmo, que sabe o muyto que Assuero a ama com tantos extremos, quando contempla seu rosto irado, logo entrada de pavor, fica sobrefaltada, com a cor perdida, pallido o sembrãte, & cahida por terra com grandes desmayos: *Regina corruit, & super ancillulam reclinavit,* que o aspecto de hum amante colerico motiva ao amado não pequeno receyo.

18 Em tres occasões nos dà aver o Sagrado Texto a Deos grandemente indignado, a primeyra foy quando teve noticia da sem ração daquelle servo que experimentado ao Senhor em lhe perdoar huma divida de muytos talentos tam liberalmente grandioso, elle senão moveu a perdoar huma bem

pequena a outro servo; a segunda quando lhe derão conta dos insultos feytos contra seus servos; a terceyra quando o informãrao das escusas dos convidados: na primeyra desfogou sua ira, & justamente se vingou: *Iratus Dominus tradidit eum tortoribus:* na segunda tambem deu à execucao seu justo sentimento: *Rex iratus perdidit homicidas illos:* na terceyra porẽm tendo tanta ração para se mostrar irado, & severo, se mostrou tam piedoso, & benigno, que sem castigar delinquentes, convidou com grande liberalidade a novos convidados: E qual serà desta tam grande diversidade a causa? Eu a digo, & vem a fer, que na primeyra occasiao se mostrava Senhor: *Iratus Dominus*, na segunda se manifestava Rey: *Iratus Rex*, mas na terceyra se dava a reconhecer Pay: *Tunc iratus pater*; & isto em que tempo? Tambem o direy: no tempo desta vida; ainda quando tam offendido se

Mat.
th 18.
v. 34.
Mat.
th 22.
v. 7.

indigna, he sua indignação de pay, & quando he mayor, os effeytos de sua ira não são castigos, senão beneficos, & liberaes lanços de sua clemencia: *Tunc iratus Pater familias dixit seruo: Exi in plateas, & pauperes, ac debiles, & claudos in troque hunc*: no dia porém do juizo se mostra Senhor: *Dominus quidem Jesus: hic Jesus, qui assumptus est a vobis ... sic veniet*, & tambem nesse dia ostenta com a poderosa soberania de Rey: *Tunc dicet Rex his qui adextris ejus erunt, & qui a sinistris, &c.*, em fim por ultima conclusão: nesta vida he Deos Pay, no dia do Juizo, he Rey, & he Senhor, quando Pay ainda irado conserva o amor paterno, & se acha do rigor como esquecido, porque não attende a aggravos, & põem de parte de pay todo o affecto, quando nos julga como Juiz severo, como Rey soberano, & como Senhor Supremo: *Quid aliud sperem a Judice, qui iudex est, nec aliud: fuit parēs*

esse desit, fuit salvator, evanuit, fuit miserationis oceanus, elanguit, fuit fons gratiarum, emarcuit.

19 Oh que desmayos padecerà naquelle tremendo dia o miseravel de hum peccador à vista daquelle Divino rosto, que alegra o Ceo, & serena as tempestades! Esse severissimo aspecto será para hum peccador mayor tormento que o mesmo inferno. Agora entenderéis com quanta rafaão escolhia Job por melhor partido o estar antes no inferno, sò por evitar tam grãde tormento: *Quis Job mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me, & abscondas me, donec pertransseat furor tuus.* Oh que duro conflicto! quando atè o inferno se elege por remedio, sendo mais faceis de sofrer as penas daquelle masmorra, do que ver irado o objecto da gloria; mais facil o arder em vivas chamas, do que ver taõ severas iras. Oh que penetrante dor? ver aquelle rosto Divino, antes inclinada

Gg iij do

Luc.
14.
p. 21.

Marc
16.
p. 19.
Act.
Apost.
1. p.
11.
Mat.
25. p.
34.

14. v. 1

13.

do para se cõpadecer, & agora sô inclinado a castigar! aquelle peyto ferido por nos recolher, agora nos lança de si; já o lado por nós aberto, para nós está fechado; já aquellas mãos por nós presas, para o castigo estão soltas, servindo de penna para firmar a sentença, o mesmo sangue com que riscou nossas culpas, se em outro tempo bradava por misericordia, agora está pedindo justiça.

20 Sendo pois tudo isto tam certo, como se atreverá hũ vicioso a apparecer diante do rosto de Christo irado? Aqui vem aquelle: *Non videbit me homo, & vivet.* Entrega-se Jonas à furia dos mares, & antes se quer ver sepultado em seus abismos, que ver o rosto de Deos irado contra sy, & contra Niniue: *Ut fugeret in Tharsis a facie Domini.* Caím por se esconder do rosto de Deos indignado, avalia por menor mal o viver sêpre morrendo; porque a morte o a-

meaça, & a vida o atormêta: *Erovagus, & profugus... a facie tua abscondar;* mas que muyto, se atê os Serafins na certeza de que não tem que temer, dão mostras de recear. Viu Isaias a Deos sobre hum throno levantado, em representação da magestade severa deste temeroso dia, & disse que os Serafins, ou cobrião com as azas o rosto de Deos, ou seus próprios rostos: *Duabus velebāt faciem;* se Deos tinha o rosto descoberto, os Serafins se esondiaõ temerosos: *Velabant facie suam,* & se se querião descobrir, vendavão a Deos com as azas, por não poderem soffrer a representação de suas iras: *Velabant faciem ejus.* E que será a indignação verdadeyra, se he tam temerosa a representada?

S. V.

21 **T**Am indignado se mostrará naquelle dia o supremo Juiz, que antes quererão os peccadores fugir, que

estar

Exod.
33. v.
10.

Jonas.
1. v. 3.

Genes.
4. v.
14.

Genes.
18.21.

estar à sua vista. A Abraham apareceu Deus Senhor Nosso, & disse-lhe que havia de ver os peccados de Pentapoli: *Descendam, & videbo*. Perguntalhe Abraham: *Nunquid perdes iustum cum impio*? Rara pergunta! Deus fô dis que ha de descer aver: *descendam, & videbo*, & Abraham pergunta se ha de castigar justos, & injustos? E quẽ disse a Abraham que Deus vinha a exercitar castigos? Ora o caso he, que falla Abraham discretamẽte, porque quando Deus desce aver peccados, tras a justiça tanto nos olhos, que he tudo hum, o ver, & o castigar; atẽgora trasia nos olhos o nosso remedio, no dia do Juizo sô trará nos olhos o nosso castigo, não ferá a sua vista de clemencia, mas de justiça; não de misericordia, mas de vingança.

22 Em hum instante se abrirão os livros da cõta, que são nossas consciencias, & alli apparecerão não sô obras, mas atẽ os mais se-

cretos, & reconditos peccamentos; alli se veráõ manifestas ao Mundo todo as leviandades da dõzella, as liberdades da casada, as locuras do mancebo, os desatinos do velho, & em fim todos os peccados dos que não tendo pejo para a Deus offenderem, o tiverão para arrependidos se confessarem aos pès de hum Confessor, a quem encobrião o que devião manifestar. Oh que grande confusão! O castigo que Deus deu a Caim foy porlhe hum sinal, com que o Mundo todo soubesse da morte que dera a Abel seu irmão innocente; & porque não outro? Porque a manifestação do delicto he para hum homem o mayor tormento: cuydava Caim que matando a seu irmão no campo, havia de ficar no Mundo o seu homicidio ignorado; pois no seu mesmo corpo fas gravar Deus hum sinal, ou huma marca, com que todos para mayor confusão de Caim o conheçãõ. Que confuso

se

Joan.
18 v.
23.

se verá naquelle dia o peccador, pois nos appresetarà Deos os beneficios que nos fes, & com nossas ingratiões justificarà mais seus castigos : *Quid me cedis?* perguntou là Christo a Malco, quando em casa de Caifas lhe chegou a ferir o semblante com hũa mão de ferro : homem atrevido porque me feres ? E pois em todas as mais penas da Payxão se mostra o Senhor tam callado, & sofrido, & sò nesta occasião rompe o silencio tam resentido, & queyxofo? Sim, que era este Malco aquelle a quem curou a orelha, que São Pedro com a espada lhe cortara no Horto, & verse Christo offendido daquelle mesmo a quem tinha havia pouco com hum benefico mais obrigado, se he motivo de sentimento, tambem o he de castigo.

23 Vistas finalmente todos as obras boas dos Justos, & as depravadas dos peccadores, chamarà Deos para a gloria aos escolhidos com aquella ben-

ção mais felice que a que lançou Usac a seu filho Jacob : *Venite benedicti Patris mei* : vinde lograr em minha companhia o premio de vossos serviços, a remuneração de vossos merecimentos. Oh valhame Deos ! que coroa de praser, & de gosto tam desmedido, para os que nesta vida serviraõ a Deos com toda a fidelidade, será esta? Oh como todos banhados de alegria romperãõ nestas jucundissimas vozes! Oh felices lagrymas, que nos grãgearãõ tantos praseres: ditosa a abstinencia, que se converteu em huma tam grande abundancia! Com hum rosto irado, & severo se voltará Christo para os reprovados, & a todos lançará aquella horrivel maldição : *Discedit ame maledicti in ignem æternum*: bẽ merecemos, dirãõ os reprobos, este castigo, pois entra em nõs o arrependimento, quando atẽ os mesmos defenganos nos defenganãõ. Que troca he esta tam estranha que vemos?

mos?

mos? Os gostos se nos cõ-
vertem em tormentos, os
praferes em pesares, & as
dilicias em penas. Ah gos-
tos, que como moeda fal-
ça parecicis de preço, &
fostes de dano! Ah prafe-
res enganofos, & deleytes
fingidos, rosas no agradar,
& espinhos no affligir: que
pouco reccãmos o golpe,
quando nos deyxãmos le-
var de voffo agrado! Mas
q̃ tarde nos chamamos á
rafaão, & ao defengano! vi-
vendo antes com as leys
do appetite tanto tempo
conformes; o que com sua
lisonja nos serviu de feyti-
ço para enganarnos, isso
mesmo nos serve agora de
tormento para advertir-
mos.

24 E o que fobre tudo
nos corta de dor mais a al-
ma, o mal que mais nos af-
flige, o q̃ mais rigorofamẽ-
te nos atormenta, he que
Deos nos desempare, &
falte para nos focorrer, &
remediar os males que pa-
decemos, com a sua assiste-
cia. Antes de Christo ex-
halat na Cruz o ultimo

fufpiro, se queyxou de que
feu Eterno Pay o havia
desemparado: *Deus Deus*
meus, ut quid dereliquisti
me? & quer Santo Ambro-
fio, que a causa destes
queyxumes em que Chri-
sto rompera, se originara
da separação que fiera a
divindade da humanidade
na sua morte: *Divinitatit*
separatione moriturus. Viu
o Senhor que se apartava
da humanidade a divinda-
de, quanto ao favor, & fo-
corro, com que Deos euf-
tuma mostrar que assiste, &
acompanha a quem focor-
re, & isto he o que naquel-
la hora mais fente, este o
golpe penetrante, que o
mais vivo do sentimento
lhe fere: E pois não se
queyxa das durefas de
hum lenho, nem do rigor
dos espinhos, nem da atro-
cidade dos açoutes, nem
da crueldade dos cravos,
& queyxa-se fõ de que
Deos o deyxas? Sim, q̃ todos
os outros males não fãõ
tam grandes, como o dey-
xar Deos de assistir a hum
homem com o feu favor.

Mas

*Mat-
th. 27.
p. 46.*

*San-
ctus
Ambr.
lib. 10
in
Luc.*

Mas se Deos já com o favor a estes miseraveis reprovados naquelle dia não assiste, não haverá quem delles se compadeça, & cõ o seu patrocínio os socorra? Não. Aquelle infelice convidado, a quem sem a nupcial vestidura achou o Senhor sentado á sua meza; quando delle com hũa reprehensão mais severa se viu arguido, não teve a quem recorrer, não lhe restou mais que emmudecer,

Mat. 23. 12. & *porque não pede este*
23. 22. *triste homem aos outros*
 convidados que o patrocinem, & por elle intercedão? Eu o direy: porque era parábola do Juizo, & no Juizo de Deos ninguẽ nos ha de valer: nem a Virgem Maria? Nem a Virgem Senhora com ser Mãe de misericordia, nos ha de aproveitar já com a sua valia: figura era sua a Esposa deste Rey, & com tudo não se valeu della aquelle pobre homem, porque até esta Clementissima Senhora nõs faltará para

nos favorecer com a sua poderosa efficacia.

25 O que resta he, que para nos não vermos nestas tremuras, & para escaparmos daquella formidavel sentença, que ha de ser contra os reprobos pronunciada, cada hum de nõs se julgue a si mesmo no tribunal seguro da penitencia. Quando a David propos Natham em huma parábola a grave culpa cõ que a Deos offendera, dis o Texto Sagrado que por ultimo acordo pedira Natham que dẽsse David a sentença no caso que lhe propunha; & porque não julga Natham? Porque ha de julgar David? Venturosamente deu Santo Ireneo a resposta: *Ut ipse dans sententiam de semet ipso, & dicens semet ipsum, misericordiam consequeretur, & remissionem;* para que dando David a sentença como Juiz de seu mesmo delicto, conseguisse o perdão, & remissão delle com effeyto. De si mesmo ha de ser juiz todo o peccante,

&

*S. Ireneo ad
 versus
 hereses
 l. 4. c.
 45.*

& paraque se livre do tribunal da Justiça, ha de se julgar no tribunal da penitencia. Junto às ribeyras do Jordão dis São Lucas que prégava penitencia o

Luc. 3. Bautista: *Et venit in omnē regionē Jordani prädicans baptismum penitentiae.* E porque mais neste lugar que em outro? Responde São Jeronymo, que o Jordam era o rio do Juizo:

Jeron. in Ezech. *Jordanis est fluvius judicij;* & para não ser reo no dia ultimo, ha de se fazer hum homem Juiz de si mesmo; & para não ser no tribunal do juizo julgado, ha de se julgar no tribunal da penitencia.

26 Diante do seu peccado se ha de pôr todo o homem, que contra Deos tem delinquido, & ahi ha de considerar qual he a deformidade, & a torpeza com que aquelle a alma lhe affea, paraq̄ de todo o abomine, & d'elle se arrependa. E porque senão pôrà antes diante de hum Christo crucificado? Porque mais proveytofo he porse à vista do seu pecca-

do, que à vista de hum Crucifixo; & a rafaõ disto he: porque diante de hum Crucifixo vê hum homem o que cõpra á custa de muyto sangue, & diante de hum peccado vê que se vende por tam pouco, que val menos huma culpa, que huma maçam partida. Esta rafaõ dá hum Douto Moderno, mas a prova da rafaõ darà hum peccador arrependido, & outro peccador desesperado: o peccador desesperado foy Judas, o peccador arrependido foy Dimas; Dimas posse fronteyro à vista de seu peccado: *Et nos quidem* *Luc. 23. v. 41* *juste, nam digna factis recipimus;* Judas posse à vista de Christo Crucificado: *Mat. 27. v. 4. v. 5.* *Peccavi tradens sanguinem justum;* mas a Judas refultoulhe dessa vista tão pouco proveyto, que d'elle fahiu desesperadamente para o lasto: *Laqueo se suspendit,* & ao Bom Ladrão foy a vista da sua culpa tam proveytofa, que della fahiu com a venturosa posse do Parayso: *Hodie mecum eris*

in Paradyso. Posto hũ peccador à vista de Christo pregado em hum lenho, tem com quem se engrandecer, mas à vista de seu peccado, tem muyto com quem se humilhar; à vista de Christo crucificado tem muyto de quem se jactar, à vista de seu peccado tem muyto de quem se confundir.

27 Ora eu com tudo quero, que tambem nós nos ponhamos não sô à vista de nosso peccado, mas tambem à vista de Christo crucificado; à vista de Christo preso, & com as mãos cravadas em huma Cruz; porque se agora de Christo em huma Cruz preso nos não valem, como o poderemos alcançar, quando o virmos voar em huma nuvem? Se quando se nos offerece cõ as mãos pregadas, a elle não recorremos, que recurso nos dará este Senhor, quando apparecer com as mãos livres? Por trabalho horriavel, & muyto para temido julga o cair nas mãos de

Deos o Apostolo Saõ Paulo: *Horrendum est incidere in manus Dei viventis,* sendo que em cair antes nas mãos de Deos, do que nas mãos dos homens julgou David, que ficava de muyto melhor partido: *Melius est ut incidam in manus Domini:* a quem poderá parecer, que tem estes dous Textos entre si huma contradicção manifesta, mas o certo he, que em ambos ha huma amantissima concordia: S. Paulo sô fallou das que eraõ mãos de justiça; David fallou das que são mãos de misericordia; aquellas são mãos de Deos vivo, estas são mãos de Deos morto; & se Deos vivo desembaraça as mãos para nos castigar como Juiz severo, Deos morto prende as mãos para nos favorecer como Pay amoroso.

28 Como a Pay amoroso vos busca todo este Catholico auditorio, Divino, & amante Crucifixo: vosso excessivo amor vos tem com os braços crusados

Ad Hebr.
10.1
p. 31.

2. Reg.
24.
p. 14.

dos nesse duro lenho de todo rendido ; & nós com nossas almas, & com nossos corações rendidos de todo a tanto amor , nos resolvemos hoje a sair do Labyrintho de nossas culpas, & a refrear a soltura de nossas vidas, as culpas nos tem atègora atadas as mãos; mas determos para tudo o que era de vosso serviço , & do remedio de nossa salvação as mãos atadas, muyto nos arrependemos , & à força da dor , & sentimento que

temos de vos haver offendido , se soltem nossas lagrymas do mais intimo do coração pelos olhos. Perdoaynos, Clemêntissimo Senhor ; em quanto não tendes mãos de justiça, por estarem nessa Cruz presas para o castigo , concedanos o perdão a vossa misericordia, paraque com esta alcancemos a graça , peñhor da Eterna gloria: *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotens. Amen.*





SERMAO

DECIMO SETIMO

DA

GLORIOSA

SANTA ANNA.

MAY DA VIRGEM NOSSA SENHORA;
 PREGADO EM LISBOA NA IGREJA DA
 Casa Professa de São Roque. Anno de 1694.

*Simile est Regnum Caelorum thesauo abscondito in agro:
 quem qui inuenit homo, abscondit, & prae gaudio illius
 vadit, & vendit uniuersa quae habet, & emit
 agrum illum. Matth. 13.*

A HUM the-
 souro escon-
 dido em hum
 campo, dis
 hoje Christo
 na parabola do Evangelho

que he o Reyno do Ceo se-
 melhante. Tal he a nossa
 cobiça, que para nos ani-
 mar a appetecer as rique-
 sas do Ceo, affecta o Ceo
 semelhanças com as rique-
 sas

das da terra : represêta-se rico, para ver , se por rico he dos ambiciosos do Mundo mais estimado : thesouro dis que he escondido, não porque não esteja aos olhos de todos patente, mas porque vivemos cegos: descobrimos os thesouros, que a natureza depositou no centro escuro da terra; & sô as riquezas do Ceo, com serem tam manifestas, estão para nós sempre mui escondidas. Sô hum homê achou este thesouro: *Quem qui invenit homo* ; mas que muyto , se tam poucos por remissos, & descuydados o buscão ? E que perdidos vão os que o não achão, que perdidos os que sô nos bens da terra se dão por achados ! Raro prodigio ! que sendo tanta nos homens a ambição das riquezas, se ache sô hum que queyra ser rico ; como porêm são riquezas celestes, destas se fas no Mundo muy pouco caso, & por isso em adquirilas se emprega com tanta remissão o nosso desvelo. A^a ventura

do achar se seguiu a diligencia no vender ; querer lograr bens do Ceo sem entrar com algum cabedal proprio , he erro bem manifesto. Houve ventura no achar, & houve merecimento no cuydado de o descobrir : para com o Mundo a ventura he merecimento; para com o Ceo o merecimento he ventura. Donde já se deyxão ver os diversos effeytos que fas a ventura em hum entendido, & em hum ignorante: no entendido se segue à ventura o empenho : *Vadit, vendit, & emit* : o ignorante quando mais venturoso mais descuydado. A felicidade do Ceo melhor se alcança , quando se compra, que quando se acha. Tudo vendeo este homem , sem deyxar cousa alguma que não applicasse à compra; porque o Ceo ainda que val muyto mais, nada custa menos: todo o nosso cabedal he o seu preço ; se se dà todo , ainda que seja pouco, merece muyto ; se se não dà todo , ainda que

seja muyto, se estima pouco. De tudo dis que se despojou, sem fazer dos bens que lograva a menor reserva: *Vendit uniuersa, quæ habet.* O Ceo val muyto, & de ordinario custa bem pouco, porque tudo o do Mundo he quasi nada. Cõ todos os nossos cabedaes se devia comprar, & he tal a liberalidade Divina, que o dà muyto barato, ou para melhor dizer, sempre no lo dà de graça. O dar tudo foy antecedente certo de segurar este thesouro, que thesouro do Ceo, & bens da terra não se compadecem juntos. Que difficiltofo parece o Ceo comprado áquelles, a quem o Mundo tras tam vèdidos: Por hum gosto da terra dão todo o Ceo, devendo dar tudo o da terra por hum pequeno do Ceo; se he que no Ceo pòde haver pouco.

2 Atè aqui a clausula do thema, que a Igreja Catholica applica à festa da **Gloriosissima** Santa Anna, **Mãe** illustissima de Ma-

ria Serenissima Senhora Nossa, & ditosa Avò de Christo nosso Redemptor, o inacessivel de cujas perfeições, o heroyco de cujas excellencias, o thesouro de cujas virtudes, excede tanto a limitada esfera de todo o humano discurso, que pedem mais os seus elogios, que os mayores encomios da eloquencia da lingoa; pois atè a mesma Rhetorica de Christo, parece que menos satisfeyta dos acertos em explicar o sobrelevado de suas grandezas, anda multiplicando no Evangelho os symbolos, para nos assegurar melhor os applausos. Daqui vem, que esta he a celebridade, em que os Prègadores de attonitos menos dizem, & menos discorrem; porque he a occasiã em que mais se admiraõ; mas supposto que em hum thesouro, em que Deos depositou as riquezas de todas as virtudes, & a joya de inestimavel valor a soberana Senhora, & Virgem Santissima, se vê hoje a santidade

dade de Anna gloriosamente symbolizada; para descobrirmos, & manifestarmos a todos este thesouro tam escondido, muyta graça he necessaria; & se em todo o tẽpo he lisonja que fafemos à Virgem Senhora, o solicitar sua intercessão para agração, hoje he gloria que lhe damos, o pedir por seu meyo graça para louvar, & engrandecer a sua mesma Mãe, que atẽ no nome tras a graça, isso significa o nome de Anna, *idest, gratia.*

A V E M A R I A.

§. I.

3 **Q**ue o Ceo seja semelhante a hum thesouro, he muy justo, porque na verdade he thesouro o Ceo, em que a Divina grandesa depositou a rica pedraria de tantas, & tam brilhãtes estrellas, o ouro fino de tantos rayos, tantas luzes que o

esmaltão, tantos resplandores, que o adornão; mas se o Ceo he tam claro, como pòde ser o ser semelhãte a hum thesouro escondido? Se no Ceo não ha joya, que não seja estrella, não ha estrella, que não teja luz, não ha luz, que se não manifeste, que semelhante pode ter com hum thesouro que se esconde: *Simile est Regnum Cælorũ thesauro abscondito?* Hum thesouro tam recondito, que depois de o acharem escondido: *Thesauro abscondito*, ainda o tornaõ a esconder depois de achado: *Quem, qui in venit homo abscondit*, como pòde assemelhar-se ao Ceo, que cõ suas mesmas luzes sempre se estã publicãdo? Boa duvida, mas em outra occasiã podera dar mais cuydado, ora notem: o thesouro nõ commum sentir dos Expositores he a Gloriosa Santa Anna, & para o Ceo ser semelhante a huma Sãta tam excessivamẽte grãde, ha de estar o Ceo claro, & o thesouro escondido: os

outros Santos, hão de ser thesouros manifestos, para terem cõ o Ceo semelhante; mas o Ceo, ainda quando mais claro, para ser semelhante a Santa Anna, ha de ser Santa Anna thesouro escondido; o Ceo ha de publicar, & Santa Anna ha de esconder; o Ceo ha de publicar suas riquezas, & Santa Anna ha de esconder suas prerogativas; porque he tam rico este thesouro, que por mais que o occulta, ainda excede quanto o Ceo manifesta. A semelhança cõsiste na igualdade; logo quando ha excesso, não pòde aver semelhança: pois que remedio? Publique o Ceo as riquezas que tem, & esconda Santa Anna os excessos que faz, & logo o Ceo excedido ficará semelhante ao thesouro occultado: quando he immensa a soberania, sò escondendo excessos, se podem permittir semelhanças.

4 Quando lá Christo Redemptor nosso fes ao môte Thabor lufido thea-

tro de sua gloria, dis o E-vāgelista q̄ as roupas escurecião a brancura da neve, & q̄ o resplendor do rosto era semelhante ao resplendor do Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol, vestimenta autē ejus facta sunt alba sicut nix*: os Profetas que assistião a isto tam lustroso, fallavão mysteriosamente do excessõ: *Dicebant excessum ejus*, do excessõ, que o Senhor a tudo fazia, na gloria que ostentava, explica São João Chryso-
mo; mas aqui se desperta logo a duvida: se a gloria de Christo, se os reflexos da luz, se os rayos, que o Divino rosto reverberava, eraõ excessõ, como havia semelhança: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*? Na igualdade está a semelhança, & no excessõ a desigualdade se divisa: pois se havia excessõ: *dicebant excessum*, como havia semelhança: *Sicut Sol*? Eu o direy: porque huma nuvem, dis o E-vāgelista, escondia em muyta parte o rosto de Christo: *Nubes luciaa ob-
bra-*

Mat-
tō. 17.
p. 2.
Luc. 9
p. 31.

São
Chry-
sic.

bravit eos, & como o excessivo ficava escondido, ficava semelhante ao Sol mais claro: o Sol apurava rayos, & a luz do Divino rosto buscava sombras: *obumbravit*, & por isso havia semelhanças; porque de algum modo igualava o resplendor do Sol manifesto ao excesso do Sol occultado. As virtudes, as grandezas, & as excellencias de Santa Anna com serem tantas, & tam peregrinas, nem ha texto que no las diga, nem ainda entendimento que as perceba: he thesouro de tantas graças, & de tantas prerogativas, quantas pede a grandesa de Mãy da Mãy do mesmo Deos; mas he thesouro verdadeiramente escondido; he resplendor dos mayores rayos, mas he resplendor de bayxo de nuvem; nuvem que occulta excessos, para permittir semelhanças: *Simile est Regnum Calorum thesauo abscondito.*

5 Sempre o escondido foy credito do mais levantado. A Ifaias se manifest-

Tom. V.

teu Deos com a mais gloriosa pompa, & com a mais soberana grandesa sobre hum throno excessivamente erguido, & majestosamente levantado: *Vidi Dominum ... super solium excelsum, & elevatum*, & dis o Profeta que os Serafims, que assistião cortejando, cõ duas azas rompião os ares: *Duabus volabant*, & com outras duas azas escondião o rosto do mesmo Deos: *Duabus velabant faciem ejus*, que assim lem muytos. Grande mysterio! & porque se occulta Deos no mesmo tempo em que se manifesta? Na mesma occasiã em que se havião de romper todas as cortinas, porque se hãõ de fazer vendas as azas: *Duabus velabant*? Mas oh que estava Deos muy levantado, & por isso ainda quando se manifesta, se manifesta escondido: essa mesma soberania a que está sobido: *Super solium excelsum, & elevatum*, se fas occultar, porque se não deyxã comprehender: dessa mesma

Hh iij glo-

Ifai 6:
p. 1.
p. 2.

S.ão.
Bern.
Serm.
s.de
verb.
Isai.

gloria com que se levanta, dis São Bernardo, se formão as cortinas com que se occulta: *Alis videlicet suæ felicitatis, & gloriæ*, não ha logo que admirar, que Santa Anna seja thesouro escondido, pois entre todas as creaturas a fes Deos hum thesouro tam levantado. Em o mar venera-se a grandesa, porque senão conhece a profundidade; em hum rio, ainda que seja muy caudaloso, tal ves se despreza a colera, com que arrebatadamente se despenha, porque se tem fondado a altura. De duas fortes se pôde huma cousa esconder: ou nos limites da potencia alhea, ou nos excessos da grandesa propria; esconderse, porque a vista he limitada, não he muyto; mas esconderse, porque a grandesa he excessiva, essa he a mayor grandesa. Dis o Texto Sagrado que fes Deos dous Planetas, o Sol, & a Lua iguaes na mayor grandesa entre os astros: *Fecit Deus duo luminaria magna; pou-*

Genes.
1.v.
16.

co abayxo logo acrecenta, que o Sol he mayor que a Lua, & que a Lua he menor que o Sol: *Luminare maius, ut præset diei, luminare minus, ut præset nocti*: & como pôde isto ser? Ainda agora igualmente grandes, & logo tam diferentes? Em que se diminui a Lua, para ser menor que o Sol: *Luminare minus*? E em que se augmentou o Sol, para ser mayor que a Lua: *Luminare maius*? A ração he, porque a luz da Lua permite-se à vista quando se manifesta, & a luz do Sol em sua mesma luz se retira escondida: a penas huma generosa Aguia pôde fitar os olhos na lusente esfera de seu resplandor; pois por isso he luz de mayor grandesa: *Luminare maius*, porque se esconde na grandesa de sua luz; por isso o resplandecente circulo de seus rayos deyxá os rayos da Lua a perder de vista, porque se perde a vista, se se atreve aos ver, ou os preten- de examinar.

6 **Q**uem poderá negar que foy Santa Anna sô nas grandesas, pois teve as grandesas de Sol? Os mais Planetas, & as mais estrellas, cada huma se deyxava medir os rayos, ainda entre as sombras da noyte, & o Sol ainda nos resplandores do dia não deyxava cifrar seus resplandores; porque nenhuma de todas as estrellas tẽ a luz do Sol, & o Sol excede a luz de todas. Em a Gloriosa Santa Anna como em thesouro ajuntou Deos todas as riquezas da graça, todos os dotes da natureza, todas as excellencias, & prerogativas soberanas q̃ estão pelos mais divididas: *Multæ filia congregaverunt divitias, tu supergressa es universas*; pois huma alma, & hum espirito em que tudo està dobrado, que muyto he que esteja em sua mesma grandesa

escondido? Pedio Eliseu a Elias não menos q̃ eu seu espirito dobrado: *Obsecro fiat in me spiritus tuus duplex*, responde Elias: *Si videris me, quando tollar a te, erit tibi quod petisti*: Se vòs me virdes ao tempo de me ausentar, tereis o que desejais; sobiu Elias, viu Eliseu, & viu que Elias além do espirito lhe deyxava também a capa: *Levavit pallium, quod ceciderat ei: agorã o meu reparo*: Se Eliseo pede sô o espirito, que mysterio tẽ o largar lhe também a capa? Muyto grande, notem, porque era espirito dobrado, & devia ficar com a capa escondido, porque lhe deyxava hum espirito tanto para admirar, por isso lhe deyxava a capa para o esconder, deyxava lhe hum espirito, em que se ajuntava tudo quanto pelos outros Profetas se dividia: o poder para obrar maravilhas, o zelo da honra Divina, a liberdade com os Reis, a constancia nos perigos, & todas as mais excellencias, que em Elias

eraõ unicás, agora se communicavão dobradas, pois hũ thesouro tam rico, claro está q̃ havia de ficar occultado, pelo mesmo caso que se multiplicavão as prerogativas que Elias possuía, se escondia o espirito que a Eliseo deyxava.

7 Em a Glorisa Santa Anna havia hum thesouro dobrado, porque havia nella muytos thesouros escondidos: hum thesouro era o de suas virtudes, & outro thesouro era aquella preciosa margarita Maria Serenissima filha sua; por isso o Texto não só a compara ao thesouro, senão tambem à margarita: *Iterum simile est regnum calorum homini negotiatori quæret bonas margaritas*: buscava o mercador Divino do Evangelho com toda a ancia todas quantas perolas ouvesse preciosas, & de mayor estima, & não se havendo focogado em muytos seculos seu sequioso empenho, depois que descobrio a Anna preciosissima, com quem não ha pe-

rola alguma que se iguale, com quem não ha joya que se emparelhe, com quem não ha fermosura que cõpita, nem perfeçãõ que se lhe não renda, logo cessou de todo seu desejo, & se deu por fatisfeyto o seu gozo: *Inventa una pretiosa margarita abiit, & vendit omnia quæ habuit, & emit eam*, porque nella só achou todo hum thesouro do mayor preço. Tãto he o preço daquella inestimavel joya, daquella preciosa margarita a Virgem Senhora, q̃ com o orvalho do Ceo mais puro, com a sobrenatural influencia da graça, & a divina assistencia do Espirito Santo se gerou nas entranhas de Anna preciosissima cõcha madre perola. Santa Anna como molher, não ha duvida, que he hum grande prodigio, & hum rico thesouro; mas como mãy de tal filha, são tam perigrinas as excellências q̃ logra, tam admiraveis as prerogativas que em si include, que he força se retire

escon-

escondida; porque nem a capacidade immensa do Ceo he digno theatro de sua grandesa. No Ceo dis o Evangelista mimoso que vira hum prodigio grãde, isto he a huma molher em quem o Sol enthesourava a luminosa pompa de seus rayos, porque essa era a finissima tela de ouro que vestia: *Mulier amicta Sole*: a Lua prostrava a seus pès hum globo de resplandores, que porque se vião pifados, se mostravão mais lufidos: *Et Luna sub pedibus ejus*: as estrellas com toda sua argentaria fervião de esmaltes ao lustroso de sua coroa: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim*. Descifremos este mysterioso enigma: em quanto molher, por mais que estava adornada com tantas riquezas, deyxava-se ver, & apparecia: *Signum magnum apparuit in caelo, mulier amicta Sole*; depois que foy Mãy: *peperit filium*, dis o Texto que desappareceo do Ceo, & se foy esconder no deserto: *Et fugit*

in solitudinem: notavel caso! Em quanto molher oftenta a riqueza: *Apparuit in caelo mulier amicta Sole*, & em quãto Mãy esconde, & retira a soberania: *Et fugit in solitudinem*? Sim, porque em quanto Mãy ficou tam grande, que fas ao Ceo de pequena esfera, foga da vista para o deserto da admiracão; porque tem muyto que admirar, por isso mesmo se não deyxava ver: as excellencias de Mãy passãõ muyto além das grandesas de molher: *Signum magnum!*

8 Que figura tam propria de Anna Gloriosissima! em quanto molher era prodigio grande no Ceo, em quanto Mãy, muyto mayor prodigio que o Ceo; pois se por Mãy fica tam levantada, que muyto, que se retire escondida? Como molher se deyxava conhecer, para admirar: *Signum magnum apparuit in caelo*, como Mãy tem tanto que admirar, porque se não deyxava conhecer: *Et fugit in solitudinem*. Sò hum remedio

Apoc.
12. v. 1

v. 5.
v. 6.

ha para conhecer este the-
souro escondido, & he pôr
a mira em Maria Serenissima
filha sua, sô por tal filha
se pôde regular a immensa
grãdesa que logra, em quã-
to Mãy, Santa Anna. Pedia
São Filippe a Christo bem
nosso que lhe mostrasse seu
Padre supremo : *Dicit ei*
Philippus : Domine osten-
de nobis Patrem, & sufficit
nobis, & o Senhor respon-
deo! *Philippe, qui videt me,*
videt & Patrem meum:
quem me vê a mim, vê a
meu Eterno Pay : São Fi-
lippe queria conhecer o Fi-
lho pelo Pay, & o Senhor
quer, que conheça o Pay
pelo Filho; porq̃ o Filho
he imagem do Pay perfeyti-
ssima, como notou a A-
guia Africana: *Quod a Pa-*
tris similitudine in nullo
prorsus discrepet Filius, &
he o que tambem disse o
Apostolo: *Cum sit splendor*
gloriae, & figura substantiae
ejus: para se conhecer a
grãdesa do Padre Eterno,
ha de se conhecer que tem
a Christo por filho.

Ioan.

14.

7.8.9

S. Au-
gust.

Tom.

9.1

Tract.

61. in

Evang

Ioan.

D. Pau

li Ep.

ad He

br. 1.

7.3.

Eterno Pay escondido cõ
a nuvem : *Et ecce vox de* *Mat. 17.*
nube, & manifestado o im-
menso ser, que tinha com o
filho que gerãra : *Hic est*
filius meus dilectus. Por
mais que Santa Anna se
esconda : *Simile est regnum*
calorum thesauro abscondi-
to, em sua Filha Santissima
se manifesta; pôde dizer a
Senhora : *qui videt me, vi-*
det & matrem meam: Quê
me vê a mim, vê a minha
Mãy : Oh que admiravel
copia de excellências se ci-
fra nesta copia ! Com hũa
semelhança tam propria
deyxa a soberana grandesa
de Anna toda a fantidade
alhea, não sô vencida, mas
admirada; porque sendo
tam semelhãte a sua Filha
Santissima, nenhuma outra
creatura lhe pôde ser se-
melhante. Todos os Espi-
ritos Angelicos não sô ce-
dem a competencia, mas
tem por gloria reconhece-
rem a ventagem: o amar
dos Serafins, o entender
dos Querubins, o servir
dos Anjos o mais a que
chega, he a confessar, que
he

he muyto menos, porque conhecem que he excessão em sua grandesa, venerar em Santa Anna a grandesa dos excessos: a natureza humana toda reconhece em Santa Anna huma Soberania divina; excede por Mãy nos Patriarcas a preminencia dos Pays, nos Profetas a luz da profecia, nos Apostolos a dignidade; nos Martyres o merecimento; os Confessores a confessaõ mayor, & atẽ as Virgens rendem à sua fecundidade as palmas da pureza; porque tudo o que aos outros se cõmunicou, tudo o que por todos esteve dividido, em Santa Anna se acha gloriosamente avantejado; mas que muyto, se foy Mãy da Virgem Maria? Por thesouro de tal joya, atẽ o mesmo Deos ficou joya deste thesouro.

§. III.

10 **S**anta Anna he o thesouro de Deos na terra, claro està,

pois nella depositou Deos de todas suas riquezas a de mais sobido preço, que he a Virginal Princesa Maria Serenissima; & se aonde està o thesouro, està o coração, dis Christo: *Ubi est thesaurus tuus, ibi & cor tuum erit*, bem se segue logo, que sendo Santa Anna o thesouro de Deos, neste thesouro tem Deos empregado o seu coração. Roubou Santa Anna o coração de Deos: *Vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum, excordasti me*, tem outra letra; & hum coração roubado, como havia de estar senaõ escondido: *Simile est regnum calorum thesauro abscondito*? Santa Anna fazia thesouro no Ceo, dando seus bens aos pobres: *Thesaurizate vobis thesauros in celo*, & o Ceo fazia thesouro em Santa Anna dandolhe suas riquezas: Santa Anna enriquecia aos pobres com o que dava, & empobretia ao Ceo com o que recebia; o pobre licava rico, quando Santa Anna dispendia, & o

Mat-
th.6.
n. 21.

Cant.
4. v. 9.

Mat-
th.6.
v. 20.

& o Ceo ficava pobre, quando Santa Anna entesourava. Tam liberal se houve com Santa Anna, que para a fazer thesouro rico, chegou o Ceo a ficar pobre; por isso sô ficou com as semelhanças de thesouro, porque deu a este thesouro todas as riquezas: *Simile est regnum calorum thesauro abscondito. Quem qui invenit homo, præ gaudio illius vadit.* Achou este thesouro hum homem neste lugar figura do mesmo Deos, & com o gosto de o achar foy quanto tinha vender: eu reparo, & com grande fundamento neste gosto: *Præ gaudio illius*, parece que havia de dizer desejo: Se vay vender quanto tem para comprar o campo, ainda não possuhia o thesouro; em quanto não ha posse, ha desejo: pois como dis que havia gosto: *Præ gaudio illius*: Sabeis porq? Porq era thesourosãta Anna, & Sãta Anna trocou a Deos o desejo em gosto. Desejava Deos fazerse homem: *Quæ*

qui invenit homo; todas as outras prerogativas de Christo acendião o desejo, mas com as demoras do tempo, dilatava-se o gosto, crescia a esperança, porém faltava a posse. Santa Anna saindo a luz com o mesmo Sol, sendo Mãy da Mãy de Deos, trocou em gosto o desejo; porque produziu huma flor, que sendo flor teve fruto: na flor a esperança, & o desejo: no fruto a posse, & o gosto, & aõde havia de succeder esta maravilha, se não neste jardim, ou neste campo: *Thesauro absconditor in agro*, nesta terra de Sãta Anna? *Flores apparuerunt in terra nostra*, tẽpus *putationis advenit*: nas outras terras as flores saõ esperanças, as esperanças desejos; mas nesta terra: *in terra nostra*, ao mesmo tempo se vem as flores nacidas: *Flores apparuerunt*, & os frutos logrados: *Tempus putationis advenit*: com os desejos de lograr se ajunta o gosto de possuir: *Præ gaudio illius vadit*, não pro-

produzio como os outros ascendentes de Christo flores dilatadas em esperanças, senão frutos abreviados em flores; como era thefouro escondido na terra, não esperou, q̄ do tronco nascessem ramos, dos ramos folhas, das folhas flores, & das flores frutos, immediatamente da rais escondida naceo a flor: *Et flos de radice ejus ascendet*; para adiantar às penas de hum desejo a satisfação do mayor gosto: *Praegaudium illius vadit*.

11 *Et vendit universa que habuit*. Que vendesse parte, muyto embora, mas tudo: *Universa*? Sim, que neste campo achou tudo enthesourado, & assim tudo o mais achou vendido: aqui achou escondidas todas as graças, todas as excellencias, & todas as prerogativas: a fermosura de Sara, as finesas de Rebecca, os rigores da mortificação de Esther, a piedade cõpassiva de Anna mãy de Tobias, a admiravel modestia de Anna mãy de Sa-

muel, os merecimentos de Raquel, as venturas de Lia, & emfim toda a santidade dos Patriarcas, a luz dos Profetas, & todas as virtudes com que se adornarão os Santos que precederão, & os que se seguirão, & por isso assim deyxou tudo o que possuia, porque achou tudo o que estimava. Lutou o mesmo Deos, como sentem muytos, toda a noyte cõ Jacob: *Luctabatur usque ad mane*; porèm ao romper da Aurora pede a Jacob que o largue: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora*; & que correspondencia tem a Aurora naci-da cõ a luta deyxada? Deyxa o Ceo por se empenhar na luta, & logo se enfastia da luta porque nace a Aurora? Sim, & com muyta rafaõ, porque o Sol he Christo, o dia claro a Senhora, & a Aurora desse dia Santa Anna, & a refpeyto desta Aurora, tudo o mais he noyte, tudo sombras em comparação destes rayos: estas prisões dos braços de Jacob tam

Genes.
32.
v.26.
v.27.

appetecidas, que se desvela pellas lograr, agora tam facilmente deyxadas, que se empenha em as fogir: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora.* Com quanta rafaõ se compara Sãta Anna ao Ceo: *Simile est regnum calorum,* porque Santa Anna he o Ceo de Deos, pois fas tanto por Santa Anna, quanto quer quenõs façamos pelo Ceo. *Vendite quæ possidetis, ... facite thesaurum non deficientem in caelis:* Deos manda-nos que vendamos o que temos para fafermos thesouro no Ceo, & vêde tudo o q̄ tem, para ter este thesouro na terra: *Vendit universa, quæ habuit:* nõs havemos de vender para comprar o Ceo, o Ceo ha de vender para comprar este thesouro, que parece não interessa menos o Ceo com Santa Anna, doque nõs interessamos no Ceo.

* *

S. IV.

12 **M**As ainda parece que fes Deos mais por Santa Anna, doque os homens custumão fafer pelo Ceo. Refere o Evangelista São Mattheus que chegãra a Christo hum mancebo perguntando, que faria por alcançar o Ceo: *Quid faciam ut habeam vitam æternam?* Matth. 19. v. 17. Respõde o Senhor, q̄ guarde os mandamentos: *Serva mandata:* torna o mancebo a insistir, que desda sua mocidade sempre os guardãra: *Omnia hæc custodi-* v. 20. *vi a juventute mea,* dis o Senhor que venda quanto tem: *Vade, vende omnia, quæ habes,* & accrescenta o Texto Sagrado que ouvidas estas palavras, se ausentãra o mancebo triste: *abiit* v. 22. *tristis:* muyto fasia pelo Ceo na guarda dos divinos preceytos, mas tanto que ouvio fallar em vender para o comprar, logo se

se entristeceo; & quando o vender para comprar o Ceo causa tristesa, Deos por comprar este thesouro de Santa Anna vende com alegria: *Præ gaudio illius vadit, & vendit.* Oh que grande desejo de comprar, mostrar-se alegre no véder: *Præ gaudio vendit!* troca o que costuma ser tristesa em gosto: fazer motivo de gloria do que costuma ser argumento de pena, he exceder finesas, porque he obrar excessos. No monte Thabor apparecerão com Christo glorioso Moyses, & Elias, & dis São Lucas que fallavão do excesso do

Luc 9. Senhor: *Dicebant excessum*
r.º.º.1. *ejus:* que excesso fosse este, claro está, dis São Cyrillo, que era o da morte, que havia de padecer Christo no Calvario: *Idest salutiferam Passionem,* & manifestamente te collige das palavras do Texto: *Quem completurus erat in Jerusalem:* mas agora pergunto eu: & porque chamão os Profetas à morte excesso? No Calvario, aonde se pade-

cia, he morte: *Factus obediens usque ad mortem,* & no Thabor, aonde sò se refere, he excesso? E que excesso fas a morte referida a si mesmo executada? Eu o digo: porque no Calvario foy a morte pena, & no Thabor fes o amor dessa pena gloria, & gloriarse do penoso he chegar ao excellivo: sofrer a morte como tormento, he a mayor finesa: *maiores hac dilectionem,* mas entre os replandores da gloria fazer gloria dessa pena, sobre a mayor finesa, he o mayor excesso: *Dicebant excessum ejus.*

13 Quem negarà que fes Deos excessos por este thesouro, por Santa Anna digo, não sò na circumstancia do gosto, mas tambem na estimacão do preço; porque senão dis, que deu quanto tinha por troca, mas que fes com anciosa diligencia a venda: *Vendit universa:* vendeo quanto tinha, para atè com a industria augmentar o preço que dava: augmentou o preço,

preço, para ter mais que desprezar pelo thesouro; que na verdade em desprezar o precioso se vem os mais sobidos quilates do fino. Duas acções teve a Magdalena, em que mostrou os excessos com que a Christo amava: huma foy, quando generosamente arrependida, depois de tam desgarrada, fogindo de si mesma a todo o risco, foy buscar o seguro portô, porque era grande a tempesta-de, que se levantára em seu peyto: o resto affligido era hum Ceo nublado, chueyros os olhos, mares as lagrymas, vento os suspiros, velas es cabellos, ancoras es braços, porto os pés de Christo, que mayor finesa, que faser nuvens dos cabellos que eraõ raios? E dar liberdade às solturas do amor profano nas prisões do amor Divino? Suspirar mais perdida por se ganhar, do que antes suspirava por se perder? Faser em seus olhos chorar estrellas, porque tinha ofendido ao Sol? Outra ac-

ção foy, quando quebrando o a labastro de precioso unguento, o derramou aos pés de Christo: *Maria ergo accepit libram unguenti nardi pistici pretiosi, & unxit pedes Jesu.* Se compararmos estas duas finesas, não ha duvida que parece mais encarecida a das lagrymas que chora, que a do unguêto que derrama; com tudo São Joaõ para dar a conhecer a Magdalena na occasião em que o Senhor foy resuscitar a Lazaro, não falla das lagrymas, & sò do unguento fas menção com singularissima advertencia: *Maria autem erat, quae unxit Dominum unguento;* & porque não dis antes que Maria he a que suspirou tam amãte, a que se prostrou tão humilde, a que chorou tam sentida, a q̄ sentio tam affectuosa: Querê saber o porq̄? Porque ainda que estas acções eraõ de grãde estima, o unguento era de grande preço, *Unguenti nardi pistici pretiosi,* & achou o Evangelista como sabiamête entendido,

Joan.
12.
v. 3.

Joan.
11. v. 2

dido, q̄ o affecto da Magdalena se encarecia muyto de fino com o desprezo do precioso: *Maria autem erat, quæ unxit Dominum unguento.*

§. V.

14 **N**O q̄ eu mais reparo he, em que diga o Texto que este homem do Evangelho vendeo quanto tinha, & comprou o campo: *Et emit agrum illum*. Se o thesouro he o pretédido, porque ha de ser o campo o comprado? Porque he o thesouro Santa Anna, & thesouro de tanta estima, que não cabe nos limites da compra. Atè nisto he Santa Anna semelhante ao Ceo: *Simile est regnum celorum thesauro*; porque o Ceo quando mais merecido, nunca se dis comprado: *Adiebus Joannis Baptistæ*, dis a Eloquencia do

Mat. Divino Verbo Encarnado, *regnum celorum vimpatur, & violenti rapiunt illud*: os violentos faõ os que se

fasem a si mesmo violêcia para merecerem o Ceo; o preço do Ceo faõ os merecimêtos; pois se o Ceo se vende ao merecimento, quando o Ceo he merecido, porque se ha de dizer roubado? *Violenti rapiunt illud*? A rafaõ he: porque he o Ceo de tanto preço, que fas roubo da compra, porque excede os limites da venda; diga-se roubado: *rapiunt illud*, não se diga vendido; porque não ha preço com que possa ser comprado. Essa deve ser a rafaõ mais forçosa, porque compra o campo, & não o thesouro: *Et emit agrum illum*: compra o campo, não pelo campo, mas compra o camp pelo thesouro; que hum thesouro tam precioso, atè o campo em que se descobre, fas estimado. Muyto admira, que o Sol, a Lua, & as estrellas, humilhando-se a lusente pompa de tantos rayos por adorar a Joseph, abatão o resplendor com que o Ceo se custuma esmaltâr: *Vidi per somnium*

Genes.

37.

p. 9.

quasi Solem, & Lunam, & stellas adorare me; isto he o que admira a todos, mas a mim o q̄ mais me assombra he, que os Planetas, em que estavaõ os irmãos significados, adorem a pavea de Joseph: *Vestrosque manipulos circumstantes adorare manipulum meum*; porque se adorar a Joseph em Joseph he muyto, muyto mais he adorar a Joseph na pavea, ou adorar a pavea porque he de Joseph: *Adorare manipulum meum*. O mais sobido a q̄ pòde chegar a pessoa, he faferse estimada atè nas prendas, por q̄ cõ a prenda estimada fica a pessoa muyto mais engrãdecida. Oh q̄ engrãdecida està Sãta Anna! A estima do cãpo hea melhor adoraçãõ do thesouro: *Et emit agrum illum*, esse campo comprado, fas o preço do thesouro excessivo.

15 Tributar obsequios ao campo, he sacrificar coroas ao thesouro; porque então fica dignamente coroado, quando o campo se venera, sò porque o thesouro o habita. Vio o Evã-

gelista Aguiã em seu Apocalypse que os Anciãos arrojãõ as coroas aos pès do throno, em que o Divino Cordeyro assistia: *Mitabant coronas suas ante thronum*, & vio depois que dessas coroas arrojadas ao throno estava o Cordeyro coroado: *Et in capite ejus diademata multa*; pois se essas coroas saõ para coroar ao Cordeyro, para que se arrojaõ ao throno: *ante thronum*? Como se tributãõ ao throno, se o Cordeyro ha de ser o coroado: *In capite ejus*? A rafaõ està manifesta: porque o Cordeyro então melhor se coroa, quãdo o throno se venera; fazer estimado o throno, em q̄ assiste, essa he a coroa q̄ mais o levãta, & melhor o engrandece: a mais sobida adoraçãõ do Cordeyro, não saõ os sacrificios, que se tributãõ à pessoa, senão os obsequios que se sacrificãõ à prenda. Oh que venturoso o campo em ser throno de tal thesouro! este thesouro he Santa Anna, todas as Virgens rendem

Apoc.

4.º

10.

Apoc.

19.º

v. 12.

dem as coroas à sua fecundidade, todos os Martyres à sua constancia; todos os espiritos bemaventudos a reconhecem por Rainha mãy, & mãy da sua Rainha, & nós todos temos em Sãta Anna avogada, & avaledora mais valida, porque nella se acha toda a graça, & clemência, isso significa o nome de Anna, dis Saõ Joaõ Damasceno, a quem seguem muytos. T. T., & por isso todo o empenho de Anna he negociar com clemência os beneficios do Ceo aos homens; he Santa Anna o negocio do Ceo. A Maria Serenissima chamou Saõ Bernardo negocio de todos os seculos. *Maria seculorum omnium negotium*, & com Anna maior negocio, porque he duplicar as partes da clemencia. Eu reparo, que podendo Deos crear a Maria, como creou a Adão, sem pay, nem mãy, a creasse de Saõ Joaquim, & Santa Anna: & pois se Maria era a creatura mais singular de quantas ha creado a

Divina Omnipotencia; se era Maria a pessoa de todas as humanas a mais soberana, porque ha de passar pelo modo mais commum de ser concebida? Ha de faltar a Maria aquella prerogativa, & preeminencia com que Deos creou a Adão? Direy: na creação do homem creou Deos a justiça, dis Saõ Maximo, na creação da molher creou Deos a clemencia: *Format vit igitur Dominus Deus hominem de limo terræ: edificavit costam ... in mulierem: format in justitia, edificat in clementia*, & como Maria Santissima he o negocio do Ceo, para que com Anna, que significa clemencia, tivesse mayor negocio, quis Deos que nascesse de Anna, para que com Anna se visse a clemencia de Maria mais duplicada.

16 Produz Santa Anna huma fonte de graça, & clemencia em Maria Serenissima Filha sua, & corré ambas tão uniformemente, que se pòde duvidar, se

Li ij nasce

Vega
Palae-
tr.
Proæ-
mialis
cer-
zam. 2
ubi
cit.
D.
Bern.
Serm.
2. de
Pente-
cost.

Genes.
2. v. 7.
p. 22.
Sãe
Max.

nasce a graça, & clemência de Maria, ou se tem o seu nascimento de Anna? Oh que eu sey, que a esta tal fonte copiosissima nos braços, & no peyto de Anna pos o fello real o Espirito Divino, para que por sua conta corraõ mais largamente

Cant. os seus beneficios: *Pone me*
8. v. 5. ut signaculum super cor tuum, ut signaculũ super brachium tuum, & porque lhe não imprimio antes o Espofo o finete em as mãos, senão nos braços, & no peyto: *Super cor tuum, super brachium tuum?* Para nos mostrar que o aperto com que Santa Anna tem a fonte de Maria nos braços, & no peyto, a obriga a que a todos abranja a liberal corrente de seus beneficios. Assim pos apertadamente ao peyto esta liberal fonte Santa Anna, amorosamente a aperta em seus braços, que he obrigalla a que tome a peytos nosso socorro em os maiores apertos. Esta differença ha de apertar o braço, & o peyto, ao apertar a mão,

que o aperto na mão he escacese, mas no peyto, & no braço he largueza da liberalidade: para dar o sangue do braço, o apertais com huma venda: para derramar do peyto largas correntes a Mãe ao Filho, aperta o peyto. Oh que liberalmente corre a divina fonte de Maria apertada ao peyto de Anna: que enchentes de beneficios soberanos, que graças tam copiosas, que favores tam superabundantes, que influencias tam divinas nos està offerecendo Santa Anna com Maria Santissima em seus braços! Que minas de ouro, que orientes de perolas, que thesouros de finissimos diamantes, que indias de pedraria se descobrem nos cofres do peyto de Anna, para que com este rico thesouro enriquecido o Ceo se ache, & unicamente em nosso favor negocee.

§. VI.

17 **E** Que não negoceará em nosso favor Santa Anna, se ella he aquella molher forte, aquella poderosa Senhora, aquella Emperatris Soberana, a quem esteve foyeyta, & rendida a que he suprema, & universal Rainha do Ceo, & da terra Maria Serenissima? Porque se lá buscando Sifostres o titulo mais honorifico, o nome mais grandioso, que se podia dar entre os homens, se chamou: *Rex Regum*, Rey, a quem os mesmos Reis obedecião, que diremos da soberania de Anna, pois mereceo ser huma Rainha tam avultada, huma Rainha tam majestosa, que lhe obedeceo outra Rainha, a quem obedeceia o mesmo Deos feyto homem: *Et erat subditus illis*? Que diremos da grãdesa de Anna, que foy aquella fragoa abrasada toda de amor dõde se lavrou

hum relicario tam precioso, tam perfeyto, & tam acabado, que Jesus neto seu se quis nelle engastar como Agnus Dei por reliquia? Que diremos da excellencia de Anna, que foy aquella lufida Estrella dalva, aquella fermosa, & bella luz da manhã, que nos trouxe a melhor Aurora, de quẽ naceo o verdadeyro Sol de justiça? Que diremos da singularidade de Anna, que foy aquelle jardim delicioso, & esmaltado todo de flores, donde rencendião as violetas da temperança, as rosas da pudicicia, os cravos da honestidade, os lirios da pureza, os jasmims da candura, as açucenas da fè, as perpetuas da firmesa, as palmas da constancia, & os Gyraçoes da contemplaçãõ? Que diremos da prerogativa de Anna, q̃ foy a terra santificada, a qual Moyses senão atrevia a tocar, senão descalçando os pès, porque della brotou aquella Carça purissima, que milagrosamente ardia

sem se abrafar no meyo das
chamas, a Virgem Maria,
& immaculada Filha sua?
Que diremos da preemi-
nência tam sobrelevada de
Anna, q̄ em seu v̄tre puris-
simo trouxe nove mezes,
não a Arca de Deos em fi-
gura, mas a verdadeyra Ar-
ca do Testamento Maria
Santissima? E se là se podia
gloriar Obededon, que
por receber em sua casa a
Arca de Deos alcançara a
graça divina, & se vira di-
tosamente premiado com
mil felicidades, & favores
do Ceo, quanto mayores
serião as influencias, quan-
to mayores as graças, &
quanto mais soberanos os
favores, que redundarião
em Anna, que occupou, &
animou a que foy domici-
lio proprio do mesmo Se-
nhor? A qual se foy esco-
lhida como o Sol, & fer-
mosa como a Lua, Santa
Anna foy o Ceo cheyo de
estrellas resplandecentes
aonde lusio esta Lua, &
resplandeceo a luz deste
Sol; se Maria foy na fer-
mosura huma flor a mais

singular, Santa Anna foy o
ramo, que produzio ventu-
rosamente esta flor; se Ma-
ria foy huma pedra a mais
preciosa, Santa Anna foy o
anel, em que se engastou
esta pedra finissima, ou esta
perola a mais pura, & por
isso avemos hoje do Ceo
tam sollicitada, & preten-
dida, que s̄o pela posse, &
pelo logro della largou to-
das as outras perolas de
mayor preço, & valor, em
que tinha feyto glorioso
emprego a sua ancia: *In-
venta una pretiosa marga-
ritas, abuit, & vendidit om-
nia que habuit, & emit
eam.*

18 Poderà por ventu-
ra haver negocio algum
de mayor peso, em que se
empenhe o nosso cuyda-
do, que interpondo Santa
Anna o seu patrocinio, se
não effeytue? Poderà ha-
ver pretensão de mayor
porte, a que anhele o nosso
desejo, que por meyo da
poderosa valia, que com
Christo seu neto tem San-
ta Anna, infallivelmente
senão alcance? Que roga-

tiva poderemos fazer, sendo justa, para conseguir algum beneficio, que Santa Anna, se implorarmos o seu favor, com toda a promptidão, & velocidade nos não despache? Em que gemido poderá róper o nosso peyto, vendonos em algũa angustia, ou no mayor trabalho affligidos, que de Santa Anna não seja ouvido, para que logo, valendonos da sua intercessão, nos remedee, & sem permittir a menor tardança com todo o alivio nos consolé? Oh ditosos, & mil vezes bê affortunados são aquelles que os beneficos lanços da piedade de Anna imploraõ, & com huma viva, & ardente fê na sua clemência muyto confiaõ; porque nelles me parece que contemplo hum evidente sinal de serem predestinados, não he assim, que os que são devotos de Anna tem seguro o favor de Maria Serenissima, de quem he Mãy, & que tendo o favor de Maria não podem deyxar de ter o favor de

Jesus, de quem he avô? Assim piamente o podemos crer, & com o mais provavel fundamento affirmar; pois tendo o favor de Jesus, que mais queremos conseguir, nem que mais podemos desejar, nem que mais temos que appetecer? Peçamos pois a Maria, & a Jesus por meyo de Anna, porque ninguem haverá, que presume, negará Maria a sua Mãy a quem tanto honra, sendo huma tam boa Filha, nem Jesus a sua avô, a quem tanto venera, & estima, sendo hum tam obediente neto, cousa alguma que lhe peça; & se tam grande he o poder, que no Ceo tem Santa Anna diante de Jesus, & Maria para favorecernos, que não ha despacho de conseguir mais difficuloso, o qual por meyo dos seus rogos senão veja logo com effeyto executado, o que resta he, que cô grande fê, & com huma muy cordial devaçã nos valhamos de tam poderosa intercessora, que com

toda a confiança a busquemos, esperando da sua grã-diosa liberalidade todos aquelles bens espirituaes, & corporaes, que nella como em seu riquissimo thesouro tem Deos depositado para repartir com os que de veras a amão, com os que affectuosamente a servem, com os que com todo o respeyto a honraõ, com os que às suas imagens se encomendão, & cada dia nove Ave Marias com hũ Gloria Patri, &c. por remate pelos nove mezes, que teve a Virgem Maria,

& Senhora nossa em suas entranhas, com fervorosa piedade lhe resaõ; emfim esperando da sua benefica, & liberal clemencia, que como tam agradecida a seus devotos, nos pague todos os serviços que lhe fisermos, com nos livrar de toda a occasiã da culpa, com nos offerecer os meyos para merecermos a graça, & para conseguirmos o mayor premio, que he o da Gloria: *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotens.*

Amen.





SERMAO

DECIMO OYTAVO

DA
SEGUNDA DOMINGA
DO

ADVENTO

PRE'GADO EM LISBOA NA IGREJA
de São Roque da Companhia de JESVS.

Anno de 1700.

AVE MARIA.

Joannes autem cum audisset in vinculis opera Christi:

Matth. 11. v. 2.

§. I.



Uem tal cuy-
dara! O mayor
dos nacidos, o
porteto de tod-
das as idades,
o homé do mayor porte, o

São da mayor marca, a ci-
fra das maravilhas, a admi-
ração dos entendidos, & o
pafmo de todos, em prisõ-
es: *Joannes in vinculis!* nas
fombras de hum carcere o
affombro da santidade, o
arqui-

arquivo de todas as graças, o centro de todas as prerogativas, o epilogo de todas as grandezas, o Bautista, para quem he injuria toda a competencia, & em quem o mayor excessõ fica sendo muy escasso ! o Bautista preso ! aquelle que nas perfeções resplandece entre os homens como o Sol entre as estrellas, este perseguido, & ultrajado nos horrores de hum tronco entre gente facinorosa a titulo infame de malfeytor: *Joannes in vinculis* ! Mas que muyto? Se governa hum Herodes, se governa hum tyranno, que muyto seja a culpa merecimento, & a mayor innocencia seja delicto ! Oh que grande desgraça, quando o premio do merecimento se dá ao delicto, & o castigo do delicto se executa no merecimento ? a culpa com premio, & a virtude com castigo, he o mais lastimoso estado a que pòde chegar o tempo. He impossivel que dure hum Imperio, hum Reyno,

huma Monarquia, & nem ainda hum Mundo, aonde a virtude se persegue, & sò a maldade se estima. Dous saõ os sinaes que dà Christo Redemptor nosso do fim lastimoso, que o Mundo ha de ter no dia do universal juizo: o primeyro he, que o Sol se ha de escurecer, a Lua ha de ficar sem resplandor, & as estrellas *Mat- th. 24. v. 29.* hão de cair: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stellæ cadent de Cælo:* E q̄ por porção tẽ estes sinaes com a fatal destruiçãõ que pronosticãõ? Muyto grande; porque o Sol entre os horrores de hum eclipse, os raios da Lua padecẽdo defmayos, & as estrellas abatidas, isto não pòde succeder sem o Mundo se acabar. Quando os q̄ saõ como Sol no resplandor da vida, na luz da sciencia, no benefico, & salutifero das influências, sãdo nacidos para lustrar, ou por engano, ou por inveja, & o q̄ he mais certo, ou por malicia, senão deyxão apparecer, não pòde o Mun-

Mundo durar:quãdo o Sol estã cõdenado às sóbras,& as sóbras occupaõ os postos do Sol:quãdo os q̃ são Estrellas por qualidade,& por virtude incorruptas , por natureza immoveis para se dobrar por respeytos,& sò movidas, não por intelligencias occultas, mas Angelicas, se vem tam tristemente cahidas, pois dessas estrellas cahidas, dessas estrellas arrastadas que se ha de seguir, senão perderse,& acabar-se o Mundo? Apagar luzes, he pretender precipicios; com as estrellas cahidas nem a estabilidade do Ceo fica segura; atè essas esferas de crystal, essa firmesa de diamante, de estrellas arruinadas apreendem ruinas proprias; com o merecimento cahido, atè o mesmo Ceo treme abalado.

2 O outro final que aponta Christo de finalizar o Mundo, he estar, quando a virtude abatida, a maldade entronizada: *Tunc veniet consummatio, cum videritis abominationem desolationis,*

que dicta est a Daniele Prophetâ, stantem in loco sancto. O final de tudo acabar consumido, de tudo perecer assolado: *Desolationis*, he estar a abominação no lugar que se devia à santidade: *Abominationem in loco sancto.* Mais claro; & mais ao nosso intento São Marcos: *Stantem ubi non debet*: está o vicio ^{13.} aonde não devia estar; por ^{14.} que se devia esse lugar à virtude, devia-se à santidade, & está profanado, porque o occupa hum fogueyto indigno; devia-se à justiça, & não devia estar nelle a lisonja, & a peyta: *Ubi non debet*; devia-se ao bom exemplo da vida, & não à dissolução, ao desgarrô, & ao escandalo: *Ubi nõ debet*, devia-se, se he dignidade Ecclesiastica, à modestia, á fidedoria, & á liberalidade, & não à insolência, à ignorancia, & à avareza: *Ubi non debet*; se he governo, devia-se à prudencia, ao desinteresse, & á brandura, & não á indiscição, à rapacidade, & á tyrannia; se he
 das

Mat. 24. 15. consummatio, cum videritis abominationem desolationis,

das armas, devia-se ao valor, & não à valia, devia-se aos criados entre as armas, & que occuparão os melhores postos nas fronteiras, & não aos criados que servem em casa a seus amos por estipendio, & por paga, sem que nunca se vissem nas Conquistas, nem se achassem em tempo de guerra nas Campanhas; se he de letras, devia-se às sciencias, á satisfação, à inteyresa, & não a quem vende o que julga; & julga pela mayor parte o que ignora. Não ha mayor discredito de hum Reyno que lugares mal occupados, que lugares occupados por indignos. Por isso depois da fatal ruina de Lucifer, & seus sequases, dis o Texto Sagrado que nuaca mais se acharão no Ceo seus lugares: *Neque locus inventus est eorum amplius in caelo*: E pois que culpa tem os lugares? Que cayam os que indignamente os occupavão, assim o pedia a justiça, mas os lugares para que se hão de

perder? Para credito do Ceo; para que não haja memoria q̄ houve lugar mal occupado, onde tudo he justo. Ainda que o credito do Ceo não podia perigar, neste caso parece que se chegou a temer: arruina os culpados para satisfação da justiça, & aniquila os lugares para mayores cautelas da fama. Pois se isto passa no Ceo, aonde não pôde haver culpa, que se seguirá na terra de lugares dados a quem não se devem, & tirados a quem os merece? Esta he a total ruina de huma republica: os fogeitos que não têm prestimo occupando os postos do melhor predicamento; & os de superior talento postos a hum canto: os viciosos, refohados, & hypocritas levando applausos, & os sinceros, li-fos, & de coração lavado, padecendo despresos: Esta he tambem a ruina do Mundo todo; a maldade levantada, & a virtude perseguida: *Abominationem statem in loco sancto*: O Bautista

Apoc.
2.º v. 8.

tista em hum carcere, & Herodes em hum throno; Herodes logrando delicias, o Bautista arrojando cadeas: *Joannes in vinculis*. Estas cadeas do Bautista hão de ser hoje todo o emprego deste meu arreoado, no qual cotejaremos as cadeas do Bautista com as liberdades de Herodes, & as prisões de hum justo cõ as cadeas, & liberdades de hum peccador. Vamolo discorrendo.

§. II.

3 **E**Xposta a perseguições vemos hoje a virtude no Evangelho, & não sey verdadeiramente como possa ser a virtude perseguida, sendo attributo seu o ser atè dos inimigos amada, & ainda os mesmos que se não atrevê a seguilla, não deyxão de admiralla; mas tam profundas raizes tem lançado no Mundo a maldade, que fas a mesma vir-

tude mal quista, chegão os homens a estar tam empenhados com a culpa, que desprezaõ o que he Santo, sò por lisonjear ao seu vicio. Taes eraõ aquelles, dos quaes falla Ezequiel no Cap. 8. de suas revelações, onde dis que vira a huns homens que davão as costas ao templo, & adoravão ao Sol nacido: *Viginti quinque viri dorso habentes contra templum Domini, & facies ad Orientem, & adorabant ad ortum Solis*.

Que cegos com a fermosura do Sol adorem seus resplandores; he lastima muyto para sentida, mas virar as costas ao templo: *Dorso habentes contra templum*, essa he a mayor miseria: os desprezos do templo que tem que ver com as adorações do Sol? Muyto, porque virar as costas ao Sagrado, entra na adoração do profano: *Adorabant ad ortum Solis*, por isso: *habentes dorso contra templum Domini*. O desprezo do templo era lisonja do idolo; não se desfeiti-

Exec.
8.º
16.

ma o templo, porque a santidade se aborrece, mas porque o vicio se adora, & huma culpa adorada, não se contenta com menos, que cõ ver a virtude perseguida, nem se dà por segura no imperio com que tyranniza, se não vê a fãtidade pisada. Não prende Herodes ao Bautista por defacatar a virtude, defacata a virtude por lisonjear ao vicio; por faser huma lisonja a Herodias, por lhe tributar huma sinesa, por lhe sacrificar hum agrado, põem em duros ferros a hum homem, que era na santidade hum assombro; que a Herodes estar livre, nunca o Bautista estivera preso.

4 Assim nos vem a cegara continuaçãõ dos vicios, que offuscando a luz da razaõ, porque a culpa, que he o mayor mal, nos parece bem; por isso a virtude, que he o mayor bem, nos parece mal. Com o Mundo começou este grãde dano. Sahiua Eva a dar hum passeio pelo terreal

Parayso, pos os olhos naquella arvore, cujo mortifero pomo foy todo o nosso veneno, & dis o Texto Sagrado que lhe arrebatára os olhos, & lhe arrastára os affectos: *Vidit mulier, quòd esset ... pulchrum oculis, aspectu que delectabile,* & fallando Eva com a Serpente, dis que Deos lhe mandará que do vedado pomo não comesse, nem ainda lhe tocasse: o preceyto sò foy de não comer, & Eva accrescêta q̄ tambem fora de não tocar: *Ne comedemus, & ne tangeremus illud:* accrescêta Eva o que o preceyto não desia; & isso porque, ou paraque? A juiso de Santo Ambrosio digo que fora em odio do mesmo preceyto, que como já o avaliava por duro, queria o cavilar de pesado. Notavel caso! Se este preceyto era muyto leve, & muyto facil, posto sòmente para exercicio da virtude, como sentem os PP., & Interpretes, quẽ mal quista o preceyto, & a virtude com Eva? Quem? O parecerlhe

cerlhe bem o pomo, em que estava todo o mal, & como o mal lhe pareceu bem, logo o bem lhe pareceu mal: *Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis, aspectu que delectabile.*

5 Que muyto he logo prenda Herodes ao Bautista, & se arme contra a Santidade, se está a seus vicios tam vilmente fogeyto? Os mesmos prodigios de virtude, com que resplandecia o Bautista, eraõ delictos para a estimação de Herodes. No juizo da maldade o q̄ merece mais applauso, se tem por mais digno de castigo. *Quid*

facimus, disia o impio conciliabro dos de Jerusaleem, *quia hic homo multa signa facit?* Que fazemos que não tiramos a vida a este homem, porque fas maravilhas, porque obra prodigios? Ha mais barbara sem ração, que dar por ração do castigo os excessos do merecimento: *Est autem perea, quæ dicuntur ab ipsis, consi-*

derare eorum insipientiam, & cæcitatem, dis Origenes, *insipientiam quippe, quia testificabantur illum multa peregrisse miracula, & tamen æstimabant se posse adversus eum æmulari, &c.*

Desorte que as maravilhas são os crimes, & a innocencia da vida caso de morte? Sim, que aonde he merecimento a culpa, porque não ha de ser culpa o merecimento? A enveja, & a malicia são tem armas contra a innocencia. Quem tem o delicto por virtude, porque não ha de ter a virtude por delicto? De que nos admiramos logo que o Bautista esteja preso, sendo hum exemplar da santidade, sendo da penitencia hum prototipo, sendo innocente, & do despreso do Mundo hum perfeytissimo modelo, sendo zeloso com os grandes, intrepido com os Reis, compassivo com os humildes, & desinteressado com todos? E em hum governo depravado para os taes são os desterrados, as perfe-

gui-

Joan.
II.
p. 47.

Orig.
in Cat.
D. Th.

guições, os carcereiros, & as mortes; & para aquelles que são indignos de viver, para estes he o triunfar, para estes são as honras, as dignidades, & as fortunas.

§. III.

6 **J**oannes in vinculis. O Bautista he o que está preso, & Herodes consta que o mandara prender: assim o dis a Fè, & confissão que se a fè o não inculcára, differa eu, que Herodes era o preso, & o Bautista era o livre: o Bautista livre, porque com liberdade reprehende a Herodes, & Herodes tam preso, que nem a eloquencia do Bautista, sendo efficaz para enternecer penhas duras, lhe pode com effeyto soltar as cadeas. Mas por mais que a tyrannia porfie, & se empenhe, he trabalhar de balde, que o Bautista como justo na prisão está livre, & He-

rodes na liberdade está preso: João quer dizer graça, & hum justo quando mais preso por amor de Christo, então logra a liberdade que estima. Dis Christo bem nosso a São Pedro: *Cum esses junior cingebas te, & ambulabas quò volebas*, que quando era moço se cingia a si mesmo, & andava por onde queria; o cingirse he prenderse, & pois quando os apertos o prendem, então he que está livre para andar mais à sua vontade? Sim, porque como ha liberdades que prendem, tambem ha prisões que libertão: então pôde Pedro andar seguro, quando por amor de Deos está preso. A Lazaro mandou Christo sahir da sepultura, & dis o Texto Sagrado que sahira da sepultura Lazaro com as mãos, & pès atados, quando se via já resurgido: *Statim prodiit, qui fuerat mortuus ligatus pedes, & manus infertitis*: Difficulto agora assim: & se Lazaro tem os pès atados, & presos, como pô-

Joan.
21. v.
18.

Joan.
11.
44.

de sair, & dar passos? Querem a rafaõ? Eu a dou, porque se antes em quanto morto representava a hum peccador que nas liberdades estã preso, depois de resuscitado he figura de hum justo, que nas prisões estã livre. Hum resuscitado, hum justo estã tam livre de estar preso, que nem o mesmo grilhão que o pòde atar, o pòde prender.

7 Perguntão alguns a rafaõ, porque mostrara Deos em sonhos a Joseph as felicidades, & não as prisões que havia de ter no tempo futuro? Porque se o mesmo Egypto foy iguالمéte theatro daquellas glorias, que daquellas penas, sonhando-se Joseph adorado, porque senão sonhou tambem preso? A rafaõ estã clara, como Joseph era justo, nas felicidades ficavão sonhadas as prisões, porque ainda que para os Justos as felicidades não seão prisões, com tudo as prisões são felicidades, por isso Joseph sonha com o

Tom, V.

throno, & não com o carcere, sonha que o Sol, & as estrellas o adoraõ, & não que os grilhões o apertão. Para hum justo as prisões verdadeyras são sonhadas, & nem ainda sonhadas: hũ justo, por mais que esteja no carcere, nem ainda por sonhos estã preso. As felicidades, & as solturas da vida essas são as prisões, & os carceres da morte. Que seja Lasaro na sepultura figura de hum peccador depravado, solto na vida, nas açções, & nos costumes, & que este peccador se represente preso, & atado: *Ligatus pedes, & manus*? E como disem bem com tantas solturas tantas prisões? Se hum peccador com suas liberdades escandaliza ao Mundo, como se pòde representar em Lazaro, que na sepultura estã por tantos modos atado? *Ligatus pedes, & manus*. Antes por isso mesmo estã a figura mais propria, porque essas solturas são as q̃ o atão, essas liberdades são as que o prendem. Os vicios são ca-

kk

deas,

deas , & quanto são mais compridas , deyxão mais lugar às liberdades , & apertão mais as prisões. Solta-se hum peccador para mais se prender, & prende-se para mais se soltar: rompe as prisões dos divinos preceytos, & deyxá-se estar preso na sepultura de seus vicios; fas em pedaços, os apertos que o libertão, & amarra-se às solturas que o atão.

8 Não era assim aquelle, que là sahio a Christo ao encontro, infausta morada de huma legião de vicios? Não havia remedio fahir das sepulturas em q̄ estava preso: *Domicilium habebat in monumentis*, & ^{Marc} ^{5.7.3.} era tam solto em suas devassidões, q̄ não havia cadeas, nem grilhões que o podessem ter atado: *Et neque catenis jam quisquam poterat eum ligare: quoniam saepe compeaibus, & catenis vinctus, dirupisset catenas, & compedes comminuisset.* Bravamente se implica este monstro de torpesas: sempre rompendo cadeas,

& sempre habitando sepulturas? E pois se se prede sepultado, como senão permite preso? Querem a rafaão? Eu a darey: porque as cadeas com que o atavão, eraõ os preceytos divinos, dis a Glossa, & as solturas em que se prendia, eraõ os grilhões de suas torpesas, dis o Veneravel Beda, & este louco soltava-se para se prender, & prendia-se para se soltar; soltava-se dos preceytos para se prender mais nos vicios; aborrecia as cadeas que o libertavão, & buscava as solturas que o prendião. Oh que prisão tam aspera, tam dura, & tam apertada a dos vicios! a penas pôde hum miseravel preso com o peso de suas cadeas. Diga-o o impio Manassés, que com as cadeas que arrastava, nem ainda respirar podia: *Incurvatus sum multo vinclo ferreo, & non est respiratio mihi.* Não ha levantar cabeça, se he que cabeça tem, quem assim se deyxá prender.

9 Solta o Prodigo as ^{2. Pa} ^{ral.} ^{ult.} ^{Orat.} ^{Men.} ^{cum} ^{captus} ^{tene-} ^{retur} ^{in Ba} ^{bil.} ^{redeas}

Glos;
& Be-
da hic.

redeas à sua perdição , & dessas liberdades com que estragou inconsideravelmente a vida , se formaraõ tam grossas cadeas , que por mais que se aposta a se levantar , não acaba de se erguer : Consta do Texto que se levantou : *Surgam, & ibo ad patrem meum* , & tambem consta que está outra ves cahido diante do Pay. Por isso o Pay , dis o Texto , cahiu para o levantar: *Cecidit super collum ejus, ut amoris o nere* , cõmentada Chrysoftomo , *onus tolleret peccatorum*: E pois que he isto ? Se levantado, como outra ves cahido? Porque assim o soçobrava o peso das cadeas , que lhe tesseraõ suas solturas, que por mais que forcejava por se erguer , não acabava de se levantar. Assim custumão prender as liberdades, que muytas vezes não basta o juizo : *Hic fame peregit, in se reversus*, nem basta a resoluçãõ: *Surgam, & ibo* , para hum peccador se defencadear. Metida hũa alma na confusaõ de hum

labyrintho, sendo que foy livre o entrar , nenhumas porfias bastão para sair. Estã hum peccador como Lazaro com os pès atados, & com as mãos presas: *Ligatus pedes, & manus institis*, nem tem mãos para desfatar os pès , nem tem remedio para desfatar as mãos; são taes os enredos, tantas as voltas , tam cegos os nõs, tam empeçados os laços, q̃ vendo se perecer, nẽ acerta a se desfelaçar, nẽ acaba de dar hũa volta à vida.

10 Ha muyta differença entre as cadeas que prẽdem os justos , & as cadeas com que as liberdades prẽdem a hum peccador : as dos justos são tam faceis de tirar , que por si mesmo se deyxão cair. Assim succedeu a S. Pedro: *Ceciderunt catenae de manibus ejus*: antes de tiradas, já estãõ as cadeas cahidas ; por outra parte as prisões de hũ peccador, ainda são mais porfiadas em se deixar em quebrar, doq̃ he a morte em se deyxar vencer. Quando a morte se rende vencida, a-

Act.
Apost.
12.
v. 7.]

inda hum peccador porfia em sua dureza. Resuscitou Christo a Lazaro, & aos ecos daquella voz divina-mente poderosa: *Lazare veni foras*, logo se rompe-
 raõ os carcereiros da morte com tanta pressa, que ao mesmo tempo da voz pronunciada já a vida estava restituída: *Statim prodiit*, & com tudo eu vejo que Lazaro depois de já resuscitado, ainda sahe preso: Valhame Deos! quando a braveza da morte tam facilmente se foge, a pertinacia das prisões ainda dura? A morte sempre invencível, já rendida, & a dureza das prisões ainda porfiada? Sim, que são prisões que tessou a soltura, & estas são mais difficultosas de quebrar, do que a morte de vencer; não porque haja cousa alguma que para o Senhor seja difficil, mas para nos advertir que as liberdades da vida são mais para temer, que as tyrannias da morte.

§. IV.

II **O** Que mais he para admirar, he serem tam fortes estas cadeas, sendo que lhes dá toda a força nossa fraqueza. A vontade humana por natureza he livre, mas em se affeyçoando a qualquer objecto, logo fica lastimosamente presa: *Vinculum namque est terrenarum rerum affectio*, dis S. João 66. in Chrysostomo. Hum affecto desordenadamente empenhado, na mesma liberdade está preso. Cativou-se a Senhora, & lasciva Egypcia do castissimo Joseph, & sendo Joseph cativo, se portou neste caso có tam generoso brio, & tam senhor de si mesmo, que correndo a deyxou corrida, & defenganada; ao defengano se seguiu o sentimento; fas prender a Joseph em duros ferros quem pouco antes lhe promettia libe-

Joan.
II.
p. 43.

Chryf
Hom.
66. in
Joan.

liberalmente montes de ouro. Ha mayor injustiça! Se a Senhora he sô a culpada, porque ha de ser Joseph o perseguido? Basta que sempre a fortuna se ha de pôr da parte do poder? Nenhum castigo para a malicia, todos os rigores para a innocencia? Que assim o execute a tyrannia humana, não he muyto, mas que assim o permita a Providencia Divina, motiva não pequeno reparo; mas o certo he que nesta occasião Joseph he o que menos padece; porque Joseph em suas prisões està livre, & a Senhora em suas liberdades està presa; a affeyção, de que Joseph està livre, tem liberdade nas prisões, & a affeyção, de que a Senhora està presa, tem prisões na liberdade; em seus mesmos affectos tem os grilhões mais duros: pouco vay em que opprimão a Joseph duras cadeas, que não ha carcere fechado para hum animo que està livre; a Senhora livre, he que està de veras

Tom. V.

presa. Que grilhão mais duro, que hum affecto brãdo? Que carcere mais fechado, que hum coração rendido? Joseph ainda que estava cercado todo de cadeas: *Humiliaverunt in cõ-* Psal. *pedibus pedes ejus*, com o ^{104.} corpo preso, a alma estava ^{v. 18.} livre: *Ferrum pertransiit animam ejus*, outros lem do Grego: *Ferrum pertransiuit anima ejus*: as cadeas de Joseph não passaõ do corpo, & as liberdades da Senhora saõ prisões da alma. Assim estava Joseph livre quando preso, & assim estava a Senhora presa quando livre.

12 As prisões do corpo podem-se vencer; das prisões da alma não ha escapar. Quem imaginaria, vendo a portentosa valentia de Samsão, que podia haver para elle cousa alguma que fosse invencivel? Nenhums inimigos lhe podião resistir, nenhuma cadeas o podião prender; & com tudo sô os enganos de Dalila de todo o atáraõ, & de todo o perdê-

kk iij

raõ.

rao. Grande lastima, que o terror do Mundo, o assombro da fortaleza, o grito da fama, & o rayo da guerra, assim acabe às mãos de hū fogeyto tam fragil! Aquelle valor que rompia a dureza do ferro, como não basta para atropelar os laços de hum engano? Quem a rafaõ? Eyla vay, porque effes laços eraõ cadeas da alma, & as cadeas eraõ prisões do corpo; eis-ahi pois a rafaõ, porq̄ rópe hūas victorioso, & eis-ahi porq̄ outras o prendé vencido; hūas não o podem atar, outras não as sabe rōper; que são mais duros os laços que encadeão as inclinações dos affectos; hū affecto inclinado he o cativeyro mais duro. Daquella molher, de quem falla o Evangelista S. Lucas, dis Christo bem nosso que o Diabo a tinha presa: *Hanc autem filiam Abraham, quam alligavit Satanas.* Dezoyto annos havia que estava a tal molher do espirito maligno aprisionada, & que se achava enferma: *Quae habebat spiritum*

in firmitatis annis decem & octo; de sorte que a infirmitade era da alma: *Habebat spiritum infirmitatis*, & como durava havia annos, das demoras tessia o Diabo cadeas: *Quam alligavit Satanas*, & tudo isto nacia, como do Texto cōsta, de que vivia inclinada: *Et erat inclinata*, & por isso morria presa. Huma affeyção inclinada he huma prisão diabolica; o mesmo affecto que a inclinava era o grilhaõ que a prendia, & lhe tinha ao cativeyro do Demonio a alma fogeyta: & que cativeyro de hum fogeyto racional tam indigno! Cotejando o Doutor Angelico o cativeyro do corpo com o cativeyro da alma, avalia por peyor genero de escravidão, o ferver cõ a alma q̄ cõ o corpo: *Multo in dignius est servire mente, quã corpore.* Rara, & indisculpavel cegueyra! q̄ chegue hū homẽ a tal desêparo, q̄ se resolve a perder a liberdade, & o senhorio de si mesmo pelo logro de hū vil appetite, & de hū

Luc.
13.
p. 16.

p. 11.

S. Tho
m. 2. 2.
9. 104.
5. 3. 1

momentano deleyte, que ou se não alcança, ou a penas se logra quando acaba; trasendo consigo depois de logrado tantas occasiões de pena, sendo tanto mayor o gosto da liberdade,quão bem se emprega?

13 E que deleyte se pôde comparar, exclama neste passo Tertulliano, cõ o gosto de desprezar o mesmo deleyte? *Quæ maior voluptas, quàm fastidiũ ipsius voluptatis?* Põde haver gosto tam suave, & tam deleytoso, dis São Cypriano, como o deyxar o mesmo gosto vencido: *Voluptatem vicisse voluptas est maxima nec ulla maior est victoria quàm ea quæ de cupiditatibus refertur*: isto he alimentar-se hum fogeito com o senhorio da rafaõ, isto he conservar o alvedrio que sobre nossos affectos Deos nos ha dado, isto he ser verdadeyramente livres, o de mais he ser escravos; porque ninguem, como notou excellentemente Propercio, pôde ser livre, se quer viver ao amor

profano fogeito: *Nullus liber erit, si quid amare volet*. E que haja entre Catholicos peccadores tam rematados, de Deos tam desfaparados do demonio tam rendidos, q̃ volütariamente procurem o ser cativos de seus desordenados affectos, quando outros por alcançarem seu resgate metem todo o resto, & fazem tantos empenhos? Que escravo catholico, pergunto eu, está hoje em Argel, em Salè, ou Marrocos, que infinitamente não deseje sua redempçaõ, & que de boa vontade não largue tudo quão possue, por se ver livre de huma fervidão tam desapiadada, & molesta? Pois que competencia tem as crueldades que nos Christãos executão os Mouros, com as tyrannias que em os peccadores, que de seus appetites profanos se deyxão cativar, & prender, fas continuamente Lucifer? Eu considero que o mesmo he huma alma de seus appetites, & de suas liberdades

Tert.
Ad
not.in
L.de
Spe-
ctacul.
p.258.
S.Cy-
prian.
tom.3
de bo-
no pu-
dici-
tia.

presa, que perdida.

14 Dis Christo que veyo a este Mundo a salvar o que estava perdido:

Luc. 19. n. *Salvum facere quod perierat,* & São João accrescenta q̃ o Senhor viera a desfatar nossas cadeas :

In hoc venit filius Dei, ut dissolvat opera Diaboli : & pois vir

livrar ao homẽ atado, he vi-
lo a salvar perdido ? Sim, q̃

mais perdido estã por atado, que por perdido. Buscou o Divino Pastor a ovelha perdida :

Vadit ad illam quæ perierat, achoua com ventura, & reduzua com trabalhosa molestia:

Imponit in humeros suos gaudens. Em outra occasiã mandou o Senhor q̃ se desfataste o animal, & entrou nelle por Jerusalem triunfante:

Solvite, & adducite. Christo que em Jerusalem triunfa, he o Pastor que no deserto achou a ovelha ; a ovelha he o homem desgarrado, & perdido, no cõ-

mun sentir dos Interpretes sagrados; o animal atado significa o mesmo homem de luas solturas pre-

so : no que agora reparo he, que quando o Senhor achou a ovelha que se perdeu, não veyo tam applaudido, & quãdo mãdou desfatar ao bruto, de toda Jerusalem foy acclamado : E porque mais neste caso, que naquelle, tantos vivas, tantos triunfos, & tantos applausos ? Porque ainda que ambas as acções foraõ maravilhosas, com tudo o homem significado na ovelha sô estava perdido:

Quæ perierat, & significado no bruto estava atado:

Invenietis asinam alligatam, & cõparado o homẽ consigo mesmo perdido, muyto mais perdido esta-

va por atado; por isso he o mayor triunfo, & o mayor applauso. A ovelha dava passos para se perder, & as prisões embargavã ao bruto os meyos de se recuperar: a ovelha desgarrou do caminho q̃ devia seguir, & o animal estava preso ao desgarramento q̃ guiava a se despenhar ; tam perdido que se deyxava atar, aonde se conhecia perder. O que

nesta

Mat. 23. 21

Mat. 23. 21

nesta materia he mais para sentir, vem a ser, que muytas vezes objectos de muy pouca estima tem a hum homem na prisaõ mais dura; mas a verdade he, que com prisões fortes não ha objecto algum que seja fraco.

15. Dis o Texto Sagrado que El-Rey Nabuco estava preso com cadeas de ferro às ervas: *Alligetur vinculo ferreo, & aereo in herbis*. É pois às ervas tam faceis de arrancar se deyxá aquelle barbaro tam fortemente prender? Se fora a hum tronco, a hum marmore, a huma coluna, bem estava, mas que hum objecto tam fraco, hum objecto tam indigno, lance hum grilhão tam duro? *Vinculo ferreo in herbis*, sim, dis Theodoretto, que estava Nabuco sem juizo: *Demētia, & insania morbo correptus*, & quando o juizo falta, qualquer objecto, ainda, que indigno, põem em captiveyro; em havêdo raízes, atè as ervas lançaõ cadeas; & cõ cadeas fortes não ha

objecto algũ q̃ seja fraco, para arrácar vicios brádos não bastão os braços mais robustos. Por isso está tam vil, & tam indignamente preso Nabuco, porque está feyto hum bruto: *Cor feræ detur ei*, & hum bruto atado à erva, fas lisonja da cadea: *Vinculo ferreo in herbis*. Miseravel de hum peccador, que coufas tam vis, tam torpes, tam indecentes, & incapases o tem tam fortemente preso! huma honra falsa, huma affeyção caduca, huma fermosura enganosa, huma presumpção fantastica, huma vingança indigna. Que admiravel figura fas o Prodigio nesta lastimosa tragedia! Estava fortemente preso, estava rijamente atado, que isso quer diser o *adhæsit Luc.* do Texto: *adhæsit uni civium.* & de que objecto estava tam preso? De hum objecto taõ indigno, & tam cruel, q̃ o matava à fome: *Hic fame pereo*, estava estalado, estava-se cõsumindo, *v. 17.* estava esmorecêdo, & estava: *Hic fame pereo*, & por mais

Dan.
4.º.
32.

Theo.
dor.
Orat.
4.

mais q̄ perecia, não se defatava: *adhæsit*. Ha mayor lastima: se o prêdera o regalo, se o atãraõ as delicias, se foraõ grilhões as felicidades, se foraõ cadeas as hõras, era para sentir; mas que as fomes, que os despresos, que as lastimas, que as injurias, & que as miserias tenham força para atar, sejam cadeas para prender: *Hic fame pereo; adhæsit*? He o que mais se pôde sentir, não he para tolerar. A taes extremos chega este infortunio, que estã hum miseravel sentindo o rigor com que as cadeas o apertão, as tyrannias com que o grilhaõ o maltrata, & não acaba de se livrar; sente a dor, & padece o tormento, & como se fiser a lisonja do penoso, não acaba de romper o duro, & intoleravel laço.

Psal.
136.
v. 1.

16 *Super flumina Babylonis illic sedimus, & fleuimus, dum recordaremur tui Sion:* estão os Israelitas sobre as caudelosas correntes do rio que banhava os muros de Babylonia,

tristes, sentidos, & chorosos, deyxada já a doce, & suave harmonia de seus musicos instrumentos, & em silencio a alegre toada de seus cantares: *Suspendimus organa nostra: quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?* E escutando as sonoras quebradas do rio, & o brando ruido das agoas, lembrados de Siao: *Dũ recordaremur tui Sion*, cõparavão aquellas felicidades passadas, doces, & alegres quando posuhidas, com o rijo, & com o aspero de tam duro cativeyro, & nesta suspensão faudosa sobre as correntes do rio, eraõ rios as correntes dos olhos. Valhame Deos, miseros cativos! Se chorais o bem perdido, se sentis o mal presente, como não rompe a dor as prisões? Como não defata a pena as cadeas? Como se não formão azas para fugir tantas penas, que obrigaõ a chorar? Chorosos, *fleuimus*, & sentados: *sedimus*? Como lhe sofre o coração a estar tam de affento,

v. 2.º
4.

to, quem está tam sentido? Que obrigue a chorar o cativeyro, & que lembrados de Siao, assim se deyxem ficar como se estive-raõ esquecidos? Ha mayor insensibilidade, que sentir com extremo a dureza do cativeyro, & deyxarse estar cattivo? Estar amarrado, ao penoso, como fazendo gala do grilhão q̄ mais aperta, como se foraõ delicias os rigores das cadeas? Obriga a lagrymas o tormêto: *Flevimus*, & nenhuma diligência para cortar o laço: *Sedimus*? Não fey que mais ao vivo se pôde representar o lastimoso estado de hum peccador, que se vê de suas liberdades preso? Sente-se perdido, chora-se atado, lamentase cativo, & nem com a força do tormento se resolve ao remedio, nem desfas os laços que o enredão, nem rompe os grilhões que o atormê-tão, antes assim está sentido, assim está choroso: *Flevimus*, que se deyxar estar preso, que se deyxar estar sentido: *Sedimus*.

§. V.

17 **N**Aõ ha que admirar, que assim cheguem as solturas aprender: começaõ as cadeas pelos sentidos, & com os sentidos presos, não ha alma que esteja livre: aos ouvidos lançaõ os primeyros grilhões; para ouvir o que mais lhe convem sempre presos, & sô para ouvir o q̄ mais os deleyta sempre soltos. O Bautista em suas prisões estava taõ livre, que não sô ouvia as palavras de Christo, mas ainda as obras: *Cũ audisset invinculis opera Christi*, & Herodes em suas liberdades estava tam preso, que não ouvia os brados do Bautista: por isso o Bautista dizia que bradava no deserto: *Vox clamantis in deserto*, porque ainda que a Herodes se dirigião a aquellas brados: *Non licet tibi*, como Herodes os não ouvia, Herodes era o deserto em que o Bautista prega-

Ioan.

1.º.

23.

Mare

6.º.

18.

prégava ; porque a huma Rhetorica tam divina era huma penha surda, que tão to mais se endurecia, quãto mais o Bautista bradava, apostando rebeldias de pedra infensivel contra a efficacia do Prégador mais admiravel. O sentido do ouvir he a porta por onde entra mais frequentemente a graça divina, & esta he a rasão mais forçosa, porq̃ o Diabo fecha estas portas có tam fortes cadeas, que nem ainda depois de abertas parece se dão as prisões por rendidas. Trouxeraõ a Christo Redemptor nosso hum homem surdo, & mudo, & dis Saõ Marcos que pondo o Senhor os olhos no Ceo dera hum grande gemido! *Suspiciens in calum, ingemuit*, que parece atè a Deos fas gemer hum mal tam difficil de se curar; logo os ouvidos ficaraõ abertos: *Aper-tæ sunt aures ejus*, & as cadeas com que a lingua estava presa, se viraõ de repente desatadas: *Et solutum est vinculum linguæ ejus*. Agora pergunto eu:

Marc
7. v.
14.

9. 15.

& porque senão fas menção tambem das prisões dos ouvidos, se por isso mesmo este homem estava surdo, porque o uso deste sentido estava preso? Mais, se dis que logo começara a fallar: *Loquebatur rectè*, porque não dis que tambem começara logo a ouvir? O certo he, que o enfermo ficou saõ com toda a segurança, pois era o poder Divino o que o curava; mas paraque entendamos quam apertadas saõ as cadeas com que as liberdades do viver prendem o sentido do ouvir, ainda quando os ouvidos estaõ abertos: *Apertæ sunt aures ejus*, senão falla das prisões desatadas: disse o Evangelista que fallava, & não se dis que ouvia, paraque ainda depois de livre se advirtão os apertos com que estava preso.

18 Mas Herodes ainda que era hum peccador tam publico, com tudo dis o texto, que ouvia ao Bautista com gofsto: *Libenter eum audiebat*: he verdade que

Marc
6. v.
20.

que ouvia com gosto, mas não ouvia com fruto; & ouvir para senão emmendar, melhor fora não ouvir; como estava na occasião a que suas solturas prenderão os sentidos, ainda que parecia livre para ouvir, estava preso para se emmendar. No carcere ainda que as cadeas se sintão cahidas, a liberdade parece sonhada: carcere he para hum peccador a occasião de sua ruina. Chega hum Anjo a São Pedro que estava no carcere, desfalle as cadeas: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus*, & São Pedro nas experiencias do que succedia, parcialhe que sonhava: *Existimabat se visum videre*; a liberdade na cadeia, ainda quando he verdadeyra, parece sonhada: sáhiu São Pedro do carcere: *Et exiit* antes processerunt viciniam, & tanto que Pedro se viu fora, então se persuadiu de todo que estava livre: *Nunc scio verè, quia misit Dominus Angelum suum, & eripuit me de ma-*

nu Herodis: E pois agora sim, & antes não? Sim, que cadeas tiradas, estando ainda no carcere, posto que seja verdade, parece sonho.

19 Carcere he para hum peccador a occasião torpe, que o tras cegamente preso; pois por mais que as cadeas pareçaõ cahidas, então estão mais apertadas; que tal ves he artificio alargar a prisão, para perpetuar mais o cativeyro. Herodes ouvia, mas como estava no carcere da occasião que totalmente o perdia, melhor lhe fora não ouvir. Que ouvem os surdos manda dizer hoje o Salvador do Mundo ao Bautista, para prova das maravilhas que obrava: *Surdi audiunt*; & que quãdo ouvem os surdos, este são surdos os que ouvem, grande desgraça! não pôde chegar a mais miseravel estado hum peccador, que aperseverar em seus desatinos, depois de ouvir a voz de Deos, ou seja do pulpito, ou seja no Confis-

7.º.
Apost.
12.º.
7.º.
11.

Mat.
th. 11.
v. 5.

fio.

tionario pelos seus Prêgadores, & Ministros Evangelicos; porque como nella está o remedio, esse remedio frustrado, fas que seja irremediavel o dano.

Genes. Ubi es? Dis Deos ao nosso primeyro Pay no terreal parayso depois do arremço do feu peccado, & quer Santo Ambrosio que mais perguntara Deos a Adão pelo miseravel estado em que a sua culpa o tẽ posto, que pelo lugar em

que assiste: *Non in quo loco quero, sed in quo statu, quò te deduxerunt peccata:* Adverti bem agora; conforme ao sentir de muytos Interpretes, fugiu Adão para aquella mesma arvore, que fora a occasiã de sua ruina, & o que sobre tudo aggravava mais o caso he, que esta fugida para hum lugar tam occasionado á culpa, fosse depois de ouvir a voz de Deos que o chamava: *Cum audisset vocem Domini Dei deambulantis in paradyso*, pois essa he a rasiã, porque Adão está no estado mais lastimo-

so, porque depois de ouvir a voz Deos, torna ao mesmo lugar do delicto; se Adão não ouvisse, lastima grande fora, que outra ves a esse lugar tornasse, mas depois da divina palavra ouvida, não ficar a occasiã do peccado de todo abominada, isso he o que Deos mais sente: que hum peccador depois de ouvir, não acabe de se emmendar: *Cum audissent vocem Dei.*

20 O que resta he, que nos animemos a fair com tempo da occasiã que nos tras perdidos, & em que os vicios ha tantos annos nos tem presos: He este Mundo hum carcere, dis S. Jeronymo: *Mundus mihi carcer est*, o qual nos lança grilhões aos pès para a expedição dos melhores passos, nos lança manilhas às mãos para a execuçaõ dos melhores lanços, nos lança collares à garganta para a perfeysaõ dos melhores intentos; o qual nos prende a cabeça com a soberba, nos prende os pulsos com a cobardia, nos

São
Jerom.
Tom.
7.69.

Sant
Amb.
lib.de
Para-
dis.
fol.
102.

8.

prende

prende os movimentos cõ a negligencia, & finalmente desda cabeça atè a plãta nos entorpece a todo o corpo com a preguiça , & passando do corpo à alma, com o esquecimento nos prende a memoria, cõ a ignorancia o entendimento, com a malicia a vontade, & passando da alma aos sentidos , nos prende os olhos com a cegueyra, nos prende os ouvidos com a contumacia , nos prende o olfato com a rebeldia , nos prende o gosto com a intemperança, & nos prende o tacto com a grossaria ; se

nos queremos pois destas tam fortes, & tyrannas prições ver de todo livres , se desejamos sair do miseravel estado em que as culpas nos tem posto , apostemo-nos com firme resoluçãõ a ouvir a voz de Deos quando nos chama, porque nella temos o remedio mais seguro para emmendarmos a vida, o mais efficaç meyo para recuperarmos a graça, penhor da eterna gloria : *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Dominus Omnipotens.*

Amen.

F I M.



nos cueros pois de
 tam fortes & tyranas
 ficos ver de todo livres
 delemos sair do milia
 vel estado em que as cul
 pas nos tem posto, apote
 mo nos com firme resolu
 cao a ouvir a voz de Deus
 quando nos chama por que
 nella temos o remedio
 mais seguro para encon
 darmos a vida mais chi
 ca e meo para recuar
 nos a si, e pensar da
 contra gloria: Quia in
 & vobis prope dignitas
 Dominus omnipotens

prende os movimentos
 angustia & insalva
 te de la cabeca ate a pla
 ta nos catopos a todo o
 corpo com a preguica &
 pallando do corpo a alma
 com o elucementos nos
 prende a memoria a ig
 norancia o entendi
 com a malicia vontade
 pallando da alma nos ten
 tidos, nos prende os olhos
 contra a natureza nos pre
 he os ouvidos com a con
 traria, nos prende o ol
 tato com a rebeldia, nos
 prende o palato com a in
 temperancia, nos prende
 o tato com a grossaria

F I M





INDICE

D A S

Cousas mais notaveis DESTA QUINTA PARTE.

*A letra S. significa o Sermão, & o N.
o numero marginal.*

A

Adorar.



Dorar o interesse, he dos que tem o nacimiento mais humilde, a-

adorar a pessoa, he sò dos mais nobres no sangue, & levantados nos postos. S. 11. n. 2.

Nas Cortes do Mundo to-
Tom. V.

das as que se chamão adoraciones são lisonjas, porque senão adora a pessoa, senão a propria convenienciã. S. 14. n. 14.
Vide pedir.

Affecto.

O que he desordenadamente empenhado, na mesma liberdade está preso. S. 18. n. 13.

Affecto que se acha inclinado, he o cativeyro

Ll mais

mais dâro. n. 12.

Ha homens, que voluntariamente procuraõ o ser cativos de seus desordenados affectos, quando outros metem todo o resto, para alcançarem seu resgate. n. 13. & 14.

Affrontas.

Dissimular a affronta com que hã fugeyto se imagina deslufido, he da sua fidalguia o mais veridico testemunho. S. 4. n. 16.

Corresponder ao offensor, que me fes a affrõta, com beneficios, he attributo q̃ anda annexo a animos principes. S. 4. n. 15. Vide vingança.

Aggravos.

Vide affrõtas. Vide beneficios, Vide inimigos.

Alma.

As prisoões do corpo podem se vencer, das prisoões da alma não ha escapar. S.

18. n. 12.

O mesmo he huma alma de suas liberdades, & de seus appetites presa, que perdida. S. 18. n. 14.

Amigos.

Vide Deos. Vide inimigade.

Amifade.

Em amifade fundou Deos ao Mundo, & para estabelecer a uniã da amifade propagou ao Mundo com o matrimonio. S. 5. n. 4. & 5.

Ama Deos a uniã da amifade, dos homens com hum tam singular affecto, que sô se pòde provar com encarecimentos. n. 6.

Tanto ama Deos a amifade dos homens, que trocou a ordem dos Sacramentos para morrer pelos homens uniãos. n. 8.

Com os amigos he que se conserva hũa casa com mayor segurança. n. 9.

Tanto ao poderoso como ao

ao vil se ha de procurar
de ter por amigo, por-
que para fafer mal todo
o inimigo he poderoso.
n. 10.

A amifade faõ as melho-
res armas, com que se
pòde hum Reyno de-
fender. n. 11.

Com a arma da amifade
poderá Portugal con-
servar a Chaga do Lado
de Christo, com que a-
tègora o têm o Senhor
defendido. n. 12.

Com o Principe Jonathas
falla a amifade de Da-
vid. n. 15.

Da fidelidade, da constan-
cia, & união vem acom-
panhada a amifade. n. 13.

Descrêve-se a amifade, &
o traje, de que vem a-
dornada.

A amifade dos homês que-
bra na precedencia, & no
interesse. n. 16. & 17.

Em acabando a nossa con-
veniencia fenecceu de
todo a nossa a amifade.
n. 18.

Quebra a amifade dos ho-
mens na mudança, por-
que està às variedades

do tempo exposta. n. 19.
Com os olhos na casa, &
não com a pessoa he que
se contrata a amifade
humana. n. 19.

Não se deve pôr nos ami-
gos do Mundo a nossa
esperança, porque a sua
amifade não té rais. n. 20.

Diferença, que ha entre a
amifade de Deos, & a a-
mifade humana. n. 22.

Amor. Amar.

O que dependeu dos o-
lhos pòde acharse de
duvidoso, & sô o que
não respeytou as vistas
se pòde calificar de ex-
cessivo. S. 7. n. 3.

Não he a melhor proprie-
dade do amor o ser dif-
creto, o ser cego he o
que té mais de fino. n. 5.

A todos ha de amar muy
de veras quem deseja
fer amado de todos, por-
que sô com hum amor
outro amor se cõquista.
S. 8. n. 3.

O amor té muyto de mag-
netico. Ibidem.

A mayor valentia do amor
Ll ij he

- he transformar em verdadeyros amigos os mayores contrarios. Ibidé.
- A fineza mais heroyca, & realçada he amar, quando ha motivos para aborrecer. n. 4.
- Então chega o amor a ser fino, quando doque era motivo para o odio, faz rafaão para o amor. n. 5.
- Aonde o amor he mayor, ahi mais claramente se manifesta. S. 9. n. 3.
- Nenhum amor humano he amor de sustancia, se não accidente que necessita de preceyto. n. 14.
- Poderà o amor ser de sustancia na observancia dos mandamentos. n. 15.
- O mais a que podem chegar os artificios do amor, he a fafer ignoradas as penas padecidas. S. 10. n. 11.
- O que se prèsa de grande amante, no buscar as penas manifesta que as conhece, & no soffrellas mostra que as ignora. Ibidem.
- Huma fineza de amor escondida, sempre foy a mais estimada. S. 13. n. 8.
- Naõ he muyto pareça morte o amor, fendo o amor tam parecido à morte. n. 15.
- Naõ ha peso tam excessivo, que o amor não faça facil. n. 14.
- Os empenhos do amor não tem tanto o preço na grandesa, quanto a grãdesa na pressa. Serm. 14. n. 11.
- O aspecto de hum amante indignado, & colerico motiva ao amado não pequeno receyo. S. 16. n. 18. Vide coraçaõ.

Santa Anna.

Heo thesouro verdadeyramente escõdido, a que he o Ceo semelhante. S. 17. n. 3.

Naõ ha entendimento que perceba as excellencias, & grãdesas de Santa Anna. Ibidem, & n. 4.

Tudo em Santa Anna está dobrado, & por isso não he muyto esteja em sua mesma grandesa escondida. n. 6.

Havia em Santa Anna hũ thesouro dobrado, porque nella havia muytos thesouros escondidos.

Ibidem.n.7.

Sãta Anna em quanto mãy de tal Filha, he força que se retire escondida, porque nem a capacidade do Ceo he digno theatro de sua grandesa.

Ibidem.

Sò por tal Filha se pòde regular a immensa grandesa de Anna. Ibidẽ.n.8.

Sendo Santa Anna tam semelhante a sua Filha Sãtissima, nenhuma outra creatura lhe pòde ser semelhante. n.9.

Como Santa Anna he o thesouro de Deos, neste thesouro tem Deos empregado o seu coraçãõ. num. 10.

Por faser a Santa Anna thesouro rico, chegou o Ceo a ficar pobre. Ibidẽ.

Trocou Sãta Anna a Deos o desejo em gosto. Ibidẽ.

Deyxou hũ homem figura de Deos (por lograr a Santa Anna) tudo o que possuhia, porque achou

Tom. V.

neste thesouro tudo o que estimava. n. 11.

Tanto fas Deos por Santa Anna, quanto quer que nõs façamos pelo Ceo. Ibidem.

Antes mais fes Deos por Santa Anna, doque os homens costumãõ faser pelo Ceo. n. 12.

Por comprar este thesouro de Santa Anna vende Deos com alegria. Ibidẽ.

Naõ sò na constancia do gosto, mas na estimaçaõ do preço fas Deos excessos por este thesouro de Santa Anna. n. 13.

He Santa Anna hum thesouro de tanta estima, q̃ não cabe nos limites da compra. n. 14.

Ficou a pessoa de Santa Anna mais engrandecida, porque atẽ nas prendas se fes estimada. n. 17.

Atẽ o campo, em que se descobrio o thesouro de Santa Anna, se venera, porque este thesouro como em seu throno o habita. n. 15.

Negociar os beneficios do Ceo aos homens he to-

Ll iij do

do o empenho de Santa Anna. Ibidem.

Significa Santa Anna clemencia , & com Santa Anna se viu a clemencia de Maria mais duplicada. Ibidem.

Corre muy liberal a fonte de Maria apertada ao peyto de Anna. n. 16.

He muyto o que negocea Santa Anna em nosso favor. n. 17.

Nenhuma coufa podemos pedir a Deos por meyo do patrocínio de Santa Anna, que não alcancemos. n. 18.

Anjo. Vide Sepultura.

Annos.

Os que se gastàraõ sem obras, & sem conta , não são de conta, são annos muy mal medidos. S. 6. n. 10. & 11.

Sò os que se empregàraõ em virtudes , & obras meritorias, são annos cheyos, & confumados. Ibidem. Vide Vida.

Appetites. Vide alma.

B.

Bayxel.

D Escreve-se hum bayxel à vela. S. 2. n. 1.

Beneficios.

Mais he para temer de Deos hũ beneficio , que hum trabalho S. 3. n. 18.

O beneficio q̄ se fas à visita do mayor aggravo, rende ao inimigo , que na crueldade do odio era huma affanhada fera. Vide

Affrontas. Vide Dadivas.

Bens da Igreja.

Vide Dinheyro.

C.

Cadeas. Vide Vicios.

Calumnias.

H E a calumnia huma refinada peçonha, de que se origina a morte a muy-

a muytas peſſoas. S. 3. n. 7.
São as calúnias ſettas her-
vadas, q̄ deſpede o mal-
diſente do arco da lin-
gua. n. 8.

Para o trefpaſſo, que ſas a
lingoa com a calumnia,
não ha remedio q̄ poſſa
atalhallo. n. 7.

Carcere.

He eſte Mundo hum car-
cere, que por todos os
lados nos prende. S. 18.
n. 20. Vide Peccador.

Caſtigo.

O que começa pelos gran-
des he pronosico do ri-
gor, que ſe ha de execu-
tar com os pequenos. S.
16. n. 3. Vide Prègador.

Cativeyro. Vide Affecto.

S. Catherina V. & M.

Foy venturoſa em ſer ef-
colhida por ſabia, & en-
tendida. S. 10. n. 2.
Arrojou-ſe intrepida às
ondas do mar irado,
quando a tēpeſtade das

perſeguições mais ſe
embravecia, para mere-
cer a mão do Divino
Eſpoſo. num. 7.

Então mais vêturoſa, quã-
do mais arriscada. Ibidẽ.

Para correfponder a ſeu
Eſpoſo Divino, achou
que não baſtava ſofrer
penas executadas, ſenão
buscallas côhecidas. n. 8.

Como era Sol por enten-
dida, & por abraſada,
ſes na terra o que coſtu-
ma faſer o Sol no Ceo.
num. 9.

Eſteve a fineſa do auiſo de
Catherina em conhecer
o rigor cõ que o tyran-
no atormentava, & buſ-
car os tormêtos que co-
nhecia. Ibidem.

Naõ he muyto q̄ ſe achaf-
ſem em Catherina as fi-
neſas mais delgadas, po-
is arẽ as ignorancias ſes
diſcretas. n. 9.

Para padecer os tormen-
tos teve muyto ſaber, &
para os não temer muy-
to ignorar. n. 11.

Com ſuas luzes não ſõ vè-
ceu Catherina as trevas
da ignorancia, mas ven-

- ceu como Sol as luzes da fabledoria. n. 12.
- No Ceo da Igreja he Catherina hum Sol. Ibidē.
- Venceu a Sabios , & foy mayor victoria , que deyxar ao Inferno destruido. n. 13.
- Nunca o furor de Marte chegou com as armas aonde Catherina chegou com as letras. n. 14.
- Rendeu a Sabios os juifos, & foy mayor victoria, que se cortasse cabeças. num. 15.
- Em vencer a Sabios disputando alcançou huma victoria Angelica , ou divina. n. 16.
- Obrou em Catherina a mesma mão do Divino Esposo , que obrara no Bautista. u. 18.
- Em fazer callar , & emmudecer aos sabios igualou na terra ao mayor prodio no Ceo. Ibidem.
- Sendo Catherina Cordey-
ra na pureza , foy com o seu livro aberto no vé-
cer Leão , & por isso lo-
gra tantas coroas. n. 19.
- Pouco fora deyxar Catherina aos Sabios vécidos, se os não offerecera a seu Divino Esposo mudados, convencidos , & victoriosos ; porque he victoria, o ser de Catherina vencido.. n. 20.
- Foy Sãta Catherina a Estrella dalva do Sol Divino , quando lhe trouxe a muytos sabios para que o adorassem. n. 20. & 21.
- Foy em Alexandria huma Estrella , que dominou Sabios. Ibidem.
- He por Antonomastia a Estrella do Divino Sol, porque levanta sò mais trofeos, que todas as estrellas juntas. n. 22.
- Foy Sãta Catherina digna de a escolher Christo por Esposa, porque a cõtemplou sabia como Sol. S. 10. n. 3.
- Deyxou o Divino Esposo os braços de sua Mãe Santissima pelos de Sãta Catherina. n. 4.
- E comprio à risca o que manda, que he deyxar a mãe pela esposa. Ibidē.
- Sò tam alta fabledoria como

mo a de Catherina podia obrigar a Chriſto a ſe perder pella achar, & deyxar a companhia da Senhora por lhe aſſiſtir. num. 5.

No carcere ſe vio aſſiſtida de Anjos, & huma Póba lhe traſia não ſò as cedulas de ſeu Divino Eſpoſo, mas tambem o alimêto, de que ſe refaſia. n. 23.

Não pode atemorizar a Catherina a roda de penetrantes navalhas, em que a mandou lançar a tyrânia, nem a crueldade dos golpes, que recebeu em ſeu puriſſimo corpo. n. 24; & 25.

Quanto mais ſe multiplicavão os golpes, mais ſe lhe intédia o amor. Ibid.

Grande ſinal de juifo foy em Santa Catherina o verſe nella tanta conſtancia em tanta pena. num. 25.

Ainda excedeu Santa Catherina o Sol na conſtancia, foy hum relógio do Sol Divino. Ibidem.

Deſpreſou as coroas, q̄ lhe offereceu o tyrão. n. 26.

De Roſa de Alexandria eſtimava mais a purpura de ſangue, que a Coroa imperial, & então conſerva melhor a palma de Virgem, & Martyr. Ibid.

Foy levada dos Anjos a receber coroas com mayor triunfo, que o Santo Lazaro. Ibidem.

Por conta dos Anjos he que correu o enterro de Catherina. n. 27.

Todos os celeſtiaes eſpiritos ſe admirarão de averem ir ſubindo para o Ceo tam enriquecida de merecimentos. Ibidem.

Da garganta de Catherina degollada mana não ſò ſangue, mas leyte, como da garganta de Paulo. num. 27.

Ambos tem por inſignia de ſuas armas a eſpada, com que ſe defende a Igreja. Ibidem.

E todos ſeus devotos tem em Catherina huma poderosa valedora diante de Deos. Ibidem.

Ceo.

He ſemelhante a hum theſouro eſcondido. S. 17. n. 3.

Chriſto

- Christo Senhor nosso.*
 Com heroyca prudencia se portou Christo, quando o atáraõ à columna. S. 2. n. 23.
- De Christo atado à columna foy David huma verdadeyra sombra. Ibidé.
- Não ha coraçãõ tam duro como huma pedra, que se não desfaça em lagrymas pelos olhos com a memoria de Christo ferido em huma columna. n. 24.
- Foy David hum natural retrato de Christo desde Horto até o Calvario. Então se presou mais Christo de ser Filho de Deos, quando feyto advogado de seus inimigos mais propicio, lhe requeria o perdão de suas offensas. S. 8. n. 20.
- Para Christo padecer os trabalhos teve muyto saber, & para os não temer, teve muyto ignorar. S. 10. n. 11.
- Circuncisaõ de Christo.*
 Tam grande era a sede que tinha Christo de padecer, que tanto tempo lhe pareceu o viver oytos dias em esperança das penas, como trinta & tres annos no exercicio do padecer. S. 6. n. 4.
- Desejava Christo tanto o dar na Circuncisaõ o seu sangue, que se tardara mais o ferro, se adiantara o sangue a romper as veas. n. 5.
- O golpe da Circuncisaõ não parou sò no sentimento do corpo, mas tocou nos credits da Divindade. n. 6.
- Foy o mayor extremo da finesa o receber Christo hum golpe com tanta contingencia de sua Divindade, sò por satisfazer às ansias de seu excessivo desejo. n. 7. & 8.
- Dã-se a rafaõ, porque calou o Evangelista o acto da Circuncisaõ, não passando em silencio os dias que tinha já de nascido. n. 12. Vide Nome de J E S V.
- Santa Clara.*
 Foy a propria luz. S. 13. n. 2.
 Teve resplandores de luz quan-

quando sonhada, & raios de Sol quando nascida. Ibidem.

Para nacer hum Sol tam adornado de perfeções como Santa Clara, justamente precedeu primeyro em hum sonho a luz. n.3.

Foy primeyro pronosticada luz para nacer como Sol, & como Sol foy do Esposo Divino escolhida. Ibidem.

Fes Clara cessaõ de bens, não para fair, mas para nas prisões do carcere religioso entrar. n.4.

Deyxou o Mundo, quando este com suas grandefas, & esperanças mais a lisongeava. n.5.

Em fair Santa Clara de sua casa de noyte, & fugitiva, para buscar a seu Divino Esposo, parece que sahio de si. n.6.

Poderia dizer o Mundo que esta acção de Santa Clara fora locura, mas Clara quer exceder com as finesas do Amor Divino as locuras do amor profano. Ibidem.

Igualando Santa Clara cõ a finesa a locura, obrou por seu Esposo a mayor finesa. n.7.

Mostrou-se avantejada nas finesas à Magdalena. Ibidem, & n.9. & 10.

Em outros muytos fes o amor à sabedoria louca, & em Santa Clara fes o Amor Divino à locura sabia. Ibidem.

Para lançar a barra a todo o excessivo, foy o excessivo em S. Clara muyto considerado. n.8.

Sem esperar que amanhecesse, sahio Santa Clara a buscar ao Esposo Divino, escondendo com as sombras da noyte as finesas, para que fosse de seu Esposo mais estimada. Ibidem.

Cortoulhe São Francisco os cabellos, & sendo Sol, quando se viu com os raios diminuidos, se achou com os olhos enxutos. n.9.

Mais fes S. Clara em não chorar, quando a occasião o pedia, do que fiserá em chorar, quando a

fine.

- fineza a obrigava. n. 10. a Raquel. Ibidem.
 Para coroar suas finezas ar- Estava Sãta Clara mais firme para resistir às diligencias que fiserão seus
 roja Santa Clara aos pès de seu querido Esposo não coroas de ouro, mas paes, & parêtes, para que
 não coroas de ouro, mas o ouro de seus cabellos. tornasse atrás de seu in-
 Ibidem. tento, doque o Sol para
 Ajuntou na flor da idade Josuè vencer. n. 13.
 cõ a Primavera o Estio, Obrigou Santa Clara com
 o tempo do cortar com seu exemplo a muytas
 o tẽpo do florecer. Ibid. Senhoras, & Princesas a
 Trocou este Sol o ardor que corresse a pos do
 no mais lufido por hum cheyro desta Rosa, para
 sacco de cilicio, & por fabricarẽ o melhor jar-
 hũ eclipse de burel. n. 11. dim da Igreja. Ibidem.
 Quando o Sol no final jui- Era hum Anjo que estava
 fo farã lutos das galas, S. na sepultura, & por isso
 Clara fas gala dos lutos. foy tam poderosa para
 Ibidem. a tantos attrahir, & com
 Tendo luzes de Sol, he o seu exemplo obrigar.
 prodigio, que fugitiva num. 13.
 no deserto se esconda, & Santa Clara sendo molher
 occulte. n. 12. pör natureza, parecia
 Quis viver na sepultura de Anjo na vida. n. 14.
 huma cella enterrada na Teve hum corpo tam pu-
 vida, sò por viver def- ro, que tinha muytas
 terrada da terra. Ibidem. propriedades de espiri-
 Podia-se chamar a cella to. n. 14. & 15.
 de Sãta Clara sepulchro Transportada no mysterio
 do Sol. Ibidem. do Divinissimo Sacra-
 Obrou Clara por fineza o q̃ mento, & nelle transfor-
 la Raquel padeceu por mada por amor, em tudo
 força. Ibidem. o representava. n. 15.
 Fes Santa Clara ventagem Não he muyto sustentasse
 mi-

- milagrosamente a grande numero de Religioſas com hum ſo Pão, que ſuſtentou o Divino pão com ſuas mãos. n. 16.
- Alcançou o Sacraméto nas mãos de S. Clara igual victoria á que alcançou nas mãos de Chriſto. Ibidem.
- Era a mão de Clara, & a de ſeu Eſpoſo a meſma, & por iſſo havia de obrar prodigios, ſendo as peſſoas diverſas. n. 17.
- Não ſervio a morte a Clara de pena, ſenão de feſta, & de gloria. Ibidem.
- Antes de ſepultada a quis Canonizar o Summo Põ-tifice. Ibidem.
- Aſſas vive Santa Clara nas Eſtrellas que nos deyxou por herdeyras da ſua luz n. 18.
- São as filhas de Santa Clara, porque nada tem de terra, todas eſtrellas do Ceo. Ibidem.
- Moſtra-fe no que ſão eſtrellas. n. 19.
- A peſar de todas as ſombras hão de luſir ſempre as filhas de Santa Clara contra o terror do inferno, contra quem ſe arma eſte luſido exercito. n. 20
- Tudo tem de eſtrellas, ſenão a noyte. Ibidem.
- São eſtrellas da manhã, & eſtrellas muſicas. Ibidem.
- Todas ſão eſtrellas Claras, ainda que algumas ſejaõ de pouco nacidas. n. 21.
- Colera. Vide ira.*
- Conciencia.*
- Ha de ſer eſcrupuloſa, & ha de ſer reſoluta. S. 12. num. 16.
- Eſcrupuloſa em quebrantar a palavra, que ſe deu a Deos de emendar a vida, de o ſervir, de o amar. Ibidem.
- Reſoluta em obedecer com toda a preſteſa às inſpirações, & avisos do Ceo. num. 17.
- Coração.*
- O que he leal, & para todos aberto, he da fe o mayor argumento. S. 2. n. 3.
- Poderſe ha ſofrer o roubo de hum proprio filho, mas para diſſimular o furto do amor, & do coraçaõ,

raçaõ, não ha a quẽ lhe
não falte o sofrimento.

S.9.n.7.

Vide homem. Vide alma.

Corpo.

Credito.

He melhor prato que o do
guifado. S. i.n. 17.

Vide fama.

Culpa.

Chegaõ os homens a estar
tam empenhados com a
culpa, que desprezaõ o
que he santo, sò por li-
fongear ao seu vicio. S.
18.n.3.

A culpa que he o mayor
mal, nos parece bem, &
a virtude que he o ma-
yor bem, nos parece mal.
n.4.

D

Dadivas.

NAõ ha coraçãõ em
seu odio tam obsti-
nado, a quẽ as dadivas não
conquistem, & os bene-
ficios não rendaõ. S. 8.
num.6.

David.

Descrevê-se as suas pren-
das. S.4.n.3.

Foy retrato de Christo cõ

a Cruz ao hombro. S. 4.
n.20.

Como hum cavalleyro A-
fricano se mostrou Da-
vid à vista de Saul atrey-
çoado, muyto prudente.
S.2.n.17.

Demonio.

Vide cativeyro.

Deos.

Em Deos se vêcer a si mes-
mo perdoando pecca-
dos, he que se mostra
mais poderoso. S.4.n.18.

A victoria mais digna de
hum Deos, he vencerse a
si, porque he vencer a
Deos. n. 19. & 20.

Deos he amigo sem prece-
dencia, sem interesse, &
sem mudãça. S. 5. n.16.
17.18.19.

Em Deos unicamentè se
ha de fundar a nossa es-
perança, porque he a sua
amifade arvore firme cõ
rais. S.5.n.20.

Buscar a Deos no tempo
do regalo, & do alivio
he ignorancia, sò busca-
do no tempo aspero de
tempestade, & persegui-
çaõ, he o amor mais fi-
no. S.10.n.6.

Muytos

Muytos confessaõ com a boca que conhecem a Deos, & com as obras o negaõ. S. 12. n. 4., & 5.

Dar a Deos a mão de o servir, & de fogir de todas as occasiões de o offender, & tornalla logo a recolher, he final de re-provaçãõ, & da eterna desgraça de Deos. S. 12. num. 16.

Mayor cabedal se require para possuir a Deos, que para o buscar. S. 14. n. 22.

Quem chegou a lograr a Deos possuido, nunca mais o deve permittir arriscado. Ibidem. Vide beneficios, vide Christo, vide amifade.

Deos Menino no Presepio.

Quando se mostra no Presepio mais humilhado, então se manifesta mais poderoso. S. 14. n. 3. & n. 5.

Renderam-se os Reis do Oriente a Deos Menino, não a titulo de Divindade poderosa, mas a titulo de Magestade humilhada. Ibidem.

As luzes deste novo Sol asombrão as luzes do Oriente. n. 3.

He este hum empenho tam Divino, que podera parecer à mesma Divindade difficultoso. n. 4.

Parece se mostra Deos mais Deos, quando Menino, pois atè os mesmos contrarios o manifestaõ. n. 5.

Mais poderoso o ha de declarar a luz suave, que o poder mais absoluto. n. 6.

Vide poder, vide Reis.

Delicto.

Vide culpa. Vide maldade. Vide voz de Deos.

Despresar.

Em despresar o precioso se vem os mais subidos quilates do fino. S. 17. num. 13.

Dignidade.

Nada ha no Mundo mais arriscado, que o sublime de huma dignidade, que parece mais solida, & firme. S. 11. n. 6.

Dinheyro.

He milagre não ir para a bolsa, & para o gasto da casa o dinheyro publi-

co, que corre pelas mãos de muytos ministros da Republica. Ibidem.

Naõ sabem estes ministros a especie do repartir, nẽ do multiplicar, senão sò a dediminuir. n. 12.

São indignos estes taes ministros de servirem ao Rey, & de occuparem os postos da Republica. num. 13.

Tudo o mal adquirido que lograõ, em breve o verraõ consumido. Ibidem.

He grande iniquidade, que vã para a bolsa do particular o dinheyro do tributo, que custou ao pobre gottas de sangue. num. 14.

Ha de se dispender esse dinheyro no bem cõmum do Reyno, & da Republica, que esse he o fim com que o pedem os Reis aos vassallos. Ibidẽ.

Guardem-se os que lhe vẽ às mãos o dinheyro que pertence à Igreja, de lhe lançar mão para o seu particular gasto, porque se perderaõ sem remedio. n. 15.

Dissimular.
Vide affrontas. Vide vingança.

E

EXcessos. Vide semelhanças.

Elefante.

He geroglifico da vingança. S. 4. n. 1.

Eloquencia.

Describe-se a sagrada, & a humana. S. 1. n. 14.

Entendimento.

O que sabe as resoluções de minha vontade, he privado mais sciente, que o que sabe as propostas de meu entendimento. S. 7. n. 10.

Naõ he menos senhorear a hum entendimento presumido, que a muytos demonios contumases. S. 10. n. 13. Vide Juisos.

Espirito.

Hum espirito em que tudo està dobrado, naõ he muyto, que esteja em sua mesma grandesa escondido. S. 7. n. 6.

Espirito Santo.

Na vinda do Espirito Santo

to

to quasi que encarnou
essa Divina terceyra Pef-
soa em forma de lingoa.

S.9.n.1.

Nesta encarnaçãõ do amor
parece que se nos deu
mais, que na Encarna-
çãõ real do Divino Ver-
bo. Ibidem.

Foy mayor a dadiva do
Espirito Santo, porque
foy claramente manifes-
ta. n. 3.

O Verbo fez-se buscado na
Lapinha por força de
armas, o Espirito Santo
fe fez adorado por força
de estrella, & de sympa-
thia. n. 4.

O fogo do amor, ou a cha-
ma do Espirito Santo
foy a que effeytuou a
nossa Redempçãõ. n. 5.

Parece que fas nos effeytos
algun excessõ à dadiva
do Verbo a dadiva do
Espirito Santo, porque
nesta se nos cõmunicou
o coraçãõ, & o mesmo a-
mor. n. 6.

No Verbo tinhão os ho-
mens hum Deos de bel-
la luz, no Espirito San-
to tem hum Deos de bõ

Tom. V.

ar, que he o melhor para
o pacifico governo do
Mundo. n. 8.

O Verbo veyo ao Mundo
muyto de corrida, para
voltar outra vez para o
Ceo; o Espirito Santo
veyo para habitar em
nõs de assento. n. 9.

Naõ escolheu o Espirito
Santo o Sol para lustro-
sa gala de sua soberania,
senão huma parte dessa
esfera do fogo mais pu-
ra. n. 10.

Com a dadiva do Espirito
Santo esgottou o Eterno
Pay os thesouros de sua
liberalidade. n. 11.

He o Espirito Santo o dia-
dema, & a coroa da Trin-
dade, & sò pelo attribu-
to da misericordia se
coroa. n. 12.

Tanto pode o Espirito Sã-
to com este attributo da
misericordia, que com
elle ao seũ querer abala
o attributo da Omni-
potencia. Ibidem.

Interpondo a vontade o
Espirito Santo de que fi-
que hum peccador per-
doado, logo o poder da

Mm jus-

justiça se inclina , para-
que se lhe remitta toda
a culpa.n.13.

Enveja. Envejofo.

He bayxa no berço , por-
que enveja o que não tẽ,
& antes se quer ver aba-
tida,que avantejada.f. 1.
num.7.

Chega-se a castigar cõ ul-
trajes na mesma acção,
em que procura eclipsar
os augmentos. Ibidem.

Não ha vicio de mayor
justiça q̃ a enveja , por-
que come a seu dono.n.8

He a mais desinteressada,
porque despresa o pro-
prio commodo , sò por
atalhar o proveyto a-
lheyo. Ibidem.

He a enveja nobre no tiro,
porque a tira à cabeça ,
& ao pè.n.9.

Mais se affronta a Enveja
de hũa boa cabeça, que
da feresa de hum mão
coração. Ibidem.

Como em si não sente
partes hum envejofo,
contenta-se com deslu-
fir aos outros , & desco-
brir nelles defeitos.Ibi-
dem.

He semelhante á pedi-
nha que derrubou a Es-
tatua de Nabuco.n.10.

Toda a ancia de hum en-
vejofo he ver despenha-
do o mayor lusimento a
quem aborrece.n.11.

Os golpes que tira a En-
veja engrandecem mais
ao Envejado , & com as
mesmas perseguições
lhe fabrica a coroa.n.12

Esconder.

Sempre o Escondido foy
credito do mais levan-
tado.S.17.n.5.

Esconderse, porque a grã-
desa he excessiva,essa he
a mayor grandesa. Ibi-
dem.

F.

Fama.

A Melhor fama , & o-
piniaõ he a ganha-
da não por amor , mas
por conceyto.S.1.n.15.

Mais preciosa he a melhor
fama , & opiniaõ que a
melhor vida.n.16.

Não ha fragrancia mais
peregrina , que a da fa-
ma,& do credito. n.18.

Para

Para ſe conſervar a fama ſem diminuição de ſeu luſtre, ſe ha de fazer do que dirão muyto caſo. n. 19. & 20. Vide credito.

Fê.

A prova mais evidente, cõ que ſe declara a fê, que he legitima, & nada tem de affectada, ſão as obras. S. 12. n. 3.

Para hum moſtrar que tem verdadeyra fê, ha de obrar o meſmo q̄ crê. n. 2.

Andão entre ſi muyto unidas a fê, & as obras. n. 3.

Com as obras que faſem, negão, & deſmentem muytos a fê que profefãõ. n. 4., & 5.

He erro o cuydar que ſò a fê ſem obras he baſtante para a ſalvação, porque eſta ſò aos que bem crê, & bem obraõ he concedida. n. 5.

Vide mãos.

Felicidades. Vide Mundo.

Fenis.

Deſcreve-ſe a ave Fenis. S. 5. n. 1.

He geroglyfico da amiſade

intacta. Ibidem.

Fogir.

Naõ he todo o fogir cobardia, antes para evitar a occaſião peccaminofa he prudencia, & grande victoria. S. 14. n. 20.

G.

Gloria.

FAzer motivo de gloria que cuſtuma ſer argumento de pena, he exceder fineſas, porque he obrar excessos. S. 17. num. 12.

Governo.

Em o que he depravado, para os q̄ ſão mais dignos, & virtuoſos ſão as perfeguições, & injuſtiças, & para os indignos de viver he o triunfar. S. 18. n. 5.

Grandes. Vide Caſtigo.

Gratidão.

He de Deos huma virtude muy prefada. S. 3. n. 15

H.*Homem.*

O Ingrato he peyor, & mais para temido, q̃ o mesmo Demonio. S. 3. num. 14.

Homem de coração liso val por quatro, homem de peyto dobrado não val por hum. S. 2. n. 6.

Para se evitar a comunicação de hum homem perverso, & vicioso, he necessario divertir delle o caminho, & fogir do seu trato, & comércio. S. 14. num. 19., & 20.

Ignorancia.

Vide sabedoria.

Ingratidaç.

He hum vicio, de que o mesmo Demonio se afronta. S. 3. n. 14.

Não ha peyores peccados, que os ingratos, porque são comerttidos pelos attributos. n. 17.

Vide peccados.

Infamia.

Vide calunnia.

Inimigos.

O que se retira do seu inimigo, esse he o que sahe delle mais victorioso. S. 4. n. 12.

Aponta-se a traça, com que se podem fazer de inimigos mais malevolos os mais intimos amigos. S. 8. n. 2. & *ulterius.*

Hey de amar a quem me não ama com amor de coração. n. 3.

Hey de fazer bem aos inimigos para os transformar em amigos. n. 6.

Não ha inimigo tam assanhado, & rayvoso, a que os beneficios não abrandem, & os donativos não convertão. *Ibidem*, & n. 7., & 8.

Hey de lançar mil benções ao inimigo, que me roga mil pragas, & deseja que cayão sobre mim maldições. n. 9.

Não pôde haver melhor vingança do mal, que de mim dis o meu inimigo, que delle dizer sempre bem. n. 10.

Logo o inimigo cessará de dizer de nós mal, se souber,

- ber que nas noſſas converſações nos empenhamos ſempre em o engrãdecer. n. 11.
- Ainda que os defeytos dos inimigos ſejaõ ſabidos, de tal forte ſe hão de cobrir, que não ſe digaõ, nem os delinquentes ſe manifeſtem. n. 12.
- Hey de antepor a honra do meu inimigo à minha fama, & atè com riſco de ficar deſdourado hey de defender o ſeu credito. n. 14.
- Para quem he honrado não pôde aver mayor gloria, que encobrir, & eſquecerſe dos aggravos, com que ſeus inimigos o eſcurecem, & deſdouraõ. num. 15.
- O que roga a Deos pelo inimigo que o perſegue, paſſa da eſfera de humano, ficando filho de Deos com privilegio de divino. n. 16.
- Fazerſe hum deſentendido nos aggravos, que de ſeus inimigos recebe, ainda que ſe exponha à nota de indiscreto, he o
- Tom. V.
- melhor remedio, para por elles ſem repugnancia interceder. n. 17.
- He gloria mais crecida o interceder por inimigos, que o caſtigallos. num. 18.
- São filhos de Deos por imitação, & ſemelhança os que franqueão o perdão a ſeus inimigos, & intercedem por elles. n. 19.
- Inimidade.*
- Não quer Chriſto que a ſua figura appareça dentro do templo. S. 5. n. 3.
- Antes permittirá Deos que nos inimiteſmos cõ elle, do que com o homẽ. num. 5.
- Aborrece Deos tanto a inimidade, que permittio ficaffe morto ſeu Filho unigenito com tanto q̃ ficaffeſſem dous homens unidos. n. 7.
- Innocencias.*
- Vivem nas Cortes arrifcadas, & nos deſertos ſeguras. S. 14. n. 18.
- Inſpirações.*
- Depois de viſtas as flores da inſpiração, não ſe ha de eſperar pelo tempo
- Mm iij dos

dos frutos, para que estes fenaõ percaõ, & aquellas se não murchem. S. 14.

num. 12. Quando a flor da inspiração arrebenta, então he o tempo de se colher o fruto. Ibidem.

Muytas inspirações se vem em nós perdidas por dilatadas. Ibidem.

As inspirações divinas são flores em Deos que as dà, & hão de ser frutos em quem as recebe. n. 13.

Em todo o tẽpo ha de haver fruto em quem ajũta o fructificar com o florecer. Ibidem.

Quer Christo que com azas sigamos as suas inspirações. Ibidem.

São as inspirações muy delicadas, qualquer demora as murcha quãdo flores, qualquer detença as eclipsa quando estrellas. Ibidem.

São João Bautista.

Os mesmos prodigios de virtude, com que o Bautista resplandecia, eraõ delictos para a estimação de Herodes. S. 18. num. 5.

O Bautista como justo está. *São Joseph.*

Não permite o seu amor estreytar-se ao Coro dos Serafins abrazados. S. 7. num. 2.

O amor dos mais abrazados Serafins não chega a cõpetir, nem muyto menos a emparelhar com o amor, com que São Joseph amou a Christo, & a Maria Serenissima. n. 4.

Perfiste São Joseph em amar a sua Esposa muyto constante, porque tem olhos fechados, & coração aberto. n. 5.

Ficou São Joseph mais sabio, & prudente com os olhos fechados, que os Querubins cõ os olhos abertos. n. 6.

Atẽ quando dorme, vigia. Ibidem.

A tempestade de pensãmentos, que combaterãõ o peyto de Joseph, nem o venceu acordado, nem o defacordou dormido. n. 7.

Não ha Santo tam acordado, que possa igualar a São Joseph dormindo. num. 8. Cha.

Chamalhe o Evangelista
homem, porque ſeus a-
cordados ſonhos o inſi-
nuão divino. n. 8. & 9.

Os outros Santos dormem
para adormecer os ſen-
tidos; São Joſeph dor-
me para deſpertar os
cuydados. Ibidem.

Os ſegredos da Encarna-
ção correraõ por obra
do Eſpirito Santo com
noticias feytas a Joſeph.
num. 10.

Por retrato do coração de
Deos fideliffimo teve
Joſeph muy claro co-
nhecimento do ſegredo
no coração de Deos mais
recondito, q̄ nẽ aos Que-
rubins foy manifefto. I-
bidem.

Foylhe revelado o braço
de Deos. Ibidem.

Sò depois que Deos ſe viu
enthronifado nos braços
de Joſeph, achou repou-
ſo de aſſento. n. 11.

Naõ houve na terra throno
mais perfeyto que Jo-
ſeph, nem que ſerviſſe
de mayor complacencia
ao divino agrado. Ibidẽ.

Nos braços de Jacob ſe en-

thronifou tambem Deos
por fineſa, mas nos bra-
ços de Joſeph ſe entro-
niſa por juſtiça. num. 12.
13. & 14.

Mais ſenhorea Joſeph tõ
com huma mão fecha-
da, que todas as Domi-
nações Angelicas com
as azas eſtendidas. n. 15.

Joſeph com a ſua vara na
mão domina o fruto de
Chriſto nacido. Ibidem.

Tudo dominou S. Joſeph,
porque na ſua vara tem
o dominio de tudo. n. 16.

Naõ tem comparação o o-
bedecer a Joſué o Sol ma-
terial, com o obedecer a
São Joſeph o Sol Divi-
no, & lhe guardar o mais
reverente reſpeyto. Ibid.

A par de São Joſeph foy a
primeyra ves, que a ter-
ceyra Peſſoa da Trinda-
de ſe appellidou Eſpiri-
to Santo. n. 17.

Foy Chriſto em quãto ho-
mem Filho adoptivo de
Joſeph, & neſta adopção
ficou o Pay putativo
muy parecido com o Pa-
dre Eterno. n. 18.

He Joſeph hum Santo do
Mm iiii mais

mais unico conceyto, & por isso com propria justica he Santo do silencio mais raro. Ibidem.

Sendo o conceyto de Joseph o mayor conceyto, deste melhor he que cala a lingua, & que so falle a penna. n. 19.

Ira.

Descreve-se a ira. S. 4. n. 4.

Descreve-se hum homem irado. Ibidem.

Até a Deos parece que atemoriza hum homem irado. n. 5.

Naõ ha quem possa viver com hum homem irado como com fera. Ibidem.

Deve-se hum homem dissuadir da ira pela deformidade monstruosa com que affea. n. 4.

He muy rigoroso o tormento que padece o coração do irado, & vingativo. n. 6.

Deve-nos obrigar a que desistamos da ira, o mandalo assim a Ley de Deos. num. 8.

Será grande escandalo para o Sol, que se veja no racional huma ira injusta,

que seuaõ chega aver no mesmo insensivel. n. 9. Vide vingança.

Jubileo nos tres dias das quarenta horas.

Aquellas almas, que nestes dias se achavão mortas pela culpa, resuscitarão à melhor vida, que he a da graça. S. 15. n. 2.

A força do temor, & da piedade se abala nestes dias o coração do catholico, q̄ recebe o Corpo de Christo vivo, & resuscitado. n. 3.

He muyto para temer a conta muy estreyta, que se ha de pedir aos que se chegaraõ a cõmungar o Corpo de Christo sem a devida sufficiencia, que se requiere. n. 4.

Declara-se qual deve ser o temor, com que devemos receber a Christo Sacramentado n. 5.

Depois que Christo se viu nestas quarenta horas exposto naquelle throno, logo se experimentou em Portugal grande melhora nas vidas, & grande

grande mudança nas almas. *Ibidem*, & *alterius*.

Judas, vide peccados.

Juifos.

Mayor victória he render juifos, que cortar cabeças. S. 10. n. 15.

Juiz, & Juifo final.

O que começa a castigar por sua casa he o mais recto. S. 16. n. 3.

Pelo Sol, Lua, & Estrellas começará o rigor do juifo. *Ibidem*.

Verfehaõ os Signos no Sol no dia ultimo, para que cause aos homens mayor affombro. n. 5.

Mais caso fará Deos naquelle dia de ser temido, que de ser amado. num. 6.

Quanto mais seguro estivermos na opiniaõ de sua amidade, mais temerosos nos quer Deos de seu juifo. n. 6.

O temor do juifo posto á vista desterra profanidades, & fas enfrear appetites. n. 7.

Passa de insensível, ou que de todo carece de juifo,

quem se lança a dormir, & trata de se regalar, se que tema o poder com que hum Juiz Divino o ha de julgar. n. 8.

Atè as mesmas creaturas insensiveis com o seu temor, nos ensinaõ o juifo a temer. n. 9.

Este mesmo temor aconselhaõ os astros do Ceo, não sò aos peccadores, mas ainda aos justos.

num. 10.
Dous temores quer Deos que tenhamos da severidade, com que no dia ultimo ha de julgar nossas acções. *Ibidem*.

O mesmo he fallar do juifo final, que fallar da condemnação eterna, porque entre si se equivoca. n. 11.

Falta o juifo, & tambem a se a quem o juifo não teme. n. 12.

Degenera de homem em bruto quem não teme o castigo, que no tribunal da Divina Justiça para os mãos se decreta. *Ibid*.

O temor do juifo ve-se nas obras, & aonde ha juifo para

para o temor, não tem
os vicios morada, nem
assento. n. 13.

Do elemento do fogo de-
cerão rios de chamas, q̄
tornado a terra em pó, &
em cinza, a deyxem hũa
offença dos olhos, & hũ
theatro de defenganos.
num. 14.

Do Ceo virà este fogo, pa-
ra se não ter por injusto.
Ibidem.

Para mayor tormento dos
danados cõvocarà Deos
a todo o Genero huma-
no a hum valle sito en-
tre os dous montes
Olivetè, & Calvario.
num. 15.

Em huma nuvem verãõ os
homens ao Filho de Deos
mais para tormento, que
para alivio. n. 15.

Não ha estado, em que se a-
che este Senhor naquel-
le dia benigno. Ibidem,
& n. 16.

O mesmo amor ha de ser o
fiscal dos rigores, pondo
fim às finestas, & princi-
pio as iras. n. 17.

Porque Deos he muyto
pio, & brando, por isso

serà mais para temido.
Ibidem.

Quanto o amor se mostrou
mais empenhado nos af-
fectos, tanto com mayor
rigor se desêpenha nos
castigos. Ibidem.

O aspecto de Deos amante,
mostrando-se naquelle
dia colerico, motivarà
aos homens não peque-
no receyo. n. 18.

Este severissimo aspectõ
causará a hum peccador
mayor tormento que o
mesmo inferno. n. 19.

E como se atreverà hum
vicioso apparecer diante
do rosto de Christo ira-
do? n. 20.

Atègora trasia Deos nos o-
lhos o nosso remedio, no
dia do juiso sò trará nos
olhos o nosso castigo.
num. 21.

Nas nossas conciencias, q̄
saõ os livros da conta,
apparecerãõ não sò o-
bras, mas os mais recon-
ditos pensamentos. n. 22.

Com nossas ingratições
justificarà Deos seus cas-
tigos. Ibidem.

Ao ouvir pronunciar a sua
senten-

ſentença romperão os Juſtos em alegres vozes, & os peccadores em clamores os mais triftes. num. 23.

O que mais ha de cortar de dor a alma dos peccadores, he que Deos os deſenpara, & falta em focorrer os males q̄ padecem com a ſua aſſiſtência. n. 24.

Não terão os peccadores quem delles ſe compadeça, nem com o ſeu patrocínio ſocorra. Ibid.

Para eſcaparmos daquella tam formidavel ſentença, cada hum de nós ſe julgue agora a ſi meſmo no tribunal ſeguro da penitencia. n. 25.

Paraque hum homem ſe veja verdadeyramente arrepêdido, ſe ha de por à viſta de ſeu peccado, que he mais proveytoſo, que por ſe à viſta de Chriſto Crucificado. n. 26.

Agora ponhamonos não ſo à viſta do noſſo peccado, mas tambem à viſta de Chriſto Crucifica-

do, porq̄ à viſta de Deos morto ainda acharemos a miſericordia de Pay amorôſo, com que nos favoreça. n. 27.

Juſtiça.
Ha de haver nas mãos dos Miſtros da juſtiça, deſintereſſe, & muyta limppeſa, & logo as varas neſſas mãos obrarão prodigios. S. 12. n. 6.

A vara nas mãos da juſtiça ha de dar flores, & não frutos. Ibidem.

Em entrando peytas nas mãos dos Miſtros da juſtiça, logo ſe dobra a vontade, & ſe cega o juizo, ainda do Miſtro mais juſto. n. 7.

Fiquelhe o dinheyro que lhe offerecerem as partes, aos pês para o deſprefarem, & não nas mãos para o receberem. n. 8.

Ministro, a quem faltão mãos para receber donativos, he o mais apto para deſterrar com preſſa da Republica os vicios. n. 9.

Por falta de Miſtros deſinteressados, & que não tenham

renhão mãos para receberem peytas, he que se vemem pê no nosso Reyno as estatuas dos vicios. n. 10.

Não basta que os Ministros mayores da justiça velé com cuydado, & com zelo sobre a observancia das leis, senão tiverem officiaes fieis, & zelosos para executores de seus designios. Ibidem.

Ha muytos Ministros da justiça, que fomentão, & conservão os crimes, porque delles he ordinariamente que vivem. Ibidem.

Justo.

Quando mais preso por amor de Christo, então logra a liberdade que estima. S. 18. n. 6.

Nem o mesmo grilhão q̃ o pode atar, o pode prender. n. 7.

As cadeas dos Justos são tam faceis de tirar, que por si mesmo se deyxão cair. n. 10.

L.

Lgrimas.

NÃO ha lagrimas tam finaméte choradas, que excedão às lagrimas reprimidas. S. 13. num. 9.

Leão

Sua descripção.

He geryglyfico da Clemência. S. 4. n. 10.

Liberdade, & liberdades.

Vide vida. Vide affecto, vide alma.

Lisonja. Lisongeyro.

Ser atrevido por lisongeyro he ferida inoportavel. S. 2. n. 12.

Disfarça-se hum lisongeyro muyto nosso amigo para nos occasionar o mayor dano. n. 13.

Descreve-se a lisonja. n. 14.

He enfermidade, que sem dor, & sem se sentir lança a perder de toda hũa alma.

alma. Ibidem.

Lança hum lifongeyro a perder de todo huma alma com capa de amifade , & benevolencia. num. 15.

Para farar de lifongeyros, a mais prompta medicina he despresalos. n. 16
Vide treyçaõ.

Luz.

Anda avinculada à grandeza do poder Divino, porque obriga com o suave , & não violenta com o activo. S. 14. n. 5.

Lingoa.

A lingoa não corta de vestir, corta de despir. S. 3. num. 3.

Dà peyor lâçada que a lâça de ferro. n. 4.

He a contumelia da lingoa a peyor espada. Ibidem.

Ferir com a lança da lingoa a honra daquelle , a quem era toda a estimação mais devida , he a execuçaõ mais tyranna. num. 5.

Ainda he mais perniciofa a mà lingoa, que a sepul-

tura. n. 12.

Vide maldifentes.

M

Santa Moria Magdalena.

Muyto se encareceu o feu affecto de fino com o despreso do precioso. S. 17. n. 13.

Amou muyto a Magdalena, porque nella igualaõ os delirios do amor louco os excessos do amor santo. S. 13. n. 7.

O mesmo foy entender a Magdalena, que buscar, & tanto se mostrou entendida, quanto se delibrou apressada. S. 14. num. 11.

Amou muyto , porque se deteve pouco. Ibidem.

Maldade.

Hum dos sinaes, q̃ Christo aponta de finalizar o Mundo, he o estar a maldade enthronizada, & a virtude perseguida. S. 18 num. 2.

Tem

Tem lançado a maldade
no Mundo tam profun-
das raizes, que fas a mes-
ma virtude mal quista.
num.3.

No juizo da maldade o que
merece mais applauso, se
tem por mais digno de
castigo.n.5.

Vide culpa, & Reyno.

Maldisentes.

São como abelhas, que se
ferem, & mataõ a si, por
ferir, & matar aos outros.
S.3.n.6.

He a sua lingua serpente
que tem peçonha.n.7.

Huma sò sombra de defey-
to basta, para que o mal-
disente abra a boca, &
deyx a hum sogeyto in-
famado.n.9.

Mais cruel he a morte, que
causa o maldisente com
a sua lingua, que o mes-
mo inferno.n.10.

A lingua do maldisente he
huma sepultura.n.11.

O maldisente he hum ho-
micida.n.10.

Vide calumnias. Vide lin-
goa.

Mãos.

Andão no Mundo muyto
desacreditadas. S.12.n.4.

Para que as mãos aprobe-
tem ao melhoramento,
& converção de huma
alma, hão de ser mãos de
fè.n.2. & 3. & 4.

As mãos para serem de fè,
hão de ser de justiça.n.6.

Mãos que são de fè, & de
justiça, logo são mãos de
conciencia.n.16.

Bens da Igreja. Vide di-
nheyro, vide fè, vide jus-
tiça, vide conciencia.

Ministros da Justiça, & da
Republica.

Vide dinheyro. Vide Jus-
tiça.

Merecimentos.

Se nos palacios humanos
não ha mayor mereci-
mento, que o arrimo no
parêtesco, & no affecto,
nos divinos não ha ma-
yor arrimo, que o mere-
cimento.S.11.n.11.

Molher.

Confia o demonio da sa-
gacidade de huma mo-
lher o que não fia das
suas

suas forças. S. 2. n. 9.

Tanto que o demonio conheceu que Heva sahira atreyçoadá, logo có ella fes liga, & dahí por diante sempre acometeu com molheres as mayores emprefas. n. 10.

Vide requerimento.

Morte.

A morte, que para outros he pena, para os Santos he gloria. S. 13. n. 17.

Vide vida.

Mundo.

Em nada he quietação, em tudo he movimento. S. 11. n. 4.

No Mundo não ha felicidades no numero plural. n. 7.

He tam escaço em repartir felicidades, que mal as concede a huns, sem que as usurpe a outros. Ibidê.

Tudo o do Mundo, por mais penoso que seja, podemos levar com alento, & tudo o que nos leva ao Ceo achamos difficuloso. n. 13.

Compara-se o Caliz, com que brinda o Mundo aos seus sequales, có o Ca-

liz, có que Christo brinda aos seus escolhidos. n. 13. & 14.

Mostra-se a differença que ha de caliz a caliz. n. 14.

Deyxar o Mundo, quando o Mundo deyxá, tem pouço que agradecer, mas pisallo, quando elle lisongea, quando prende, & rouba, he fineza que Deos mais estima. S. 13. n. 5.

Vide carcere. Vide postos, vide maldade.

N.

Nome.

N Aó declarou o Evãgelista o nome de Jesu até que Christo não derramasse osãgue, para ensinar o modo de se adquirir hum nome grande. S. 6. n. 14.

Sò com acções gloriosas, & depois de se derramar o fangue, os nomes grandes se alcançaõ. n. 15.

São os nomes pomposos, &

& illustres mais para temidos, que para desejados. Ibidem.

Havendo Christo de escolher nome entre os homens, deyxou os de mayor lustre, & sô lançou mão do de Jesu, por ser nome de piedade. n. 16.

Mais sêtido se mostra Deos dos aggravos, que fazemos a seu nome, que das offenças que fazemos à sua pessoa. n. 17.

Vide fama.

O

Obedecer.

O modo mais fino de obedecer he obedecer à claridade da luz, sem esperar a declaração da voz. S. 14. n. 7.

Obras.

Vide annos. Vide vida, vide fama.

Odio.

Vide inimidade. Vide dadas.

Offenças.

Vide aggravos. Vide afrontas.

Offerecer.

Vide pedir.

Opiniaõ. Vide fama.

Ouro.

He o Principe dos metaes, & pela sua beneficencia geroglyfico de animos mais illustres. S. 4. n. 15.

Ouvidos.

Grilhões lanção as culpas aos ouvidos, para que fiquem para ouvirem o q̄ mais lhe convem sempre presos, & sô para ouvir o que mais os deleyta sempre soltos. S. 18. n. 17.

Fecha o demonio o sentido do ouvir, por ser a porta por onde entra mais frequentemente a graça. Ibidem.

Esta porta fecha com tam fortes cadeas, que nem ainda depois de aberta parece que se dão as prisões por rendidas. Ibidem.

Ouvir para senaõ emendar, melhor fora não ouvir. n. 18.

Pa-

P.

Palavras.

A Que he boa cativa
mais que tudo. S. 8.
num. 10.

Peccados. Peccadores.

Peor peccado he cair por
confiança que temos na
fê da misericordia, do-
que cair por covardia. S.
3. n. 16. n. 17.

Cair no peccado a fiança-
do na bondade divina,
he peor peccado, que
cair por maldade huma-
na. n. 18.

Avalia Deos os peccados
que se cometem no fa-
grado por abominações.
num. 19.

Carcere he para hum pec-
cador a occasião da sua
ruina. n. 18.

Peccado de Judas foi o pec-
cado mais ingrato. n. 21.

Não pode chegar a mayor
desgraça hum peccador,
que a perseverarem seus

Tom. V.

defatinos, depois de ou-
vir a voz de Deos. n. 19.
Hum peccador soltasse dos
preceyos Divinos, para
se prender mais nos vi-
cios. S. 18. n. 8.

Por mais, que se aposte a se
levantar, não acaba de se
erguer. n. 9.

Tam empegados tem os
laços com que està pre-
so, que vendo-se percer,
não acerta a se defenla-
çar, & de dar huma vol-
ta à vida. n. 10.

As prisões de hum pecca-
dor ainda são mais por-
fiadas em se deyxarem
quebrar, do que he a mor-
te em se deyxar vencer.
Ibidem.

Muytas vezes as cousas
mais vis, mais torpes, &
indecêtes tem fortemê-
te preso a hum misera-
vel peccador. n. 15.

Como se fizera o peccador
lisonja do penoso da cul-
pa, que o prende, não a-
caba de romper o duro,
& intoleravel laço, &
sem se resolver ao reme-
dio, se deyxar estar preso.
num. 16.

Na

Pa

Parentesco. Vide postos.

poder.n.6.

Vide merecimentos.

Pedir.

Postos.

He grande erro o adorar pedindo, & não offerecendo. S. 15. n. 2.

Neste Mundo pela mayor parte os que são mais bayxos, adoraõ, & pedem; os menos, & são os mais nobres, adoraõ, & offerecem, n. 2.

Pedir os melhores postos, & grandes lugares, para nelles estar assentado, & ocioso, he ignorancia. num. 4.

Peytas. Vide Justiça.

Pena. Vide gloria, & Amor.

Peso. Vide Amor.

Pessoa. Vide prendas.

Poder.

He muy limitado o poder de quem sô com a violencia ostenta de poderoso. S. 14. n. 5.

A mayor ostentação do poder ve-se em attrahir cô o suave, & não como violento. Ibidem.

O poder mais absoluto são sóbras q̄ escurecê o imperio, & o imperio suave são rayos que illustraõ o

Occupar hum fogeito indigno o posto que se devia ao Santo, & virtuoso, he final de acabar o Mundo, & perecer assolado. S. 18. n. 2.

O mayor discredito de hũ Reyno he occuparem nelle os postos fugeytos indignos. Ibidem.

A quem a fortuna levãtou ao mayor posto com toda a bonança, bem pôde aparelhar-se logo para soffrer a mayor desgraça. S. 11. n. 5.

O sangue, & a affeyção he ordinariamente o merecimento mayor para os postos, & dignidades, que costuma dar o Mundo. n. 9.

Dizer-se de hum fugeito, que o que lhe faltou de merecímto, lhe supriu, para levar o posto, a vêtura, não he seguro, mas he para o credito o mayor desdouro. n. 10.

No Mundo não ha posto, que não seja para quem

o occu-

o occupa huma morte,
nem valimêto, a que não
ande avinculada huma
Cruz. n. 12.

Vide Dignidade. Vide
merecimento. Vide pe-
dir.

Prifões.

Com priſões fortes não ha
objecto algum que feja
fraco. S. 18. n. 15.

Objectos de muyto pouca
estima tem a huma alma
na priſaõ mais dura. Ibi-
dem.

Vide alma.

Precioſo. Vide deſpreſo.

Prendas.

Com a prenda estimada ſi-
ca huma peſſoa muyto
mais engrandecida. S. 17.
num. 13.

Prêgador.

He a relação dos beneficios
cauſa de liſonja a hum
Prêgador, como a de nũ-
ciação de caſtigos moti-
tivo de grande tormen-
to. S. 16. n. 2.

Preſſa.

Vide amor, vide obedecer.
Proſperidade vide Ruina.

Prudente.

O Prudente que ſe acha

juſtamente ſentido, ha de
ter a boca no coração. S.
2. n. 15.

Nas occaſiões do mayor
ſentimento ha de fallar
pouco. n. 19.

Na prudencia com que ſe
ſofre, ſe mostra o animo
de hum prudente mais
real, & ſoberano. n. 20.

Quãdo o amigo toma por
elle a ſatisfação da of-
fença, he que tem hum
animo prudentemente
generoſo mais que ſo-
frer. n. 21.

R.

Rcis do Oriente.

Chamallos Deos com
a luz tibã de huma
eſtrela foy grande ar-
gumento do poder de
quem obedecia S. 14. n. 5.

Os raios deſta eſtrela cõ
a brandura, & ſuavidade
da luz deraõ mayor cla-
ridade ao poder do Me-
nino Deos. n. 6.

Começaraõ as ſineſas dos
Magos por onde acabã-
raõ

- raão as de Christo. n. 7.
- Viraõ-se estes muy ditosos, porque souberaõ ser resolutos. n. 8.
- Como eraõ tam sabios, nas mais claras luzes da estrellã, que a Belem os chamava, se deraõ logo por entendidos, para obedecerem aos seus acenos pontualmente. n. 10.
- Alcançaraõ como entendidos, que interpor demoras, he fazer que se malogre na tardança todo o empenho de huma offerta. n. 10.
- Mais fiserãõ estes Reis em buscarem a Deos com azas, do que em o buscar por penas. n. 12.
- Forãõ discretos em tratarem inspiraçoẽs divinas com pressa. Ibidem.
- Naõ foy a adoraçoã que fiserãõ a Deos Menino no interesse fundada, mãs sãõ de hum legitimo affecto nacida. n. 14.
- Mostrãraõ-se verdadeyramente sabios, quando na pobreza de huma lapa, que persuadia despresos, tributaõ a Deos Menino adoraçoẽs. n. 16.
- Para faserem fineza da vida, a doraõ a Deos humilhado, & escondido.
- Ibidem.
- Referẽ se o modo com que se despediraõ de Deos Menino. n. 17.
- Tendo-se retirado da lapinha innocentes, fugiraõ da Corte de Jerusalem, porque temeraõ que nella pudesse perigar a sua santidade. n. 18.
- Partiraõ à vela para as suas patrias, metendo de per meyo não sãõ a terra, mas o mar, para fugirem de hum homem tam porverso, como era Herodes. n. 19.
- Julgãraõ como sabios, que huma ves a Deos reduzidos, não deviaõ de tornar por caminhos que dantes de Deos os desviavaõ. n. 21.
- Foy forçofo o mudarem os caminhos, porque o tornarem por Jerusalem, era muy arriscado, porque era tornar outra ves a dar passos para o paço.
- Ibidem.

Temeraõ a ſegurança como ſabios , para moſtrarem que a cautela no ſeguro, ſas ſeguro o perigofõ.n.22.

Como já eſtavão de poſſe de Deos, conheceraõ , q̄ mayor cabedal ſe requeria para o poſſuir , que para o buscar.Ibidem.

Depois de lograrẽ a Deos poſſuido, nunca mais o permittiraõ arrifcado. num.23.

Reyno.

He impoſſivel , que dure hum Reyno, & nem ainda hum Mundo,aonde a virtude ſe perſegue,& lõ a maldade ſe eſtima.S. 18 n. 1.

Vide Imberio , vide poſtos.

Requerimento.

He avaliado por indifcreto,o que que para alcãçar os poſtos, vay a fiançado no parentefco , & no affecto,& não no merecimento.S. 11.n.8. & 9. Tom. V.

Ruina.

Do ſublime de hũa profperidade ſe infere a preſteſa de huma ruina. S. 11.n.5.

S.

Sabedoria. Sabios.

ENtre todos os dotes leva mais os olhos divinos para a eſcolher, como a ignorancia obriega mais a Deos para a reprovar.S. 10.n.2.

Deyxar a Sabios convencidos he mayor victoria, que deyxar a infernos desbaratados.n. 13.

Vencer a Sabios em diſputas, he muyto mais que vencer em batalhas. n. 7.

He empenho de hũ Deos. Ibidem.

Os que ſe convertem, & adoraõ a Chriſto deyxando os ſeus erros,eſſes ſaõ verdadeyramente Sabios com toda a certeza. n. 20.

Hum Sabio toma a escuridade por luz , para conhecer de hum favor o mayor sacrilegio , quanto mais de hum resplendor hum beneficio. S. 14. num. 9.

Conhecer a grandesa no abatimento sô he de Sabios o lanço mais fino. num. 16.

Vide Entendimêto , & Santa Catherina.

Semelhanças.

Quando he immensa a soberania , sô escondendo excessos , se podem permittir semelhanças. S. 17 num. 4.

Sentidos.

Com os sentidos presos, não ha alma que esteja livre. S. 18. n. 17.

Sepultura.

Hum Anjo na sepultura he a voz que melhor brada , o exemplo que mais ensina, a mayor vi-

olencia para attrahir , & a mayor força para arrebatat. S. 13. n. 13.

Serea.

Symboliza a hum traidor lisongeyro. S. 2. n. 2.

Soberba.

Nem tem pès, nem tem mãos, nem tem cabeça. S. 1. n. 4. n. 5. n. 6.

Sofrer.

Ao mais unico he que está avinculado o mayor sofrimento. S. 2. n. 22.

Sol.

He mayor a sua luz , porque se retira escondida. S. 17. n. 5.

Nenhuma estrella tem a luz do Sol , & o Sol excede a luz de todas. n. 6.

Descreve-se o aplauso, com que o festejão no Oriente todas as creaturas. S. 1. n. 1.

Oppoêselhe ao seu lumimêto

to como envejosa à Lua.
num. 2.

Lucifer. n. 11.

A peyor casta da traição he
a que se fas por lisonja.
num. 12.

Vide lisonja.

Tributo. Vide dinheyro.

T.

Thefouro.

O Que he precioso, atè
o campo, em que se
descobre, fas estimado. S.

17. n. 14.

Trabalho. Vide beneficio.

Traição.

Menos traições, & fingi-
mentos averia no Mun-
do, se examinassemos bẽ
o que là passa détro nos
corações. S. 2. n. 4.

Fè, & traição não dizem.
num. 5.

Homem de peyto dobra-
do, & traidor não val
por hum. n. 6.

A traição fas de hum ho-
mem dous homens, que
não valem por hum. n. 7.

He a traição monstrosi-
dade peyor que a morte.
num. 8.

He monstrosidade, por-
que he tam boa como

U.

Valimento. Vide postos.

*Valido, & privado. Vide
entendimento.*

Vencer.

V Encerfe a si mesmo
em perdoar ao ini-
migo, he a victoria,
que delle se pòde alcan-
çar mais illustre. S. 4. n.
18.

Quando hum sogeyto per-
doando ao inimigo se
vence a si mesmo, então
se acredita o seu valor
de mais poderoso. n. 18.

Victoria. Vide vencer.

Vida.

O espaço da nossa vida
mais dilatado, he o que
chega a conseguir a ver-
dadeyra sabedoria, que
nos ensina a viver para

Nn iiiij Deos

Deos. S. 6. n. 10.
 As liberdades da vida são
 mais para temer, que as
 tyrannias da morte. S. 18.
 num. 20.
 Vide annos.

Vicios.

São cadeas, & quanto são
 mais compridas, deyxão
 mais lugar às liberdades,
 & apertão a hum pecca-
 dor mais as prisões. S. 18.
 num. 8.

Para arrancar vicios bran-
 dos, não bastão os bra-
 ços mais robustos. n. 15.

Vingança.

O que das occasiões da
 vingança cõ mais prõp-
 ta ligeyresa se aparta, ef-
 se he o que mais triun-
 fa. S. 4. n. 11.

Dar as costas á occasião da
 vingança, he dar de ros-
 to ao inimigo. n. 12.

Aonde ha vingança, não
 ha nobresa. n. 13.

Quem se chega a vingar,
 ainda que por nacimen-
 to seja nobre, já incorreu

a infamia de vil. n. 13. &
 14. & 15.

Anda a vingança avincu-
 lada a animos bayxos, &
 humildes. Ibidem.

A diffimulação, & o def-
 preso he a mais nobre
 vingança, que se pôde
 tomar de huma affrõta,
 & o melhor modo de
 castigalla. S. 4. n. 17.

Virtude.

Vide Reyno. Vide malda-
 de. Vide culpa.

União. Vide amidade.

Voz de Deos.

Depois de ouvir a voz de
 Deos tornar o peccador
 ao mesmo lugar do de-
 licto, he ficar no estado
 mais lastimoso. S. 18. n.
 19.

Vide peccador.

Vontade.

A humana em se affeyço-
 ando a qualquer obje-
 cto, logo fica lastimosa-
 mente presa. S. 18. n. 11.

Vide affecto.



LUGARES

DA

SAGRADA ESCRITTURA, que contèm esta Quinta Parte.

*A letra S. significa o Sermaõ, & o N.
o numero marginal.*

Ex Libro Genesis.



AP. I. v. 16.

*Duo lumina-
ria magna. S.*

13. n. 2. & 20.

Ibi. Lmmina-

re maius. n. 22. S. 10. n. 12.

V. 17. *Et posuit eas in fir-
mamento. S. 10. n. 21.*

Cap. 2. v. 2. *Requievit die
septimo, & c. S. 7. n. 11. v.
16.*

*Ex omni ligno paradyfi co-
medes. S. 16 n. 14.*

Capit. 2. v. 7. *Formavit*

*igitur Dominus Deus
hominem de limo terræ.*

S. 17. n. 15.

Cap. 3. v. 1. *Serpens erat
callidior cunctis animan-
tibus S. 10 n. 18.*

V. 3. *Vidit mulier quòd es-
set... pulchrum oculis, as-
pectuque delectabile. S.
18. n. 4.*

V. 5. *Eritis sicut Dij. S. 2.
n. 10.*

V. 7. *Confuerunt folia fi-
cús. S. 12. n. 4.*

V. 8. *Cum audisset vocem
Dei de ambulantis in pa-
radyfo.*

- radysso. S. 18. n. 19.*
 V. 9. *Adam ubi es? Ibidem.*
 V. 13. *S. 3. n. 10.*
 V. 22. *Ædificavit costam in mulierem. S. 17. n. 15.*
 Cap. 4. v. 10. *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra. S. 4. n. 13.*
 V. 14. *Erovagus, & profugus, a facie tua abscondar. S. 16. n. 20.*
 Cap. 6. v. 5. *Pœnituit eum quod fecisset hominem super terram. S. 4. n. 5.*
 Cap. 8. v. 11. *Venit ad eum portans ramum olive virentibus folijs. S. 13. num. 5.*
 Cap. 9. v. 3. *Omne quod movetur, & vivit, erit vobis in cibum. S. 16. n. 7.*
 V. 13. *Arcum meum ponã in nubibus. S. 16. n. 6.*
 Cap. 18. v. 21. *Descendam, & videbo. S. 16. n. 21.*
 V. 23. *Numquid perdes justum cum impio? Ibidem.*
 Cap. 19. v. 16. *Apprehenderunt manum ejus... adduxeruntque eum, &c. S. 13. n. 14.*
 V. 5. *Ubi sunt viri, qui introierunt ad te? S. 13. num. 14.*
 Cap. 22. v. 2. *Tolle filium tuum quem diligis Isaac. S. 9. n. 5.*
 Ibidem. *Ecce ignis, ubi est victima? Ibidem.*
 V. 6. *Portabat in manibus suis ignem, & gladium. S. 12. n. 3.*
 V. 17. *Multiplicabo semen tuum sicut stellas cœli, & sicut arenam, quæ est in littore maris. S. 13. n. 18.*
 Cap. 25. v. 22. *Collidebantur in utero. S. 12. n. 16.*
 Cap. 7. V. 22. *Vox quidem vox Jacob est: sed manus manus sũt Esau. S. 12. n. 7.*
 V. 27. *Ecce odor filij mei sicut odor agri pleni. S. 1. n. 17.*
 V. 41. *Dixit in corde suo: Venient dies lætus patris mei, & occidam Jacob fratrem meum. S. 2. n. 18.*
 V. 42. *Nuntiata sunt hæc Rebecca Ibidem.*
 V. 43. *Nunc ergo, fili mi, audi vocem meam, & consurgens fuge ad Laban. S. 4. n. 5.*
 Cap. 28. v. 5. *Profectus venit in Mosopotamiam. S. 4. n. 15.*
 Ego sum Deus Abraham, Deus
Deus

- Deus Isaac, & Deus Jacob. S. 6. n. 15.
- Cap. 32. v. 27. *Dimitte me, jam enim aſcendit Aurora.* S. 7. n. 12 S. 10. n. 3. S. 17. n. 11.
- V. 41. *Ecce vir luſtabatur cum eo uſque ad mane. Ibidem, ut ſupra.*
- Cap. 37. v. 7. *Putabam nos ligare manipulos in agro, &c.*
- V. 9. *Vidi per ſomnium quaſi Solem, & Lunam, & ſtellas undecim adorare me.* S. 11. n. 3. & n. 10 S. 13. n. 2. & n. 18. S. 17. n. 17. S. 7. n. 7. & n. 15.
- V. 11. *Invidebant ei igitur fratres ſui.* S. 2. n. 7.
- Cap. 38. v. 28. *Iſte egredietur prior.* S. 12. n. 16.
- Cap. 41. v. 14. *Protinus ad Regis imperium eductum de carcere Joſeph totonderunt* S. 11. n. 5.
- Cap. 42. v. 6. *Cumque adoraſſent eum fratres ſui.* S. 14. n. 14.
16. n. 1.
- Cap. 4. v. 4. *Extende manum tuam, & apprehende caudam ejus.* S. 7. n. 15.
- Cap. 7. v. 1. *Ecce conſtitui te Deum Pharaonis.* S. 10. n. 17.
- V. 11. *Vocavit Pharao ſapientes, & maleficos.* Ibid.
- Cap. 9. v. 8. *Tollite plenas manus cineris de camino, & ſparget illum Moyses in Calum coram Pharaone.* S. 16. n. 14.
- Cap. 14. v. 16. *Eleva virgam, & extende ſuper mare.* S. 16. n. 9.
- Cap. 19. v. 16. *Clangor bucinæ vehementis perſtrepebat.* S. 16. n. 15.
- Cap. 30. v. 30. *Aaron, & filios ejus unges.* S. 11. num. 6.
- Cap. 39. v. 10. *Dimitte me, ut irasceatur furor meus, & deleam.* S. 1. n. 19.
- Cap. 40. v. 9. *Videbam coram me vitem.* S. 12. 13

Ex Libro Levit.

- Cap. 3. v. 10. *Veni, & mittam te ad Pharaonem.* S.
- Cap. 24. v. 15. *Homo qui maledixerit Deo ſuo, portabit peccatum ſuum, & qui*

qui blasphemaverit nomē Domini, morte moriatur, &c. S. 6 n. 18.

V. 14. Non est hic aliud, nisi gladius Gedeonis. Ibidem.

Ex Lib. Numer.

I. Reg.

Cap. 20. v. 11. Percutiens his silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ. S. 2. num. 24.

Cap. 10. v. 1. Tulit Samuel lenticulam olei, & effudit super caput ejus. S. 11. n. 6

Ex Lib. Josuè.

Cap. 13. v. 14. Quæsiuit Dominus sibi virum juxta cor suum. S. 7. n. 10.

Cap. 10. v. 12. & 13. Sol cōtra Gabaon ne movearis, stetit itaque Sol S. 7. n. 16. S. 10. n. 13 & 25.

Cap. 16. v. 23. David tollebat citharam S. 1. n. 1.

V. 14. Obediente Domino voci hominis. Ibidem, & S. 14 n 5.

Cap. 18. v. 11. Tenebat Saul lanceam Ibidem.

Ex Lib. Judic.

V. 9. Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David. n 3.

Cap. 5. v. 20. Stella manēs in ordine, & cursu suo, adversus sisaram pugnaverunt. S. 10 n. 21. S. 13. num 16.

V. 15. David acceptus erat in oculis universi populi. num. 13.

Cap. 7. v. 20. Cumque ... & hydrias confregissent, tenuerunt sinistris manibus Lampades. S. n 12.

Cap. 17. v. 22. Loquimini ad David clam me dicentes: Ecce places Regi, & omnes serui ejus diligent te. S. 2 n 12.

V. 13. Subcinericius panis S. 13 n. 16.

V. 49. Infixus est lapis in fronte ejus S. 1 n 6.

V. 40. Elegit sibi quinque limpidissimos lapides, &c. S. 2 n 6 & S. 5. n. 10.

Cap. 18. v. 3. Inierunt autem

- tem David, & Jonathas fœdus S. 5. n. 19.
- Cap. 19. v. 14. Responsum est quod egrotaret. S. 16. num. 8.
- Cap. 20. v. 16. Pepigit ergo Jonathas fœdus cum domo David S. 5. n. 19.
- V. 17. Numquid vox hæc tua est fili mi David? Ibidem.
- V. 18. Tu verò tribuisti mihi bona, ego autem reddidi tibi mala. Ibidem.
- V. 20. Dominus reddat tibi vicissitudinem hanc pro eo, quod hodie operatus es in me. Ibidem.
- V. 21. Nunc scio certissimè, quod regnaturus sis, & habiturus in manu tua regnum Israel. Ibidem, & S. 10. n. 15 S. 4. n. 18.
- V. 22. Jura mihi in Domino, ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de domo patris mei. Ibidem.
- Cap. 23. v. 26. Saul, & viri ejus in modum coronæ cingebat David. S. 1. num. 12.
- Cap. 24. v. 5. S. 8. n. 7.

2. Reg.

- Cap. 15. v. 19. Revertere, & habita cum Rege. S. 8. num. 11.
- Cap. 18. v. 14. Tulit tres lanceas, & infixit eas in corde Absalon S. 16. n. 15
- Cap. 24. v. 14. Melius est ut incidam in manus Domini. S. 16. n. 27.

3. Reg.

- Cap. 29. v. 9. Mansit in spelunca. S. 15. n. 10.
- V. 10. Quid hic agis Elia? Egredere, & sta in monte coram Domino. Ibidem.

4. Reg.

- Cap. 2. v. 9. Obsecro, ut fiat in me spiritus tuus duplex. S. 17. n. 6.
- V. 10. Si videris me, quando tollara te, erit tibi quod petisti. S. 17. n. 6.
- V. 13. Levavit pallium, quod ceciderat ei. S. 17. num. 6.

Lib. 2. Paralipom.

Cap. 9. v. 19. *Non fuit tale folium in uniuersis terris. S. 7. n. 11.*

V. 18. S. 16. n. 10.

Oratio ultima *Incurvatus sum multo vinculo ferreo, & non est respiratio mihi. S. 18. n. 9.*

Tob.

Cap. 12. v. 19. *Videbar quidem vobiscum manducare, & bibere, sed ego cibo invisibili utor, & c. S. 45. Quarenta horas. 13. n. 15.*

Esther.

Cap. 15. v. 10. *Regina corruit, & in pallorem colore mutato, lassum super ancillulam reclinauit caput. S. 16. n. 17.*

Ex Lib. Job.

Cap. 1. v. 1. *Vir erat in terra Hus nomine Job. S. 2. num. 19.*

V. 21. *Dominus dedit, Dominus abstulit. sit nomen Domini benedictum. Ibidem.*

Cap. 6. v. 9. *Solvat manum suam, & c. S. 16. n. 16.*

Cap. 10. v. 2. *Noli me condemnare. S. 16. n. 11.*

Cap. 19. v. 21. *Manus Domini tetigit me. S. 16. n. 16.*

Cap. 14. *Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me. S. 16. n. 19.*

Cap. 30. v. 9. *Nunc in eorum canticum versus sum eis in opprobrium. S. 3. n. 5.*

Cap. 38. v. 7. *Ubi eras, cum me laudarent astra matutina. S. 13. n. 20.*

Lib. Psalmorum.

Pfal. 7. v. 11. *Sepulchrum patens est guttur eorum. judica illos Deus. S. 3. num. 11.*

Pfal. 7. v. 13. *Arcum suum tendit, & paravit illum, sagittas suas ardentibus effecit. S. 16. n. 5.*

Pfal. 17. v. 34. *Qui perfecit pedes meos tamquam cervorum. S. 4. n. 11.*

Pfal. 18. v. 6. *In Sole posuit tabernaculum suum. S. 7. num. 14. & S. 9. n. 10.*

Ibidem. *Exultavit ut gigas ad currendam viam.*

- S. 10. n. 9. S. 13 n. 17. S. 14. num 5.
- V. 7. *Tamquam sponsus procedens de thalamo suo.* S. 10. n. 3 & S. 13 n. 3.
- Pfal. 36. *Vidi impium super-exaltatum, & elevatum, &c.* S. 5. n. 20.
- V. 18. *Novit Dominus dies immaculatorum.* S. 6 n. 11.
- Pfal. 34. v. 15. *Congregata sunt super me flagella, & ignoravi.* S. 10 n. 11.
- Pfal. 41. v. 5. *In voce exultationis, & confessionis: sonus epulantis.* S. 15. n. 8.
- Pfal. 42. v. 5. *Confitebor tibi incithara Deus, Deus meus. Quare tristis es anima mea?* S. 15. n. 7.
- Pfal. 44. v. 1. *Eructavit cor meum verbum bonum: dico ego opera mea Regi.* S. 7 n. 19.
- V. 2. *Lingua mea calamus.* Ibidem.
- V. 4. *Accingere gladio tuo super femur tuum potentissime.* S. 4 n. 19.
- Pfal. 75. *In manum Moysi, & Aaron.* S. 12 n. 5.
- Pfal. 77. v. 25. *Panem Angelorum manducavit homo.* S. 7. n. 1.
- Pfal. 67. v. 8. *Deus cum egredereris in conspectu populi tui, cum pertransires in deserto: terra mota est.* S. 15 n. 1 & ulterius.
- Pfal. 88. v. 50. *Ubi sunt misericordiae tuae antiquae Domine.* S. 16 n. 15.
- Pfal. 90. v. 11. *Ingelis suis Deus mandavit de te, in manibus tollent te, &c.* S. 10 n. 26.
- Pfal. 96. v. 3. *Ignis ante ipsum praecedet, & inflammabit in circuitu inimicos ejus.* S. 16 n. 14.
- Pfal. 103. v. 19. *Sol cognovit occasum suum.* S. 10 n. 9.
- Pfal. 104. v. 18. *Humiliarunt in compedibus ejus ... ferrum pertransiit animam ejus.* S. 18 n. 11.
- Pfal. 105. v. 40. *Abominatus est hereditatem suam.* S. 16 n. 15.
- Pfal. 113. v. 5. *Quid est tibi mare, quod fugisti? Et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* S. 16 n. 9.
- Pfal. 118. v. 120. *Confige timore tuo carnes meas: a judiciis tuis timui.* S. 16 n. 11.
- V. 54. *Cantabiles mihi erant iusti.*

justificationes tuæ in loco
peregrinationis meæ. S.
num. 21.

Pfal. 136. v. 1. Super flumi-
nâ Babylonis, illic sedi-
mus, & flevimus, dum
recordaremur tui Sion. S.
18 n. 16.

V. 2. Suspendimus organa
nostra. Ibidem.

V. 4. Quomodo cantabimus
canticum Domini in ter-
ra aliena. S. 18 n. 16.

Pfal. 119. v. 2. Domine li-
bera animam meam a la-
biis iniquis, & a lingua
dolosâ. S. 3 n. 7.

V. 3. Quid detur tibi, aut
quid apponatur tibi, &c.
Ibidem.

Pfal. 142. Non intres in ju-
diciûm cum seruo tuo. S.
16. n. 11.

Ex Lib. Proverb.

Cap. 20. v. 28. Roboratur
clementiâ thronus ejus. S.
S. 14 n. 1.

V. 10. Pondus, & statera
judicia Domini sunt. S.
16. n. 5.

Cap. 31. v. 29. Multæ filiæ
congregaverunt divitias,

tu supergressa es univer-
sas S. 17. n. 6.

Ex Cantic.

Cap. 1. v. 3. Trahe me post
te, in odorem unguento-
rum tuorum curremus. S.
13 n. 13.

V. 6. Indica mihi quem di-
ligit anima mea: ubi pas-
cas, ubi cubes in meridie.
S. 10. n. 2. S. 13 n. 8. S. 14:
n. 10. S. 15 n. 11.

Ibidem. Si ignoras te, abi
post vestigia S. 10. n. 2. &
num. 6.

Cap. 2. v. 12. Flores appa-
ruerunt in terra nostra,
&c. S. 12 n. 17. S. 14. n. 12.

Cap. 4. v. 8. Veni de Libano,
veni, veni coronaberis. S.
10. n. 26.

V. 9. Vulnerasti cor meum
in uno oculorum, & in
uno cruce colli tui. S. 13 n.
10. S. 17 n. 10.

Cap. 5. v. 2. Ego dormio, &
cor meum vigilat. S. 7. n. 5.

V. 3. Spoliavi me tunica
mea, quomodo induar illa?
S. 13 n. 13.

V. 7. Invenerunt me custo-
des ... percusserunt me,
vulne-

vulneraverunt me, &
tulerunt pallium meum.
S. 12. n. 10.

V. 8. Dicite dilecto, quia amore langueo. S. 10. n. 25.

Cap. 6. v. 8. Una est columba mea, sponsa mea. S. 13. n. 5.

V. 9. Terribilis ut castrorum acies ordinata. S. 2. num. 22.

Ibidem. Pulchra ut Luna, electa ut Sol. S. 10. n. 13. S. 3. n. 3.

Cap. 8. v. 5. Quæ est ista, quæ ascendit per desertum delicti affluens? S. 10. n. 27.

Ibidem: Pone me ut signaculum super cortium... super brachium tuum. S. 17. n. 16.

Ex Lib. Sapientia.

Cap. 1. v. 4. Sapientia non habitabit in corpore subdito peccatis. S. 14. n. 23.

Cap. 2. v. 8. Coronemus nos rosis, antequam marcescant. S. 14. n. 13.

Cap. 4. v. 14. Consummatus in brevi explevit tempora multa. S. 6. n. 11.

Cap. 5. v. 23. Excandescet in illos aqua maris, &
Tom. V.

flumina concurrent duxiter. S. 16. n. 5.

Ex Lib. Ecclesiastes.

Cap. 7. v. 16. Lustravi universam animum meo, & inveni amariorem morte mulierem. S. 2. n. 8.

Ex Lib. Ecclesiastici.

Cap. 21. v. 29. In ore fatuorum cor illorum, & in corde sapientium os illorum. S. 2. n. 18.

Cap. 43. v. 26. In diebus ipsius retroredit Sal. S. 10. num. 25.

Ex Lib. Isaia.

Cap. 6. v. 1. Vidi Dominum sedentem super solium excelsum, & elevatum, &c. S. 7. n. 4.

V. 2. Duabus velabant faciem ejus. Ibidem.

V. 5. Væ mihi, quia tacui. S. 15. n. 14.

V. 8. Quem mittam, & quis tibi nobis? S. 16. n. 1.

Ecce ego, mitte me. Ibidem.

V. 6. Et in manu ejus calculus,

culus, & c. Ibidem.

Cap. 11. v. 1. Egre dietur
virga de radice Jesse, &
flos de radice ejus ascen-
det. S. 7. n. 15. S. 12. n. 6. S.
17. n. 10.

Cap. 14. v. 13. Sedebo in mō-
te testamenti, in lateribus
Aquilonis. S. 1. n. 4.

super astra Dei exaltabo
solum meum. Ibidem.

Cap. 21. v. 4. Babylon dile-
cta meaposta est mihi in
miraculum. S. 15. n. 6.

Pone mensam, & contempla-
re in specula comedentes.
Ibidem.

Cap. 23. v. 16. Summe tibi
citharam, circui civi-
tatem. S. 15. n. 7.

Cap. 34. v. 4. Complicabun-
tur sicut liber celi. S. 16.
num. 5.

Cap. 53. v. 1. Brachium Do-
mini cui revelatum est. S.
7. n. 10.

Cap. 58. v. 1. Quasi tuba
exalta vocem tuam. S. 15.
num. 7.

Cap. 60. v. 3. Ambulabunt
gentes in lumine tuo, &
Reges, & c. S. 14. n. 6.

Ex Lib. Jeremix.

Cap. 10. v. 6. Non est similis
tui Domine, magnus es
tu, & magnum nomen
tuum in fortitudine. S. 16.
num. 7.

Cap. 17. v. 18. Duplici con-
tritione contere eos. S. 16.
num. 5.

Ex Lib. Threnorum.

Cap. 3. v. 43. opposuisti nu-
bem, ne transeat Oratio.
S. 16. n. 3.

Ex Lib. Ezechielis.

Cap. 1. v. 20. Spiritus vitæ
erat in rotis. S. 10. n. 24.

Cap. 8. v. 2. Et ecce similitu-
do aspectus ignis a lumbis
ejus, & sursum, & c. S. 14.
num. 3.

V. 6. Videbis abominatio-
nes multas, quas Israel
facit hic, ut procul rece-
dam a sanctuario meo
S. 3. n. 19.

V. 11. similitudo reptilium,
& animalium, & uni-
versa idola domus Israel
depicta erat in pariete. I-
bidem. V.

V. 15. *Mulieres ſedentes, & plangentes Adonidem. Ibidem.*

V. 16. *Viginti quinque viri dorſa habentes contra templum Domini, &c. Ibidem, & S. 18. n. 3.*

Ex Lib. Danielis.

Cap. 2. v. 14. *Absciſus eſt lapis de monte ſine manibus. S. 12. n. 9.*

Cap. 4. v. 8. *Altitudo ejus nimia. S. 16. n. 12.*

V. 12. *Alligetur in vinculo ferreo, & aereo in herbis. S. 18. n. 15.*

Cap. 7. v. 15. *Ego Daniel Territus ſum in his. S. 16. n. 11. v. 10.*

V. 10. *Judiciū ſedit, & libri aperti ſunt. Ibidem.*

Cap. 8. v. 4. *Vidi arietem cornibus ventilantem contra Occidentem, & contra Aquilonem, & contra Meridiem. S. 16. n. 5.*

Ex Prophetia Oſeæ.

Cap. 9. v. 12, & 15. *Væ eis cum diſceſſero ab eis... de*

domo mea ejiciam eos, non addam ut diligam eos. S. 16. n. 5.

Ex Prophetia Joel.

Cap. 3. v. 2. *Deducam eas in vallem Joſaphat: & diſceptabo cumeis. S. 16 n. 15.*

Ex Prophetia Amos.

Cap. 3. v. 8. *Leo rugiet, quis non timebit? S. 16. num. 5.*

Cap. 5. v. 11. *Domos quadro lapide ædificabitis, & non habitabitis in eis. S. 12. n. 13.*

Cap. 8. v. 3. *Stridebunt cardines templi: in omni loco projicietur ſilentium. S. 3. num. 9.*

Ex Prophætia Jonæ.

Cap. 1. v. 3. *Ut fugeret in Tharſis a facie Domini. S. 16. n. 20.*

Ex D. Mattheo.

Cap. 1. *Liber generationis Ooij Feſte*

- Iesu Christi, &c. S. 7. n. 7.
 V. 10. Ecogitate. S. 7. n. 1.
 & per totam concionem.
 Cap. 2. v. 1. Ecce Magi ab
 Oriente uenerunt. S. 10.
 num. 20.
 V. 2. Vidimus stellam ejus
 in Oriente, & uenimus...
 adorare eum. S. 14. n. 1. &
 sequentibus.
 V. 3. Turbatus est Herodes,
 & omnis Ierosolima cum
 illo. S. 16. n. 16.
 V. 9. Staret supra ubi erat
 puer. S. 14. n. 15.
 Cap. 5. v. 6. Ego autem dico:
 Diligite inimicos uestros.
 S. 4. n. 10. S. 8. n. 1.
 & per totam concionem.
 V. 11. Cum maledixerint
 uobis, & persecuti nos fu-
 erint, & dixerint omne
 malum aduersus uos, &c.
 S. 3. n. 5.
 V. 23. Si offers munus tu-
 um ante altare, & ibi re-
 cordatus fueris, quia fra-
 ter tuus, &c. S. 5. n. 3.
 Cap. 6. v. 2. Thesaurizate
 uobis thesauros in Celo.
 S. 17. n. 10.
 V. 21. Ubi est thesaurus tu-
 us, ibi, & cortuum erit. S.
 17. n. 10.
 Cap. 8. v. 24. Ipse uero dor-
 miebat. S. 7. n. 7.
 V. 26. Quid timidi estis mo-
 dica fidei? Ibidem.
 Cap. 11. v. 22. Cum audisset
 in uinculis. S. 18. n. 1. &
 ulterius.
 V. 22. Regnum celorum
 uim patitur. S. 17. n. 14.
 Cap. 14. Fube me uenire ad
 te super aquas. S. 14. n. 22.
 Ibidem. Ventum validum
 timuit. Ibidem. S. 10. n. 7.
 Cap. 13. v. 45. Simile est reg-
 num celorum thesauro
 abscondito in agro, &c. S.
 17. n. 1. & sequentibus.
 Cap. 17. v. 2. Resplenduit
 facies ejus sicut Sol, uasti-
 menta autem ejus facta
 sunt alba sicut nix. S. 17.
 num. 4.
 V. 4. Tibi unum, Moysi u-
 num, & Eliae unum. S. 11.
 num. 7.
 V. 5. Et ecce uox de nube.
 Hic est filius meus dilectus
 S. 17. n. 9.
 V. 6. Ceciderunt in faciem
 suam. S. 11. n. 7.
 Cap. 18. v. 34. Iratus Do-
 minus tradidit eum torto-
 ribus. S. 16. n. 18.
 Cap. 19. v. 5. Relinquet ho-
 mo

- mo patrem, & matrem,
& adhærebit uxori suæ.
S. 10. n. 4.
- V. 16. Quid faciam, ut ha-
beam vitam æternam? S.
17. n. 12.
- V. 17. Scrva mandata. I-
bidem.
- V. 20. Omnia hæc custodi-
vi ajuventute mea. Ibidem.
- V. 22. Abiit tristis. Ibidem.
- V. 28. Sedebitis & vos su-
per sedes duodecim, &c. S.
16. n. 10.
- Cap. 20. Nescitis quid pe-
tatis. S. 11 n. 1. & per to-
tam concionem.
- Cap. 21. v. 2. Soluite, & ad-
ducite. S. 18. n. 14.
- Ibidem. Invenietis asnam
alligatam. Ibidem.
- V. 41. Cum ergo venerit
Dominus vineæ quid fa-
ciet agricolis illis?
Aiunt illi: Malos male per-
det S. 16. n. 6.
- Cap. 21. v. 13. Non habēs
vestem nuptialem, &c. S.
15. n. 16.
- Ibi erit fletus, & stridor dē-
tium Ibidem
- Cap. 24. v. 15. Tunc erit cō-
summatio, cum videritis
abominationem desolatio-
Tom. V.
- nis.. stantem in loco san-
cto. S. 18. n. 2.
- V. 29. Sol obscurabitur, &
Luna non dabit lumen
suum, & stellæ cadent de
Cælo. S. 18 n. 1.
- Cap. 25. v. 1. Simile est Reg-
num cælorum decem vir-
ginibus, &c. S. 13. n. 1. &
sequentibus.
- V. 5. Quinque autem ex eis
erant fatuæ. S. 16. n. 12.
- V. 10. Et quæ paratæ erāt
intraverunt cum eo ad
nuptias. S. 9. n. 1 & sequen-
tibus.
- V. 33. Sstatuet oves quidē
a dextris suis, hædos aut-
tem a sinistris. S. 16. n. 9.
- Cap. 26. v. 46. Surgite, ea-
mus: ecce a propinquavit,
qui me tradet. n. 3.
- V. 15. Constituerunt ei tri-
ginta argenteos. S. 1 n. 16.
- Cap. 27. v. 4. Peccavi tra-
dens sanguinem justi. S.
16. n. 26.
- V. 5. Laqueo se suspendit.
Ibidem.
- V. 6. Non licet eos mittere
in carbonam, quia preti-
um sanguinis est. S. 12. n.
14.
- V. 7. Emerunt ex illis a-
Oo iij grana

- grum figuli S. 12. n. 14.
 V. 46. Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? S. 16. n. 16. & n. 24.
 V. 51. Terra mota est, petrae scissae sunt, velut templi scissum est S. 15. n. 4. & num. 13.
 Ibidem. Monumenta aperta sunt n. 13.
 V. 52. Multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt S. 15. n. 17.
 V. 58. Fuit reddi Corpus Jesu. S. 7. n. 13.
 Cap. 28. v. 13. Aspectus autem ejus sicut fulgur. S. 13. n. 13.
 V. 12. Pecuniam copiosam dederunt militibus. S. 1. num. 16.
 V. 13. Dicite, quia Discipuli ejus venerunt, & furati sunt eum. Ibidem.
 Cap. 29. v. 29. Stellae cadent de Caelo. S. 13. n. 19.
 Ex D. Marco.

- Cap. 5. v. 3. Domicilium habebat in monumentis. S. 18. n. 8.
 Ibidem. Neque Catenis jam quisquam poterat eum ligare. S. 18. n. 8.

- Cap. 6. v. 25. Volo ut proximis des mihi in disco caput Joannis Baptistae. S. 1. n. 8.
 V. 18. Non licet tibi, &c. S. 18. n. 17.
 Libenter eum audiebat. S. 18. n. 18.
 Cap. 7. v. 14. Suspiciens in Caelum ingemuit. S. 18. num. 17.
 V. 15. Apertae sunt aures ejus, & solutum est vinculum linguae ejus. Ibidem.
 Ibidem. Loquebatur recte. Ibidem.
 Cap. 11. v. 13. Non erat tempus ficorum. S. 14. n. 13.
 Cap. 13. v. 14. Stantem ubi non debet. S. 18. n. 2.
 Cap. 16. v. 2. Orto jam Sole. S. 13. n. 8.
 V. 6. Jesum quaeritis Nazarenum, crucifixum: surrexit, non est hic S. 11. num. 4.

Ex D. Luca.

- Cap. 1. v. 27. Missus est Angelus Gabriel, &c. S. 7. n. 17.
 V. 35. Spiritus Sanctus super-

- perueniet in te. *Ibidem.*
- V. 66. Etenim manus Domini erat cum illo. S. 10. n. 17.
- Cap. 2. v. 10. Evangelizo vobis gaudium magnum. S. 14. n.
- Ibidem.* Claritas Dei circumfulsit illos. *Ibidem.*
- V. 21. Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer, &c. S. 6. n. 1. & sequentibus.
- V. 22. Baptismo habeo baptizari, quomodo coarctor, &c. n. 5.
- V. 53. Remansit Puer Jesus in Ierusalem, &c. S. 10. n. 5.
- V. 46. Inuenerunt eum in medio Doctorum *Ibidem.*
- V. 47. Stupebant super prudentia, & responsis ejus. S. 10. n. 13.
- V. 48. Ecce pater tuus, & ego dolentes quarebamus te. *Ibidem.*
- V. 51. Erat subditus illis. S. 7. n. 15.
- Cap. 3. Et venit in omnem Iordanem predicans baptismum penitentiae. S. 16. num. 25.
- Cap. 7. v. 37. Ut cognovit quod accubisset. S. 14. n.
- II. S. 15. n. 8.
- V. 38. Stans retro secus pedes Domini. *Ibidem.*, & S. 13. n. 7.
- V. 45. Non cessavit osculare pedes meo. Lacrymis rigavi pedes meos, & capillis suis terxit. S. 13. n. 9. S. 15. n. 8.
- V. 47. Dilexit multum. S. 7. n. 2. S. 13. n. 7. S. 15. n. 8.
- Cap. 9. v. 30. Erant autem Moyses, & Elias visi in maiestate. S. 11. n. 7.
- V. 31. Dicebant excessum ejus S. 17. n. 4.
- Ibidem.* Nubes lucida obumbravit eos. *Ibidem.*
- Cap. 11. In digito Dei ejicio demonia. S. 9. n. 12.
- V. 31. Ecce plusquam Salomon hic. S. 7. n. 11.
- Cap. 12. v. 37. Beati sunt serui illi, quos cum venerit Dominus, inuenerit vigilantes. S. 7. n. 6.
- V. 33. Vendite quae possidetis... facite thesaurum non deficientem in calis. S. 17. num. 11.
- Cap. 13. v. 11. Quae habebat spiritum infirmitatis anis decem, & octo. S. 18. num. 12.

Hanc autem filiam Abraham, quam alligavit Sathanas. Ibidem.

Cap. 15. v. 4. Vadit ad illam, quæ perierat. S. 18. n. 14.

V. 5. Imponit in humeros suos gaudens. Ibidem, & S. 14. n. 21.

V. 11. Dixit adolescentior ex illis Pater, da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit. S. n. 10.

V. 13. Dissipavit substantiam suam. S. 13. n. 4.

V. 15. Adhæsit uni civium. S. 18. n. 15.

V. 18. Quanti mercenarij in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereor. S. 12. n. 17. S. 18. n. 15.

Ibidem. Surgam, & ibo ad patrem meum. Ibid. & n. 9.

Ibidem. Cecidit ad collum ejus. S. 18. n. 9. & S. 5. n. 16.

V. 20. Cum adhuc longe, esset, vidit illum pater ipse, &c. S. 5. n. 16.

Cap. 16. v. 14. Pater Abraham mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, &c. S. 2. n. 15.

Cap. 19. v. 10. Salvum facere quod perierat. S. 18. n. 14.

V. 22. Factum est autem ut moreretur mendicus, & portaretur ab Angelis. S. 10. n. 26.

Cap. 21. v. 15. Erunt signa in Sole. S. 10. & S. 16. n. 1. & ulterius.

V. 25. Stellæ cadent. Ibidem.

Cap. 22. v. 5. Pacti sunt pecuniam illi dare. S. 1. n. 16.

Ibidem. Factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrētis in terram. n. 21

V. 36. Et qui non habet, vendat tunicam, & emat gladium. S. 4. n. 20.

V. 48. Revertentur percutientes pectora sua. S. 15. num. 15.

V. 61. Conversus Dominus respexit Petrum. S. 7. n. 3.

V. 62. Flevit amarè. S. 15. n. 8.

Cap. 23. v. 12. Facti sunt amici Herodes, & Pilatus in illa die, nam antea erant inimici. S. 5. n. 7.

V. 34. Pater dimitte illis, &c. S. 8. n. 12. & n. 17.

V. 41. Et nos quidem justè, nã digna factis recipimus. S. 26. n. 27.

Ex D Joanne.

Cap. 1. v. 7. Ut omnes crederent per illum. S. 10. n. 17.

- V. 23. *Vox clamantis in deſerto.* S. 18. n. 17.
- Cap. 2. v. 24. *Nondum venit hora mea.* S. 3 n. 13.
- Cap. 4. v. 5. *Juxta prædium, quod dedit Jacob filio ſuo.* S. 7. n. 14. (Ibidem.)
- V. 6. *Sedebat ſic ſupra fontē.*
- Cap. 5. v. 22. *Pater omne judicium dedit filio.* S. 16. num. 15.
- V. 29. *Procedent qui malè fecerunt in reſurrectione judicij.* S. 16 n. 11.
- V. 35. *Erat lucerna ardens, & lucens.* S. 10. n. 20.
- Cap. 6. v. 15. *Fugit in montem, & c.* S. 2 n. 20.
- V. 57. *Qui manducat meam carnem, & c.* S. 5. n. 8.
- Cap. 10. v. 38. *Operibus credite.* S. 12 n. 1. & per totam concionem.
- Cap. 11. v. 2. *Maria autem erat, quæ unxit Dominū unguento.* S. 17. n. 13.
- V. 43. *Lazare veni foras: ſtatim prodiit.* S. 18 n. 10.
- V. 44. *Statim prodiit, qui fuerat mortuus, ligatus pedes, & manus inſtitis.* S. 18. n. 6.
- V. 47. *Quid facimus, quia hic homo multa ſigna facit?* S. 18. n. 5.
- Cap. 12. v. 3. *Maria ergo accepit libram unguenti nardi piſtici, pretioſi.* S. 17. n. 13.
- V. 6. *Fur erat.* S. 12. n. 15.
- V. 31. *Nunc judicium eſt Mundi: nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.* S. 16. n. 13.
- V. 3. *Omnia dedit ei Pater.* S. 7. n. 16.
- C. 13. v. 24. *Innuit ergo huic Simon Petrus, & dixit ei: Quis eſt? Ille eſt, cui ego intinctum panem porrexero.* S. 14. n. 9.
- V. 27. *Post bucellā introivit in eū Sathanas.* S. 2. n. 11.
- V. 30. *Exiit continuo.* S. 13. num. 16.
- Cap. 14. v. 8. *Oſtende nobis Patrem, & ſufficit nobis.* S. 17. n. 8.
- V. 23. *Siquis diligit.* S. 9. n. 1. & in ſine concionis. v. 21. S. 9 n. 14.
- V. 9. *Philippe, qui videt me, videt & Patrem meum.* S. 17. n. 8.
- Cap. 16. v. 13. *Cum venerit Paraclitus ... ille me claſficabit.* S. 14. n. 6.
- Cap. 17. v. 1. *Pater claſſifica filium tuum.* S. 14. n. 6.
- Cap.

- Cap. 17. v. 1. *Pater clarifica filium tuum. S. 14. n. 6.*
- Cap. 18. v. 36. *Tu es Rex Judæorum? Regnum meum non est de hoc Mundo. S. 11. n. 4.*
- V. 23. *Si male loquutus sum, testimonium perhibe de malo, si autem bene, cur me cædis? S. 2. n. 12. S. 16. num. 22.*
- Sic respondes Pontifici? Ibidem.*
- Cap. 19. v. 11. *Qui me tradidit tibi, maius peccatum habet. S. 3. n. 17.*
- V. 19. *Jesus Nazarenus Rex. S. 2. n. 20. & S. 14. num. 6.*
- V. 34. *Unus militum lancea latus ejus aperuit. S. 5. n. 12.*
- V. 30. *Consummatum est. S. 6. n. 3.*
- V. 24. *Inclinato capite tradidit spiritum. S. 14. n. 7.*
- Cap. 20. v. 1. *Cum adhuc tenebræ essent. S. 13. n. 8.*
- V. 15. *Dicito mihi, & ego eum tollam. S. 13. n. 14.*
- V. 20. *Ostendit ei manus, & pedes. S. 2. n. 3.*
- V. 27. *Infer digitum tuum buc, &c. Ibidem.*
- Cap. 21. v. 16. *Simon Joannis, diligis me? S. 7. n. 3.*
- V. 18. *Cum esses junior cingebas te, & ambulabas quod volebas. S. 18. n. 6.*
- V. 7. *Simon Petrus ... misit se in mare. S. 10. n. 7.*
- Ex Lib. Actuum Apostol.
- Cap. 2. v. 2. *Factus est repente de cælo sonus tamquam advenientis spiritus vehementis. S. 14. n. 11.*
- V. 3. *Apparuerunt illis dispersitæ linguæ tamquam ignis. S. 16. n. 14.*
- Cap. 4. v. 35. *Vendentes afferebant pretia eorum quæ vendebant, & ponebant ante pedes discipulorum. S. 12. n. 8.*
- Cap. 9. v. 3. *Circumfulsit eum lux de cælo. S. 10. n. 22. S. 14. n. 7.*
- V. 7. *Erat tribus diebus non videns, & non manducabat, &c.*
- V. 11. *Ibi v. 15. n. 9.*
- Cap. 12. v. 7. *Ceciderunt catenæ de manibus ejus. S. 18. n. 10. n. 18.*
- Exeuntes processerunt vicum unum. Ibidem.*

Sagrada Escriptura.

Existimabat se visum videre. Ibidem.

pleat vos omni gaudio. S. 5. n. 21.

Nunc scio verè, quia misit Dominus Angelum suum, & eripuit me, &c S. 18. n. 18.

Epist. 1. ad Corinth.

Cap. 20. v. 22. Et ecce alligatus ego spiritu, vado in Jerusalem. S. 10. n. 10.

Cap. 4. v. 12. Maledicimur, & benedicimus. S. 8. n. 9.

Ibidem. Blasphemamur, & obsecramus. n. 16.

V. 23. & 24. Quæ in ea vètura sunt mihi ignorans, &c. Ibidem.

Cap. 10. v. 16. Calix benedictionis, cui benedicimus, &c. S. 15. n. 17.

Cap. 22. v. 6. Audivi vocem dicentem mihi. Saule, Saule, quid me persequeris? S. 14. n. 7.

Cap. 11. v. 29. Judicium sibi manducat, & bibit. S. 16. n. 11.

V. 9. Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt. S. 14. n. 7.

Cap. 15. v. 51. Omnes quidem resurgemus, sed non omnes immutabimur. S. 15. n. 19.

Ex Epist. D. Pauli

Ex Epist. ad Ephesios.

Ad Romanos.

Cap. 4. v. 25. Sol non occidat super iracundiam vestram. S. 4. n. 8.

Cap. 2. v. 5. Secundum duritiam tuam, & impœnitens cor thesaurizas tibi iram in die iræ. S. 16. n. 7.

Ex Epist. ad Colossens.

Cap. 15. v. 12. Erit radix fesse, & qui exurget regerogentes, in eum gentes sperabunt. S. 5. n. 20.

Cap. 1. v. 11. Secundum potentiam claritatis ejus. S. 14. n. 5.

Ex Epist. ad Titum.

V. 13. Deus autem spei re-

Cap. 1. v. 16. Qui ore quidem

dem confitentur se nosse
Deum, factis autem ne-
gant. S. 12. n. 4.

Ex Epist. ad Hebr.

Cap. i. v. 3. Cum sit splen-
dor Gloriæ, & figura
substantiæ ejus. S. 17. n. 8.
V. 14. Omnes sunt ad mi-
nistratorijs spiritus. S. 13.
n. 14.

Cap. 10. v. 31. Horrendum
est incidere in manus Dei
viventis. S. 16. n. 27.

Cap. 11. v. 21. Fide Jacob
moriens, singulos filiorum
Joseph benedixit, & ado-
ravit fastigium virgæ
ejus. S. 7. n. 15.

V. 24. Fide Moyses grandis
factus negavit se esse fili-
um Pharaonis. S. 2. n. 5.

Ex Epist. i. B. Petri.

Cap. i. v. 12. In quem desi-
derant Ange'i prospicere.
S. 7. n. 2.

Ex Ep. i. S. Joan.

Cap. 2. Advocatum habe-
mus apud Patrem. S. 16.
n. 1.

Cap. 3. v. 8. In hoc venit
filius Dei, ut dissolvat o-
pera Diaboli. S. 18. n. 14.

Ex Epist. B. Judæ.

Cap. i. v. 9. Cum Michael
Archangelus disputans
altercaretur cum Diabo-
lo de Moyse corpore. S. 10.
num. 16.

Ex Epist. B. Jacobi.

Cap. i. v. 17. Apud quem nõ
est transmutatio, nec vi-
cissitudinis obumbratio.
S. 5. n. 19.

Ex L. Apocal. B. Joannis.

Cap. i. v. 16. De ore ejus
gladius utraque parte a-
cutus exibat. S. 10. n. 14.

Cap. 2. v. 8. Neque locus in-
vêtus est eorñ amplius in
cælo. S. 18. n. 2.

Cap. 4. v. 10. Mittebant co-
ronas suas, & palmæ in
mambus eorum. S. 10. n.
26. S. 13. n. 10. S. 17. n. 15.

Cap. 5. v. 12. Et ecce vicit
Leo de tribu Juda radix
David aperire librum.

S. 10.

- S. 10. n. 19.
 Ibidem. *Agnum stantem tamquam occisum. Ibidē, & S. 11. n. 12.*
- Cap. 6. v. 12. *Sol factus est niger tamquam saccus cilicinus. S. 13. n. 11.*
- Cap. 9. v. 5. *Cruciatus eorū, ut cruciatus scorpionis, cum percutit hominē. S. 16. n. 5.*
- Cap. 12. v. 1. *Signum magnum apparuit in Cælo, &c. S. 10. n. 18. S. 13. n. 12.*
- V. 4. *Et Draco stetit ante mulierem. S. 10. n. 18.*
- Et cauda ejus trahebat, &c. S. 13. num. 20.*
- V. 6. *Mulier fugit in solitudinem. S. 17. n. 7. S. 13. num. 12.*
- V. 5. *Peperit filium, &c. Ibidem.*
- Cap. 14. v. 7. *Timete Dominum, & date illi honorē, quia venit hora judicij ejus. S. 16. n. 4.*
- V. 4. *Virgines enim sunt Hi sequuntur Agnum quocūque ierit. S. 10. n. 19.*
- Cap. 15. v. 4. *Quis non timebit te Domine, ... quia solus pius es? S. 16. n. 17.*
- Ibidem. *Quoniam judicia tua manifesta sunt. Ibidē.*
- Cap. 17. v. 4. *Et mulier erat circumdata purpurā, & coccino, & inaurata auro, &c. S. 11. n. 14.*
- Cap. 19. v. 12. *Et in capite ejus diademata multa. S. 17. n. 15. S. 18. n. 18.*

F I M:

